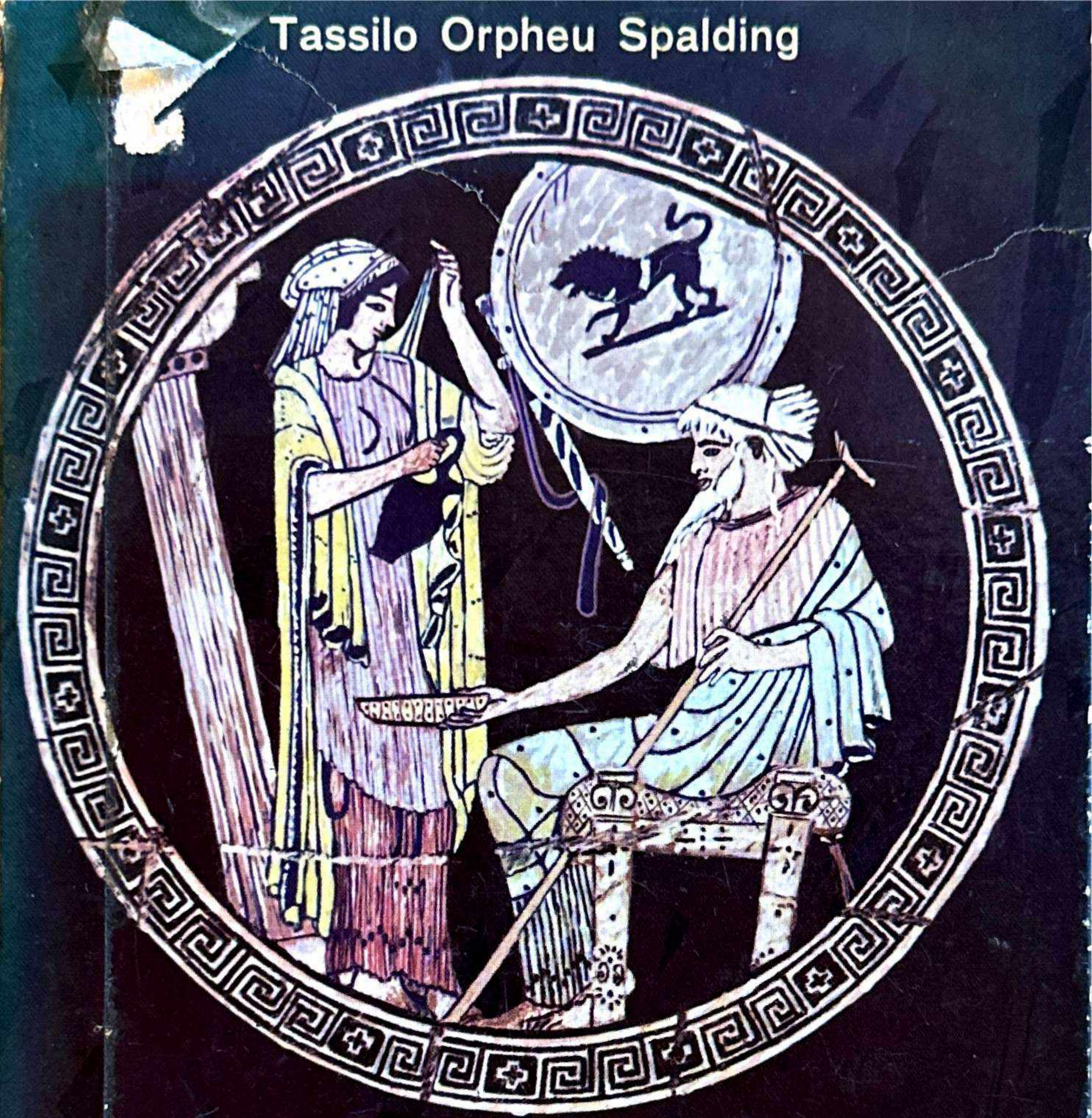
Tassilo Orpheu Spalding



DICIONÁRIO DE MITOLOGIA

GRECO-LATINA

1.
INTRODUÇÃO

Ninguém ignora, por evidente, que a Mitologia é um maravilhoso tecido de quimeras e fantasias, verossímeis algumas, absurdas, ilógicas ou abstrusas outras.

Todavia, seria realmente grande temeridade negar ou deixar de reconhecer o alto valor da Mitologia, de modo especialíssimo da greco-romana.

Já omito, òbviamente, a necessidade do seu conhecimento para a completa inteligência dos poetas e autores antigos; deixo, igualmente, de lado, o seu carácter altamente cultural: ninguém, jamais, merecerá, com justiça, o epíteto de culto ou erudito, se não mostrar satisfatórios conhecimentos da Mitologia clássica greco-latina. O conhecimento dessa Mitologia é inseparável de tôda cultura ocidental. Quero, aqui, de modo especial, salientar o seu aspecto artístico: ainda hoje, como há vinte séculos, a Mitologia é o eterno modêlo dos artistas e a fonte perene do Belo.

A Mitologia greco-latina é um acervo de lendas. No decorrer dos tempos formaram-se os mitos. Sua beleza é como a dessas árvores veneráveis pela idade, que oferecem frutos, sombra e flôres a geração após geração. Na Mitologia vemos o penoso caminhar da Humanidade. Emerge o Homem das cavernas, com os olhos abertos de espanto; agrupa-se; forma tribos; associa-se; cria cidades. Ei-lo, agora no apogeu da velha civilização egéia; são, depois, os vários estágios da civilização dória; a jônia, herdeira da tradição oriental, deixara após si uma larga esteira artística, desde a cerâmica que fornecera os modelos ao Dipílon de Atenas, até os templos, simples adaptações do mégaron. Creta e Micenas, a partir de 2400 a 1200 antes de Cristo, foram os sublimes artífices que por primeiro fizeram o Homem entrar em contacto íntimo e direto com o Belo. Mais alguns séculos, e a Grécia atinge o clímax da sua arte. É o período máximo da Mitologia. Depois, vem o declínio. E surge a Lôba pragmatista, rude, sem outra ambição que a de reinar e dominar. Mas a Hélade, vencida, ensinou aos rústicos pastôres do Lácio a Arte, o Belo, o culto da Beleza. Surge a Mitologia romana, também antropomórfica, que nunca será independente ou original. Mero arremêdo da grega, apresenta, contudo, uma característica particular: não tem o entusiasmo naturalista dos hindus, nem a fé ardente dos hebreus, nem a admiração entusiasta dos helenos, mas o interêsse puro e simples, o interêsse na sua expressão mais completa e total. O homem cultiva a religião, logo, o deus deve protegê-lo, favorecê-lo e torná-lo feliz. Essa particularidade notável da religião romana sobressai, de modo visível, na sua Mitologia. É uma Mitologia medida, pesada, argutamente calculada, onde se percebe o cuidado do homem em não conceder mais ao deus do que a êle realmente deve

por obrigação. A Mitologia romana não vem impregnada nem de misticismo nem de humilde adoração ou piedade afetiva. É, apenas, um apanhado geral das qualidades ou fatos que demonstram a fidelidade dos homens e dos deuses, ou, por outro lado, as infidelidades e maldades dos homens e dos deuses.

Boissier distingue 4 períodos no desenvolvimento da religião romana, e êsses períodos são igualmente percebidos no desenvolvimento mitológico latino:

1.º) a religião puramente indígena, sob os primeiros reis;

2.º) a introdução dos deuses gregos sob o reinado dos Tarqüínios;

3.º) a introdução dos cultos estrangeiros, de modo particular os orientais, sob a República; e

4.º) as reformas, ineficazes, sob o Império.

A especialização romana é ainda mais completa que a dos gregos: cada deus tem a sua atribuição especial. A divindade que preside ao primeiro grito da criança, não é a mesma que a faz balbuciar as primeiras palavras; a deusa que protege o seu caminhar, não é a mesma que a acompanha quando ela sai de casa; assim, a deusa que assiste a mulher grávida, cede seu lugar a outra no momento do parto. Cada coisa tem seu deus, cada deus a sua função.

As cerimônias litúrgicas, como na Grécia, são importantíssimas, mas os sacerdotes que as desempenham não têm valor algum. Os ritos são essenciais, assim como as fórmulas em jurisprudência: se o litigante engana-se numa palavra, perde o processo, ainda que tenha razão e que a justiça esteja do seu lado. Assim também no desempenho do culto. Se o fiel dirige-se a outro deus, ou comete um êrro na escolha da vítima, na pronúncia da fórmula ou nos gestos litúrgicos, não será escutado, ainda que seja o cidadão mais piedoso e mais virtuoso de tôda a península itálica. É, como se vê, uma religião material e formalista.

Os Romanos tiveram grande orgulho da sua religião, que consideravam mais moral que a dos gregos. De feito, a Mitologia embrionária romana, que nunca chegou a completo desenvolvimento, não tem quase nada de imoral; não oferece exemplos de paixão, não apresenta, tampouco, as lendas voluptuosas da Grécia. Por êsse motivo, não é poética como a grega, mas sêca, estreita e utilitária.

2.
QUE É MITOLOGIA?

A palavra *Mitologia*, de *Mitos*, fábula, e *Logos*, tratado, designa não só o conjunto de mitos imaginados por um povo, mas também o seu estudo.

A *Mitologia* é o conjunto, sistemático ou não, de lendas, invenções e histórias que procuram explicar certos fatos com o auxílio de sêres sobrenaturais, divindades, benéficas ou malfazejas, ou, a história fabulosa dos deuses, semideuses e heróis da antigüidade, com a respectiva explicação dos mitos.

A Mitologia distingue-se da Religião. Religião é um corpo de doutrinas, pelo menos em esbôço, ou um ciclo de crenças adotadas por determinado povo em determinado período; é um conjunto de regras, de condutas, em relação a um Poder extra-terreno e sôbre-humano, com um sistema, primitivo ou não, de práticas autorizadas ou impostas e destinado a estabelecer, promover e regular

as relações do Homem com o Poder concebido como transcendente. Ou, mais brevemente, a religião é a conversação do Homem, individual e social, com Deus.

A Mitologia não vai tão longe. Não oferece regras nem dogmas. Expõe fatos que em geral agradam ao espírito humano. Explica atitudes e relações, tendo em vista mais o lado prático que o valor religioso. Não raro o fato mitológico tem por escopo único lisongear os sentidos ou encantar os corações.

É êrro julgar que tôda religião esteja vinculada a um sistema mitológico. As religiões politeístas e antropomórficas propiciam matéria mais abundante à criação mítica; é, por isso, que a Mitologia dos povos politeístas e antropomórficos se apresenta tão rica e tão unida à religião oficial. Mas não é menos verdade que as religiões mais primitivas possuem, igualmente, seus acervos mitológicos. Outras religiões há, por demais espiritualistas, como o budismo, por exemplo, que, não obstante, apresenta tradições e lendas de caráter nìtidamente mitológico.

3.

ORIGEM DOS MITOS

Os autores apresentam a respeito várias hipóteses:

1) alterações das verdades reveladas no Velho Testamento;

2) alegorias ou enigmas inventados para divulgar ou propagar dogmas religiosos;

3) explicações populares e ingênuas de todos os fatos naturais, cuja interpretação escapava ao espírito do homem primitivo;

4) simbolismo, cuja única finalidade consistia em ocultar dogmas ou idéias filosóficas;

5) acontecimentos históricos transformados, com o tempo, em lendas;

6) travessuras semânticas: antigos epítetos, que significavam as fôrças da natureza, se transformaram em nomes próprios e verdadeiras personificações;

7) interpretações de invocações, fórmulas e preces rituais;

8) concepções normais e rotineiras do homem primitivo, que achava natural o que agora nos parece maravilhoso;

9) estado psicológico do homem primitivo em face do mundo: atitude de mêdo, temor e reverência;

10) totemismo: os *totens*, com o perpassar das eras, transformaram-se em deuses.

Essas diversas teorias, e outras mais que por pouco importantes creio não ser necessário expor, cada uma delas insuficiente como explicação global, possui, todavia, certa veracidade. Tôdas elas têm um quê de verdadeiro. Mas a origem primeira dos mitos permanece uma incógnita. Estaremos certos, provàvelmente, se afirmarmos que a Mitologia nasceu da ânsia que sente o homem — *animal rationale* — em procurar desvendar e conhecer seu Criador. Como tal não fôsse possível, imaginou-o de acôrdo com as suas próprias aptidões e idealizou-o conforme seus gostos e desejos. O Homem criou os deuses a sua imagem e semelhança.

O antropomorfismo grego não estabelece grande diferença entre o Homem e o deus. Perlustrando-se os antigos autores, chega-se à conclusão de que a

diferença essencial entre *Imortal* e *Mortal* consistia, apenas, numa maior ou menor soma de qualidades comuns a ambos. Tem perfeita cabida aqui a expressão atrevida de Heráclito: "Os deuses são homens imortais, e os homens, deuses mortais."

4.
SIGNIFICAÇÃO DOS MITOS

A Humanidade, não raro, deixa-se guiar não pela inteligência mas pelo desejo.

As doutrinas filosóficas não podem satisfazer o coração humano; tampouco a ciência é capaz de explicar as mil maravilhas que circundam o homem.

A religião cristã resolve, sem dúvida, e integralmente, os grandes problemas da Humanidade. Mas ao homem primitivo, sem o adminículo da Revelação, inteiramente perdido no meio do caos do "donde venho, para onde vou", tudo eram enigmas, tudo eram trevas.

A *realidade* pedia solução.

O homem, então como hoje, queria saber os porquês das coisas.

Que é a vida? A morte? Que são os animais? Os astros? As plantas? Que é o fogo? A água, as nuvens, o vento, as tempestades?... Mistérios, tudo mistério!

O que a inteligência não compreendia, o coração procurou explicar à luz dos símbolos ou das analogias.

Criaram-se, assim, na antigüidade, os deuses e seus respectivos atributos; divinizaram-se as fôrças da natureza, que enchiam de terror os primitivos; tudo aquilo que ultrapassava a concepção humana, tornou-se *divino*. O deus não é só poderoso e justo, mas também extraordinário e monstruoso, pois foi criado pelo modêlo humano, exatamente o contrário do que se lê no Gênesis.

Divinizaram as fôrças da natureza, a sucessão do dia e da noite, os fenômenos meteorológicos, os ciclos das germinações, o fogo, a água, a morte e a vida.

Será, mesmo, que os mitos exprimem tudo isso?

Assim parece. Tudo aquilo que a razão primitiva não podia explicar, tornava-se, para logo, matéria mítica. É por isso que Bossuet, referindo-se aos egípcios, afirmou que para êles tudo era deus, exceto o verdadeiro Deus.

Qual será, então, a verdadeira significação dos mitos?

Aqui, como no caso da origem dos mitos, será prudente adotar um cauteloso ecletismo. Há concordância em admitir-se que êles exprimem os fenômenos da natureza, mas divergências fundamentais na questão de saber quais sejam, precisamente, êsses fenômenos, se os meteorológicos, os da germinação, do fogo ou da vida...

É preferível, pois, aceitar os elementos das várias explicações, mas não aceitar nenhuma delas como a única verdadeira.

5.
A RELIGIÃO GREGA

Entre os Gregos, sem dúvida, como entre os sumérios, o culto das pedras foi dos mais antigos. Os sábios, porém, ainda hesitam em afirmar com segurança

que tal culto realmente existiu com caráter oficial. Os bétilos de Creta, a coluna da Porta dos Leões, as pedras de Micenas e Hissarlik, talvez não se devam interpretar como representações anicônicas da divindade, mas simples esquematismo arquitetural. Por outro lado não padece dúvida que os meteorólitos eram objetos de culto. Em Téspias venerava-se uma pedra, emblema do culto de Eros; no templo de Héracles, em Hieta, outra; três no templo das Cárites, em Orcômenos; trinta em Feras.

Entre os Gregos as árvores mereceram sempre um culto especial. O carvalho era consagrado a Zeus, a oliveira a Atena, o loureiro a Apolo, etc. Na Cária, Ártemis habitava uma nogueira; na Beócia, uma murta, e em Orcômenos, um cedro. Justamente célebre é a floresta de Dodona. As Hamadríades viviam nos carvalhos, as Mélias nos freixos. Consoante o sentir popular, essas divindades viviam e morriam com as árvores.

Os Gregos também tiveram animais sagrados: a serpente (Deméter, Asclépios, Febo, etc.), a águia, consagrada a Zeus, a pomba, dedicada a Afrodite, a coruja, a Atena. Comumente formas humanas misturavam-se a formas animais, e surgiam, então, os sêres monstruosos como o minotauro, os centauros, a deusa-leoa, a deusa-águia, etc.

Como o culto das pedras e das árvores, o culto dos animais seria apenas uma forma de crença nas fôrças sobrenaturais, alojadas em objetos materiais.

O culto dos mortos é característico da religião grega. Aos que morriam, faziam-se, sempre, sacrifícios, quer propiciatórios, quer votivos.

Os deuses do antropomorfismo grego, desde o início, eram magníficos, imortais, mas com tôdas as qualidades e fraquezas do homem. Eram adorados em grutas, ou ao ar livre. Mais tarde passaram a ser adorados em pequenos oratórios, no recinto das casas. Sòmente por volta do século VII, VI, antes de Cristo, surgiram os primeiros templos.

Anteriormente a Homero, já os Gregos distinguiam os deuses do Olimpo dos deuses ctônios. Os últimos parece terem sido honrados especialmente pelos beócios e dórios. Em Homero, os deuses olímpicos afirmam nìtidamente sua hegemonia, e os deuses ctônios passam a segundo plano.

Os deuses gregos do tempo de Homero são homens idealizados. Mais poderosos que os heróis, podem tornar-se invisíveis à vontade; habitam no Céu esplêndidas moradas, sentem fome e sêde, e, ao abrigo da morte, permanecem sujeitos à dor e ao sofrimento. Têm paixões, amôres, patriotismo local e imiscuem-se com ardor nas lutas humanas. O Olimpo de Homero apresenta uma monarquia quase perfeita: Zeus, o deus supremo, Hera, Atena, Ares, Febo Apolo, Hermes, Hefestos, Afrodite, Poseidon... Homero menciona incidentemente Deméter e Dioniso. Outro poder misterioso, a Moira, pairava acima dos poderes de Zeus. Ela fixava o destino dos sêres, de modo precípuo a hora e o gênero de morte. Ainda em Homero, esplende, com tôda a pujança, a crença na vida futura. Os Gregos dos tempos homéricos imaginavam a alma como princípio material, ar sutil, prêso ao corpo até o momento da morte. Morto o corpo, evola-se a alma, conservando a forma e a imagem do defunto, imagem pálida, exangue, imperceptível aos sentidos dos vivos. Êste fantasma vai para o Hades. Para poder lá penetrar é mister que o corpo tenha sido enterrado. Que faziam as almas no

Érebo? Ouça-se a queixa de Aquiles a Ulisses (*Odisséia, XI,* 489): "Preferiria ser, na terra, lavrador ou servo, a ser rei de todos os mortos." Fôsse qual fôsse o gênero de vida levado aqui na terra, a alma, no Hades, não tinha nem castigo nem recompensas pessoais. Só conhecemos o nome de poucos criminosos sujeitos a suplícios extraordinários: Títio, Tântalo, Sísifo...

Zeus é o deus por excelência do helenismo. Hera, irmã e espôsa de Zeus, era a divindade protetora do matrimônio. Atena, filha favorita de Zeus, saiu inteiramente armada da cabeça do pai dos deuses e dos homens. Apolo e Ártemis são filhas de Latona. Ártemis foi identifada com Hécate e Selene, deusas lunares. Afrodite, assimilada à Astarte semítica, é a deusa da beleza e dos amôres. Ares, deus da guerra, é, possìvelmente, de origem trácia. Hermes, deus dos rebanhos e da fecundidade, aparece, também, como condutor das almas para os infernos. No mar reinava Poseidon, deus das fôrças subterrâneas e dos tremores de terra, bem como deus dos mares e das águas. As Fúrias, divindades temíveis, as Ninfas, graciosas e benfazejas, Pã, Sileno, Sátiros, são outras tantas divindades secundárias que enchiam o Panteão grego.

No século VI antes de Cristo, ao lado da religião oficial surgiram os *Mistérios,* principalmente o Orfismo. Os *Mistérios de Elêusis* realizavam-se todos os anos e compreendiam dois grupos de festas distintas, os Pequenos Mistérios e os Grandes Mistérios. O Orfismo é, a um tempo, filosofia e religião, e suas complexas origens são obscuras e contraditórias.

Ainda por volta do século VI antes de Cristo, Xenófanes parece encarnar as concepções da filosofia religiosa dos Gregos. Nascido em Colofônia, mais ou menos em 580, no seu livro *A Natureza* deixou esparsas idéias acêrca da religião tradicional dos Gregos. Inicialmente, demonstra o absurdo do antropomorfismo. Por que têm os deuses forma humana? Se os bois e os cavalos e os leões soubessem pintar ou esculpir, os seus deuses teriam figura de bois, cavalos e leões. Os deuses dos Etíopes são negros, ao passo que os dos Trácios apresentam pêlo ruivo. A seguir, mostra o absurdo moral da religião, porque, no dizer dos poetas, possuíam os deuses todos os vícios que degradavam o homem: eram ladrões, adúlteros, mentirosos, falsos, perjuros... A verdade, continua o poeta-filósofo, entrevêmo-la fitando o céu: um só Deus, desprovido de órgãos, perfeitamente redondo, fora do qual nada há, dentro do qual tudo existe, dirige e supervisiona a maravilhosa máquina do mundo. É um Deus todo olhos, todo ouvidos e todo pensamento; seu espírito omnisciente e onipresente se estende sôbre tudo; não teve princípio e jamais poderá acabar. Nêle se contêm todos os sêres, seja astros seja deuses subalternos ou criaturas vivas. É êle o chefe, o senhor absoluto e supremo de tudo e de todos; é, foi e sempre será o mesmo. Pergunta-se se Xenófanes quis afirmar suas idéias monoteísticas; pergunta-se, igualmente, se não será sua opinião puro panteísmo, já que o seu Deus se confunde com o Universo. Na verdade, a opinião exata de Xenófanes a respeito da divindade não nos é bem clara, isso porque sua confusa teogonia abrange, no mesmo conceito, a divindade absoluta e os deuses subalternos, sem dúvida idênticos aos astros e aos elementos. Não se trata, pois, de monoteísmo rigoroso, à moda dos Hebreus, por exemplo, mas distancia-se enormemente dos joviais deuses homéricos ou das divindades formalísticas

do velho Hesíodo. Como quer que seja, tanto a visão trágica do mundo de Heráclito, como as opiniões ousadas e heréticas de Xenófanes, dão-nos conta de que a religião grega, a partir do século VI antes de Cristo, sofreu profundas modificações; e essas modificações iriam assumir forma mais definida com Pitágoras ou com os Pitagóricos do século V, com suas extravagantes doutrinas a respeito da alma, da purificação, da numerologia e dos Mistérios. — V. ORFISMO. V. MISTÉRIOS.

No período áureo da história helênica, os deuses tinham magníficos templos, cuja guarda estava a cargo de sacerdotes e sacerdotisas, que não formavam hierarquias, mas eram independentes uns dos outros.

Como todos os povos antigos, os gregos praticavam a divinação.

Os oráculos, principalmente os de Zeus em Dodona, de Zeus Ámon no Egito e de Apolo em Delfos, manifestavam a vontade divina.

Não é possível, aqui, dar um relato completo da religião grega. Para tanto seriam necessários alguns volumes. O que ficou exarado nas linhas acima será suficiente para convencer-nos de que a mitologia grega é a mais rica, mais variada e, ao mesmo tempo, a mais clara e luminosa que conhecemos.

6.

A RELIGIÃO ROMANA

Inicialmente, parece que os romanos não tiveram casa de culto nem imagens de deuses. As cerimônias do culto eram celebradas ao ar livre. Procuravam, geralmente, as clareiras das florestas ou redutos nas montanhas, junto às nascentes dos rios, para aí oferecerem seus sacrifícios e preces à divindade. Para isso separavam e consagravam certo espaço chamado *area*, num bosque, *lucus* ou *nemus*. Na opinião dos antigos, os deuses preferiam a solidão dos bosques para aí se manifestarem aos fiéis. O culto realizava-se, geralmente, ao pé duma árvore; daí, *arbores sacrae*, "árvores sagradas", que tão grande papel desempenharam na religião romana. As árvores mais importantes foram colocadas sob a proteção imediata dos deuses: o carvalho era votado a Júpiter, o loureiro a Apolo, a oliveira a Minerva, a figueira a Ceres, o choupo a Hércules, as árovres frutíferas eram consagradas a Vertumno, e Silvano protegia as florestas. Nas solenidades públicas e religiosas, costumavam os Romanos enfeitar os locais com guirlandas de folhagens. O louro servia, ainda, de coroa ao vencedor. Posteriormente, com o templo, isto é, espaço delimitado e defendido de estranhos por uma separação, libertaram-se as árvores de qualquer contacto profano. Costumavam colocar junto à árvore pequena grade, *septum*, ou, ainda, protegê-la com um pequeno edifício, *sacellum* (capela). Às vêzes era colocada a árvore junto ao poço, *puteal*. O lugar assim consagrado tinha o nome genérico de *aediculum*, e geralmente servia de asilo.

Todo lugar atingido por um raio tornava-se sagrado e era purificado pelo arúspice mediante sacrifício de uma bidental.

A palavra *templum* foi aplicada ao edifício de culto por analogia, pois, inicialmente, designava, apenas, o espaço traçado no céu e na terra pelo áugure, para tomar os auspícios.

Os templos mais antigos eram muito simples, constando, apenas, de algumas traves e cobertura de palha. Posteriormente foram revestidos de sólidas e altas paredes e cobertos de telhas.

A forma do templo romano era, em geral, quadrada. O espaço reservado à imagem da divindade chamava-se *cella*. Neste espaço encontrava-se o *thalamus*, leito, que devia suportar a imagem. Era cercado por uma grade. O restante do templo dividia-se em duas partes, a frente, chamada *anticum*, formando o pórtico, e a parte de trás, *opposticum*. Tôda esta construção repousava numa superestrutura denominada *suggestum*. Pouco a pouco os templos romanos foram sofrendo a influência grega e tornaram-se mais complicados. Acrescentou-se-lhes o pórtico inicial, *vestibulum*. Quer nas fachadas, quer nos lados, havia colunatas. Segundo o número de colunas, o templo dizia-se tetrastilo, hexastilo, decastilo, etc. A *cella* ou recinto do templo não possuía janelas. Recebia a luz pelo *vestibulum*.

Muitas vêzes, no mesmo templo, havia várias *cellae* contíguas. As imagens colocadas nas *cellae* eram de argila, de madeira, de bronze ou de mármore.

Diante de cada *cella* erguia-se um pequeno altar, *ara*, para receber as *oblationes*, oferendas. No fundo da *cella* havia um pequeno espaço semicircular em forma de nicho, no qual era colocada a imagem; êsse espaço chamava-se *absis* ou *concha*.

Os templos localizavam-se de acôrdo com as atribuições da divindade: o de Mercúrio ficava junto do mercado, o de Marte, nas praças de exercícios, o de Apolo, na proximidade dos teatros; os templos de Júpiter, Juno e Minerva, em geral, situavam-se nos pontos mais altos da cidade.

A iluminação dos templos era muitas vêzes completada por meio de lâmpadas, *lychni* ou *candelabra*, de argila ou de bronze, raramente de metal mais precioso, que eram fixadas no muro ou no teto. Era comum suportes em forma de disco, destinados a conter várias lâmpadas. Esta espécie de lustre chamava-se *lychnuchi pensiles*.

Além do templo, havia, ainda, *aedes*, que, no início, designava apenas a lareira; passou, depois, a designar o edifício sagrado, mais modesto e menor que o *templum*.

O nome de *aedes* reservava-se preferentemente para os templos circulares, *aedes rotundae*.

Aedicula era uma pequena capela, isolada ou anexa a um templo maior. Não raro tinham também êste nome os nichos das casas particulares, onde se veneravam as imagens dos *Lares* e dos *Penates*.

Sacellum designava, geralmente, um pequeno santuário descoberto, tendo ao centro pequeno altar.

Fanum era, a princípio, qualquer lugar consagrado pelo áugure, e depois, o templo construído em tal local, geralmente no meio dum parque.

Delubrum, na antigüidade, era o lugar consagrado para a construção dum santuário; com o decorrer do tempo, passou a designar o próprio santuário.

A consagração dum templo compreendia três fases:

1) *Inauguratio*, que consistia na tomada dos auspícios, feitos pelo áugure;
2) *Dedicatio*, isto é, a entrega solene do templo à divindade; e

3) *Consecratio*, proibição para qualquer uso profano.

A *dedicatio* era, geralmente, realizada por um magistrado romano sob a presidência de um pontífice.

Na *dedicatio* o pontífice tocava os portais do templo proferindo as palavras do ritual em voz alta e inteligível. O magistrado, depois, repetia esta fórmula com os mesmos gestos.

O nome genérico do móvel para se colocarem as oferendas era *ara*, que, inicialmente, significava elevação da grama.

Mais tarde usaram *altaria*, receptáculo mais alto, destinado às divindades superiores, *superi*. Depois *ara* teve sentido mais específico, designando altar situado dentro do templo e diante da *cella*, para a oblação dos perfumes; *altaria* designava, de preferência, o móvel colocado fora do templo, destinado aos grandes holocaustos.

Focus era a lareira, erguida diante dos *dii domestici*, os deuses domésticos.

Também as construções nas quais se reunia o Senado, isto é, *Curiae*, tinham suas *arae* destinadas a servir aos áugures e pontífices.

Mesmo no período republicano e nos primórdios do Império ainda se encontravam altares erguidos ao ar livre, perto dos rios e fontes, bem como nas montanhas e até nos lugares públicos e nas encruzilhadas.

Os pequenos altares colocados nos lugares públicos, praças e bosques, eram defendidos pelos *cancelli*, pequenas cêrcas ou grades.

Em tôrno dêsses altares, às vêzes, suspendiam-se faixas ou fitas, *vittae* ou *infulae*, ou, então, *coronae*, coroas de flôres naturais.

Bem mais tarde, sob a influência grega, surgiu o costume de ornar os altares com relevos ou emblemas religiosas, nos quais se gravavam o nome da divindade e o motivo da *dedicatio*.

Os altares e imagens divinas eram considerados asilos e os que aí se refugiavam ficavam protegidos mesmo contra a autoridade legìtimamente constituída. Daí a expressão, *Ad aras confugere*, ou *considere*, "Refugiar-se nos altares."

As imagens dos deuses, adotadas também por influência grega, tinham o nome de *signa*. A palavra *statua* designava comumente qualquer figura humana. *Simulacrum* era qualquer retrato, estátua ou imagem, tanto de deuses como de pessoas civis.

Como os romanos consideravam a divindade realmente presente nos *signa*, ofereciam-lhes sacrifícios e preces, verdadeiro culto de latria. As imagens eram banhadas, aspergidas com perfumes, penteadas e pintadas (lábios, faces, unhas, etc.) Durantes as procissões conduziam-nas com tôda a solenidade e vestidas suntuosamente.

No culto dos deuses empregavam-se vários utensílios: *ampulla*, vaso sem alça, convexo, para vinho e óleo; *cinculum* ou *cimcuvium*, grande colher com braço para tirar o vinho e depositá-lo nas taças de libações; *cratera*, taça para as libações; *patera*, pequeno vaso, de pouca profundidade, destinado quer às libações, quer ao recolhimento do sangue das vítimas: *urceoli*, ânfora ou infusa para vinho; *guttus*, pequeno vaso para derramar vinho gôta a gôta, *gutatim*. Originàriamente, êstes objetos eram de madeira, mais tarde de argila, finalmente de prata e ouro.

Sacrificium era um dos atos mais importantes do culto divino.

A palavra *sacrificium* significava *sacrum facere,* isto é, entregar algo à vontade dos deuses, subordinado ao domínio divino. As coisas assim oferecidas à divindade tornavam-se sagradas.

Até a época dos Tarqüínios, parece que os romanos não conheciam sacrifícios incruentos, isto é, oferendas de frutas, farinha sagrada e salgada, *mola salsa,* bolos, leite e vinho.

Houve época em que os sacrifícios eram de pessoas ou de animais. Os sacrifícios humanos parece que foram introduzidos em Roma pelos etruscos. Êsses sacrifícios dirigiam-se principalmente às divindades subterrâneas, como *dis pater,* as quais sòmente se apaziguavam mediante a imolação de criaturas humanas. Durante muitos anos êstes sacrifícios se realizavam nas *feriae latinae,* festas da aliança das cidades latinas, celebradas anualmente no monte Albano, nas quais se costumava regar o altar de Júpiter Latiaris com o sangue de um ou mais criminosos. Ainda por ocasião da segunda guerra púnica fizeram-se sacrifícios humanos em Roma, apesar de formalmente proibidos por decretos do Senado; êsses sacrifícios ainda foram ordenados, em circunstâncias especiais, por César e Augusto. Mais tarde, tais sacrifícios foram substituídos por combates gladiatórios ou por caçadas de animais. Além dêsses substitutos havia ainda outros elementos simbólicos, como a oferta da cabeça de papoulas no altar dos Lares, *ut pro capitibus hominum supplicaretur,* "Para que fôssem oferecidas em lugar das cabeças dos homens".

Havia, ainda, o costume de precipitar da ponte Sublícia (ponte feita sôbre estacas e mandada construir por Anco Márcio) vinte e quatro manequins em homenagem a Saturno e a *Dis pater.* Êsses manequins, chamados *Argei,* representavam os vinte e quatro velhos maiores de 60 anos, que, primitivamente, eram atirados ao rio Tibre.

O sacrifício de animais tinha dois aspectos: *victimae* e *hostiae.*

Victimae eram animais de grande porte, como touros, vacas e bois.

Hostiae eram animais pequenos, pombas, galos, ovelhas e porcos.

Os romanos sacrificavam, de preferência, animais cornígeros.

As carnes dos animais sacrificados eram consumidas pelos presentes. O repasto começava por uma prece e libações; cantavam-se hinos. No comêço, os pontífices (de *pontem facere,* "Os fazedores de ponte") presidiam a êsses ágapes; mais tarde delegou-se tal tarefa a sacerdotes especiais denominados *epulones.*

7.
A MAGIA

Os povos antigos sempre tiveram veneração pelas religiões misteriosas. Os cultos e mistérios exerciam verdadeiro fascínio sôbre as gentes primitivas.

Os cultos e mistérios, em geral, confundem-se com a Magia, nas suas mais variadas formas.

Introduzidos em Roma por volta do primeiro século antes de Cristo, os cultos e Mistérios orientais gozaram, quase sempre, dos favores públicos e

privados, principalmente por parte da nobreza. Já a Magia, em geral, contava seus mais fervorosos cultores entre a plebe e os escravos.

Sabemos que a Magia, mesmo antes de Catão, já era perseguida e vista com maus olhos pelo Estado. São inúmeras as leis que proibiam e coibiam a prática da Magia, sob qualquer dos seus complexos aspectos. É assaz conhecido o texto da lei das XII Tábuas que punia aquêle que lançasse feitiçaria em messe alheia, *Qui fruges excantassit*.

A Magia, no Reinado, foi tolerada, para ser violentamente perseguida durante a República. No Império gozou de favor vário, ora prestigiada por famílias patrícias, ora cerceada por severas leis.

Já os Mistérios, vindos do Oriente, mereceram, com raras exceções, lugar de destaque na religião latina. É verdade que Tibério expulsou da Cidade os sacerdotes egípcios e proibiu seus cultos. A lei de 721 (32 antes de Cristo) expulsou, ao mesmo tempo, as feiticeiras e os astrólogos; Calígula admitiu, publicamente, os cultos alienígenas, e quando o templo de Ísis foi destruído por um incêndio, em 80 da nossa era, Domiciano apressou-se em reedificá-lo. O imperador Cláudio chegou ao ponto de reformar a liturgia de Cibele e Átis, adaptando-a à Cidade e ao gênio romano. Conta-se que Nero, desprezador de tôdas as divindades, como refere Suetônio, sentia prazer em render suas homenagens à deusa síria Atárgatis.

Os cultos e Mistérios tinham por fim assegurar às almas um feliz lugar no outro mundo.

Os iniciados em alguma confraria, fôsse de Mitra, de Deméter, de Baco, de Cibele ou em algum dos múltiplos Mistérios órficos, tinham sua felicidade garantida na vida de além-túmulo. Os mistagogos, os pastóforos, os hierofantes, os nartecóforos, os mistas e outros mais, enxameavam em Roma.

Os iniciados em algum mistério não necessitavam rezar para obter os favores da divindade: pela iniciação, os deuses viam-se constrangidos a atender os desejos dos mortais.

A magia nasceu dessa idéia de obrigar as fôrças divinas a conceder aos homens tudo que êles quisessem.

No início é provável que a finalidade exclusiva da magia fôsse a cura das doenças.

Ensinam-nos os romanistas que os antigos remédios eram administrados mediante fórmulas mágicas. E o paciente, via de regra, confiava mais nas fórmulas sonoras do que nas poções, ungüentos e emplastros.

Catão transmitiu-nos uma receita capaz de curar entorses:

Motas uaeta daries
dardares astataries
dissunapiter.

Havia outra:

Huat hauat huat
ista pista sista
damnabo
dannaustra.

Algumas fórmulas não possuíam caráter tão acentuadamente esotérico:

Terra pestem teneto,
salus hic maneto (Apud Var., I, II, 27)
Nec huic morbo caput crescat,
aut si creverit tabescat (Apud Marc. Emp., VIII, 191).
Pastores te invenerunt,
sine manibus collegerunt,
sine foco coxerunt,
sine dentibus comederunt (Idem, XXXI, 3).

A finalidade primitiva das artes mágicas foi logo desvirtuada.

Já na mais remota antigüidade vemos a prática de encantamento e feitiçarias com o escopo único de saciar ódios, levar a cabo uma vingança ou liquidar um inimigo ou desafeto. Para tanto fabricavam-se, de argila ou de cêra, pequeninas figuras representando o inimigo ou a pessoa visada pela feitiçaria. A seguir, por meio de castigos infligidos ao simulacro, como cortes, açoites e queimaduras, determinavam-se tais males e acidentes no ser vivo representado pela figurinha (Cf. Horácio, *Epodo* XVII, 76).

Mas, parece-nos, a Magia estêve sempre a serviço, precìpuamente, do amor. Vergílio, Horácio, Ovídio, Propércio, Tibulo, Plínio e Apuleio disso nos dão testemunho.

A Magia, comumente, era exercida por mulheres velhas, pavorosamente feias, segundo o retrato de Canídia, que Horácio nos traçou, ainda que Apuleio nos refira os nomes de alguns "magos". Essas mulheres, como as *Rhizotomoi* de Sófocles, a Medéia dos Argonautas, a Canídia e a Ságana de Horário, a feiticeira da *Farsália,* são, apenas, algumas das muitas feiticeiras que aparecem na literatura mítica greco-latina.

A pátria habitual dessas mulheres era a Tessália, talvez por causa da sua riqueza em ervas medicinais e plantas milagrosas. Tais ervas entravam na composição de filtros, cuja eficácia jamais foi posta em dúvida.

Plínio conservou-nos alguns nomes dos famosos papiros mágicos: vírus lunar, fiteuma, estergetron...

Havia ervas sòmente conhecidas das feiticeiras, capazes de transformar criaturas humanas em porcos, lôbos e leões. E havia ervas, como a moli, antídoto contra feitiços, que faziam as criaturas voltarem à sua forma primitiva.

Outros filtros faziam nascer o amor em corações frios e indiferentes, ou extinguiam paixões avassaladoras.

O famoso filtro de Prometeu, cujos ingredientes foram colhidos no Cáucaso, exatamente no lugar do suplício do herói, permitiu a Jasão conquistar o tosão de ouro (Apoll., *Argon,* III, 845; Prop., I, XII, 10).

Havia ritos especiais para a colheita das plantas empregadas nas artes mágicas: eram apanhadas ao clarão da lua, com uma pequena foice de bronze (o ferro considerava-se nocivo à Magia), e as mulheres encarregadas dêsse mister deixavam os cabelos esparsos pelos ombros, as vestes flutuantes e um pé descalço.

Serviam, igualmente, para a magia as ervas que cresciam ao redor dos túmulos.

A êsses vegetais ajuntavam-se, para a feitura de filtros, elementos asquerosos e abomináveis: sapos, certas partes de sêres vivos, como o hipômanes, excrescência negra na testa dos poldros recém-nascidos, bem como o líquido mucoso deitado pela égua no cio, cabelos, ossos de defuntos, fragmentos de unhas...

Algumas feiticeiras foram acusadas de violar cadáveres de crianças. Outras matavam à fome inocentes meninos e com os fígados secos preparavam repugnantes filtros.

Aos filtros as feiticeiras associavam sacrifícios acompanhados da combustão de ervas e raízes odorantes, como o costo e o timo, e de libações com água do Averno. Firmadas no princípio da substituição, tão caro à Magia, as feiticeiras, em lugar dessa água, de difícil obtenção, usavam qualquer líquido, impondo a êle, apenas, o nome de água do Averno (Verg., *En.*, IV, 512; Hor. *Epodo*, VII, 24).

Instrumentos essenciais asseguravam bom êxito à operação mágica e aos encantamentos, como a varinha mágica, atribuída a Hermes, a espada de bronze, o pião, a matraca, as foices recurvas, também de bronze, e os vasos e páteras purificados com banhos lustrais (Macr., *Sat.*, V, 19).

As feiticeiras usavam nas suas fórmulas mágicas (Ovídio, *Met.*, XIV, 55-58) nomes de divindades estrangeiras e às vêzes séries de lêtras mágicas, chamadas *abraxas*.

Hécate, a deusa das encruzilhadas, era a divindade propícia às feiticeiras e às feitiçarias (Verg., *En.*, IV, 511; Prop., II, 23, 40) e sua presença manifestava-se por meio de tremores de terra (Verg., *En.*, VI, 255). Demônios, demiurgos e almas de mortos participavam das operações ocultas.

Selene ou a Lua, confundida com a tríplice Hécate (Febe no Céu, Diana sôbre a Terra e Hécate nos Infernos), gozava da fama de ser a maior colaboradora das feiticeiras, que a faziam baixar do Céu, e, nos eclipses, tornavam seu brilho mais intenso batendo em instrumentos de bronze.

As feiticeiras, a fim de não sofrerem dano ao manipular as ervas ou ao praticar as cerimônias mágicas, muniam-se de filacteras, preservativos contra os poderes dos maus espíritos: amuletos, talismãs, papiros com orações milagrosas e ramos de árvores consagradas.

8.
PLANO DA OBRA

Não há, em Português, um bom dicionário mitológico greco-latino. Anda, por aí, em má tradução, a obra clássica de P. Commelin.

Sentindo a necessidade de uma tal obra entre nós, principalmente quando cursava a Faculdade de Filosofia, e ouvindo o clamor geral dos alunos e professôres, tentei traduzir e adaptar um bom dicionário. Lembro-me bem. O primeiro foi o de Noël. Desanimei. Procurei traduzir o de Chompré. Não fui além de duas páginas. Os "Récits Mythologiques", de A. M. Guillemin, pareceram-me de mais fácil tradução. Larguei a obra de mão, desanimado com o

método adotado pelo autor, pois só quem já conhece a Mitologia é capaz de manuseá-la com proveito.

Passei para os mitólogos alemães e inglêses. O trabalho afigurou-se-me de tal monta que duvido haja alguém com atrevimento suficiente para ousar traduzir Preller, Hartung, Pauly-Wissewa, Roscher e Little.

Finalmente cheguei à conclusão que o melhor seria ignorar tudo que os mitólogos escreveram e proceder como se êles não existissem. Não quer isso dizer que êsses cavalheiros não sejam pessoas perfeitamente dignas e suas obras merecedoras dos mais calorosos encômios. Só que são intraduzíveis, pelo menos segundo meu modo de pensar.

Destarte, fui buscar elementos para êste *Dicionário* nos próprios autores, a partir de Homero. Foi um trabalho insano.

A maior dificuldade, porém, foi a dos nomes próprios. Não possuímos, em português, um índice onomástico que nos mereça confiança e respeito. As próprias Enciclopédias trazem os nomes de deuses e heróis com a prosódia, quando não com a grafia, francesa. O dicionário de Caldas Aulete traz, no 5.º volume, um apêndice onomástico. Infelizmente, falho e... erradol Veja-se, tão sòmente, o nome *Cibele* e as várias formas de Agamenão.

Muito hesitei em usar a prosódia latina ou a grega em determinados nomes. Que fazer? A quem recorrer? Os tradutores de Homero, por exemplo, dão largas à fantasia ao grafar os nomes mitológicos, e um dêles não se vexa em usar a forma *Posido* (?) como apelativo do rancoroso perseguidor do astuto Odisseu, Poseidon.

Após muita hesitação e meditação, adotei uma forma eclética, registando os nomes conforme a prosódia latina, e só em casos excepcionais, adotando a grega, sempre que a tradição e o uso tal recomendassem. Confesso, humildemente, que se no início tivesse idéia do problema que significa a grafia dos nomes mitológicos, êste *Dicionário* jamais seria dado à lume.

Procurei ser completo.

Nenhum nome que me pareceu importante foi omitido.

Deixei de lado, é óbvio, a multidão de personagens que ocorre em Homero e Vergílio, como, por exemplo, os pretendentes à mão de Penélope, e os incontáveis guerreiros troianos ou latinos.

Nos epítetos, em geral, dou apenas o significado, pois êste já esclarece a função ou a atribuição do deus.

Escolhi cuidadosamente os topônimos e só registrei aquêles absolutamente necessários à boa inteligência dos autores clássicos.

Nada negligenciei para tornar completo êste trabalho.

Não foi sem grande esfôrço que consegui dar ao caos da Mitologia uma aparência de verdade histórica, tendo, por principal objetivo, a clareza.

Compreender-se-á melhor a dificuldade dessa tarefa se se considerar que a maioria dos autores, com freqüência, se contradizem. Espero que as contradições que enchem os Dicionários, se não totalmente banidas, ao menos estejam bem diminuídas neste meu *Dicionário*.

Acredito, portanto, que esta obra será útil não sòmente aos mestres e alunos, mas igualmente a qualquer pessoa que procure resolver uma dificuldade.

Foi nessa convicção que me resolvi a publicá-lo.

Por último quero dizer que deliberadamente omiti todo e qualquer aparato erudito e científico. Procurei, antes, fazer uma obra completa e popular.

Belo Horizonte, dezembro de 1961

A

A — A lêtra *A* (Alfa), representava, entre os Gregos, mau augúrio nos sacrifícios; era, também, a lêtra pela qual os sacerdotes começavam as ameaças feitas em nome dos deuses.

ABADIR — 1) Pedra que Réia deu a Saturno para devorar, em lugar de Júpiter; o pai engoliu-a sem dar pelo lôgro.

2) Entre os Cartagineses *Abadir* era o nome apelativo dos grandes deuses.

ABANTE — 1) Décimo segundo rei de Argos, filho de Linceu e de Hipermnestra, ou, conforme outros, de Belo; foi pai de Preto e Acrísio, e antepassado de Dânae. Êste rei, epônimo dos Abantes, era descendente daqueles que em tempos muito antigos habitaram a ilha de Eubéia. O escudo do "Grande Abante", ao qual alude Vergílio na *Eneida*, havia sido anteriormente dado por Dânao a Juno e fixado no templo desta, em Argos; dizia-se que a sua presença pusera o inimigo em fuga, quando, na morte de Abante, os súbditos de Argos se rebelaram. É em lembrança a êsse escudo que o vencedor dos jogos argólicos recebia, à guisa de palma, um escudo.

2) Outro Abante, célebre, foi o filho de Meganira e Hipótoo, ou, conforme outros, de Céleo. Ceres transformara-o em lagarto, por ter êle zombado da deusa e dos seus sacrifícios, vendo-a beber com muita avidez.

3) Abante, nome de um dos Centauros, que combateram contra os Lápitas.

4) Adivinho ao qual os Lacedemônios ergueram uma estátua no templo do Delfos, por ter êle prestado relevantes serviços a Lisandro.

5) Nome de um dos principais Gregos que foram mortos na noite da destruição de Tróia.

6) Troiano que morreu durante a tempestade que precedeu a chegada de Enéias a Cartago.

7) Companheiro de Enéias, morto por Lauso, filho de Mezêncio.

8) Filho de Melampo e pai de Lisímaco.

9) Filho de Erimas, morto por Diomedes ante as muralhas de Tróia.

10) Filho de Netuno e Aretusa.

11) Companheiro de Perseu que matou Pelate.

ABARE — Nome de um Rútulo.

ABARIS — Cita que, por ter cantado a viagem de Apolo aos países hiperbóreos, foi sumo-sacerdote dêsse deus e recebeu, além disso, o espírito de divinação e uma flecha sôbre a qual podia atravessar os ares. Construiu uma estátua de Minerva com os ossos de Pélops e vendeu-a aos Troianos, que, fiados na sua palavra, acreditaram ter a estátua vindo dos céus, donde êle havia ajudado a descê-la. Êste simulacro, tornado célebre, recebeu o nome de *Paládio*. — V. PALÁDIO.

ABASTER — Um dos cavalos de Plutão.

ABATOS — 1) Um dos cavalos de Plutão.

2) Grande rochedo separado da ilha de File, no rio Nilo, onde se conservava o

túmulo de Osíris, num templo que lhe era dedicado.

ABELA — Cidade da Campânia com notável pomicultura; *abellanae nuces*, "nozes abelanas" são as *avelãs*.

ABIDOS — 1) Cidade da Mísia, sôbre o Helesponto (estreito dos Dardanelos), fronteira a Sestos, e pátria de Leandro.

2) Cidade do Egito, onde havia famoso templo dedicado a Osíris e no qual Mêmnon costumava ordinàriamente passar longas temporadas.

ABÍLIO — Filho de Rômulo e Hersília.

ABSIRTO — Filho de Eeta e de Hipséia. Sua irmã Medéia despedaçou-o e foi largando os seus membros ensangüentados ao longo do caminho, a fim de retardar o avanço dos que a perseguiam, quando da sua fuga em companhia de Jasão. — V. ARGONAUTAS.

ABUNDÂNCIA — Divindade que acompanhava Saturno quando Júpiter o destronou. Não possuía, entre os antigos, nem templos nem altares. Representavam essa divindade alegórica sob a forma de uma bela mulher com coroa de variadas flôres na cabeça, e segurando com a mão direita um côrno repleto de flôres e frutos. Êste côrno, segundo alguns, era aquêle que Hércules arrancara a Aquelôo; conforme outros autores, aquêle da cabra Amaltéia. — V. CÔRNO DA ABUNDÂNCIA. V. AMALTÉIA.

ACACÁLIS — Ninfa de Creta, filha do rei Minos, que teve de Apolo dois filhos, Fílace e Filandro.

ACADINA — Célebre fonte da Sicília, consagrada aos irmãos Palicos. — V. ÊSSE NOME — A fim de experimentar a sinceridade dos juramentos, escreviam-nos em tabuinhas que eram jogadas nessa fonte; se as tabuinhas não sobrenadassem, tornava-se evidente que continham, apenas, perjúrios.

ACAIA — Região ao norte do Peloponeso; desde 146 nome oficial de tôda a Grécia transformada em província romana. Os habitantes são os *Achaei*, os Acaios. Usam-se, também, as denominações *Achivi*, *Achaias* e *Achaicus*, para designar os Gregos dos tempos heróicos.

ACAIOS — Os Gregos. O mesmo que *Acaicos* e *Aqueus*.

ACA LARÊNCIA — 1. *Aca Larência* ou *Laurência*, simplesmente, foi a ama de Rômulo e Remo, e espôsa do pastor Fáustulo.

2) Divindade romana, confundida com a ama acima citada.

3) Aca, uma das companheiras de Camila.

4) Nome de célebre cortesã de Roma, que viveu sob o reinado de Anco Márcio. Passando a noite no templo de Hércules, agradou-se dela o deus de tal maneira, que lhe prometeu fazê-la feliz com a primeira pessoa que encontrasse ao deixar o santuário. Tátio, homem rico e poderoso, foi a primeira pessoa que viu ao sair à rua. Tornou-se êle tão perdidamente apaixonado por Aca, que a desposou imediatamente. Mais tarde, ao morrer, deixou-lhe tôdas as suas riquezas. Aca, no fim da vida, instituiu o povo romano como seu herdeiro e por êsse motivo seu nome foi inscrito nos fastos e celebraram festas em sua honra, sob o nome da deusa Flora.

5) Em honra de Aca Larência, celebravam-se, a 23 de dezembro, as festas *Larentálias*.

ÁCALE — Ácale ou Perdiz, sobrinho de Dédalo. Êsse talentoso jovem inventou o compasso e a serra, prometendo tornar-se mais famoso que o tio. Dédalo, um dia, não contendo mais a inveja e o despeito, precipitou-o do alto duma tôrre. Minerva, porém, compadecida do desditoso môço, transformou-o na ave que hoje traz o seu nome, perdiz.

ACAMANTE — 1) Filho de Teseu e de Fedra. Foi deputado, com Diomedes, para reconduzir Helena. Durante essa embaixada, teve, de Laodicéia, filha de Príamo, um filho chamado Munito, que foi criado e educado por Etra. No cêrco de Tróia, fêz parte do grupo que se encerrou no cavalo de madeira; em plena carnificina, reconhece Etra com seu filhinho. Retira-os das mãos dos Gregos e condu-los a lugar seguro.

2) Chefe dos Troianos, que lutou sob as ordens de Enéias; foi morto por Ájax.

3) Filho de Antenor, um dos mais valentes Troianos.

4) Filho do Troiano Ásio; combateu corajosamente à retaguarda de seu pai.

ACANTO — 1) Ninfa que foi transformada na árvore que hoje traz seu nome.

2) Mancebo de rara formosura, transformado em pássaro.

3) A teologia pagã, como refere Cícero, contava cinco diferentes Sóis, entre os quais

admitia Acanto no quarto lugar; daí, Acanto, mãe do Sol.

4) Nome de uma cidade da Macedônia.

5) Nome de cidade da Ásia Menor, também chamada Dulópolis.

ACARNANES — Nome do herói epônimo da Acarnânia, província do Epiro, região da Grécia setentrional. Era Acarnanes filho de Alcmeão e de Calírroe. Seu pai, tendo sido morto pelos irmãos de Alfesibéia, sua primeira espôsa, Calírroe obteve de Júpiter que Acarnanes e seu irmão Anfóteros passassem, de imediato, da infância à juventude, a fim de poderem vingar a morte do pai. — V. ALCMEÃO.

ACARNÂNIA — 1) Província do Epiro, assim chamada por causa de Acarnanes.

2) Cidade vizinha de Siracusa, onde se via um antigo templo dedicado a Júpiter Olímpico.

ACASTO — 1) Filho de Pélias, rei de Iolco. Foi grande caçador e um dos Argonautas. Creteis ou Hipólita, sua mulher, prêsa de violento amor por Peleu, que não quis corresponder a seus desejos, vingou-se acusando-o junto ao marido de ter êle tentado violentá-la. Acasto, dissimulando seus intentos, conduziu Peleu ao cume do monte Pélio, a um local selvático, e abandonou-o aos Centauros e às feras. Mas Quirão defendeu-o, não só dos animais selvagens, mas também dos Centauros. A seguir, Peleu, com o auxílio dos Argonautas, vingou-se da crueldade de Acasto e das calúnias de Creteis. À sua volta da Cólquida, Acasto encontrando seu pai morto, convidou os Argonautas a irem a Tessália, a fim de aí celebrarem jogos fúnebres em honra de Pélias.

2) Nome de uma das Oceânidas.

ACATES — Amigo e fiel companheiro de Enéias.

ACELO — Filho de Hércules e de Mális; deu seu nome a uma cidade da Lícia.

ACESTES — Rei e fundador de Acesta ou Segesta; foi rei da Sicília e filho do rio Criniso; deu hospitalidade a Enéias e auxiliou-o a erguer um monumento fúnebre a Anquises, sôbre o monte Érix.

ACETES — 1) Capitão de um navio tírio. Sua equipagem, tendo encontrado Baco adormecido às margens do mar, sob a figura de um belo menino, quis raptá-lo, na esperança de obter vultoso resgate. Acetes, porém, a isso se opôs violentamente. À sua vista, o deus metamorfoseou os marinheiros em delfins e tornou, depois, Acetes sumo-sacerdote do seu culto.

2) Filho do Sol e de Persa. Deu sua filha em casamento a Frixo.

3) Escudeiro de Evandro, rei de parte da Itália.

ACIDÁLIA — Fonte da Beócia, perto de Orcômenos, onde as Graças costumavam banhar-se. Nome de Vênus, que também costumava tomar banho nessa fonte.

ACINETO — Filho de Hércules, que o matou num acesso de furor.

ÁCIS — 1) Filho de Fauno e da Ninfa Simetis, jovem e belo pastor da Sicília. Foi amado pela Ninfa Galatéia. Um dia, estavam os dois amantes enlaçados, numa gruta, quando foram surpreendidos por Polifemo, rival de Ácis. Aquêle, louco de furor, esmagou o infeliz Ácis sob um ingente rochedo. Netuno, a pedido de Galatéia, transformou-o em rio. — V. POLIFEMO.

2) Rio da Sicília.

3) Uma das Cícladas.

ÁCMON — 1) Filho da Terra e pai do Céu. Seu culto era célebre na ilha de Creta.

2) Um dos Dáctilos ideus.

3) Guerreiro filho de Clítio e irmão de Mnesteu.

ACO — Filho de Vulcano e Aglaia.

ACÔNCIO — Jovem de rara beleza; indo, um dia, a Delos, para sacrificar a Diana, viu, no templo da deusa, uma jovem de deslumbrante formosura, chamada Cidipe. Vê-la e ficar perdidamente enamorado foi a mesma coisa. Mas, julgando que o nascimento e a fortuna da sua amada opunham um obstáculo à sua felicidade, usou de um estratagema para consegui-la como espôsa. Sôbre uma bola gravou as seguintes palavras, que a donzela não poderia ler sem pronunciar um verdadeiro juramento: "Acôncio, juro por Diana que serei tua." Em seguida fêz a bola rolar aos pés da jovem, que se divertia com suas companheiras. Cidipe apanhou-a e leu o juramento, ficando, destarte, ligada ao jovem. Entretanto, a donzela foi prometida em casamento a outro homem, rico e influente. Todavia, sempre que chegava o dia do casamento, Cidipe era acometida de violenta febre, e ficava à morte. Por fim seus pais consentiram em seu casamento com Acôncio, e êste se realizou em meio de alegria geral.

ACÔNITO — Planta venenosa ranunculácea *(Aconitum napellus)*, nascida da baba de Cérbero, quando Hércules o arrancou dos Infernos.

ACONTEU — 1) Caçador convertido em pedra por obra e graça da cabeça da Medusa, nas núpcias de Perseu.

2) Um dos chefes latinos, morto por Tirreno.

ACRÍSIO — Rei de Argos, filho de Abante e irmão de Preto. Acrísio e Preto odiavam-se desde o dia do seu nascimento. Quando jovem, despojado do trono por Preto, Acrísio refugiou-se na Frígia, na côrte do rei Laomedonte; não tardou e veio a tornar-se genro do rei. Mais tarde nasceu-lhe uma filha, Dânae. — V. ESSA PALAVRA. — Mas, tendo o oráculo predito que essa filha daria à luz um filho que um dia mataria o avô, Acrísio fechou-a numa câmara subterrânea. Júpiter, que amava a formosa jovem, aí penetrou, sob a forma de chuva de ouro, e Dânae tornou-se mãe de Perseu. Acrísio, apavorado, encerrou a mãe e o filho num cofre e lançou-o nas ondas do mar. Mas Acrísio, contudo, não conseguiu escapar a seu destino. O cofre foi arremessado às costas da ilha de Serifo, uma das Cícladas, e as duas vítimas recolhidas pelo rei do lugar. Após longa série de façanhas, Perseu e sua mãe retornaram ao país dos seus antepassados. Um dia, por acaso, participando o jovem duns jogos fúnebres, arremessou um pesado disco de chumbo, que, ricochetando ao longe, atingiu a fronte de um ancião. Êste tombou morto. Era Acrísio. — V. PERSEU.

ACRISIONE — Dânae, filha de Acrísio.

ÁCRON — 1) Um dos capitães de Enéias, de origem grega e que foi morto por Mezêncio.

2) Rei que Rômulo matou para conquistar o seu território. Os despojos dêsse rei foram por êle consagrados a Júpiter Ferétrio.

ACTEÃO — 1) Filho de Aristeu e de Autônoe, neto de Cadmo, Acteão foi educado pelo famoso Centauro Quirão e tornou-se renomado caçador. Seguido da sua matilha, passava os dias a correr por montes e vales, mais rápido que o vento, penetrando as profundezas misteriosas das florestas em busca dos animais que abatia com suas certeiras flechas. Um dia, numa dessas fogosas expedições cinegéticas, começou a seguir o rastro de alentado javali. No entusiasmo da perseguição, foi dar no vale Gargáfia, na Beócia, e, sem querer, surpreendeu Diana ocupada, na solidão misteriosa do bosque, a banhar seu belo corpo na água cristalina duma fonte. Irritada porque o jovem a vira na sua esplendente nudez, a deusa metamorfoseou-o sùbitamente num tímido cervo, que fugiu à desfilada, perseguido de perto pela matilha ululante dos cães que não reconheciam mais seu senhor. Acteão, em figura de cervo, conseguiu atingir a espessura do Citerão, monte selvático. Mas os cães lá o descobriram e o despedaçaram em poucos instantes. A matilha de Acteão, conforme Ovídio, era composta dos seguintes animais: Melampo, Icnóbates, Pânfago, Dorceu, Oríbaso, Nebrófono, Terão, Lélape, Ptérela, Agre, Hileu, Nape, Pemene, Harpia, Ladão, Drômade, Cánace, Esticte, Tigre, Alce, Leucão, Ásbolo, Lacedemônio, Aelo, Tous, Licisca, Hárpalo, Melaneu, Lacne, Labros, Agriodo e Hilator. Os cães enumerados por Ovídio, indicam, em grego, seja sua raça, seja as particularidades do pêlo, seja as suas qualidades.

DIANA E ACTEÃO
(*Pintura de vaso*)

2) Nome, também, de um dos cavalos do Sol.

ACTÉIA — Nome misterioso que os iniciados davam a Ceres, nas festas de Elêusis.

ÁCTOR — 1) Filho de Déion e de Diomeda, segundo alguns autores; de Mirmidão e de Pisídia, conforme outros. Foi pai de Menéstio e antepassado de Pátroclo.

2) Rei da Élida, pai dos Actóridas.

3) Companheiro de Hércules no combate contra as Amazonas. Foi ferido e morreu ao retornar ao seu país.

4) Filho de Netuno e de Agamede.

5) Irmão de Céfalo.

6) Guerreiro do país dos Auruncos, do qual Turno empunhou a lança, após havê-lo matado.

7) Filho de Hípaso, Argonauta.

8) Filho de Azeo e pai de Astioquéia, da qual Marte teve Iálmeno e Ascálafo.

9) Filho de Acasto, morto, durante uma caçada, por Peleu.

10) Irmão de Augias, rei da Élida, que o associou no govêrno do país.

11) Guerreiro morto pelo Centauro Clânis, no combate dos Lápitas, durante as núpcias de Pirítoo.

ADAMASTO — Grego de Ítaca, pai de Aquémenes, companheiro de Ulisses, que narrou a Enéias e aos seus as espantosas crueldades do gigantesco Ciclope Polifemo.

ADAMASTOR — Um dos Gigantes da Terra, que pretenderam destronar Júpiter; foram por êste vencidos e sepultados sob diversos montes. Adamastor é personagem dos *Lusíadas*, de Luís V. de Camões, rochedo imenso, que assim narra a Vasco da Gama a sua aventura e a sua metamorfose:

"Eu sou aquêle oculto e grande Cabo
A quem chamais vós outros Tormen-
[tório,
.....
Fui dos filhos aspérrimos da Terra,
Qual Encélado, Egeu e o Centímano;
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano;
Não que pusesse serra sôbre serra,
Mas, conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Netuno, que eu buscava.

Amôres da alta espôsa de Peleu
Me fizeram tomar tamanha emprêsa.
Tôdas as Deusas desprezei do Céu,
Só por amar das Águas a Princesa..
Um dia a vi, com as filhas de Nereu,
Sair nua na praia: e logo prêsa
A vontade senti de tal maneira,
Que inda não sinto coisa que mais
[queira.

Como fôsse impossível alcançá-la,
Pela grandeza feia de meu gesto,
Determinei por armas de tomá-la
E a Dóris êste caso manifesto.
De mêdo a Deusa então por mim lhe
[fala;
Mas ela, com formoso riso honesto,
Respondeu: "Qual será o amor bastante
De Ninfa que sustente o dum Gigante?

Contudo, por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira
Com que, com minha honra, escuse o
[dano."
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu, que cair não pude neste engano
(Que é grande dos amantes a cegueira),
Encheram-me, com grandes abundanças,
O peito de desejos e esperanças.

Já néscio, já da guerra desistindo,
Hua noite, de Dóris prometida,
Me aparece de longe o gesto lindo
Da branca Tétis, única, despida.
Como doido corri, de longe, abrindo
Os braços para aquela que era vida
Dêste corpo, e começo os olhos belos
A lhe beijar, as faces e os cabelos.

Oh! Que não sei de nojo como o conte!
Que, crendo ter nos braços a quem
[amava,
Abraçado me achei com duro monte
De áspero mato e de espessura brava.
Estando com penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angélico apertava,
Não fiquei homem, não, mas mudo e
[quedo
E, junto dum penedo, outro penedo!

.....
....e, por mais dobradas mágoas,
Me anda Tétis cercando destas águas..."
(*Lusíadas*, canto V., 50 a 59).

ADÉFAGO — Epíteto de Hércules, que significa "Insaciável" ou "Voraz". O filho de Alcmena fêz, um dia, uma aposta com certo Lépreas, neto de Netuno. Tratava-se, apenas, de ver quem era capaz de comer um boi inteiro. Ambos chegaram ao fim do repasto; mas Hércules, terminando primeiro, conquistou a vitória, o que lhe valeu o nome de "Insaciável", que, parece, muito honrava os heróis míticos.

ADMETO — 1) Rei de Feras, na Tessália, amado dos deuses por causa da sua insigne virtude. Admeto tomou parte na caçada ao javali de Calidão e foi do número dos Argonautas. Apolo retirou-se para sua companhia, quando, após o extermínio dos

Ciclopes, viu-se expulso do Céu por Júpiter. — V. CICLOPES. — O deus Apolo, reconhecido ao seu benfeitor, tornou-se guarda dos rebanhos reais, e muito o auxiliou por ocasião do seu casamento. Pélias, um dos reis da Tessália, possuía uma filha, Alcéstide, não só de rara formosura, mas também cheia de bom-senso e generosidade. Seu pai havia prometido dá-la em casamento a quem lhe desse um carro tirado por uma assaz extravagante junta: um leão e um javali. Apolo, vendo que Admeto desejava vivamente desposar a princesa, ensinou-lhe a arte de reunir sob o mesmo jugo dois animais tão ferozes e diversos, e Alcêstide, assim, tornou-se espôsa do rei de Feras. E sem dúvida êsse homem piedoso merecia o grande amor de sua espôsa, que, um dia, rogou aos deuses o favor de morrer em lugar do marido. Mas Hércules, que naquela ocasião se achava hospedado no palácio de Admeto, arrancou-a à viva fôrça das garras da Morte e restituiu-a a seu desolado espôso. — V. HÉRCULES.

2) Admeto, sacerdotisa de Juno.

3) Uma Oceânida.

ADÔNIS — Jovem célebre pela sua beleza. Nasceu do comércio incestuoso de Cíniras, rei de Chipre e de Mirra, sua filha. Seu nascimento foi extraordinário. Mirra, fugindo da justa cólera do pai, de quem havia odiosamente abusado, saiu a correr pelo mundo. Na hora de dar à luz o fruto do seu incesto, com os braços erguidos ao Céu, suplicou o auxílio dos Imortais. Os deuses comoveram-se: do pobre corpo trêmulo fizeram uma árvore, aquela que destila grossas lágrimas de mirra. Mais tarde, a casca da árvore abriu-se e deu passagem ao gracioso Adônis. Um grupo de Náiades, Ninfas das fontes, dos regatos e dos rios, o recolheram e o transportaram para uma gruta da Arábia. E lá o menino crescia e se tornava cada vez mais belo. Era adolescente quando Vênus o viu. Apaixona-se loucamente por êle. Um dia, apresentou-se ao jovem inexperiente e ensinou-lhe o amor. O deus Marte, porém, amante de Vênus, percebeu êsse amor apaixonado de Vênus por um mortal, e encheu-se de ciúmes e despeito. Levado por êsses sentimentos, resolveu vingar-se: inspirou ao seu jovem rival o amor à caça. Adônis não mais descansou: atirou-se sem tréguas aos maiores perigos, enfrentando feras, escalando montes e penetrando densas florestas. Mas Vênus acompanhava-o por tôda a parte, velando por êle. Consegue, por fim, o juramento de jamais se afastar dela. Numa tarde calmosa, à sombra de belas árvores, Vênus adormece ao lado do seu jovem amante. Adônis, cuidando para não despertá-la, toma seu arco, esquecido do juramento, e lança-se sòzinho na espessura sombria e misteriosa do bosque. Ao deixar o atalho, depara-se-lhe enorme e feroz javali. A fera lança-se sôbre o despreocupado jovem e rasga-lhe mortalmente a virilha. Vênus, a quem Zéfiro levara a notícia, acorre em pranto. Chega e percebe que seu amante agoniza. Faz o possível para reanimá-lo, rasga seu véu, estanca o sangue, mas tudo em vão. Ao menos uma lembrança de Adônis ficará sôbre a terra: Vênus recolhe algumas gôtas de seu sangue e faz desabrochar a anêmona, flor efêmera da primavera, mas a primeira que surge quando o inverno foge. Absorvida na sua imensa dor, Vênus não percebera que do seu corpo lacerado pelos espinhos dos silvados e pelas pedras do chão, pingavam gotículas de sangue. Onde o sangue divino caía, aí nasciam rosas vermelhas. Adônis desceu ao reino das Sombras. Lá, sem querer, conquista o coração de Prosérpina. Indignada, Vênus corre a queixar-se com Júpiter. O pai dos deuses e dos homens vê-se em grandes embaraços. Por fim cede aos rogos de Vênus, e Adônis deve retornar à vida. A espôsa de Plutão, porém, nega-se a deixá-lo voltar à luz. Júpiter, não querendo descontentar as deusas, envia a questão ao julgamento de Calíope. O que a Musa decidir, será feito. Calíope, então, resolve que Adônis passará seis meses do ano com Prosérpina, no seio da terra, e seis meses sôbre a terra, em companhia de Vênus. Outra versão nos diz ter ficado estabelecido que Adônis passaria quatro meses nos Infernos, quatro meses com Vênus e durante o resto do tempo ficaria inteiramente livre. Em qualquer das versões, o simbolismo da germinação é transparente. *Adônias* eram festas instituídas em honra do jovem Adônis. Alguns dias antes dessas festas, punham em vasos grãos de germinação rápida; em pouco tempo nascia uma seara que logo fanava e morria: eram os jardins de Adônis, símbolo da existência efêmera do jovem amante de Vênus. O mito de Adônis é, sem dúvida, de origem oriental, e largamente difundido na Fenícia e

BIBLIOTECA

no Egito. Damascius (IV século da nossa era) afirma que Adônis não é nem grego nem egípcio, mas fenício. O nome *Adônis* é forma helenizada do vocábulo semita *Adon*, que significa "Senhor". Os mitógrafos identificam-no com Tammuz.

ADRASTÉIA — 1) Apelido de Nêmesis, a deusa da vingança. O nome significa "À que se não pode escapar".

2) Ninfa, irmã de Ida, e, como esta, ama de Júpiter.

ADRASTO — 1) Rei de Argos. Tideu, rei de Calidão, na Etólia, e Polinice, rei de Tebas, ambos expulsos de seus reinos, encontraram-se, certa vez, diante do palácio de Adrasto. Discutiram e chegaram às vias de fato. Atraído pelo rumor, Adrasto acorreu e reconhece nos dois lutadores os homens que o oráculo, outrora, havia designado como seus futuros genros. Reconcilia-os, dá-lhes suas filhas em casamento, promete a Tideu a sucessão do trono de Argos e a Polinice restabelecê-lo no trono de Tebas, indevidamente ocupado por Etéocles, seu irmão. Em conseqüência, prepara a famosa expedição contra Tebas, conhecida sob o nome de *Guerra dos Sete Chefes:* Polinice, Tideu, Anfiarau, Capaneu, Partenopeu, Hipomedonte e Adrasto. Anfiarau, cunhado de Adrasto e célebre adivinho, prevendo e predizendo a conseqüência fatal dessa guerra e a morte da maior parte dos reis, inclusive a sua, fêz o possível para evitar essa expedição. — V. ANFIARAU. — A expedição, contudo, se fêz, e, mau grado o valor dos sete chefes, a vitória permaneceu com os Tebanos. O adivinho Tirésias lhes havia predito a vitória, se Meneceu, filho de Creonte, tio dos irmãos inimigos (Polinice e Etéocles), consentisse em suicidar-se para salvar a pátria. Meneceu votou-se à morte e Tebas foi salva. Mas Etéocles e Polinice mataram-se mùtuamente em combate singular, sob as muralhas da cidade; todos os heróis argivos morreram no campo de batalha, e o próprio Adrasto só deveu sua salvação à velocidade do cavalo Arião, que obtivera de Hércules. Adrasto, refugiado em Atenas depois do desastre, com um pequeno número dos seus, obteve auxílio de Teseu e conseguiu voltar a seus estados. Alguns anos mais tarde, Adrasto formou nôvo exército. Marchou contra Tebas, conquistou-a e pilhou-a. Dez anos depois o infatigável Adrasto suscitou terceira expedição contra Tebas, cujo comando êle mesmo assumiu. Os sete filhos dos sete heróis de outrora, eram os chefes do exército. É a guerra chamada dos *Epígonos* ("Descendentes"). Mais uma vez a cidade foi conquistada e pilhada. Adrasto aí perdeu seu filho Egiáleo. O filho de Polinice, Tersandro, foi nomeado rei de Tebas.

2) Filho de Hércules.

3) Adivinho que se encontrava no cêrco de Tróia.

4) Rei da Frígia, que viveu no tempo da guerra de Tróia, e do qual Homero faz menção.

5) Rei dos Dáunios (de Dáunia, i. é, Apúlia), que Telêmaco matou, em punição à sua perfídia.

6) Troiano aprisionado por Menelau, que o ia libertar, quando, Agamenão sobreveio e matou-o.

7) Príncipe frígio. Tendo involuntàriamente matado o pai, refugiou-se na côrte de Creso, que o recebeu com muitas honras e o fêz preceptor de seu filho Átis. Adrasto, sem querer, feriu o jovem durante uma caçada. Cheio de desespêro, suicidou-se sôbre o túmulo de Átis.

AEDE — Uma das três Musas, irmã das quatro Musas primitivas.

AÉDON — 1) Filha de Pandareu, Efésio, Aédon desposou um artista da cidade de Cólofon, chamado Politecne. Os novos esposos foram felizes enquanto honraram os deuses. Mas, um dia, gabaram-se de que se amavam mais que Júpiter e Juno. A deusa, irritada, encarregou a Discórdia de desuni-los. Politecne, certa feita, foi a casa de seu sogro a fim de pedir a sua cunhada Quelidônia que fôsse visitar Aédon, que já andava saudosa da irmã. Politecne conduziu a cunhada, e, no caminho, desviando-se da rota, levou-a a um bosque e aí a violentou. Quelidônia referiu a irmã o ultrage sofrido e ambas, então, conceberam o horrível desígnio de dar a comer a Politecne o seu próprio filho Ítis. O pai, porém, sabedor do que se tramava, perseguiu a espôsa e a cunhada até a casa do sogro, junto do qual elas se haviam refugiado. Acorrentou Pandareu, esfregou-lhe mel no corpo nu e assim o expôs no campo. Aédon correu em socorro do pai e tratou de afastar as môscas e tavões que atormentavam o desgraçado velho. Ação tão louvável foi taxada de crime e Politecne estava a ponto de tirar a vida à mulher, quando Júpiter, comovido com as des-

graças da família, mudou-os a todos em pássaros.

2) Epíteto de Minerva entre os Panfílios.

AÉDONA — Mulher de Zeto, irmão de Anfião, teve sòmente um filho, Ítilo. Invejosa da família de Níobe, sua cunhada, resolveu matar o sobrinho mais velho. Aédona advertiu seu filho de mudar de lugar na próxima noite; mas o menino, esquecendo-se da recomendação materna, foi morto em lugar do primo. Aédona, reconhecendo seu engano, chorou tanto a morte do filho, que os deuses, compadecidos, a mudaram em pintassilgo. Homero faz Aédona filha de Pandareu e espôsa de Zeto. Alude a outra versão: Aédona opusera-se ao culto de Baco, ou Dioniso. O deus, por vingança, fê-la cair em demência, e ela, no seu desvairamento, matou o próprio filho, Ítilo. Depois foi arrebatada pelas Harpias, que a entregaram às Erínias. Por fim, os deuses compassivos a transformaram em rouxinol. É a *verde Aédon* da *Odisséia*.

AELA — A primeira Amazona que combateu com Hércules, quando êste quis arrebatar o cinturão de Hipólita.

AELO — 1) Uma das Harpias. Perseguida por Zetes e Cálais, afogou-se no Níger, rio do Peloponeso, o qual, em virtude da sua morte, passou-se a chamar-se Hárpis.

2) Um dos cães de Acteão.

AÉRIA — Antigo nome de Creta. Antigo nome do Egito.

AÉRIAS — Rei construtor do templo de Vênus, em Pafos, cidade a oeste da ilha de Chipre.

AÉROPA — Mulher de Atreu. Seduzida por Tiestes, irmão de seu espôso, dêle tornou-se amante, e teve dois filhos, dos quais Atreu serviu os membros a Tiestes, num banquete de reconciliação, e uma filha, Pelópia, a qual, unindo-se a seu próprio pai, deu à luz um filho, Egisto. Atreu foi morto por êste filho. — V. TIESTES.

AFAREU — 1) Pai de Linceu e de Ida.

2) Grego morto por Enéias sob os muros de Tróia.

3) Afareu ou Anfareu, Centauro, que, nas núpcias de Pirítoo, ia lançar sôbre o herói um ingente rochedo, quando Teseu lhe quebrou o braço com um golpe de maça.

4) Filho de Gorgófone e de Perieres e irmão de Leucipo e Arena, que êle desposou.

AFIDAS — 1) Um dos Centauros que combateram contra os Lápitas.

2) Filho de Arcas, rei da Arcádia, e da Ninfa Érato.

AFLIÇÃO — Em latim *aerumna*, era a Aflição ou Inquietação sempre acompanhada pelo Desgôsto e pela Dor; foi concebida pela Noite, sem que esta tivesse comércio com nenhum outro deus ou divindade.

ÁFRICO — Um dos principais ventos sudoestes que sopra da África para a Itália.

AFRODITE — Palavra grega que significa "Aquela que nasceu da espuma do mar". Designa-se, com êsse nome, a deusa Vênus, saída do seio das águas do mar. — V. VÊNUS. — Como deusa do Amor, possuía Afrodite vários nomes: *Urânia*, deusa do Amor celeste. *Pandemos*, deusa do Amor vulgar. *Nínfia*, deusa do casamento. *Hetaira*, deusa do amor venal ou das cortesãs. O cortejo de Afrodite compreendia as três *Cárites* ou *Graças*: Aglaia, Eufrosina e Talia.

AGAMEDE — 1) Irmão de Trofônio, filho de Ergino ou de Apolo e de Epicasta. Foi habilíssimo arquiteto. Construiu com seu irmão o templo de Apolo em Delfos e a tesouraria de Hirieu. Por meio de uma pedra que haviam deixado móvel, pilhavam os dois irmãos, diàriamente, o tesouro do príncipe. Como não se pudesse descobrir nem surpreender os ladrões, armou-se-lhes engenhosa armadilha, onde Agamede ficou prêso. Seu irmão não encontrou outro meio para se livrar da dificuldade, senão o de cortar-lhe a cabeça, deixando o tronco prêso no interior da caixa-forte. Assim, prenderam um ladrão, mas sem saber quem fôsse. Algum tempo depois, a terra abriu-se sob os passos de Trofônio e o engoliu vivo. — V. TROFÔNIO.

2) Princesa de rara beleza, filha mais velha de Augeus. Esposou Múlio, general da cavalaria dos Epeus, morto por Nestor no assédio de Tróia.

AGAMENÃO — Um dos dois Atridas (o outro é Menelau). É difícil separar a história dos dois irmãos. Netos de Pélops, foram adotados por Atreu, seu tio, rei de Micenas, a quem o pai, Plístenes, ao morrer, os confiara. Daí o nome de *Atridas*. À morte de Atreu, Tiestes, seu irmão, tendo usurpado o trono de Argos, sôbre o qual Agamenão deveria montar, obrigou a êste a refugiar-se na côrte de Tíndaro, rei de Esparta, cuja filha Clitemnestra, irmã de

Helena, espôsa de Menelau e causa da guerra de Tróia, esposou. Alguns anos após, com o auxílio de Tíndaro, conseguiu expulsar Tiestes e ocupar o trono de Micenas. Enfim, quando Menelau, ultrajado na sua honra conjugal, apelou para todos os reis da Grécia, Agamenão tomou em suas mãos a causa do irmão e preparou exércitos a fim de sitiar Tróia, donde voltaria para sofrer no seu próprio palácio morte trágica e inesperada. O nome de Agamenão está intimamente ligado à guerra de Tróia. Nomeado, a suas próprias instâncias e com arranjos que o não honram, general em chefe da expedição, chegou a Áulis, pôrto da Beócia, sôbre as bordas do Euripo, e se dispôs a enfrentar o mar com tôdas as suas tropas. Ora, enquanto a frota esperava o sinal de partida, Agamenão, num louco e insensato orgulho, ousa gabar-se de ser caçador mais hábil que Diana, ajuntando que matara uma cerva num bosque consagrado à deusa. Diana não contém sua cólera. Ordena ao deus dos Ventos que encarcere todos seus súbditos. Vem a calmaria e a partida não se realiza. Recorrem, então, ao oráculo e o adivinho Calcante interpreta a vontade divina: os ventos tornarão a soprar favoràvelmente, se sacrificarem, no altar de Diana, Ifigênia, filha de Agamenão e Clitemnestra. A princesa achava-se em Micenas, junto à mãe, em companhia das irmãs Crisotêmis e Electra, e do jovem irmão Orestes. Era necessário, antes de tudo, trazê-la a Áulis. Após muitas hesitações, o rei, cedendo à pressão de Menelau e do engenhoso Ulisses, e não menos ao desejo de glória que o possuía, decide-se a mandar buscar a filha. Como pretexto, declarou que a jovem seria dada em casamento a Aquiles, antes da partida da flotilha. Ifigênia, felicíssima, veio confiante. Calcante conduziu-a ao altar do sacrifício. Diana, a inexorável, sentiu piedade da virgem. No momento em que o cutelo do sacrificador ia rasgar as carnes de Ifigênia, a deusa substituiu-a por uma cerva e transportou-a para a Táurida. Os ventos novamente sopram e a frota pôde prosseguir sua derrota. Desembarcaram nas margens da Tróia. Mas o assédio de Tróia deveria durar dez anos, e, por duas vêzes, Agamenão desencorajado, propôs levantar o cêrco e retornar às saudosas terras da Grécia. No segundo ano de campanha, Agamenão entra em rixa com Aquiles, por causa da sua mais bela escrava, Briseis, — V. BRISEIS — e o impetuoso rei dos Mirmidões afasta-se do combate, trazendo como conseqüência, funestas derrotas para os Gregos. — V. ILÍADA. — Reconciliam-se os dois chefes após a morte de Pátroclo, amigo de Aquiles, e os Troianos, abandonados dos deuses, experimentam sucessivas derrotas. Destruída a cidade de Tróia, os reis repartem os despojos. Agamenão reclama para si Cassandra, a mais bela filha do rei Príamo, dotada do dom profético, e Hécuba, bela como Vênus. Cassandra, comovida com a nobreza de alma de seu senhor, suplica-lhe que não retorne a Micenas e que se afaste de Clitemnestra. Infelizmente, as predições de Cassandra, por obra de Apolo, jamais seriam tidas por verídicas. Agamenão não creu nela e seguiu seu funesto destino. — V. CASSANDRA. — A rainha Clitemnestra não podia esquecer a morte de sua filha predileta, e guardava de seu bárbaro espôso, ódio invencível. Uniu, pois, seu ódio ao rancor de Egisto, de quem se tornara amante na ausência do marido. Quando Agamenão regressou, foi acolhido de braços abertos. Ofereceram-lhe, segundo o uso, um banho para descansar seus fatigados membros. Durante o banho lançam-lhe uma rêde e matam-no a golpes de machado. A seguir, Orestes, seu filho, vinga-se matando Egisto. — V. EGISTO. V. ORESTES.

AGANIPE — Fonte ao pé do monte Helicão, na Beócia. Era consagrada às Musas e suas águas enchiam de poético entusiasmo todos aquêles que dela bebiam. Surgira, como a fonte Hipocrene, sob a pata de Pégaso. Conforme outra versão, talvez mais autorizada, Aganipe era filha do rio Permesso, na Beócia, cujas águas, consagradas a Apolo e às Musas, passavam por inspirar os poetas. Essa Ninfa foi metamorfoseada na fonte que tomou seu nome.

AGAVE — Filha de Cadmo e de Hermíona. Desposou Equíon, rei de Tebas, do qual teve Penteu, que sucedeu a seu pai no trono. Baco, para vingar-se de Penteu, que não o quisera reconhecer como deus, nem receber seus mistérios, inspirou tão grande furor a Agave e às suas tias Ino e Autônoo, que o puseram em pedaços, no decurso das orgias.

AGELAU — Nome do pastor real a quem Príamo, rei de Tróia, dera ordens para matar Páris, seu filho, recém-nascido, a

fim de fugir ao oráculo que profetizara causar aquêle menino, um dia, a ruína da sua pátria. Comprado pela rainha Hécuba, Agelau não matou o menino, mas salvou-o. Efetivamente, mais tarde, com o rapto de Helena, Páris provocou a ruína da sua pátria. — V. PÁRIS.

AGÉLIA — Epíteto de Minerva, considerada como deusa da guerra.

AGENOR — 1) Rei da Fenícia, filho de Netuno e de Líbia. Desposou Telefassa, e dessa união nasceram Europa, Cadmo, Fênix e Cílix. Após o rapto de Europa por Júpiter, Agenor ordenou a seus três filhos que a fôssem procurar e que não voltassem sem ela. Cadmo fundou a cidade de Tebas. — V. CADMO.

2) Um dos cinqüenta filhos de Egito.

3) Filho de Anfião e Níobe.

4) Filho de Antenor, morto sob os muros de Tróia.

ÁGIS — 1) Lício morto por Valero, guerreiro rútulo.

2) Rei de Esparta.

3) Irmão de Agesilau.

AGLAIA — 1) Filha de Vênus e de Júpiter. Aglaia, "A Brilhante", era uma das três Graças, a mais jovem, que desposou Vulcano.

2) Mulher da qual Hércules teve dois filhos, Antíades e Onésipo.

AGLAOFONE — Nome de uma Sereia. O nome grego exprime a doçura da voz e o encanto das suas palavras.

AGLAURA — 1) Filha de Erictônio, rei de Atenas. — V. ERICTÔNIO.

2) Filha de Cécrope. Foi transformada em pedra por Mercúrio, por haver transtornado o amor do herói com a sua irmã Herse. — V. HERSE.

ÁGRON — 1) Filho de Eumelo. Ágron, de concêrto com suas irmãs Mérope e Bissa, desprezava todos os deuses, exceto a Terra. Mercúrio, Diana e Minerva, irritados com tal impiedade, vieram convidá-lo a sacrificar a essas mesmas três divindades. Ágron e suas irmãs responderam aos deuses com blasfêmias, e foram, então, transformados em pássaros.

2) Rei da Lídia, descendente de Hércules.

AIDONE — V. AÉDONA.

AIDONEUS — Aidoneus ou Hades, "O Invisível", é o filho de Cronos e de Réia, e irmão de Zeus e Poseidon. Deus sombrio e feroz, quase nunca abandona seu tenebroso reino. Partilha o poder com a filha de Deméter, Core, que foi por êle raptada, tomando, então, o nome de Perséfone. Outra versão: Aidoneus ou Hades, rei dos Molossos, aprisionou Teseu, por ter êste querido, em companhia de Pirítoo, arrebatar sua filha Prosérpina. Como Plutão é chamado *Hades* ou *Aidoneus*, surgiu a fábula que diz ter Teseu descido aos Infernos para raptar a espôsa dêsse deus. — V. TESEU.

AIO LOCÚCIO — Deus das palavras, entre os Romanos. Tornou-se conhecido, em Roma, da seguinte maneira: Cedício, homem do povo, veio dizer aos tribunais que caminhando só, à noite, pela rua, havia ouvido uma voz mais forte do que a de homem, que lhe ordenara de advertir os magistrados sôbre a próxima vinda dos Gauleses. Cedício, sendo homem da plebe, sem nenhuma importância, e sendo os Gauleses uma nação muito distante, ninguém fêz caso do aviso. Entretanto, no ano seguinte, Roma foi conquistada pelos Gauleses. Logo que os Romanos se viram livres de seus inimigos, Camilo, para expiar a falta de não terem atendido à voz noturna, ergueu um templo em honra do deus *Aius Locutius*, também denominado *Aius Loquens*, na rua Nova, no local mesmo onde Cedício ouvira a voz.

ÁJAX — 1) Filho de Oileu, rei dos Locros, de Opunte, era um dos mais valentes e intrépidos Gregos que sitiavam Tróia. Por outro lado, distinguia-se pela brutalidade e desprêzo às divindades. De talhe pequeno, hábil atirador de arco e perito no manejo da pesada lança, era, depois de Aquiles, o mais rápido na carreira. No seu retôrno de Tróia, naufragou, e Minerva, armada com raios, fulminou-o sôbre os rochedos, onde se acolhera "mau grado os deuses".

2) Filho de Telamão, rei de Salamina, e irmão de Teucro. Ájax conduziu os Salamínios a Tróia, numa frota de doze navios. De coração nobilíssimo, terrível no combate, ultrapassava por uma cabeça os mais altos guerreiros. Depois de Aquiles, consideravam-no o mais valoroso chefe. Lutou um dia inteiro com Heitor, em combate singular, e feriu-o no pescoço, lançando-lhe um enorme rochedo. Separaram-nos e êles deram-se mùtuamente presentes que a ambos seriam funestos. Depois da morte de Aquiles, Ájax disputou com o solerte Ulisses as armas do grande guerreiro, na presença de todos os chefes.

Foi vencido pela eloqüência persuasiva do astuto filho de Laertes. Acometido de súbito furor, precipitou-se raivosamente contra os rebanhos que abasteciam o exército grego, que êle cria serem soldados, e massacrou grande número de inofensivos carneiros. Voltando a si, e vendo-se objeto da zombaria geral, lançou-se sôbre a espada, dom de Heitor, e assim se suicidou. Do seu sangue nasceu uma flor purpúrea, trazendo nas pétalas as lêtras *A* e *I*, iniciais do seu nome, e cuja prosódia é a expresasão de um suspiro. — V. em JACINTO outra versão da origem dessas lêtras. — Telamão, seu pai, vingou a morte do filho, destruíndo os navios de Ulisses, autor indireto da morte do valoroso Ájax, no dia em que o ardiloso herói passou diante de Salamina. — V. TELAMÃO.

ALASTOR — 1) Epíteto de Júpiter como punidor dos perversos.

2) Um dos cavalos de Plutão.

3) Filho de Neleu, irmão de Nestor.

4) Um dos companheiros de Sarpedão, morto por Ulisses.

5) Um dos capitães gregos que muito se assinalou no cêrco de Tróia.

ALBA — Nome de um rei de Alba Longa.

ALBA LONGA — A cidade mais antiga do Lácio, e capital do primitivo Lácio, não longe do lago Albano, metrópole de Roma, destruída por Túlio Hostílio.

ALBÂNIA — Região da Ásia, ao sul do Cáucaso, em ambas as margens do Kur e do Aras. Os primitivos habitantes de Albânia eram oriundos de Alba, donde saíram conduzidos por Hércules, após a derrota de Gerião.

ÁLBION — Álbion e Bérgion eram temíveis Gigantes, filhos de Netuno. Tiveram a audácia de atacar Hércules e quiseram impedi-lo de passar o Ródano. Hércules já esgotara suas flechas contra os Gigantes, quando Júpiter, vindo em seu socorro, abateu-os com violento granizo.

ÁLBULA — Antigo nome do rio Tibre; outro Álbula era o afluente do Ânio, hoje Solfatara de Tivoli.

ALCANDRA — Mulher de Pólibo, habitante de Tebas do Egito, e que fêz presentes a Helena.

ALCANDRO — 1) Adivinho, filho de Munico.

2) Nome de um Troiano.

3) Nome de um companheiro de Enéias.

ALCANOR — 1) Nome de um Troiano.

2) Príncipe troiano, pai de Pândaro e de Bícias.

3) Irmão de Méon, capitão latino.

ALCÃO — Filho de Astreu.

ALCÁTOO — 1) Filho de Pélops. Suspeitando ter participado da morte de Crisipo, seu irmão, — V. CRISIPO — cheio de mágoa retirou-se para Mégara, cidade que êle fundou, onde matou um leão que devorara o filho do rei. Em reconhecimento dêsse fato, deu-lhe o monarca sua filha em casamento e fê-lo seu sucessor no trono.

2) Filho de Partáon, morto por Tideu.

3) Troiano que desposou Hipodâmia, filha de Anquises, e foi morto por Idomeneu.

4) Príncipe troiano, morto por Cédico, capitão latino.

ALCÊSTIDE — Filha de Pélias e espôsa de Admeto, rei da Tessália. — V. ADMETO.

ALCEU — 1) Filho de Perseu e pai de Anfitrião, rei de Tebas, cuja espôsa, Alcmena, concebeu, de Júpiter, o grande Hércules. — V. HÉRCULES. — Hércules, não raro, é denominado pelo patronímico *Alcides*.

2) Filho de Hércules, foi o primeiro dos Heraclidas.

3) Neto de Hércules e pai do primeiro rei da segunda dinastia dos Lídios.

ALCIÃO — Gigante irmão de Porfirião. Júpiter, tendo ordenado a Hércules que o matasse, êste conseguiu deitá-lo por terra várias vêzes, mas logo que Alcião tocava a Terra, sua mãe, levantava-se com nôvo alento, cada vez mais terrível e formidável. Palas, então, pegou o Gigante pelo meio do corpo e levou-o acima da lua, onde finalmente expirou. Sete donzelas, suas filhas, de desespêro precipitaram-se no mar e foram convertidas nas aves que hoje trazem o nome de seu pai. O alcião é consagrado a Tétis.

ALCIDES — 1) Nome patronímico que designa Hércules, neto de Alceu.

2) Epíteto de Minerva.

3) Deuses tutelares em Lacedemônia.

ALCINO — Herói em honra do qual se ergueram vários monumentos na Grécia.

ALCINOO — Rei da ilha dos Feácios, hoje Corfu, e pai de Nausícaa e filho de Nausítoo ou de Féax. Desposou sua sobrinha Arete. Possuía jardins magníficos, louvados por Homero na rapsódia VII. Alcínoo, quando Ulisses aportou nas costas da ilha dos Feácios, recebeu-o com muita

bondade e forneceu ao herói um navio que o reconduziu a Ítaca. — V. ODISSÉIA.

ALCÍONE — 1) Filha de Éolo.

2) Uma das sete Atlântidas, filha de Atlas, que formam a constelação da Plêiade.

3) Epíteto dado a Cleópatra, filha de Idas e de Marpessa, para conservar a lembrança do rapto de sua mãe por Apolo.

ALCIONEU — 1) Gigante que Minerva enfrentou, não obstante seu talhe monstruoso. — V. ALCIÃO.

2) Gigante que arrebatou doze carros ricamente carregados, enviados a Hércules, quando êste herói atravessava o istmo de Corinto com os bois de Gerião. Alcioneu, com uma pedra, esmagou vinte e quatro pessoas da comitiva de Hércules, e alguns bois. O herói, com a sua maça, aparou outra enorme pedra que lhe fôra jogada, e esmigalhou o temível Gigante.

ALCIPE — 1) Filha de Marte, foi raptada por Alirótio, que a violentou. Marte, para vingar sua filha, matou Alirótio, que era filho de Netuno. Êste, desolado com a morte do filho, citou Marte a julgamento, diante de um conselho composto de doze deuses. O local onde se reuniram para o julgamento, passou, depois, a chamar-se Areópago, "Colina de Marte". — V. AREÓPAGO.

2) Filha de Enomau, mulher de Eveno e mãe de Marpessa.

3) Filha do Gigante Alcião.

4) Amazona morta por Hércules.

5) Mulher de Métion e mãe de Eupálamo, pai de Dédalo.

6) Pastôra, em Vergílio e Teócrito.

ÁLCIS — 1) Nome sob o qual os Macedônios adoravam Minerva.

2) Um dos cinqüenta filhos de Egito, espôso da Danaide Glauce.

3) Filha de Antipeno e irmã de Androcléia.

4) Pai de Tísis, adivinho.

ALCÍTOE — Filha de Mínias. Por ter zombado das festas de Baco, foi transformada em morcêgo. — V. MINÊIDAS.

ALCMEÃO — Filho de Anfiarau e de Erífila, um dos epígonos. Por ordem do pai matou a própria mãe e depois disso ficou vagando algum tempo, errante e sem paradeiro, procurando alguém que o pudesse purificar do crime monstruoso que cometera, a fim de livrá-lo das Fúrias que o atormentavam sem cessar. Enfim Fegeu, rei da Arcádia, o admitiu à expiação e lhe deu em casamento sua filha, Arsínoe ou Alfesibéia, a qual Alcmeão fêz presente do colar que Erífila havia recebido como preço de sua traição. — V. ERÍFILA. — Mas essa primeira expiação mostrou-se insuficiente e Alcmeão foi novamente purificar-se junto de Aquelôo, pai de Calírroe, que êle desposou, desprezando seus compromissos com Arsínoe, de quem, a seguir, retomou o colar que lhe havia dado, para ofertá-lo à sua nova espôsa. Fegeu e Arsínoe ofenderam-se e irritaram-se grandemente com tal procedimento. Têmeno e Axião, porém, irmãos de Arsínoe, não puderam suportar a afronta inominável infligida à irmã, e, perseguindo Alcmeão, acabaram matando-o. Sua morte foi vingada por seus dois filhos, Acarnas e Anfóteros, que assassinaram, não sòmente os matadores do pai, mas também Fegeu e Arsínoe. — V. ANFIARAU.

ALCMENA — Mulher de Anfitrião, rei de Tebas, filha de Electrião, rei de Micenas, e de Anaxo ou de Lisídice. Sua beleza tornara-a famosa e casou-se com Anfitrião, sob a condição de êste vingar a morte de seu irmão morto pelos Teleboenses. Durante a ausência de Anfitrião, ocupado nessa expedição de vingança, Júpiter, maravilhado com a beleza de Alcmena, tomou os traços de seu marido e gozou dos direitos pertencentes a êste, durante tôda uma noite, tendo, antes, ordenado a Mercúrio que lhe prolongasse a duração. Anfitrião chegou no dia seguinte, e como se queixasse da frieza de Alcmena, a princesa, admirada, lembrou-lhe a longa noite de carícias que haviam passado, e lhe mostrou o copo que êle lhe havia dado como presente, objeto que fazia parte da prêsa de Anfitrião. Êste, extremamente surpreendido, e mais ainda por não encontrar o copo nos despojos, consultou o adivinho Tirésias, que lhe explicou o mistério. Alcmena deu à luz, num só parto, dois filhos, Hércules, de Júpiter, e Íficlos, de Anfitrião. Logo que Hércules foi pôsto no rol dos deuses, estando já Anfitrião morto, Alcmena instalou-se em Atenas, fugindo de Euristeu, perseguidor de seu filho. Mais tarde, retornou a Tebas, casou-se com Radamanto e morreu macróbia. — V. RADAMANTO. V. EURISTEU. V. GALÂNTIS.

ALECTO — A primeira e mais feroz das três Fúrias, filha de Aqueronte e da Noite.

BIBLIOTECA

Com a testa cingida de serpentes, acompanhada da Megera, sua irmã, vaga pelo interior do Tártaro atormentando sem cessar os criminosos, que ela flagela com serpentes e tochas ardentes.

ALECTRIÃO — Jovem favorito de Marte e confidente de seus amôres com Vênus. Enquanto o deus da guerra repousava nos níveos braços da deusa do Amor, Alectrião montava guarda, a fim de que o casal não fôsse surpreendido pela chegada do Sol. Uma manhã, contudo, Alectrião toscanejou e o Sol, erguendo-se, viu o par enlaçado. Imediatamente foi prevenir Vulcano, espôso de Vênus, que, lançando sôbre o casal uma rêde finíssima e de malhas solidíssimas, fêz vir todos os deuses para apreciar o inusitado espetáculo dos dois deuses despidos e envergonhados. Marte, furioso, transformou seu favorito em galo, e êste, a partir da fatídica manhã, trombeteia e anuncia, sem jamais se esquecer, a chegada do deus solar.

ALETES — 1) Filho de Egisto, morto por Orestes.

2) Filho de Icário e de Peribéia.

3) Troiano que acompanhou Enéias na Itália.

4) Descendente de Hércules; reconhecido como o primeiro dos Heraclidas que reinou em Corinto.

ALEXANDRE — Nome dado a Páris, filho de Príamo e raptor de Helena. O sentido do nome, tirado da palavra grega é "O *herói* (que) *rechaça* (os ladrões) e *defende* (os rebanhos)". — V. PÁRIS.

ALFESIBÉIA — V. ARSÍNOE.

ALFESIBEU — Nome de um pastor.

ALFEU — Caçador profissional, perseguiu longo tempo a Ninfa Aretusa, por quem loucamente se apaixonara. Aretusa fazia parte do cortejo de Diana. A deusa, por fim, metamorfoseou-o em rio, e Aretusa em fonte. Sempre apaixonado pela Ninfa, mesmo sob outra forma, Alfeu mistura suas águas com as da fonte Aretusa.

ALIATES — Rei da Lídia, pai de Creso.

ALMÃO — 1) Deus de um pequeno rio chamado também Almão, no território de Roma, e pai da Ninfa Lara.

2) Guerreiro latino, filho de Tirro, morto pelos Troianos.

ALOÍDAS — Oto e Efialto. Eram êsses dois irmãos famosíssimos Gigantes, filhos de Netuno e de Ifimedia. Orgulhosos da sua fôrça monstruosa, intentaram destronar Júpiter e ocupar seu lugar. O pai dos deuses, porém, fulminou-os e precipitou-os no Tártaro. — V. OTO. V. EFIALTO.

ÁLOPE — Filha de Cércion; teve, de Netuno, um filho, o qual, logo ao nascer a mãe embrulhou nas dobras do seu manto e o expôs, a fim de ocultar ao pai o conhecimento da sua fraqueza. Uma jumenta desgarrada ofereceu-lhe as tetas e o menino ficou mamando até que um pastor, testemunha dêsse prodígio, tomou o menino e levou-o para sua choupana. Algum tempo depois, o menino foi levado a Cércion, que, reconhecendo o manto da filha, matou-a logo. A jovem transformou-se em fonte. Cércion, novamente, expôs o neto. Outra jumenta, de nôvo, encarregou-se da sua alimentação. Então os pastôres, crendo ver nesse fato evidente manifestação da vontade divina, levaram-no e deram-lhe o nome de Hipótoo. — V. HIPÓTOO.

ALTAR (O GRANDE) — Em latim *Ara Maxima*, era o Grande Altar de dimensões prodigiosas, erguido perto do monte Aventino, pelos habitantes do lugar, em lembrança da vitória conquistada por Hércules contra o famoso assassino *Caco*. — V. CACO. V. HÉRCULES. — Tornou-se o Grande Altar um dos monumentos mais sagrados de Roma, e existia, ainda, no século IV da nossa era.

ALTÉIA — Filha de Téstio e mulher de Eneu, rei de Calidão. Altéia teve vários filhos, mas o mais célebre foi Meléagro. No seu nascimento, as Parcas declararam que o menino viveria enquanto durasse um tição que então ardia no fogão doméstico. Altéia apagou-o imediatamente e conservou-o com todo o cuidado. Mas quando Meléagro matou seus tios, irmãos de sua mãe, Altéia novamente jogou no fogo o tição semiqueimado. Ao extinguir-se o tição, Meléagro morreu. Altéia, já então arrependida, matou-se de desespêro. — V. MELÉAGRO.

ALTENO — Cunhado de Diomedes, Alteno foi escolhido para árbitro entre Diomedes e Dauno. Alteno pronunciou-se a favor de Dauno, cuja filha, Enipe, amava ardentemente. — V. DAUNO. V. DIOMEDES.

AMADA — Mulher do rei Latino e mãe de Lavínia. Quando percebeu que não poderia impedir o casamento de sua filha com Enéias, enforcou-se de desespêro.

AMALTÉIA — Ninfa filha de Melisso, rei de Creta. Alimentou Júpiter com leite

de cabra. — V. *Júpiter*. — Outra versão: Nome da cabra que, na ilha de Creta, alimentou Júpiter com seu leite, quando Réia, subtraindo o filho à voracidade de Saturno,

JÚPITER NOS BRAÇOS DA NINFA AMALTÉIA

confiou-o aos cuidados das Ninfas daquela ilha. — V. TITÃS. — Em reconhecimento dêsses bons ofícios, Júpiter, mais tarde, colocou a cabra Amaltéia no céu, em companhia dos seus dois cabritinhos, e deu um dos seus chifres às Ninfas, que dêle haviam cuidado. Êsse chifre teve, depois,

JÚPITER ALIMENTADO PELA CABRA ALMATÉIA

a virtude de se encher com tudo aquilo que o possuidor desejasse. Chamam-no *Côrno da Abundância*, ou *Cornucópia*, e tornou-se o símbolo da abundância em geral. — V. AQUELÓO, onde há outra versão a respeito da origem do *Côrno da Abundância*.

AMARÍLIS — Nome de pastôra.

AMARINTIDE — Epíteto de Diana, a quem foi consagrado um templo em Amarinto.

AMASENO — Pequeno rio do Lácio.

AMASTRO — Aliado de Perseu e inimigo de Eetes. Foi morto por Argo, filho de Frixo.

AMAZONAS — Mulheres guerreiras da Capadócia, sôbre as margens do Termodonte, na Ásia Menor. Eram governadas por uma rainha e não permitiam no seu reino a presença de varão. Anualmente elas se entregavam a uniões sexuais com homens, contanto que a Amazona tivesse, pelo menos, matado já três inimigos. Es-

AMAZONA
(*Museu do Vaticano*)

sas uniões eram passageiras, não duravam mais que uma noite. Os filhos resultantes dêsse comércio tinham destino muito diverso: se eram mulheres, criavam-nas com extremo cuidado; se eram varões, matavam-nos ou estropiavam-nos ou devolviam-nos aos pais. Ao completar a Amazona oito anos, queimavam o seio direito, a fim de que pudesse atirar o arco e manejar a espada ou a lança com mais facilidade e desembaraço. Daí o nome *Amazona*, que significa "Sem seio". Na guerra de Tróia, as Amazonas prestaram ajuda a Príamo,

sob a chefia da rainha Pentesiléia, que foi morta por Aquiles. — V. AQUILES. — Combatidas por Belerofonte, depois por Teseu, foram quase que inteiramente exterminadas por Hércules, quando o herói, por ordem de Euristeu, veio raptar de Hipólita, outra rainha das Amazonas, o seu boldrié e o seu véu. — V. TRABALHOS DE HÉRCULES.

AMBARVÁLIAS — Festas que se realizavam na Itália, no mês de maio; consistiam em procissões ao redor dos campos, renovadas durante três dias consecutivos, a fim de conciliar a graça de obter boas e opimas colheitas.

AMBRÁCIA — Cidade do Epiro meridional, sôbre a baía de Ambrácia; hoje, Arta.

AMBROSIA — Palavra grega que significa "Imortalidade". É o alimento comum dos deuses. Sua virtude é que os torna imortais. Não se sabe ao certo se é líquido ou sólido. Convencionou-se, mas sem base incontestável, que o néctar seria bebida e a ambrosia alimento sólido. É nove vêzes mais doce que o mel. Se um mortal a tomasse, tornar-se-ia imortal.

ÂMICLAS — Cidade ao sudeste de Esparta, pátria dos Dióscuros.

ÂMICO — 1) Rei dos Bebrícios (de Bebrícia, região da Ásia Menor, posteriormente chamada Bitínia), era filho de Netuno e de Mélia. Foi morto por Pólux, a quem, imprudentemente, havia desafiado para o combate do cesto.

2) Outro rei dos Bebrícios, irmão de Hipólita, rainha das Amazonas. Tentando opor-se à passagem de Hércules, que ia combater sua irmã, foi morto pelo herói.

3) Centauro morto por Hércules.

4) Troiano que desposou Teano, irmã de Hécuba. O filho dessa união foi Mimas.

5) Companheiro de Enéias, morto por Turno.

AMINTAS — Nome de pastôres, em Vergílio.

AMINTOR — 1) Rei dos Dólopes (povo da Tessália que habitava a Dolópia). Foi morto por Hércules em virtude de ter negado permissão ao herói de passar por seus domínios.

2) Um dos cinqüenta filhos de Egito.

3) Pai de Fênix.

AMITÁON — Irmão de Éson e de Feres, e pai de Melampo.

AMITERNO — Cidade do país dos Sabinos, um dos povos mais importantes da Itália antiga. Habitavam a Sabínia, situada no centro da Itália, a nordeste de Roma.

ÂMON — Também existe a forma *Hâmon*. Epíteto de Júpiter. Baco, estando a ponto de morrer de sêde, na Arábia deserta, implorou socorro a Júpiter, que lhe apareceu

JÚPITER ÂMON
(*Busto do Museu de Nápoles*)

sob a forma de carneiro, o qual, escarvando a terra com a pata, fêz brotar uma fonte de água cristalina. Nesse local erigiram um templo a Júpiter que foi invocado como *Âmon*, por causa das areias que o circundavam. Os povos da Líbia, sob êsse nome, erigiram a Júpiter magnífico templo no deserto, a ocidente do Egito. Consultavam-se aí os oráculos do deus representado sob a efígie dum carneiro. Júpiter Âmon era particularmente adorado em Tebas, no alto Egito. Tinha, também, o nome de Âmon o barco sagrado dos Atenienses.

AMOR — V. EROS, V MORTE.

Diziam os antigos que as feridas causadas pelo Amor eram mortais. Anacreonte: "Caminhavam o Amor e a Morte, cada um a seus intentos, e vieram ambos a fazer noite e albergar na mesma estalagem; levantaram-se muito cedo para continuar seus caminhos, e como havia ainda pouca luz, sucedeu que as aljavas se trocaram; e porque Amor levou as setas da Morte, daqui veio que dali por diante as suas feridas foram mortais."

ÂMPELO — Filho de um Sátiro e de uma Ninfa. Foi amigo de Baco. Âmpelos significa "vinha".

AMPICIDES — Filho de Âmpico, o famoso mágico Mopso.

AMPICO — Sacerdote de Ares e músico. Foi morto nas núpcias de Perseu por Pétalo.

AMPIX — 1) Um dos Lápitas.

2) Guerreiro petrificado por Perseu, em virtude da cabeça da Medusa.

AMÚLIO — Filho de Procas. Destronou seu irmão Numitor, rei de Alba, e tomou posse do reino. Foi morto pelos sobrinhos Rômulo e Remo.

ANA — 1) Irmã de Dido, rainha de Cartago, e de Pigmalião. Seguiu Dido quando esta fugiu para a África, e assistiu a seus últimos instantes. — V. ENEIDA. — Depois da morte de Dido cedeu Cartago a Jarbas e se retirou para a ilha de Malta. Pigmalião, seu irmão, querendo tirá-la dêsse asilo, fugiu para a Itália, onde foi bem recebida por Enéias. Mas logo Lavínia enciumou-se. Remoendo em seu coração ferozes despeitos e ciúmes, Lavínia determinou desfazer-se da irmã da infeliz Dido. Ana, em sonho advertida pela irmã, fugiu durante a noite e jogou-se no rio Numício, onde se transformou em Ninfa. — V. ENÉIAS. V. DIDO. V. PIGMALIÃO.

2) *Ana Perena*, deusa que presidia os anos. Sua festa celebrava-se em Roma, no mês de março. Alguns mitólogos confundiram-na com Ana irmã de Dido, outros com Têmis ou Io ou uma das Atlântidas que haviam alimentado Júpiter.

ANACES — Nome grego que significa "Os Senhores" e designa os Dióscuros, Castor e Pólux.

ANADIÓMENA — Voz grega que significa "Aquela que saiu da água". Epíteto de Vênus.

ANÁPIS — Amante de Cíane. Quis defender Prosérpina contra Plutão e foi transformado em rio.

ANAXANDRA — Heroína reverenciada como deusa na Lacônia e na Ática.

ANAXARETA — Donzela de Salamina, muito formosa mas extremamente vaidosa. Vênus transformou-a em rochedo, por haver ela recusado, com desprêzo, o amor de Ífis.

ANAXÁRETE — V. ANAXARETA.

ANCEU — Rei da Arcádia, filho de Netuno e Astipaléia. Conforme outros, era filho de Netuno e de Alta. Conta-se em o número dos Argonautas. Sucedeu a Tífis na função de pilôto do navio Argo. No seu regresso da Cólquida, dedicou-se à cultura da vinha. Como maltratasse seus vinhateiros, um dêles disse-lhe que jamais beberia do vinho da parreira na qual êle, no momento, o obrigava a trabalhar. Zombando da predição, Anceu mandou imediatamente levar os racimos daquela videira para o lagar. E êle já levava aos lábios a taça cheia daquele vinho nôvo, quando lhe vieram à pressa dizer que um javali devastava seu parreiral. No mesmo instante depôs a taça de vinho e correu a fim de expulsar o animal. O javali, porém, lança-se sôbre êle e o mata.

ANCILE — Escudo sagrado, chanfrado de ambos os lados, que se dizia ter caído do Céu, no tempo de Numa Pompílio, e ao qual estavam ligados os destinos de Roma. A fim de impedir que o roubassem, Numa Pompílio ordenou que fizessem onze outros exatamente iguais, de tal modo que se tornava impossível reconhecer o verdadeiro. Confiou a guarda dêsses doze escudos a doze sacerdotes que êle criou para êsse fim e que se chamaram *Sálios*. — V. ESSA PALAVRA.

ANCIRA — Cidade da Grande Frígia, hoje Angora.

ANDRÉMON — 1) Pai de Anfisso, transformado em lótus ou loto.

2) Pai de Toante, guerreiro eólio, que combateu na guerra de Tróia.

ANDROCLÉIA — Tebana, filha de Antipeno. Com sua irmã Álcis, devotou-se de corpo e alma à salvação da pátria. Iniciada a guerra entre os Tebanos e os Orcomênios, e consultado o oráculo, declarou êste que os Tebanos obteriam a vitória se aquêle que fôsse de sangue mais nobre quisesse sacrificar-se por seus concidadãos. Antipeno, que era visado pelo oráculo, recusou sacrificar-se. Androcléia e Álcis, então, corajosamente, imolaram-se pela salvação da pátria. Os Tebanos fizeram-lhe magníficas exéquias e prestaram-lhe grandes honras após sua morte.

ANDRÓFONA — Nome que significa "Matadora de Homens" ou "Homicida". Epíteto de Vênus, por ter feito perecer grande número de Tessálios, em punição pela morte de Laís. — V. LAÍS.

ANDRÓGEO — V. ANDROGEU.

ANDROGEU — Filho de Minos e de Pasífae. Visitando Atenas durante as festas Panatenéias, aí combateu nos jogos com tanta habilidade e perícia que conquistou todos os prêmios. A juventude de Atenas

ASBAC - SP
BIBLIOTECA

e Mégara, invejosa de tal sucesso, tirou-lhe a vida. Minos, para vingar a morte do filho, cercou a cidade, tomou Atenas e Mégara e impôs aos vencidos as mais duras condições. — V. MINOTAURO.

ANDRÔMACA — Filha de Eecião, rei de Tebas, na Cilícia, casou-se com Heitor. É uma das mais nobres figuras da antigüidade. Amava seu espôso com fidelidade e resignação, sentimentos assaz raros no politeísmo antigo. Essa profunda afeição conjugal revelou-se com incomparável beleza na cena do adeus junto às Portas Ocidentais. No decorrer do assédio de Tróia, Andrômaca viu perecer seu pai e seus sete irmãos, imolados por Aquiles, depois sua mãe, depois Heitor e por fim seu filho Escamândrio, a quem o povo dera o nome de Astíanax, que quer dizer "Rei da Cidade", e na verdade o era, porque só por causa dêsse menino, Heitor havia de defender Tróia. Escamândrio foi morto por Ulisses, que o arremessou do alto de uma tôrre. — V. ASTÍANAX. — Andrômaca coube por sorte a Pirro, como escrava, na partilha final dos despojos de Tróia. Pirro era filho de Aquiles. Conduziu-a ao Epiro. Contra sua vontade tornou-se espôsa do seu senhor e lhe deu três filhos. Mas Pirro, vindo a desposar Hermíone, cedeu-a a Heleno, irmão de Heitor, seu cativo de guerra. Hermíone era filha de Menelau, que a havia prometido ao filho do grande Aquiles como recompensa dos seus serviços prestados à causa do seu pai. A nova espôsa de Pirro, enciumada, tentou exterminar Andrômaca. Para tanto, concertou com Orestes, seu primo, que a amava e que não se conformava de tê-la perdido, os planos para a morte de Andrômaca. Orestes, porém, matou Pirro e raptou Hermíone. Após a morte de Heleno, Andrômaca retornou para a Ásia com um dos filhos que tivera do rei do Epiro, e morreu em Pérgamo, depois de haver construído um soberbo monumento ao seu nunca assaz pranteado Heitor.

ANDRÔMEDA — Filha de Cefeu, rei da Etiópia, e de Cassiopéia. Sua mãe, ousando gabar-se de ser mais bela que Juno e as Nereidas, suscitou a ira de Netuno, que enviou um monstro marinho a fim de devastar o país. Consultado o oráculo de Ámon, a respeito dessa calamidade e sôbre os meios de apaziguar o deus dos mares, aquêle respondeu que para tal bastava expor Andrômeda ao furor do monstro. A jovem princesa foi ligada sôbre rochedos marinhos pelas Nereidas. Logo surgiu o monstro e estava já prestes a estraçalhá-la, quando Perseu, montado no Pégaso, petrificou o monstro mostrando-lhe a cabeça da Medusa. Perseu libertou Andrômeda, entregou-a a seu pai e por fim casou-se com ela. — V. PERSEU. — Andrômeda, depois da sua morte, foi posta no rol das constelações.

ANÊMONA — V. PÁRIS.

ANÉTOR — Fócio, pastor de Peleu. Foi o homem que lhe veio anunciar a carnificina feita em seus rebanhos por um lôbo furioso. — V. PELEU.

ANFIÃO — Filho de Júpiter e Antíopa, espôsa de Lico, rei de Tebas, injustamente repudiada pelo marido. — V. LICO. — Tinha um irmão gêmeo, Zeto. — V. ZETO. Expostos pela mãe sôbre o Citerão, onde eln os havia dado à luz, foram encontrados por um pastor. Anfião, dotado de uma lira por Apolo, fêz-se poeta e músico; Zeto tornou-se caçador. Alguns querem que a lira tenha sido dada por Mercúrio, do qual fôra discípulo. Quando jovens, o pastor que os criara julgou ser o momento favorável para revelar-lhes seu nascimento e sua prosápia. Contou-lhes que, Antíopa, sua mãe, fôra falsamente acusada de adultério por seu marido; que êste a expulsara e desposara Dirce; que Dirce, sob os cuidados da qual se encontrava a infeliz, mostrava-se má e cruel para com a sua prisioneira, e que não havia outro meio de libertar a desgraçada, senão a intervenção direta de Júpiter. Os dois irmãos, indignados com tanta barbárie, reunem uma tropa, marcham contra Tebas, massacram Lico, apoderam-se de Dirçe, amarram-na com sólidas cadeias aos chifres dum touro selvagem e o soltam através dos campos. Baco, condoído de Dirce, que sempre o honrara com culto particular, recolheu o cadáver e transformou-o numa fonte, que traz o seu nome. — V. DIRCE. — Os dois irmãos instalam-se no trono de Tebas e resolvem cercar a cidade de sólidas muralhas. Diz-se que a tarefa saiu fácil. Enquanto Zeto carregava sôbre os ombros imensos pedaços de pedra, Anfião, para dar-lhe ânimo, passou a tocar flauta. Para espanto de ambos, a pedra ingente, sòzinha, sensível aos encantos da música, veio colocar-se no devido lugar. Outras seguiram-na. E assim, pedra sôbre pe-

dra, a muralha foi edificada sem o auxílio de mão humana. Alguns anos mais tarde, Anfião embarcou com os Argonautas, com o fito de conquistarem o Tosão de Ouro. — V. ESSA PALAVRA. — À sua volta casou-se com Níobe, a soberba filha de Tântalo, rei da Lídia, que lhe deu quatorze filhos, sete meninos e sete meninas. — V. NÍOBE. — Com a morte trágica dos filhos e da mulher, Anfião ficou tão desesperado que se suicidou. De Zeto pouco se sabe. Conhece-se, apenas, o fato de terem os Dióscuros Tebanos um túmulo comum junto à cidade. Mais tarde foram colocados entre os astros.

ANFIARAU — Célebre adivinho, filho de Apolo e Hipermnestra. Desposou Erífila, irmã de Adrasto, rei de Argos. Quando seu cunhado preparou a expedição dos Sete Contra Tebas, recusou-se a tomar parte, vaticinando as desgraças que daí adviriam. — V. ADRASTO. — Anfiarau, por fim, para furtar-se a ir junto com a malfadada expedição, escondeu-se num lugar onde cria ninguém o poderia encontrar. Mas Erífila, sua espôsa, seduzida pelo "Colar de Harmonia", — V. HARMONIA — com que Polinice a presenteara, revelou o local onde o marido se escondera. Anfiarau toma parte. Segue com os guerreiros. Mas antes revelou ao filhinho, Alcmeão, a vil traição de que fôra vítima. Como previra, encontrou a morte diante de Tebas: perseguido pelo inimigo, fugia a galope na sua biga, quando, por ordem de Zeus, a terra abriu-se e engoliu-o vivo, juntamente com o carro. Alcmeão, seu filho, ao crescer, lembrado da ordem outrora recebida, para vingá-lo matou com suas próprias mãos a espôsa traidora, sua mãe.

ANFICTIÃO — Filho de Deucalião e Pirra. Instituiu os famosos "Conselhos de Anfictião", cujos decretos eram tão respeitados como as ordens dos deuses. — V. DEUCALIÃO. V. PIRRA. — Ensinou aos homens misturar água ao vinho e criou a Liga Anfictiônica. Era irmão de Heleno, rei da Ftia, e tio de Éolo e Doro, ancestrais das raças eólia e dória.

ANFILOCO — 1) Adivinho, filho de Anfiarau e irmão de Alcmeão. Acompanhou o irmão na segunda guerra de Tebas e ajudou a matar a mãe, Erífila. Tomou parte, igualmente, na guerra de Tróia. Ao regressar, fundou na Acarnânia a cidade de Anfilóquia.

2) Adivinho, filho de Alcmeão e de Manto, honrado como deus em Oropo, cidade da Beócia.

ANFIMACO — 1) Filho de Ctesto, morto por Hércules.

2) Chefe dos Cários, morto por Aquiles.

3) Rei dos Lícios, morto no cêrco de Tróia.

4) Filho de Polixena; nasceu depois da volta de seu pai da guerra de Tróia.

ANFIMEDONTE — 1) Um dos pretendentes de Penélope, morto à espada por Telêmaco.

2) Centauro.

3) Líbio morto por Perseu na côrte de Cefeu.

ANFITRITE — Filha do deus marinho Nereu e de Dóris. Tornou-se espôsa de Netuno e deu à luz Tritão. — V. TRITÃO. — Anfitrite não queria se casar com Netuno, e escondeu-se para subtrair-se às manifestações amorosas do deus. Um golfinho, porém, persuadiu-a a aceitar a côrte de Netuno. Ela assim fêz, e, depois de casada, sentiu-se tão feliz, que, por recompensa, colocou o golfinho entre os astros. Percorria seus vastos domínios equóreos ao lado do seu augusto espôso, num carro tirado por corcéis impetuosos e cabriolantes como as ondas. Foi, também, mãe de inúmeras Ninfas marinhas.

ANFÓTEROS — 1) Irmão de Acarnanes. — V. ACARNANES.

2) Troiano morto por Pátroclo.

ANFRISO — Pequeno rio costeiro da Tessália, em cujas margens Apolo, durante anos, apascentou os rebanhos de Admeto.

ANGÍCIA — Filha de Eetes e irmã de Medéia. Aprendeu dos Marsos, povo do Lácio, a arte de curar as feridas produzidas por picadas de serpentes. Tem, igualmente, o nome de *Anguitia*.

ANIGRO — Rio da Élida, de águas mal-cheirosas e prejudiciais à saúde. Nesse rio os Centauros feridos por Hércules foram banhar suas feridas.

ANIMAIS — Cada deus, em geral, tinha seu animal favorito. Alguns eram dedicados ao deus, com raríssimas exceções, sempre em virtude de algum fato histórico. A águia era consagrada a Júpiter, o pavão a Juno, a coruja a Minerva, o galo a Marte... Os antigos tinham o costume de consagrar aos deuses os animais domésticos; para êsse fim, deixavam-nos errar livremente ou metiam-nos à fôrça nos bosques. — V. CIRCE.

ÂNIO — 1) Rei de Delos e sumo-sacerdote de Apolo. Teve de Doripo três filhas, Eno, Espermo e Elais. Baco concedeu às jovens o dom de transformar tudo em que elas tocassem, a primeira em vinho, a segunda em trigo e a terceira em azeite. Agamenão, ao partir para Tróia, quis obrigá-las a seguir, visto que, com o auxílio delas, jamais haveria carência de provisões. Mas Baco, a quem elas recorreram, transformou-as em pombas.

2) Rio afluente do Tibre, hoje Teverone.

ANQUÊMOLO — Filho de Reto. Prêsa de violenta paixão por sua madrasta, violentou-a no leito paterno. O pai quis puni-lo, mas o jovem fugiu para a côrte de Turno.

ANQUISES — Rei dos Dárdanos, filho de Cápis e Têmis. Era de tão grande beleza, que inspirou violento amor a Vênus, da qual teve Enéias. Para sua desgraça, ousou vangloriar-se da sua ligação com Vênus, apesar da formal proibição da deusa. Júpiter lançou-lhe um raio; Vênus conseguiu afastá-lo, de sorte que mal lhe raspou a pele. Outros dizem que dessa aventura lhe veio hemiplegia. Quando foi da guerra de Tróia, estava tão velho que Enéias foi obrigado a carregá-lo nos ombros, a fim de poderem fugir da cidade em chamas. — V. ENEIDA. — Anquises acompanhou o filho em suas andanças e morreu com 80 anos em Drépano, na Sicília, antes de Enéias ter tocado a terra prometida, i. é, o Lácio. Foi sepultado sôbre o monte Érix, onde havia famoso culto de Vênus, sua amante. Enéias e Aceste ergueram-lhe um túmulo. Vergílio, no VI livro da Eneida, mostra-o nos Campos Elísios, desvelando a seu filho Enéias os destinos que o aguardavam e as glórias dos Romanos, seus descendentes.

ANTENOR — Príncipe troiano. Desposara Teano, da qual teve dezenove filhos, entre os quais se contam Agenor, Anteu, Arquíloco, Atamante, Laódoco... Durante dez anos, que tanto durou a guerra de Tróia, não cessou Antenor de aconselhar aos Troianos que entregassem Helena aos Gregos. Foi acusado de trair a sua pátria, porque, tendo reconhecido Ulisses disfarçado, não o prendeu nem o acusou. Após a destruição da cidade de Tróia, Antenor embarcou-se com os do seu partido e veio dar às costas da Itália, nas alturas dos Vênetos, onde fundou a cidade que teve seu nome e que depois foi chamada Pádua.

ÂNTEROS — Filho de Vênus e Marte. Palavra composta de *Eros*, Amor, Ânteros não só significa *contra-amor*, mas também *amor por amor*. É o deus do amor mútuo e vinga, igualmente, o amor desprezado. Vênus, queixando-se um dia a Têmis de que Eros, seu filho, permanecia sempre criança, respondeu-lhe a deusa que êle não cresceria enquanto Vênus não lhe desse um irmão. Foi nessa oportunidade que nasceu Ânteros, e Eros logo começou a crescer.

ANTEU — 1) Gigante da Líbia, filho de Netuno e da Terra. Jamais alguém conseguira vencer êsse lutador formidável. Quando caía, em contacto com sua mãe Terra, recobrava novas fôrças e erguia-se mais temível que antes. Todo estrangeiro que se aventurasse pelos seus domínios era constrangido a lutar com êle e tornava-se, fatalmente, sua vítima. Com os

LUTA DE HÉRCULES E ANTEU

crânios dos que abatera, elevou um templo, em honra de seus pais, de sessenta e quatro côvados (um côvado mede sessenta e seis centímetros) de altura. Quando Hércules passou pela Lídia, viu-se na contingência de lutar com o terrível Gigante. Por três vêzes Hércules arremessou-o ao solo, mas o Gigante sempre se erguia, cada vez mais feroz. Percebendo Hércules que o contacto da Terra fazia-lhe renascer as fôrças, levantou-o no ar e, apertando-o contra o peito, asfixiou-o.

2) Rei de Irasa, na Líbia. Propôs sua filha, Barca, como prêmio aos seus inúmeros amantes que a disputavam. Aquêle que ganhasse numa corrida, ganharia a môça.

3) Um dos chefes do exército de Turno.

4) Divindade adorada pelos habitantes de Âncio, cidade do Lácio, perto da foz do Tibre.

5) Mulher de Preto.

ANTEVORTA — Ninfa das fontes, profetisa. Antevorta, "Aquela que olha para a frente", era uma divindade latina que presidia aos acontecimentos passados. — V. POSTVORTA.

ANTIANIRA — Filha de Meneco, teve de Mercúrio dois filhos, Equíon e Êurito, que foram do número dos Argonautas. De Apolo gerou outro filho, Idmão, que também tomou parte na expedição dos Argonautas.

ANTÍCIRA — Cidade da Tessália meridional; outra Antícira, pôrto de mar da Fócida. Ambas estas cidades eram célebres por causa do seu heléboro, planta de cuja raiz se extraía remédio contra a loucura; a primeira, porque lá medrava excelentemente o heléboro, a segunda, porque aí se preparava melhor o referido remédio.

ANTÍCIRO — Aquêle que curou Hércules do seu furor por meio do heléboro; deu seu nome à Antícira.

ANTICLÉIA — Filha de Autólico e neta de Mercúrio. Desposou Laertes, rei de Ítaca, e foi mãe de Ulisses. Retirada na campanha com o rei seu espôso, que abdicara, aí se consumiu de pesar durante a longa ausência de Ulisses, morrendo antes do seu retôrno. Ulisses encontrou-a nos Infernos, quando foi consultar a sombra do adivinho Tirésias, e se entreteve com ela. Uma pérfida lenda, acolhida com júbilo pelos inimigos pessoais do astuto Ulisses, refere que Anticléia, noiva já de Laertes, tornara-se amante de Sísifo, o rei velhaco de Corinto, que estava de passagem na côrte de seu pai. Ulisses, o mais esperto dos mortais, seria o fruto dessa união.

ANTÍFATES — 1) Antepassado de Anfiarau.

2) Capitão grego morto no cêrco de Tróia.

ANTÍGONA — 1) Filha incestuosa de Édipo, rei de Tebas, e de Jocasta. Era irmã de Ismena, de Etéocles e de Polinice. Seu nome permanece como símbolo das virgens que por piedade filial se devotam ao cuidado dos pobres velhos, impotentes ou cegos. Antígona, com efeito, depois que Édipo, seu pai e seu irmão ao mesmo tempo, descobriu o horror da sua situação, seguiu o infortunado ao exílio, guiando seus passos incertos, reconfortando-o com palavras cheias de amor e acenando-lhe com a clemência dos deuses. — V. ÉDIPO. — Sua irmã, retida em Tebas pelos irmãos, só pôde encontrar-se com ela mais tarde. Quando Édipo morreu, quando morreram, vítimas voluntárias um do outro, Etéocles e Polinice, os *irmãos inimigos*, foi ainda Antígona que, escutando tão sòmente a voz do seu coração, ousou infringir a ordem bárbara de Creonte, seu tio, rei de Tebas, que proibira, sob pena de morte, que se desse sepultura a Polinice. "Vale mais — exclamou Antígona — obedecer aos deuses que aos homens." E sepultou seu infeliz irmão, não obstante as súplicas temerosas de Ismena. Por preço da sua dedicação fraterna, viu-se murada viva dentro dum cárcere subterrâneo. Diz-se que aí ela se estrangulou, a fim de escapar aos horrores de uma longa agonia. Antígona era amada de Hêmon, filho de Creonte, que se matou de desespêro à vista de seu pai. Uma outra versão refere que Ismena obteve a graça de partilhar o suplício da irmã. — V. POLINICE. V. JOCASTA.

2) Filha de Feres, mãe de Astério, um dos Argonautas.

3) Filha de Euritião. Levou como dote a Peleu a têrça parte do reino de seu pai; matou-se de desespêro ao ouvir a falsa notícia de que Peleu ia desposar Estérope, filha de Acasto.

4) Filha de Laomedonte. Juno transformou-a em cegonha, por ter ela afirmado ser mais formosa que a deusa.

ANTÍLOCO — 1) Filho do sábio Nestor e Eurídice. Fôra um dos pretendentes de Helena. No cêrco de Tróia, foi morto por Mêmnon, filho da Aurora. — V. MÊMNON. — Foi Antíloco o primeiro Grego que matou um Troiano, atravessando com a lança a cabeça de Equílopo.

2) Filho de Hércules, morto por Páris no assédio de Tróia.

3) Adivinho, filho de Anfiarau.

ANTÍMACO — 1) Um dos cinqüenta filhos de Egito. Desposou Idéia.

2) Centauro morto por Ceneu nas núpcias de Pirítoo.

3) Lápita.

4) Filho de Hércules e de Mégara, o qual o pai, num acesso de loucura jogou num braseiro.

5) Um dos capitães troianos, que, corrompido pelos presentes de Páris, impediu, por seus conselhos, que Helena fôsse restituída a Menelau.

ANTIO — 1) Poço junto ao qual Ceres, fatigada pela incessante busca de sua filha, repousou, sob a figura de mulher ve-

lha. Os filhos de Céleo encontraram-na nesse local e levaram-na a seu pai.

2) Vocábulo que significa "Florido". Epíteto de Baco, em Atenas e Patras, porque suas estátuas achavam-se, sempre, cobertas de uma veste ornada de flôres; ou, ainda, porque lhe faziam oferendas com as primeiras flôres da primavera.

ANTIOPA — 1) Filha de Nicteu. Foi célebre em tôda a Grécia por sua deslumbrante beleza. Teve de Júpiter dois filhos, Zeto e Anfiarau. — V. ANFIÃO. — Júpiter, para seduzi-la, tomou o aspecto de um Sátiro. Seu pai quis matá-la, mas Antíopa conseguiu escapar. A morte de Nicteu entregou-a a Lico, seu tio, que a abandonou aos cuidados de Dirce. Esta tratou-a com suma crueldade. Durante anos Antíopa sofreu as maiores torturas e os maiores vexames. Enfim Antíopa encontrou meio de se refugiar junto aos seus filhos que a vingaram com a morte de Dirce.

2) Rainha das Amazonas, também chamada Hipólita.

3) Filha de Éolo.

4) Filha de Téstio.

5) Espôsa de Piero, mãe das Piérides. — V. PIÉRIDES.

ANTIPENO — Pai de Androcléia e de Álcis. — V. ANDROCLÉIA.

ANTO — Filho de Amúlio.

ÂNXUR — Vocábulo que significa "Sem barba". Nome sob o qual Júpiter era adorado em Campânia, sobretudo em Ânxur, cidade dos Volscos.

ÂNXURO — O mesmo que Ânxur.

ÁON — Filho de Netuno. Obrigado a fugir da Apúlia, passou-se para a Beócia, onde se estabeleceu sôbre uma das montanhas que, de seu nome, passou a chamar-se *Aônia*.

AÔNIA — Nome poético da Beócia.

AÔNIDAS — As Musas, assim chamadas por causa dos montes da Aônia, onde eram particularmente veneradas.

AÔNIO — Epíteto de Baco e de Hércules, em virtude de serem naturais da Beócia, onde se elevam os montes Aônios.

APAMÉIA — 1) Cidade da Síria, não longe do Orontes, na altura de Laodicéia.

2) Cidade da Frígia, na confluência do Meandro e do Mársia.

3) Cidade da Bitínia.

APÍADES — Divindades cujos templos se achavam perto das águas ou das fontes do Ápio, em Roma. Contavam-se cinco: Vênus, Palas, a Concórdia, a Paz e Vesta. Elas tinham, também, templo comum, onde eram representadas a cavalo, como as Amazonas.

APOÉDIA — Divindade alegórica da Ignorância e da Grosseria, filha de Pã.

APOLO — Em grego *Foibos Apólon;* o nome procede da raiz *fós*, "luz" e do substantivo *bíou* "vida", *Luz da Vida*. Apolo não era só o deus do Sol, mas o próprio Sol. Tem como pais Júpiter e Latona. — V. PITÃO. — Irmão gêmeo de Diana, em grego *Febe*. É o mais radioso dos Imortais. Conduz o carro do Sol. — V. HIPÉRION. — Vivifica todos os sêres, mas, igualmente, queima e desseca tudo: deus fecundo e purificador. É, da mesma forma, o deus destruidor dos exércitos, mas sempre vitorioso. Deus da morte súbita. — V. ILIADA. V. NÍOBE. — Grande curador e médico, pai de Esculápio, calma as agitações do espírito e dá paz. Deus da harmonia e da música apaziguante e da inspiração poética. Comanda as Musas. Deus da profecia, inspira as Sibilas e Pitonisas, em Delos, Tênedos, Claros, Pátara, Cumas, sôbre o monte Palatino, e, ainda, em outros lugares menos importantes. Consultavam-no ao fundar uma nova colônia, ou ao decretar leis importantes. Apolo estava presente em todos os atos importantes da vida pública. Latona, fugindo às iras de Juno, deu à luz Apolo e Diana no monte Cinto, na ilha de Delos. Conta-se como sua primeira façanha, ter matado a serpente Pitão ou Píton, vingando, assim, sua mãe. — V. LATONA. — A pele do monstro serviu para cobrir o tripé profético sôbre o qual se assentava a Pitonisa. A alegria dessa vitória foi turbada pela morte de seu filho Esculápio, que Júpiter fulminou por haver ressuscitado Hipólito. Apolo, furioso, matou os Ciclopes que fabricavam os raios para Júpiter, com os quais o pai dos deuses havia ferido seu filho. Júpiter, irritadíssimo com tal audácia, expulsou-o do Olimpo. Reduzido à condição de simples mortal, Apolo refugiou-se junto de Admeto, rei da Tessália, que lhe confiou os seus rebanhos, fato que fêz com que mais tarde o adorassem como deus dos pastôres. Foi durante sua estada com Admeto, que êle inventou a lira, que se vingou do julgamento de Midas e que esfolou o Sátiro Mársias. Mercúrio, que lhe havia roubado os rebanhos, seu arco e flechas, obrigou-o

a ir servir Laomedonte, a quem auxiliou a erguer os muros de Tróia. Seu exílio e suas desgraças comoveram e abrandaram Júpiter, que, afinal, lhe restituiu sua divindade. Leucótoe, Dafne, Clítia e uma infinidade de outras mulheres foram objeto do seu amor. Tem o epíteto de "Pítico", em virtude de haver matado a serpente Pitão. Presidia aos concertos das Musas, e ora habitava com elas o monte Parnaso, o Helicão, o Piero, as bordas da fonte Hipocrene e do rio Permesso, ora emprestava nôvo encanto aos festins dos deuses, com os acordes suavíssimos da sua lira. Entre os animais estavam-lhe consagrados o galo, o corvo, o gavião, o cisne, a cigarra, o lôbo e o grifo; entre os vegetais, o loureiro, a oliveira e a palmeira. Considerado como deus solar, Apolo é representado com raios ao redor da cabeça, e percorre o Zodíaco num carro tirado por quatro cavalos brancos.

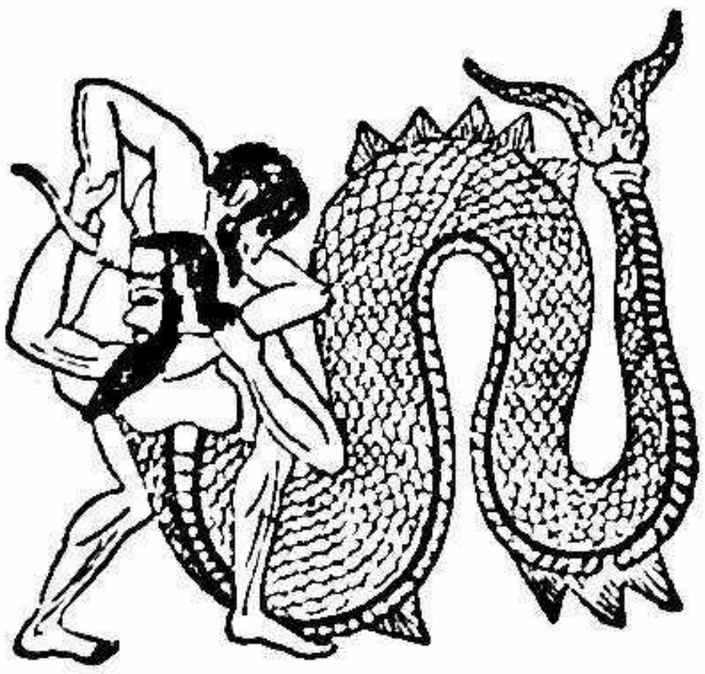
APÚLIA — Região do sudeste da Itália, cujo rio principal é o Áufido, hoje Ofanto.

AQUÉIA — 1) Epíteto de Palas, sob o qual tinha em Dáunia, na Apúlia, um templo guardado por cães, que faziam festa aos Gregos e agrediam furiosamente os estrangeiros.

2) Epíteto de Ceres, oriundo dos gemidos que ela deu quando lhe raptaram Prosérpina.

AQUELÓIAS — As Sereias, filhas de Aquelôo e de Melpômene.

AQUELÔO — Filho do Occano e de Tétis; conforme outros, do Sol e da Terra. Prêso aos encantos de Dejanira, ousou disputá-



LUTA DE HÉRCULES E AQUELÔO
(*Pintura num vaso*)

-la com Hércules. Foi vencido, e tomou a forma de serpente, sob a qual novamente viu-se derrotado; mudou-se, então, num touro ferocíssimo, mas não foi mais feliz: Hércules pegou-o pelos chifres, derrubou-o e arrancou-lhe um, fato que o obrigou a ir esconder sua vergonha no rio Toas, que, depois, se chamou Aquelôo. O vencido deu ao vencedor o chifre de Amaltéia em troca do que lhe fôra arrancado. Segundo outros, é o próprio chifre de Aquelôo que as Náiades apanharam, encheram de flôres e frutos e ofereceram à deusa Abundância. — V. AMALTÉIA.

AQUEMÃO — Irmão de Basalas ou Passalo, Cercope. Eram tão brigões e altercadores, que atacavam todos aquêles que encontravam. Sennon, sua mãe, os advertiu para que cuidassem em não cair nas mãos de um certo Melampígio, i. é, um homem de nádegas pretas. Um dia encontraram Hércules adormecido sob uma árvore, e logo o insultaram. Hércules agarrou-os, ligou-os pelos pés, amarrou-os à sua maça, com as cabeças para baixo, e pô-los sbre os ombros, bem como faz o caçador com a caça. Foi nessa grotesca e incômoda postura que ambos entraram a berrar: "Eis aí o Melampígio! Eis aí o Melampígio que nós deveríamos temer!." Hércules, ouvindo-os, pôs-se a rir e deu-lhes liberdade. — V. MELAMPÍGIO.

AQUEMÊNIDAS — Companheiro de Ulisses, abandonado na ilha de Polifemo; encontrou asilo na frota de Enéias.

AQUERÓIS — Espécie de choupo mítico que crescia às margens do Aqueronte. Por tal razão consagraram essa árvore aos deuses infernais, Plutão e Prosérpina.

AQUERONTE — Rio dos Infernos. Era filho do Sol e da Terra. Foi transformado em rio e lançado nos Infernos por ter dado água aos Titãs quando fizeram guerra a Júpiter. O Aqueronte é afluente do Estige. Suas águas eram amargas, lodosas e sempre borbulhantes. — V. INFERNOS.

AQUERÚSIA — 1) Lago perto de Heliópolis, no Egito, situado entre aquela cidade e o lugar destinado a inumação dos cadáveres. Para atingir tal lugar, era, pois, necessário atravessar o lago numa barca. Mas, antes de transportar os mortos, expunham-nos às margens do lago. Lá, a vida do defunto sofria severo e inexorável exame. E, segundo as boas ou más ações alegadas e provadas, era permitido ao bateleiro, chamado *Caronte*, ou receber os corpos na sua barca, ou privá-los das honras fúnebres, conforme prevalecessem as boas ou más ações. Os habitantes de Mênfis acreditavam que nas

margens do lago erravam multidões incontáveis de almas que não tinham nem vícios nem virtudes. Purificadas pelas águas do lago, eram, enfim, admitidas na região da paz eterna. Orfeu, que recolheu essas opiniões na sua viagem pelo Egito, levou-as para a Grécia, e assim, introduziu-se a fábula do rio infernal e de Caronte, o barqueiro dos Infernos. — V. CARONTE. V. INFERNOS.

2) Lago da Campânia, a pouca distância do Averno.

3) Península do Ponto, onde se localizava a famosa caverna Aquerúsia.

4) Caverna sôbre a borda do Ponto Euxino. Pretendia-se que ela comunicava com os Infernos, e os habitantes do lugar afirmavam ter sido por essa passagem que Hércules trouxera das regiões infernais o temível Cérbero.

AQUILÃO — Vento norte, filho de Éolo e da Aurora. Os poetas pintam-no sob os traços dum ancião de cabelos brancos com cauda de serpente.

AQUILES — Reinava, na cidade de Ftia, na Tessália, o valoroso filho de Éaco, o mais justo dos reis, que havia nome Peleu. Casara-se Peleu com a Ninfa Tétis. Aquiles, filho de Peleu e Tétis, viu a luz do dia na cidade de Larissa, situada às bordas do famoso Peneu. Ao nascer o menino, Tétis mergulhou-o nas águas sagradas do Estige, o rio dos Infernos, para torná-lo invulnerável. Por infelicidade, o calcanhar da criança, que a mãe segurava em sua mão, não foi tocado pela onda estígia, e êsse tornou-se o único lugar vulnerável no corpo do futuro herói. Essa versão, que faz Aquiles invulnerável, não era aceita no tempo de Homero. A primeira educação de Aquiles ficou aos encargos da própria mãe, que, mais tarde, ao completar o menino seis anos, entregou-o a Fênix, filho de Amintor, príncipe dos Dólopes e refugiado na côrte de Peleu. Depois, em vista do grande aproveitamento que Aquiles demonstrava, Tétis resolveu confiá-lo ao Centauro Quirão, cognominado "O Sábio" em virtude dos vastos conhecimentos de que era ornado, filho de Saturno e da Ninfa Filira e discípulo amado de Apolo e Diana. Quirão, para tornar Aquiles invencível, alimentava-o com entranhas de tigres e corações de leões e javalis. Ensinou-lhe a arte da caça, da guerra e tôdas as práticas da vida selvagem, ao mesmo tempo que incutia no tenro espírito do seu tutelado a prática mais difícil da virtude. O menino desejava, também, qual nôvo Apolo, ser iniciado nos mistérios da música e da poesia. Para tanto ofereceu a Calíope, a deusa dos belos olhos, Musa da poesia heróica e da eloqüência, um soberbo sacrifício. Calíope, porém, concedeu-lhe apenas o necessário para tornar agradáveis seus ócios e lazeres e para acalmar seus desgostos e preocupações nos momentos difíceis da vida. Aquiles atingira o nono ano de vida quando os Gregos se reunem e deliberam o excídio de Tróia. Calcante, célebre adivinho e áugure, filho do famoso Testor, divinamente inspirado, revelou a vontade dos deuses: Tróia sòmente seria arruínada se Aquiles tomasse parte na guerra. Tétis, no fundo das águas, ouviu a predição do vate. E lendo o futuro, conheceu que seu filho, em tomando parte na guerra, destruiria a cidade de Príamo, mas pereceria sob seus muros. Cheia de temor, pergunta ao filho se prefere uma longa e obscura existência ou uma vida curta mas gloriosa. Aquiles, sem hesitar, opta pela segunda. A Ninfa arrebata o filho às mãos carinhosas de Quirão, veste-o com roupagens femininas e envia-o, sob o nome de Pirra, à côrte de Licomedes, rei de Ciros, no mar Egeu. Possuía êsse rei várias filhas, tôdas de invulgar formosura. A mais graciosa, mais inteligente e bela chamava-se Deidamia. Bem recebido por todos, Aquiles, agora transformado na virgem Pirra, dedicou-se exclusivamente aos misteres próprios ao sexo frágil. Ninguém suspeitava que sob as ricas vestes de donzela escondia-se o másculo coração de um herói. Aquiles deu-se a conhecer a Deidamia, a quem amava entranhamente. Mais tarde, os dois uniram-se secretamente, e dessa união nasceu Pirro ou Neoptólemo. Havia já nove longos anos que os Gregos em vão sitiavam a cidade de Tróia. Lembrados do vaticínio de Calcante, resolveram convidar Aquiles a vir lutar com êles. Onde, porém, encontrar o jovem? Ainda por intermédio de Calcante, ficam sabendo que o filho de Peleu se achava na côrte de Licomedes, vestido de donzela e entre donzelas. Ulisses, o astucioso filho de Laertes, viu-se encarregado de descobrir e trazer o jovem. Partiu, sem tardança, para a ilha de Ciros, vestido de mercador ambulante, com dois enormes cestos cheios de estofos, rendas,

jóias, pentes de marfim e nácar e frascos de ônix com raros perfumes. Exibe, então, o falso mercador, suas riquezas às jovens sorridentes e tagarelas que se agrupam ao seu redor, procurando descobrir qual seria o jovem Aquiles. As mãos das jovens acariciam com amor aquelas vestes, jóias, perfumes e adornos sem igual. Aquiles, representando à perfeição seu papel, deixa-se, também, seduzir pelas riquezas do vendedor ambulante. Eis, porém, que no fundo do cêsto, sob montes de brocados e pedrarias, descobre Aquiles uma reluzente espada, de indústria ali colocada pelo sagaz Ulisses. Aquiles toma-a em suas robustas mãos e maneja-a com vigor e destreza. Todos estão estupefatos; Ulisses sorri manhosamente. O jovem traíra-se. Em vão Tétis esforça-se para impedir que o filho parta. Vendo baldados seus esforços, dá-lhe uma armadura invulnerável, forjada pelo incansável Vulcano. Peleu confia-lhe, com uma frota de cinqüenta navios, todo o exército dos Mirmidões, seus súbditos. Conforme outra versão, quando Aquiles resolve tomar parte na guerra, os Gregos ainda se achavam em Áulis, esperando que os ventos soprassem favoràvelmente. — V. IFIGÊNIA. — Aquiles aproveita a calmaria para pôr ordem na Tessália. Destruiu doze cidades com o socorro da sua frota, e onze outras com o auxílio do exército. No curso dessas vitórias, abordou a ilha de Lesbos e expugnou a rica Metimna. Esta cidade resistira com energia e se nela o herói conseguiu penetrar, deveu-o, exclusivamente, ao louco e insensato amor de Pélias, filha do rei, que não hesitou em entregar os seus à morte para se entregar a Aquiles. O leal herói não hesitou em infligir-lhe o justo castigo, e a infeliz môça foi lapidada. Entretanto, Ifigênia, tendo sido sacrificada, voltam os ventos a soprar e a armada dos Gregos prossegue a sua rota. Com os guerreiros de Aquiles encontravam-se Fênix e Pátroclo, seus companheiros preferidos, um, seu velho e devotado preceptor, outro, seu amigo inseparável, mais querido que um irmão. Aquiles não tardou em se fazer conhecido por notáveis façanhas e em pouco seu nome era o terror dos inimigos. Conquistou várias cidades da Cilícia, entre outras Tebas, pátria de Andrômaca. Durante o cêrco, Aquiles resolvera que a jovem cativa Criseide, filha do sacerdote de Apolo, fôsse restituída ao pai, para que assim cessasse a peste que desolava os arraiais gregos. Agamenão, ofendido, arrebatou-lhe outra escrava, Briseis, filha de Briseu, conhecida pelo nome de Hipodâmia. Aquiles, ofendido e irritadíssimo, retirou-se para sua tenda e deixou de combater. Sua retirada trouxe como conseqüência sucessivas vitórias dos Troianos. Pátroclo, seu amigo, que havia tomado emprestado as armas do herói, foi vencido e morto por Heitor. Imediatamente Aquiles pede novas armas a sua mãe e se lança ao combate. Sua vingança foi terrível. Heitor, morto às suas mãos, é ligado ao seu carro de guerra e arrastado três vêzes ao redor das muralhas de Tróia. Entregou, depois, comovido pelas lágrimas do velho Príamo, o cadáver do desditoso Troiano aos seus para que lhe dessem condigna sepultura. Aquiles, porém, não veria a tomada de Tróia. Loucamente apaixonado por Políxena, uma das cinqüenta filhas de Príamo, marca entrevista com ela junto ao burgo de Timbra e é morto por Páris, que o fere no calcanhar. Conforme outra versão, Aquiles foi morto com uma flechada no calcanhar, quando conduzia Políxena ao altar. Os

AQUILES ARRASTA O CORPO DE HEITOR
(*Pintura de um vaso ático, no Museu Britânico*)

Gregos ergueram-lhe um túmulo no promotório de Sigeu; o oráculo de Dodona concedeu-lhe honras divinas e mandou que lhe fôssem oferecidos sacrifícios anuais. As cinzas de Aquiles foram encerradas numa urna de ouro e misturadas com as de Pátroclo. Mesmo na outra vida os dois amigos admiráveis andariam sempre juntos.

Aquiles tornou-se célebre, também, nas lides do amor, e, parece, nesse particular, nada ficava devendo ao potente Hércules. Uma lenda post-homérica o faz, depois de morto, por insigne favor de Júpiter, deixar a região das sombras e dirigir-se para a ilha dos Bem-Aventurados, ou para uma ilha

do Ponto Euxino, onde fêz um filho em Helena, sempre formosa e jovem. O fruto dêsse extemporâneo excesso de amor chamava-se Euforião e era alado. Euforião foi fulminado por Júpiter. Existe, também, a forma *Eufórion*. — V. ESSA PALAVRA.

2) Filho da Terra, deu hospitalidade a Juno quando esta fugia das expansões amorosas de Júpiter. Aquiles aconselhou-a a desposar o deus.

3) Filho de Júpiter e de Lâmia, a qual Pã atribuiu o prêmio de beleza. — V. LÂMIA.

4) Governador do Centauro Quirão.

ARACINTO — Monte da Etólia Meridional, na Grécia central.

ARACNE — Filha de Idmão, da cidade de Cólofon, sabia bordar com tal perfeição, que superou a própria Minerva, igualmente habilíssima nesse mister. A deusa, envergonhada de se ver derrotada por uma mortal, quebrou-lhe os utensílios de bordar. Aracne enforcou-se de pesar, e Minerva, então, transformou-a em aranha. Versão de Ovídio: A fama de Aracne provinha não da sua progênie ou riqueza, mas da sua arte. Para admirar seu admirável trabalho, as Ninfas abandonavam os vinhedos de Tmolo, as Ninfas do Pactolo abandonavam suas águas e quedavam-se extasiadas, pois a donzela era admirável não só em fiar e tecer a lã, mas também em trabalhos de agulha. Orgulhosa da sua habilidade, não admitia que houvesse alguém que a superasse, fôsse divino ou humano. Apresentou-se, então, a ela, Palas sob a figura de uma velha. "Sem dúvida és a primeira entre os mortais na arte de fiar e bordar — diz a deusa — mas inclina-te ante a divindade." Aracne, irritada, replica: "Por que a deusa não vem disputar comigo? Por que evita uma tal competição?" A deusa, pondo de lado seu aspecto de velha, lhe diz: "Ela veio." Começa a competição. O trabalho de Aracne supera o da deusa. Esta, despeitada, rasga o tecido de Aracne, onde se viam em côres vivas as culpáveis aventuras amorosas dos deuses. A infeliz, então, enforca-se e Palas diz-lhe: "Conserva a vida, mas permanece enforcada, impudente; e para te tirar tôda a esperança no futuro quero que a mesma pena seja irrevogàvelmente pronunciada contra tua raça e teus mais longínquos descendentes." A seguir, molhou-a com sucos de ervas consagradas a Hécate e transformou a desditosa môça numa asquerosa aranha.

ARCADE — Habitante da Arcádia.

ARCÁDIA — 1) Região central do Peloponeso.

2) Ninfa, mãe de Filonome.

ARCAS — Filho de Júpiter e da Ninfa Calisto. Reinou no Peloponeso e ensinou aos habitantes dessa região a arte de cultivar a terra, de fiar a lã, e muitas outras coisas úteis à vida. Seus súditos, em reconhecimento, deram seu nome ao país, que ficou sendo chamado Arcádia. Um dia a Dríade Érato implorou seu concurso contra uma torrente impetuosa que ameaçava derrubar e carregar uma ávore a qual se achava ligada sua vida. Arcas afastou a torrente e casou-se com a Dríade, da qual teve três filhos: Azan, Afidas a Élato. Certa feita, quando caçava, Arcas encontrou sua mãe, que se transformara em ursa. — V. CALISTO. — A Ninfa reconheceu o filho, mas êste, ignorando que se tratava de sua mãe, ia feri-la com o dardo, admirado, contudo, da estranha mansidão do animal. Júpiter, querendo evitar o matricídio, transformou-o, também, em urso e colocou-os no céu, onde formam as constelações da Ursa Maior e da Ursa Menor.

ARCÉSIO — Filho de Júpiter ou de Céfalo e pai ds Laertes.

ARCTO — Nome grego da Constelação da Ursa. — V. ARCAS. V. CALISTO.

AREÓPAGO — Tribunal estabelecido pela primeira vez por Atena (Minerva), sob a colina de Ares (Marte), perto de Atenas, a fim de julgar, diante dos Atenienses e sob a presidência da deusa, o parricida Orestes, perseguido pelas Fúrias, após a morte de sua mãe. O número de votos foi igual, de lado a lado, e o voto da deusa, em favor do culpado, desempatou o julgamento. É o que posteriormente veio a chamar-se "Voto de Minerva". — V. ORESTES.

ARES — Nome grego de Marte. *Ares* talvez seja derivado de *Ar* "alcançar" ou "apanhar", em correspondência com o sânscrito *Aris*, que significa "O inimigo". Palavras de Júpiter que bem dão idéia de quem fôsse o façanhudo Ares: "Para mim, és tu o mais odioso dos deuses que habitam o Olimpo. Só gostas de discórdias, de guerras, de brigas. Herdaste o gênio insuportável de tua mãe, a intratável Hera, a quem, só a muito custo, posso dominar com minhas palavras. Aos conselhos dela

deves atribuir, segundo penso, as tuas desgraças. Não te deixarei, contudo, padecer por muito tempo, porque, enfim, és da minha estirpe e para mim fôste criado por tua mãe. Mas se fôsses filho de outro deus, ruim como és, desde há muito terias de residir em lugar mais fundo que o de qualquer dos Ouranidões..."

ARETUSA — Ninfa companheira de Diana. Perseguida pelo deus-rio Alfeu, do Peloponeso, foi metamorfoseada por Diana numa fonte que brotou na ilha Ortigia, perto de Siracusa. Mas o deus Alfeu, continuando sua perseguição, foi misturar suas águas às da fonte. Foi a Ninfa Aretusa quem, após o rapto de Prosérpina por Plutão, revelou discretamente a Ceres o nome do raptor. — V. PROSÉRPINA.

ARGANTÔNIA — Argantônia ou Argantônis era uma jovem da ilha de Quios, a quem Reso desposou antes de se embarcar para Tróia; ao ouvir que seu marido morrera sob as muralhas de Tróia, experimentou tão viva dor que veio a falecer.

ARGANTÔNIO — Rei dos Tartéssios, que teria vivido cento e vinte anos e reinado oitenta.

ARGENTINO — Deus da moeda de prata, entre os Romanos, filho de Esculano. De *argentum*, "prata".

ARGÉS — 1) Argés "A Brilhante", era Ninfa filha de Júpiter e de Juno. — V. CICLOPES.

2) Caçadora que foi transformada em cerva por Apolo, porque se gabara de atingir um cervo com suas flechas, ainda que sua carreira fôsse tão rápida como a do Sol.

3) Uma das cinqüenta filhas de Téspio, da qual Hércules houve dois filhos.

4) Mulher hiperboreana, que foi a Delos em companhia de Apolo, Diana e Latona.

ARGEUS — 1) Bonecos de junco que os sacerdotes atiravam ao Tibre, nos idos de maio, representando, provàvelmente, antigos sacrifícios humanos. Conforme outra versão, eram as Vestais que jogavam à água os referidos bonecos.

2) Pequenos santuários ou capelas, em Roma, destinados a sacrifícios, consagrados por Numa.

ARGIA — 1) Filha de Adrasto e espôsa de Polinice. Tornou-se célebre pelo seu afeto conjugal. Seu marido morreu no sítio de Tebas. Não obstante a proibição de Creonte, foi, com sua cunhada Antígona — V. ANTÍGONA — procurar o cadáver entre os mortos e dar-lhe as últimas honras fúnebres. O tirano, irritado com a sua audácia, matou-a; mas os deuses transformaram-na numa fonte que traz o seu nome.

2) Mãe de Argos, construtor do navio Argo.

ARGIVOS — Os habitantes de Argos. Os Gregos dos tempos míticos.

ARGO — 1) Célebre navio que transportou para a Cólquida Jasão e os príncipes gregos em busca do Tosão de Ouro. O navio foi assim chamado ou do nome de Argos, seu construtor, ou dos Argivos, que aí se encontravam em grande número, ou, ainda, da palavra grega *Argos* que significa "Rápido" ou "Ligeiro". De acôrdo com Catulo, Minerva teria traçado a sua planta. A madeira para a sua feitura foi cortada no monte Pélion, fato que deu ao navio o epíteto de *Péliae* ou *Pelíaca*. O mastro foi feito de um carvalho da floresta de Dodona, o que fêz dizer que a nau proferia oráculos. Diz-se ter sido o primeiro navio construído na Grécia. Após a expedição, Jasão o consagrou a Netuno, no istmo de Corinto, donde os deuses o transportaram para o Céu, a fim de figurar entre as Constelações. — V. ARGONAUTAS.

2) Um dos cães de Acteão.

3) Filho de Aresto, Gigante que tinha cem olhos. Conforme outra versão, era filho de Agenor. Dos seus cem olhos, cinqüenta sempre estavam abertos, ainda que dormisse. Juno confiou-lhe a guarda de Io, que Júpiter transformara em bezerra. Mas Mercúrio, com a sua flauta, conseguiu adormecer e fechar os cem olhos do vigilante guardião, e, a seguir, cortou-lhe a cabeça e raptou-lhe a novilha. Juno derramou-lhe os olhos sôbre a cauda do pavão, ave que lhe era consagrada. — V. Io.

4) Filho de Frixo, incitou Jasão e os outros príncipes gregos a vingar a morte de seu pai, assassinado por Eetes.

ARGONAUTAS — Príncipes gregos, assim chamados por causa do navio Argo, "Nautas do Argo". Êsses príncipes haviam empreendido ir a Cólquida com o fito de se apoderarem do Tosão de Ouro. Quando Jasão, sobrinho de Pélias, o rei usurpador de Iolco, na Tessália, aceitou a proposta de seu tio, que, em nome dos deuses jurara restituir-lhe o reino logo que êle lhe trouxesse da Cólquida o famoso Tosão de Ouro,

dom de Mercúrio — V. ATAMANTE. —, resolveu empreender a grande aventura. Conta-se que antes de se porem à vela, o navio, ao som da música de Orfeu, deslizou do alto monte, onde tinha sido construído, até o mar. Ofereceram aos deuses solenes sacrifícios e o navio desdobrou a vela. Deram adeus a Iolco, ao cabo Magnésio, ao Pélion, e rumaram para a Macedônia e o monte Atos. Chegados a Samotrácia, os Argonautas rumaram para o Norte, e após muitas voltas, tocaram o litoral da Frígia. Havia, então, grande angústia no reino de Laomedonte. A filha dêsse rei, Hesíone, acabara de ser exposta sôbre um rochedo, às bordas do mar, como vítima expiatória, ao furor de um monstro marinho. Hércules matou o monstro, libertou Hesíone, mas, não recebendo o prêmio prometido, matou a pancadas Laomedonte e saqueou a cidade. — V. HÉRCULES. — Puseram-se, novamente, em rota. No gôlfo da Mísia fizeram escala para se munirem de provisões e de água potável. Aí perderam o belo Hilas. Hércules obstinou-se a procurar seu amigo favorito, e os Argonautas não o quiseram esperar. — V. HILAS. — Após inúmeras peripécias, chegaram à entrada do Ponto Euxino. Essa entrada achava-se obstruída por rochas flutuantes, as Simplégadas, que os ventos contrários jogavam contìnuamente umas contra as outras, de sorte que elas, inevitàvelmente, esmagariam qualquer navio que por ali ousasse cruzar. Ofereceram sacrifício a Netuno, e o deus, encantado, deu-lhes o conselho de recorrer a Orfeu. De feito, Orfeu, de lira em punho, modulou seus mais harmoniosos acordes: as rochas, estupefatas, permaneceram imóveis e assim ficaram para sempre. Chegaram, finalmente, à embocadura do Fásis, e, subindo o curso do rio, atingiram Ea, capital da Cóquida. — V. EM MEDÉIA A HISTÓRIA DA CONQUISTA DO TOSÃO DE OURO. — A volta dos Argonautas não apresenta feitos notáveis, exceto a perseguição de Jasão por Eetes, que queria retomar o Velo de Ouro, a morte abominável infligida por Medéia a seu próprio irmão, a fim de retardar a perseguição do rei, e a purificação dêsse crime que lhe foi imposta pelo mastro profético do navio, feito com carvalho da floresta de Dodona. Com êsse fito os Argonautas foram à procura de Circe, que os reconciliou com o deus. O resto da viagem oferece traços comuns com o retôrno de Ulisses a Ítaca: Sereias, Cila e Caribdes, a ilha dos Feácios, etc. Enfim, depois de sofrerem tempestades, com a proteção de Apolo chegaram os Argonautas a Egina, e de lá alcançaram a pátria. Eis a lista dos Argonautas mencionados em diversos autores:

Acasto, filho de Pélias.
Áctor, filho de Hípaso.
Admeto, filho de Feres.
Almeno, filho de Marte.
Anceu, filho de Licurgo.
Anceu, filho de Marte.
Anfião, filho de Hiperásio.
Anfiarau, filho de Oicleu.
Anfidamas, filho de Áleo.
Areio, filho de Bias.
Argos construtor do navio Argo.
Armênio ou Armeno.
Ascálafo.
Astério, filho de Neleu.
Astérion, filho de Cometes.
Augias, filho do Sol.
Autólico, filho de Mercúrio.
Azoro.
Butes, filho de Téleon.
Cálais, filho de Bóreas.
Canto, filho de Abas.
Castor, filho de Júpiter.
Cefeu, filho de Áleo.
Ceneu, filho de Elato.
Cio, filho de Clítio.
Clítio, filho de Êurito.
Cometes, pai de Astérion.
Corono, filho de Ceneu.
Deucalião, filho de Minos.
Equíon, filho de Mercúrio.
Ergino, filho de Netuno.
Eribotes, filho de Téleon.
Esculápio, filho de Apolo, médico da equipagem.
Estáfilo, filho de Baco.
Eumédon, filho de Baco.
Euríalo, filho de Mecisteu.
Euridamante, filho de Iro.
Eurítion, príncipe da Ftiótida.
Êurito, filho de Mercúrio.
Falere, amigo de Jasão.
Fano, filho de Baco.
Filâmon, filho de Apolo.
Filoctete, filho de Péan.
Fliante, filho de Baco.
Focas, Lápita Ceneu.
Glauco, filho de Sísifo.
Hércules, filho de Júpiter.
Hipalimo, filho de Pélops.

Idas, filho de Afareu.
Idmão, filho de Apolo.
Ificlo, filho de Filaceus.
Ificlo, filho de Téstio.
Ifis, filho de Aléctor.
Ifito, filho de Euristeu.
Ifito, irmão de Euristeu.
Iolas, filho de Íficles.
Jasão, filho de Éson.
Laertes, filho de Arcésio.
Laocoonte, filho de Partáon.
Laódoco, filho de Bias.
Leito, filho de Aléctor.
Linceu, filho de Afareu.
Meléagro, filho de Eneu.
Menécio, filho de Áctor.
Mopso, filho de Âmpico.
Náuplio, filho de Netuno.
Neleu, filho de Tiro.
Nestor, filho de Neleu.
Oileu, pai de Ájax.
Orfeu, filho de Éagro.
Palêmon, filho de Etolo.
Peas, filho de Taumaco.
Peleu, filho de Éaco.
Peneleu, filho de Hipalco.
Periclímene, filho de Neleu.
Pirítoo, filho de Ixião.
Polifemo, filho de Elato.
Pólux, irmão de Castor.
Priaso, herói.
Talaus, rei de Argos.
Telamão, filho de Éaco.
Teseu, filho de Egeu.
Tideu, pai de Diomedes.
Tífis, pilôto do Argo.
Zetes, irmão de Cálais.

ARGOS — 1) Capital da Argólida; passava por ser a mais antiga cidade da Grécia.

2) Cão de Ulisses, célebre pela sua fidelidade. Êsse cão, alquebrado pela velhice, morreu de alegria ao rever seu senhor, Ulisses, por quem esperara vinte anos: "E um cão que estava deitado, levantou a cabeça e arrebitou as orelhas: era o Argos, que o paciente Ulisses tinha criado antes de ir para a guerra... Êste Argos, pois, já muito velho e comido de bichos, vendo aproximar-se Ulisses, agitou a cauda e baixou a cabeça numa vênia ao seu senhor; êste entendeu a saudação e enxugou uma lágrima furtiva... Então a negra morte apoderou-se de Argos, depois de ter visto Ulisses, passados vinte anos..."

ARIADNE — Também aparece com o nome de Ariane. Era filha de Minos e Pasífae. Vendo Teseu encerrado no Labirinto, para ser devorado pelo Minotauro, concebeu por êle tão violento amor que não hesitou em salvá-lo. Deu-lhe um novêlo de fio, com o qual, desenrolando-o à medida que avançava, logrou sair das inúmeras voltas do Labirinto. Teseu fugiu da ilha de Creta com sua libertadora, desposou-a, mas abandonou-a nas margens da ilha de Naxos. — V. TESEU. — Baco veio, então, consolá-la da infidelidade de Teseu, e fêz-lhe presente de uma bela coroa de ouro, obra-prima de Vulcano. Mais tarde casou-se com ela. Após a morte de Ariadne, sua coroa foi colocada no céu e tornou-se uma das constelações.

ARIÃO — 1) Poeta lírico e hábil tocador de lira, natural de Metimna, cidade da ilha de Lesbos. Permaneceu largos anos na côrte do rei Periandro, de Corinto. Estêve na Itália e seus notáveis talentos foram devidamente apreciados. Ao voltar da Itália, a equipagem do navio, de concêrto com o capitão, resolveu matá-lo e apoderar-se da grande soma de dinheiro que Arião trouxera da península. Arião, como última graça, pediu-lhes que lhe fôsse permitido ainda uma vez dedilhar a lira. Depois se sentiria com coragem de enfrentar a morte. Deram-lhe autorização e êle postou-se à pôpa do barco e executou suas mais belas e tocantes melodias. Precipitou-se, então, no mar, com uma guirlanda à cabeça e a lira na mão. Vários golfinhos, sensíveis ao divino encanto da sua melodia, haviam-se reunido ao redor do navio. Um dêles recebeu-o no dorso e conduziu-o até o cabo Tênaro, na Lacônia, onde o depositou são e salvo. De lá, Arião seguiu para Corinto. Periandro, encantado ao vê-lo de regresso, e ao saber do crime que os marinheiros haviam cometido, castigou-os com a morte e ergueu um cenotáfio ao golfinho que salvara o poeta-músico. De acôrdo com outra versão, a narrativa de Arião foi encarada como ficção poética, e acabaram metendo-o na prisão, a fim de que aprendesse a não enganar os mortais. A suas instâncias, porém, fizeram vir à presença da vítima a tripulação do navio, que afirmava ter desembarcado Arião em Tarento. A súbita aparição do poeta desconcertou os marinheiros, que, afinal, confessaram o crime. O golfinho que salvou o grande poeta-músico foi pôsto entre as consetelações.

ASBAC - SP
BIBLIOTECA

2) Cavalo que Netuno fêz sair da terra com golpe do seu tridente. Netuno e Minerva disputavam entre si a honra de dar seu nome à cidade recém-construída por Cécrope. Os deuses resolveram que a honra seria reivindicada à divindade que oferecesse ao homem o mais útil presente. Netuno, com um golpe do seu tridente, da terra fêz surgir o cavalo Arião; Minerva tirou da terra a oliveira. Os deuses atribuíram a glória a Minerva e a cidade ficou sendo chamada Atenas. Segundo outros autores, Arião era filho de Netuno e da Fúria Erínia; outros afirmam que era filho de Ceres que se transformara em égua a fim de fugir dos ardores amorosos de Netuno, que, assim mesmo a possuiu; outros, por fim, o dão como filho de Zéfiro e de uma Harpia. As Nereidas o alimentaram. Servia, às vêzes, para puxar o carro de Netuno. Êste deu-o a Cáprea, rei de Haliarta, que o presenteou, por sua vez, a Hércules, que dêle se serviu contra Cicno, filho de Marte, e o deu, em seguida a Adrasto. Sob êsse último dono Arião assinalou-se não só por ter ganho todos os prêmios da sua classe nos jogos nemeus, mas também, por ter salvo Adrasto, o único chefe que, graças à rapidez do animal, não morreu durante a primeira guerra de Tebas. — V. ADRASTO.

ARÍCIA — Princesa ateniense. Último rebento infeliz da desgraçada família dos Palântidas. Casou com Hipólito e teve um filho depois que Esculápio o ressuscitou. Deu seu nome a uma pequena cidade do Lácio, e a uma floresta vizinha, na qual Diana havia escondido Hipólito. — V. HIPÓLITO.

ARICINA — Epíteto de Diana, tomado do culto que lhe era tributado na floresta Arícia, onde Hipólito lhe erguera um templo em agradecimento aos favôres que a deusa lhe prestara. Hipólito instituiu, também, uma festa que se celebrava nos idos de agôsto. O sacerdote dêsse templo era um escravo fugitivo, *Nemoralis rex*, "Rei florestal", que devia ter matado seu predecessor e que tinha, sempre, a espada na mão para prevenir aquêle que o quisesse suceder nas funções. A cidade de Arícia, uma das mais antigas do Lácio, a sudeste de Roma, tem hoje o nome de Riccia. Passa por ela a Via Ápia.

ÁRIES — Palavra latina que significa "Carneiro". 1) Constelação.

2) O carneiro do Tosão de Ouro.

3) O carneiro que propiciou água a Baco no deserto. — V. ÁMON.

ARISTECME — Pai de Árquias, que levou o culto de Esculápio a Pérgamo.

ARISTENE — Cabreiro que habitava as alturas do monte Titião, perto de Epidauro. Um dia, passando em revista suas cabras, percebeu que faltava uma. Pôs-se a procurá-la e achou-a ocupada em aleitar um menino recém-nascido e resplandescente. Era Esculápio, que Corônida, sua mãe, havia exposto nesse local.

ARISTEU — Filho de Apolo e Cirene. Criaram-no as Ninfas, que lhe ensinaram a coalhar o leite, cultivar as oliveiras e criar abelhas. Apolo o confiou, a seguir, aos cuidados do Centauro Quirão. Apaixonado por Eurídice, foi a causa involuntária da morte da deslumbrante Ninfa. — V. EURÍDICE. V. ORFEU. — As Ninfas, vingando-se da morte de Eurídice, mataram tôdas as suas abelhas. A mãe de Aristeu, cujo auxílio êle implorou, aconselhou-o a consultar o velho deus Proteu. Levou o rapaz à gruta onde o adivinho passava seus dias, no Gôlfo de Cárpato, ao redor da ilha do mesmo nome, hoje Scarpante, entre Rodes e Creta, ao norte do Egito. Como todos os deuses marinhos, que possuíam o dom de se transformar nos mais variados animais e nos mais variados objetos e coisas, Proteu mudou-se em fogo, animal, água e, por fim, vendo que era impossível fugir à insistência do môço, voltou ao seu aspecto natural. — V. PROTEU. — Aristeu explicou-lhe a causa do seu infortúnio e a razão pela qual o viera procurar. Proteu, a seguir, aconselhou-o a aplacar os manes de Eurídice com sacrifícios expiatórios. Dócil aos conselhos do adivinho, Aristeu imolou 4 jovens touros e outras tantas novilhas, e abandonou os cadáveres sob a espêssa folhagem de um bosque. Depois, quando surgiu a nona aurora, penetrou no bosque e viu que das entranhas corrompidas dos animais saiam enxames de abelhas, que o ressarciram largamente da sua perda. Aristeu desposou Autônoe, filha de Cadmo, e dessa união nasceu Acteão. Após a morte cruel de seu filho, — V. ACTEÃO. — Aristeu retirou-se para a ilha de Cós, passou-se para a Sardenha e andou pela Trácia, onde Baco o iniciou nos mistérios e nas orgias. Fixou residência, finalmente, no monte Hemo, de onde desapareceu sùbitamente. Os deuses

o puseram entre as estrêlas e Aristeu tornou-se o *Aquário* do Zodíaco. Os Gregos e os bárbaros o adoraram como uma das grandes divindades campestres e lhe rendiam culto particular.

ARNE — 1) Filha de Éolo, a quem Netuno enganou sob a forma de um touro.

2) Jovem da ilha de Sítone, que ousou trair sua pátria por dinheiro. Os deuses transformaram-na em coruja. Certos autores fazem-na Ateniense e identificam-na com Cila, filha de Niso.

ARQUE — Uma das quatro Musas primitivas.

ARQUELAU — 1) Um dos cinqüenta filhos de Egito, espôso de Anexibia.

2) Um dos filhos de Electrião, morto no combate contra os filhos de Ptérela.

3) Filho de Têmeno e descendente de Hércules. Expulso por seus irmãos, retirou-se para a côrte de Cisseo, — V. Cisseo. — rei da Macedônia. Cisseo prometeu a Aquelau a mão de sua filha e o trono se conseguisse livrá-lo dos vizinhos que o ameaçavam. Aquelau aceitou a incumbência. Destroçou os inimigos e veio receber o prêmio prometido. Cisseo, porém, em lugar de cumprir a promessa, procurou matá-lo, jogando-o num fôsso cheio de brasas. Advertido a tempo, Aquelau solicitou uma entrevista secreta com Cisseo, e o precipitou no fôsso com brasas.

4) Um dos escravos de Príamo.

ARQUÊMACO — 1) Filho de Hércules e de uma das filhas de Téstio.

2) Uma das filhas de Príamo.

ARQUÊMORO — Filho de Licurgo, rei da Neméia, e de Eurídice. Teve por ama Hipsípile, filha de Toas. Os chefes do exército de Adrasto, atravessaram a floresta de Neméia, e, atormentados pela sêde, rogaram a Hipsípile que lhes indicasse uma fonte. A môça colocou Arquêmoro, menino de colo, sôbre um tufo de aipo e conduziu-os a uma fonte pouco distante. Mas durante a ausência da ama, o menino foi picado por uma serpente e morreu. Os Argivos, aflitos com essa ocorrência funesta, mataram a serpente e fizeram magníficas exéquias à vítima. Tomaram Hipsípile sob sua proteção, e quem Licurgo queria tirar a vida. Foi nessa ocasião que surgiram os jogos nemeus, que se celebravam todos os três anos. Os vencedores nesses jogos cobriam-se de luto e coroavam-se com aipo.

ARQUIPA — Mãe de Eurídice.

ARREFORIAS — Festa em honra de Palas Atena, que se realizavam em Atenas.

ARRIFE — Uma das companheiras de Diana. Era Ninfa de extraordinária formosura e inspirou a mais viva paixão a Tmolo, rei da Lídia, que a havia encontrado durante uma caçada. A jovem Ninfa, perseguida pelo rei, procurou asilo no templo de Diana. Mas Tmolo, sem se perturbar com a santidade do lugar, violentou-a ao pé do altar da deusa. Arrife não pôde sobreviver a sua desonra. Mas os deuses não deixaram sua morte sem vingança. — V. Tmolo.

ARSÍNOE — 1) Híade, segundo alguns.

2) Filha de Leucipo e mãe de Esculápio, conforme opinião de outros. Recebeu honras divinas em Esparta.

3) Filha de Nicocréon, rei de Chipre. Foi apaixonadamente amada por um jovem de Salamina, chamado Arceofon, que morreu de dor por não ter conseguido fazer-se amar por ela. Arsínoe, indiferente, acompanhava as exéquias do seu ardoroso amante. Vênus, irritada com tamanha insensibilidade, com coração tão duro, metamorfoseou-a num calhau.

4) Arsínoe ou Alfesibéia, filha de Fegeu e espôsa de Alcmeão.

ÁRTEMIS — Nome grego de Diana. Não pertence à raça dos deuses arianos. — V. Diana.

ARTEMISA — Célebre rainha da Cária. Apoderou-se da cidade de Látmia, na qual entrou sob pretexto de ir adorar a Mãe dos deuses. Vingou-se a deusa inspirando-lhe violento amor por um jovem de Abidos, que não correspondeu aos seus desejos. A rainha, furiosa, furou-lhe os olhos e lançou-se em seguida do alto de um rochedo. — V. Mausolo.

ARTEMÍSIAS — Festas que se celebravam em diferentes locais da Grécia, sobretudo em Delfos, em honra de Diana.

ARTEMÍSIO — Cabo e região ao norte de Eubéia, com templo de Ártemis (Diana), onde se deu a batalha naval contra Xerxes, em 480.

ARÚSPICES — Adivinhos vindos da Etrúria. Foram instituídos por Rômulo e especialmente encarregados de examinar as entranhas e vísceras dos animais, a fim de daí tirarem os presságios.

ARÚSPICE ROMANO

ARVAIS (OS IRMÃOS) — Os Irmãos Arvais eram um colégio de doze sacerdotes encarregados de presidir a celebração das Ambarválias. Pertenciam às mais distintas famílias de Roma. Chamavam-se, também, *Arvorum Sacerdotes*, "Os sacerdotes dos campos". Rômulo instituiu-os e êle mesmo fazia parte do colégio. A insígnia da sua dignidade era uma coroa de espigas ligadas com fita branca. Realizavam assembléias no templo da deusa Concórdia.

ASBESTO — Gênios maléficos dos Gregos, temidos pelos oleiros, por causa dos perigos com que ameaçavam a cozedura dos vasos.

ÁSBOLO — 1) "Pêlo côr de fuligem" nome de um dos cães de Acteão.

2) Centauro, hábil adivinho, um dos que combateram os Lápitas.

ASCÁLAFO — Filho do Aqueronte e da Ninfa Ofnéia. Encarregado da guarda de Prosérpina, nos Campos Elísios. Ceres, pedindo a Júpiter permissão de procurar sua filha nos Infernos, e de conduzi-la à luz do mundo, obteve do pai dos deuses aquiescência para tal, contando que nada comesse a partir do momento da sua entrada no reino das sombras. Ceres sujeitou-se à condição. Ascálafo, porém, trombeteou que vira Prosérpina comer seis bagos duma romã que ela apanhara nos jardins de Plutão. Júpiter ordenou, em vista disso, que Prosérpina passaria seis meses nos Infernos e seis meses com sua mãe. Mas Ceres, para punir Ascálafo da sua indiscrição, lançou-lhe no rosto água do Flegetonte e o metamorfoseou em coruja. Minerva tomou essa ave sob sua proteção, porque ela vigiava tudo que se passava à noite.

ASCÂNIO — Filho de Enéias e Creúsa, neto de Anquises e Vênus. Ascânio era ainda criança quando seu pai Enéias e seu avô fugiram de Tróia em chamas, levando os deuses penates. Estêve em Cartago, acompanhou o pai à Itália, onde, após a morte de Enéias assumiu o trono de Lavínio e fundou a cidade de Alba Longa, berço de Roma. Chamam-no, igualmente, de *Iulo*. — V. ÊSSE NOME. — A *gens Julia*, a qual pertencia César, dizia-se oriunda de Iulo, isso é, de Vênus, de quem Ascânio era neto. — V. ENÉIAS.

ASCLÉPIO — Nome grego de Esculápio. — V. ESCULÁPIO.

ASCO — Gigante que, de concêrto com Licurgo, ligou Baco e precipitou-o num rio. Mercúrio livrou o deus. Baco, a seguir, pediu a Mercúrio que o esfolasse. Da sua pele fêz um odre para guardar vinho. *Askós*, em Grego, significa pele esfolada ou odre.

ASFÓDELO — Planta funerária de que estavam cobertas as pradarias dos Infernos. Dá o asfódelo belas flôres em cachos, umas amarelas, outras brancas, de pétalas sôltas ou soldadas.

ÁSIA — 1) Ásia Menor.

2) A província romana, menor que a Ásia Menor, e abrange a Frígia, Mísia, Cária, Lídia e as regiões litorâneas, e as ilhas da Jônia, Dóride e Eólida.

3) Todo o continente asiático, enquanto conhecido dos Romanos.

ÁSIO — 1) Epíteto de Júpiter tomado da cidade de Aso, na ilha de Creta, onde era particularmente venerado.

2) Filho de Hírtaco; foi um dos heróis da Grécia.

3) Filho de Dimas e irmão de Hécuba. Socorreu Príamo e foi morto por Idomeneu.

ASOPO — 1) Rio da Beócia.

2) Rio da Tessália.

3) Deus fluvial, filho do Oceano e de Tétis. Querendo vingar sua filha Egina, violentada por Júpiter, declarou-lhe guerra, e fêz transbordar suas águas, que inundaram o país. Júpiter, porém, transformou-se em fogo e pôs o rio a sêco.

ASSÁRACO — Segundo filho de Tros, foi pai de Cápis e antepassado de Anquises. É considerado o tronco dos Romanos.

ÁSTACO — Filho de Netuno e de Ólbia. Deu seu nome a uma cidade da Bitínia.

ASTÉRIA — 1) Filha de Céu e de Febe,

e mãe de Perseu. De rara beleza, Júpiter por ela apaixonou-se, mas, como ela recusasse as solicitações do deus, êste tomou a forma de uma águia e assim, enganando-a, conseguiu possuí-la. A seguir, Astéria perdeu as boas graças de Júpiter. Transformou-a, então, em codorniz e ela retirou-se para uma ilha do mar Egeu, a que deu o nome de Ortígia.

2) Filha de Hideu, que teve de Belerofonte um filho chamado Hidisso.

3) Uma das filhas do Gigante Alcião, transformada em alcião juntamente com suas irmãs.

4) Danaide espôsa de Cacto.

5) Amazona que Hércules levou em cativeiro com suas companheiras.

6) Irmã de Latona.

ASTÉRIO — Rei de Creta. Desposou Europa, a radiosa amante de Júpiter. Astério adotou os dois meninos filhos de Europa e Júpiter, Minos e Radamanto. Morto o rei, os dois disputaram o poder e Minos conseguiu vencer seu irmão que foi exilado, estabelecendo-se, afinal, na Beócia.

ASTÍAGES — Companheiro de Fineu e inimigo de Perseu. Foi petrificado por êste, que lhe mostrou a cabeça da Medusa.

ASTÍANAX — Filho de Heitor e Andrômaca. Seu nome real era Escamândrio, mas os Troianos deram-lhe o de Astíanax, que significa "Protetor da Cidade". Na destruição de Tróia, Andrômaca quis furtá-lo aos vencedores e escondeu-o no túmulo do seu espôso, ou no dos antepassados. Ulisses aí o descobriu e foi precipitado do alto duma tôrre, ou esmigalhado contra as muralhas. Conforme outra versão, Andrômaca substituira Astíanax por outro menino, morto em seu lugar. Astíanax teria seguido sua mãe para o Epiro e vivido na côrte de Pirro, filho de Aquiles, do qual Andrômaca se tornara escrava.

ASTIDAMIA — Filha de Amintor, rei dos Dólopes, povo da Tessália, e mãe de Léprea; foi amada por Hércules que a fêz mãe de Tlepólemo, segundo uns, de Etéssipo, conforme outros.

ÁSTILO — Centauro e adivinho famoso. Fêz inúteis esforços para desviar seus irmãos de se engajarem nas tropas que se preparavam contra os Lápitas. Prevendo os funestos sucessos dessa querela, retirou-se com seu amigo Nesso.

ASTIPALÉIA — Filha de Fênix; deu seu nome a uma das Cícladas.

ASTRÉIA — Filha de Júpiter e de Têmis; segundo outros, de Astreu e da Aurora. — V. ASTREU. — Desceu do Céu na Idade de Ouro, e veio habitar entre os mortais. Mas os crimes dos homens a forçaram a abandonar sucessivamente as cidades, as vilas e os campos. Retornou ao Céu e formou no Zodíaco o signo da Virgem. Aulo Gelo, citando Crisipo, assim a pinta: "Representam-na sob os traços duma virgem, símbolo da sua incorruptibilidade, pois jamais ela se entrega aos maus, jamais tolera uma palavra doce, solicitações, súplicas, lisnja ou qualquer coisa semelhante. Por isso, seu aspecto é sombrio, contrário, tenso, com olhar penetrante, próprio a inspirar temor aos maus, confiança aos bons; numa palavra, uma face benfazeja para êstes, hostil para aquêles." Numa mão trazia a balança, noutra a espada. É a deusa da Justiça.

ASTREU — Um dos Titãs, pai dos Ventos e dos Astros, que teve da Aurora. Seus irmãos, decidindo declarar guerra a Júpiter, pediram seu auxílio. Astreu, então, armou os Ventos e mandou-os contra o pai dos deuses. Êste, porém, venceu-os e Astreu foi amarrado ao Céu, e, mais tarde, transformado em astro. — V. TITÃS.

ATALANTA — Filha do rei Jaso, da Arcádia. Deveu sua vida a especialíssimo favor dos deuses. De feito, seu pai, Jaso, só queria filhos varões. Quando ela nasceu, mandou expô-la sôbre - uma montanha. Mas uma ursa que por ali passava, em lugar de devorar a recém-nascida, alimentou-a com seu leite até o dia em que caçadores, por acaso, a encontraram. Levaram-na, criaram-na com tôda a rudeza de sua vida quase selvagem. Passando os dias a correr por montes e vales, Atalanta adquiriu tal agilidade, que vencia os próprios cervos e gazelas. Com justiça diziam que sua carreira era mais veloz que a do deus dos Ventos. Tinha horror ao casamento e só gostava das selváticas solidões. Sempre armada de arco, caçava os animais bravios e os Centauros, que, às vêzes, buscavam raptá-la. Quando tinha sêde, batia nos rochedos com sua lança e fazia a água jorrar. Tomou parte em várias aventuras, inclusive na caçada ao javali do monte Calidão, onde, sem o saber, causou a morte do seu mais ardente admirador, o infeliz Meléagro. — V. MELÉAGRO. — Certa feita, através da Fama, Jaso soube que sua filha

ASBAC - SP
BIBLIOTECA

vivia. Levou-a para sua companhia, e, como não tivesse filho homem, exigiu que tomasse marido. Atalanta fingiu submeter-se à ordem paterna, mas pôs uma condição que lhe dava certeza de permanecer solteira, e que foi aceita pelo pai: no fim de uma longa pista plantou uma estaca; aquêle dos seus pretendentes que lá chegasse antes dela, seria seu marido. Consentia, até, em sair depois. Mas os que perdessem, seriam mortos. Muitos candidatos se apresentaram e todos perderam a vida. Um certo Hipômenes, também conhecido por Melânio, que a vira no bosque caçando e por quem se enamorara, apresentou-se resolvido a conquistá-la. Atalanta, como sempre, deixou que o môço já estivesse bem adiantado na pista para sair. Disparou numa corrida vestiginosa. Já o ia atingir, quando, das mãos do corredor escapou-se uma maçã de ouro, que rolou pelo chão. A virgem, ràpidamente, apanhou-a e prosseguiu na carreira. Mas Hipômenes havia conseguido sensível avanço. Atalanta novamente dêle se aproxima, e nova maçã de ouro rola por terra. A donzela apanha-a, depois uma terceira, uma décima, por fim, e, dessa maneira, Hipômenes ganha a carreira. — V. HIPÔMENES. — Casaram-se e viveram muito felizes, até o dia em que entraram num recinto consagrado a Ceres. Não sabiam êles o crime que haviam cometido, mas assim mesmo a deusa castigou-os transformando-os num casal de leões.

ATAMANTE — Rei dos Mínios de Orcômenos, povo bravio e rico da Beócia. Conforme outros, rei de Tebas. Atamante era filho de Éolo e neto do Netuno. Desposara, em primeiras núpcias, Néfele, que o tornara pai de dois filhos, Frixo e Hele. Morrendo Néfele, Atamante casou-se com Ino, filha de Cadmo, rei de Tebas. Ino logo começou a tratar os dois enteados como verdadeira madrasta, e excogitava, sem cessar, meios de se ver livre do menino e da menina. Foi então que a peste começou a grassar no país. De acôrdo com outra versão, terrível fome assolou aquela região. Como quer que fôsse, o flagelo assumia proporções catastróficas. Consultaram o oráculo. Êste, influenciado por Ino, afirmou que a cólera dos deuses se apaziguaria se lhes imolassem os dois últimos membros da família real. Era a morte de Frixo e Hele. Os jovens, contudo, conseguiram burlar a vigilância de Ino e escaparam. Tinham em poder dêles um carneiro com pêlo de ouro, presente de Mercúrio a sua mãe, Néfele. O maravilhoso animal, dotado de razão e da faculdade de falar, igualmente era capaz de percorrer os vastos páramos aéreos. Montados, pois, no dorso do carneiro, partiram para as regiões da Ásia, longe das iras funestas de Ino. Por desgraça, o ruído tumultuante das vagas encapeladas, que rugiam em baixo dêles, quando atravessavam o mar, lançou o temor na alma tímida da infeliz Hele. Preocupada em olhar para baixo, não se segurou fortemente como convinha, e foi assim que em dado momento escorregou do dorso do animal e mergulhou nas águas rugidoras. Desde então aquêle mar tomou o nome de Helesponto, "Mar de Hele." Frixo desceu na Cólquida. Imolou o carneiro a Júpiter, protetor dos fugitivos, e presenteou o velo de ouro ao hospitaleiro rei do país, Eetes, que o suspendeu a um carvalho, num bosque consagrado a Marte, sob a guarda vigilante de temível dragão. Quanto a Júpiter, encantado com o sacrifício, decidiu que todo aquêle que possuísse o Velo de Ouro, viveria na abundância e na glória. Frixo, estabelecido na Cólquida, aí morreu. — V. VELO DE OURO ou TOSÃO DE OURO. V. ARGONAUTAS. — Os deuses imortais não poderiam deixar impunes os crimes abomináveis de Ino, principalmente os de ter tentado tirar a vida aos enteados e de ter usado sacrìlegamente do oráculo. Juno encarregou-se da vingança. Inspirou ao rei de Orcômenos um furor frenético. Num acesso de loucura, Atamante viu que Learco, um dos filhos que tivera de Ino, era atacado por um leãozinho. Sem detença, crendo matar a fera, transpassou seu filho com a espada. A rainha Ino acorre. Vendo o filho agonizante, igualmente prêsa de loucura, toma o segundo filho, Melicerta, e precipita-o num caldeirão de água fervente. Retira, a seguir, o cadáver e com êle junto ao seio dirige-se para o mar. Do alto duma falésia lança-se às águas espumejantes. Atamante, exilado, confinou-se num canto obscuro da Tessália, onde morreu. — V. INO. V. HELE. V. FRIXO.

ATE — Vocábulo grego que significa "Sedução". Ate era filha de Júpiter. Era a mesma divindade que os Romanos chamavam Discórdia. Ate excitou tão grandes divergências e emulações entre os deuses,

que Júpiter a agarrou pelos cabelos e precipitou-a na terra, jurando que jamais ela entraria no Céu. Desde então Ate se ocupa em perturbar os homens e criar dissenções entre êles. Os males causados por essa divindade malfazeja podiam ser reparados pelas *Preces*, humildes e coxas filhas do grande Júpiter.

ATENA — Nome grego de Minerva. — V. MINERVA. — Atena deriva do sânscrito *Ahdnâ*.

ATIMNO — Irmão de Europa, honrado como deus em Gortine, cidade de Creta, e em Creta.

ÁTIS — 1) Jovem pastor da Frígia que Cibele amou apaixonadamente. Confiou-lhe a deusa o cuidado do seu culto, e lhe fêz jurar que não violaria as leis da castidade com outra pessoa. Aconteceu, porém, que o veio visitar a Ninfa Sangáride, virgem de rara formosura, que se tomou de amôres pelo jovem sacerdote de Cibele. Átis morava numa gruta, em região deserta e selvática. Não se passava dia em que a Ninfa não viesse falar ao jovem, e tanto fêz que êste, esquecendo-se do voto, caiu nos braços da fascinante Ninfa. Mais tarde, sòzinho na sua gruta, reconsiderando o grande crime que cometera, desesperado, mutilou-se bàrbaramente, arrancando seus membros viris. Cibele, condoída do infeliz, metamorfoseou-o em pinheiro. Assim se explica o fato de ser essa árvore consagrada a Cibele. Em Roma, as festas de Átis e Cibele celebravam-se de 15 a 27 de março, no princípio da primavera, quando renasce a vegetação, personificada em Átis. — V. CIBELE.

2) Rei da Lídia, que enviou seu filho Tirreno à Itália, com uma colônia de Lídios; daí, Tirrênia ou Etrúria, região da Itália limitada ao Norte pelos Apeninos, ao Sul pelo Lácio, a Leste pelo rio Tibre e a Oeste pelo mar Tirreno.

ATLANTÍADES — 1) Mercúrio, neto de Atlas.

2) Hermafrodito, filho de Vênus e Mercúrio. — V. HERMAFRODITO.

ATLANTIDA — Continente fabuloso, de alta civilização que numa só noite se perdeu no mar e desapareceu inteiramente.

ATLANTIDAS — As filhas de Atlas: Maia, Electra, Taígeta, Asteropo, Mérope, Alcíone e Celeno. Outros enumeram quinze. Após sua morte, foram colocadas no Céu. — V. PLÊIADE.

ATLAS — Filho de Jápeto e irmão de Prometeu. Atlas era o rei gigante das regiões do Ocidente. Segundo outros, era filho de Júpiter e da Oceânida Clímene. Desposou Pleione ou Hespéria, da qual teve sete filhas. — V. ATLÂNTIDAS. V. JARDIM DAS HESPÉRIDES. — Reinou sôbre a Mauritânia, e os povos daquela região chamaram-se Atlantes. Versado em astronomia, inventou a esfera, o que deu margem aos poetas de fingi-lo carregando a abóbada dos céus ou a esfera da terra sôbre seus ombros. De acôrdo com a versão de Higino, Atlas foi condenado por Júpiter e carregar o céu sôbre os ombros, por ter tomado, contra êle, o partido dos Titãs. Era o proprietário do Jardim das Héspérides, guardado por um dragão. — V. TRABALHOS DE HÉRCULES. — Advertido pelo oráculo de não confiar nos filhos de Júpiter, recusou hospitalidade a Perseu, vencedor da Medusa, e que retornava da Cirenaica. Perseu, indignado, apresentou-lhe a cabeça da Medusa e o petrificou. Atlas tornou-se uma montanha imensa.

ATREIDA — Agamenão, filho adotivo de Atreu.

ATREU — Filho de Pélops e de Hipodâmia. Sucedeu a Euristeu, rei de Argos, cuja filha Aéropa desposou. Concebeu ódio violento a seu irmão Tiestes. Êsse ódio teve início com o rapto do carneiro de pêlo de ouro, ao qual Atreu ligava a felicidade de sua família. Além disso havia o comércio incestuoso que seu irmão mantinha com sua mulher Aéropa. Atreu expulsou da côrte a espôsa e o irmão. Não se julgando suficientemente vingado, convidou Tiestes para um festim de reconciliação, e, durante o banquete, ofereceu-lhe os membros do filho que tivera com Aéropa. O sol recuou para não ver e não iluminar tão horrível repasto. — V. EGISTO. V. TIESTES.

ATRIDAS — Filhos adotivos de Atreu, Agamenão e Menelau.

ÁTRON — Um dos três filhos do Ciclope Argeus e de Frísia.

ÁTROPOS — Uma das três Parcas. — V. PARCAS. — Seu nome significa "A que não pode ser abrandada."

AUGE — Filha de Áleo. Apaixonada por Hércules, a êle se entregou. Encontravam-se os dois num bosque, e foi aí, também, ignorada de todos, que Auge deu à luz Télefo. Mas sua falta tornou-se conhecida

de seu pai, que a quis matar. Auge fugiu. Acolheu-se na côrte de Teutras, rei da Mísia, que, não tendo filhos, adotou-a. Tempos depois Teutras viu-se envolvido numa difícil guerra. Prometeu, então, sua coroa e a mão de Auge a quem o livrasse do temível inimigo que o ameaçava. Télefo, que permanecera com o avô, por êsse tempo viera a Mísia, por ordem do oráculo, para aí procurar sua mãe. Ouvindo o oferecimento do rei, aceitou a proposta cheio de entusiasmo. Venceu o inimigo e obteve a coroa e a princesa. Celebrou-se o casamento da mãe com o filho. Auge, num secreto pressentimento, quis matar Télefo antes que êste consumasse o matrimônio. Os deuses, nessa emergência, mandaram um dragão que separou os cônjuges. Com a ajuda de Hércules, Auge reconheceu o filho e com êle retornou à pátria.

AUGEUS — V. AUGIAS.

AUGIAS — Rei da Élida, filho do Sol, um dos Argonautas. — V. OS TRABALHOS DE HÉRCULES.

AUGÚRIOS — O augúrio, consistia, precipuamente, na observação do canto e do vôo dos pássaros; observava-se, da mesma maneira, o modo de comer da aves; mais tarde os augúrios compreendiam, também, a interpretação dos meteoros e demais fenômenos meteorológicos. O colégio dos Áugures foi criado por Rômulo. No começo eram três, depois quatro, e, por fim, nove, sendo quatro patrícios e cinco plebeus. Gozavam de grande consideração e uma lei das Doze Tábuas proibia, sob pena de morte, desobedecer-lhes. Mas pelos fins da República caíram em descrédito e já ninguém os levava a sério. Cícero admirava-se de como era possível um áugure olhar para outro sem rir. A ciência dos áugures encontrava-se nos livros que os adivinhos eram obrigados a aprender, e que constavam de doze artigos principais, conforme os doze signos do Zodíaco. Dos meteoros que serviam para tomar os augúrios, os principais eram o raio e o trovão; dos pássaros cujo vôo era objeto de interpretação, os principais eram a águia, o abutre, o milhafre, a coruja, o corvo e a gralha. Dava-se o nome de arúspice aos ministros encarregados de examinar as entranhas das vítimas. — V. ARÚSPICE.

AULA — Ninfa do cortejo de Diana. Da sua ligação com Baco concebeu de um parto dois filhos. Tornou-se louca, devorou um dos filhos e afogou-se. Júpiter transformou-a em fonte.

AULESTE — Irmão de Ocno. Era rei dos Etruscos e auxiliou Enéias na sua luta contra Turno. Foi morto por Messapo. — V. OCNO.

AURÍGENO — Aurígeno, "Gerado do ouro", epíteto dado a Perseu, por causa da chuva de ouro na qual se transformara Júpiter a fim de poder chegar junto de Dânae, mãe de Perseu, e concebê-lo.

AURORA — Núncia do Sol. Era ela que abria as portas do dia. Homero a chama de "Aurora dos dedos côr de rosa." Era filha de Titã e da Terra, ou de Hipérion e de Tea, ou de Palas, filho de Creio. Aurora apaixonou-se pelo belo Títono, filho de Laomedonte, um dos fundadores de Tróia, e com êle teve dois filhos chamados Mêmnon e Emátion. Seu amor pelo marido era tal que lhe prometeu conceder o que êle pedisse. Títono pediu-lhe a graça de uma vida extraordinàriamente longa. Aurora concedeu-lhe, de fato, uma existência tão longa que por fim seu corpo foi se esvaecendo, perdeu tôda a substância corpórea e transformou-se em cigarra. Aurora amou, também, o formoso Céfalo, que, contudo, permaneceu insensível e indiferente aos ardores da deusa. A doce Aurora vingou-se cruelmente. — V. CÉFALO. — Igualmente amou Astreu, do qual concebeu os Ventos e os Astros. Teve aventuras amorosas, ainda, com Órion e outros. Representavam-na assentada num carro vermelho tirado por quatro cavalos brancos.

ÁUSON — Filho de Ulisses e de Calipso. Estabeleceu-se na Itália e deu seu nome à Ausônia. Ausônia é uma parte da Itália; os poetas empregam o têrmo significando a Itália, ou a península italiana.

AUSTRO — Vento extremamente quente e tempestuoso, filho de Astreu e de Heribéia, ou de Éolo e da Aurora, ou de Astreu e da Aurora. Soprava do Sul, ou mais exatamente, do S. O. Trazia consigo nevoeiros e chuvas pesadas. Toma, então, o nome de *Noto*. Em certas épocas do ano era um vento sêco e asfixiante, nocivo aos homens e à vegetação. É o *siroco* dos nossos dias.

AUTÓLICO — Argonauta, filho de Mercúrio e Quíone. Renomado ladrão. Roubava os rebanhos dos vizinhos e misturava-os aos seus, tirando, antes, os sinais pelos quais poderiam ser reconhecidos. Roubou os re-

banhos de Sísifo; mas êste, tão esperto como Autólico, reconheceu seus touros mercê de um sinal que êle havia feito nos animais sob as patas. Sísifo vingou-se raptando-lhe a filha. — V. ANTICLÉIA.

AUTOMEDONTE — Condutor do carro de Aquiles e seu grande amigo. Após a morte de Aquiles tornou-se cocheiro de Pirro, filho do herói. Seu nome passou a designar hábil cocheiro ou auriga.

AUTÔNOE — Filha de Cadmo, mulher de Aristeu e mãe de Acteão.

AVENTINO — 1) Filho de Hércules e Réia, companheiro de Turno.

2) Rei de Alba.

3) Uma das colinas de Roma.

AVERNO — Lago da Campânia, consagrado a Plutão. Dêsse lago exalavam-se emanações tão infectas que os pássaros que por sôbre êle voavam, caíam mortos. Cria-se que era a entrada dos Infernos.

AVERRUNCO — Deus que os Romanos adoravam sobretudo nos tempos calamitosos. Acreditavam que sòmente êsse deus era capaz de afastar os males ou extinguir as desgraças. Dava-se, às vêzes, o nome de Averrunco a outros deuses, quando eram invocados para afastar o efeito de sinistros presságios.

AXIÃO — Filho de Príamo, morto por Eurípilo.

B

BÁBIS — Irmão de Mársias; como seu irmão, teria sido esfolado vivo por Apolo por ter desafiado o deus para um certame musical.

BACANAIS — Festas romanas em honra de Baco; lugares destinados ao culto de Baco. As festas das Bacanais ocasionaram tais torpezas, que o Senado, em 186, se viu obrigado a intervir com todo o rigor. — V. BACANTES.

BACANTES — As Bacantes, no sentido estrito, eram as seguidoras ou acompanhantes do deus Baco, quando êste saiu para conquistar a Índia; mais tarde, com êsse nome, passou-se a designar o colégio das sacertotisas de Baco; finalmente, as mulheres que desejavam celebrar as festas do deus à moda das Bacantes. Corriam elas pelas ruas, à noite, seminuas, cobertas com peles de tigre ou pantera, fixadas na cintura com festões de hera e pâmpanos. Empunhavam o tirso, vara enramada de hera e parras, geralmente terminada em pinha. Algumas, com o cabelo sôlto, carregavam fachos, davam urros, espalhavam-se pelos montes, campos e vilas, erravam ao longo dos rios e através dos bosques. Aos gritos de *Euói! Euói!*, em honra de Euan ou Evan, epíteto de Baco, soavam as flautas, os címbalos, os tambores e as castanholas presas às suas vestes. Chamavam-nas, também, de *Ménades*, voz grega que significa "Furiosas". — V. BACO. V. MÊNADES. — As Bacantes, no seu delírio, entregavam-se a tôda sorte de excessos. Praticavam cultos secretos, à noite, onde se cometiam as maiores imoralidades.

BÁCIS — Famoso adivinho da Beócia, cujo nome passou a designar vários daqueles que, depois dêle, se dedicaram a predizer o futuro.

BACO — Baco (em grego *Dioniso*, "O deus de Nisa") era o deus do vinho, filho de Júpiter e Sêmele, filha de Cadmo. — V. SÊMELE. — Criado pelas Horas e pelas Ninfas, longe do Olimpo e da ciumenta Juno, em Nisa, cidade da Índia, instruíram-no Sileno e as Musas. — V. SILENO. — Ao crescer, empreendeu a conquista da Índia, i. é, o território compreendido entre a Índia e a Grécia. Consta que passou pelo Egito. Acompanhado de um grande cortejo de homens e mulheres, armados com o tirso, batendo em tambores e seguido pelas Ninfas, pelos Sátiros e pelo próprio deus Pã, marchava Baco à frente do cortejo como um vencedor triunfante. Submeteu ao seu império todos os povos, ensinando-lhes a cultura da vinha e o fabrico do vinho. Todo aquêle que recusava reconhecer sua divindade, recebia logo o castigo merecido. — V. PENTEU. V. MÍNIAS. — Em Cibele, cidade da Frígia, foi admitido às expiações por Réia e iniciado nos mistérios da Mãe dos deuses. Na guerra dos Gigantes transformou-se em leão, matou Reco ou Reto e fêz a vitória pender para o lado dos deuses. Representam-no, às vêzes, com chifres, e, mesmo, sob a forma de touro, símbolo da fôrça que o vinho pode

dar ao homem. Mais comumente é representado como um belo jovem de faces coradas, coroado de vinha ou de hera, com os longos cabelos anelados caídos sôbre os ombros. Não raro figuram-no sentado num carro tirado por tigres, leões e panteras. Imolavam-lhe o bode, porque êsse animal rói os brotos da vinha. Entre os animais eram-lhe consagradas a pantera e a pêga; entre os vegetais, a hera, o pâmpano, o pinheiro e o carvalho. Consta que o culto de Baco foi introduzido na Grécia por Orfeu. Contam-se dêle muitas façanhas: Um dia, fugindo da deusa implacável, Juno, caiu de fadiga ao pé da estrada. E adormeceu. Uma serpente de duas cabeças atacou-o, então, sorrateiramente. O deus, desperto sùbitamente, matou-a a golpes vibrados com um sarmento. Na ilha de Naxos consolou e desposou Ariadne, abandonada por Teseu, e lhe ofertou a famosa coroa de ouro, obra-prima de Vulcano. Aos habitantes de Egito ensinou a agricultura e arte de extrair o mel. Seus epítetos são inúmeros: LIBER, "Livre", porque o vinho desembaraça o espírito; EUIO ou ÉVIO, "O que solta o grito EUÓI"; NISEU, da cidade mítica de Nisa; LIEU, "O quebra-cuidados"; LENEU, "O deus do lagar"; NICTÉLIO, "O noturno", já que suas festas eram celebradas à noite; BRÔMIO, "O que faz ruídos"... O nome *Baco* deriva

BACO SÔBRE O TOURO SAGRADO
(*Pintura num vaso*)

do uma palavra grega que significa "gritar", alusão aos gritos frenéticos das Bacantes e dos bêbados. Em Atenas, as festas de Baco, as *Dionisíacas*, celebravam-se oficialmente, com grande pompa e esplendor. O primeiro arconte as presidia. Consistiam as principais cerimônias numa majestosa procissão na qual se levavam tirsos, vasos cheios de vinho, coroas de pâmpanos, ramos e guirlandas de árvores e cepas de vinha. Virgens chamadas *Canéforas*, "As que conduzem cêstos", soltavam, de açafates enfeitados, serpentes domesticadas. No cortejo figuravam homens fantasiados de Silenos, de Pãs e de Sátiros. Em Roma, celebravam as festas em honra de Baco, as *Liberálias*, a 17 de março.

BAIAS — Famosa cidade marítima no Gôlfo de Nápoles, com caldas sulfúreas e banhos de mar. Era o lugar de banhos mais freqüentado pelos Romanos e muito mal afamado quanto à moralidade.

BALEO — Um dos companheiros de Hércules. Deu seu nome às ilhas Baleares, hoje possessão espanhola, no Mediterrâneo ocidental. Em uma dessas ilhas foi sepultado.

BALIOS — Um dos cavalos dados por Netuno a Peleu, no dia do seu casamento com Tétis, e que, depois, pertenceu a Aquiles. Êsse cavalo, assim como o Xantos, nascera de Zéfiro e de Podarge.

BAPTES — Sacerdotes da deusa Cotito. Celebravam a festa da deusa à noite. Essas festas eram acompanhadas de tôda a sorte de libertinagens e devassidões. Os Baptes eram considerados como os últimos dos homens.

BÁQUIS — 1) Touro consagrado ao Sol e adorado em Hermônlis, cidade do Egito. O pêlo dêsse touro mudava de côr a cada hora do dia e crescia em sentido contrário ao do dos outros animais.

2) Filho de Prúmnis, foi o tronco dos Baquíadas, família coríntia.

BARCA — Filho de Belo e irmão de Pigmalião. Passou para a África cóm as suas duas irmãs, Dido e Ana.

BARCE — 1) Ama de Siqueu, marido de Dido.

2) Filho de Anteu.

BASSAREU — Um dos muitos nomes de Baco, porque as Bacantes, às vêzes, vestiam peles de rapôsa, em grego *bassara*.

BÁTEA — 1) Náiade.

2) Filha de Teucro e mulher de Dárdano.

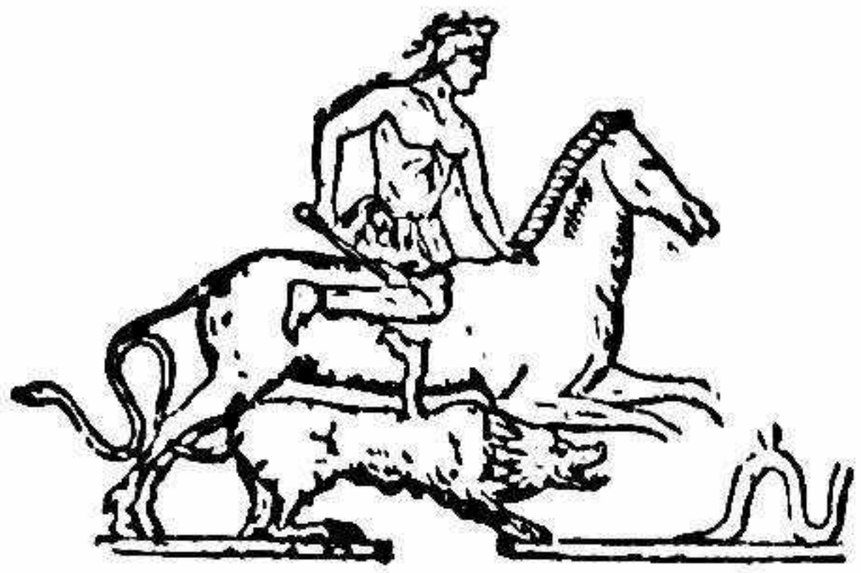
BATO — Velho pastor de Pilos, testemunha do roubo dos rebanhos de Apolo por Mercúrio. Recebeu a mais bela novilha da tropa, com a condição de guardar segrêdo. Mercúrio, não se fiando muito na sua discrição, quis prová-lo. Fingiu retirar-se e voltou

logo após sob a forma de um camponês, oferecendo-lhe um boi e uma vaca se êle dissesse onde estava o rebanho roubado. Bato, sèriamente tentado pela cobiça, hesitou um tanto, mas acabou revelando o segrêdo. Mercúrio, indignado, transformou-o em pedra de toque, i. é, pedra que serve para avaliar a pureza dos metais.

BÁUCIDE — Espôsa de Filemão, velho frígio. — V. FILEMÃO.

BELEROFONTE — Coríntio ilustre, filho de Glauco e de Eurímede, e neto de Sísifo. Segundo outros, era filho de Netuno. Seu verdadeiro nome era Hipônoo. Tomou o nome de Belerofonte, por se ver acusado de haver matado um homem que havia nome Beleros (*Belerofonte*, "Assassino de Beleros"). Alguns autores trazem que êsse Beleros era seu irmão e foi morto por acaso, durante uma caçada. Conforme a lei, refugiou-se na côrte do rei de Tirinto, Preto, num exílio voluntário. Preto recebeu-o cordialmente. A rainha, Estenebéia ou Antéia, tomou-se de amôres pelo jovem e tentou seduzi-lo; como êle era honesto e prudente e se lhe recusasse, ela, plena de mentira, acusou-o junto ao rei de querer êle seduzi-la. O rei encheu-se de ira. Mas como tinha algum sentimento religioso, não quis matar Belerofonte; no entanto obrigou-o a sair para a Lícia e a levar consigo umas cifras, traçadas numa tabuleta dobrada, em caracteres intrincados, para sua própria desgraça, mortíferos, pois aí se dizia que o portador deveria ser morto imediatamente. E ao chegar a Lícia, devia entregar a tabuinha ao sogro do rei, isto é, ao sogro de Preto, Iobates. O rei da Lícia de bom ânimo o recebeu e fêz-lhe muitas honras. Nove dias o teve por seu hóspede e sacrificou nove bois. Mas no décimo dia quis ver as cifras que seu genro Preto lhe mandara. Interpretadas estas, mandou a Belerofonte que matasse a invencível Quimera, um monstro de raça divina, leão por trás, serpente por diante e cabra no meio do corpo. Soprava fogo e fumo. Belerofonte matou-a, obedecendo aos sinais dos deuses. Assim é que Belerofonte, primeiro, tratou de apoderar-se do cavalo Pégaso, alado. Dirigiu-se, pois, para a Beócia, onde ordinàriamente o animal se encontrava. Procurou-o com afinco, e, quando o encontrou, verificou com pesar que lhe era de todo impossível capturar o maravilhoso cavalo. Esfalfou-se dias e dias, correndo atrás do nobre animal. Desencorajado, consultou um adivinho, que o aconselhou a dormir no templo de Minerva. Assim fêz o jovem. Em sonhos surgiu-lhe a deusa e lhe prometeu um freio de aço inquebrável; convém-lhe, contudo, oferecer um sacrifício a Netuno, pai do Pégaso. Ao despertar vê Belerofonte o freio junto aos seus pés. Em honra de Netuno imola um touro de pêlo luzidio, e põe-se novamente à caça do extraordinário animal. Entrementes, Pégaso deixara a Beócia. Descera para o sul. Belerofonte foi encontrá-lo junto à fonte Pirine, em Corinto. O animal bebia água. Belerofonte aproxima-se e Pégaso, dòcilmente, estende a cabeça ao freio. O jovem monta-o e Pégaso, com as asas abertas, num ápice o conduz a Cária. A Quimera, ouvindo-o chegar através do espaço, ergueu a cabeça formidável. Sua goela imensa lançou um tremendo urro e nuvens de fogo e fumo elevaram-se pelo ar. O cavaleiro sopesou a lança, na ponta da qual dispusera uma grande bola de chumbo, e arremessou-a na goela ardente do monstro. O chumbo logo derreteu e a Quimera, entre urros atroadores, expirou. Iobates não conteve sua surpresa ao ver o jovem vencedor retornar sem uma ferida sequer. Todavia, para se conformar à recomendação expressa do genro, enviou-o a seguir, a uma segunda e a uma terceira provas. Mandou-o combater o povo selvagem de Sólimas, os gloriosos Sólimos, e foi esta, segundo se dizia, a mais árdua batalha da sua vida, depois a tribo feroz das Amazonas. Tanto em uma como em outra expedição, o jovem herói tornou-se vencedor. Iobates, pois, viu-se coagido a usar outro método. Escolheu de tôda a vasta região da Lícia os homens mais vigorosos e mandou que lhe fizessem uma espera; mas desta emboscada nenhum voltou para casa, porque todos foram mortos pelo valente Belerofonte. Admirado com tal coragem e valor, Iobates não duvidou de que o jovem fôsse um rebento não degenerado dos deuses: só alguém de sangue divino levaria a cabo as empresas que empreendera. Deu-lhe, por conseguinte, a mão de sua outra filha, Filónoe e com êle partilhou o reino, tendo-lhe os Lícios dado muitas terras. A espôsa do preclaro Belerofonte teve três filhos, Isandros, Hipólocos e Laodaméia. Por infelicidade, havia na alma e no sangue de Belerofonte um mau germe, que lhe seria funesto, assim como a tôda a sua descen-

dência. Perdeu a filha Laodaméia ferida a flechadas por Diana; perdeu o filho Isandros morto num combate com os Sólimos. No fim da vida o orgulho dominou o ânimo de Belerofonte. Em vista das



BELEROFONTE LUTANDO COM A QUIMERA

proezas que levara a cabo, julgou-se um deus. Quis elevar-se, montado no Pégaso, até o trono de Júpiter. O soberano senhor, irritado com tal audácia, enviou contra o cavalo alado um tavão, cujas picadas exacerbaram de tal modo a alimária que esta acabou jogando em terra o seu cavaleiro. Belerofonte, tombando do alto Céu, caiu sôbre a terra da Lícia. Ficou paralítico e cego, sempre só, evitando todo convívio com os mortais. Findou seus dias mergulhado em negra tristeza e melancolia.

BÉLICA — Pequena coluna erguida à frente do templo de Belona, em Roma, contra a qual o arauto d'armas lançava uma lança, sempre que a guerra fôra declarada.

BÉLIDAS — 1) Os filhos de Belo: Dânau e Egito.

2) As Danaides, netas de Belo.

BELO — 1) Rei de Tiro, pai de Dido, Ana e Pigmalião.

2) Pai de Dânau e Egito; é o Júpiter Egípcio.

3) Filho de Netuno e da Líbia; conduziu uma colônia de Egípcios a Babilônia.

4) Rei da Lídia, descendente de Hércules.

BELONA — Irmã ou espôsa do deus Marte. Era ela que preparava o carro e os cavalos de Marte, quando êste partia para a guerra. Mostrava-se nas batalhas com o semblante formidável, cabelos esparsos, uma tocha numa mão e um látego na outra, com o qual fazia retumbar o ar. Não raro os poetas confundem-na com Palas. Apresentava-se, em geral, armada dos pés à cabeça, de lança em punho. Possuía um templo, em Roma, junto da Porta Carmenta, no qual o Senado dava audiência aos embaixadores e generais.

BELONÁRIOS — Sacerdotes de Belona, em Roma. Celebravam a festa da deusa fazendo na coxa ou no braço incisões a fim de lhe oferecer seu sangue em sacrifício. No seu feroz entusiasmo, prediziam a tomada das cidades e a fuga dos inimigos. Eram tidos em grande consideração.

BERECINTAS — Antigo povo frígio, na fronteira entre a Lídia e a Cária.

BERECINTIA — Epíteto da Mãe dos deuses, Cibele, tomado da montanha Berecinto, na Frígia, onde a deusa nascera e onde tinha um suntuoso templo.

BERENICE — Mulher e irmã, ou prima, de Ptolomeu Evergetes. Êste, sucedera a seu pai, Ptolomeu Filadelfo, no trono do Egito. Sua espôsa Berenice, era filha do rei Magas, de Cirene. Logo após o casamento teve que partir para a guerra contra os Selêucidas, a chamada terceira guerra síriaca, para vingar o assassínio da irmã. A jovem espôsa, aflita pela separação e preocupada com a sorte do marido, prometeu, então, um cacho dos seus lindos cabelos aos deuses se o marido retornasse são e salvo. A guerra foi curta e bem sucedida. A rainha cumpriu a promessa depositando o cacho de cabelos no templo. Mas eis que êle, misteriosamente, desaparece. O rei, que ficara muito comovido com essa prova de amor, irritou-se extremamente com o audacioso furto, e manifestou sua cólera contra os infelizes sacerdotes encarregados da guarda do templo. O astrônomo da côrte, Cónon, apressou-se em declarar que o cacho desaparecido tornara-se uma constelação, identificando-a com um grupo de estrêlas ainda sem denominação, ao todo sete estrêlas, junto à cauda do Leão. Creram na palavra do astrólogo. Arsínoe, rainha que precedera a Berenice no trono do Egito, deificada depois da morte como Arsínoe-Afrodite, e apelidada, de um templo que possuía em Zefírio, de Zefirítida, mandara tirar, por intermédio de Zéfiro, os cabelos da rainha e colocá-los no Céu. Catulo, a respeito, escreveu um dos seus mais belos carmes, imitado de Calímaco.

BÉRGION — Com seu irmão Álbion, teve a audácia de atacar Hércules. Eram temíveis Gigantes filhos de Netuno. Quiseram impedi-lo de passar o Ródano. — V. ÁLBION.

BÉROE — 1) Velha mulher de Epidauro, ama de Sêmele. Juno tomou a figura dessa mulher para enganar Sêmele. — V. Sêmele.

2) Filha de Vênus e Adônis, que Netuno pediu em casamento, mas que foi dada a Baco.

3) Oceânida, companheira de Cirene, mãe de Aristeu.

4) Espôsa de Dóriclo; Íris, por ordem de Júpiter, tomou seus traços a fim de poder enganar as mulheres troianas.

BÍBLIDE — Filha de Mileto e da Ninfa Cianéia. Concebeu por seu irmão Cauno criminosa paixão. O jovem, após repetidas tentativas da irmã em seduzi-lo, a fim de evitar maiores males abandonou a casa paterna. Bíblide saiu no seu encalço. Procurou-o inùtilmente longo tempo. Deteve-se, por fim, à sombra de um bosque, para descansar. Aí, à fôrça de chorar, transformou-se em fonte.

BÍCIAS — 1) Capitão da frota de Enéias.

2) Irmão de Pândaro, filho do troiano Alcanor e Hiera; ambos os irmãos foram mortos pelos Rútulos.

BIOTANATES — Dava-se êsse nome aos que morriam de morte violenta. Ficavam presos às portas do Inferno e as suas almas só podiam entrar quando chegasse o momento no qual êles teriam cessado de viver por uma morte natural.

BISÁLTIDE — Ninfa também chamada Teófana, filha de Bisalto. Apaixonado por Bisáltide, Netuno transportou-a a uma ilha deserta e lá transformou-a em ovelha. Êle mesmo metamorfoseou-se em carneiro. Dessa união nasceu o famoso carneiro Crisomalos, vocábulo que significa "Pêlo ou velo de ouro". Êsse carneiro foi o mesmo que transportou Frixo e Hele, e cujo tosão de ouro Jasão conquistou. — V. Argonautas. V. Hele. V. Frixo.

BISSA — Filha de Eumelo; foi transformada em pássaro. — V. Ágron.

BITINO — Bitino ou Bítis, filho de Júpiter e Trácia. Deu seu nome aos Bitínios. Bitínia é uma região da Ásia Menor, entre o mar de Mármara e o mar Negro.

BÍTON — Irmão de Cléobis. Eram ambos filhos de Cidipe, sacerdotisa de Juno em Argos. Um dia, não tendo encontrado os bois para atrelar ao carro de sua mãe, puxaram-no êles mesmos até o templo. Cidipe, encantada com a dedicação filial de ambos, pediu aos deuses que lhes dessem o dom mais precioso aos mortais. Após êsse pedido, os dois adormeceram no templo e jamais acordaram.

BOA DEUSA — Nome dado comumente a Cibele ou Ops. Os Romanos davam-lhe também o nome de Fauna. Levava tão longe a virtude da castidade, que não ousava encarar outro homem senão seu marido. As damas romanas celebravam a festa da Boa Deusa todos os anos, a 1.º de maio. Essa celebração tinha lugar à noite, e dela estavam excluídos não só os homens, mas até os animais machos. A *Bona Dea*, Boa Deusa, era, também, a deusa da fecundidade.

BOA FÉ — V. Fides.

BODE — (Em latim *hircus*) O bode é o símbolo do sol primaveril e da virtude fecundante e regeneradora dêsse astro; é, na terra, a imagem viva do bode celeste ou do carneiro, que se encontra na divisão zodiacal do Touro. No dizer de Heródoto, os Mendésios (habitantes de Mendes, antiga cidade do Baixo Egito) choravam o bode sagrado como os Egípcios o boi Ápis. Os Gregos e os Romanos, sob os nomes de Pã, Faunos, Sátiros, Silvano, etc., adoravam, confusamente, divindades campestres, cujas figuras ora representavam a forma do bode, ora manifestavam os seus caracteres mais peculiares. Priapo, não raro, era figurado com atributos hircinos: cornos, orelhas felpudas, coxas e patas. Freqüentemente as imagens do deus Priapo eram representadas com o membro ereto, para indicar o natural lascivo do bode. As mulheres sem filhos, na intenção de destruir o que julgavam encantamento, se ofereciam ao bode sagrado. Versos de Píndaro, citados por Estrabão, uma passagem de Clemente de Alexandria e outra de Heródoto, declaram que tais práticas monstruosas tinham lugar, principalmente, em Mendes e em Quêmis (no Delta); eram praticadas, também, em outras cidades menos importantes da Ásia Menor. Heródoto conta, mesmo, que um bode teve comércio carnal com uma mulher, pùblicamente, e que essa aventura foi conhecida de todos. O culto do bode passou da Lídia para a Grécia, depois para a Etrúria, e, por último, para Roma, onde se transformou da seguinte maneira: os Romanos, incomodados e tristes por verem estéreis as Sabinas que haviam raptado, invocaram Juno na floresta sagrada do monte Esquilino. Mal haviam terminado suas preces, viram agitarem-se os cimos das árvores e ouviram

o seguinte oráculo: *Que as mulheres da Itália sejam fecundadas por um bode.* Um adivinho etrusco, com sua interpretação, mitigou o rigor do oráculo: propôs às mulheres estéreis que se fizessem bater, nas costas e no ventre, com tiras de pele de bode. É a cerimônia que se praticava nas Lupercais, festas soleníssimas. No dia 23 de fevereiro, jovens quase nus percorriam as ruas da cidade de Roma armados de cutelo, com o qual haviam sido sacrificados os bodes, e com látegos feitos do couro dêsses animais, com os quais fustigavam todos que encontravam. As mulheres estéreis ofereciam o dorso e o ventre aos golpes dos jovens fustigadores, na esperança de se tornarem fecundas. — V. LUPERCAIS.

BOLINA — Donzela da Acaia que se precipitou no mar a fim de fugir à perseguição de Apolo que lhe queria arrancar a virgindade. O deus, admirado da sua virtude, deu-lhe a imortalidade.

BOLOMANCIA — Adivinhação que se fazia por meio de flechas misturadas, sôbre as quais se escreviam os nomes das cidades que deveriam ser atacadas.

BOMÔNICAS — Festa em honra de Diana. Chamavam-se Bomônicos os jovens espartanos que nas festas de Diana Ortia, recebiam açoites diante do altar da deusa. Aquêle que agüentasse maior número de vergastadas era declarado vencedor e recebia valiosos prêmios. *Ortia* era o nome de Diana entre os Espartanos.

BOOTES — "Boieiro", constelação vizinha da Grande Ursa, e que parece seguir o carro. A estrêla Arcturo faz parte dessa constelação boreal. Os antigos chamavam-na, também, *Bubuloo* e *Arctofilax*. — V. ICÁRIO.

BOOTO — Filho de Netuno e de Melanipo. Foi exposto logo após seu nascimento e salvo por pastôres.

BÓREAS — 1) Um dos cães de Acteão.

2) Vento do norte. O Setentrião. Era filho de Astreu e da Aurora, ou Heribóia. Residia na Trácia. Raptou Orítia, filha de Erecteu, rei dos Atenienses. Dessa união houve dois filhos, Zetes e Cálais, e quatro filhas. Bóreas raptou, também, Clóris, filha de Arcturo, e dela nasceu Hírpace. Metamorfoseou-se em cavalo e deu nascimento a doze poldros dotados de tal rapidez que corriam por sôbre as espigas de um campo cultivado sem dobrá-las, e sôbre as ondas do mar sem nelas afundar os cascos. No curso das Guerras Médicas, Bóreas testemunhou sua amizade aos Atenienses destruindo os navios dos Persas. Por trazer consigo frio e geada, confundiam-no, às vêzes, com o Aquilão, rápido como a águia ("Aquila"). Representavam-no com asas nas espáduas. Os Atenienses erigiram-lhe altares.

BOREASMAS — Festas atenienses em honra de Bóreas, que tinha altares na Ática. Veneravam-no por ter êle raptado Orítia, filha de Erecteu, rei de Atenas.

BRIAREU — Filho da Terra e de Urano (o Céu), era um Gigante Hecatonquiro, de cinqüenta cabeças e com braços e outras tantas bôcas ignívomas. Tinha o nome de Egéon na Terra e Briareu no Céu. Sua fôrça extraordinária o tornava temível aos próprios deuses. Entretanto, foi vencido por Netuno, que o lançou ao mar. Reconciliaram-se, depois, e Netuno fê-lo deus marinho. A intervenção de Briareu na guerra dos Titãs foi decisiva. Após essa campanha, Júpiter julgava que, finalmente, a paz reinava no Olimpo. Entretanto, Juno, irritada e ofendida com as inumeráveis e continuadas infidelidades do espôso, que não cessava de aumentar a população da terra, tentou empreender um levante de tôdas as divindades contra Júpiter. Já o movimento ganhava terreno, e o Olimpo era um foco de intrigas, quando Tétis, uma das Ninfas do mar, revelou a conspiração ao pai dos deuses. Trouxe Briareu em socorro de Júpiter. E logo a ordem voltou ao Olimpo. Para castigar sua espôsa, amarrou-a no éter com correntes de ouro, e lhe pendurou aos pés duas bigornas pesadíssimas. Foi então que Vulcano teve piedade de sua mãe e tentou salvá-la. Júpiter jogou-o do alto céu na ilha de Lemnos. Com a queda, Vulcano tornou-se coxo. — V. OUTRA VERSÃO PARA A CLAUDICAÇÃO DE VULCANO NA ILÍADA. — Júpiter reconquistara seu poder absoluto. Ninguém mais tentou rebelar-se contra êle. Briareu, com outros monstros, guardava o vestíbulo dos Infernos. — V. INFERNOS.

BRISEIS — Nome patronímico de Hipodâmia, filha de Briseu. Após a conquista de sua terra natal pelos Gregos, durante a guerra de Tróia, Briseis caiu nas mãos de Aquiles. Sua juventude e sua beleza encantaram o coração do grande guerreiro, que a amava apaixonadamente. Algum tempo depois, Agamenão, irritado com a devolução que teve de fazer de Criseide a seu pai, por ordem de Aquiles, vingou-se ar-

rebatando a êste a formosa Briseis. Aquiles, encolerizado, jurou não mais combater. Com efeito, fechou-se em sua tenda e deixou os Gregos à sua própria sorte. Quando, por fim, Agamenão, apavorado com as sucessivas vitórias dos Troianos, devolveu-lhe Briseis, juntamente com ricos presentes, o herói recusou-se recebê-la. Ignora-se o que foi feito de Briseis depois da morte de Aquiles. — V. ILÍADA.

BRISEU — Pai de Briseis. Era sumo-sacerdote de Júpiter em Lirnesse, e irmão de Crises, pai de Criseide.

BRITOMARTIS — Também conhecida como Pritomarte. Bela Ninfa de Creta, filha de Júpiter e de Cármis. Amava muito a caça e foi cara a Diana. A fim de evitar as perseguições de Minos, que se tinha apaixonado por ela, precipitou-se no mar e ficou prêsa numa rêde de pescadores. Diana a colocou no rol das divindades. Mais tarde Britomártis apareceu aos habitantes de Egina que lhe ergueram um templo e a veneraram sob o nome de Áfea. Alguns a confundem com Diana.

BRÔMIO — Epíteto de Baco. A palavra significa "ruído", "aquêle que freme", "estremecimento".

BRONTES — Um dos Ciclopes, filho de Celo e da Terra. Forjava os raios de Júpiter.

BRÓTEAS — 1) Lápita, filho de Mícale, morto pelo Centauro Grineo.

2) Irmão gêmeo de Ámon; pereceu com seu irmão sob os golpes de Fineu.

BRUMO — Outro nome de Baco entre os Romanos. *Brumálias* eram festas romanas em honra do referido deus.

BRUTO — Primeiro rei dos Bretões. Era filho de Sílvio e sobrinho de Ascânio. Por desgraça matou um irmão. Primeiro refugiou-se na Grécia, depois na Bretanha, onde definitivamente se estabeleceu.

BUBASTE — A Diana egípcia, assim chamada da cidade de Bubaste, no Baixo Egito.

BUCOLIÃO — Filho mais velho de Laomedonte e Cálibe. Desposou a Náiade Abarbaréia, da qual teve dois filho, Esepo e Pédaso, que pereceram diante de Tróia.

BÚFAGO — 1) "Comedor de bois", filho de Jápeto e de Tórnax, morto por Diana a flechadas, por ter atentado contra a sua virgindade.

2) Epíteto de Hércules, por causa do seu insaciável apetite.

BURA — Filha de Júpiter. Deu seu nome à cidade de Bura, que foi soterrada juntamente com a cidade de Hélice, em virtude de um tremor de terra.

BURAICO — Epíteto de Hércules, tomado da cidade do mesmo nome, onde havia um oráculo.

BUSIRE — 1) Filho de Netuno e de Líbia. Os Egípcios o puseram no número dos deuses de segunda classe.

2) Tirano da Espanha, famosíssimo pela sua crueldade. Imolava a Júpiter todos os estrangeiros que entravam nos seus estados, ou por êles passavam. Hércules, a quem êle preparava a mesma sorte, matou-o e a seu filho e a seus sacerdotes. Alguns fazem de Busire, rei do Egito e filho de Netuno e Anipe.

BUTÁCIDE — Crotonense considerado como o mais belo homem da sua época e o mais forte atleta do seu tempo. Ofereceram-lhe sacrifícios após sua morte.

BUTES — 1) Filho de Bóreas. Obrigado a deixar o estado de Âmico, rei dos Bebrícios, seu pai putativo, que o não queria reconhecer, partiu para a Sicília com alguns amigos. Durante a sua fuga, raptou, sôbre as costas da Tessália, Ifimedia, Pancrátis e Corônida, que estavam ocupadas em celebrar as Bacanais. Reservou Corônida para si, dando as outras aos seus amigos. Baco, porém, indignado, suscitou-lhe um delírio tão violento que o infeliz se precipitou num poço. Conforme outra versão, Butes desposou Licasta, apelidada de Vênus, por causa da sua formosura, e dela teve um filho, Érix.

2) Um dos filhos de Pandião, sacerdote de Minerva e Netuno. Foi pôsto no número dos deuses pelos Atenienses, que lhe ergueram um altar no templo de Erecteu.

3) Argonauta.

4) Filho de Palas. Um dos embaixadores que os Atenienses enviaram a Êaco pedindo socorro contra Minos.

5) Velho troiano, escudeiro de Anquises. Apolo tomou sua figura quando quis impedir que Ascânio combatesse.

BUTROTO — Cidade marítima do Epiro, hoje em ruínas, perto de Livari. Nessa cidade Enéias encontrou Andrômaca, que aí havia desposado Heleno.

C

CAANTO — Filho do Oceano e de Tétis. Recebeu, de seu pai, a incumbência de procurar sua irmã Mélia, raptada por Apolo. Por mais que se esforçasse, não conseguiu alcançar o raptor. Cheio de cólera, pôs fogo a um bosque consagrado ao deus. Apolo, então o matou a flechadas.

CABARNE — Pastor da ilha de Paros. Foi êle que comunicou a Ceres o rapto de Prosérpina. A deusa, para recompensá-lo, fê-lo sacerdote do seu templo. Os habitantes de Paros, uma das ilhas Cíclades, no Mediterrâneo, instituíram festas em sua honra, e a ilha tomou o nome de Cabárnis.

CABIRA — Mulher de Vulcano e mãe das Cabírides, Ninfas.

CABÍRIA — Epíteto de Ceres e Prosérpina.

CABIROS — Divindades misteriosas, honradas em diversos lugares da Grécia e de modo especial na Macedônia e na ilha de Samotrácia. O culto dos Cabiros, que passou para a Itália, era originário do Egito. O mais antigo templo de Mênfis lhes era consagrado. Dava-se, também, o nome de Cabiros aos sacerdotes de Cibele. Celebravam o culto da deusa da mesma maneira que os Coribantes. — V. CORIBANTES.

CABRO — Cabro, Capro ou Cálabro era um deus que se reverenciava em Fasélida, na Panfília, região ao sul da Ásia Menor, perto do mar Egeu. Ofereciam-se a essa divindade pequenos peixes salgados.

CABURA — Fonte da Mesopotâmia, onde Juno se banhou, fato que deixou às águas agradável odor.

CACA — Irmã de Caco. Foi posta no número das deusas, por ter advertido Hércules do roubo que seu irmão cometera. — V. CACO.

CACO — Monstro, filho de Vulcano, metade homem e metade animal. Sua bôca vomitava turbilhões de chamas e fumo. À entrada da sua caverna, junto ao monte Aventino, perpètuamente viam-se penduradas cabeças sangrentas: eram as vítimas do terrível monstro. Hércules, após a derrota de Gerião, conduziu seus bois às bordas do Tibre. Caco aproveitou o momento em que Hércules dormia, para lhe roubar quatro juntas; e, com mêdo de ser traído pelos rastros dos bois, conduziu-os de costas. Quando Hércules partiu, os bois que lhe restavam começaram a mugir, e os que estavam encerrados na gruta mugiram também, revelando, assim, o roubo. Segundo outra versão, Caca comunicou ao herói o roubo que seu irmão cometera. Hércules, furioso, correu à caverna, estrangulou Caco e reouve seus bois. Em memória dêsse triunfo, Hércules levantou um altar a Júpiter Salvador, e os povos vizinhos instituíram festas anuais em honra do herói que os livrara de tão medonho flagelo. — V. ALTAR (GRANDE). V. HÉRCULES.

CADMILO — Cadmilo, Camilo e Casmilo são nomes de Mercúrio, considerado como divindade de ordem inferior, executando, junto aos deuses, tôdas as funções domésticas próprias de servos ou criados. Dava-se, também, o nome de Cadmilo a jovens

BIBLIOTECA

que serviam como sacerdotes de Júpiter, e, em geral, a todos os jovens, de ambos os sexos, que desempenhavam funções inferiores do culto.

CADMO — Filho de Agenor, rei da Fenícia e de Telefassa. Quando Europa, sua formosa irmã, foi raptada por Júpiter, sob a forma de touro, — V. EUROPA — Agenor deu-lhe ordem de partir a sua procura e de não voltar sem ela. Cadmo equipou um navio e se fêz ao mar. Abordou a ilha de Rodes, onde ergueu um templo a Netuno, a fim de torná-lo favorável à sua emprêsa, tocou a Samotrácia, a Trácia, e, não encontrando vestígios da irmã, dirigiu-se para a Grécia Central, com o fito de consultar o oráculo de Delfos. O oráculo, em lugar de responder-lhe ao que fôra perguntado, ordenou que êle construísse uma cidade no local que lhe seria indicado por uma vaca, e que desse ao país o nome de Beócia. Cadmo seguiu esta ordem. Encontrou, na Fócida, uma novilha que lhe serviu de guia e que se deteve no lugar em que se ergueu a cidade de Tebas. Querendo sacrificar a Palas, mandou que seus companheiros fôssem buscar água para o sacrifício numa fonte vizinha. Era a fonte sagrada de Dirce. Os companheiros, um dragão que se escondia junto à fonte, os matou. Cadmo, como não regressassem, para lá se dirigiu. Viu o dragão, viu sua goela ensangüentada, e não duvidou do triste fim dos seus companheiros. Invocou o auxílio de Palas, atirou-se ao monstro e matou-o. A seguir, obedecendo a ordens da deusa, arrancou os enormes dentes do dragão e semeou-os. E logo nasceram homens armados que o assaltaram de todos os lados, com furor indescritível. Ainda inspirado por Minerva, lançou uma pedra no meio da multidão raivosa de guerreiros, e de imediato uns se voltam contra os outros, numa confusão espantosa, e matam-se mùtuamente. Sòmente cinco homens escaparam, e êsses ofereceram-se para ajudá-lo a construir a cidade, no local mesmo em que a novilha se detivera. Assim nasceu a cidade de Tebas, na Beócia. Cadmo, de Minerva, recebeu a realeza. Depois casou-se com Harmonia, filha de Marte e de Vênus. Os deuses assistiram ao casamento. De Ceres Cadmo recebeu o trigo, de Mercúrio, a lira, de Minerva, a flauta, e Vênus ensinou-lhe o culto de Cibele. Quanto a Harmonia, Minerva presenteou-a com um peplo e um colar. E foi assim que Cadmo se tornou o chefe da civilização beócia, transmitindo aos homens o que dos deuses recebera. Teve por filhos Ino e Sêmele. O oráculo, porém, revelou-lhe que a sua posteridade se achava ameaçada por grandes males e desgraças. Para não ser testemunha de tais acontecimentos, retirou-se para a Ilíria, onde os deuses o metamorfosearam em serpente, a êle e à espôsa. Conforme outra versão, foi conduzido aos Campos Elísios num carro tirado por serpentes. — V. ATAMANTE. V. DIRCE. V. HELE E FRIXO.

COMBATE DE CADMO COM O DRAGÃO

CADUCEU — Varinha mágica que Mercúrio recebeu de Apolo, em troca da sua lira. Mercúrio sempre a tem na mão. Dizem que logo após ser feita a troca, Mercúrio viu duas serpentes que lutavam. Pôs entre elas a varinha mágica e logo os répteis se entrelaçam ao seu redor e ali ficam imóveis. Tornou-se, assim, o caduceu, símbolo da paz. Mercúrio, deus da eloqüência, acresceu-lhe duas asas, para significar a rapidez da palavra.

CAÍCO — Filho de Mercúrio. Deu seu nome a um riacho da Mísia.

CAIETA — Ama de Enéias, sepultada no local litorâneo do Lácio onde mais tarde se levantou a cidade dêsse nome, hoje Gaeta.

CALAIS — Irmão de Zetes. — V. ZETES.

CALAMÉIAS — Festas que os habitantes de Cízico, cidade da Mísia, na Ásia Menor, celebravam em honra de Ceres, para obter opimas colheitas.

CALAMO — Filho do rio Meandro e amante de Carpo.

CALCANTE — Usa-se, igualmente, a forma Calcas. Homero, na primeira rapsó-

dia da *Ilíada*, assim nô-lo descreve: "...E logo na assembléia levantou-se Calcante, filho de Testor, sem comparação o melhor dos adivinhos: conhecia o presente, o passado e o futuro, e foi êle que pôs, por arte divinatória, dom de Febo-Apolo, os navios dos Acaios na baía do Ílios..." Os Gregos, antes de partirem para Tróia o elegeram sumo-sacerdote e adivinho oficial. Predisse que o cêrco de Tróia duraria dez anos, que a cidade só seria tomada se Aquiles participasse da luta, e que a frota, retida por ventos contrários, em Áulis, só poderia fazer-se de vela se Agamenão sacrificasse sua filha Ifigênia. Foi êle, igualmente, quem revelou a Ulisses o lugar onde se escondera Aquiles. Quando o exército grego se achava diante das muralhas de Tróia, Apolo mandou aos soldados terrível peste. Calcante, para fazer cessar o flagelo, aconselhou Agamenão a devolver Criseide. Após a tomada de Tróia, Calcante dirigiu-se para Cólofon, na Jônia. Seu destino era morrer logo que encontrasse um adivinho mais hábil que êle. Dirigindo-se a Claros, encontrou no bosque sagrado de Apolo o adivinho Mopso, que o superou na sua arte. Mopso propôs-lhe alguns enigmas. Calcante não soube responder. De pesar, morreu. Outra lenda refere que, estando êle a plantar uma vinha, outro adivinho, seu vizinho, predisse-lhe que não beberia vinho daquela parra. Os tempos passaram, a uva amadurou, Calcante colheu-a, espremeu o vinho e convidou o seu vizinho, o adivinho, para beber o vinho nôvo. O outro acedeu ao convite. Sentaram-se para beber o vinho. No momento em que Calcante ia levar aos lábios a taça, seu vizinho, o adivinho, repetiu a profecia. Calcante achou-lhe tanta graça que se pôs a rir. E riu tanto que morreu sufocado.

CALCIDE — Capital da ilha de Eubéia.

CALCO — Rei dos Dáunios. Veio fazer a côrte a Circe, quando ela se achava com Ulisses. A medonha mulher serviu-lhe esplêndido banquete, no curso do qual o embriagou totalmente. Prendeu-o na pocilga, junto com os porcos. Mais tarde deu-lhe a liberdade, sob a condição de que jamais voltasse a sua ilha.

CALCODON — 1) Um dos pretendentes de Hipodâmia.

2) Pai de Elfenor e companheiro de Ulisses; ajudou a êste a limpar os estábulos de Augias.

CALIBE — 1) Mulher de Laomedonte e mãe de Bucolião.

2) Velha sacerdotisa do templo de Juno, em Árdea, antiga capital dos Rútulos, situada no Lácio, perto do mar Tirreno, onde a Fúria Alecto lhe tomou os traços a fim de excitar a cólera de Turno contra Enéias.

CALICE — 1) Filha de Éolo e Enarete; desposou Étlio, de quem teve Endimião.

2) Nereida, mãe de Cicno, que ela teve de Netuno.

CALÍCOPIS — Filha de Otreu, rei da Frígia. Casou-se com Toas, rei de Lemnos. Toas a amava tanto que lhe ergueu templos onde o povo a venerava. Um dia, Toas encontrou Calícopis nos braços de Baco. O deus apaziguou o marido ofendido fazendo-o rei de Chipre. É considerada por alguns como a Vênus mãe de Enéias.

CALIDÃO — 1) Filho de Marte.

2) Filho de Etolo e de Pronde; deu seu nome a uma cidade da Etólia.

3) Cidade da Etólia onde reinava Eneu, pai de Meléagro. Na vizinhança dessa cidade achava-se a floresta na qual Meléagro matou o famoso javali que devastava a região.

CALIDICE — Danaide, espôsa de Pandião.

CALIDÔNIA — Dejanira, natural de Calidão.

CALIDÔNIO — 1) Epíteto de Baco, tomado de Calidão, onde havia culto renomado em sua honra.

2) Meléagro.

CALIFÉIA — Uma das Ninfas Jônias.

CALÍFRON — Epíteto de Baco, que significa "Aquêle que amolece a alma", ou "Aquêle que está no delírio da embriaguez."

CALIGENIA — Ama de Ceres, ou uma das suas Ninfas; daí, o dar-se a Ceres, também, o nome de Caligenia.

CALÍGLITOS — Epíteto de Vênus.

CALÍOPE — "A que tem belos olhos", ou "A que tem belo aspecto", era a Musa da eloqüência e da poesia heróica. Era a mais poderosa e a mais majestosa das *Nove Irmãs*. A ela dirigem-se os poetas invocando inspiração. Representam-na, de ordinário, cingida de lauréis, com uma trombeta em uma das mãos e um poema épico na outra. Escolhida para árbitro entre Prosérpina e Vênus, adjudicou à primeira a posse de Adônis, que ambas disputavam. Com êsse fato Vênus ficou de tal modo enraivecida, que inspirou às mulheres trá-

cias funesto furor. Orfeu, filho de Calíope, sofreu as conseqüências: as mulheres fizeram-no em postas. — V. ADÔNIS, V. ORFEU. V. MUSAS.

CALIPÍGIA — "A que tem belas nádegas", epíteto de Vênus.

CALIPOLIS — Filho de Alcátoo e neto de Pélops.

CALIPSO — Ninfa, filha de Atlas, segundo uns, do Oceano e de Tétis, conforme outros. Seu nome significa "Aquela que encobre". Reinava sôbre a ilha Ogígia, uma das Cícladas. Acolheu Ulisses favoràvelmente, lançado às costas da ilha por furiosos ventos contrários, quando o herói retornava à Ítaca. — V. ODISSÉIA. — A Ninfa reteve-o na ilha sete anos; ofereceu-lhe a imortalidade se êle consentisse em desposá-la. Mas o herói preferiu Penélope e seu pequeno reino de Ítaca, com tôdas as delícias das coisas humanas e imperfeitas, à perfeição suprema da imortalidade. Homero descreve a espaçosa gruta onde habitava a Ninfa de belas tranças, a preclara Calipso: "...Ardia no meio da gruta uma grande fogueira e o aroma do cedro, fácil de rachar, e da tuia incandescente rescendia ao longe, pela ilha, enquanto ela, no interior, ao som da sua linda voz e meneando-se no tear, tecia com uma lançadeira de ouro. Em volta da gruta havia crescido um luxuriante bosque de amieiros, álamos pretos e ciprestes odoríferos, onde buscavam abrigo as aves de rápido vôo: corujas, falcões e gralhas do mar, de bico comprido, que se ocupam nas lides da pesca. Ali uma pujante parra, a vergar sob o pêso dos racimos, estendia seus galhos em redor da côncava gruta. De quatro fontes, vizinhas uma das outras, manava a água em direções diversas; e, pela redondeza, em macios prados, floresciam a violeta e o aipo. Até um imortal, se ali fôsse, se admiraria e sentiria prazer em seu coração ao contemplar o espetáculo..." Calipso teve de Ulisses dois filhos, Nausítoo e Nausínoo.

CALÍRROE — 1) Filha de Calidão, que Coreso, sumo-sacerdote de Baco, amou perdidamente. Coreso, não conseguindo fazer-se amar pela formosa jovem, dirigiu-se a Baco, para que vingasse tal insensibilidade de coração. O deus, então, feriu os Calidônios de uma embriaguez que os tornou furiosos e delirantes. O oráculo, consultado, respondeu que o mal cessaria logo que Calírroe, ou outra qualquer pessoa que se oferecesse à morte por ela, fôsse imolada. Ninguém se apresentou, e a infeliz Calírroe foi conduzida ao altar do sacrifício. Então Coreso, privado de tôda a esperança, em lugar de feri-la com o machado sagrado, feriu-se a si mesmo. Comovida, Calírroe quis apaziguar os manes de Coreso, e imolou-se junto a uma fonte.

2) Filha de Aquelôo e segunda espôsa de Alcmeão. Recebeu dêle o famoso colar de Erifila, que havia retomado de Arsínoe. Após a morte de Alcmeão, Calírroe obteve de Júpiter que os dois filhos que ela tivera de Alcmeão, passassem de imediato da infância à juventude viril, a fim de que pudessem vingar o pai. — V. ALCMEÃO.

3) Filha de Escamandro e mulher de Tros, do qual teve os seguintes filhos: Ilo, Assáraco, Ganimedes.

4) Filha do Oceano e de Tétis, e mãe da Equidna.

5) Espôsa de Piranto, que dela teve dois filhos, Argo e Eriopas.

6) Filha de Lico, tirano da Líbia. Diomedes foi acolhido na côrte de seu pai, ao voltar de Tróia, e a jovem por êle se apaixonou. Quando Diomedes partiu, matou-se de desespêro.

CALISTA — Epíteto de Diana, que significa "Muito bela".

CALISTÉIAS — Festas durante as quais as mulheres de Lesbos se apresentavam ao templo de Juno para receber um prêmio que se outorgava à mais formosa. Os Eleatas celebravam festas semelhantes, só que os prêmios de beleza eram disputados pelos homens.

CALISTO — A mais bela das Ninfas que seguiam Diana através dos montes e florestas. Era filha de Licaão, rei da Arcádia. Foi amante de Júpiter e mãe de Arcas. — ARCAS.

CALQUEOCÁRDIO — "Aquêle que tem coração de bronze", epíteto de Hércules, em virtude da sua extraordinária fortaleza.

CALVA — Nome de Vênus, em Roma, dado como lembrança do fato de terem as mulheres romanas, ao se aproximarem os Gauleses, se privado de suas cabeleiras, a fim de fornecer cordas necessárias às máquinas de guerra.

CAMARINA — Pântano ou marnel da Sicília, cujas águas corrompidas exalavam vapôres infectos. Os Sicilianos, tendo consultado o oráculo de Apolo, para saber se fariam bem em drená-lo, obtiveram a res-

posta de que não deveriam fazer nada. Contrariando o oráculo, drenaram-no, e, assim, facilitaram o acesso da ilha aos inimigos que a pilharam e saquearam.

CAMENA — Divindade que inspirava à criança o gôsto ao canto e à poesia.

CAMENAS — "Agradáveis cantoras", nome latino dado às Musas. — V. MUSAS. — Eram as Camenas antigas divindades itálicas, cujo culto foi introduzido em Roma por Numa. Tinham, em Roma, um bosque sagrado; prediziam o futuro e presidiam ao nascimento das crianças. Mais tarde, os poetas latinos confundiram-nas com as Musas. A sudeste de Roma, perto da porta Capena, na Via Ápia, tinham, ainda, as Camenas suas fontes proféticas, que curavam as doenças e proferiam oráculos. Eram elas que inspiravam os poetas. A mais célebre das Camenas, Egéria, foi a confidente do rei Numa; êle vinha conferenciar com ela, secretamente, no valezinho onde jorravam as fontes; dava-lhe ela tão sábios conselhos que se tornou o segundo fundador de Roma, o pai das suas instituições pacíficas, o criador da grandeza futura de Roma.

CAMILA — Filha de Métabo, rei dos Volscos, e de Casmila. Criaram Camila nos bosques, em plena liberdade, alimentando-a com leite de égua. Iniciada, desde a mais tenra infância, nos misteres da caça e da guerra, tornou-se adolescente rija e destemida. Distinguia-se, principalmente, pela rapidez na corrida e pela habilidade em atirar com o arco. Quando foi da chegada de Enéias ao Lácio, Camila correu em auxílio de Turno, auxiliada por outras três jovens, igualmente valentes guerreiras. Após ter feito prodígios de valor, foi morta à traição por Arunte; mas Diana, a quem ela havia sido consagrada desde o berço, vingou sua morte com a do seu matador, por meio da Ninfa Ópis, que o varou com uma flecha.

CAMILO — Filho de Vulcano e de Cabira.

CAMIRO — 1) Camiro e Clítia, filhas de Pândaro, de Creta, foram criadas com todo o cuidado por Vênus, após a morte dos pais. Quando chegaram a idade núbil, Vênus pediu a Júpiter que as casasse convenientemente. Mas o pai dos deuses, querendo vingar nas duas irmãs os crimes do pai, que havia sido cúmplice de Tântalo, encarregou as Harpias de entregá-las às Fúrias. — V. PÂNDARO.

2) Filho de Hércules e de Iole. Construiu na ilha de Rodes uma cidade a qual deu o nome de Camira.

CAMPE — 1) Carcereiro que tinha sob sua guarda, nos infernos, os Titãs.

2) Monstro nascido da Terra, que fêz terríveis devastações na Líbia. Dioniso, ou Baco, matou-o.

CAMPOS ELÍSIOS — Em Homero, os Campos Elísios não fazem parte do reino dos mortos. Ficam do lado do Oeste, nas extremidades do mundo, num grupo de ilhas chamadas *As Ilhas dos Bem aventurados*, perto do curso profundo do Oceano, onde, ao abrigo de tôda dor, livres de todo o cuidado, as almas levam uma vida de delícias. Nos poetas latinos, os Campos Elísios fazem parte dos Infernos, i. é, do mundo inferior; é a residência habitual das almas justas. — V. INFERNOS.

CÁMULO — 1) Filha de Éolo e de Enarete. Uniu-se, secretamente, a seu irmão Macareu, do qual ela teve um filho que expôs. Os gritos da criança, porém, revelaram ao pai o crime da filha. O deus fêz com que os cães devorassem o fruto do incesto, e à filha enviou um punhal, para que ela se punisse.

2) Um dos cães de Acteão.

CANATA — Montanha da Espanha, ao pé da qual se achava uma caverna onde os gênios maléficos haviam fixado sua residência.

CANATOS — Fonte próxima de Náuplia, na qual Juno, anualmente, se banhava a fim de readquirir sua virgindade.

CÂNCER — Animal que Juno mandou contra Hércules, quando o herói estava ocupado a combater a Hidra, no pântano de Lerna. Hércules foi mordido no calcanhar. Matou-o e Juno, a seguir, o pôs no número dos signos do Zodíaco.

CANDARENA — Epíteto de Juno, tomado da cidade de Candar, na Paflagônia, onde era especialmente honrada.

CANDAULO — Rei da Lídia, filho de Mirso e o último dos Heraclidas. Resolveu, um dia, mostrar a Giges, ex-pastor elevado à dignidade de valido da côrte, — V. GIGES, — a nudez de sua espôsa. Para tanto, aproveitou o momento em que ela se banhava. E Giges e o rei contemplaram o admirável corpo da jovem rainha. Esta, percebendo a ação do marido, encarregou Giges de matá-lo. A seguir, casou-se com êle e deu-lhe a coroa.

CANDIBON — Filho de Deucalião. Deu seu nome a uma cidade da Lícia.

CANDIOPA — Filha de Enopião; casou-se com seu irmão.

CANDRENA — Epíteto de Vênus.

CANÉFORAS — 1) Virgens de famílias ilustres que moravam no templo de Minerva, na Grécia. Nas festas dessa deusa, carregavam açafates coroados de murta, e marchavam à frente da pompa (procissão, préstito). Nas festas de Ceres e de Baco, carregavam, também, açafates de ouro. (*Káneon*, "cêsto", *Foréo*, "eu carrego").

2) Jovens atenienses núbeis que levavam oferendas a Diana.

CANEFORIAS — 1) Cerimônias que se realizavam na véspera do casamento. O pai e a mãe da futura espôsa conduziam-na ao templo de Minerva, carregando um cêsto cheio de oferendas.

2) Festas em honra de Diana.

CANENTE — Ninfa filha de Jano. Casou-se com Pico, filho de Saturno. Circe, tendo transformado Pico em pica-pau, Canente sentiu tanta mágoa e derramou tantas lágrimas, que seu corpo diminuiu, de sorte que por fim só restava a voz. Com seu espôso, foi posta no rol dos deuses. Seu nome significa "Aquela que canta".

CANICIDA — "A matadora de cães", epíteto de Hécate, na ilha de Samotrácia, onde se lhe imolavam inúmeros cães anualmente.

CANÍCULA — Constelação à qual os Romanos imolavam anualmente um cão de côr ruça. A estrêla *Sirius*, que pertence à constelação do Cão, tem, também, êste nome. É a quadra mais quente do ano, quando *Sirius* está em conjunção com o sol.

CANULÉIA — Uma das quatro primeiras Vestais escolhidas por Numa.

CÂNUS — Epíteto de Saturno, "Aquêle que tem cabelos brancos".

CÁON — Filho de Príamo, que seu irmão Heleno, por acidente, matou durante uma caçada. Heleno deplorou largo tempo a morte do irmão, e, por fim, inconsolável, deu seu nome a uma região do Epiro, Caônia.

CAÔNIA — Região ao nordeste do Epiro, na Grécia, assim chamada por causa de Cáon. Essa região, cheia de montanhas e florestas, era célebre pelas glandes de que se alimentavam os homens, antes da invenção do pão. Igualmente célebres eram suas pombas, que prediziam o futuro.

CAOS — Reunião confusa de todos os elementos, antes da formação do mundo. Conforme Hesíodo, no começo havia quatro sêres: O Caos, "abertura", ou "vazio", provàvelmente o espaço vazio, Gaia ou a Terra, o Tártaro, nas profundezas da Terra e Eros, o Amor. Do Caos saem o Érebo (as Trevas) e a Noite; da Noite e do Érebo procedem Hemera (o Dia) e o Éter, o ar luminoso. Gaia gera Urano, as montanhas e o Ponto (o Mar). Da sua união com Urano, nascem as multidões de deuses, os Titãs, os Ciclopes, os Gigantes de cem braços. Sobrevém a primeira revolução: Urano mostra-se cruel com os filhos, a quem sepultava nas profundezas da Terra. É destronado por Cronos (o Tempo). Surgem, depois, as Parcas, a Morte, o Sono, os Sonhos, a Velhice. Às Ninfas graciosas sucedem monstros horrendos, Harpias, Quimera, Górgonas, Esfinges... Duas famílias disputam entre si a realeza do Olimpo: Os Titãs e os Crônidas (nascidos de Cronos e Réia). Zeus, cabeça dos Crônidas, ajudado dos Gigantes, precipita os Titãs no Tártaro. A derradeira vitória sôbre o monstro Tifeu assegura-lhe o triunfo definitivo. Começa, então, o nascimento dos últimos Olímpicos.

CAPANEU — Filho de Hipônoo e de Astinome, um dos sete chefes que marcharam contra Tebas. Foi célebre pelo seu orgulho e impiedade. Quando tentava escalar as muralhas da cidade sitiada, ousou desafiar o próprio Júpiter. O deus, irritado, fulminou-o com um raio.

CÁPETO SÍLVIO — Rei de Alba.

CÁPIS — 1) Filho de Assáraco e de uma das filhas do Símois. Casou-se com Têmis, filha de Ilo, da qual teve Anquises.

2) Capitão troiano que quis destruir o cavalo de madeira deixado pelos Gregos sob as muralhas de Tróia. Acompanhou Enéias a Itália e fundou Cápua.

CAPITOLINO — Epíteto de Júpiter.

CAPITÓLIO — Ponto culminante do *mons Capitolinus*, com os célebres templos de Júpiter, Juno e Minerva; em outro ponto da colina erguia-se a cidadela de Roma.

CAPRICÓRNIO — O deus Pã, que, com mêdo do Gigante Tífon, transformou-se em bode, e foi pôsto por Júpiter no número dos signos do Zodíaco; dá-se, também, êsse nome à cabra Amaltéia, que aleitou Júpiter.

CAPRÍPEDES — Nome que designa Pã, Faunos e Sátiros, que tinham pés de cabra.

CARAXO — Lápita, morto pelo Centauro Reto, nas núpcias de Pirítoo.

CARDEA — Cárdea ou Cardínea, era o nome da Ninfa a qual Jano dera o encargo de velar e zelar pelos gonzos e pelas portas.

CARIA — 1) Epíteto de Diana ou Ártemis.
2) Ama de Baco.
3) Uma das Horas.
4) Província da Ásia Menor, assim chamada de Cáris, herói epônimo, que deu seu nome à província.

CARIATIDES — Sacerdotisas de Diana, no povoado de Cárias, na Lacônia.

CARIBDE — V. CILA.

CARICLO — 1) Mãe de Tirésias.
2) Filho do Centauro Quirão.

CARIDOTES — "Aquêle que concede graças", epíteto de Mercúrio, na ilha de Samos.

CARILE — Donzela de Delfos que se enforcou de desespêro por haver sido maltratada pelo rei. Sua morte suscitou calamidades que só cessaram quando instituíram festas em sua honra, chamadas *Carílias*.

CARIO — Filho de Júpiter e de Torrébia. Com as Ninfas aprendeu música, que, por sua vez, ensinou aos Lídios. Êsses, em recompensa, decretaram-lhe honras divinas.

CARIS — Herói epônimo da Cária, que inventou a ciência de adivinhar os augúrios pelo vôo das aves e pássaros.

CARISTO — Filho de Quirão e de Caricléia; deu seu nome a Caristo, cidade da Eubéia.

CARITOS — As Graças. — V. ESSA PALAVRA.

CARMENTA — Profetisa da Arcádia; é, também, conhecida pelo nome de Nicóstrata. O nome Carmenta surgiu do fato de proferir ela seus oráculos em verso *(carmen)*. Passou para a Itália com Evandro, seu filho. Depois da sua morte puseram-na no número das divindades. Tinha um altar, em Roma, perto da Porta Carmenta, e um templo no oitavo quarteirão da cidade. Deusa tutelar dos meninos, presidia seu nascimento e cantava seu destino. As mães rendiam-lhe culto especial.

CARMENTALIAS — Festas solenes em honra de Carmenta. Celebravam-se anualmente de 11 a 15 de janeiro.

CARMIS — Filha de Eubulo e mãe da Ninfa Britomártis.

CARNO — 1) Troiano filho de Júpiter e Europa. Favorito de Apolo, introduziu a festa dêsse deus, com certames musicais e poéticos.
2) Acarniano que Apolo havia instruído na arte de divinação. Sob o reino de Codro, Carno predisse grandes desgraças aos Heraclidas, que marchavam contra os Atenienses. Tomando-o por mágico ou impostor, mataram-no a flechadas. A peste que começou a grassar, foi atribuída à sua morte. A fim de apaziguar o deus do qual era sacerdote, instituíram festas em sua honra.

CARONTE — Quatro rios há nos espaços tenebrosos e subterrâneos dos Infernos: o Estige, o Aqueronte, o Cocito e o Flegetonte ou Piriflegetonte. Os três primeiros levam suas águas lentas, através de marnéis, pântanos e volutabros infectos, cobertos de tristes plantas aquáticas, a gargantas estreitas, onde o ruído das águas se torna espantoso. O quarto rola ondas de enxofre e fogo, arrastando no seu curso rochedos retumbantes. Às bordas do Estige vêm dar as sombras dos que deixaram os corpos na região da luz. Sôbre a onda imóvel desliza, sem cessar, sem ruídos, uma barca com a madeira já podre, suja, dirigida por horrenda criatura, que, de pé, a conduz de uma margem a outra. É Caronte, o barqueiro dos Infernos. Desconhecido de Homero e de Hesíodo, Caronte, filho do Érebo e da Noite, era um deus ancião, mas imortal. Sua função era transportar para a outra banda do Estige (e às vêzes do Aqueronte) as sombras dos mortos, numa barca frágil, estreita e de côr funérea. Caronte era velho, repugnante, intratável e avaro. Não recebia em sua barca senão aquelas sombras cujos corpos haviam recebido as honras da sepultura e que lhe pagavam a passagem. A soma exigida não podia ultrapassar a três óbolos (óbolo, a menor moeda entre os Gregos, valendo cêrca de uma sexta parte da dracma), e nunca era inferior a um óbolo. As sombras que não tinham dinheiro para pagar a travessia, erravam durante cem anos ao longo das margens sinistras do Estige. Por tal razão cuidavam os parentes de colocar na bôca do defunto, em baixo da língua, a soma necessária para pagar ao barqueiro infernal. Caronte não podia receber nenhum ser vivo em sua barca. Excepcionalmente alguns heróis o conseguiram, visto terem apresentado ao barqueiro infernal o ramo de ouro fatídico, exigido por Prosérpina. Por haver admitido à sua barca o poderoso Hércules, que lhe causara mêdo, sem o ramo de ouro, Caronte viu-se destituído de suas funções pelo prazo de um ano, e ligaram-no com correntes no Tártaro. As sombras, leves e tênues, atravessavam

o rio fàcilmente sôbre a barca desconjuntada e cheia de fendas, com a madeira apodrecida, coberta de limo e imundícies. Mas quando um ser vivo surgia para ser transportado, a onda estígia penetrava pelas junturas mal calafetadas e a travessia se efetuava com grande risco. Demais, os heróis que atravessaram o Estige eram sempre de alentado porte, como Hércules, gigantesco, e Enéias. Caronte aparece pela primeira vez no poema *Mínada*, do século VI, atribuído a Pródico de Fócia. Aristófanes e Luciano aludem a êle. Com exceção de Vergílio, que lhe deu importante papel no VI livro da *Eneida*, os demais autores latinos escassamente se referem ao velho barqueiro. Ovídio não o inclui nas Metamorfoses, e tampouco seu nome aparece nas obras dos alexandrinos, como Catulo e Propércio. Os escritores posteriores, como Marcial e Juvenal, igualmente não fazem menção do barqueiro infernal. Sòmente Horácio alude a Caronte, chamando-o de "Ministro do Orco". É célebre o retrato de Caronte, traçado por Vergílio: "Um horrendo barqueiro guarda estas águas e os rios, Caronte, de terrível sujidade, cuja barba, abundante, branca e mal tratada, lhe cai do queixo; seus olhos cheios de chamas são fixos; pende-lhe das espáduas o sórdido manto amarrado com um nó. Com uma vara impele a embarcação, dirige-a com as velas, e transporta os corpos na barca côr de ferrugem; já é idoso, mas sua velhice é sólida e vigorosa como a de um deus. Lá (nos Infernos), tôda uma multidão em ondas precipitava-se para as ripas do rio, mães, esposos,

CARONTE, O BARQUEIRO DOS INFERNOS

(*Pintura num lécito*)

corpos defuntos de magnânimos heróis, meninos e donzelas não casadas, e jovens que foram colocados nas piras sob os olhares dos pais: em tão grande número como as fôlhas sôltas que tombam nos bosques aos primeiros frios do outono, ou tão numerosos como os pássaros que se aglomeram, vindos do alto mar para o continente, quando a fria estação os faz fugir através do oceano e os expulsa para as terras banhadas de sol. Estavam de pé os primeiros que pediam para passar o curso do rio e estendiam as mãos no desejo de alcançarem a outra borda. Mas o triste marinheiro recebia ora êstes ora aquêles e afastava para longe da margem os que recusara." O Caronte etrusco é um algoz infernal subalterno, ainda mais asqueroso e repelente que o grego. Por símbolo e armas carrega o malho, conforme se vê numa ânfora etrusca. Acompanhava Marte nos campos de batalha. Alguns escoliastas querem derivar o nome de Caronte, por antífrase, do verbo grego *Chaóroo*, "alegro-me". É mais provável que o nome seja de origem egípcia. — V. AQUERÚSIA.

CARPO — Filho de Zéfiro e de uma das Estações. Foi amado de Cálamo. Afogou-se no Meandro, e Júpiter transformou-o em fruto. *Karpós* significa "fruto".

CARTAGO — Cidade da África, fundada por Dido ou Elisa, viúva de Siqueu, de Tiro, em 880 antes da nossa era; a cidade foi destruída pelos Romanos em 146. — V. ENÉIAS. — Havia uma Cartago, filha de Hércules, reverenciada pelos Tírios, que deram seu nome à cidade que fundaram na África.

CASPÉRIA — Mulher de Reto, rei dos Marrúbios. Cometeu incesto com o filho do seu marido.

CASSANDRA — Filha de Príamo e de Hécuba. Rivalizava com Vênus em beleza. Certa feita, quando menina, Cassandra foi deixada sòzinha com o irmão Heleno no templo de Apolo. No dia seguinte encontraram as duas crianças enlaçadas por serpentes, que lhe lambiam os ouvidos. Desde êsse dia, ambos passaram a compreender a linguagem divina das coisas e a profetizar. Segundo outra versão, o dom da profecia foi outorgado a Cassandra por Apolo, que, apaixonado por ela, prometeu-lhe conceder tudo que a jovem desejasse, contanto que se deixasse possuir por êle. A jovem pediu-lhe o dom da profecia, e, uma vez concedido, zombou da credulidade do deus, não lhe cedendo o que êle almejava. Apolo, irritado e desapontado, tornou-lhe inútil o dom da profecia, declarando que suas predições, ainda que ver-

dadeiras e certas, jamais seriam acreditadas. Os Troianos, com efeito, longe de acreditar no que ela vaticinava, criam-na louca. Prenderam-na, censuraram-na, mas Cassandra, sem cessar, continuava a predizer as coisas que haveriam de acontecer, sem que ninguém lhe desse crédito. Opôs-se, furiosamente, à entrada do cavalo de madeira na cidade, mas em vão. Na noite em que Tróia foi incendiada, Cassandra refugiara-se no templo de Palas. Lá Ájax a encontrou e tirou-lhe a virgindade, junto do altar da deusa. Após o saque de Tróia, Cassandra coube como partilha a Agamenão. Tocada pela nobreza de alma do herói, suplicou-lhe que não voltasse à sua terra, pois Clitemnestra o iria matar. Como sempre, não foi ouvida. — V. AGAMENÃO. — Cassandra foi morta por Clitemnestra e Egisto.

CASSIFONÉIA — Filha de Ulisses e de Circe, a feiticeira. Desposou Telêmaco, seu irmão, filho de Ulisses e de Penélope. Telêmaco, que não podia tolerar o gênio despótico e imperioso de Circe, matou-a. Cassifonéia vingou-se matando o marido.

CASSIOPÉIA — Mulher de Cefeu, rei da Etiópia, e mãe de Andrômeda. — V. ANDRÔMEDA. — Cassiopéia era de deslumbrante formosura, e ousou gloriar-se de ser mais bela que Juno e as Nereidas. Estas, indignadas, rogaram a Netuno que as vingasse. O deus suscitou um monstro que fêz horríveis estragos no país, e ao furor do qual era necessário expor Andrômeda, sua filha, se quisessem que o mal cessasse. Perseu, que libertou a jovem, conseguiu de Júpiter que Cassiopéia fôsse posta entre os astros.

CASTÁLIA — Fonte existente na encosta do Parnaso, e considerada como embocadura do Estige. Era consagrada a Apolo e às Musas. Sua água, de gôsto agradável, inspirava os poetas. Empregavam-na, no templo de Delfos, para as purificações rituais; dela bebia a Pítia, antes de subir na trípode. Castália, na sua origem, foi uma Ninfa amada de Apolo, que, depois de ter gozado do seu amor, transformou-a em fonte.

CASTOR — Irmão de Pólux, de Helena e de Clitemnestra. Castor e Pólux, gêmeos, são inseparáveis e célebres pela amizade fraterna que os unia. Júpiter, prêso aos encantos de Leda, mulher de Tíndaro, e não sabendo como seduzi-la, acabou tomando a forma de um cisne. A jovem, acariciando a ave que se aninhara em seus braços, não percebeu senão mais tarde que tinha sido possuída. Ao cabo de nove meses Leda pôs dois ovos: um do seu marido, Tíndaro, outro de Júpiter. Do ôvo marital nasceram Castor e Clitemnestra; do ôvo divino, Helena e Pólux, imortais. Quando cresceram, Castor e Pólux purgaram o mar Egeu dos piratas que o infestavam; acompanharam Jasão e os Argonautas na conquista do Velo de Ouro; foi nessa expedição que Pólux venceu Âmico no combate de cesto, fato que o tornou protetor dos lutadores. Castor, por seu lado, notabilizou-se na arte de domar cavalos selvagens. Distinguia-se, igualmente, como automedonte. De volta à pátria, reconquistaram sua irmã Helena, raptada por Teseu. Assistiram às núpcias de Linceu e Ida. Durante a festa, os irmãos raptaram Febe e Talaíra, espôsas dos nubentes. Linceu e Ida saíram em perseguição de ambos e conseguiram alcançá-los perto do monte Taígeto. Travou-se feroz combate. Castor matou Linceu, e foi morto por Ida, que, por sua vez, pereceu sob os golpes de Pólux. Êste, em desespêro, pediu a Júpiter que desse ao irmão a imortalidade, ou que o matasse ali mesmo, pois não podiam viver separados. Júpiter, não podendo atender integralmente ao pedido, partilhou a imortalidade de Pólux entre êles, de sorte que viviam e morriam alternadamente. A seguir, transportou-os ao Céu, onde formaram a constelação dos Gêmeos. Foram considerados como grandes deuses da Grécia. Ergueram-lhes altares em Atenas e Esparta. Representavam-nos montados em brancos corcéis, armados de espadas, galopando um ao lado do outro, e tendo na cabeça um gorro encimado de uma estrêla. São conhecidos pelo nome de *Tindáridas*, por causa de Tíndaro. — V. TINDÁRIDAS. — São chamados, também, os *Dióscuros*. — V. ESSA PALAVRA. — As mulheres, em Roma, juravam por Castor, já que lhes era vedado jurar por Hércules.

CÁUCASO — Pastor que costumava apascentar seus rebanhos sôbre o monte Nifates, que é uma parte do monte Tauro, cadeia de montanhas da Ásia Menor. Cáucaso foi morto por Saturno durante a guerra dos Gigantes, quando êste deus se escondeu sob a terra para evitar a cólera de seu filho Júpiter. O pai dos deuses, condoído da sorte do infeliz pastor, e para eternizar sua memória, quis que a montanha tivesse seu nome. Foi no cume do monte Cáucaso

que Prometeu se viu acorrentado. — V. PROMETEU.

CAUCON — 1) Filho de Clino; introduziu entre os Messênios os mistérios de Elêusis.
2) Filho de Licaão.

CAVALO DE MADEIRA — V. TRÓIA.

CAVALOS DE AQUILES (OS) — Os famosos cavalos de Aquiles são assim descritos na *Ilíada:* "...Heitor, corres atrás de coisa que ninguém pode apanhar: os cavalos do fogoso Eácida (Aquiles). São difíceis de domar e de conduzir, ao menos para os mortais. Não obedecem a ninguém a não ser a Aquiles ou às suas ordens, e Aquiles é filho de um imortal..." Quando êsses mesmos animais perceberam que Pátroclo estava morto, Pátroclo, que os conduzira ao combate, pois Aquiles lhos emprestara, procederam como sêres humanos: "...E os cavalos do neto de Éaco choraram quando souberam que seu guia (Pátroclo) mordera o pó, debaixo da mão do homicida Heitor... de cabeça curvada para o chão, deixavam correr dos grandes e leais olhos grossas e quentes lágrimas, pois tamanha era a tristeza e dor que sentiam pela ausência do condutor. E como sinal de luto roçavam na poeira as longas crinas que do jugo lhes tombavam de um e outro lado do pescoço.'." Êstes dois cavalos de Aquiles chamavam-se *Xanto* e *Bálios.*

CAVALOS DO SOL (OS) — Quatro eram os cavalos que conduziam o carro do Sol: Flégon, Pírois, Eôo e Éton. Flégon deriva do verbo *flegoo,* "eu brilho", "eu inflamo"; Pírois, da raiz *píroo,* "eu queimo", "eu inflamo"; Eôo deriva de *éoos,* "Aurora", "oriental"; Éton vem de *aíton,* "côr de fogo". Os nomes, em grego, lembram o brilho ou o calor do Sol; Eôo, porém, indica o ponto de partida do Sol, o Oriente.

CÉCROPE — Natural de Sais, no Egito, foi o chefe de uma colônia egípcia que se estabeleceu na Ática. Conforme outra lenda, era autóctone, i. é, nascido no próprio solo grego. Fundou Atenas — V. ATENAS. — e foi seu primeiro rei. De acôrdo com outra versão, não fundou Atenas, apenas embelezou-a e deu-lhe foros de cidade. Submeteu os povos da circumvizinhança, mais pela doçura e pelo encanto pessoal que pelas armas. A religião foi objeto dos seus principais cuidados; acostumou o povo a invocar Júpiter como o deus supremo, e a oferecer-lhe, e aos demais deuses, oferendas de frutas, de incenso, de flôres, em lugar de vítimas sangrentas. Criou leis, das quais a primeira dizia respeito ao casamento. Dividiu o povo em vários grupos, e morreu após reinar cinqüenta anos. Deixou três filhas: Aglaura, Herse e Pândrasa. Representam-no com torso de homem terminado em cauda de dragão.

CECRÓPIA — 1) Antigo nome da Acrópole de Atenas, que era a parte mais antiga da cidade, e cuja origem remontava a Cécrope.
2) Epíteto de Minerva.
3) Aglaura, filha de Cécrope.

CECRÓPIDAS — Os Atenienses.

CEDALIÃO — Ciclope que Vulcano deu por guia a Órion, quando Enopião lhe furou os olhos.

CEFALIÃO — Pastor da Líbia, filho da Ninfa Tritêmis. Matou dois Argonautas que tentavam se apoderar de uma parte dos seus rebanhos.

CÉFALO — Filho de Déion e de Diomeda; casou-se com Prócris, filha de Erecteu. Céfalo foi ardentemente amado pela Aurora. Um dia, a deusa, não se contendo, raptou-o e levou-o para a sua câmara divina. Céfalo, porém, longe de retribuir o amor de Aurora, nos seus braços só suspirava por Prócris. Aurora, então, deixou-o partir, mas antes deu-lhe a faculdade de mudar de forma, a fim de que fàcilmente pudesse experimentar e provar a fidelidade da espôsa. Céfalo, transformado em rico negociante, apresentou-se a Prócris, que o acolheu benèvolamente. Longo tempo resistiu às solicitações do mercador, mas, por fim, deixou-se seduzir pelos presentes que lhe oferecia, e convidou-o a entrar para a sua alcova. Lá, o mercador, de súbito, transformou-se em Céfalo. Prócris sentiu-se de tal modo envergonhada da sua ação, que fugiu às carreiras e foi esconder-se na Eubéia, onde passou a fazer parte do cortejo de Diana. A deusa da caça deu-lhe um cão que jamais perdia sua prêsa, e um dardo que sempre acertava o alvo. Algum tempo depois, Prócris apresentou-se a Céfalo, incógnita. Êste, para obter o cão, sujeitou-se a tomá-la por amante. Prócris, então, deu-se a conhecer e exprobou amargamente a atitude do marido. Perdoaram-se mùtuamente e passaram, novamente, a viver como dantes, em paz e felicidade. Céfalo, apaixonado pela caça, percorria os bosques com o cão maravilhoso, armado com o dardo infalível, esquecendo-se dos seus deveres maritais. Prócris, inquieta com tal modo de vida e suspeitando

que não fôsse sòmente o prazer da caça que conservava seu marido afastado do tálamo conjugal, passou a segui-lo ocultamente. Ora, aconteceu que um dia, Céfalo, tendo ficado exausto com a perseguição aos animais, deitou-se para descansar não longe do local onde se achava oculta sua espôsa. Ela ouviu-o invocar o hálito benfazejo de Júpiter: "Aura, vem!" Acreditando que fôsse a amante que êle chamava, esgueirou-se através da folhagem para vê-lo e apanhá-lo em flagrante. Céfalo, por seu turno, percebendo movimentos nas silvas, julgou que se tratasse de alguma fera escondida atrás dos ramos. Sem hesitar, arremessou o dardo fatal. Um corpo tombou pesadamente. Céfalo correu pressuroso e viu o corpo da espôsa com o peito transpassado pelo ferro. Cheio de desespêro, feriu seu próprio coração com a arma fatal. Júpiter, comovido da desgraça dos esposos, mudou-os em astros.

CEFEU — 1) Rei da Etiópia, filho de Fênix, espôso de Cassiopéia e pai de Andrômeda. Depois da sua morte foi pôsto no número das constelações.

2) Filho do Ponto (o Mar) e da Terra.

3) Príncipe da Arcádia, amado de Minerva, que lhe pôs na cabeça um fio de cabelo da Medusa. Êsse cabelo tinha a virtude de torná-lo invencível.

4) Argonauta, filho de Áleo; acompanhou Hércules quando o herói foi combater Hipocoonte.

CEFÍSIO — Narciso, filho de Cefiso.

CEFISO — 1) Rio, pai de Narciso. Estrabão cita seis rios com o nome Cefiso; o mais conhecido é o Cefiso da Beócia.

2) Pai de Diogênia; foi transformado em monstro marinho enquanto deplorava a morte do seu neto.

CEGA — Epíteto da Fortuna, que não sòmente é cega mas cega, também, aquêles a quem concede seus favores.

CEGUINHO — Ceguinho, "Caeculus", era filho de Vulcano e de Prenesta. Nasceu de uma faísca que voou da forja do deus e foi fecundar o seio de Prenesta. Apelidaram-no Ceguinho por causa da pequenez de seus olhos, ou porque o fogo havia prejudicado a sua visão. Depois de adulto, viveu largos anos em pilhagens e depredações; mais tarde, fundou uma cidade, que de sua mãe teve o nome de Preneste, Palestrina hoje em dia. Na guerra entre os Latinos e Troianos, tomou partido a favor de Turno.

CÉIA — Uma das Cíclades, não longe da Ática.

CEÍCE — Filho de Lúcifer e rei de Traquina, espôso de Alcíone. Traquina era uma cidade da Tessália. Partiu Ceíce em viagem a fim de consultar o oráculo de Apolo, em Claros, cidade da Jônia. Na sua volta naufragou e morreu. Sua mulher expirou de dor vendo o corpo do marido, sem vida, estendido na praia. — V. ALCÍONE.

CELENA — 1) Lugar da Campânia, consagrado a Juno.

2) Montanha da Ásia, junto a qual Apolo puniu Mársias.

CELÊNEO — Filho de Electrião e de Anaxo; foi morto num combate por um filho de Ptérela.

CELENO — 1) Uma das Plêiades ou Atlântidas. Foi amada de Netuno e concebeu um filho chamado Pico.

2) Filha de Netuno e Ergéia.

3) Filha de Híamo, que Apolo fêz mãe de Delfo.

4) Danaide, espôsa de Hixóbio.

5) A mais espantosa das Harpias.

CÉLEO — 1) Rei de Elêusis, pai de Triptólemo. Acolheu Ceres hospitaleiramente e foi pela deusa recompensado: aprendeu a ciência da agricultura. — V. TRIPTÓLEMO.

2) Filho de Céfalo, pai de Arcésio.

3) Cretense que em companhia de três amigos se apoderou do mel que havia na caverna ou gruta onde Júpiter fôra criado. Em paga de sua ousadia êle e os companheiros transformaram-se em pássaros.

CELÍCOLA — "Habitante do céu", nome que se dava aos deuses.

CELME — 1) Celme ou Célmis, pai nutrício de Júpiter. Transformou-se em diamante por ter ousado dizer que Júpiter era mortal.

2) Um dos Curetes. — V. ESSA PALAVRA. — Expulsaram-no do sacro colégio por ter faltado com o respeito à mãe dos deuses.

CELO — O mais antigo dos deuses, filho do Mar e da Terra. Dêle nasceram Saturno, Réia, o Oceano e os Titãs. Temendo tão horríficos filhos, Celo prendia-os com todo o cuidado, evitando que gozassem da mínima liberdade. A mãe, porém, penalizada, deu-lhes a liberdade. Saturno surpreendeu seu pai de improviso, mutilou-o e destronou-o. Celo é confundido com o Céu. Um dos Titãs também tinha o nome de Celo.

CELTINA — Filha de Britano. Virgem de rara formosura. Apaixonou-se por Hér-

cules, quando êste atravessou os domínios de seu pai, conduzindo os bois de Gerião. Como o herói ficasse insensível aos seus encantos, furtou-lhe alguns bois e só os restituiu depois de Hércules engravidá-la. Seu filho chamou-se Celto.

CELTO — Filho de Hércules e Celtina; deu seu nome aos Celtas.

CENCREIDE — 1) Espôsa de Cíniras e mãe de Mirra. Orgulhosa de Mirra, ousou vangloriar-se de possuir uma filha mais bela que a própria Vênus. A deusa, para vingar-se, insuflou no coração da virgem amor incestuoso pelo pai. — V. CÍNIRAS. V. MIRRA.

2) Uma das nove Piéridas.

3) Ilha do mar Egeu. Também existe a forma Cêncris.

CÊNCREO — Filho de Netuno e de Salâmis ou Salamina. Nomearam-no rei de Salamina por ter exterminado uma serpente monstruosa que assolava a região.

CÊNCRIAS — Filho de Netuno e da Ninfa Pirene. Diana matou-o involuntàriamente. — V. PIRENE.

CENEO — Também existe a forma Ceneu. 1) A filha do Lápita Elato; era célebre pela sua beleza. Consideravam-na a mais bela das virgens da Tessália e os pretendentes a sua mão contavam-se aos montes. Peleu também quis desposá-la. Um dia, quando passeava às margens do rio, foi violentada pelo deus dos mares; Netuno, depois de ter gozado os prazeres daquele nôvo amor, disse-lhe que podia pedir o que quisesse. Respondeu-lhe a jovem que queria mudar de sexo, a fim de não mais sofrer violências como a de que há pouco fôra vítima. O deus satisfez-lhe o pedido e acrescentou-lhe a graça de se tornar invulnerável aos golpes. O agora filho de Elato, Ceneo, partiu feliz a ocupar-se de coisas próprias ao seu sexo viril. Combateu os Centauros, na famosa luta entre êstes e os Lápitas, matou vários e nenhum pôde feri-lo. Por fim foi esmagado por uma floresta de árvores. Do meio da mole de ramos amontoados sôbre o infeliz, viram os presentes voar para o límpido ar um pássaro de asas fulvas, o único que houve da sua espécie, assim como também fôra Ceneo o único entre os Lápitas.

2) Epíteto de Júpiter, oriundo do promontório de Cênia, onde tinha um templo.

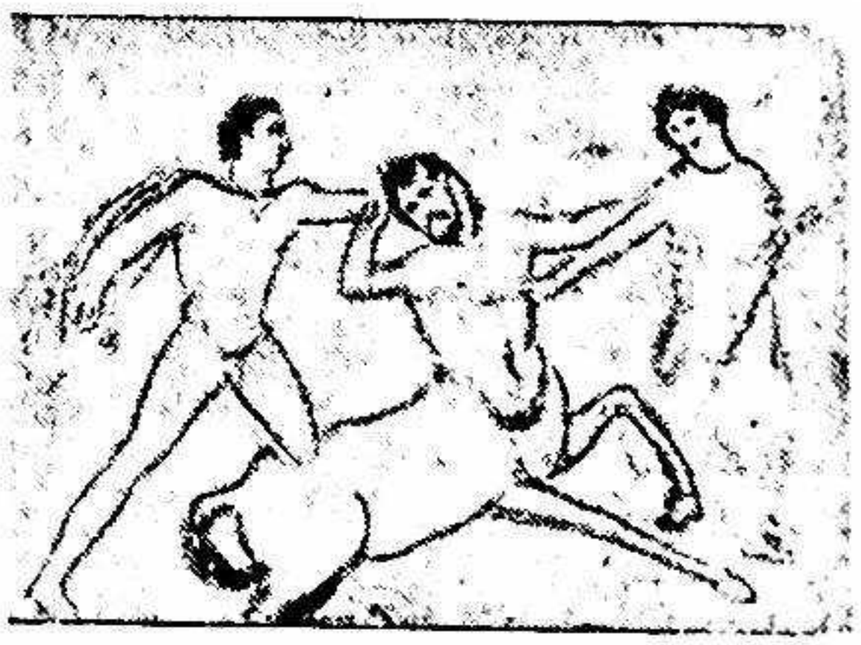
3) Argonauta, filho de Elato.

4) Guerreiro troiano morto por Turno.

CENTAURO — 1) Filho de Apolo e de Estílbia.

2) O Centauro pròpriamente dito, i. é, Quirão, o mais sábio e o mais famoso de todos.

CENTAUROS — Monstros meio homem e meio cavalo. Nasceram de Ixião e da Nuvem ou *Nefele*. Interpreta-se seu nome como "Picadores de cavalos e matadores de touros". Os Centauros, no início, eram uma raça brutal, que habitava a Tessália, as alturas do Ossa e do Pélion. Meio nus, com peles de animais ferozes faziam mantos rudimentares; levavam vida selvagem. O vinho tornava-os furiosos. Seu alimento habitual era carne crua. Por armas usavam troncos, rochedos e tições. Sòmente o Centauro Quirão conhecia o arco e sabia manejá-lo. Mais tarde, pelo século VI antes da nossa era, começam a representá-los como sêres híbridos. Grosseiros e brigões, celebrizaram-se na festa de casamento de Pirítoo, rei dos Lápitas. Foram expulsos de suas fronteiras e vieram habitar o Epiro. Hércules exterminou quase todos. — V. QUIRÃO. V. HÉRCULES. V. PIRÍTOO. — O Museu de Londres possui quinze métopas da frisa do Partenão, sôbre as quais Fídias esculpiu o famoso combate dos Centauros e dos Lápitas.



CENTAURO LUTANDO

(*Pintura em mármore, procedente de Hércules*). Cópia romana. *Museu Nacional de Nápoles.*

CENTIMANOS — "Que tem cem mãos", nome de Briareu e de outros Gigantes. — V. BRIAREU.

CERAMBO — Habitante do monte Ótria. Quando foi do Dilúvio que inundou a terra, — V. DEUCALIÃO, — Cerambo, com o auxílio das Ninfas, transformou-se em escaravelho, escapando, assim à destruição geral.

CERASTA — Ciclope. Sôbre o seu túmulo os Atenienses imolaram as filhas de Jacinto, Lacedemônio, que se estabelecera em Atenas, após o oráculo lhes haver predito que evitariam uma grande fome se sacrificassem os estrangeiros.

CERASTAS — 1) As Fúrias, assim chamadas em virtude de terem serpentes em lugar de cabelos. — V. FÚRIAS.

2) Povo da ilha de Chipre, que Vênus transformou em touros, porque tinham o bárbaro costume de imolar a Júpiter Hospitaleiro todos os estrangeiros que vinham à ilha. Êsse povo, segundo a tradição, tinha a fronte guarnecida de chifres. Outros autores afirmam que essa suposição de existirem homens chifrudos nas ilha, deve-se a má interpretação da palavra Cerástes. Cerástes, aí, significaria não homens chifrudos, mas indicaria os muitos promontórios, em forma de galhos de chifre, que havia em Chipre.

CÉRBERO — Cão de três cabeças, filho de Tifão e de Equidna, que era um monstro metade mulher e metade serpente. Os dentes do cão Cérbero eram negros e cortantes e sua mordida mortal. Do outro lado do Aqueronte, ou do Estige, no meio de plantas pantanosas que emergiam do negro limo infernal, à entrada, pois, do Inferno, ficava o antro do monstruoso cão, o famigerado Cérbero. Com o pescoço eriçado de víboras, ladrava sem cessar, com as três goelas escancaradas. Orfeu o adormeceu ao som da sua lira, quando foi em busca de Eurídice; a Sibila de Cumas, Deífobe, conduzindo Enéias, adormeceu-o com um bôlo de mel e sementes de papoulas; por fim, Hércules, arranca-o dos Infernos, quando foi retirar de lá a rainha Alceste. O monstro, enfurecido por ter sido encadeado pelo herói, derramou seu veneno sôbre as plantas e ervas da Tessália. Vergílio assim o descreve: "O grande Cérbero, reclinado, imenso no antro fronteiro, faz soar êstes reinos com o latido das três goelas. A profetisa, vendo já que os pescoços se eriçavam de serpentes, lança ao cão um bôlo soporífero condimentado com mel. Êle, abrindo as três gargantas, com fome devoradora, engole o bôlo atirado, e, lançando-se ao chão, estende seus grandes costados por todo o antro. Enéias, adormecido o guarda, ocupa a entrada, e, veloz, passa a ribanceira do rio irremeável." Homero não conheceu o Cérbero. Quando Ulisses desceu aos Infernos, dêle não faz menção. Segundo Hesíodo, tinha Cérbero cinqüenta cabeças. As serpentes ao redor do tríplice pescoço, no dizer de Horácio, eram em número de cem. Cérbero era irmão de Orto, da Quimera, da Esfinge, da Hidra de Lerna e do Leão de Neméia.

CÉRCION — Famoso salteador que assolava a Ática, e que obrigava a todos aquêles que encontrava a lutar com êle. Dotado de fôrça extraordinária, curvava as árvores até o chão, e, na copa dessas ligava os que tinha derrubado na luta, prendendo, ao mesmo tempo, sòlidamente, os infelizes em terra. As árvores, em voltando à primitiva postura, rasgavam os desgraçados. Ousando provocar Teseu, foi vencido pelo herói, e sofreu o mesmo castigo que costumava infligir às suas vítimas.

CERCOPES — 1) Habitantes ladrões e enganadores da ilha de Pitecusa, transformados por Júpiter em macacos. *Kérkops*, em grego, significa "macaco" ou "Aquêle que engana". *Píthekos*, igualmente, significa "macaco".

2) Povo de Éfeso, que Hércules conduziu prêso em cadeias aos pés de Ônfale.

CERDÃO — Deus do Lucro entre os Espartiatas, habitantes de Esparta. Do grego *Kérdon*, em latim *Cerdo*, "Artista, operário ou artífice da mais baixa categoria." — V. LUCRO.

CERES (Em grego *Deméter*) — Filha de Saturno e de Ops e irmã de Júpiter, Ceres é a deusa da terra cultivada, e, por conseguinte, da Agricultura. Desposou um filho de Júpiter e gerou Pluto, o deus da riqueza, donde se deduz que a Agricultura faz as nações ricas. Viajou longamente em companhia de Baco, ensinando aos homens a arte de cultivar os cereais. De Júpiter ela teve uma filha, Ferefate, e, em seguida, Prosérpina, que Plutão raptou enquanto colhia flôres. — V. PERSÉFONE. V. PROSÉRPINA. — Inconsolável com a perda da filha, Ceres acendeu uma tocha no vulcão Etna e saiu a sua procura. Fatigada de tanto caminhar, deteve-se na côrte de Céleo, que a acolheu com bondade. A deusa, em agradecimento, ensinou a êle e ao filho a Agricultura. De lá, Ceres passou a Lícia, onde transformou em rãs os camponeses que turbaram a limpidez das águas que ela queria beber. — V. RÃS. — Ovídio, nas *Metamorfoses*, refere êsse fato tendo como personagem Latona. — V. LATONA. — Finalmente, tendo percorrido o mundo inteiro sem encontrar a filha,

retornou à Sicília, onde ficou sabendo, através da Ninfa Aretusa, que Prosérpina tornara-se espôsa de Plutão, o deus dos Infernos. Imediatamente subiu aos Céus, no seu carro tirado por dois dragões, a fim de suplicar a Júpiter que lhe restituísse a filha querida. Júpiter encarrega Mercúrio, para quem os caminhos do Inferno não têm segredos, de trazer Prosérpina à luz do dia. Infelizmente, a jovem havia comido um bago de romã e essa união com o alimento das sombras ligara-a para sempre às regiões infernais. Como consôlo à mãe aflita, ficou estabelecido que Prosérpina desceria anualmente ao reino do seu espôso, durante a estação hibernal, quando a terra repousa; o resto do ano, passá-lo-ia em companhia da mãe. Ceres, contente, aceitou a condição e pôs-se, novamente, com afinco a trabalhar pela alimentação dos mortais. O grou, cujo retôrno anuncia a primavera, é o mensageiro de Ceres. Dão-lhe, às vêzes, o nome de Pandora, ou Dóris, ou Dos significando os dons inumeráveis que dá aos homens. Em Elêusis, Ceres deu a Fítalos, nome que significa "O Plantador", a primeira figueira. Amava as Ninfas das fontes, que regam a terra, era boa para os pequenos, protegia os animais domésticos

PERSÉFONE, FILHA DE CERES, SAINDO DOS INFERNOS
(*Pintura de vaso*)

e ensinava aos camponeses as virtudes das ervas e das plantas. Verdadeira mãe dos mortais, ela os acolhia quando passavam para a vida das sombras. Ensinava, então, às sombras, o nome da divindade que deveria ser invocada e a senha que abriria as portas do Hades e que as livraria de todo o perigo no reino infernal. Temos, aí, a iniciação aos mistérios. — V. MISTÉRIOS. — *Ceredlias* eram festas em louvor de Ceres. Representam-na sob a figura de uma bela mulher, coroada com guirlandas de espigas ou de papoulas, tendo na mão uma gavela e na outra uma foice.

CÉSIA — Epíteto de Minerva, que significa "Deusa de olhos azuis".

CESTO — Cinto de Vênus, que continha todos os encantos e tôdas as graças capazes de seduzir os homens.

CESTRINO — Filho de Heleno e de Andrômaca. Com um grupo de Epirotas estabeleceu-se numa província vizinha do Tiámida, pequeno rio da Tesprótia, pouco depois da morte de seu pai, cujo reino coube em partilha a Molosso, filho de Pirro.

CETO — 1) Monstro marinho que Netuno enviou com o fito de devastar as terras de Cefeu.

2) Monstro marinho que Netuno mandou contra Laomedonte. — V. ANDRÔMEDA. V. HESÍONE.

CÉU — No sentido próprio, Céu é a abóbada celeste, e também a habitação dos deuses. O Céu, como designação de Urano, nada mais é que a personificação e a divinização do Céu material. —V. CELO.

CÍANE — A mais célebre das Ninfas da Sicília, amante do rio Anápis. Quis opor-se ao rapto de Prosérpina, impedindo que Plutão passasse. O deus, irritado, com o cetro real feriu as águas da sua fonte e abriu uma passagem até o Tártaro. Cíane, cheia de dor por causa do rapto e pelo desprêzo manifestado aos direitos da sua fonte, começou a dissolver-se pouco a pouco, transformando-se ela mesma em fonte, cujas águas se foram unir àquelas do seu amante. O nome Cíane lembra a bela côr azul dos mares da Sicília.

CIANEA — Filha de Menandro, mãe de Bíblide, de Cauno, espôsa de Mileto. Foi metamorfoseada em rochedo por ter se mostrado insensível à morte de um jovem que a amava apaixonadamente. Também existe a forma *Cianéia*.

CIANIPE — 1) Filha de Adrasto.

2) Sacerdote e príncipe de Siracusa. Tendo desprezado as festas de Baco, foi ferido de tal embriaguez que violentou a própria filha Cíane. Logo uma peste terrível abateu-se sôbre os Siracusanos. O oráculo, consultado, declarou que a peste cessaria com o sacrifício do incestuoso. Cíane mesma conduziu Cianipe ao altar, degolou-o e matou-se em seguida.

CÍATO — Escanção de Eneu. Derramou água sôbre os pés de Hércules, em lugar de derramá-la sôbre as mãos. O herói ba-

teu-lhe com a ponta do dedo na testa e Cíato caiu morto. *Kyathos*, em latim *Cyathus* significa copo ou taça ou cíato, medida para líquidos e sólidos, correspondente a 1/12 do sextário, i. é, a sexta parte do côngio. *Cyathus*, era, também, a concha ou colher com que se tirava o vinho da cratera para o deitar nos copos.

CIBELE — Cibele, chamada a Mãe dos deuses, é a grande deusa da Frígia. Seu culto, da Ásia Menor, espalhou-se pela Grécia e passou para Roma. É filha de Titéia (a Terra) e de Celo (o Céu), mulher e irmã de Saturno. São seus nomes: Ops, Réia, Vesta, Boa Deusa, Mãe dos deuses, etc. Logo ao nascer foi exposta na floresta e os animais selvagens a alimentaram. O seu amor por Átis é a parte mais considerável da sua história. — V. ÁTIS. — Cibele é a personificação da Natureza na sua rude e selvagem fecundidade, ao passo que Ceres é a deusa da Natureza cultivada pelos homens. Segundo o país, seus sacerdotes chamam-se *Coribantes*, *Galos*, *Cabiros*, *Curetes*, *Dáctilos*. — V. ÊSSES NOMES. — Conservava-se no templo da Vitória, situado no monte Palatino, uma grossa pedra preta, informe, da qual, diziam, dependia a estabilidade do Império. Essa pedra simbolizava a deusa, e tem sua história. Em 204 antes de Cristo, os Romanos obtiveram dos habitantes de Pessinunte, cidade da Galácia, na Ásia Menor, às margens do Sangário e a oeste de Górdio, onde era o centro do culto de Cibele, a cessão da pedra que representava a deusa. Cipião Nasica, ainda muito jovem, foi designado pelo Senado para ir ao encontro do barco que a conduzia e que deveria subir o Tibre. Mas, no rio, a embarcação imobilizou-se, e, maravilhosamente, resistia a todos os esforços. Então, avançou uma matrona romana, Cláudia Quinta, que um gôsto imoderado no vestir dera que falar às más línguas. Em alta voz tomou a deusa por testemunha de que a caluniavam vilmente quanto à sua honra, e suplicou-lhe que disso desse público e cabal testemunho. A seguir, ligou à sua cintura a corda prêsa ao barco, que se pôs dòcilmente em movimento e continuou a subir o rio, até chegar em Roma. Representam Cibele em forma de robusta matrona, sentada sôbre um carro tirado por leões, a cabeça cingida de tôrres e uma chave nas mãos. As tôrres significam as cidades que a deusa protegia; a chave simbolizava os tesouros incontáveis escondidos no seio da mãe terra. Às vêzes viam-se figuras de Cibele tendo na mão um ramo de carvalho, símbolo do primeiro alimento dos homens, as glandes. Embora a grande Mãe dos deuses tenha sido introduzida em Roma em 204 a. de Cristo, durante muito tempo o Senado proibiu aos cidadãos e até aos escravos de participarem das orgias sagradas da deusa. As proibições mantiveram-se até o tempo de Cláudio. Depois os imperadores se mostraram favoráveis ao culto de Cibele. Os mistérios foram oficializados, reconhecidos como tais e todos dêles podiam participar. Em Roma, as festas de Cibele e de Átis formavam um só complexo litúrgico. Celebravam-se de 15 a 27 de março, no princípio da primavera, quando renasce a vegetação, personificada em Átis. O simbolismo das festas inspirava-se na lenda do jovem mancebo. — V. ÁPIS. — Exposto, depois de nascer, à beira do grande rio da Frígia, o Sangário, Átis é recolhido por Cibele que o ama. Após aventuras amorosas diversamente narradas pelas lendas, o jovem é despojado da sua virilidade. Morto, depois ressuscitado, volta para junto da Mãe dos deuses que nunca mais dêle se separará, e o passeia triunfalmente a seu lado, numa quadriga puxada por leões. Os mistérios de Cibele comemoravam êste drama sensual e bárbaro. A 15 de março, como prelúdio, havia a procissão das "Canéforas". — V. ESSA PALAVRA. — Lembrava o encontro de Átis, recém-nascido, nos juncais do Sangário. A 22 de março, um pinheiro, árvore de Átis, era carregado com grande solenidade ao templo do Palatino, pelos "Dendróforos". — V. ESSA PALAVRA. — Os ramos da árvore eram ornados de violetas; o tronco, cercado de fitas, como um cadáver, representando a morte de Átis. O dia 23 era de luto. Os fiéis jejuavam e choravam. O dia 24 era o dos funerais de Átis. Era, verdadeiramente, "o dia do sangue". Os Galos frígios, embriagados pelos seus uivos, pelo ruído ensurdecedor das flautas, dos címbalos e dos tambores, mutilavam-se, flagelavam-se, rasgavam os braços e coxas, enquanto os neófitos, no paroxismo da exaltação, imitavam Átis na sua horrível mutilação. A noite passava-se em misteriosa união com a deusa. À dor sucedia, sùbitamente, a alegria. Era uma alegria desordenada e delirante, como o fôra a dor. A 25, Átis renascia: danças,

banquetes, cantos e muita bebida solenizavam a ressurreição. Após um dia de trégua, as festas finalizavam a 27 de março, com solene procissão que conduzia, debaixo de chuva de flôres, a estátua de prata de Cibele, até a beira do Almão, regato perto de Roma. A estátua era mergulhada na

O CARRO DE CIBELE. ÁTIS, APOIADO A UM PINHEIRO

ribeira, depois reconduzida a Roma em triunfo. A partir do século II da nossa era, o ritual da Grande Mãe foi acrescido com a cerimônia do "Tauróbelo." O mista, deitado de costas num fôsso, recebia sôbre o corpo o sangue de um touro degolado por cima dêle. Saía de lá purificado de todos os pecados, renascido para a eternidade. Os mistérios da Boa Deusa, em Roma, celebravam-se no meio de abomináveis e espantosas licenças, principalmente no fim da República.

CICLOPES — "Aquêles que têm um ôlho redondo", os Ciclopes, eram sêres gigantescos, de forma humana. Tinham, no meio da testa, um ôlho redondo, donde o nome que lhe deram. Distinguiam-se várias espécies de Ciclopes: 1) *Ciclopes pastôres*, filhos de Netuno e da Terra. Ferozes e antropófagos, habitavam o sudeste da Sicília, chamada, então, Trinácria (ilha de *três ângulos*). Ignoravam a agricultura. Levavam vida selvagem, sem leis e sem respeito pelos deuses, cada um vivendo em sua própria caverna. O mais famoso dêsses Ciclopes é Polifemo, — V. POLIFEMO — que prendeu Ulisses e seus companheiros. Assim os descreve Homero: "Dali continuamos viagem, de coração triste, e chegamos à terra dos Ciclopes, homens soberbos e sem lei, que, confiando nos deuses imortais, não plantam nem lavram, mas tudo lhes nasce espontâneamente, sem ser preciso semear ou lavrar: trigo, cevada e vinha, que produz racimos imensos, e a chuva de Júpiter faz crescer todos os frutos para êles. Não possuem ágoras para deliberar, nem leis, mas vivem em grutas côncavas em cima dos altos montes e cada um manda sôbre seus filhos e suas mulheres, sem se importarem com os outros..." Mais adiante Homero retraça em particular a figura de Polifemo: "...Na gruta habitava um gigante que vivia solitário, a apascentar seu rebanho. Não tinha relações com outras pessoas, morava só e não respeitava nenhuma lei. Era um portento colossal, em nada semelhante aos humanos que comem pão. Antes, fazia lembrar um pico coberto de densa floresta, de alta montanha que, isolada, mais se destaca, de longe... Quando, porém, o Ciclope atulhara seu monstruoso ventre de carne humana e bebera por cima leite, deitou-se no interior do antro, estendendo os membros pelo meio das reses. Da sua goela o vinho saía em vômitos, de mistura com pedaços de carne humana, tanto êle se empanzinara..." 2) *Ciclopes-Titãs*, filhos de Urano e da Terra. Eram três. Chamavam-se "Os servidores de Júpiter". Forjavam os raios de que o pai dos deuses se servia. Seus nomes: *Argés*, "O relâmpago", *Esteropée*, "O raio", e *Bronté*, "O trovão". Mergulhados no Tártaro por Urano, foram libertados pelos outros Titãs, seus irmãos, que a Terra, indignada, suscitara contra seu espôso. Novamente presos por Saturno, que, após sua vitória, sentou-se no trono de Urano, mais uma vez foram soltos pelo próprio filho do Titã. Pereceram, afinal, vítimas das flechas de Apolo, indignado contra os fabricadores de raios, com os quais Júpiter fulminara seu filho Esculápio. — V. ADMETO. — V. ESCULÁPIO. — 3) *Os Ciclopes ferreiros*, raça análoga à dos Ciclopes-Titãs. Viviam na Sicília, sob o monte Etna, onde Vulcano, seu chefe, instalara suas forjas e oficinas. Eram estas imensas e achavam-se sempre em atividade, o que explicava as contínuas erupções do vulcão. Lá se fabricavam não só armas, mas também objetos de utilidade e adornos. — V. PANDORA. V. JÚPITER. — A atividade era tamanha que não raro abalava tôda a Trinácria. Os dois Ciclopes mais conhecidos são *Piracmon*, "A bigorna", e *Acamas*, "O infatigável". 4) *Os Ciclopes construtores*. Atribui-se aos Ciclopes a construção de antigas muralhas, ditas ciclópicas, como as de Tirinto e Micenas. É mais provável, porém, que essas obras imensas e gigantescas tenham sido levadas a cabo por

povos da Trácia, habilíssimos na arte de construir. Tiraram seu nome dum rei que os Trácios houveram, Ciclope. Expulsos das suas terras, espalharam-se pelo Peloponeso, Creta e Lícia. Mais tarde o povo admirou-se dessa arquitetura prodigiosa — havia pedras sobrepostas a outras que mediam trinta pés de largura — e deu azo à lenda dos Ciclopes construtores. A Arqueologia ainda não deu sua última palavra a respeito das "Ruínas Ciclópicas". Os Ciclopes foram colocados na categoria dos deuses e os Coríntios ergueram-lhes um templo.

CICNO — Filho de Estênelo, rei dos Ligúrios. Ao ver a triste morte de Faetonte, — V. FAETONTE, — seu parente e amigo, precipitado do alto Céu nas águas do Erídano, Cicno abandonou logo seus estados, e durante longos anos errou às margens do rio, sem poder encontrar consôlo para a sua dor. Os deuses apiedaram-se dêle: mudaram em brancas penas seus cabelos encanecidos pela idade, e o seu corpo em um belo cisne, que colocaram, depois, entre os astros. E é sempre, diz-se, ao caro desaparecido que chama essa ave melancólica nos seus solitários passeios.

CICÕES — Povo da Trácia. Há, também, a forma *Cíconos*.

CIDIPE — 1) Ninfa, companheira de Cirene, mãe de Aristeu.

2) Sacerdotisa de Juno, mãe de Cleóbis e Bíton.

3) Jovem da ilha de Delos, amada por Acôncio. — V. ACÔNCIO.

CILA — 1) Filha de Laomedonte e irmã de Príamo.

2) Irmã de Hécuba e mulher de Timetes. Príamo a fêz morrer, com um filho que dela tivera, a fim de obedecer às ordens do oráculo.

3) Filha de Niso, rei de Mégara, transformada em garça. Minos, rei de Creta, estava em luta com Niso. Sua filha, Cila, apaixona-se por Minos, e, uma noite, entra na câmara paterna e arranca o fio de cabelo rubro que o velho pai possuía em meio a sua basta cabeleira branca. A êsse fio de cabelo, como a jovem bem o sabia, estava ligado o destino do rei Niso, e, portanto, da cidade. De posse do cabelo, Cila passa-se para o campo inimigo que cercava Mégara, e apresenta-se diante de Minos. Dá-lhe o cabelo com a condição de que êle a possuísse. Minos, cheio de horror, a expulsa. Depois de vencida a cidade, retira-se Minos. Cila, cheia de desespêro, transforma-se numa garça, e seu pai, Niso, em águia marinha.

4) Cila, filha de Forco, era primitivamente, Ninfa de radiosa formosura. O deus marinho Glauco viu-a um dia e começou a arder em desejos de possui-la. Cila, orgulhosa, desdenhou o amor da divindade escamosa. — V. GLAUCO. — Glauco, então, em desespêro, recorreu a Circe, pois não tinha, ainda, recebido de Apolo o dom fatídico da profecia. A feiticeira Circe, que o amava perdidamente, fingindo ajudá-lo, determina a desgraça da infeliz rival: manipula ervas, mói plantas, espreme sucos horríveis, ajunta encantações e vestida de véus azuis, corre ao remanso solitário à beira-mar onde Cila gostava de banhar-se. Era uma gruta de límpidas águas. Arremessa à água os sucos venenosos, repete nove vêzes fórmulas obscuras e palavras misteriosas. Cila aproxima-se para o banho habitual. Despe-se e penetra na água. Apenas mergulhara seu formoso corpo na onda, viu-se transformada em horrendo monstro, feroz, ululante. Não crendo que tais monstruosidades fizessem parte de seu corpo, quis fugir, e percebeu, então, que se transformara em algo mais espantoso que Cérbero. Glauco, que a amava, derramou lágrimas de pesar e não quis se unir a Circe, que assim abusara da virtude mágica das suas ervas. Cila, que estava na água, na água ficou. Cila e Caribde são inseparáveis. Caribde era filha de Netuno e da Terra. Tendo se aventurado a raptar bois que pertenciam a Hércules, foi fulminada por Júpiter e transformada em temível sorvedouro. Desde então, três vêzes por dia, sua goela espantosa abre-se, engolindo as ondas do mar, e, a seguir, vomita-as com ruído formidável. Ficaram, assim, as duas, Cila de um lado e Caribde de outro, no estreito da Sicília, uma diante da outra. Desgraçado navio, que, querendo escapar de Caribde aproxima-se de Cila! Desgraçado, igualmente, se fugir de Cila para cair em Caribde! Ulisses assim narra a experiência que teve nessa dificultosa passagem: "...Navegamos, pois, ao longo do estreito, lamentando-nos por têrmos de um lado Cila e do outro a ilustre Caribde, que absorvia a água salgada dum modo horrível. Quando a vomitava, revolvia-a tôda, uivando e espumando, como um caldeirão sôbre fogo vivo, e, no alto, a espuma caía sôbre as pontas de ambos os escolhos. Mas depois de engolir a água salgada, apa-

recia no interior tôda revolvida e o rochedo bramava horrìvelmente, mostrando em baixo o fundo negro da areia, fazendo de todos se apoderar o pálido mêdo. Enquanto nós, com temor de morte olhávamos Caribde, Cila arrebatou-me da côncava nave seis companheiros, os melhores em membros e em fôrças. Ao erguer eu os olhos para a ligeira nave e para os companheiros, percebi, então, os pés e os braços dos que tinham sido levantados no ar, os quais, na angústia do seu coração, por mim chamavam, pronunciando meu nome, pela última vez... Assim meus companheiros, debatendo-se, eram levados para as rochas. E ali, à entrada da sua caverna, Cila devorava-os, enquanto davam gritos e estendiam para mim seus braços, numa luta horrível. De tudo quanto sofri, a investigar as vias marítimas, foi êsse o mais lamentável espetáculo que meus olhos viram..."

CÍLARO — 1) Famoso cavalo que pertenceu a Pólux.

2) Jovem Centauro, de grande beleza, que foi morto nas bodas de Pirítoo. — V. HILÔNOME.

CILÊNIO — Epíteto de Mercúrio. É tirado do monte Cilene, na Arcádia, onde Mercúrio nasceu.

CILEU — 1) Cidade e promontório da Calábria.

2) Cidade e promontório da Argólida.

CIMELO — Centauro.

CIMÉRIOS — 1) Chama-se "País dos Cimérios" a região vaga e brumosa habitada pelas Sombras, além do rio Oceano.

2) Povo da costa ocidental da Itália, entre os quais os poetas punham o palácio do Sono e o antro pelo qual se entrava nos Infernos. — V. INFERNOS. — Conforme Homero, uma região que as brumas e as nuvens cobrem, sem que jamais o sol brilhe, pois a noite sem fim estende-se perpètuamente naqueles lugares.

3) Povo da Criméia.

CÍNIRAS — Rei da Assíria, ou de Chipre, ou de Pafos. Tinha uma filha chamada Mirra. Na idade núbil quis o pai casá-la, e muitos dignos pretendentes se apresentaram. A filha despediu a todos, proclamando que desejava um espôso como seu pai. Cíniras, não compreendendo o sentido oculto dessas palavras, louva a sua piedade filial. A verdade, porém, é que Mirra estava loucamente enamorada do pai, Cíniras. A môça resolve enforcar-se, mas uma velha ama acorre a tempo. Instada, Mirra confessa à ama o amor criminoso e abominável que lhe rói o coração. E a velha ama jura satisfazê-la. Realizavam-se, então, as festas de Ceres, e, durante nove dias, as espôsas não partilhavam do leito marital. Cencreide, mãe de Mirra, deixara, também, o tálamo conjugal vazio. A velha ama persuadiu o rei a receber em seu leito uma virgem que por êle ardia em desejos, da idade de Mirra e linda como ela. O pai, pesado de vinho, acede. À noite, Mirra vem ao quarto do pai, e êste a possui, deixando-a grávida. Em a noite seguinte, renova-se a horrível união. Cíniras, entretanto, curioso por saber quem seria a sua jovem e ardente amante, prepara um archote, e, consumado o ato, acende-o, vendo, ao mesmo tempo seu crime e sua filha. A dor tirou-lhe as palavras. Só pôde arrancar da espada para feri-la. Mirra, porém, fugira. Abandonou a pátria e errava sem rumo, quando sua gravidez chegou a têrmo. Mirra transformou-se em árvore, e gôtas corriam dos seus galhos. Eram suas lágrimas transformadas em mirra. A árvore fendeu-se e Adônis nasceu. Aos seus vagidos acorrem as Náiades que dêle cuidaram. — V. ADÔNIS. — Conforme uma versão mais antiga, Cíniras morreu no exílio, após ter sido expulso da pátria; segundo outra, foi morto por Apolo. Atribui-se-lhe a fundação de Pafos, Ciniria e Esmirna. Atribui-se-lhe, também, a invenção da telha, da tenaz, do martelo, da alavanca e da bigorna. — V. MIRRA.

CÍNTIA — Epíteto de Diana, do monte Cinto, onde nasceu.

CÍNTIO — Epíteto de Apolo, gêmeo de Diana.

CINTO — Montanha da ilha de Delos.

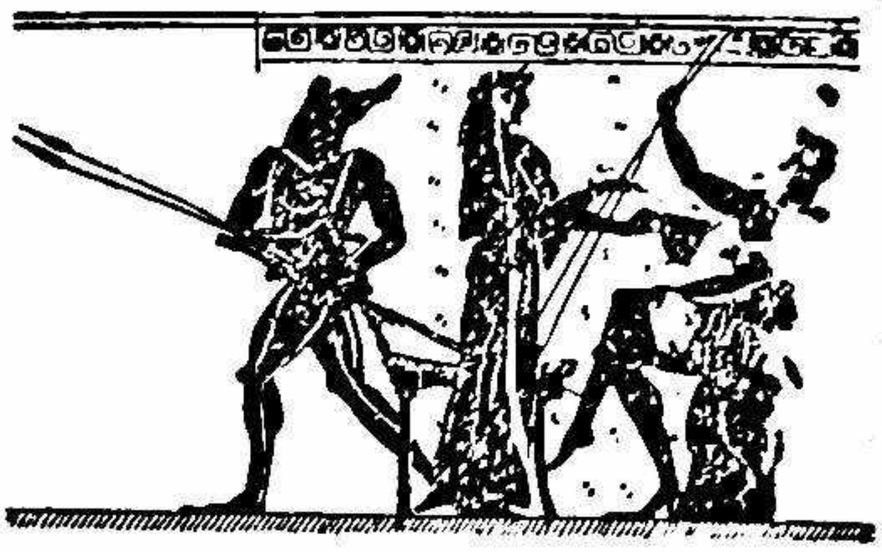
CINTURÃO (DE HIPÓLITA) — V. TRABALHOS DE HÉRCULES.

CIPARISSO — Formoso jovem da ilha de Cós, filho de Télefo. Havia, na ilha, um cervo consagrado às Ninfas, manso, dócil, que freqüentava as casas e oferecia seu pescoço às carícias. Um dia, o cervo deitou-se à sombra das árvores. Ciparisso, sem vê-lo, transpassou-o com o dardo. Apolo, seu amigo, quis consolar o jovem, mas em vão, pois o infeliz só lamentava a desgraça que, sem querer, cometera. Condoído, o deus metamorfoseou-o em cipreste, árvore que se tornou o símbolo da dor. *Kypárissos* ou *kypárittos* em grego, *cyparissus* em latim, é o cipreste.

CIPRA — Nome sob o qual Júpiter era adorado em Piceno, região da Itália, situada na costa do mar Adriático.
CÍPRIA — Vênus, a qual se prestava culto na ilha de Chipre.
CIPRÍGENA — Epíteto de Vênus, nascida do mar que cerca Chipre.
CÍPRIO — Um dos cães de Acteão.
CIRÃO 1) Vento furioso ao qual se faziam sacrifícios a fim de prevenir as desgraças que êle causava.

2) Famoso salteador que morava entre Mégara e Atenas, na Ática. Não contente em despojar os viajantes, precipitava-os do alto de um rochedo ao mar. Teseu matou-o e lançou-o no mar. Seus ossos transformaram-se em rochas.

CIRCE — Famosa feiticeira. Era filha do Sol e da Oceânida Persa. Segudo outros, do Dia e da Noite. Casou-se com o rei dos Sármatas, povo situado a oeste do Tânais ou Tanaida, rio que separa a Europa da Ásia, o atual Don. Depois de ter envenenado seu marido, viu-se obrigada a fugir; refugiou-se nas costas da Sicília, na pequena ilha de Eéia. Habitava um palácio maravilhoso, onde os utensílios eram de ouro, as mesas de prata, os tapêtes de púrpura. Ao seu redor e ao redor do palácio vagavam lôbos e leões: eram sêres humanos que ela encantara com suas beberagens mágicas. Mulher poderosa e cruel, em muitos mortais experimentara já os seus imensos recursos. — V. CILA. V. PICO. V. ODISSÉIA. — Ulisses, ao voltar para Ítaca, passou pela ilha de Eéia. Dividiu seus companheiros em dois grupos. Euríloco guiou o trôço de homens encarregados de averiguar quem morava no palácio que avultava no meio do bosque. Seus companheiros, todos, com exceção de Euríloco, viram-se transformados em porcos e trancafiados na pocilga. Euríloco, sem voz, chorando, correu para Ulisses que ficara com os homens restantes na beira do mar. Contou-lhe o sucedido. Ulisses, sòzinho, dirige-se para o palácio da feiticeira. No caminho encontra-se com Hermes (Mercúrio), que lhe ensina o modo de livrar-se das artes mágicas da terrível mulher e lhe dá a erva chamada *moli*, antídoto de venenos. Ulisses, ao entrar no palácio, investe com a espada contra ela, como se a quisesse matar. Circe, assustada, convida-o a partilhar do seu leito, honra que o herói não ousou recusar. No dia seguinte, Circe mesma banhou Ulisses e mandou que trouxesse os restantes companheiros que haviam permanecido na orla do mar. Quando Ulisses regressou com os homens, já os outros tinham readquirido a forma humana.



ULISSES E CIRCE
(*Pintura num vaso*)

Um ano ficaram na ilha, hóspedes de Circe, de belas tranças, a potente deusa dotada de voz humana, irmã do pernicioso Eeta, nascido de Hélios e de Persa, filha do Oceano. Ao deixar Ulisses a ilha, Circe deu-lhe vários conselhos, inclusive o de ir consultar o adivinho Tirésias, nos Infernos. De Ulises, Circe gerou dois filhos, Telégono e Cassifonéia. Telégono, sem o saber, deveria, um dia, matar o pai. — V. TELÉGONO. — Cassifonéia, por sua vez, seria fatal à mãe. Com efeito, casando-se com Telêmaco, seu irmão, filho de Ulisses e Penélope, Circe de tal modo mostrou-se detestável ao genro, com seu desmesurado orgulho, que êste a matou.

CIRENE — 1) Ninfa tessaliana, que levava vida selvagem nas florestas e prados, vigiando os rebanhos paternos. Era filha do rio Peneu. Foi amada de Apolo que a transportou para a Líbia e lá a tornou mãe de Aristeu. — V. ARISTEU.

2) Ninfa da Trácia. Foi amada de Marte, do qual gerou Diomedes.

3) Ninfa da qual Apolo teve Argeu.
CISSEO — 1) Um dos cinqüenta filhos de Egito, espôso de Autoléia.

2) Filho de Melampo.

3) Rei da Macedônia. — V. ARQUELAU.

4) Rei da Trácia, pai de Hécuba.

5) Pai de Teano, mulher de Antenor.

6) Um dos companheiros de Turno, morto por Enéias.
CISSO — 1) Epíteto de Baco. *Kissós*, em grego, significa "hera", planta consagrada ao deus do vinho.

2) Jovem amigo de Baco, que muito o amava. Os Sátiros, num jôgo, acidental-

mente o feriram de morte. Baco metamorfoseou-o em hera, planta que desde então ficou consagrada ao deus do vinho.

CITERA — Ilha defronte da extremidade sul da Lacônia, com celebrado culto de Afrodite ou Vênus. Hoje, Cerigo.

CITERÃO — 1) Pastor da Beócia, segundo uns; rei de Platéia, cidade da Beócia, conforme outros. Aconselhou Júpiter a simular nôvo matrimônio, a fim de atrair a si Juno que queria se divorciar pùblicamente do deus. O estratagema surdiu efeito: Juno, apavorada com a possibilidade de perder o marido, renunciou ao divórcio. Júpiter, para recompensar Citerão, deu seu nome a uma montanha da Beócia.

2) Serra selvática que separa Mégaris e Ática da Beócia. Tornou-se famosa por ser teatro das orgias báquicas e dos mistérios dionisíacos. Era, também, consagrada a Apolo e às Musas. Ficou célebre por seus notáveis rebanhos.

CITERÉIA — Epíteto de Vênus, da ilha de Citera, onde havia famoso templo em sua honra.

CÍTIA — Vasta região ao norte do mundo. Provàvelmente, ao curso inferior do Danúbio, do Mar Negro e do mar Cáspio. Lá viviam tribos nômades.

CIZÊNIS — Filha de Diomedes, rei da Trácia. Tão cruel como o pai, massacrava aquêles que tinham a infelicidade de cair em suas mãos. Aos pais obrigava comer porções de carne dos próprios filhos.

CÍZICO — Rei da península da Propôntida, nome do atual mar de Mármara, situado entre o mar Egeu e o Ponto Euxino. Acolheu hospitaleiramente os Argonautas, quando iam para a Cólquida. Após alguns dias de descanso, os Argonautas retomaram sua rota. À noite, porém, batidos por furiosa tempestade, vieram, novamente, dar à costa. Cízico, julgando tratar-se de piratas, saiu a combatê-los e foi morto. Na manhã seguinte, Jasão, reconhecendo o cadáver do rei entre os mortos, fêz-lhe brilhantes exéquias e deu seu nome à península.

CLANIS — Centauro morto por Teseu.

CLÁRIO — Apelido de Apolo, derivado da cidade de Claros, na Jônia, Ásia Menor, com templo e famoso oráculo do deus.

CLÉOBIS — Irmão de Bíton. — V. BÍTON.

CLÍCIE — 1) Oceânida, filha de Órcamo e Eurínome. Foi amante de Apolo, que a deixou atraído pelos encantos de Leucótoe, sua irmã. Clície, despeitada e ciumenta, revelou ao pai os amôres clandestinos da rival. A seguir, deixou-se morrer de fome, acompanhando, sem cessar, o curso do Sol. Apolo mudou-a em flor, heliotrópio ou girassol.

2) Mulher de Tântalo e mãe de Pélops.

3) Amante de Amintor.

4) Filha de Pândaro. — V. CAMIRO.

CLÍMENE — 1) Filha do Oceano e de Tétis. Da sua união com o Jápeto Atlas, nasceram Prometeu, Menécio e Epimeteu.

2) Filha do Oceano e de Tétis. Teve de Apolo os seguintes filhos: Faetonte e as Faetontíadas ou Helíades, Faetusa, Lampécia, Lampetusa e Febe. Conforme outra versão, Faetonte seria filho de Clímenos, filho do Sol, e da Ninfa Mérope. — V. FAETONTE. — Clímene era espôsa de Mérops, rei da Etiópia.

3) Uma Nereida.

4) Mulher de Díctis. Criou Perseu na ilha de Serifo, uma das Cíclades, para onde as ondas o haviam conduzido.

5) Filha de Crateu e espôsa de Náuplio.

6) Minéidas, mãe de Atalanta.

7) Espôsa de Partenopeu e mãe de Tesímenes.

8) Célebre Amazonas.

9) Confidente de Helena, que a acompanhou quando Páris a raptou.

10) Uma Troiana.

11) Mãe de Homero.

CLIO — 1) Clio, "A Fama", era a Musa da História e inventora da cítara. Representam-na tendo na mão esquerda um rôlo ou livro com o título *Tucídides*, historiador famoso, grego, do século V antes da nossa era, e na mão direita uma cítara. Figuram-na, também, sob os traços de formosa virgem coroada de louros, segurando na mão direita uma trombeta, e um livro na esquerda. Clio, certa feita, ousou censurar a Vênus seus amôres escandalosos com o jovem Adônis. A deusa vingou-se dêsse atrevimento fazendo-a cair nas malhas do Amor. Clio entregou-se a Piero e teve dêle um filho, Jacinto.

2) Ninfa companheira de Cirene, mãe de Aristeu.

3) Danaide. Desposou Astério.

CLITA — Mulher de Cízico. Estrangulou-se por não poder sobreviver a seu caro marido, morto pelos Argonautas. Chorada pelas Dríades, suas lágrimas transformaram-se numa fonte que traz seu nome.

CLITEMNESTRA — Filha de Tíndaro, rei de Esparta, e de Leda, filha do rei da

Etólia. Sua irmã gêmea era a famosa Helena. Outros dão-lhe, com mais verossimilhança, por irmão gêmeo o renomado herói Castor. — V. LEDA. V. CASTOR E PÓLUX. — Casou-se com Agamenão, rei de Micenas, no tempo em que Menelau esposava Helena. Espôsa fatal, Clitemnestra estava destinada a desgraçar o lar de Agamenão. Deu ao herói quatro filhos: Electra, Crisotêmis, Ifigênia e Orestes. Clitemnestra foi melhor mãe que espôsa. Jamais perdoou a Agamenão o sacrifício da sua filha predileta Ifigênia. — V. AGAMENÃO. — Aproveitando-se da ausência do marido, que lutava sob as muralhas de Tróia, prepara a sua morte e torna-se amante de Egisto, a quem Agamenão, antes de partir, confiara a espôsa e o reino. Clitemnestra e Egisto, ao voltar Agamenão, recebem-no com grande deferência e afeto, preparam-lhe um banho e matam-no covardemente. Após êsse assassínio, e o de Cassandra. — V. CASSANDRA. — Clitemnestra desposa pùblicamente seu amante e cúmplice e lhe põe a coroa sôbre a cabeça. Orestes, secundado por Pílades, vingou o pai tirando a vida à sua mãe e a seu padrasto. Antes de casar-se com Agamenão, Clitemnestra fôra espôsa de Tântalo, do qual tivera um filho. — V. ORESTES. V. EGISTO. V. ELECTRA.

CLíTIO — 1) Um dos Gigantes que guerrearam Júpiter.

2) Argonauta.

3) Filho de Alcmeão e de Arsínoe.

4) Um dos companheiros de Fineu, morto por Perseu.

5) Filho de Laomedonte.

CLITÓRIO — 1) Clitório era filha dum Mirmidão. *Myrmeex*, em grego, significa formiga. Seu talhe era tão exíguo, que Júpiter viu-se obrigado a transformar-se em formiga para poder possui-la.

2) Fonte da Arcádia.

CLITUMNO — 1) Rio da Úmbria, província da Itália peninsular, a leste da Etrúria, que proferia oráculos.

2) Apelido de Júpiter.

CLOÉIA — Festa que os camponeses da Ática celebravam em honra de Deméter, quando as searas começavam a madurar.

CLÓRIS — 1) V. FLORA.

2) Uma das Piéridas.

3) Filha de Arcturo. Foi raptada por Bóreas, que dela teve uma filha chamada Hírpace.

4) Filha de Anfião e Níobe. Desposou Neleu. Tiveram uma filha e onze filhos, que, com exceção de Nestor, foram mortos por Hércules. Clóris pereceu vitimada pelas flechas de Apolo e Diana. Conforme alguns, conseguiu fugir a vingança dos deuses.

5) Mulher de Âmpico e mãe de Mopso.

CLOTO — Uma das três Parcas. Seu nome significa "fiar". — V. PARCAS.

COALEME — Divindade protetora da impudência.

CóCALO — Rei da Sicília. Dédalo, fugindo do Labirinto, acolheu-se na sua côrte. Foi bem recebido e construiu vários monumentos importantes. — V. DÉDALO. — Logo a seguir, Minos II veio reclamar seu prisioneiro. Cócalo, atemorizado, lançou Dédalo numa estufa ou forno, onde o hábil artífice, apesar de todo seu engenho, morreu queimado. A seguir, tornando-se audacioso, fêz bruscamente prender Minos e lançou-o numa cuba de água fervente. — V. MINOS

COCITO — 1) Rio dos Infernos. — V. INFERNO. — Era formado das lágrimas dos maus e pecadores. Seu nome interpreta-se como "Rio dos uivos". Era um afluente do Estige.

2) Médico famoso, discípulo de Quirão.

COLÓFON — Cidade da Jônia, onde Apolo possuía notável templo.

CóLQUIDA — Região da Ásia Menor, na costa oriental do Ponto Euxino. É célebre por ser a pátria de Medéia e por causa da expedição dos Argonautas.

COLUNA MENIA — Era uma coluna que havia junto ao Forum, em Roma, ao pé da qual eram castigados os ladrões e os rebeldes.

COLUNAS DE HÉRCULES — Conforme a lenda, o Oceano e o Mediterrâneo não se comunicavam: duas montanhas, Ábila ao sul e Calpe ao norte, formavam entre êsses mares uma barreira que separava suas águas. Hércules, passando por aquêle local, separou os montes com um golpe de suas espáduas, e os dois mares se reuniram. O canal de comunicação é hoje o estreito de Gibraltar; as montanhas situadas de um lado e de outro, têm o nome de *Colunas de Hércules*.

COMBE — Filha de Ófio. Atribui-se a Combe a invenção das armaduras de bronze. Seus filhos, querendo assassiná-la, teve ela de fugir sob a forma de pássaro.

COMO — Como era o deus da alegria e da boa vida. Presidia aos festins, às danças noturnas e à libertinagem. Representavam-no sob o aspecto de um belo jovem risonho,

ASBAC - SP
BIBLIOTECA

de faces coradas pelo efeito do vinho, coroado de flôres, com um archote numa mão, apoiando a outra numa estaca. Não raro é acompanhado de Momo, o deus da zombaria, da troça, das críticas maliciosas e dos gracejos. Momo é figurado com uma máscara e segurando um bastão, símbolo da loucura. *Koomos*, significa "Festim alegre".

CONCÓRDIA — Deusa alegórica, romana, filha de Júpiter e Têmis. Os Romanos prestavam-lhe culto particular, e, em sua honra, erigiram vários templos, dos quais o mais célebre se erguia no Capitólio.

CORE — Nome grego de Prosérpina ou Perséfone. — V. PROSÉRPINA. — Pode-se usar, também, a forma *Cora*. — Do grego *Kóree*, "jovem", "donzela".

CORESO — Sacerdote de Baco. — V. CALÍRROE.

CORIBANTES — Nome dos sacerdotes de Cibele na Frígia. Celebravam o culto da deusa com danças frenéticas e alucinadas, ao som de tambores, tímbalos, sistros e uivos, de mistura com hinos vociferados a plenos pulmões. O nome romano dos Coribantes é *Galos*. Os Coribantes, em Creta, cuidaram de Júpiter, à época em que o deus recém-nado foi levado à ilha por Réia, sua mãe, que queria, assim, o subtrair à voracidade de Saturno. — V. CIBELE. V. JÚPITER.

CORÍCIDES — 1) As Ninfas do Parnaso, i. é, as Musas.

2) Ninfas que habitavam o antro coriciano, vasta gruta que se abria no flanco do Parnaso, além de Delfos.

CÓRICO — Rei da Arcádia. Certa feita Córico surpreendeu Mercúrio adormecido sôbre o monte Cilene, e lhe cortou as mãos. Júpiter arrancou as entranhas de Córico e transformou-o num fole. *Kóorykos* significa "alforge".

CÓRIDON — Também existe a forma Coridão. — 1) Gigante, filho da Terra e do Tártaro.

2) Nome de pastor.

CÓRITO — 1) Jovem Lápita, morto pelo Centauro Reto, nas bodas de Pirítoo.

2) Ibero, jovem favorito de Hércules, ao qual se atribui a invenção do capacete. *Kórys, kórythos* significa "capacete".

3) Filho de Páris e Enone. Córito apaixonou-se por Helena e foi morto pelo pai, seu rival, que se enchera de inveja e ciúmes.

4) Filho de Menelau e Helena; fundou na Itália uma cidade que tomou seu nome.

5) Pai de Dárdano.

CÔRNO DA ABUNDÂNCIA — "Côrno da Abundância" ou "Cornucópia", era o atributo mitológico da Fortuna; hoje, é o símbolo da Agricultura e do Comércio. — V. AQUELÔO. V. AMALTÉIA. V. ABUNDÂNCIA.

CORÔNIDA — Filho de Corônis ou Corônide, i. é, Esculápio.

CORÔNIS — 1) Não havia, em Larissa, cidade da Tessália, ninguém mais bela que Corônis, filha de Flégias. Apolo por ela se apaixonou. O deus, um dia, foi informado pelo corvo que sua amante o traia com um jovem emônio, i. é, tessálio. Cheio de ira, Apolo, com uma flecha, fere a infiel. Arrependido da sua precipitada vingança, castigou o delator, mudando-o, de branco que era, em prêto. Desde então, os corvos, antes alvinitentes, tornaram-se negros. Do corpo sem vida, o deus arrancou o ser que lá se agitava, e entregou-o aos cuidados de Quirão. Êsse filho nonato era Esculápio.

2) Filha de Coroneu, rei da Fócida. Fugindo às solicitações amorosas de Netuno, recorreu a Minerva, que a transformou numa gralha.

3) Deusa adorada em Sicione, antiga cidade da Acaia, famosa pelas suas oliveiras.

4) Uma das Híades.

5) Uma das Ninfas que cuidaram da infância de Baco.

6) Bacante raptada por Butes.

COTITO — Deusa da devassidão, da libertinagem e da impudência. Era uma deusa trácia. Seus mistérios davam lugar às piores orgias.

CRANE — Ninfa amada de Jano.

CRANTOR — Lápita.

CRATÊIDE — Filha de Crateis, i. é, Cila.

CRENEU — Lápita.

CREONTE — 1) Rei de Corinto, filho de Sísifo e pai de Creúsa ou Glauce. Deu sua filha em casamento a Jasão, que havia repudiado Medéia. — V. CREÚSA. V. JASÃO. V. MEDÉIA.

2) Rei de Tebas. Foi libertado por Hércules de inimigos que lhe faziam guerra pertinaz. Em agradecimento, Creonte deu sua filha ao herói. — V. MÉGARA.

3) Irmão de Jocasta. Apoderou-se do trono de Tebas após o desastre da família de Laio. Mostrou-se verdadeiro tirano. — V. ANTÍGONA. V. POLINICE. V. ETÉOCLES. V. ÉDIPO.

CREÚSA — 1) Espôsa de Jasão.

2) Primeira espôsa de Enéias. Pereceu na noite em que Tróia foi incendiada. Na confusão geral, separou-se do marido, Enéias, que se encontrava com Ascânio e Anquises. Quando o herói a procurava entre os vivos que procuravam fugir, apareceu-lhe sua sombra, advertindo-o de que não perdesse tempo, mas fugisse com os deuses penates.

3) Cidade da Beócia.

4) Filha de Erecteu, rei de Atenas. Foi seduzida por Apolo que a fêz mãe de Íon. A fim de não ser descoberta sua falta, colocou o menino num cêsto e o expôs. No cêsto havia alguns ornamentos característicos. Mais tarde Creúsa tornou-se espôsa de Xuto. Como não tivessem filhos, Creúsa e seu marido foram consultar o oráculo de Delfos. Aí encontram Íon, que é reconhecido graças aos ornamentos que havia a mãe pôsto no cêsto. — V. XUTO.

CRINISO — Príncipe troiano, contemporâneo de Laomedonte. Criniso expôs sua filha, no mar, dentro de uma barca, a fim de subtraí-la ao perigo de ser devorada por um monstro que Netuno enviara e que devastava as planícies de Tróia. Logo que Hércules destruiu o monstro, Criniso se pôs a procura da filha, e, assim, chegou a Sicília. Desesperançado de encontrá-la, chorou tantas lágrimas que foi mudado em rio. Os deuses, a fim de recompensarem sua ternura para com a filha, concederam-lhe o dom de assumir as formas que bem entendesse. Depois de usar muitíssimo dêsse recurso, para surpreender as Ninfas, acabou casando-se com Egesta, que lhe deu um filho, Acestes.

CRISAOR — Pai de Gerião. — V. GERIÃO.

CRISEIDE — Patronímico de Astinoméia, filha de Crises, sacerdote de Apolo. Aquiles apoderara-se da jovem no saque à cidade de Lirnesso. Crises apresentou-se diante dos dois Atreidas que governavam as tropas gregas, Agamenão e Aquiles, a fim de resgatar a filha. Recusaram-lhe o solicitado e logo a peste começou a grassar no arraial grego: Apolo assim se vingava da afronta feita ao seu sacerdote. Calcante, consultado, respondeu que cumpria satisfazer o ilustre ministro do deus e devolver-lhe a filha. Agamenão, por fim, rendeu-se, e encarregou Ulisses de reconduzir a jovem ao pai. Crises, em vendo sua filha sã e salva, rogou a Apolo para que cessasse a peste. Criseide, então, achava-se grávida, e afirmava ser de Apolo.

CRISES — Sacerdote de Apolo, pai de Criseide.

CRISIPO — Filho natural de Pélops e da Ninfa Danais. Foi assassinado por Hipodâmia, que temia fôsse êle impedir a sucessão de seu filho ao trono. Crisipo viveu o suficiente para declarar quem era o seu assassino. Furiosa de se ver descoberta, Hipodâmia suicidou-se.

CRISÓMALOS — Nome que os Gregos davam ao famoso carneiro com velo de ouro. — V. HELE. V. FRIXO. V. ARGONAUTAS. — Era êsse animal extraordinário filho de Netuno e da Ninfa Teófana. — V. ÊSSES NOMES. — Do grego *Chrysómallos*. "Quem tem lã ou velo de ouro", de *Chrysos*, "ouro" e *Mallós*, "lã" ou "velo".

CRISOTÊMIS — 1) Ninfa amante de Apolo. Teve um filho que o deus colocou entre os astros.

2) Danaide.

3) Filha de Agamenão e Clitemnestra.

4) Filho do Carmanor. Obteve o primeiro prêmio nos jogos píticos com um hino de sua autoria em honra de Apolo.

CRÓCALE — Ninfa, filha do rio Ismeno.

CROCO — Também existe a forma Crocos. Croco era amante da Ninfa Esmílax. Os deuses transformaram o primeiro em açafrão e a segunda em teixo, ou na flor chamada esmilace. *Krókos* significa "açafrão;" *Smilax*, "teixo".

CRÔMIO — Filho de Neleu e de Clóris.

mãos. *Krómmyon* significa "cebola".

CRÔMIS — Filho de Hércules. Alimentava seus cavalos com carne humana. Foi fulminado por Júpiter.

CTÔNIA — 1) Epíteto de Ceres.

2) Filha de Erecteu e mulher de Butes.

CTÔNIAS — Festas anuais que os Hermioneus celebravam em honra de Diana Ctônia.

CTÔNIO — 1) Epíteto de Júpiter, de Mercúrio e de Baco.

2) Filho de Netuno.

3) Um dos cinco guerreiros nascidos dos dentes do dragão e que ajudou Cadmo a construir Tebas.

CUMAS — Cidade marítima da Campânia, fundada em 1050 como colônia de Cime; é célebre pela Sibila cumana, — V. ENEIDA.

CUNINA — Também existe a forma Cuba. Divindade romana que velava pela criança

no berço e que a fazia dormir. Do latim *cunae*, "berço".

CUPIDO — Em grego *Iméros*. Deus do Amor. — V. EROS.

CUPRA — Epíteto de Juno.

CURETES — Designam-se, com êsse nome, certos sacerdotes da deusa Cibele, estabelecidos na ilha de Creta. Outros sacerdotes, na mesma ilha, tinham o nome de *Dáctilos*. Tanto uns como os outros, honravam a deusa com danças ao redor do seu simulacro; essas danças ou contorsões espantosas, eram acompanhadas de música enlouquecedora. Foi aos Curetes que Réia entregou Júpiter recém-nascido a fim de subtraí-lo à voracidade de seu espôso. — V. TITÃS. — Curetes e Dáctilos, aos quais juntaram-se os Coribantes, da Frígia, abafaram, com seus uivos e danças tumultuosas, o ruído dos vagidos de Júpiter, que poderiam chegar aos ouvidos de Saturno. Mais tarde, os Curetes, obedecendo a ordens de Juno, raptaram de Io o jovem Épafo, que a filha de Ínaco tinha tido de Júpiter. O deus, irritadíssimo, exterminou-os. Vários povos os puseram no rol dos deuses. Os Cretenses, principalmente, que lhes atribuíam a arte de forjar o ferro, colocaram-nos em o número dos deuses de primeira classe.

CURÓTROFO — Divindade que dispensava cuidados necessários à criança recém-nascida.

D

DÁCTILOS — Sacerdotes de Cibele, em Creta. — V. CURETES.

DAFNE — 1) Formosa Oréade, filha da Terra e de Peneu, deus-rio da Tessália. Apolo, que então se achava exilado, em Feres, guardando, após a morte dos Ciclopes, os rebanhos do bom rei Admeto, viu-a, achou-a bela e logo a desejou. A virgem Dafne, porém, não correspondeu aos arroubos ardorosos do deus. Amava Leucipo, simples mortal. Apolo, por amor ou por fôrça, queria possui-la. Esperou, pois, até o dia em que viu a Oréade passeando, sòzinha, às margens do rio paterno. Bruscamente, lança-se em sua perseguição. Dafne, pálida de terror, foge como bem pode. Já o deus ia estreitá-la em seus braços. Dafne suplica aos deuses imortais que se apiadem dela. Foi ouvida: a Terra abriu seu seio e recebeu-a. Entretanto, a fim de consolar o deus, a Terra, no lugar mesmo onde Dafne fôra engolida, fêz nascer uma árvore que deveria levar o nome da virgem, e cuja folhagem, sempre verde, não fenece jamais: o loureiro (em grego *dafné*). Apolo arrancou da árvore um galho, teceu uma coroa e com ela ornou a sua cabeça, desejando que a árvore lhe fôsse consagrada. Com efeito, nos jogos píticos, os vencedores coroavam-se de louro. Igualmente, quando havia epidemias, colocavam nos portais ramos de viridente louro, a fim de se assegurarem da proteção do deus. Conforme outra versão, o autor da metamorfose de Dafne foi seu pai, o deus-rio, e não a mãe Terra.

2) Ninfa de Delfos, escolhida pela deusa *Tellus* (a Terra) para presidir aos oráculos que ela proferia naquela cidade, antes que Apolo aí se estabelecesse.

3) Dafne ou Ártemis, filha de Tirésias. Proferia, em Delfos, oráculos em versos, tão excelentes, diz-se, que Homero inseriu vários nas suas epopéias.

DAFNÉFAGOS — "Comedores de louro", nome que se dava aos adivinhos e magos, que, antes de dar suas respostas comiam fôlhas de louro. Tal costume, desde a mais remota idade, em uso entre os povos da Acaia e da Tessália, prendia-se à convicção de que, sendo o loureiro consagrado a Apolo, todo aquêle que comesse de suas fôlhas se tornaria inspirado, gozando dos favores particulares do deus dos vaticínios.

DAFNÉFORAS — Nome que os Beócios davam às festas instituídas em honra de Apolo e celebradas de nove em nove anos. Faziam-se, então, solenes procissões nas quais eram carregados ramos de louro.

DÁFNIS — 1) Filho de Mercúrio, o pastor Dáfnis nasceu na Sicília. Poucos dias após seu nascimento, a Ninfa sua mãe o depôs num bosque de loureiros, donde o seu nome. Foi recolhido e criado por pastôres e pelas Ninfas. Cresceu na solidão dos bosques e das florestas. Amava os campos, os rebanhos e o silêncio da grande natureza livre e selvagem. Era adoràvelmente belo, prudente, bondoso e sábio. Tocava flauta e ensinou aos rudes pastôres das redondezas hinos melodiosos. Instruiu-os, também, no culto de Baco. Um dia, Dáfnis, que era

amante de uma formosa Ninfa, deixou-se prender pelos encantos de outra, chamada Quimera. Os deuses castigaram-no severamente, e o jovem, em novos cantos de melancólica melodia, exalou tôda a tristeza da sua alma. Certa feita, enquanto cantava, tombou do alto de um rochedo. Mercúrio tomou seu corpo esfacelado e levou-o para o céu. No local em que Dáfnis caíra, surgiu uma fonte, que tomou seu nome. Junto a essa fonte os pastôres sicilianos celebravam jogos, anualmente, em honra do criador da poesia bucólica.

2) Filho de Mercúrio, transformado em rochedo por se ter mostrado insensível à ternura de uma jovem pastôra.

3) Filho de Páris e Enona.

DAÍRA — Oceânida, mãe de Elêusis, que teve de Mercúrio.

DAMASÍCTON — Um dos filhos de Níobe.

DAMASTOR — Um dos Gigantes que escalaram o Céu. Não tendo mais armas, tomou um de seus companheiros, petrificados por Minerva, e lançou-o contra os deuses.

DAMETAS — Nome de pastor.

DAMIA — Deusa cujos mistérios celebravam-se a portas cerradas. Chamavam a êsses mistérios *Dâmias*. Confunde-se essa divindade com a Boa Deusa.

DAMISE — O mais ágil dos Gigantes que escalaram o Céu. Quirão exumou seu cadáver a fim de adatar o osso do seu talão ao de Aquiles.

DAMITALO — "Aquêle que cobre o solo de vegetação", cidadão grego que deu hospitalidade a Ceres; a deusa, como recompensa, ensinou-lhe a cultivar a terra.

DANACA — Moeda que os antigos punham na bôca do defunto, sob a língua, como pagamento da passagem na barca de Caronte. — V. CARONTE. V. INFERNOS.

DANAE — Filha de Acrísio, rei de Argos. O oráculo, certa vez, predisse que ela daria à luz um filho que haveria de matar o avô. Acrísio, então, para que ela não tivesse comércio com varão, fechou-a num subterrâneo. Júpiter, que se encantara com a graça da virgem, penetrou na câmara onde Dânae estava prisioneira, em forma de chuva de ouro. Nove meses depois nasceu Perseu. Acrísio, apavorado, fechou a mãe e o filho num cofre que mandou lançar ao mar. O cofre veio dar na ilha de Serifo, uma das Cíclades, onde foram recolhidos por Díctis e Polidectes, irmãos e reis da ilha. Passaram-se os anos e Polidectes concebeu o desejo de desposar Dânae. A Perseu, então um jovem robusto, Polidectes propôs uma emprêsa, da qual esperava que não regressasse. — V. PERSEU. — Quanto a Díctis, que se tornara importuno, Polidectes despojou-o da sua parte do reino. Dânae, porém, não se resolvia a desposá-lo. De súbito, Perseu retorna da sua expedição. Pôsto a par da situação, corre a palácio, mata Polidectes e restabelece Díctis no trono. Feito isso, com sua mãe retorna ao país de seus antepassados. Segundo o mito itálico, Dânae, vindo depois para a Itália, fundou a cidade de Árdea, casou-se com Pilumno e teve dêle um filho chamado Dauno, cujo descendente é Turno.

DANAIDES — Designam-se com êsse nome as cinqüenta filhas de Dânao. Egito, seu irmão, pediu-as em casamento para seus cinqüenta filhos. Dânao recusou. Egito, então, mandou seus cinqüenta filhos à testa de luzido exército a fim de reiterar o pedido. A êsse argumento, Dânao, muito fraco, não soube resistir. Mas, como lhe fôra predito pelo oráculo que o seu genro o mataria, exigiu de suas filhas que degolassem os respectivos maridos na noite de núpcias. Tôdas obedeceram, exceto Hipermnestra, que poupou seu marido, Linceu. Suas irmãs, em punição da sua crueldade, foram condenadas, nos Infernos, a encher de água um tonel sem fundo. Eis os nomes das cinqüenta Danaides e respectivos maridos:

Actéia, mulher de Périfas.
Adiante, mulher de Daífron.
Ádite, mulher de Menalcas.
Agave, mulher de Lico.
Aminome, mulher de Encélado.
Anaxíbia, mulher de Arquelau.
Antodica, mulher de Clito.
Astéria, mulher de Queto.
Autoléia, mulher de Cisseu.
Autômate, mulher de Arquitelo.
Autônoe, mulher de Eurítoco.
Bricéia, mulher de Ctônio.
Calídice, mulher de Pandião.
Celeno, mulher de Hixóbio.
Cleodore, mulher de Lixo.
Cleópatra, mulher de Agenor.
Clio, mulher de Astérias.
Crisipa, mulher de Crisipo.
Crisotêmis, mulher de Ásteris.
Critomédia, mulher de Antípafo.
Dâmone, mulher de Amintor.
Dioxipe, mulher de Egito.

Electra, mulher de Peristene.
Érato, mulher de Brômio.
Estênele, mulher de Estênelo.
Estigne, mulher de Polictor.
Eufemo, mulher de Hipérbio.
Eurídice, mulher de Driante.
Evipe, mulher de Imbro.
Farte, mulher de Euridamas.
Glauca, mulher de Álcis.
Glaucipa, mulher de Pótamon.
Gorge, mulher de Hipôtoo.
Gorgófona, mulher de Proteu.
Helcita, mulher de Casso.
Hiperipa, mulher de Hipocoristes.
Hipermnestra, mulher de Linceu.
Hipodâmia, mulher de Íster.
Hipódice, mulher de Idas.
Hipomedusa, mulher de Alcménon.
Ifimedusa, mulher de Euquenor.
Mnestra, mulher de Égio.
Ocípete, mulher de Lampo.
Oeme, mulher de Arbelo.
Pilarge, mulher de Ídmon.
Pirene, mulher de Agaptólemo.
Podarce, mulher de Eneu.
Rode, mulher de Hipólito.
Ródia, mulher de Calcédon.
Teano, mulher de Fantes.

— V. TONEL DAS DANAIDES.

AS DANAIDES, NOS INFERNOS, ENCHENDO O TONEL SEM FUNDO

DANAIS — Uma Ninfa.

DÂNAO — Bisneto de Io, neto de Épafo, rei do Egito, e irmão de Egito, rei do Egito e filho de Belo. Pela morte do avô, os dois irmãos disputaram-se o reino. Dânao tentou matar o irmão. Sendo mal sucedido na emprêsa, armou um navio com cinqüenta remos, o primeiro que se viu no gênero, e se fêz ao mar com suas cinqüenta filhas. Egito possuía cinqüenta filhos. Dânao e as filhas abordaram as costas da Argólida, em Lerna, não longe da cidade de Argos, onde reinava Gelanor, do qual recebeu cordial acolhida. Mas logo Dânao começou a querelar com o rei, a intrigá-lo e a fazer tudo para apoderar-se do trono. O povo, desgostoso com as perturbações que essa rivalidade suscitava, fixou uma data para solucionar a questão e definitivamente indicar quem deveria reinar. No dia aprazado, pela manhã, sùbitamente, um lôbo se precipita no meio de um rebanho de bois que passava perto da cidade. Arrebata um e o abate. O povo, impressionado com o incidente, interpretou-o como augúrio favorável ao estrangeiro e escolheu Dânao para rei. Egito, entretanto, furioso por lhe ter o irmão escapado, mandou seus cinqüenta filhos a sua procura. Êstes apresentam-se ao tio e pedem as mãos das primas em casamento. Dânao vê-se constrangido a aceitar. Mas, secretamente, a cada uma das filhas dá um punhal com a ordem de degolar os maridos durante a noite, após o casamento. Pois havia uma predição do oráculo de que Dânao seria morto pelo genro. Tôdas obedecem, com exceção de Hipermnestra, que favorece a fuga do marido. Na manhã seguinte, Dânao mandou lançar as cabeças nas águas lodosas do pantanal de Lerna e os corpos sob as muralhas da cidade. Como faltasse um corpo e uma cabeça, conduziu Hipermnestra, convencida de não ter cumprido as ordens paternas, diante de um tribunal popular, como ré de crime de lesa-majestade, pois desobedecera ao rei e ao pai. O povo não considerou relevante o crime, perdoou à jovem e ela foi encontrar-se com seu marido. Dânao, agora desejoso de casar suas filhas, publicou que estava aberto um concurso ginástico; propunha-se dar ao vencedor do primeiro torneio uma de suas filhas, a escolha do vencedor; ao vencedor do segundo torneio, uma outra, igualmente a escolha, e assim por diante, até completarem-se os quarenta e nove concorrentes. Os pretendentes ficavam dispensados dos presentes usuais ao sogro. A afluência foi enorme. A festa ia no auge, quando, às portas da cidade aparece Linceu a frente de um punhado de homens. Corre a palácio, mata Dânao e as filhas tôdas e assume o trono. À notícia dessas desgraças, Egito morreu de pesar. Outra versão diz que Dânao morreu após ter reinado cinqüenta anos, sem esclarecer se foi ou não morto por Linceu. — V. DANAIDES.

DANAOS — Nome dos Argivos e dos Gregos em geral, tomado de Dânao.

DANÇA — 1) Deusa que se reprensetava sob a forma de Bacante.

2) Os antigos tinham vários nomes para significar os diversos estilos de dança. *Emmalia* era dança trágica; *Cordacismo* era baile cômico e de zombaria; *Sicinis* era meio têrmo entre êstes extremos. *Saltatio Pyrrichial*, era a dança dos soldados, que, acompanhando o movimento do corpo com o das armas, representavam uma luta fictícia, com acometidas e retiradas, saltos e pulos; *Saltatio Bacchica* era a festa mais jovial e descomedida dos antigos, verdadeiro baile livre, onde tudo era permitido, até dançar sem roupas; usava-se nos banquetes. *Tíaso* era dança ou canto em honra de Baco, e, por extensão, qualquer côro dançante.

DARDÂNIA — Cidade fundada por Dárdano, sob o Helesponto. Dardânia, como nome poético, significa Tróia.

DARDANO — Filho de Júpiter e da Ninfa Electra. Nasceu em Córites, na Tirrênia, i. é, Etrúria. Tendo matado seu irmão Jásio, com o fito de apoderar-se do reino da Etrúria, logo que morresse seu pai putativo Córito, foi forçado a fugir e refugiou-se na ilha de Samotrácia. Passou depois para a Ásia Menor e esposou a filha do rei Teucro, do qual se tornou sucessor. Construiu uma cidade que se chamou Dardânia e que se tornou a célebre Ílio ou Tróia.

DARDANOS — Os habitantes de Dardânia, i. é, os Troianos.

DARES — Sacerdote de Vulcano, pai de dois chefes troianos, Fegeu e Ideu.

DÁSCILO — Filho de Lico. Conduziu os Argonautas até as margens do Termodonte, quando foi da conquista do Tosão de Ouro.

DAUCO — Pai de Iarido e Timbreu, capitães latinos, gêmeos e muito parecidos, mortos por Palante.

DAULIAS — Epíteto de Filomela, cuja metamorfose teria ocorrido em Dáulis, cidade da Fócida.

DÁULIS — Cidade da Fócida, a oeste de Queronéia e a S. O. de Delfos, onde reinou Tereu. Atualmente Dália.

DAUNO — Filho de Pilumno. Teve um filho com êste mesmo nome, que esposou Venília, donde procederam Turno e Juturna.

DÉCIMA — 1) Nome de uma das Parcas entre os Romanos.

2) Divindade romana encarregada de velar sôbre os meninos ainda no seio materno, e livrá-los de qualquer perigo ou acidente, até o comêço do décimo mês de gestação, que era o têrmo fixado pelos antigos para o nascimento.

DÉCIOS — Nome de três Romanos famosos, pai, filho e neto, que se entregaram aos deuses infernais a fim de assegurarem a vitória das armas romanas. O primeiro Décio sacrificou-se no ano 340, o segundo em 295 e o terceiro em 279 antes de Cristo.

DÉDALA — Ama de Minerva, hábil em todos os afazeres femininos, e cujas habilidades transmitiu à deusa.

DEDALION — Filho de Lúcifer, irmão de Ceíce e pai de Quíone. Sentiu tanto a morte da filha que se precipitou do alto do Parnaso. Apolo, compadecido, metamorfoseou-o em gavião.

DÉDALO — Ateniense, discípulo de Mercúrio. Artista de grande talento, foi o primeiro a fazer bonecos móveis, capazes de movimentarem os braços e pernas. O povo atribuiu-lhe a invenção dos *Autômatos*, estátuas capazes de ver, ouvir e caminhar. Deve-se-lhe a invenção da machadinha, do nível d'água, da pua ou trado, do machado, da serra, das vêrgas e dos bancos dobráveis, que as mulheres usavam nas Panatenéias. O espírito de invenção era tradicional na família; Ícaro, seu filho, imaginara adatar velas aos barcos; seu sobrinho Ácale, ou Perdiz — V. ÁCALE — inventou o compasso e o tôrno. Dédalo, com inveja do talentoso mancebo, matou-o. Condenado pelo Areópago a exílio perpétuo, refugiou-se na côrte de Minos, rei de Creta, para o qual construiu o famoso Labirinto. — V. LABIRINTO. — Nesta construção achava-se prêso o Minotauro. — V. MINOTAURO. — Protegido de Minos, prestou-lhe relevantes serviços. O rei admirava-o grandemente e não dispensava seus conselhos em qualquer emergência. Após, porém, a morte do Minotauro. — V. PERSEU. — Minos ficou sabendo que Dédalo, outrora, havia secundado a paixão abominável de Pasífae pelo touro branco de Netuno. De feito, Minos, acedendo aos rogos da rainha, fizera uma vaca de madeira, perfeita. Pasífae, dissimulada no interior da vaca de madeira, teve, do touro branco surgido das ondas por obra de Netuno, enganado por êsse subterfúgio, um filho, o Minotauro,

com cabeça de touro e corpo de homem. Cheio de ódio e ressentimento, Minos prendeu Dédalo e seu filho Ícaro no Labirinto. Para outro a situação teria sido fatal. Dédalo logo soube achar o meio de se livrar da prisão. Fabricou para êle e para seu filho, asas que fixou às espáduas; as penas eram ligadas com cêra. Elevaram-se nos ares e fugiram. Tudo parecia correr bem quando Ícaro, desobedecendo às formais ordens paternas, elevou-se muito alto nos ares; o sol derreteu a cêra, soltaram-se as penas, e o infeliz môço tombou no mar Egeu, que, no lugar da queda, tomou o nome de mar de Ícaro. Dédalo, sòzinho, continuou seu vôo e dirigiu-se para o norte, chegando até Cumas. Lá consagrou as asas ao deus da Luz e lhe construiu um templo imenso, em cujas portas gravou em ouro tôda a história de Pasífae, do Minotauro e do Labirinto, a morte de Andrógeo, filho de Minos e o castigo temível imposto aos Cecrópidas. Feito isso, refugiou-se na Sicília, na côrte do rei Cócalo, como engenheiro arquiteto. E logo o país encheu-se de soberbas construções. Entretanto, Minos, percebendo que seus prisioneiros haviam fugido, sai no seu encalço. A Fama os denunciou e Minos aparelha um navio e ruma para a Sicília, onde reclama de Cócalo o seu prisioneiro. Cócalo, temeroso, matou Dédalo numa estufa. A seguir, num impulso de coragem ou desespêro, lança Minos num caldeirão de água fervente. — V. CÓCALO.

DEíCON — Filho de Hércules e de Mégara.

DEIDAMIA — 1) Filha de Licomedes, rei da ilha de Ciros, e mãe de Pirro, filho de Aquiles. — V. AQUILES.

2) Filha de Belerofonte e mulher de Evandro, filho de Sarpedão.

3) Mulher de Pirítoo, a mesma que Hipodâmia.

DEíFOBE — 1) Filho de Hipólito; purificou Hércules do assassínio de Ífito.

2) Filha de Glauco, deus marinho, sacerdotisa de Hécate e Sibila de Cumas. Na sua juventude, Apolo por ela se apaixonou. E a jovem deu tanto prazer ao deus que êste lhe ofereceu como dom o que ela quisesse. Deífobe encheu a mão de areia e pediu para viver tantos anos quantos grãos de areia houvesse na sua mão fechada. Havia mil. Por desgraça, Deífobe esqueceu-se de pedir, ao mesmo tempo, a frescura e o vigor da juventude. E assim, a natureza seguiu o seu curso normal. Aos setenta anos, depois aos noventa, Deífobe era uma velha horrenda, magra, sêca, enrugada, retorcida como raiz de árvore, já quase sem cabelos, quase cega e surda. Sua vida tornou-se um tormento. Cada século que passava trazia-lhe novas dores e desenganos. Quando Enéias a encontrou, a macróbia contava setecentos anos. Faltavam-lhe, ainda, trezentos anos de sofrimentos. Guiou Enéias aos Infernos. Mais tarde Deífobe procurou o rei Tarquínio, o Soberbo, e ofereceu-lhe os *Livros Sibilinos*. Os Romanos ergueram-lhe templos e honraram-na como divindade.

DEíFOBO — Filho de Príamo e Hécuba. Um dos mais valentes guerreiros troianos. Distinguiu-se matando Mérion e Ascálafo. Depois da morte de Páris, seu irmão, casou-se com a viúva, Helena. No saque final de Tróia, quando a cidade tôda era um imenso archote, sua casa foi invadida. Deífobo dormia, exausto das últimas lutas. Helena, sua espôsa, para reconquistar as boas graças dos Gregos, e para adular Menelau, seu antigo marido, conduze-o ao quarto onde o infeliz dormia. Menelau mata Deífobo depois de mutilá-lo bàrbaramente.

DÉIFON — Filho de Céleo e Metanira, e irmão de Triptólemo. Céleo, tendo dado hospitalidade e Ceres, a deusa, para recompensá-lo, quis conceder a imortalidade a Déifon. Todos os dias fazia o jovem passar através das chamas, para purificá-lo do que tivesse de mortal. Uma noite Metanira surpreendeu-os nessa misteriosa e estranha ocupação. A deusa perturbou-se a tal ponto com os gritos da mãe, que, ràpidamente, tomou seu carro e deixou o infeliz Déifon morrer queimado.

DEIMOS — "O terror". Era filho de Vênus e Marte. Conforme outros, é o fiel companheiro de Marte e condutor do carro de Belona.

DÉION — Filho de Éolo e rei da Fócida. Desposou Diomeda, filha do seu tio Xuto, com a qual teve vários filhos, entre os quais Céfalo.

DEIÔNIDA — Mileto, filho de Deione.

DEIOPÉIA — A mais bela das quatorze Ninfas do séquito de Juno. Esta deusa prometeu-a a Éolo, deus dos ventos, se êste consentisse em desencadear uma furiosa tempestade, a fim de fazer perecer Enéias e seus companheiros.

DEIPNEUS — Deus benfazejo, ao qual os Acaios atribuíam a invenção dos festins.

BIBLIOTECA

DEJANIRA — Filha de Eneu, rei de Calidão, na Etólia. Foi prometida em casamento a Aquelôo, depois a Hércules, o que deu lugar ao combate singular em que Aquelôo ficou sem um chifre. — V. AQUELÔO. — Hércules, conduzindo sua nova espôsa, foi detido pelo rio Eveno, cujas águas estavam furiosamente entumescidas. Enquanto deliberava se deveria passar ou retroceder, o Centauro Nesso veio oferecer-se para transportar ambos para a outra margem. Hércules aceitou a oferta. Nesso pôs Dejanira em suas costas e nadou para a outra banda. Lá chegado, em lugar de vir buscar Hércules, à vista do marido, tentou violar Dejanira. O herói, louco de indignação, fere-o com uma flecha cuja ponta fôra mergulhada no sangue venenoso da Hidra de Lerna. Nesso, para vingar-se, antes de morrer dá a Dejanira sua túnica ensangüentada, como eficaz talismã para fazer voltar às espôsas os corações dos maridos frios, indiferentes ou infiéis. A crédula jovem guardou-a com alegria. Algum tempo depois, ao perceber que Hércules se deixara seduzir pelos encantos de Iole, pediu-lhe que vestisse a túnica fatal. Hércules acede. Ao pôr a túnica sente dores indizíveis. Quer tirá-la e não pode: a pele é arrancada junto. Louco de desespêro, não suportando a dor, Hércules põe fim aos seus dias. Dejanira suicidou-se de paixão. — V. HÉRCULES.

DÉLFICO — Epíteto de Apolo, tomado da cidade de Delfos.

DELFÍCOLA — Epíteto de Apolo.

DELFINA — Monstro metade mulher e metade serpente, que guardou Júpiter no antro corício.

DÉLFIS — 1) Nome da serpente Pitão.
2) Pitonisa.

DELFO — Filho de Apolo e Celeno. Fundou a cidade de Delfos e a consagrou a seu pai.

DELFOS — Cidade da antiga Grécia, na Fócida, famosa por seu templo e pelo oráculo de Apolo.

DÉLIA — Epíteto de Diana, da ilha de Delos, onde nasceu.

DÉLIO — Epíteto de Apolo, da ilha de Delos, onde nasceu.

DELOS — Ilha do mar Egeu, pequena e rochosa, pertencente ao arquipélago das Cíclades, que Netuno fêz surgir das águas para subtrair Latona à perseguição de Juno. Nessa ilha nasceram Apolo e Diana. Delos significa "Visível". — V. LATONA. — Hoje desabitada, com o nome de Dili. Conforme tradições muito antigas, a ilha de Delos flutuava nas águas, e foi fixada, conforme alguns, por Júpiter, que a ligou sòlidamente com cadeias de diamante, e, segundo outros, por Apolo, como lembrança do asilo que dera a Latona quando esta ia dar à luz os gêmeos Diana e Apolo; outros, finalmente, asseguram que Netuno é que a tornou imóvel no meio das águas tumultuosas. Vergílio assim narra o episódio: "Uma terra sagrada é venerada no meio do mar, gratíssima à mãe das Nereidas e a Netuno Egeu, a qual o piedoso Que Sustenta o Arco (i. é, Apolo) fixou entre a alta Mícono e Gíara (ambas ilhas das Cícladas), e quis que ela, imóvel e populosa, desprezasse os ventos."

DEMÉTER — Nome grego de Ceres. — V. CERES.

DEMOCOON — 1) Filho de Hércules e de Mégara, que seu pai matou num acesso de furor.
2) Filho natural de Príamo, morto por Ulisses.

DEMÓDOCO — Músico da côrte de Alcínoo. Cantou, na presença de Ulisses, os amôres de Vênus e Marte. As Musas o haviam privado da visão em lhe concedendo o dom divino do canto.

DEMÓFILA — Demófila ou Hierófila era a Sibila, conforme a tradição, que vendeu a Tarquínio os *Livros Sibilinos*. V. OUTRA VERSÃO EM DEÍFOBE.

DEMOFOONTE — Filho de Teseu e de Fedra. Seguiu Espenor na guerra de Tróia. Após a destruição da cidade, encontrou, junto de Helena, a sua avó Etra, que levou em sua companhia. Na volta, passou por Dáulis, onde seduziu Fílis, filha de Licurgo. — V. FÍLIS.

DEMOGÓRGON — Gênio da Terra, particularmente adorado pelos Arcádicos, que lhe tinham tanta veneração que não ousavam pronunciar seu nome.

DEMOLEONTE — 1) Um dos guerreiros que acompanhou Hércules na expedição contra as Amazonas.
2) Centauro morto por Teseu.

DEMÓLIO — Herói grego morto por Enéias.

DEMONASSA — Filha de Anfiarau e de Tersandro.

DEMÔNICE — Filha de Agenor, que Marte tornou mãe de vários filhos.

DENDRITE — Nome sob o qual Helena foi honrada após sua morte, principalmente em Rodes. Consta que depois da morte de

Menelau, Megapenta e Nicóstrato a expulsaram e a obrigaram a refugiar-se em Rodes. Helena aí pouco tempo viveu. Polixo, espôsa de Tlepólemo, para vingar o marido morto no cêrco de Tróia, mandou a duas mulheres que a enforcassem, aproveitando o momento em que Helena se banhava. Em baixo da árvore na qual a enforcaram, nasceu uma planta chamada *Helencion*, nascida, dizem, das suas lágrimas. Dendrite procede de *déndron* ou *déndros*, "árvore".

DENDROFORIAS — Sacrifícios em honra de Baco, Cibele e Silvano, durante os quais conduziam os fiéis um pinheiro em procissão.

DENDRÓFOROS — "Aquêles que carregam árvores", nas festas processionais.

DEO — Deo ou Dio, nome que os Gregos davam a Ceres.

DEÓIDE — Filha de Deo ou Ceres, i. é, Prosérpina.

DERCÊNIO — Dercênio ou Derceno era antigo rei dos Laurentes, de Laurento, cidade ao sul de Roma. Conforme outra versão, foi rei dos Aborígenes, i. é, os primeiros habitantes do Lácio e da Itália.

DERCINO — Dercino e seu irmão Alébion, filhos de Netuno, roubaram de Hércules os bois de Gerião, quando o herói passou pela Líbia, e os conduziram para a Etrúria.

DESTINO — Filho do Caos e da Noite. É uma divindade todo poderosa e misteriosa. É a mais antiga de tôdas, anterior, talvez, ao próprio Caos, tendo, então, sido gerada por ela mesma. É cega. Seus decretos são gravados num livro de bronze. Os deuses podem retardar as decisões do Destino, mas nunca as anular. — V. FATO ou FADO. V. MOIRA.

DEUCALIÃO — 1) Licaão, famoso pelos seus crimes, rei da Arcádia, houve cinqüenta filhos. Dizem que sua ferocidade era superior à dos brutos destituídos de razão. Por tôda herança, legou Licaão aos seus filhos o seu carácter feroz, insolente e duma impiedade sem igual. Júpiter, certa feita, resolveu experimentá-los, para averiguar se de fato procediam as terríveis histórias que dêles se contavam. Sob a forma de miserável mendigo, apresentou-se o pai dos deuses aos filhos de Licaão, reunidos em banquete às faldas do Ménalo. Em nome dos deuses imortais, suplicou Júpiter um pouco de alimento para aplacar a fome que o torturava. Os Licaônides acolheram-no bem e fizeram-no assentar-se à mesa. Mas, cruéis e estúpidos, resolveram misturar à comida que serviram ao deus as carnes duma inocente criança que para tal fim haviam matado. Depois, em nome "dos deuses imortais", pediram a Júpiter que se dignasse aceitar aquêle nôvo e esquisito prato. Júpiter não se pôde conter. Fulminou a raça ímpia dos Licaônides. E fêz mais. A humanidade pareceu-lhe tão perversa e criminosa, que resolveu exterminá-la da face da terra. Havia, porém, na Tessália, um piedoso jovem chamado Deucalião. Era rei do lugar e filho do celebrado Prometeu. Herdara Deucalião as raras virtudes paternas. Estava casado com Pirra, filha do seu tio Epimeteu e Pandora. Quando Júpiter determinou extinguir a raça dos homens, Prometeu foi visitar o filho e aconselhou-o a fabricar uma embarcação resistente e nela armazenar tudo que fôsse necessário para um largo período. Deucalião, ainda que ignorando para que fim se destinava tal embarcação, meteu mãos à obra e em pouco estava concluída uma verdadeira casa flutuante. Encheu-a, então, de víveres e mais coisas necessárias à existência, e embarcou-se nela com a espôsa. Abriram-se as cataratas do Céu e a chuva começou a cair. Transbordaram os rios. Em pouco a água cobria o cume dos mais altos montes, como o Pindo e o Ossa e o Pélion. A inundação cobriu a face da terra, e, como diz Ovídio, o golfinho tornou-se hóspede das florestas. No imenso lençol líquido não se descortinava senão um ponto negro: a barca de Deucalião e Pirra. Quando Júpiter viu que de tantos homens só restava um, e que de tantas mulheres só restava uma, dispersou as nuvens, afastou os ventos, mostrou as terras ao céu e o céu às terras. Aos poucos surgiram os píncaros dos montes, depois as copas das florestas, ainda cheias de limo e umidade. A embarcação de Deucalião foi deposta nas alturas do monte Parnaso, na Fócida. Deucalião desceu à terra e penetrado do mais vivo reconhecimento, juntamente com Pirra, ofereceu um sacrifício ao pai dos deuses. Júpiter, encantado com o belo gesto, mandou Mercúrio ao mundo, que lhes deu a ordem de velar as cabeças e lançar para trás, por sôbre os ombros, os ossos da avó. Outros mitólogos crêem que tal ordem foi dada por Têmis, que proferia oráculos ao pé do Parnaso. Os esposos largo tempo ficaram cogitando qual seria a avó cujos ossos

deveriam jogar para trás, por cima dos ombros. Por fim se persuadiram de que os ossos da avó não poderiam ser outra coisa senão as pedras da Terra, a mãe de Jápeto, que era avô de Deucalião. Sem tardança, trataram de cumprir a ordem do deus. Ajuntaram pedras do solo e atiraram-nas para trás, por sôbre os ombros. As pedras lançadas por Deucalião, transformaram-se em homens; as atiradas por Pirra mudaram-se em mulheres. Feito isso, desceram do Parnaso e construíram um soberbo palácio. Aí lhe nasceram os filhos, Heleno e Anfictião. Cercados pelo amor e veneração de todos, os dois esposos viveram largos e dilatados anos em companhia das criaturas que haviam feito nascer e que os consideravam como os novos criadores do gênero humano.

2) Filho de Minos II, que reinou em Creta após a morte do pai. Deu Fedra, sua irmã, a Teseu. Pertenceu aos Argonautas.

3) Filho de Hércules e de uma das Testíadas.

DEUSA TEDÍFERA — Deusa Tedífera, i. é, deusa da tocha, nome atribuído a Ceres, que era representada com um facho ou archote na mão, em busca da sua filha.

DEUSES (OS DOZE) — Veneravam os Romanos os Doze Grandes Deuses, a saber, Júpiter, Netuno, Vulcano, Marte, Mercúrio, Plutão, Juno, Vênus, Diana, Minerva, Vesta e Ceres. — V. ÊSSES NOMES. — Na época de Augusto chamavam-nos os *Olímpicos*, i. é,. os Doze Deuses Superiores do Olimpo.

DIA — Outro nome da ilha de Naxos.

DIANA — (Em grego Ártemis) Filha de Júpiter e Latona. Irmã gêmea de Apolo. É conhecida por vários nomes: Febe, "A brilhante", deusa da Lua; Diana, deusa da castidade; Hécate, deusa dos Infernos; Hécate significa "Aquela que bate de longe"; confunde-se com Prosérpina; Lucina, deusa que presidia aos partos. Júpiter formou o cortejo de Diana, deusa dos caçadores, com sessenta Oceânidas e vinte outras Ninfas, que, como ela, renunciaram ao casamento. Ainda que fôsse a deusa da castidade, Diana, seguindo a norma geral do Olimpo, teve também a sua aventura amorosa. Endimião, jovem de rara beleza, foi seu amante. Teve dêle cinqüenta filhas e um filho. — V. ENDIMIÃO. — Sua ocupação habitual era a caça. Os Ciclopes lhe fabricaram arco e aljava; Pã, da Arcádia, lhe deu os cães e ela mesma capturou quatro veados com chifres de ouro, que atrelou ao seu carro. Quando chegava ao Olimpo com a caça abatida, Apolo a recebia, Mercúrio guardava-lhe o arco e as flechas, e as Ninfas amarravam os veados em mangedouras de ouro onde corria néctar para os refrescar. A cerva e o javali lhe eram consagrados. Amava os costumes puros e simples. Não permitia que ninguém a visse despida. — V. ACTEÃO. — Era a deusa da morte repentina. Desde que Juno com ela se encolerizara, jamais tomou parte nas guerras. Gostava das florestas da Arcádia. Diana tinha em Éfeso o templo mais magnífico que se construiu no mundo. É uma das sete maravilhas do mundo. — V. HÉCATE. V. LUA. V. LUCINA. V. FEBE. V. PROSÉRPINA.

DICTA — Ninfa que se precipitou do alto de um rochedo ao mar, para escapar as perseguições de Minos.

DICTEU — Epíteto de Júpiter, tomado do antro Dicteu, onde Réia o havia pôsto no mundo, e onde foi criado.

DICTINA — 1) Epíteto de Diana.

2) Ninfa de Creta que inventou a rêde de caça. *Diktyon*, em grego, significa "rêde".

DICTINIAS — Festas em Esparta, em honra de Diana.

DÍCTIS — 1) Centauro morto por Pirítoo.

2) Filho de Magnes e de Naís; desposou a Ninfa Clímene e foi feito rei de Serifo por Perseu, que petrificou Polidecte. — V. PERSEU.

3) Marinheiro que Baco transformou em golfinho.

DIDIMAÃO — Didimaão ou Didimáon, famoso artista que fêz um escudo que os Gregos, na tomada de Tróia, raptaram do templo de Netuno.

DÍDIMAS — "Gêmea", epíteto de Diana.

DIDIMEU — 1) Epíteto sob o qual Apolo era adorado como o dispensador da luz do dia e daquela que, à noite, a lua espalha.

2) Jano representado sob duas faces.

3) Quarteirão de Mileto, onde havia um templo com oráculo de Apolo.

DIDO — Filha de Belo, rei de Tiro. Muito jovem desposou Licarbas ou Síqueu, sacerdote de Hércules, homem abastado. Possuía uma irmã, Ana, e um irmão, Pigmalião. Êste assumiu o trono por morte de Belo. Avaro e cruel, matou o cunhado

Siqueu quando êste desempenhava as funções sacerdotais, a fim de apoderar-se da sua riqueza. Mas Dido, a quem a sombra do marido apareceu durante a noite, apoderou-se dos navios surtos no pôrto e recebeu todos aquêles que odiavam ou temiam o cruel Pigmalião. Fugiu não só com as riquezas do marido, mas também com as do irmão. Atinge a costa da África e aí ganha a área de terra que um couro de boi pudesse abranger. Dido corta o couro de boi em tiras finíssimas, e, assim, consegue apreciável área de terreno. Foi êsse o início de Cartago, que logo se desenvolveu. A nova cidade já estava concluída, quando Jarbas, rei da Getúlia, pede sua mão em casamento. Mas o amor que Dido ainda nutria pelo seu espôso morto pelo irmão, impediu-a de contrair novas núpcias. Temendo a ira de Jarbas e a opinião pública que a queria ver casada e com filhos, pediu três meses para deliberar. Entrementes, prepara uma pira funerária. Exgotado o prazo, lança-se na fogueira depois de se ter ferido com o punhal. Vergílio e Ovídio apresentam outra versão. Quando Enéias aportou em Cartago, foi bem recebido pela rainha Dido. Vênus inspirou-lhe funesto amor pelo herói. E já cria que Enéias ia desposá-la, quando êste, atendendo às ordens dos deuses, foge de noite. Dido, então, suicida-se com a espada do herói. Sérvio dá a Siqueu o nome de Sicarbas. O verdadeiro nome de Dido era Elissa. Dido significa "A errante", alusão a sua fuga da pátria para as costas da África, onde fundou Cartago que em fenício significa "Cidade Nova". Birsa, cidadela de Cartago, às vêzes designa a cidade tôda. Birsa vem do fenício "bosra", contraforte, bastião; *byrsa*, em grego, significa "couro", "pele", alusão ao episódio do terreno cercado pela tira de couro. Os Cartagineses prestaram-lhe honras divinas após sua morte.

DIFIÉS — Epíteto de Baco, que significa "Aquêle que tem duas naturezas".

DIFTERA — Pele da cabra Amaltéia, sôbre a qual Júpiter havia escrito as sentenças do Destino. *Diftera* significa "membrana".

DIMÂNTIDE — Filha de Dimas, i. é, Hécuba.

DIMAS — 1) Rei da Trácia, pai de Ásio e Hécuba.

2) Troiano que combatia ao lado de Enéias.

3) Pai de uma das companheiras de Nausícaa.

DINDIMA — Mulher de Méon, rei da Frígia, e mãe de Cibele, conforme os Frígios.

DINDIMENA — Sobrenome de Cibele, adorada no monte Díndimo, na Frígia, onde se celebravam seus mistérios.

DÍNDIMO — Montanha da Ásia Menor, na Frígia, onde se celebravam em um templo famoso os mistérios de Cibele. Esta montanha é hoje Mouraddagh.

DINO — 1) Lago da Argólida, no qual os Argivos lançavam, em honra de Netuno, cavalos ricamente ajaezados.

2) Um dos cavalos de Diomedes.

DINON — Uma das Gréias.

DÍOCLES — Herói reverenciado na Grécia, em Mégara. Em sua honra celebravam-se as *Diocléia*, festas solenes.

DIÓFORO — Filho da Terra, mudado em rochedo por ter desafiado sua mãe para um combate singular.

DIOMEDES — 1) Rei da Trácia. — V. TRABALHOS DE HÉRCULES.

2) Filho de Tideu, rei da Etólia, e de Deífila. Foi discípulo de Quirão. Diomedes era o mais forte e o mais bravo guerreiro grego depois de Aquiles e Ájax. Minerva o protegia. Lutou contra Heitor, contra Enéias e até contra Vênus, a quem feriu na mão. Feriu, igualmente, o deus Marte. Sua couraça havia sido forjada por Vulcano, e sôbre as espáduas costumava trazer a pele dum leão. Sob os muros de Tróia participou de todos os combates e perigos. Sua opinião nos conselhos era sempre acatada; nos jogos conseguia vencer a todos; seu nome atemorizava os inimigos e gozava de grande autoridade entre os seus. Com Ulisses, à noite, esgueirou-se para dentro do muro de Tróia, a fim de roubar o Paládio. Conseguiu apoderar-se dos cavalos de Reso. Terminada a guerra, Vênus, para vingar-se, pois não se esquecera do ferimento na mão, inspirou abomináveis paixões à sua mulher Egialéia. Para não ser testemunha da má conduta da mulher, afastou-se e foi morar na Itália, onde fundou a cidade de Arpi. Atingiu extrema velhice e recebeu honras divinas após sua morte.

DIONE — 1) Ninfa filha de Nereu e Dóris. Júpiter amou-a e tornou-a mãe de Vênus, conforme Homero. — V. VÊNUS.

2) Dione é uma divindade primitiva, espôsa de Júpiter em Dodona. Seu nome

é forma feminina de Zeus, *Dios*. Possuía, em Dodona, três sacerdotisas, que tinham o nome de *Peleiádes*, "As pombas". Conforme Homero, Hesíodo e Vergílio, Dione era uma Oceânida, filha do Oceano e de Tétis.

3) Híade.

4) Filha de Atlas, espôsa de Tântalo, do qual gerou Pélops e Níobe.

DIONÉIA — Epíteto de Vênus.

DIONÍSIAS — Festas gregas de carácter místico, em honra de Baco ou Dioniso. Havia duas espécies: 1) *As Grandes Dionísias*, também chamadas urbanas, que se celebravam em Atenas, no mês de março. Nelas tiveram origem o ditirambo, poesia entusiasta, e a tragédia, ou "Canto do bode", de *tragos*, "bode" e *ode*, "canto"; nessas festas imolava-se um bode, porque êsse animal come os renovos da vinha.

2) *As pequenas Dionísias*, ou rústicas, que se celebravam em dezembro, após a vindima, nos campos. Daí nasceu a comédia.

DIONISO — Forma grega de Baco. — V. Baco.

DIONISO NO BARCO
(*Decoração pintada de um vaso*)

DIORES — 1) Filho de Éolo, desposou sua irmã Polimela.

2) Príncipe grego que conduziu dez navios ao cêrco de Tróia.

3) Jovem da estirpe de Príamo, que seguiu Enéias na Itália; foi morto por Turno.

DIÓSCUROS — "Filhos de Júpiter", nome patronímico que designa: 1) Castor e Pólux; 2) Anfião e Zeto. Castor e Pólux têm, também, o nome de *Tindáridas*. — V. Tindáridas. V. Anfião. V. Castor. V. Pólux.

DÍPSACO — Filho do rio Fílis e de uma Ninfa. Foi o primeiro que acolheu Frixo quando êste chegou a Cólquida.

DIRAS — (do latim *Dirae:* "Maus presságios", "Pragas" ou "Imprecações"; no sentido estrito, *Dirae* significa "As Horrorosas"). Era o nome que os Romanos davam às Fúrias, divindades infernais, personificação do remorso e da vingança divina. — V. Fúrias.

DIRCE — Segunda mulher de Lico, rei de Tebas. Lico havia repudiado Antíopa. Dirce prendeu-a em duro cativeiro. Mais tarde os filhos de Antíopa ligaram-na à cauda de um touro bravio que a arrastou por pedras e rochedos, reduzindo-a a frangalhos. Baco, a quem sempre Dirce honrara com culto especial, transformou-a em fonte. — V. Anfião. V. Antíopa.

DIRCEU — Sobrenome de Anfião, oriundo de Dirce, fonte da Beócia.

DIRES — Filha do Aqueronte e da Noite. Eram em número de três. Chamavam-nas de Fúrias ou Eumênidas na terra; nos Infernos tinham o nome de Cadelas do Estige; no céu, Dires. Assentavam-se perto de Júpiter. Perturbavam o repouso e a felicidade dos maus, excitando o remorso ou o desespêro em suas almas. São a personificação do remorso e da vingança divina. Do latim *dirae*, "funesto", "sinistro", "de mau agouro". — V. Eumênidas. V. Fúrias V. Diras.

DISCÓRDIA — Divindade malfazeja, filha da Noite. Júpiter expulsou-a do Céu por causa das dissenções que excitou entre os imortais. Irritada e ofendida por não ter sido convidada às núpcias de Tétis e Peleu, lançou no meio das deusas uma maçã de ouro com a inscrição "À mais bela". Tôdas as deusas a quiseram, pois, ainda que deusas, sempre eram mulheres e cada uma se achava mais formosa que a outra. Por fim, como não chegassem a concordar qual fôsse a mais bela, escolheram Páris para árbitro, que atribuiu a maçã a Vênus. Representavam-na de olhos esbugalhados e flamejantes, com a testa cingida de serpentes, vestes ensangüentadas e aspecto feroz. Numa das mãos trazia uma tocha, na outra, uma serpente e um punhal.

DITE — Plutão.

DIVIPOTES — Deuses da Samotrácia. Crê-se que sejam os Cabiros.

DODONA — 1) Filha de Júpiter e Europa.

2) Cidade do Epiro, perto da qual havia uma espêssa floresta na qual os carvalhos

proferiam oráculos. No meio dessa floresta erguia-se um templo consagrado a Júpiter Dodônio. Havia, igualmente, no meio da floresta, uma fonte divinatória. No templo que havia na floresta de Dodona, dedicado a Júpiter, encontrava-se uma série de caldeirões de bronze, dispostos de tal maneira, que quando se vibrava uma pancada no primeiro, o som repercutia nos demais, até ao último.

DODÔNIDAS — 1) Ninfas que alimentaram Baco.

2) Sacerdotes que proferiam oráculos no templo de Júpiter Dodoneu.

DOLÃO — Troiano, filho de Eumedes. Habilíssimo corredor, ofereceu-se a Heitor para ir, durante a noite, investigar o arraial do Gregos. Vestiu-se com uma pele de lôbo e, próximo ao acampamento, imitou o andar dos lôbos. Tôdas essas precauções foram inúteis. Ulisses e Diomedes descobriram-no, apanharam-no e obrigaram-no a revelar onde se achavam os famosos cavalos de Reso, a cuja sorte estava ligada a de Tróia. O infeliz, traindo seus irmãos, indicou o local exato. Diomedes e Ulisses, então, degolaram-no. — V. RESO.

DÓLIO — 1) Epíteto de Mercúrio, deus do comércio e da fraude. Do verbo grego *dolióo* "eu engano".

2) Criado que o pai de Penélope lhe deu quando ela partiu para Ítaca com Ulisses.

DÓLOPES — Povos da Tessália. Fênix conduziu os Dólopes para o cêrco de Tróia.

DOLÓPIA — Região da Tessália, habitada pelos Dólopes.

DOMATITES — Sobrenome de Netuno em Esparta.

DOMIDUCA — Juno como deusa do casamento.

DOMIDUCO — Deus que se invocava em Roma quando a recém-casada era conduzida para a casa do marido.

DOR — Divindade alegórica, filha do Érebo e da Noite. Vivia no vestíbulo dos Infernos.

DORCEU — 1) Filho de Hipocoonte.

2) Um dos cães de Acteão.

3) Herói ao qual os Espartanos ergueram um monumento junto a uma fonte que recebeu seu nome.

DÓRICLO — 1) Irmão de Fineu, rei da Trácia e marido de Béroe.

2) Filho natural de Príamo.

DÓRIDA — Região da Grécia, assim chamada de Doro. Os poetas empregam o nome dos habitantes da Dórida para designar os Gregos.

DÓRIDAS — Nereidas. Têm êsse nome de Dóris.

DORIPO — Ninfa amante do Ânio. Concebeu Eno, Esperma e Elais.

DÓRIS — Espôsa e irmã do deus marinho Nereu. Era filha do Oceano e de Tétis. Foi a mãe de cinqüenta Nereidas, das quais a mais célebre é Tétis, espôsa divina do mortal Peleu, pai de Aquiles.

DORÍTIDE — Sobrenome de Vênus entre os habitantes de Cnidos.

DORO — Filho de Heleno e neto de Deucalião, tronco dos Dórios. — V. DEUCALIÃO.

DOTO — Uma Nereida, filha de Nereu e Galatéia.

DRANCES — Favorito do rei Latino. Era célebre pela sua eloqüência e covardia. Inimigo declarado de Turno.

DRÍADES — Ninfas das árvores e dos bosques. Robustas e graciosas, dançavam ao redor dos carvalhos que lhes eram especialmente consagrados. Protegiam os bosques e florestas. Nem tôdas eram imortais. Muitas pereciam quando a árvore na qual viviam morria. Só se abatiam as árvores de grande porte quando o sumo-sacerdote garantia que as Dríades já a haviam abandonado. O nome deriva de *drus*, *druós*, "carvalho", "árvore". — V. NINFAS.

DRÍALO — Filho de Centauro Peuceu.

DRIANTE — 1) Filha de Fauno, que se reverenciava como deusa do pudor. Aos seus sacrifícios homens não podiam assistir.

2) Um dos cinqüenta filhos de Egito, espôso de Eurídice.

3) Pai de Licurgo, rei da Trácia, morto por Diana.

4) Filho do mesmo Licurgo. Seu pai matou-o num acesso de demência, com o machado, pensando cortar a cepa da vinha.

5) Filho de Marte.

6) Lápita.

7) Grego que venceu os Centauros em vários recontros.

DRÍMACO — Bandido que, à testa de um trôço de escravos fugitivos, pilhava a ilha de Quios. Os habitantes da ilha puseram sua cabeça a prêmio. Então Drímaco persuadiu a um jovem a cortar-lhe a cabeça e ir buscar o prêmio. Os insulanos, encantados com a generosidade de Drímaco, ergueram-lhe um templo e honraram-no como deus.

DRIMO — 1) Nereida.

2) Ninfa companheira de Cirene.

DRÍOPE — 1) Filha de Êurito e irmã de Iole. Foi amante de Apolo. A seguir, desposou Andrémon e dêle teve um filho chamado Anfisso. Um dia em que ela passeava perto de um lago orlado de mirto e de lótus, tendo seu filho entre os braços, colheu uma flor de lótus, que deu ao menino para brincar. Admirada, a mãe notou que da flor manavam gôtas de sangue. Espantadíssima e meio temerosa quis afastar-se do local quando percebeu que seus pés fixavam-se sòlidamente à terra. Todo seu corpo mudou e Dríope transformou-se numa flor de lótus. Teve apenas tempo suficiente de gritar por sua irmã e entregar-lhe o filhinho.

2) Ninfa da Arcádia. Dos seus amôres com Mercúrio nasceu o deus Pã.

3) Ninfa da Pequena Mísia. Raptou o formoso Hilas no momento em que êste abaixava-se para beber na fonte em que ela habitava.

4) Habitante de Lemmos, do qual Vênus tomou as feições a fim de persuadir as mulheres da ilha a se desfazerem dos maridos.

DULÍQUIO — Ilha do mar Jônico que fazia parte dos domínios de Ulisses.

E

EA — Nome da Cólquida nos tempos mitológicos.

EÁCIDA — Descendente masculino de Éaco.

ÉACO — Filho de Júpiter e de Egina; segundo outros, de Europa. Governava a ilha de Enópia, a que deu o nome de Egina em honra de sua mãe, com tanta justiça, clemência e piedade, que os deuses lhe tributavam particular afeição e a tudo que rogava prontamente atendiam. Assim é que a Grécia sofreu, certa feita, terrível sêca. Éaco pediu aos deuses que mandassem chuvas, e estas logo tombaram abundantes. Surgiu uma querela no Olimpo. Éaco foi designado árbitro e sua sentença imediatamente acatada. A fome fêz-se sentir em Egina. Todos morreram. Éaco pediu a Júpiter que transformasse as formigas que habitavam um velho carvalho em homens. Foi atendido. É essa a origem da raça dos *Mirmidões*, do grego *myrmeex*, "formiga". Casou-se com Endeis, com a qual teve dois filhos, Telamão e Peleu, que foi pai de Aquiles. Da Nereida Psâmate teve Foco. Depois da sua morte mereceu ser colocado entre os juízes do Inferno, do qual tinha a chave. Sentado ao lado de Minos, julgava, principalmente, os Europeus.

EÁGRIO — Epíteto do rio Hebro, na Trácia.

ÉAGRO — Filho de Tárops e pai de Orfeu, que teve de Calíope.

EANTE — Ninfa que deu seu nome a uma cidade da Lócrida, na Etólia.

ÉAX — Filho de Náuplio e de Clímene, irmão de Palamedes.

EBÁLIA — Tarento, colônia da Lacedemônia, assim chamada de Ébalo.

ÉBALO — 1) Rei dos Teléboas, aliado de Turno contra Enéias.

2) Rei da Lacedemônia, pai de Tíndaro.

ECÁLIA — Cidade cujo rei Êurito havia prometido sua filha Íole a quem o vencesse, a êle e a seus filhos, no tiro de arco. Hércules triunfou de Êurito e dos filhos, mas o rei não quis cumprir a promessa. Hércules destruiu a cidade de Ecália. Havia quatro cidades com êsse nome: uma na Etólia, outra em Messena, outra na Tessália e a última na Eubéia. Não se sabe ao certo qual delas Hércules arrasou.

ECBÓLADE — Casta de uva egípcia a que os antigos atribuíam propriedades abortivas.

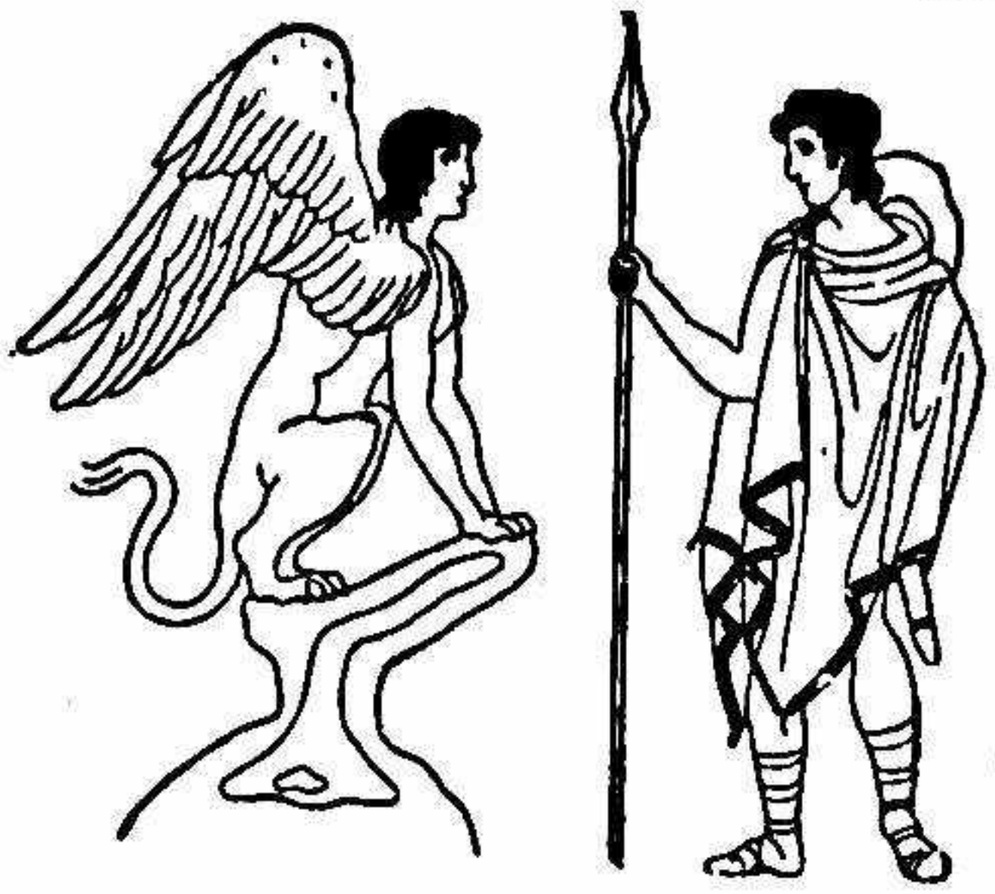
ECLIDA — Filho de Ecleu, i. é, Anfiarau.

ECO — Ninfa das montanhas e companheira de Juno. Curiosa e tagarela, percebeu, um dia, que Júpiter gostava de freqüentar as Ninfas do cortejo da espôsa. Com o fito de agradar a Júpiter, e a fim de desviar a atenção da tempestuosa e irascível Juno, Eco retinha-a horas a fio com a sua infindável tagarelice, enquanto Júpiter, calmamente, se despachava junto às Ninfas. A esperteza, durante certo tempo, surtiu efeito. Juno, porém, logo compreendeu que Eco favorecia as entrevistas do marido com as Ninfas, e que tinha feito um triste papel. Indignada, privou-a da fala, condenando a pobre Ninfa a não saber mais que repetir a última sílaba das palavras proferidas. Nesse

tempo, Eco andava de amôres com o belo Narciso. Bem que o jovem teria continuado a amá-la, pois Eco era formosa e a sua voz cristalina. Mas Narciso admirava-se da mania que a Ninfa, agora, tinha de sempre repetir a última sílaba da palavra pronunciada. E, além disso, não falava mais, ainda que Narciso se esforçasse heròicamente para desatar-lhe a antiga loquacidade. Por fim o jovem cansou-se e abandonou-a. Humilhada e ofendida, Eco refugiou-se no fundo dos bosques, nas cavernas solitárias. Aí ficou, sem se alimentar, chorando e definhando a tal ponto que por fim só restava a sua voz, isto é, o final das palavras, que ela repetia sem cessar. Invisível, continuou a viver; é ouvida, mas ninguém a vê. — V. NARCISO.

ÉDIPO — Filho de Laio, rei de Tebas, e Jocasta. Laio, ouvindo do oráculo que seria morto pelo filho, fêz expor Édipo logo depois do seu nascimento. O escravo encarregado da tarefa, condoído do recém-nascido, prendeu-lhe os pèzinhos e suspendeu-o numa árvore, sôbre o monte Citerão. Forbas, pastor de Pólibo, rei de Corinto, atraído pelo chôro dirigiu-se para o local, desamarrou-o e levou-o à rainha Peribéia. Daí o nome de Édipo que lhe deram, "Aquêle que tem os pés inchados". Como Peribéia não tivesse filhos, adotou-o. Édipo cresceu forte e belo, testemunhando por aquêles que êle cria seus pais, grande respeito e afeição. Certa vez, durante um festim, quando as línguas estavam desatadas pelo efeito do vinho, o jovem príncipe ouviu de um dos convivas certas alusões quanto à legitimidade da sua origem. Indignado e triste ao mesmo tempo, resolveu ir consultar o oráculo, a fim de esclarecer ponto de tamanha importância. O oráculo de Delfos, simplesmente, confirmou a terrível predição feita outrora a Laio, a saber, que êle, Édipo, mataria o pai, desposaria a mãe e daria origem a uma raça execrável. Tomado de horror, Édipo não quis regressar a Corinto. Saiu a correr mundo. Chegou a Dáulis, na encruzilhada das estradas de Delfos e Tebas. A passagem era estreita e de ambos os lados elevavam-se grande rochedos. Vindo de Tebas aproximou-se um carro e lhe barrou o caminho. Um velho de barbas brancas, acompanhado de um cocheiro, com voz imperiosa ordenou-lhe que desse caminho. Édipo, ofendido, recusou. Brigaram, e o jovem matou os dois, o velho e o cocheiro. O velho era seu pai, Laio. Chegado a Tebas, Édipo encontrou a cidade mergulhada na mais negra desolação, por causa da terrível Esfinge. Creonte, irmão de Jocasta, assumira as rédeas do govêrno, tão logo soube da morte trágica de Laio. O primeiro ato do nôvo rei foi declarar que daria a mão de Jocasta e o reino a quem matasse a Esfinge. Levado pelo espírito aventureiro, Édipo apresentou-se ao rei, disposto a pôr fim à desgraça que assolava a cidade. Era a Esfinge um monstro temível, que propunha enigmas a todos os transeuntes; quem os não resolvesse satisfatòriamente, era imediatamente devorado pela Esfinge. Édipo dirige-se para o local onde o monstro, alado, com rosto de mulher e corpo de leão, impedia o livre trânsito dos cidadãos. Essa Esfinge fôra enviada por Juno a fim de castigar o falecido rei Laio por causa de um crime que permanecera inulto, a saber, o rapto de um jovem por quem o rei havia se apaixonado. A Esfinge, postando-se diante do jovem perguntou-lhe: "Qual é o animal que de manhã caminha com quatro pés, ao meio dia com dois e à tarde com três?" Édipo não teve hesitação em afirmar que era o homem: ao nascer, engatinha, quando adulto, caminha àgilmente com seus dois pés, e, no ocaso da vida, apóia-se a um bordão. Raivosa, a Esfinge jogou-se nas ondas do mar. Cessara o flagelo. A cidade estava salva. Os habitantes de Tebas receberam Édipo triunfalmente. Tornou-se rei de Tebas e marido de sua mãe. Dessa união monstruosa nasceram duas filhas, Antígona e Ismena, e dois filhos gêmeos, Etéocles e Polinice, cuja tradição afirma que já se odiavam mesmo no ventre materno. Tebas, entretanto, progredia. Tornara-se cidade florescente e os anos decorriam numa fecunda prosperidade. Foi então que nôvo flagelo se abateu sôbre os Tebanos: começaram a morrer homens, mulheres, crianças, jovens, animais e, mesmo, as searas e os vergéis. Correram a consultar o oráculo. Respondeu êste que o território tebano se achava profanado pela presença do assassino do antigo rei Laio; o flagelo só teria fim quando os Tebanos afastassem o cruel matador. Então, sem perda de tempo, Édipo, com uma paciência, uma tenacidade, um encarniçamento que bem revelava seu profundo amor ao povo, abriu e dirigiu, pessoalmente, o inquérito

minucioso que revelaria o assassino anônimo. Interroga, exige, ameaça e promete recompensas a todos que, de qualquer maneira, pudessem lançar alguma luz no misterioso caso. Insiste com os magos e adivinhos, que tudo sabem, mas que não dizem tudo. Como último recurso, resolve acusar inocentes, para ver se assim aparece o culpado. E, de feito, aos poucos faz-se luz: o velho que êle matara era seu pai; a espôsa com quem vivia, era sua mãe; os filhos que procriara, ao mesmo tempo eram seus irmãos. Jocasta não resiste a essas revelações estarrecedoras: enforca-se com seu cinto. Édipo, alucinado, arranca a fivela do manto da espôsa e mãe, e vaza seus próprios olhos, a fim de não mais ver a luz do dia, que vira tamanha abominação. Condenado ao exílio, parte. Seu tio e cunhado, Creonte, pronunciou a sentença. Dos seus filhos, nenhum o acompanha. Guiado sòmente pela sua filha Antígona, pois Ismena fôra retida pelos irmãos, que o consola e ampara na sua imensa dor e desespêro, partem para a Ática. Seus dois filhos em pouco lamentam sua partida. Com efeito, o oráculo havia anunciado que o povo que possuísse a pessoa de Édipo, ou mesmo suas cinzas, teria assegurada a vitória sôbre os inimigos. Ambos correm em busca do exilado. Etéocles e Polínice continuavam inimigos; Etéocles, por primeiro, subira ao trono, e, ao findar o ano, não o quis entregar ao irmão. Creonte encontra Édipo na Ática, numa povoação chamada Colona, perto de Atenas, num bosque consagrado às Eumênides e interdito aos profanos. Ismena, porém, conseguira burlar a vigilância de seu irmão e escapara do palácio de Tebas. A sua intuição feminina leva-a diretamente ao pai, antes da chegada do tio, e comunica-lhe a causa do interêsse súbito demonstrado pelos filhos. Apresenta-se Creonte, e às razões do tio, Édipo responde com palavras de cólera. Creonte quer recorrer à fôrça, pois é preciso levá-lo e as duas irmãs. Seus homens dispõem-se a agir, quando, aos gritos agudos de ambas, acorrem os Atenienses, seguidos de Teseu, que retoma as môças a Creonte e o expulsa do seu país. Pouco depois chega Polinice. Exilado de Tebas por Etéocles, reuniu um numeroso exército à testa do qual se dispõe a reconquistar o trono. — V. Os Sete Chefes. — Como seu irmão, também teve conhecimento da declaração do oráculo. Suplica, roga, conjura seu pai a partir com êle e assegurar-lhe o sucesso da sua causa. Tudo em vão. Édipo mantém-se inflexível, e às súplicas e lisonjas do filho



ÉDIPO E A ESFINGE

retruca com duras e pungentes palavras, renovando as imprecações que outrora lançara sôbre ambos. Apenas Polinice se afastara, ouve-se o trovão. A êsse sinal Édipo lembra-se que o oráculo lhe predissera que seus males teriam fim na habitação das Eumênides, e sente que o fim está próximo. Lavado dos seus crimes involuntários pelas torturas físicas que se impusera, e, mais ainda, pelas torturas morais, vê chegar a

ÉDIPO E A ESFINGE

(Pintura de um vaso grego)

morte sem temor. Sabe que foi um instrumento nas mãos dos deuses e confia que êsses mesmos deuses lhe darão uma morte gloriosa e calma, como a dos justos. Chama Teseu, e, com êle, embrenha-se no bosque sagrado das Eumênides, e lá, no meio de

ASBAC - SP
BIBLIOTECA

relâmpagos e trovões, em plena tempestade, sùbitamente desaparece. Aos Atenienses Édipo deixa, como penhor da sua gratidão, o seu túmulo, êsse túmulo que os faz, para sempre, vencedores dos Tebanos. Conforme outra versão, os Atenienses, tomados de horror por verem um estranho no bosque sagrado das Eumênides, de lá querem expulsá-lo, a êle e as filhas. Antígona intercede, e Teseu, chegando, ouve de Édipo a revelação do oráculo que assegurara ser em Colona o local do seu túmulo e que êsse seria um penhor de vitória para os Atenienses. A fim de provar a veracidade do que afirmara, dirige-se, sem guia, ao local marcado pelo oráculo para o seu túmulo. Lá chegado, a terra abre-se a seus pés e Édipo é engolido.

EDÔNIOS — Povos da Trácia, ardentes veneradores de Baco.

EDUCA — Deusa que presidia à educação da juventude.

EECIÃO — Rei da Cilícia, pai de Andrômaca, morto por Aquiles na guerra de Tróia.

EÉIA — Ilha fabulosa, morada da feiticeira Circe. — V. CIRCE.

EETA — Eeta ou Eetes, rei da Cólquida, filho do Sol e de Persa. Fêz matar Frixo que se refugiara nos seus domínios e apoderou-se do Tosão de Ouro. Os Argonautas arrebataram-lhe o Tosão do Ouro e Eeta saiu no seu encalço; foi morto num combate às margens do Ponto Euxino.

EETÍADE — Filha de Eetes, i. é, Medéia.

ÉFIRA — Antigo nome de Corinto.

EGA — Ninfa. Diz-se que o primeiro Egipã era seu filho, que tivera do deus Pã.

EGÉON — Outro nome do Gigante Briareu, de cem braços. — V. BRIAREU. — Conforme Hesíodo e Homero, Egéon tomou parte a favor de Júpiter na luta dos deuses contra os Titãs; Antímaco, Calímaco e Vergílio, ao contrário, fazem-no inimigo dos deus e partidário dos Titãs; foi fulminado e sepultado sob o Etna. Ovídio, de Egéon faz um Gigante marinho, companheiro de Tritão e Proteu. Arbitrou uma disputa entre o Sol e Netuno que queriam o istmo de Corinto: atribuiu o istmo a Netuno e Acrocorinto, cidadela de Corinto, ao Sol.

EGÉRIA — Ninfa do Lácio, venerada pelos Romanos e a quem Numa costumava consultar, à noite, na floresta de Arícia. Imprimia, assim, às suas leis, um certo carácter divino. Segundo Ovídio, Numa acabou casando-se com Egéria. A morte de Numa causou tão viva dor em Egéria, que não cessava mais de soluçar e lamentar-se. Diana, aflita e impressionada com tamanho sofrimento, metamorfoseou-a em fonte.

EGEU — 1) Mar Egeu, entre a Grécia e a Ásia Menor.

2) Egeu foi o nono rei de Atenas, filho de Pandião, pai de Teseu e irmão de Niso, Palas e Lico. Introduziu em Atenas o culto de Vênus-Urânia. Quando Teseu partiu para combater o Minotauro, deu ao filho um navio fúnebre, de velas negras, recomendando-lhe que, se escapasse aos perigos e viesse são e salvo, desfraldasse uma vela branca. Teseu voltou vencedor e esqueceu-se da ordem paterna. Egeu, do alto do rochedo, vendo o navio com as velas pretas, creu que seu filho estivesse morto, e precipitou-se no mar. Os Atenienses, para consolar seu libertador, Teseu, colocaram Egeu no rol dos deuses marinhos e o declararam filho de Netuno. A seguir, deram seu nome ao mar.

EGIALÉIA — Mulher de Diomedes, filha de Adrasto, rei de Argos. Tornou-se célebre pela paixão que lhe inspirou Vênus.

EGIALEO — Filho de Eeta, irmão de Medéia, também chamado Absirto.

ÉGIDE — Escudo de Minerva com a cabeça da Medusa. Era a Égide um escudo forjado por Vulcano para Júpiter, e assim chamado por causa da pele de cabra que o cobria (*aíx, aigós*), da cabra Amaltéia, que fôra ama de Júpiter. Mais tarde a Égide foi dada por Júpiter a Minerva, que nêle colocou a cabeça da Medusa.

ÉGIDES — Filhos ou descendentes de Egeu.

EGINA — Filha de Asopo, rei dos Fliásios, habitantes de Fliunte, cidade da Acaia, entre Sicião e Argólida.

EGIPÃ — Sobrenome de Pã.

EGIPÃS — Divindades campestres que habitavam os bosques e as montanhas. São representados sob a forma de pequenos homens cabeludos, de chifres e com pés de cabra. Egipã quer dizer "cabra" e "Pã".

EGÍPIO — Jovem tessálio, filho de Búlis, obteve, pela fôrça do ouro, Timandra, a mais bela mulher que já houve. Neófron, filho de Timandra, revoltado com tal ação, obteve de Búlis, mãe de Egípio, os seus favôres em troca de muito ouro. Em seguida, bem informado da hora na qual Egípio deveria ir encontrar-se com Timandra, fêz esta sair do aposento e em seu

lugar pôs Búlis, pedindo-lhe que o esperasse, pois logo voltaria. Foi-se e não voltou. Quem veio foi Egípio e só reconheceu sua mãe quando o crime tinha já sido consumado. Cheios de horror quiseram matar-se; Júpiter, porém, metamorfoseou Egípio e Neófron em abutres, Búlis em pomba e Timandra em gavião.

EGISTO — Filho de Tiestes e de sua filha Pelópia. Foi êle que se vingou de Atreu, por causa do horrendo massacre dos primeiros filhos de seu pai; vingou-se, também, de Agamenão, em virtude do sacrifício de Ifigênia. Foi morto por Orestes, filho de Agamenão.

EGITO — Rei do Egito, filho de Belo. Foi pai de cinqüenta filhos, que casaram com as cinqüenta filhas do seu irmão Dânao. Êste ordenou às jovens que matassem seus maridos na noite de núpcias. — V. DÂNAO.

EGLE — 1) Mãe das Graças, que ela teve do Sol.

2) Uma das Graças, também chamada Aglaia.

3) Uma das Hespérides.

4) Náiade que enlambuzou de amoras a face do velho Sileno.

5) Ninfa, filha de Panopeu, pela qual Teseu abandonou Ariadne.

EGOBORO — "Comedor de cabras", epíteto de Baco.

EGÓCEROS — Sobrenome de Pã, que se transformou em cabra quando os deuses fugiram diante de Tifão e dos demais Gigantes.

EGÓLIO — Jovem que ousou entrar na caverna consagrada às abelhas de Júpiter, para roubar o mel. Foi mudado em pássaro.

EIDOTÉIA — Filha de Proteu.

ELAIS — Uma das filhas de Ânio, que tinha a faculdade de mudar em azeite tudo que ela tocasse. — V. ÂNIO.

ELARA — Filha de Orcômenos. Foi amada por Júpiter, e, para escapar aos ciúmes de Juno, obrigada a se esconder nas entranhas da Terra, onde deu à luz o Gigante Títio. — V. TÍTIO.

ELECTRA — 1) Filha de Agamenão, rei de Micenas, e de Clitemnestra. A história de Electra está intimamente ligada à do seu irmão Orestes. Casou-se com Pílades, amigo de Orestes. — V. ORESTES.

2) Filha do Oceano e de Tétis. Casou-se com Taumante e foi mãe de Íris e das Harpias.

3) Irmã de Cadmo. Deu seu nome a uma das portas de Tebas.

ELECTRIÃO — Rei de Micenas, filho de Perseu e de Andrômeda. Desposou sua sobrinha Anaxo, da qual teve vários filhos, inclusive Alcmena. Seus filhos foram mortos pelos Teléboas, povo da Acarnânia, que veio povoar a ilha Capréia, atual Capri. Electrião prometeu sua filha àquele que vingasse a morte de seus filhos. Foi assim que Anfitrião mereceu Alcmena. Pouco tempo depois, involuntàriamente, Anfitrião matou Electrião. — V. ANFITRIÃO, V. ALCMENA.

ELÉCTRIDAS — Pequenas ilhas na embocadura do Pó. Em uma delas caiu Faetonte, fulminado por Júpiter.

ELECTRIONE — Filha do Sol e da Ninfa Rode. Recebeu dos Ródios as honras heróicas.

ELEFENOR — Um dos príncipes gregos que disputaram a mão de Helena. Conduziu para a guerra de Tróia os Abantes, em quarenta navios.

ELEUSÍNIAS — Festas em honra de Ceres. Celebravam-se primeiro em Elêusis, donde o nome; mais tarde transportaram-se para o sul da Grécia, para Roma e para outras cidades menores. Eram as festas mais célebres e mais renomadas. As "Pequenas Eleusínias" festejavam, na primavera, o retôrno de Prosérpina; as "Grandes Eleusínias", no fim de setembro, comemoravam sua partida e a sua descida para os Infernos.

ELÊUSIS — 1) Herói filho de Mercúrio e da Oceânida Daíra. Deu seu nome à cidade de Elêusis.

2) Cidade da Ática, célebre pelas Eleusínias.

ELEUTERIAS — Festas celebradas todos os cinco anos em Platéia, pelos deputados de tôda a Grécia, em honra de Júpiter-Libertador. Foram instituídas em memória do triunfo de Pausânias sôbre a armada dos Persas.

ELEUTÉRIO — Epíteto de Baco. Corresponde ao *Liber* latino, "Aquêle que liberta".

ELFENOR — O mesmo que Elefenor.

ELIMEU — Epíteto de Júpiter.

ELISA — Elisa ou Elissa, outro nome de Dido. — V. DIDO.

ELORO — Rio da Sicília. Lança-se ao mar ao norte do promotório de Paquino, hoje Passaro. É estagnado na parte inferior, onde os contínuos transbordamentos enriquecem e fertilizam as terras; na parte superior é rápido, pedregoso e atroador, donde o epíteto de "clamosus" que lhe dão os poetas. Êsse duplo aspecto do rio me-

receu-lhe duplo nome, *Tellaro* na primeira parte e *Abisso* na segunda.

EMÁTION — 1) Filho de Titono e da Aurora. Reinava sôbre certa região da Macedônia, a qual tomou o nome de Emátia.

2) Famoso bandido, filho de Titono; degolava todos aquêles que lhe caíam nas mãos. Foi morto por Hércules.

3) Rei da Etiópia que ousou declarar guerra a Hércules. Foi morto pelo herói.

EMÍLIO — Emílio ou melhormente Emilo, filho de Ascânio, donde a família patrícia dos Emílios pretendia descender.

EMOCARES — "Aquêle que ama o sangue", epíteto de Marte.

ÉMON — Pai de Laertes, segundo Homero. É, igualmente, o nome de um homem desconhecido que concebeu criminosa paixão por sua filha e foi transformado em montanha.

EMPÍREO — Nome do palácio misterioso do pai dos deuses, que paira acima das nuvens, cercado de resplandescentes luzeiros.

EMPUSA — Espectro que Hécate costumava enviar aos homens a fim de atemorizá-los. Tinha um pé sòmente e assumia as mais horríveis formas. Para esconjurá-lo, bastava dizer-lhe injúrias. Conforme outra interpretação, monstro horrendo que Hécate mostrava aos condenados nos Infernos.

ENAGÔNIO — Nome sob o qual Mercúrio era adorado em Olímpia, como deus dos atletas.

ENARETE — Filha de Deímaco e mulher de Éolo.

ENÁRIA — Ilha vulcânica no gôlfo de Nápoles, hoje Ísquia; chama-se, também, Pitecusa.

ENCÉLADO — Gigante filho do Tártaro e da Terra, ou, de Titã e da Terra. Revoltou-se contra os deuses e tentou escalar o Céu; foi, segundo uns, semifulminado por Júpiter; conforme outros, atravessado pelo dardo de Sileno ou esmagado pelo carro de Minerva. Júpiter lançou-o sob o Etna, e a fábula atribuía aos esforços que fazia Encélado para se livrar, as convulsões e erupções do vulcão. Também sob o Etna jazia Tifeu ou Briareu.

ENDIMIÃO — Pastor da Cária ou rei de Élida, filho de Étlio e da Ninfa Cálice. Foi admitido no céu por Júpiter. Mas, tendo sido surpreendido em amôres com Juno, foi condenado a dormir trinta anos. Outra versão refere que Endimião amava discretamente a bela deusa noturna, Selene, ou Diana. Habitava uma gruta no monte Latmo. Enquanto êle dormia, sua divina amante vinha ter com êle. Dessa união de Diana com Endimião nasceram um filho e cinqüenta filhas. Outra lenda diz que Júpiter, encantado com a sua justiça e probidade, ofereceu-lhe como recompensa escolher o gênero de vida que preferisse. "Uma juventude eterna num sono sem fim", respondeu o formoso jovem. E, desde então, tôdas as noites é êle visitado pela deusa da noite, que se aproxima e admira, num silencioso amor, sua graciosa e imortal beleza.

ENÉADES — Companheiros ou descendentes de Enéias; daí, os Romanos.

ENÉIAS — Príncipe troiano, filho de Anquises e de Vênus. Foi confiado, durante sua primeira infância, aos cuidados duma Ninfa. Em seguida o famoso Quirão tomou-o como discípulo, e instruiu-o em tôdas as artes úteis à vida. Retornando para Tróia, casou-se com Creúsa, filha de Príamo, da qual teve um filho, Ascânio. Quando Páris raptou Helena, Enéias previu as tristes conseqüências dessa violação das sagradas leis da hospitalidade, e aconselhou os Troianos a reenviar Helena para Menelau, seu marido, em Esparta. Ainda que sua sugestão fôsse rejeitada, nem por isso deixou de combater valente e corajosamente quando os Gregos sitiaram a cidade. Digno companheiro de Heitor, e o primeiro guerreiro troiano depois dêste, ousou medir-se com Aquiles e com Diomedes em combates singulares. Em a noite na qual os Gregos se apoderaram de Tróia, Enéias pôs-se à frente de um grupo de guerreiros, sustentou vários combates pelas ruas onde o sangue corria em borbotões, e imolou grande número de inimigos. Mas, muito fraco para resistir sòzinho ao número sempre crescente de seus adversários, saiu da cidade levando nas costas seu velho pai Anquises. — V. ANQUISES — Anquises carregava os deuses penates, e Ascânio, seu filho, segurava-lhe a mão. Creúsa vinha atrás, e, em dado momento, desapareceu. Voltou sob seus passos, a fim de procurá-la, quando sua sombra lhe apareceu insistindo em que não perdesse tempo, pois ela já não pertencia ao número dos vivos. Chegado ao monte Ida, reune os Troianos que escaparam ao ferro dos Gregos. A seguir, constrói uma frota e desfralda as velas para Quersoneso, na Trácia. Lá reinava Polimnestor. Passou por Delos, visitou as Estrófades, ilhas do

mar Jônio e rumou para Creta, onde esperava encontrar o reino que lhe fôra prometido pelo oráculo. De lá dirigiu-se para o Epiro, onde Heleno lhe anunciou seus destinos. Velejou para Drépano, cidade da Sicília, no sopé do monte Érix, atualmente Trapani, onde Anquises veio a falecer. Depois de sepultar o pai, embarcou-se para a Itália. Uma violenta tempestade arremessou-o para as costas da África; abordou Cartago e Dido acolheu-o com benevolência. Encantada com as qualidades do herói, quis desposá-lo. — V. DIDO. — Enéias, porém, obedecendo às ordens dos deuses, foge de noite. Voltou para a Sicília onde realiza jogos fúnebres em honra de Anquises, visita Cumas e a Sibila leva-o aos Infernos. Acampa, a seguir, nas bordas do Tibre, onde Cibele transforma seus navios em Ninfas. Latino, rei dos habitantes do país, recebe-o cordialmente, mas Turno, rei dos Rútulos, toma armas para expulsar o estrangeiro que o ameaça de roubar-lhe Lavínia. Reune vários povos vizinhos, travam violentos combates, Enéias é ferido, e, finalmente, num combate singular entre o herói troiano e Rútulo, êste é morto. Enéias casa-se com Lavínia, filha de Latino; constrói, em honra da espôsa, Lavínio e reinou no Lácio após a morte do sogro. Logo depois os Etruscos declaram-lhe guerra. Trava-se uma feroz batalha na qual Enéias desaparece. Os Latinos, não sabendo que era feito do seu rei, creram que os deuses o haviam arrebatado ao céu, e prestaram-lhe honras divinas. Foi honrado pelos Romanos com o nome de Júpiter-Indigete. — V. ENEIDA.

ENEIDA — Poema épico de Públio Vergílio Maro ou Marão. Vergílio nasceu na aldeia de Andes, hoje Pietola, perto de Mântua, donde o patronímico "Mantuano" que lhe é dado, a 15 de outubro, sendo cônsules Cn. Pompeu Magno e M. Licínio Crasso, 70 anos antes de Cristo. Nasceu, portanto, no mesmo dia em que morreu o poeta Lucrécio, autor do poema didático *De Rerum Natura*, "A respeito da natureza das coisas". Filho de pais humildes, Marão, oleiro, e Maia, passou os primeiros anos em Cremona. Aos 17 anos tomou a toga viril. De Cremona passou para Milão, onde estudou. De Milão foi para Roma. Sua erudição era imensa, como o provam suas obras. Foi protegido de Mecenas. Aos 51 anos dirigiu-se para a Grécia e para a Ásia, não só para repousar, mas para conhecer os lugares em que se desenrolou grande parte do seu poema épico. Quando visitava Mégara, adoeceu; faleceu em Brindes, a 22 de setembro, sendo cônsules Cn. Plâncio e Q. Lucrécio, 19 anos antes de Cristo. Os ossos foram transladados para Nápoles. Na Idade Média consideraram-no profeta da vinda do Messias. Era alto, rosto grosseiro, doente, frugal, modesto e vagaroso no falar; recitava com suavidade e elegância; sua vida recatada mereceu-lhe o epíteto de *Parthenios*, vocábulo que significa "Virgem"; nunca se casou. Criado no campo, tinha grande amor à natureza. Escreveu muito: *Catalético*, *Moreto*, *Epigramas*, *Diras*, *Culex*, *Etna*, *Bucólicas*, *Geórgicas* e a *Eneida*. Duvida-se que algumas obras menores sejam realmente de Vergílio. A *Eneida* levou 11 anos para ser escrita, e, assim mesmo, ficou incompleta (deixou 58 versos incompletos) e sem ser retocada ou burilada. O poema se inicia dando as razões pelas quais Juno tinha predileção por Cartago e odiava os Troianos. A seguir, Juno, com o auxílio de Éolo suscita tremenda tempestade que dispersa os navios. Os troianos, acalmada a tempestade, desembarcam nas costas da Líbia, onde refazem as fôrças. Entretanto, no Olimpo, Vênus intercede por seu filho, aparece a êle, orienta-o e conta-lhe a história de Dido. Enéias é bem recebido por Dido e lhe narra os infortúnios de Tróia, o ardil do cavalo de madeira, no qual os Gregos se esconderam a fim de poderem entrar na cidade, a morte de Laocoonte e a fuga de Enéias com a família. Narra, a seguir, as suas inúmeras viagens, sua ida a Creta, não tendo compreendido o oráculo, a peste que assalta os seus companheiros e a indicação dos deuses, enquanto dormia, da nova pátria que deveria buscar.

Segue em demanda da Itália, as Harpias mancham com o seu tacto imundo as refeições dos Enéadas e por fim a terrível predição de Celeno. Depois narra seu encontro com Andrômaca e os conselhos e vaticínios de Heleno, sua saída do Epiro para a Sicília, o encontro com o Grego Aquémenes e, por fim, a morte do velho Anquises. Cala-se Enéias. A infortunada Dido sente-se devorar pelo fogo do amor e só pensa em reter o herói junto dela. Enéias, cercado de tôdas as seduções que a rainha lhe pode oferecer, esquece-se de partir. Júpiter, vendo o perigo que corre Enéias, manda Mercúrio lembrar-lhe o seu dever. O herói, sem

perda de tempo, faz-se de vela e Dido, desesperada, suicida-se. Enéias é afastado da Itália para a Sicília, onde o rei Acestes recebe-o muito bem. Em Cumas, procura a Sibila Deífobe que o conduz aos Infernos para que êle ouça, da bôca de Anquises, os destinos da sua posteridade. Depois sobe o Tibre, encontra-se com Latino que lhe oferece a mão de Lavínia. A essa notícia, Turno, rei dos Rútulos, que a rainha Amada, espôso de Latino, lisongeara dando-lhe esperanças de desposar Lavínia, toma armas e congrega os povos vizinhos contra o estrangeiro invasor. Enéias procura aliados e encontra um em Evandro. Trava-se a guerra. Juno excita os Rútulos, Vênus Consegue de Vulcano armas para seu filho, e, após vários recontros sangrentos, Júpiter, nos altos Céus, anuncia a Juno que chegou a hora suprema para Turno, seu protegido. O destino é a favor do filho de Anquises. Enéias mata Turno e finda o poema. A *Eneida* consta de doze livros.

ENEIS — Ninfa que, conforme alguns autores, foi mãe de Pã, que ela teve de Júpiter.

ENEU — Rei de Calidão, pai de Meléagro, Tideu e Dejanira. Depois da morte de Altéia, desposou Peribéia. Na velhice foi destronado pelos filhos do seu irmão Ágrio; seu neto restabeleceu-o no trono. Eneu, porém, acabrunhado pelas desgraças, tornou-se melancólico, abdicou do poder em favor de Andrémon e retirou-se da sua pátria, indo fixar-se em Argos, onde terminou seus dias. — V. MELÉAGRO.

ÊNIO — Deusa destruidora das cidades. É a Belona dos Gregos. Também usa êsse nome uma das Gréias.

ENO — Uma das filhas de Ânio. Tinha a faculdade de mudar tudo em vinho. — V. ÂNIO.

ENOATIS — Epíteto de Diana, tomado de Énoe.

ÉNOE — 1) Ilha do mar Egeu.

2) Antiga cidade da Grécia, ou burgo da Argólida, onde foi enterrado Eneu, rei de Calidão.

3) Uma das Ninfas que cuidaram de Júpiter infante.

4) Rainha dos Pigmeus, célebre pela sua crueldade. Foi mudada em grou.

ENOFORIAS — Festas em que se carregavam garrafões de vinho. Do grego *oinos*, "vinho".

ENÔMAO — Rei de Pisa, filho de Marte e de Harpina ou de Alxião. Enômao foi pai de uma filha célebre pela sua deslumbrante beleza, chamada Hipodâmia. A jovem, chegada a idade núbil, declarou que não se queria casar. Para afastar a multidão de pretendentes, imaginou Enômao uma condição muito dura. Prometeu a mão da princesa àquele que o vencesse numa corrida de carro, ajuntando, porém, que mataria o vencido. Venceu treze concorrentes, que pagaram com a morte o amor que devotavam à formosa Hipodâmia. Finalmente apresentou-se Pélops, que o venceu. Enômao matou-se jogando-se do carro.

ENONA — 1) Mãe de Éaco, também chamada Egina.

2) Ninfa do monte Ida. Foi amada de Apolo, que, em reconhecimento dos seus favôres, deu-lhe perfeito conhecimento do futuro e das propriedades da plantas. No tempo em que Páris se achava sôbre o monte Ida, reduzido à condição de pastor, Enona tomou-o como amante e dêle teve um filho chamado Córito. Logo que ela soube do seu projeto de viajar para a Grécia, tentou dissuadi-lo de todos os modos, predizendo-lhe as desgraças que daí adviriam. Páris não se convenceu. Disse-lhe ela, então, que um dia seria ferido e que recordasse o que ela no momento lhe dizia. E que seria vão recorrer a ela naquela emergência. De feito, Páris, mortalmente ferido por Filoctetes pediu que o transportassem para o monte Ida, para junto de Enona. Mau grado a infidelidade do amante, a Ninfa empregou todos os recursos da sua arte para curar Páris, mas em vão, pois a flecha que o ferira, tinha sido envenenada por Hércules. Páris morreu nos braços de Enona, e a infortunada expirou de pesar.

ENÓPIA — Nome da ilha de Egina.

ENOPIÃO — Rei de Quios e pai de Mérope. Enopião era filho de Ariana e de Teseu ou de Ariana e de Baco.

ENTELO — Troiano fundador de Entela, na Sicília.

ENUNTE — Rio da Lacônia.

EÓLIDES — Designa-se, com êsse nome, a posteridade de Éolo. Refere-se, também, às ilhas vizinhas da Itália.

ÉOLO — 1) Filho de Heleno e Oreia e irmão de Doro e de Xuto. Casou-se com Enarete, da qual teve sete filhos e cinco filhas. Tornou-se rei da Ftiótida após a morte de seu pai. Deu o nome de Eólios

aos seus súbditos, que antes se chamavam Helenos.

2) Bisneto do precedente, deus dos Ventos, filho de Netuno. Reinava nas ilhas Vulcânias, depois chamadas Eólias, perto de Sicília. Conforme Homero, Éolo era filho de Hípotes, e tinha doze filhos, seis varões e seis môças. Habitava uma ilha imortal, flutuante, cingida por inabaláveis muros de bronze. Viviam em contínuos banquetes. Quando Ulisses chegou à ilha Eólia, foi bem recebido por Éolo, que, no fim, lhe deu, encerrados dentro dum odre, os ventos ululantes. Os companheiros de Ulisses, cedendo a uma indiscreta curiosidade, abriram o odre para ver o que continha. Os ventos logo escaparam-se e causaram uma tremenda tempestade, na qual Ulisses perdeu todos seus navios. Éolo devia a Juno o favor de ter sido admitido no Olimpo, e de poder reinar sôbre os ventos.

3) Filho de Netuno e de Ascra. Construiu, em honra de sua genitora, a cidade de Ascra, na Beócia.

EONO — Filho de Licímnio. Muito jovem, dirigiu-se, certa feita, para Esparta. Passeando pela cidade, um cão que guardava a casa de Hipocoonte saltou sôbre êle. Eono defendeu-se jogando uma pedra no animal; imediatamente os filhos de Hipocoonte acorreram, lançaram-se sôbre o indefeso jovem e mataram-no a pauladas. Hércules, seu amigo e parente, caiu em cima dêles, mas foi ferido e retirou-se. Voltou, depois, em plena posse de tôda a sua fôrça, massacrou Hipocoonte e todos os seus, vingando, assim a morte do infeliz Eono. Êste recebeu em Esparta honras divinas.

EÓO — 1) Epíteto de Apolo.

2) Um dos cavalos do Sol.

EOS — Nome grego da Aurora. — V. AURORA.

EÓSFORO — Nome grego de Lúcifer. O mesmo que Fósforo.

ÉPAFO — Filho de Júpiter e de Io. Nasceu no Egito. Foi raptado, por ordem de Juno, pelos Curetes, sacerdotes de Cibele. Levaram-no para Creta e sua mãe só veio a encontrá-lo muito mais tarde, na Síria. De lá êle retornou com ela para o Egito, onde se fixou. Tornou-se rei e fundou a cidade de Mênfis. Perseu era seu descendente. Foi Épafo a causa involuntária da morte do infeliz Faetonte, pois gostava de tentá-lo afirmando que não era filho do Sol. — V. FAETONTE.

EPEU — Filho de Panopeu e construtor do cavalo de Tróia.

EPIBATÉRIO — Nome pelo qual Apolo era invocado em Trezena, porque havia preservado Diomedes do naufrágio.

EPICARPO — Nome que os habitantes de Creta davam a Júpiter, como protetor dos frutos e fertilizador da terra.

EPICASTA — 1) Filha de Egeu. Teve de Hércules uma filha chamada Tessala.

2) Outro nome de Jocasta, mãe de Édipo.

3) Mãe de Trofônio.

EPIFANIA — Epifania, ou melhor, Epifanias, eram festas em que se celebravam as aparições dos deuses.

EPIFRON — Filho do Érebo e da Noite.

EPÍGONOS — Chefes gregos que fizeram o segundo cêrco de Tebas. Eram filhos dos que tinham feito a primeira guerra. — V. ADRASTO. — Epígonos significa "descendentes".

EPIMÊNIDES — Filósofo cretense. Conta-se que certa feita Epimênides entrou numa caverna e aí adormeceu. Dormiu cinqüenta e sete anos. Consta que morreu com duzentos e oitenta e nove anos. Os Cretenses, depois da sua morte ofereceram-lhe sacrifícios como a um deus.

EPIMETEU — Filho de Jápeto e de Clímene, irmão de Prometeu. — V. PROMETEU. — Epimeteu quer dizer "Imprudente". Apesar da formal proibição de seu irmão, de não aceitar nenhum presente de Júpiter, consentiu em receber de Pandora a caixa que a virgem lhe ofereceu e na qual estavam contidos todos os males. Consta que Epimeteu formou os homens imprudentes e estúpidos, ao passo que Prometeu formara os homens prudentes e engenhosos. Epimeteu casou-se com Pandora, teve uma filha chamada Pirra — V. DEUCALIÃO E PIRRA. — e foi transformado em macaco.

EPINÍCIOS — Sacrifícios em ação de graças que os Gregos ofereciam depois da vitória. Era, também, um cântico de triunfo.

EPÍPOLA — Filha de Traquião. Disfarçou-se em homem para poder tomar parte no cêrco de Tróia. Foi lapidada pelos Gregos depois que Palamedes descobriu seu sexo verdadeiro.

EPIRO — Região da Grécia ocidental.

EPÍTIDA — Perífante, filho de Épito.

ÉPITO — 1) Escudeiro de Anquises.

2) Um dos companheiros de Anfião.

ÉPONA — Divindade protetora dos burros e cavalos.

EPOPEU — 1) Filho de Netuno. Raptou Antíopa, filha de Nicteu, que se meteu numa guerra fatal a ambos.

2) Rei de Corinto, neto do Sol.

3) Rei de Lesbos que teve comércio incestuoso com sua filha Nictímene.

EQUÉCRATES — Jovem Tessálio que raptou uma sacerdotisa do templo de Delfos, de renomada beleza. Depois dêsse acontecimento não se admitiu mais às funções sacerdotais mulheres que tivessem menos de cinqüenta anos de idade.

EQUETO — Rei do Epiro, contemporâneo de Ulisses, o mais cruel de todos os homens.

EQUIDNA — Filha de Crisaor e de Calírroe. A parte superior do tronco era de uma formosa Ninfa, a parte inferior de um monstro horrível, ou de serpente. Ainda que os deuses a tivessem encarcerado num antro da Síria, Equidna conseguiu ter relações com Tifão, e gerou vários monstros: o Cérbero, a Hidra de Lerna, a Quimera, a Esfinge e o Leão de Neméia. Não se deve confundir esta com a princesa hiperbórea, disforme como a precedente, que raptou as éguas de Hércules e dêle teve filhos. *Equidna* significa "víbora".

EQUÍNADAS — Ninfas que convidaram a um sacrifício tôdas as divindades campestres, com exceção do rio Aquelôo. O deus, irritado com tal desprêzo, fêz transbordar suas águas, e carregou as Ninfas que foram lançadas no mar. Netuno metamorfoseou-as em ilhas. As Equínadas ficam no mar Jônio, à entrada do gôlfo de Corinto.

EQUÍON — 1) Um dos Argonautas, filho de Mercúrio.

2) Pai de Penteu e companheiro de Cadmo.

ÉRATO — Érato, "A Amorosa", era a Musa que presidia à poesia lírica e erótica. Representavam-na sob a figura de uma jovem Ninfa, viva e jovial, coroada de mirtos e rosas, tendo numa mão uma lira e na outra um arco de violino; ao seu lado um pequeno Amor, ou Eros, com um archote acesso. Era invocada pelos amantes. Outros a reproduzem sob as formas de uma formosa jovem prestes a dançar, animada de voluptuosos movimentos, tendo nas mãos seja uma flauta, seja o bárbito de nove cordas.

ÉREBO — Érebo significa "Trevas". Designa os Infernos, conforme a concepção homérica, quer dizer, o lugar das sombras, reino situado às bordas do Oceano; designa, também, a parte mais obscura dêsse reino, lugar inacessível a todo e qualquer olhar humano. — V. INFERNOS. V. ORCO. — Originàriamente, o Érebo era filho do Caos e da Noite. Foi metamorfoseado em rio e precipitado nos Infernos por haver socorrido os Titãs.

ERECTEU — 1) Nome de Netuno entre os Atenienses.

2) Sexto rei de Atenas, filho de Pandião. Casou-se com Praxitéia e dela teve três filhos e quatro filhas. Estando em guerra com os habitantes de Elêusis, recebeu do oráculo a ordem de imolar uma de suas filhas. Por êsse preço obteve a vitória. Foi fulminado por Júpiter ou precipitado vivo no seio da terra, que Netuno abrira com um golpe do seu tridente. Os Atenienses renderam-lhe culto divino e ergueram-lhe templos.

3) Deus grego que quebrava os torrões da gleba e garantia a fertilidade do solo.

4) Outro nome de Erictônio.

ERECTIDA — Filha de Erecteu, i. é, Orítia ou Prócris.

ERGINO — Rei de Orcômenos e filho de Clímeno. Exigia, anualmente, dos Tebanos um tributo de cem bois, para puni-los do assassínio de seu pai. Hércules, tendo mutilado seus deputados, caiu nas iras de Ergino, que lhe declarou guerra. O herói surpreendeu o rei num desfiladeiro, matou-o e dispersou suas tropas. Segundo outra versão, reconciliou-se com Hércules e, numa idade muito avançada contraiu núpcias, gerando dois filhos, Agamedes e Trofo.

ÉRICE — Célebre pugilista, morto por Hércules. Deu seu nome ao monte Érix, na Sicília, onde havia antigo culto de Vênus. O mesmo que Érix.

ERICTO — Nome de um famoso mágico da Tessália.

ERICTÔNIO — Quarto rei de Atenas, filho de Vulcano e da Terra. Tinha as pernas tão mal feitas que não ousava aparecer em público. Quando era obrigado a se mostrar, fazia-o num carro de sua invenção, que lhe ocultava a metade do corpo. Conforme outros, tinha tronco de homem e cauda de serpente à guisa de pés. Erictônio foi criado por Minerva, que o encerrou numa caixa que confiou aos cuidados de Pândrosa, com a expressa recomendação de não a abrir. Minerva queria, com suas próprias mãos, entregar o mostrengo à Terra quando a hora fôsse che-

gada. Pândrosa, filha de Cécrope, cumpriu sua palavra e não abriu a caixa. Mas suas irmãs, Aglaura e Herse, não puderam resistir à curiosidade. Abriram a caixa, e, à vista do jovem monstro, foram prêsas de terror e fugiram aos gritos. As Fúrias vingadoras correram no seu encalço e precipitaram as irmãs do alto de um rochedo. Entretanto, Erictônio, recolhido por Cécrope, tornou-se rei de Atenas, e, reconhecido à deusa Minerva, introduziu seu culto entre os cidadãos e construiu-lhe um templo sôbre a Acrópole. Foi sob seu reinado que Elêusis travou a guerra contra a sua vizinha, guerra essa que se tornou lendária e fêz com que se tornasse súbdita de Atenas. Erictônio foi pai de Orítia, cuja aventura com Bóreas, de alguma maneira, teve sua repercussão histórica no tempo de Xerxes. — V. Orítia. V. Bóreas. — Após a morte de Pândrosa, os Atenienses ergueram-lhe um templo sôbre a Acrópole, para perpetuar a sua obediência às ordens de Minerva. É o famoso *Pandroseion*. Mais tarde edificaram um terceiro templo, dedicado à memória do rei Erictônio, o *Erechtheion*.

ERÍDANO — 1) Rio mítico no extremo oeste da Europa, mais tarde identificado com o Pó, na Itália.

2) Filho do Sol, o mesmo que Faetonte.

ERIFILA — Espôsa do adivinho Anfiarau. Era filha de Tálao e irmã de Adrasto, rei de Argos. Quando foi da guerra de Tebas, — V. Adrasto — Anfiarau escondeu-se para nela não tomar parte, pois sabia que não retornaria com vida. Erifila, porém, revelou a Polinice o lugar em que o marido se ocultara, e recebeu como prêmio da sua delação, um magnífico colar. Anfiarau, forçado a seguir os Argivos, confiou a seu filho Alcmeão a tarefa de vingá-lo. Recomendou-lhe que matasse Erifila à primeira notícia da sua morte. Logo que Alcmeão soube da morte do pai, matou com suas mãos a mãe. V. Alcmeão.

ERÍGONE — Filha de Icário, rei de uma região da Ática. Foi amada por Baco, que, para seduzi-la, transformou-se num bago de uva. Enforcou-se de desespêro quando soube que o pai fôra morto. Júpiter mudou-a em constelação chamada "Virgem".

ERIMANTE — Guerreiro Troiano.

ERIMANTO — Montanha da Arcádia, habitada por um monstruoso javali, que Hércules capturou vivo. Na origem, Erimanto era filho de Árias; deu seu nome a um rio da Élida, que desemboca no Alfeu, e à montanha.

ERÍNIS — Erínis, uma das três divindades Gregas, filhas da Noite e de Cronos. Eram as deusas da Vingança e foram, mais tarde, identificadas com as Fúrias romanas. No plural, Eríneas. — V. Eumênides. V. Fúrias.

ERIOPAS — Filho de Piranto e de Calírroe.

ÉRIS — Deusa da Discórdia. Foi a única divindade que não foi convidada às núpcias de Tétis; vingou-se, lançando sôbre a mesa do festim uma maçã de ouro com os dizeres: "À mais bela". — V. Páris.

ERISÍCTON — Filho de Dríope e pai de Mnestra ou Metra. Devorou-se a si próprio. — V. Fome. V. Metra e Mnestra.

ÉRITRAS — 1) Cidade da Beócia.

2) Uma das doze cidades principais da Jônia, fundada por Éritras.

3) Pôrto da Lócrida, no gôlfo de Corinto.

4) Cidade da Índia, onde reinou Éritras.

5) Filho de Perseu e de Andrômeda. Deu seu nome ao mar Eritreu, em cujas bordas reinou, e onde morreu afogado.

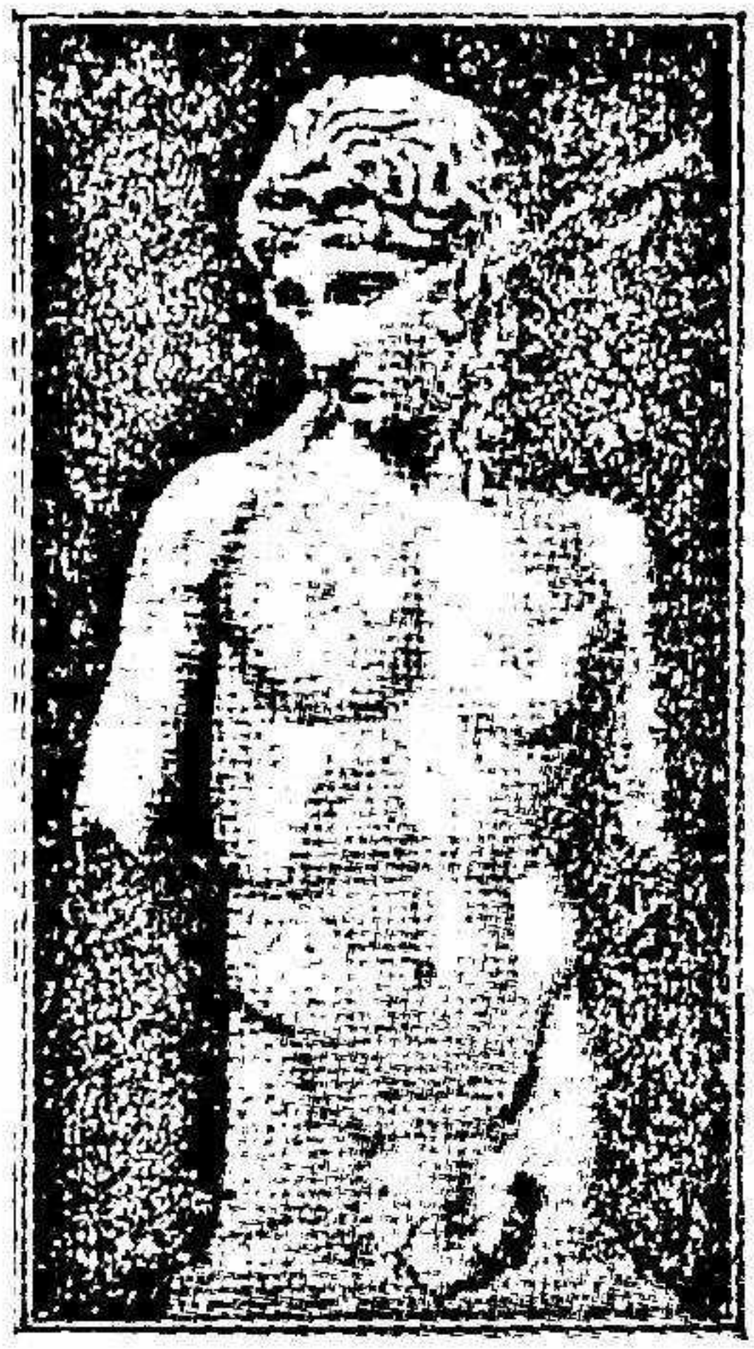
ÉRIX — 1) Monte da Sicília, onde Vênus tinha um templo famoso.

2) Filho de Butes e de Licasta, apelidado Veno. Foi rei dum cantão da Sicília, chamado Erícia. Orgulhoso da sua prodigiosa fôrça, desafiava para a luta todos os estrangeiros que passassem pelos seus estados. Hércules, que por lá passava, foi, também, constrangido a lutar com Érix, que sucumbiu na luta. Deu seu nome ao monte.

ÉROPE — 1) Filha de Enopião. Foi amada do Gigante Orião.

2) Filha de Cefeu, raptada por Marte que a deixou grávida de uma filha, Érope. Érope, a mãe, morreu em conseqüência do parto.

EROS — O filho de Afrodite, Eros, com o carcaz bem fornido de setas, é um encantador menino alado, de cabelos encaracolados, risonho e trêfego, cujas travessuras nem sempre são inocentes. Tôda vez que despede uma seta com seu infalível arco, o amor se implanta no coração e aí reina como tirano. Quando liga numa escolha feliz os corações de um homem e uma mulher, tudo vai bem; não raro, porém, seus caprichos dirigem-se a objetivos já comprometidos, e o final, sempre, é uma tragédia. Assim foi com Dido, assim foi com Pasifae, com Ariadne, com Fedra, com Medéia, com Hipodâmia... Um dia, po-



EROS, CONFORME PRAXÍTELES
(*Museu do Vaticano*)

rém, viu-se prêso nas suas próprias malhas. Vênus, sua mãe, descontente por ter em Psique uma rival de sua beleza, entregou a infeliz às traquinices do filho. Eros, logo que a viu, amou-a ardentemente e desposou-a. Ora, Psique é a alma humana, que não pode amar sem sofrer de seus amôres, e assim foi que Eros, que faz todos sofrer, sofreu por sua vez. Psique não sabia que seu amante era o deus do Amor. Êste vinha visitá-la sòmente à noite. O nascer do dia trazia a jovem o desgôsto de haver perdido aquêle que seu coração amava; o consôlo da noite era precário, pois jamais ela vira seu misterioso espôso. As duas irmãs de Psique, invejosas, persuadiram-na a ter preparada uma lâmpada e aproveitar do sono do marido para ver quem era. Assim fêz. Reconhece o deus no esplendor da sua eterna juventude; quando lhe quis dar um beijo, caiu sôbre êle uma gôta de azeite ardente. Eros desperta, e, vendo-se surpreendido, desaparece para jamais retornar. Psique, desconsolada, chora sem cessar. Dirige-se a Vênus; esta, que não esquecera antigos ressentimentos, fá-la sua escrava e obriga-a a viver no meio da Tristeza e da Inquietação. Cumpre com exação as várias missões de que Vênus a incumbira. Consegue, por fim, com a intercessão de Júpiter, abrandar o coração de Vênus. O Olimpo rejubila. Os deuses celebram um banquete esplêndido. É assim que Psique, para sempre, tornou-se propriedade de Eros. Quando chegou o tempo, nasceu uma filha dêsse casal, filha que nós chamamos Volúpia. Eros, em latim *Cupido*, tem seu complemento em *Imeros*, deus do amor violento, do desejo amoroso. Na Mitologia latina empresta-se a Cupido a mesma origem e a mesma história que ao deus grego Eros. Cupido, conforme muitos poetas, nasceu de Vênus e de Marte. Logo que êle nasceu, Júpiter, conhecendo tôdas as perturbações que traria não só aos mortais mas aos próprios deuses, obrigou Vênus a dêle se desfazer. Para ocultá-lo, Vênus levou-o, então, a um bosque, onde Eros bebeu o leite dos animais ferozes. Logo que pôde manejar o arco, cons-

EROS, CONFORME LISIPO
(*Túnis, Museu de Bardo*)

truiu um de freixo, empregando cipreste para as flechas. Experimentou nos animais os tiros destinados ao homens. Mais tarde trocou seu arco por outro de ouro, juntamente com o carcaz. Mãe e filho são inseparáveis. Cupido e Vênus desempenham no mundo uma muito nobre e importante missão. Habitam Chipre, a ilha dos méis perfumados e das flôres trescalantes; ou Pafos, onde reinava uma deliciosa frescura marítima, onde os pássaros cantavam cem cessar; ou Citera, rica em púrpura. Todos os anos mãe e filho abandonam seus re-

EROS NUM CARRO TIRADO POR UM GOLFINHO

(Fragmento da decoração mural da casa dos Vétios, em Pompéia)

fúgios preferidos, logo que um hálito tépido começa a quebrar a dureza dos grandes frios hibernais. Saem enchendo de seiva os brotos e renovos, abrindo flôres, desabrochando botões, vestindo de verde e de tons variegados velhos ramos que pareciam secos. Fazem as abelhas zumbir, os insetos rutilam aos raios do sol, os pássaros preparam seus ninhos, e, mesmo nos antros sombrios, coito de animais carniceiros, há grande atividade; preparam-se, com musgos e fôlhas tenras, com galhos e lianas, fofos berços para os pequenos filhotes que estão prestes a chegar. Assim vão, invisíveis,

mãe e filho, num carro puxado por pombas, espalhando a manchelas novos germes de vida, novas esperanças e novas alegrias. Não se percebe a passagem de ambos, mas no ar tèpidamente perfumado fica pairando uma alegria incontida, os corações tornam-se melhores, há simpatias recíprocas, as almas desabrocham num desejo veemente e incontido de amar e serem amadas. O mundo todo transforma-se num imenso hino de Amor. Somem-se os dois, Eros e Vênus. Outros deuses virão terminar a sua tarefa. Eros ordinàriamente é representado

EROS LEVADO POR UM CARANGUEJO (câncer)

(Decoração mural da casa dos Vétios, em Pompéia).

como um menino de sete a oito anos, armado de arco, carcaz e flechas ardentes; às vêzes traz uma tocha, outras, uma coroa de rosas. Ora é cego, pois o Amor, não percebe os defeitos do objeto amado, ora vem acompanhado de Hércules e Mercúrio, pois em Amor muito podem a Fôrça e a Eloqüência. Acompanha a Fortuna, acompanha sua mãe, Vênus, ou abraça-se com a ingênua e meiga Psique. Entre os pássaros, Eros ama o galo, o cisne e a pomba. Às vêzes toma as asas do abutre, símbolo da crueldade, pois o Amor é, também, cruel; veste-se com as armas de Marte, já

que nem o deus da guerra pode triunfar quando com êle entra em luta: o Amor é invencível. — V. ÂNTEROS, V. VÊNUS, V. CUPIDO.

ÉSACO — Filho de Príamo e de Alexírroe. Amava tanto a Ninfa Hespéria, que abandonou a côrte paterna para ir percorrer os lugares por ela freqüentados. Encontrou-a, um dia, sôbre as bordas do rio Cedreno; quis aproximar-se, mas a Ninfa fugiu. Ésaco sai em sua perseguição; a bela Ninfa apressa sua carreira e, tropeçando numa serpente, é picada no pé. Morreu em seguida. Ésaco precipitou-se do alto de um rochedo no mar. Tétis, comovida com a desgraça de ambos, transforma Ésaco numa pomba.

ÉSAR — Deus dos Etruscos.

ESCAMÂNDRIO — Filho de Heitor. — V. ASTÍANAX.

ESCAMANDRO — Rio da Tróada; deságua no Helesponto. Chama-se, também, Xanto, "Rio Amarelo".

ESCULANO — Antigo deus romano da moeda de cobre, pai da divindade Argentino. — V. ESSA PALAVRA. — Deriva o nome de AES, "cobre" (e tôdas as combinações metálicas que têm êsse metal por base).

ESCULÁPIO — Deus da Medicina, filho de Apolo e Corônis. Foi dado à luz sôbre o monte Titião, não longe de Epidauro. Corônis, sua mãe, era filha de Flégias, rei de Tebas e sucessor de Etéocles, que morrera sem deixar herdeiros. Flégias, irritadíssimo contra Apolo, por lhe ter desvirginado a filha, incendiou seu templo. Apolo vingou-se matando-o a flechadas e precipitando-o no Tártaro, onde Tisífone envenena tudo que êle toca, enquanto um rochedo ingente, suspenso sôbre sua cabeça, ameaça a todo instante precipitar-se em cima do infeliz e esmigalhá-lo. Corônis morreu ao nascer o menino. A natureza velou sôbre o tenro ser indefeso. Uma cabra aleitou-o e um cão guardou-o fielmente. Um pastor de Aristene atraído pelo chôro da criança, acorreu, e viu sôbre a fronte do recém-nascido uma auréola de luz. Logo a seguir espalhou-se o boato de que nascera uma criatura capaz de curar os males, e, mesmo, ressuscitar os mortos. Quirão, que fôra seu mestre, iniciara-o nos segredos das ervas e plantas medicinais. Conta-se que Esculápio descobriu as virtudes miraculosas de certas ervas por causa de uma serpente, que êle ferira, e que fôra de imediato restabelecida por outra, que trouxera na sua goela uma planta de propriedades verdadeiramente milagrosas. Esculápio tinha o dom da observação. Convencido de que tudo deveria ter uma causa, até as doenças, aplicou-se em descobrir o que era nocivo à saúde humana e o que era capaz de reanimar os homens. Foi assim que, na viagem feita junto com os Argonautas, para Cólquida, salvou muitos heróis. Voltando da Cólquida, ressuscitou Hipólito, vítima de Fedra. — V. HIPÓLITO. — Júpiter ficou alarmado. Ao mesmo tempo, Plutão veio queixar-se de que se as coisas continuassem assim, em pouco seu reino não teria mais habitantes. Júpiter resolve agir e eliminar o audacioso que se atrevia a interferir no curso normal das coisas. Ordenou aos Ciclopes-Titãs que lhe forjassem um raio e abateu o infeliz mancebo. Logo depois, talvez arrependido da sua precipitação, colocou-o no Céu, onde formou a constelação do *Sagitário*. Eram-lhe consagrados o galo, a serpente, a tartaruga. Adoravam-no nas florestas, ao pé das fontes salutares e sôbre os montes elevados. A cidade de Epidauro rendia-lhe culto particular: nela havia um templo, um bosque e uma estátua de marfim. Mais tarde seu culto foi levado a Roma, após uma peste terrível que grassara naquela cidade. O templo de Esculápio, em Atenas, continha uma fonte de água quente. O deus, nesse templo, aparecia em sonhos aos doentes e recomendava-lhes os remédios eficazes para seus males. As indicações eram inscritas em pequenas tabuletas que depois eram suspensas na muralha, e serviam, freqüentemente de indicação aos médicos. Tal foi a origem do mais antigo *Codex* (nome por que em geral se designa o código farmacêutico). Em Epidauro, ainda, Esculápio era adorado sob a forma de serpente. Representam-no, em geral, sob a figura de um homem sério e grave, trazendo um bastão enrodilhado de uma serpente.

ESFINGE — Monstro temível, filho de Tifão e de Equidna. Tinha a cabeça e os seios de uma jovem, corpo de cão, garras de leão, asas de águia e cauda armada de agudo dardo. Juno, irritada contra os Tebanos, enviou a Esfinge para o monte Citerão, e lá o monstro se precipitava sôbre os viandantes propondo-lhe enigmas. Os que não soubessem responder satisfatòriamente, eram devorados. — V. ÉDIPO. — O oráculo havia anunciado que a Esfinge morreria

no momento em que alguém soubesse interpretar o enigma "Qual é o animal que tem quatro pés de manhã, dois ao meio-dia e três ao entardecer?". Êdipo explicou o enigma dizendo que era o homem. Foi assim que livrou a Beócia de um flagelo que já matara centenas de pessoas. A Esfinge precipitou-se no mar e lá pereceu.

ESMILAX — Ninfa que teve tanta mágua por se ver desprezada pelo jovem Croco, que se transformou num arbusto de pequenas mas odorantes flôres. Croco sofreu idêntica metamorfose. Há outra versão a respeito. — V. Croco.

ESMINTEU — Sobrenome de Apolo.

ESMÍNTIO — Deus que estava encarregado de dar caça aos ratos do campo.

ÉSON — Filho de Creteu e pai de Jasão. Foi destronado por Pélias e viveu até o retôrno dos Argonautas. Como estivesse muito velho, Medéia, a pedido de Jasão, rejuveneceu-o.

ESPARTA — Filha de Eurotas, rei da Lacônia. Casou-se com Lacedemônio e trouxe-lhe a coroa como dote. Êsse príncipe deu à capital do seu reino o nome da espôsa. Esparta ou Lacedemônia, é cidade da Lacônia.

ESPERANÇA — Divindade alegórica. Particularmente reverenciada pelos Romanos. Havia vários templos em sua honra. Era irmã do Sono, que faz esquecer as penas, e da Morte, que as termina. É a nutriz dos velhos. Figuram-na sob os traços de bela jovem, com ar sereno, sorrindo e coroada de flôres, com um ramilhete nas mãos. A côr verde é seu emblema.

ESPERMO — Uma das filhas de Ânio, que tinha a faculdade de mudar em trigo tudo que ela tocava.

ESQUENEIDA — Filha do rei Esqueneu, chamada Atalanta.

ESQUENEU — Filho de Atamante e rei da Beócia.

ESQUÍLIAS — A mais alta das sete colinas de Roma, lugar de execuções e cemitério para gente pobre. Hoje, Esquilino.

ESQUIROFORIAS — Esquiroforias ou Arreforias eram festas em honra de Minerva, celebradas em Atenas.

ESTÁFILA — Ninfa da qual Baco só recebeu desprêzo. Depois de tê-la tornado sensível ao seu amor, e de ter gozado das suas carícias, transformou-a em vinha. Do grego *Staphylé*, "cacho de uva".

ESTÁFILO — Filho de Baco e de Ariadne ou Ariana. Desposou Crisotêmis e teve três filhos: Molpádio, Partênia e Reo. Conforme outros autores, Estáfilo era filho de um pastor do rei Eneu, e também pastor. Tendo notado que uma das suas cabras sempre chegava atrasada ao aprisco, mas cheia de vida e alegria, seguiu-a, certa feita, cautelosamente, e descobriu que o animal comia grandes cachos de uva, que pendiam duma sebe. Estáfilo levou alguns cachos a Eneu que os espremeu e dêles fêz o vinho. Os Gregos, reconhecidos, deram ao precioso licor o nome de seu inventor (*oinos*, "vinho").

ESTATANO — Deus romano que se invocava quando a criança começava a sustentar-se com suas próprias pernas.

ESTATINA — Deusa romana que se invocava com a mesma finalidade com que era invocado o deus Estatano.

ESTATOR — Epíteto de Júpiter. O nome lhe veio do fato de ter detido o exército romano que fugia diante dos Sabinos.

ESTELENO — Rei de Argos ou da Mísia, filho de Perseu e de Andrômeda. Houve vários dêste nome, entre os quais um filho de Áctor; outro, igualmente célebre, participou do cêrco de Tróia.

ESTÉLIO — Criança que foi metamorfoseada em lagarto, por ter rido de Ceres, que comia e bebia com grande avidez.

ESTENEBÉIA — Filha de Iobates, rei da Lícia e mulher de Preto, rei de Tirinto. Após a morte de um certo Beleros, o jovem Belerofonte refugiou-se na côrte de Preto, do qual se tornou amigo. Estenebéia, porém, fascinada pelo jovem, tentou seduzi-lo, mas sem resultado. Furiosa, comunicou ao marido que Belerofonte quisera violentá-la, e exigia, assim, a sua morte. Preto, para não violar as leis da hospitalidade, e não querendo manchar suas mãos no sangue de quem considerara sempre como amigo, mandou o jovem ao seu sogro Iobates, com uma taboinhas nas quais se dizia que o portador deveria ser morto. Iobates, não querendo, igualmente, matá-lo, encarregou-o de diversas missões arriscadas, e o jovem cobriu-se de glória, pois a tôdas deu cabal cumprimento. Estenebéia, envergonhada, suicidou-se. — V. Belerofonte.

ESTÊNELO — Filho de Perseu e de Andrômeda. Foi rei de Argos e Micena. Desposou Nícipa, filha de Pélops, e foi pai de Euristeu, o perseguidor de Hércules e dos Heraclidas. — V. Perseu. V. Pélops. V. Euristeu.

ESTENO — Uma das três Górgonas. — V. GÓRGONAS.

ESTENTOR — Herói da *Ilíada*, cuja voz era muito poderosa. Dizia-se que sua voz fazia mais ruído que os gritos de cinqüenta homens ao mesmo tempo. Estentor era a trombeta do exército grego.

ESTÉROPE — Um dos Ciclopes. — V. CICLOPES.

ESTESÍCORO — Poeta que os Tindáridas cegaram por haver, nuns versos, atacado Helena, irmã dêles. O poeta cantou a palinódia e recobrou a visão.

ESTICTE — Nome de uma cadela da matilha de Acteão.

ESTÍFELO — Nome de um Centauro.

ESTIGE — Estige, primitivamente era uma Ninfa, filha do Oceano e de Tétis. Habitava a entrada dos Infernos, sob um pórtico, através do qual corriam suas águas. Foi amada do Gigante Palas, que lhe deu vários filhos: A Fôrça, o Valor, a Vitória. Quando Júpiter foi atacado pelos Gigantes, Estige ocorreu por primeiro a levar seu auxílio ao pai dos deuses. Como recompensa Júpiter determinou que os Imortais jurariam pelas suas águas: estenderiam uma mão sôbre a terra, outra sôbre o mar; ou estendiam a mão sôbre um pequeno vaso cheio d'água do Estige, ficando a cargo de Íris, o cuidado de enchê-lo. Aquêle que quebrava seu juramento, perdia a divindade por cem anos. Representavam-na sob a forma de mulher vestida de prêto, com uma urna, da qual corria lentamente a água. O Estige, hoje Mavro Nero, era uma ribeira do Peloponeso, que se lançava no Crátis, rio do gôlfo de Corinto. Pausânias diz que suas águas eram um veneno mortal, e que com elas Alexandre havia sido envenenado. — V. INFERNOS. — Era sôbre o Estige que passavam as Sombras, na barca de Caronte.

ESTIMICÃO — Nome de um pastor.

ESTINFALO — 1) Lago da Arcádia, sôbre as margens do qual havia monstruosa quantidade de pássaros estranhos: as asas, a cabeça e o bico eram de ferro; e as garras, extremamente aduncas, eram de bronze. Hércules matou-os a tiros de flecha.

2) Estínfalo, rei da Arcádia, filho de Elato e de Laódice. Pélops, estando em guerra com êle, atraiu-o a uma emboscada e, a traição, fê-lo em pedaços. Sua morte foi seguida de formidável sêca, que as preces de Éaco fizeram cessar.

ESTÍQUIO — Etólio, favorito de Hércules. Foi morto pelo herói num acesso de furor.

ESTRATONÍCIDE — Epíteto de Vênus em Esmirna.

ESTRIGES — Coruja ou bufo, que, segundo a crença, chupava o sangue das crianças; daí, feiticeira ou bruxa. Eram as Estriges vampiros que arrebatavam as crianças dos berços a fim de lhes sugar o sangue. Dava-se-lhes o nome de *Estriges* por causa do sibilo estridente que faziam ao voar durante a noite. Mais tarde passaram a chamar as feiticeiras de Estriges, porque essas escolhiam a noite para fazer seus malefícios.

ESTRIMÃO — Rio da Trácia. Separa a Macedônia da Trácia. Tem, hoje, o nome de Karasu ou Estruma.

ESTRÓFIO — Rei da Fócida e cunhado de Agamenão, cuja irmã, Astioquéia, havia desposado. Era pai de Pílades. Electra enviou o jovem Orestes, após a morte de Agamenão, a fim de subtraí-lo à ira de Clitemnestra, para a côrte de Estrófio. Lá encontrou o jovem Pílades e a amizade dos dois tornou-se célebre e proverbial.

ETA — Monte entre a Tessália, ao sul, e a Dórida, desde as Termópilas até o Pindo. Foi sôbre êsse monte que Hércules se suicidou.

ETÁLIDES — Filho de Mercúrio e de Eupólemo. Não conseguindo obter do pai a imortalidade, pediu-lhe duas coisas que lhe foram concedidas: 1) vivo ou morto, seria sempre informado do que se passava no mundo; 2) passaria a metade do tempo entre os vivos, e a outra metade entre os mortos. Pitágoras, para provar a metempsicose, dizia ter sido Etálides.

ETÃO — 1) O mesmo que Éton, um dos cavalos do Sol.

2) O mesmo que Éton, cavalo de Palante, que chorou grandes lágrimas pela morte do dono.

ETÉOCLES — Filho incestuoso de Édipo, rei de Tebas, e irmão de Polinice. — V. POLINICE.

ÉTER — Júpiter, considerado como o ar. Deus do ar.

ÉTION — Nome de um adivinho.

ETÍOPE — 1) Epíteto de Júpiter.

2) Filho de Vulcano e Aglaia; deu seu nome a Etiópia.

3) Nome de um dos cavalos do Sol.

4) Antigo nome da ilha de Lesbos.

5) Um dos nomes de Diana.

6) Epíteto de Baco, por causa da côr

do vinho ou por causa do calor que proporciona aos homens.

ETÍOPES — Habitantes da Etiópia.

ÉTLIO — Filho de Júpiter e de Protogênia. — V. PROTOGÊNIA.

ETÓLIA — Província da Grécia.

ETOLO — Filho de Marte, que deu nome à Etólia.

ÉTON — 1) Conforme alguns, pai de Tântalo.

2) Suposto nome de Ulisses.

3) Águia que roía o fígado de Prometeu.

4) Um dos cavalos do Sol.

5) Um dos cavalos de Palante, filho de Evandro.

6) Cavalo de Heitor.

ETRA — Filha de Piteu, rei de Trezena. Casou-se com Egeu, rei de Atenas e foi mãe do herói Teseu. — V. TESEU. — Quando seu filho, secundado por Pirítoo, raptou a jovem e bela Helena, filha de Tíndaro, rei de Esparta, foi a Etra que a confiaram. Etra guardou a formosa Helena num lugar obscuro e de difícil acesso. Entretanto, foi obrigada a devolvê-la aos Tindáridas, que a levaram a viva fôrça. Etra foi feita prisioneira pelos irmãos de Helena. — V. TINDÁRIDAS. — Outra versão: Etra, virgem, tornou-se amante de Egeu, quando êste se achava na côrte do rei Piteu, pai da donzela. Seu amante, obrigado a retornar para seus estados, deixou-a grávida e com a recomendação de que se ela desse à luz um filho, que o mandasse para êle logo que crescesse. O menino nasceu e foi o famoso Teseu. Piteu, para encobrir a vergonha da filha, publicou que Netuno tinha se apaixonado pela jovem e a fizera mãe. Assim é que Teseu passou por filho do deus Netuno. Quando os Dióscuros, Castor e Pólux, recapturaram Helena, raptada por Teseu, levaram com êles Etra, na qualidade de escrava. Etra seguiu seus senhores em diversas aventuras e foi até ao cêrco de Tróia. Na tomada da cidade, foi reconhecida pelos seus netos Demofoonte e Acamante e libertada da escravidão.

EUBULEU — Filho de Júpiter e Prosérpina.

ÉUBULO — Cognome de Baco. Significa "Bem avisado ou "Prudente".

EUFEMO — Filho de Netuno e da Europa. Foi do número dos Argonautas. Com a morte de Tífis, assumiu as funções de pilôto do navio. Seu nome interpreta-se como "Bom augúrio", "Favorável".

EUFORBO — Troiano, filho de Panto. Foi o que deu o primeiro golpe em Pátroclo. Menelau matou-o e suspendeu seu escudo no templo de Juno, em Argos. Pitágoras afirmava que sua alma havia animado o corpo de Euforbo.

EUFORIÃO — V. EUFÓRION. V. AQUILES.

EUFÓRION — Filho de Aquiles e de Helena. Nasceu com asas, nas ilhas Afortunadas. Foi fulminado por Júpiter. Interpreta-se seu nome como "Fácil de carregar".

EUFROSINA — "Alegria da Alma", nome de uma das três Graças.

EUMEDES — Troiano, pai de Dólon.

EUMELO — Rei de Patras, amigo de Triptólemo.

EUMÊNIDES — "As Benevolentes", antífrase que designa as Fúrias. Diz-se que os Atenienses designaram as Fúrias com êsse nome a partir do célebre dia em que, persuadidos pela eloqüência persuasiva de Minerva, no grande debate que se travou sôbre a Acrópole, entre elas e Orestes, o matricida, prometeram protegar o solo da Ática. Eram, também, conhecidas pelo nome de Erínias. Contavam-se três: Tisífone, Alecto e Megera. Velhas, repulsivas, vestidas de negro, com asas nas espáduas, percorriam as Eumênides silenciosamente o espaço. Mostravam-se coroadas de serpentes aos malfeitores. Acompanhavam os criminosos durante a vida e desciam com êles aos Infernos, onde Tisífone executava as sentenças do tribunal infernal. Outros afirmam que o nome Eumênides lhes foi dado em virtude de serem elas, para os bons, cheias de complacência e doçura. Castigavam com particular severidade a impiedade dos filhos para com os pais. Orestes, o matricida, foi perseguido impiedosamente pelas Eumênides. Seu processo foi o mais confuso e o mais impressionante, pois o jovem cometera um crime abominável inspirado por um deus. Mereceria castigo ou prêmio? Pela mais sábia dos Imortais, na mais douta das cidades, Atenas, diante do mais esplêndido tribunal, o Areópago, decidiu-se êsse caso de consciência. Na colina de Ares, pois, em Atenas, Minerva tomou assento. Apresenta-se Orestes, trazendo após si seus encarniçados adversários. Minerva convoca os juízes. Os sufrágios dividiram-se em partes iguais: a deusa ajuntou o seu a favor de Orestes. É o voto de Minerva. As Eumênides, apaziguadas pela deusa, deixaram a vítima em paz. E continuaram

a sua tarefa. Castigaram Cronos, castigaram Medéia, castigaram Édipo... Velavam para que nenhuma desordem se estabelecesse no sistema estabelecido pelos deuses. Quando Xanto, o cavalo de Aquiles, se pôs a profetizar, logo as Erínias o fizeram calar. Daí a elegante sentença de Heráclito: "Se o sol deixasse de andar por onde deve, logo as Erínias o obrigariam a reentrar na órbita." O dom da profecia era exclusivo dos deuses e dos homens, que têm a palavra articulada. Protegiam, igualmente, o viajante, o estrangeiro, o mendigo assentado junto à lareira, e puniam severamente o perjúrio. Deusas da moralidade e da ordem, tanto física como moral, asseguravam na terra o reino do direito e da lei.

EUMEU — Fiel servidor de Ulisses, porqueiro, foi o primeiro que o reconheceu quando chegou a sua pátria. Valentemente ajudou-o a vencer os insolentes pretendentes à mão de Penélope.

EUMOLPO — Personagem lendária de origem trácia, que, segundo a tradição ática, veio estabelecer-se em Elêusis, onde instituiu os mistérios de Deméter e a cultura da vinha. Diziam-no filho de Netuno e de Quíone.

EUNOSTO — Divindade adorada pelos moleiros, e cuja imagem se encontrava em todos os moinhos.

EURÍALE — Uma das três Górgonas. Não estava sujeita nem à velhice nem à morte. — V. GÓRGONAS.

EURÍALO — Jovem guerreiro troiano, de rara beleza, amigo terno e fiel de Niso. Seguiram com Enéias para a Itália. Eram inseparáveis, e sua amizade tornou-se proverbial pelo tocante amor que os unia. Niso deixa de ganhar na corrida, durante os jogos celebrados por Enéias, em honra de Anquises, para que seu amigo conseguisse o prêmio. Euríalo foi morto por Volscente; Niso vinga-o mas é, também, morto.

EURÍBATES — Arauto dos Gregos no cêrco de Tróia.

EURICLÉIA — Ama de Ulisses, que por primeiro o reconhece, quando êste voltou a Ítaca, após vinte anos de ausência.

EURIDAMANTE — Sobrenome de Heitor.

EURÍDICE — Ninfa Hamadríade, espôsa de Orfeu. — V. ORFEU. V. HAMADRÍADE.

EURÍLOCO — Companheiro de Ulisses, o único que escapou aos encantos de Circe e não foi metamorfoseado em porco. — V. CIRCE. V. ODISSÉIA.

EURÍMACO — Um dos pretendentes à mão de Penélope e morto dor Ulisses. — V. ODISSÉIA.

EURÍNOME — 1) Filha do Oceano e de Tétis, que Júpiter tornou mãe das três Graças.

2) Filha de Apolo e mãe de Adrasto, rei de Argos.

3) Filha de Niso.

4) Um dos deuses infernais que se alimentava da carne dos cadáveres. Representavam-no negro, sentado sôbre um abutre mostrando os dentes.

EURÍPILO — 1) Filho de Hércules e de Eubotéia.

2) Lendário rei da Tessália, filho de Evemão, um dos pretendentes à mão de Helena. Era adivinho famoso. Após a destruição de Tróia, recebeu um cofre que continha uma imagem de Baco. A vista dessa estátua fê-lo perder a razão.

EURÍSTENES — Filho de Egito.

EURISTEU — Filho de Estênelo, rei de Argos e Micenas, e de Nicipa, filha de Pélops e irmã dos Atridas. Seu pai era filho de Perseu. Na época em que Euristeu estava para nascer, o rei de Tebas, Anfitrião, também esperava um herdeiro, mas para data mais próxima. A bem dizer, o filho que estava para nascer de Alcmena, mulher de Anfitrião, não era de Anfitrião, mas de Júpiter. Júpiter, que declarara, no conselho dos deuses, que o descendente de Perseu que ia nascer, gozaria sôbre a terra de poder soberano, desencadeou na ciumenta Juno despeito terrível. A deusa fêz com que o filho de Estênelo, esperado para uma época ulterior, nascesse primeiro. E é assim que, mau grado tôda sua fôrça física, Hércules, o filho de Alcmena, tornou-se, um dia, súbdito de Euristeu. Êste, porém, apavorado com a fôrça monstruosa de Hércules, tudo fêz para se ver livre de tão incômodo servidor, e impôs-lhe, então, os trabalhos mais difíceis e perigosos. — V. TRABALHOS DE HÉRCULES. — Hércules saiu vitorioso de tôdas as emprêsas. Após a morte do herói os Heraclidas foram perseguidos por Euristeu e constrangidos a deixar Micenas. Por fim, na Ática, trava-se uma batalha decisiva entre Euristeu e os Heraclidas. Euristeu é morto. A vacância do trono foi a primeira causa da espantosa rivalidade entre Atreu e Tiestes, seus sobrinhos.

EURITIÃO — Um dos companheiros de Enéias.

EURITIDA — Filha de Êurito, rei da Ecália, i. é, Iola ou Iole.

EURITO — Rei da Ecália, na Etólia. Tendo faltado sua palavra a Hércules, ao qual havia prometido sua filha Iole, o herói cercou a cidade, matou-o e levou a jovem. — V. HÉRCULES.

EURO — Vento do Oriente, violento e tempestuoso, segundo uns, calmo e doce, conforme outros.

EUROPA — Filha de Agenor, rei da Fenícia. Era tão bela, tão branca, tão meiga e fascinante, que, dizia-se, uma das aias de Juno havia roubado os arrebiques da deusa para dá-los a Europa. Sua brancura, afirmavam, iluminava os lugares sombrios. Júpiter viu-a, um dia, e no desejo de possuí-la, resolveu raptá-la. Tomou a forma de um touro e veio misturar-se aos animais que compunham os rebanhos de Agenor. À vista do belo animal, que Europa ainda não conhecia, a virgem chega-se a êle e o acaricia. Dá-lhe ervas, cerca seus chifres de guirlandas e, por fim, como o animal se curvasse, ela monta sôbre seu dorso. Logo o touro sai em disparada, lança-se ao mar, atravessa-o a nado e leva sua prêsa para Creta. Penetra na ilha pela embocadura do rio, sobe o curso d'água e deposita a jovem em terra, sob um plátano. Toma a sua forma de deus, declara-

RAPTO DE EUROPA POR JÚPITER TRANSFORMADO EM TOURO
(*Pintura mural de Pompéia*)

-lhe seu amor e dá seu nome à parte do mundo para a qual êle a havia transportado. Dessa união nasceram Minos e Radamanto; conforme outros, Êaco e Sarpédon ou Sarpedão. O rei da ilha, Astério, deslumbrado com a brancura e a beleza da jovem, casou-se com ela. Europa, depois da sua morte, foi honrada como deusa pelos Cretenses.

EUROTAS — Rio da Lacônia.

EUTERPE — "A Encantadora", nome da Musa da Música. Inventou a flauta. Representam-na coroada de flôres, com uma flauta na mão, tendo aos pés papéis de música e vários instrumentos musicais.

EVAN — Nome de Baco, tomado do grito das Bacantes.

EVANDRO — Filho de Mercúrio e de uma Ninfa árcade, a profetisa Carmenta. Cêrca de sessenta anos antes da guerra de Tróia, veio com uma colônia de habitantes de Palanteu, cidade da Arcádia, para a Itália. Acampou nas margens do Tibre, ao pé do monte Palatino, onde fundou uma cidade a que deu o nome de Palanteu. Esta cidade, mais tarde, foi incorporada a Roma por Rômulo. Quando Enéias, recém desembarcado no Lácio, viu-se atacado por Turno, Evandro correu em seu auxílio, oferecendo-lhe quinhentos cavaleiros comandados por seu filho Palante; êle mesmo estava por demais velho para as lides da guerra. Interpreta-se *Evandro* como "Homem bom"; outros o consideram sinônimo de *Faunus*, "Aquêle que favorece"; muitas vêzes Evandro é confundido com Pã ou com Fauno, e sua mãe, Carmenta, com Fauna, irmã ou mulher de Fauno. Evandro introduziu no Lácio não só leis justas e suaves, mas também costumes morigerados. Sob o reinado de Marco Aurélio, Evandro e Palante tiveram seu templo, com as respectivas estátuas, em Palanteu, na Arcádia.

EVENO — Rei da Etólia, que deu seu nome ao rio Licormas.

EVIPE — 1) Mulher de Piero, mãe das Piérides.

2) Filha de Quirão. Grande caçadora. Deixou-se seduzir pelo monte Pelião e foi transformada em égua, por ter querido esconder sua falta ao pai.

3) Jovem seduzida por Ulisses; o filho chamou-se Eurísalo.

EVIPO — Filho de Téstio. Foi morto involuntàriamente por seu irmão Íficlo, durante a caçada ao javali do Calidão.

EVÔNIMO — Filho de Celo e da Terra. Deu seu nome a uma das tribos da Ática.

EXÁDIO — Um dos Lápitas.

EXCETRA — Sobrenome da Hidra de Lerna, por causa das cabeças que renasciam sem cessar.

EXÓPOLIS — Nome de Vênus, cuja estátua se erguia fora das muralhas de Atenas.

F

FABÁRIAS — Sacrifícios que se faziam em Roma em honra de Carna, ou Carda, divindade que presidia às partes nobres do corpo humano. Realizavam-se no monte Célio. Oferecia-se à divindade toucinho com bolos feitos com farinha de favas.

FÁBIO — Filho de Hércules e de uma filha de Evandro.

FÁBULA — Divindade alegórica, filha do Sono e da Noite. Era representada com uma máscara no rosto e magnìficamente vestida.

FABULINO — Deus ao qual os Romanos ofereciam sacrifícios logo que as crianças começavam a falar.

FADO — 1) O mesmo que Fato.

2) Capitão Latino morto por Euríalo.

FAETONTE — O brilhante Faetonte era filho do Sol e da Ninfa Clímene, filha do Oceano e de Tétis. Radioso como seu pai, gostava de apregoar sua ilustre progênie e de gabar-se da sua resplandescente beleza. Vênus o fizera guarda dos seus altares. O jovem tornava-se insuportável com sua vaidade. Certa feita, seu amigo, Épafo, duvidou da paternidade de que tanto se orgulhava. Faetonte corre a sua mãe. Esta manda-o a Apolo. Faetonte entra no palácio do Sol, onde os muros flamejam, onde tudo brilha e rutila. Vê o deus assentado no seu trono ígneo, cercado de ouro e diamantes. Logo que Apolo o viu, despoja-se de todos os raios, a fim de não o abrasar. Faetonte explica-lhe as razões pelas quais ali se encontra e repete-lhe as palavras do filho de Io. Pede, a seguir, um favor que mostrará a todos sua legítima paternidade. O deus, num impulso de amor paternal, jura pelo Estige conceder-lhe a graça que o jovem pedir. Faetonte, então, pede a Apolo a permissão de, durante um dia, iluminar o mundo, conduzindo o carro do Sol. Atemorizado com a imprudência do filho, tenta convencê-lo do perigo e da inconveniência de tal pedido. Mas êle jurara, o filho permanece inabalável na sua decisão, e o carro do Sol lhe é confiado. As Helíadas, suas irmãs, atrelam os fogosos cavalos; Faetonte toma as rédeas, o curso de um dia começa. Os árdegos corcéis, porém, logo sentem que outra mão os dirige que não as de Apolo; partem aos saltos, ora muito baixo, ora muito alto; o Olimpo queda-se atônito; os mortais, pálidos de terror, vêem um espetáculo inusitado. Às vêzes parece que tudo vai ser prêsa das chamas; outras vêzes, a terra corre o risco de morrer congelada; as montanhas ora começam a arder, os rios a secar, ora o Sol desaparece, para logo mais encandecer as planícies. A Terra lança seus lamentos ao alto Olimpo; os rios suplicam piedade; as florestas ardem. Júpiter, para prevenir males maiores não tem outro recurso senão fulminar com seus raios o imprudente auriga. O corpo do infeliz Faetonte tomba no Erídano; o Sol retoma as rédeas e tudo volta ao seu curso normal. Tal catástrofe trouxe conseqüências lamentáveis: a morte e a metamorfose das Helíadas e do seu grande amigo e parente

BIBLIOTECA

Cicno. V. HELÍADAS. V. CICNO. V. FAETONTÍADAS.

FAETONTIADAS — Irmãs de Faetonte. — V. HELÍADAS.

FAETUSA — Irmã de Faetonte.

FALANX — Irmão de Aracne. Concebeu por sua irmã criminosa e violenta paixão; Minerva, como castigo, metamorfoseou-o em víbora.

FALEROS — 1) Herói grego que acompanhou os Argonautas.

2) Centauro.

FÁLIAS — Filho de Hércules e de uma Testíade.

FÁLICAS — Festas que se realizavam em Atenas, em honra de Baco.

FÁLIS — Rei de Sídon.

FALISCOS — Povos da Etrúria.

FALO — Divinização do órgão genital masculino. Significa, também, a imagem obscena de Priapo.

FÁLOE — Ninfa filha do rio Líris. Havia sido prometida em casamento a quem a livrasse de temível monstro alado. Apresentou-se um jovem, Elaato, que se ofereceu para exterminar o monstro. De feito, conseguiu-o; acontece, porém, que o infeliz jovem morre antes do casamento. Fáloe derramou tantas lágrimas, que os deuses, comovidos, transformaram-na numa fonte, cujas águas, manando de uma nascente cercada de ciprestes, misturavam-se às do rio seu pai, mas de tal maneira que se podia reconhecer uma e outra por causa do amargor.

FALOFORIAS — Ministros de Baco que celebravam as festas e cerimônias que se praticavam nas Fálicas.

FALÓFOROS — Ministros de Baco que carregavam o Fálo nas festas Fálicas.

FALOLOGIA — Procissão solene na qual se conduzia um grande Falo.

FAMA — Era a mensageira de Júpiter. Os Atenienses construíram-lhe um templo e honravam-na com culto regular; entre os Romanos, Fúrio Camilo, igualmente, dedicou-lhe um templo. Representam-na os poetas como gigantesca deusa de cem bôcas e cem orelhas. Era provida de longas asas, sob as quais se ocultava número quase infinito de olhos. Vergílio assim a descreve: "Sem demora a Fama vai pelas grandes cidades da Líbia, a Fama, de todos os flagelos o mais veloz; vive do movimento, e, caminhando, ganha fôrças; a princípio pequena, por causa do mêdo, logo se eleva nos ares, penetra no solo e esconde sua cabeça nas nuvens. Gerou-a a mãe Terra, que, irritada com as iras dos deuses, deu à luz, como dizem, esta última irmã do Céu e de Encélado, provida de ágeis pés e de asas rápidas. Monstro horrível, enorme, que tantos olhos vigilantes tem sob as penas — coisa admirável de se dizer! — quantas plumas no corpo traz, outras tantas línguas, outras tantas bôcas sonoras, outras tantas orelhas atentas. À noite, voa entre o Céu e a Terra, sibilando na sombra, e o doce sono não lhe cerra as pálpebras; de dia, monta guarda no cume dum edifício ou no fastígio das altas tôrres e semeia o terror entre as grandes cidades: mensageira tão constante da mentira e do êrro como da verdade." Ovídio, igualmente, a descreveu nestes têrmos: "Há um lugar no centro do mundo, situado entre a terra, o mar e as regiões do Céu, que confina com estas três partes do Universo. De lá, tudo que se passa em qualquer lugar, qualquer que seja a região longínqua, é visto, e não há voz que não seja percebida por ouvidos atentos a recebê-la. É a mansão da Fama, que escolheu sua moradia na parte mais elevada de um cume, ao qual ajuntou mil aberturas na muralha e inúmeros acessos, cujo limiar nenhuma porta cerra. Noite e dia permanece aberta esta morada. Foi feita tôda ela de bronze sonoro; seus muros vibram de alto a baixo, reenviam o som e repetem o que ouvem. Dentro não há sossêgo, em nenhuma parte silêncio. Contudo, não são clamores que lá reboam, mas murmúrios em voz submissa, semelhantes ao ruído que fazem as ondas do mar quando de longe se escutam, ou, à distância, quando Júpiter entrechoca as negras nuvens e os ribombos do trovão rolam por sôbre a terra. Uma multidão ocupa os pórticos; ligeiro povo vem e vai; misturados às verdadeiras notícias, milhares de falsos boatos aí circulam e confusos mexericos aí têm curso. Dêsses rumores, alguns enchem, sob a forma de conversa, orelhas vazias, outros transmitem as coisas narradas a um terceiro, as proporções da mentira crescem e o nôvo autor da maledicência ajunta algo às coisas ouvidas. Lá é a moradia da Credulidade, do temerário Êrro, da vã Alegria, dos constantes Temores, da Sedição repentina e dos Sussurros de proveniência duvidosa. A Fama vê tudo que se passa no Céu, no mar, sôbre a Terra, e investiga o orbe inteiro."

FANTASO — Filho do Sono.

052945

ASBAC - SP
BIBLIOTECA

FÁON — Célebre Mitileneu, que recebeu de Vênus um vaso de alabastro cheio de perfume. Êsse perfume possuía notável propriedade: logo que Fáon com êle se ungiu e esfregou, tornou-se o mais belo dos mortais e tornou-se a paixão e o ídolo das jovens. Sobretudo a famosa Safo, a poetisa, ficou perdida de amôres por êle. Mas Fáon demonstrou certa frieza nos seus sentimentos para com a célebre beldade; esta, então, de despeito, jogou-se ao mar do alto dum promontório. Fáon, em memória dêsse acontecimento mandou construir, em honra de Vênus, um templo sôbre a montanha Léucade.

FÁRIS — 1) Filho de Mercúrio e de Filodaméia.

2) Cidade da Lacônia.

FASCINO — Divindade protetora da infância. Suspendia-se sua imagem ao pescoço das crianças, a fim de evitar malefícios. A mesma imagem punha-se, também, no carro dos triunfadores, para que se não deixassem invadir pelo orgulho. Seu culto estava confiado às Vestais.

FASE — Príncipe da Cólquida. Tétis transformou-o em rio por não ter conseguido conquistar seu amor.

FASÍADA — Medéia. — V. MEDÉIA.

FÁSIDA — Medéia.

FASTOS (OS) — São os *Fastos* verdadeiro calendário em verso. Constam de seis livros; a segunda parte não foi composta. Obra do grande poeta latino Públio Ovídio Naso, nascido em 43, antes da nossa era, em Sulmona. Morreu, no exílio, em 17 ou 18 da nossa era. Sua obra principal são as *Metamorfoses*, imitadas de Nicandro e Partênios. Nos *Fastos*, em seis cantos, inacabada, Ovídio canta a origem das antigas festividades religiosas de Roma. "Os *Fastos* acompanham com pequenas poesias narrativas o calendário das festas romanas; ao lado de idílios encantadores, aparecem versões fastidiosas de episódios patrióticos". A obra carece de maior interêsse.

FATO — Destino, entre os Romanos. Era um poder cego e arbitrário ao qual estavam sujeitos os próprios deuses. — V. MOIRA.

FÁTUA — 1) Cibele como deusa encarregada de fazer as criancinhas falarem.

2) Outro nome para Fauna.

FÁTUO — Deus das florestas, entre os Romanos. Confunde-se com Fauno.

FAUNA — 1) Cibele, como auxiliadora dos homens.

2) Filha de Pico. Era irmã e mulher de Fauno. Foi posta no número dos imortais por causa da sua castidade e continência. Fêz voto de jamais olhar para outro varão que não fôsse seu marido, e cumpriu-o religiosamente. Às mulheres predizia o futuro, assim como Fauno o predizia aos homens. Chamam-na, às vêzes, a Boa Deusa, e, sob êste título, ofereciam-lhe as mulheres sacrifícios dos quais os homens estavam excluídos.

FAUNÁLIAS — Festas que os camponeses celebravam duas vêzes por ano, em honra de Fauno.

FAUNO — Rei dos Aborígenes. Era filho de Pico. Estabeleceu culto público em honra do seu antepassado, Saturno, e pôs o pai entre os deuses. Conferiu o dom da profecia a sua mulher Fauna e ao seu filho Esterêntio. Preocupava-se grandemente com o bem-estar dos seus súbditos, que o respeitavam como a um deus. Nos primórdios de Roma, teve um templo sôbre o monte Célio. É, talvez, a divindade mais antiga dos Latinos. Costumam confundi-lo com Silvano e com Pã. Foi pai de Latino. — V. LATINO. — Honrado sob o nome de Luperco, — V. LUPERCO, LUPERCAL E LUPERCAIS — teve um santuário sôbre o Palatino, o famoso Lupercal. Os Lupercos eram seus sacerdotes, e a sua festa, Lupercais. Em 196 antes de Cristo, ergueram a Fauno um templo na ilha Tiberina, com o produto das multas impostas aos rendeiros das pastagens públicas. Era adorado, também, nas *Faundlias*, na primavera e no outono.

FAUNOS — Deuses rústicos, descendentes de Fauno, que habitavam os campos e as florestas. São divindades particulares da Itália. Têm semelhança com os Egipãs e os Sátiros. Não tão feios como os Sátiros, e menos brutais e grosseiros, presidiam de modo especial aos trabalhos dos campos. Viviam nas florestas e nos campos. São confundidos com os Silvanos, e, como êstes, estavam sujeitos à morte, que vinha sòmente após uma dilatada existência. Eram figurados com corpo humano, chifres de cabra, e, da cintura para baixo, com forma de bode. O pinheiro e a oliveira selvagem lhes eram consagrados.

FÁUSTULO — Pastor que achou e criou os gêmeos Rômulo e Remo. Fáustulo era intendente dos rebanhos de Amúlio, e marido de Aca Larência. — V. ESSA PALAVRA.

FAVÔNIO — Um dos principais ventos para os Latinos; é o mesmo Zéfiro dos Gregos.

FEACES — O mesmo que Feácios.

FEÁCIA — Ilha da Esquéria, no mar Jônio. Os Feácios eram conhecidos pela hospitalidade e pendor para o prazer. Conforme alguns, Esquéria era a mesma Corcira, hoje Corfu.

FEÁCIOS — Habitantes da Feácia. Segundo Homero, habitavam, antes, a vasta Hiperéia, ao pé dos Ciclopes. Não sofrendo êles tal vizinhança, sob a direção do grande Nausítoo, passaram-se para a Esquéria. Os Feácios acolheram benignamente Ulisses, quando êste retornava para Ítaca. — V. Odisséia.

FÉBADA — Sacerdotisa de Apolo e profetisa.

FEBE — Diana como deusa da Lua.

FEBÍGENA — Filho de Apolo, Esculápio.

FEBO — Deus do Sol. Apolo. Ovídio alude a dois Febos, *utroque Phoebo*, que se deve entender como o Sol nascente e o Sol poente. — V. Apolo.

FEBRUÁCIO — Grande festa do deus Fauno, celebrada no mês de fevereiro.

FÉDIMO — Um dos filhos de Anfião e Níobe.

FEDRA — Filha de Minos, rei de Creta, e Pasífae. Vênus vingou-se de Fedra como já se vingara da mãe, Pasífae, porque o deus do dia, o Sol, a havia surpreendido nos braços de Marte; o Sol era o pai de Pasífae. — V. Minotauro. — Teseu, depois de ter matado o Minotauro, fugiu de Creta levando consigo Ariana; junto com esta foi sua irmã Fedra. Mais tarde, Fedra tornou-se mulher de Teseu, ou do seu irmão Deucalião, com o consentimento de Minos. Teve dois filhos, Demofoonte e Acamante. Teseu teve da Amazona Antíopa um filho, Hipólito, que fôra criado em Trezena. Teseu, tendo necessidade de ir a Trezena, levou consigo a espôsa, Fedra. Esta, logo que viu o belo adolescente, sentiu o aguilhão do desejo roer-lhe o coração. Mas, prudente, não ousou dar nenhum indício da sua paixão na presença do marido. Quando êste quis voltar para Atenas, Fedra, desesperada com a idéia de ficar longe do objeto dos seus mais vivos desejos, inventou um pretexto para permanecer em Trezena. Lembrou-se de mandar edificar a Vênus um templo sôbre uma montanha vizinha da cidade. Em seguida, sob pretexto de ir ao santuário levar seus votos à deusa, lá ficava horas a fio, contemplando o belo jovem que fazia seus exercícios num campo vizinho ao templo. Por fim, não resistindo mais à paixão, confessou seu amor a Hipólito. Êste, horrorizado, expulsou-a com veemência. Fedra, furiosa, acusou-o diante do marido de ter êle tentado contra a sua virtude. Teseu, impulsivo, sem interrogar o môço, sem lhe dar ocasião de justificar-se, entregou-o à vingança de Netuno. Netuno havia prometido a Teseu atender a seu primeiro pedido. O pedido de vingança contra o filho, foi o primeiro que o herói fêz ao deus do mar. Netuno não se pôde esquivar. Mandou, pois, um monstro marinho, que de tal modo espantou os cavalos que conduziam o carro de Hipólito, que aquêles tomaram o freio nos dentes, precipitaram-se sôbre rochas e precipícios, quebrando o carro e matando o jovem automedonte. A essa funesta notícia, Fedra confessou seu crime e suicidou-se.

FEGEU — 1) Rei da Arcádia. Recebeu na sua côrte Alcmeão, para expiar o crime de haver matado sua mãe Erifila. Depois deu-lhe em casamento sua filha Alfesibéia ou Arsínoe. Alcmeão deu a Alfesibéia o famoso colar de Erifila, que fôra tão funesto à casa de Anfiarau, e que não o foi menos à de Fegeu. — V. Alcmeão.

2) Filho de Dares, morto por Diomedes.

FÉGIDA — Filha de Fegeu, i. é, Alfesibéia.

FELICIÃO — Deus da Felicidade e da Abundância entre os Romanos. Em latim *Felicio, onis*, de *Felix*, "feliz." Encontra-se, às vêzes, a forma *Felício*.

FENA — Uma das Graças, conforme os Lacedemônios.

FENE — Perifante reinou na Ática antes do advento de Cécrope. Em virtude da sua justiça, recebeu as honras atribuídas a Júpiter. Êste, indignado, limitou-se, a pedido de Apolo, a transformá-lo em águia. A mulher de Perifante foi metamorfoseada em xofrango ou rabalva ou águia pesqueira. Esta ave, em grego, chama-se *Phéenee*.

FÊNIX — 1) Ave fabulosa da qual os Egípcios teriam feito uma divindade. Conta-se que a Fênix vivia cem anos; findo êste prazo, deitava-se no deserto, num ninho de gravetos e fôlhas sêcas; o sol, incidindo sôbre ela, abrasava-a; das suas cinzas surgia uma nova Fênix. Outros afirmam que vivia muitos séculos antes de ser queimada. Ovídio assim fala dessa ave fabulosa: "...Não há senão um ser, uma ave, que

se regenera e se reproduz por si mesma; fênix chamam-na os Assírios. Alimenta-se não de grãos ou de ervas, mas das lágrimas do incenso e do suco do amomo. Logo que completou cinco séculos de existência, nos ramos e no cimo de uma palmeira que se balança ao vento, com as garras e o bico puro, constrói o seu ninho. Após haver aí estendido um leito construído de canela, praganas de espigas de nardo de suave olor, e de pedaços de canela misturados com mirra pardo-amarelada, deita-se nêle e finda sua vida em meio de perfumes. Então, diz-se, uma pequena fênix, destinada a viver igual número de anos, renasce do corpo paterno. Quando a idade lhe dá fôrças e é capaz de carregar fardos, alivia os ramos da alta árvore do pêso do seu ninho, e carrega o que foi seu bêrço e o túmulo do seu pai; uma vez chegada, através dos ares ligeiros, à cidade de Hiperíon, aí o deposita, diante das portas sagradas do templo de Hiperíon..."

2) Filho de Amintor, falsamente acusado por uma das concubinas do pai de ter querido violá-la, teve os olhos vazados. Exilou-se voluntàriamente e foi procurar asilo junto a Peleu. Êste recebeu-o com bondade, fê-lo preceptor de seu filho depois que o Centauro Quirão restituiu-lhe os olhos. Acompanhou Aquiles ao cêrco de Tróia.

3) Pai de Adônis, conforme Hesíodo.

4) Filho de Agenor e Telefassa.

FÉNOPS — 1) Amigo de Hércules.

2) Pai de Xanto e de Toon, que foram mortos no mesmo dia por Diomedes.

3) Pai de Fórcida, morto por Ájax.

FEÓCOMES — Gigantesco Centauro que se cobria com várias peles de leão. Foi morto por Nestor.

FERÁLIAS — Festas em honra dos deuses Manes, celebradas em Roma a 21 de fevereiro.

FERECLEU — Armador que construiu o navio em que Páris foi raptar Helena.

FERÉIA — Epíteto de Diana, tomado da cidade de Feras, na Tessália, onde havia celebérrimo templo em sua honra.

FERENTINA — Divindade que tinha um templo em Ferentino, no Lácio.

FERES — Filho de Creteu, fundador da cidade de Feras, na Tessália. Era pai de Admeto e Licurgo.

FERETÍADA — Filho de Feres, i. é, Admeto.

FERÔNIA — Deusa protetora dos libertos; era, também, a deusa dos bosques e dos vergéis. Tinha um templo perto da cidade de Ferônia. Certa feita, o fogo propagou-se no bosque que lhe era consagrado; quiseram tirar sua estátua para livrá-la do incêndio, mas o fogo extinguiu-se e as árvores readquiriram sua prístina verdura. Deusa muito antiga, era adorada, principalmente, pelos povos da Itália Central: Etruscos, Sabinos, Latinos, Volscos e Úmbrios, notadamente nas cidades de Capena, Terracina e Preneste. A Ferônia de Capena era particularmente célebre: tinha um templo circular adornado com uma cúpula, onde seu culto se associava ao do deus solar Sorano. Celebravam seu culto os Hirpinos Sorânios. Festejava-se, anualmente, com grande pompa, o dia da deusa. Nessas festas os seus sacerdotes caminhavam descalços sôbre brasas incandescentes. Seu templo, riquíssimo, foi pilhado pelos Cartagineses durante a segunda guerra Púnica. Em Terracina ou Tarracina, consideravam a deusa como protetora dos libertos. No seu templo vinham os libertos receber o gorro, *pileus*, insígnia do seu nôvo estado. Havia aí a seguinte inscrição: *Bene meriti servi sedeant, surgant liberi.* Ferônia, da qual há poucas imagens, trazia uma coroa com raios.

FÉSULA — Fésula foi uma Ninfa semelhante às Graças. Ama de Baco.

FÍALE — Uma das Ninfas do cortejo de Diana.

FIANDEIRAS (AS) — As Parcas. — V. PARCAS.

FIDES — "Boa Fé", "Fé Pública", ou, simplesmente, "Fé", deusa dos Romanos cujo culto foi estabelecido no Lácio antes de Rômulo. Possuía templos, sacerdotes e sacrifícios. Representavam-na sob a figura de mulher vestida de branco e com as mãos postas. Nos sacrifícios que lhe eram oferecidos e que se faziam sempre sem efusão de sangue, os sacerdotes-sacrificadores deveriam permanecer velados com um estôfo branco, e conservar as mãos cobertas. Duas mãos unidas eram o símbolo da Boa Fé. — V. BOA FÉ.

FÍDIO — Deus da Boa Fé, entre os Romanos, filho de Júpiter. O deus Fídio era uma divindade secundária da religião romana, e personificava a boa fé. Foi logo identificado com o deus sabino *Semo Sancus*, que garantia os juramentos e as promessas. Possuía um templo no Quirinal, onde costumavam

depor o texto de certos pactos ou tratados. No local onde existiu êsse templo, encontraram uma estátua do jovem deus, espécie de Apolo com os braços quebrados, sem nenhum atributo e com uma inscrição indicando que se tratava de *Semo Sancus Dius Fidius*. — V. FIDES.

FIGUEIRA RUMINAL — Figueira debaixo da qual uma lôba alimentou Rômulo e Remo. Ruminal vem de *Rúmina*, deusa que presidia ao aleitamento das crianças.

FÍLACE — Cidade da Grécia.

FÍLACO — Pai de Íficlo. Deu seu nome à cidade de Fílace.

FILÁMON — Argonauta, filho de Apolo e Quíone. Era músico e poeta.

FILANDRO — Irmão de Fílaco.

FILEMÃO — Velho que habitava a Frígia com sua mulher Báucis ou Báucide. Eram pobres e moravam numa pequena cabana. Suportavam pacientemente a pobreza, eram bons e justos. A cidade em que moravam distinguia-se pela impiedade dos seus habitantes. Certa feita, Júpiter e Mercúrio desceram à Terra, a fim de experimentar tal gente, sob trajes de mendigos ou peregrinos. Ninguém os quis receber. Batem, então, à porta de Filemão. O casal de velhos acolhe os dois viandantes com muita bondade e solicitude. Servem-lhes um almôço frugal mas substancioso. O vinho, na jarra, jamais terminava. E êsse foi o primeiro milagre. Cedem, depois, sua cama aos dois viajantes. Êstes partem ao amanhecer do dia seguinte. Uma inundação terrível cobre a cidade. Só escapa o tugúrio dos dois. Daí a pouco o colmado transforma-se num soberbo templo de mármore e ouro. A guarda dêsse templo é confiada aos dois velhinhos. Júpiter concede-lhes a graça de pedirem o que quiserem. Pedem que um não morra antes do outro. Muitos anos depois, à frente do templo, Filemão viu Báucis transformar-se numa tília; êle mesmo transformou-se num carvalho. As duas árvores, diante do templo, inclinavam-se uma para a outra, como se conversassem.

FILETERO — Irmão de Êumenes.

FILEU — Filho de Augias. Censurou a injustiça de seu pai que não quis pagar o preço dos serviços prestados por Hércules. O herói o pôs no trono do pai, que tinha matado. Fileu teve um filho que participou da guerra de Tróia.

FÍLIDA — Fílida ou Fílis. Era filha de Licurgo, rei de Dáulis. Não tinha vinte anos quando seu pai morreu e ela ocupou o trono. Demofoonte, regressando da guerra de Tróia, foi bem recebido pela jovem rainha. Em pouco apaixonaram-se e ela entregou-se ao herói. Passaram alguns meses nessa doce união. Demofoonte, obrigado a partir para Atenas, despediu-se da sua amante assegurando-lhe que voltaria tão logo lhe fôsse possível. Como não regressasse mais, Fílida suicidou-se. Os deuses a transformaram em amendoeira.

FÍLIO — Jovem Beócio, amigo de Cicno.

FÍLIRA — Ninfa mãe do Centauro Quirão. Era filha do Oceano. Foi transformada em árvore.

FÍLIS — O mesmo que Fílida.

FILO — Filha de Alcimedonte. Dos seus amôres com Hércules nasceu-lhe um filho. O pai, para puni-la, expôs mãe e filho no monte Ostracine. Hércules, passando por lá, ouviu os gritos da criança, que chorava, e da mãe, que clamava por socorro. Acorreu ao local donde vinha o ruído e encontrou Filo com seu filhinho. Libertou-a e levou-a consigo, juntamente com o menino.

FILOCTETES — Filho de Peante e amigo inseparável de Hércules. Hércules, ante de morrer, ordenou-lhe de fechar suas flechas, tintas no sangue da Hidra, juntamente com seu corpo, num túmulo secreto, cujo lugar não poderia revelar a ninguém. Filoctetes jurou cumprir as ordens do amigo, e, realmente, cumpriu-as. Ninguém sabia onde era a sepultura do herói e ninguém sabia que fim tinham levado suas famosas flechas. Ora, os Gregos aprestavam-se para partir a fim de sitiarem Tróia. O oráculo de Delfos, a propósito, revelara que Tróia sòmente seria capturada se as flechas de Hércules estivessem em poder dos Gregos. Mandou-se pois, emissário a Filoctetes a fim de que revelasse onde se achavam as famosas flechas. Êste, não querendo violar seu juramento e, ao mesmo tempo, não desejando prejudicar os Gregos, julgou ter achado um meio de revelar o segrêdo sem quebrar o juramento: com o pé indicou o local. A seguir, acompanhou os Gregos que demandavam Tróia. Sua indiscrição custou-lhe caro: na viagem para Tróia, caiu-lhe no pé, exatamente aquêle com o qual indicara o lugar do sepulcro de Hércules, uma das flechas terrìvelmente envenenada. Logo se formou uma úlcera espantosa. O mau cheiro que espalhava era intolerável, e ameaçava

infeccionar todos aquêles que dêle se aproximavam. Além disso, as dôres eram tão intoleráveis que o infeliz Filoctetes só sabia gemer, ou melhor, uivar de dor, noite e dia. O estado de Filoctetes trouxe tanta perturbação aos Gregos, que Ulisses os aconselhou a deixarem-no na ilha de Lemnos, a cuja vista então passavam. Assim fizeram. Abandonaram o infeliz na ilha, sòzinho e sem recursos. Lá, Filoctetes gritou e gemeu durante nove anos. Entretanto, os Gregos não conseguiam capturar Tróia, pois as flechas haviam ficado com Filoctetes na ilha. O manhoso Ulisses, ainda que inimigo mortal do desgraçado, encarregou-se de ir a Lemnos buscar as flechas. Levou Filoctetes consigo. Lá chegado, o herói tomou parte em vários combates, matou inúmeros Troianos com as armas de Hércules, e, mesmo, feriu Páris mortalmente. Finda a guerra, como Filoctetes não ousasse retornar à pátria, por causa da úlcera, cujo fétido nauseabundo fazia todos fugirem, dirigiu-se para a Calábria, onde fundou a cidade de Petílio. Macáon, finalmente, conseguiu curá-lo. Filoctetes foi um dos mais famosos Argonautas. Conforme outra versão, Macáon, filho de Esculápio, curou-o ainda quando lutavam sob os muros de Tróia.

FILÓDOCE — Uma das Nereidas.

FILOMELA — 1) Irmão de Pluto. Filomela, não se dando bem com seu irmão mais velho, e reduzido a mais extrema pobreza, com o pouco que lhe restava comprou dois bois e inventou a charrua, a fim de cultivar a terra e, assim, prover sua própria subsistência. E teve tanto êxito, que as suas colheitas foram as melhores do país. Ceres, encantada com a sua descoberta, que mitigava de muito o esfôrço dos lavradores, e comovida pela sua dedicação, arrebatou-o, um dia, e colocou-o no Céu, entre as constelações.

2) Filha de Pandião, rei de Atenas, e irmã de Procne. Filomela seguiu sua irmã Procne para a Trácia, quando esta se casou com Tereu. As duas irmãs não podiam viver separadas. Pandião consentiu nessa partida com muita repugnância, como se previsse as desgraças que daí adviriam. O casal, pois, mais Filomela, embarcaram-se para a Trácia, onde reinava Tereu. O desconfiado Pandião, à última hora, exigiu que uma guarda, de sua inteira confiança, acompanhasse os três. Assim foi feito. Tereu, durante a viagem, acendeu-se em desejos de possuir a virgem Filomela. Logo que pôs pé em terra, despachou todos da sua comitiva, despediu os guardas e levou Filomela para um velho palácio abandonado, onde a violentou. A seguir, irritado com as constantes queixas e choros da vítima, cortou-lhe a língua. E partiu, tendo antes deixado pessoa da sua confiança tomando conta da infeliz jovem. A Procne, sua espôsa, afirmou que Filomela morrera. Todo um longo ano se passou antes que Filomela pudesse comunicar à irmã o que realmente acontecera: num pano, com agulhas e linhas, bordou a desgraçada o atentado de que fôra vítima e a sua deplorável situação. Procne, de posse do bordado, não pensou em outra coisa senão na vingança. Aproveitando as festas de Baco, durante as quais é permitido às mulheres correrem livremente pelos campos e bosques, — V. BACANTES — correu a libertar sua irmã, pois também lhe fôra bem indicada a localização do velho palácio. Libertou a irmã e retornaram para a côrte. Procne, então, matou o filho que tivera com Tereu e fêz servir seus membros ao marido, por ocasião do banquete que a êle oferecera, festejando, ainda, o deus Baco. Procne não compareceu ao festim. Quando estava prestes a terminar ela se apresenta e joga sôbre a mesa a cabeça decepada do filho. Tereu, a esta vista, transportado de furor, pede suas armas. As duas irmãs, contudo, conseguiram escapar e durante a fuga foram transformadas em pássaros, Filomela em rouxinol, Procne em andorinha. Tereu, que as perseguia, foi mudado em gavião.

FILONOME — 1) Filha de Níctimo e de Arcádia. Era companheira de Diana. Deixou-se seduzir por Marte, disfarçado sob a figura de pastor; ficou grávida, e, quando chegou a hora do parto, escondeu-se para que Diana não visse. Nasceram gêmeos, Licasto e Parrásio. Escondeu as crianças no ôco dum carvalho, na floresta de Erimanto. Uma lôba que por ali tinha seu covil, aleitou as crianças. Mais tarde foram descobertas por um pastor, que delas cuidou com carinho. Adultas, foram levadas para a companhia dos avós, e, depois, reinaram no trono da Arcádia.

2) Nome da segunda mulher de Cicno, célebre pela sua beleza e devassidão. Apaixonou-se pelo jovem Tenes, filho do seu marido, e tudo fêz para seduzi-lo. Como o jovem, definitivamente, não correspon-

desse aos seus criminosos desejos, acusou-o junto a Cicno de ter sido por êle ultrajada. O pai, crédulo, lançou-o no mar. Netuno salvou-o.

FINEU — 1) Um dos filhos de Licaão.

2) Irmão de Cefeu. Amava sua sobrinha Andrômeda e ia com ela casar-se, quando a jovem foi exposta a um monstro marinho, enviado por Netuno. Perseu mata o monstro, livra a môça e obtém do pai a sua mão. Fineu, desesperado por ver duas vêzes arrebatado o objeto do seu amor, resolve perturbar as núpcias. Reuniu seus amigos, e, no dia do casamento, entra com êles na sala onde se realizava o festim. Promovem, então, verdadeira carnificina. Perseu teria sucumbido se não tivesse o recurso infalível da cabeça da Medusa, que petrificou Fineu e seus turbulentos amigos.

3) Filho de Agenor. Reinou em Salmidessa, na Trácia. Fineu casara-se com Cleóbula ou Cleópatra, filha de Bóreas, com a qual teve dois filhos, Plexipo e Pandião; mais tarde repudiou a primeira mulher e casou-se com Idéia, filha de Dárdano. Esta, que odiava os enteados, acusou-os perante o pai de quererem atentar contra a sua honra. Fineu acreditou e vazou os olhos dos filhos. Bóreas, para vingar a inocência dos netos, feriu Fineu de cegueira; como isto não bastasse, entregou-o às Harpias que o fizeram sofrer terrivelmente. Além disso, a fome estendeu-se por tôda a região. Os Argonautas, que então chegavam na Trácia, foram bem acolhidos por Fineu. Libertaram-no, então, dos monstros. — V. HARPIAS.

FINIDA — Filho de Fineu.

FÍSCOA — Ninfa da Élida. Foi amada por Baco, que lhe deu um filho, Narceu.

FÍTALO — Habitante da Ática. Recebeu Ceres com muita bondade, quando a deusa percorria o mundo em busca da sua filha. Como recompensa, fêz-lhe presente duma figueira, cujos frutos só eram conhecidos na mesa dos deuses.

FÍTIO — Deus grego que fazia crescer as plantas.

FLÂMINES — Sacerdotes, em Roma, que se consagravam ao serviço de uma divindade. Era uma classe particular de sacerdotes. Foram criados por Rômulo ou por Numa. Tinham o nome de Flâmines por causa dum fio de lã com que prendiam os cabelos. Na sua origem os Flâmines eram três. Cada um dêles dedicava-se ao serviço de Júpiter, de Marte e de Quirino. Mais tarde passaram a quinze, três escolhidos pelo Senado, os Flâmines Maiores, e doze escolhidos entre as famílias plebéias, os Flâmines Menores.

FLEGETONTE — "Rio Ardente"; tinha, também, o nome de *Piriflegetonte*, "Rio que arde com fogo". Era um dos rios dos Infernos. — V. INFERNOS.

FLÉGIAS — Filho de Marte e de Crisa. Reinava num cantão da Beócia, que dêle tomou o nome de Flegíada. Tinha uma filha, Corônis, que se deixou seduzir por Apolo. Flégias, para vingar-se, pôs fogo no templo do deus, em Delfos. Apolo, para puni-lo, matou-o a flechadas e precipitou-o nos Infernos, onde eternamente paira sôbre êle imenso rochedo que ameaça tombar, o que lhe causa pavor indizível.

FLÉGON — O mesmo que Flegonte.

FLEGONTE — Um dos cavalos do Sol.

FLEGREU — Nome de um Centauro.

FLORA — Ninfa das ilhas Afortunadas, situadas, segundo se crê, a ocidente da África. Corresponde a Clóris dos Gregos. Zéfiro amou-a, e deu-lhe o dom da juventude eterna. O casamento de Zéfiro com Flora realiza-se todos os anos no mês de maio. É a deusa da primavera. Seu culto foi introduzido em Roma por Tácio. Tito Tácio foi rei dos Sabinos. Tomou Roma para vingar o rapto das virgens Sabinas. A traição de Tarpéia entregou-lhe o Capitólio. Mas as Sabinas, muito contentes com seus maridos, fizeram cessar a guerra, interpondo-se entre os pais e os maridos. Rômulo repartiu o poder com Tácio, que foi assassinado cinco anos depois.

FLORÁLIAS — "Festa das flôres", celebradas em Roma a 28 de abril. Nesse dia o povo cometia tôda a sorte de excessos.

FLORESTAS — Diz a tradição que os primeiros homens nasceram do tronco dos carvalhos. Conforme Vergílio: "...Então Evandro, fundador da cidadela romana lhe diz: "Êstes bosques eram ocupados pelos Faunos e pelas Ninfas indígenas e por uma raça de homens nascida do tronco duro dos carvalhos, que viviam sem polícia e sem civilização.."" Conforme Homero: "...Certamente não és filho dum fabuloso carvalho ou duma rocha..." Fundamenta-se essa tradição, provàvelmente, no fato de terem vivido os homens primitivos no ôco das árvores. Juvenal fala dos que "são nascidos do carvalho rompido", e Estácio narra "que os carvalhos e os loureiros,

tinham, no seu seio, carneiros, que o freixo umbroso criou povos, e que se viu sair dos olmos meninos verdejantes..." Assim, pois, as árvores, desde a mais remota antigüidade, eram objeto de culto. As florestas e os bosques tornaram-se lugares sagrados, independentes de qualquer consagração formal. — V. DRÍADES e HAMADRÍADES. — Algumas árvores mereciam culto particular, como as oliveiras, os carvalhos, as figueiras, os loureiros e os mirtedos. Prendiam às árvores, como oferendas, fitas, coroas, vestes, objetos de culto e objetos votivos. Ofereciam-se, também, às florestas e às árvores, sacrifícios, e inscrições recomendavam-nas à piedade dos transeuntes.

FOBE — 1) Ninfa do séquito de Diana.

2) Amazona morta por Hércules, quando o herói foi buscar o cinto de Hipólita.

FOBETOR — Filho de Morfeu. Era um dos Sonhos, o mesmo que Icelo. Costumava transformar-se em leão, tigre, serpente e em tudo que inspirasse o mais vivo horror aos mortais.

FOBOS — O Mêdo ou o Terror, divindade alegórica dos Gregos.

FOCA — Neto de Cefiso.

FOCO — 1) Coríntio, filho de Netuno. Casou-se com Antíopa, filha de Nicteu, depois de curá-la de um delírio que a fazia percorrer tôda a Grécia.

2) Filho de Éaco e da Nereida Psâmate. Estava êle, um dia, jogando o disco com seus dois irmãos, Peleu e Telamão, filhos do primeiro leito paterno, quando, involuntàriamente, o disco de Telamão lhe quebra a cabeça. Éaco, informado do acontecimento, condenou seus dois filhos a exílio perpétuo.

FOIBOS — O mesmo que Fobos.

FOLO — Centauro. Acolheu Hércules hospitaleiramente quando o herói se dirigia à caça do javali de Erimanto. No meio da refeição que foi oferecida a Hércules, quis êste beber uma medida de vinho que pertencia aos outros Centauros, mas que lhes fôra dada com a condição de com ela regalá-lo quando por lá passasse. Opuseram-se os Centauros, não querendo obedecer ao que fôra estipulado pelo deus Baco, e investiram furiosamente contra Hércules. Êste afastou-os a flechadas e matou a muitos com a sua maça. Folo não participou da luta. Limitou-se a dar sepultura aos mortos. Por desgraça, ao entregar-se a essa piedosa tarefa, feriu-se com uma das flechas envenenadas de Hércules, e morreu a seguir. O herói fêz-lhe magníficas exéquias e deu à montanha o nome do infeliz Centauro. Outra versão diz que na mesma oportunidade Hércules, inadvertidamente, matou o Centauro Quirão.

FÓLOE — 1) Montanha da Tessália, refúgio habitual dos Centauros. O nome lhe vem do bom Centauro Folo, morto por Hércules. —V. FOLO.

3) Escrava cretense, hábil em tôdas as artes de Minerva, que foi dada por Enéias a Sergesto.

4) Jumento de Admeto.

FOME — Divindade alegórica filha da Noite. Vergílio a coloca nas portas do Inferno; outros, à margem do Cocito; Ovídio, numa montanha gelada, o Cáucaso. Ovídio assim a pinta: "...Ela vê a Fome, a quem procurava, num campo pedregoso, arrancando com suas unhas e seus dentes raras ervas. Tinha os cabelos hirsutos, os olhos cavos, o rosto pálido, os lábios descorados e murchos, a voz rouca e rascante, pele dura, através da qual se podiam ver as entranhas. Seus ossos descarnados faziam saliências sôbre os rins arqueados; como ventre não tinha senão o lugar do ventre; podia-se crer que o seu peito flácido só tinha a ossatura da espinha dorsal. A magreza havia exagerado suas articulações; o redondo dos joelhos era inchaço e os calcanhares sobressaíam em desmesurada protuberância..." Nada melhor ilustra a fôrça diabólica dessa cruel divindade que a história de Erisícton, rei da Tessália. Homem ímpio e poderoso, não temia nem reverenciava os deuses. Um dia violou um bosque consagrado a Ceres. Derrubou as árvores com as fitas, com as oferendas, com os festões e as tabuinhas comemorativas. Derrubou um carvalho imenso, secular, que sòzinho valia por uma floresta, sagrado; como seu criado não o quisesse ferir com o machado, Erisícton, primeiro, blasfema dizendo que, mesmo que o carvalho fôsse não só a árvore favorita da deusa, mas a própria deusa, tocaria a terra com a sua copa, e, depois, derruba-o com o ferro. O sangue esguicha do tronco ferido, as fôlhas perdem a côr, os galhos desfalecem. Um dos assistentes quer deter o machado sacrílego; Erisícton, com um golpe, corta-lhe a cabeça. As Dríades, vestidas de luto, correm a Ceres pedindo justiça. A deusa, então, resolve recorrer à Fome. Mas, como os Destinos não permitem

o encontro de Ceres com a Fome, é necessário que uma Oréade vá a sua procura. A Fome, ainda que contrária à obra de Ceres, conforma-se com as instruções da deusa. Dirige-se ao palácio de Erisícton, entra na sua alcova, onde êle plàcidamente dormia, aperta-o nos braços, entra-lhe pelo corpo, envolve-o todo, enche o vazio das veias com uma fome devoradora, uma bulimia feroz. Erisícton desperta faminto. Come, come com apetite devorador, exige mais alimento, mais bebida, e sua fome sempre a crescer. O que daria para saciar uma cidade inteira, deixa-o faminto. Sua fome, o gôlfo sem fundo do seu ventre, já havia consumido parte dos bens que herdara do pai. Não faz outra coisa senão comer e uivar de fome. Por fim, seus bens todos foram vendidos para aplacar a fome insaciável. Resta-lhe a filha, digna de outro pai. Vende-a. E a fome sempre a crescer, cada vez mais imperiosa e terrível. Erisícton, então, começa a comer seus próprios membros. Devora-se a si mesmo. — V. METRA.

FONOLÊNIDA — Centauro filho de Foroleu.

FONTINALES — Festas romanas em honra das Ninfas que presidiam às fontes. Nesses dias de festas, mergulhavam nas fontes, poços e mananciais, festões e guirlandas de flôres; estas flôres, ao depois, coroavam as crianças.

FORBANTE — Filho de Príamo. O mesmo que Forbas.

FORBAS — 1) Rei de Argos, filho de Argo.

2) Neto do precedente. Livrou Rodes duma quantidade incalculável de serpentes e de um dragão furioso que já havia devorado muitas pessoas. Apolo o colocou no Céu com o dragão que êle matara.

3) Egípcio da cidade de Siene. Morreu no combate que teve lugar durante os esponsais de Andrômeda e Perseu.

4) Pastor de Pólibo, rei de Corinto, que salvou Édipo.

5) Pai de Tífis, célebre pilôto dos Argonautas.

6) Um dos chefes dos habitantes de Flégias, povoação de ladrões, na Tessália. Forbas, homem cruel e violento, apoderou-se da estrada que conduzia a Delfos; depois, obrigava a todos os caminhantes a se baterem com êle. Vencia-os e a seguir matava-os no meio dos mais cruéis tormentos. Apolo, para castigar o bandido, apresentou-se a êle sob as aparência de um atleta. Matou-o com um sôco.

FORBO — Divindade grega que presidia aos pastios.

FÓRCIDA — Fórcida, i. é, a filha de Forco, a Medusa. As Irmãs Fórcidas são as Górgonas, que só têm um ôlho e um dente.

FORCO — Deus marinho, filho do Ponto e da Terra, espôso de Ceto, e pai das Gréias e das Górgonas.

FÓRCULO — Deus dos Romanos, que, com Cárdea (gonzo) e Limentino (*limen*, soleira da porta), presidia à guarda das portas das casas.

FORDICALES — Festas romanas em honra da Mãe Terra, *Mater Tellus*, nas quais imolavam-se vacas prenhes. Celebravam-se essas festas no dia 15 de abril. Foram instituídas por Numa.

FORMIÃO — Nome de um Lacedemônio que foi punido com o desaparecimento da filha por ter recusado hospitalidade aos Dióscuros. — V. TINDÁRIDAS.

FORNACÁLIAS — Festas que se realizavam em Roma, em honra da deusa Fórnax, que presidia aos fornos e à cozedura dos pães.

FÓRNAX — Deusa que presidia ao cozimento do pão.

FORÔNIDA — Filha de Ínaco, i. é, Io ou Ísis.

FORTUNA — Deusa que presidia a todos os acontecimentos, e distribuia os bens e os males conforme seu capricho. Era particularmente adorada dos Romanos, que lhe ergueram grande número de templos. Representam-na calva, cega ou com um pano sôbre os olhos, de pé, com asas nos tornozelos, um pé sôbre uma esfera, o outro no ar. "Vàriamente pintaram os antigos a que êles chamavam Fortuna. Uns lhe puseram na mão o mundo, outros uma cornucópia, outros um leme; uns a formaram de ouro, outros de vidro, e todos a fizeram cega, todos em figura de mulher, todos com asas nos pés e os pés sôbre uma roda. Em muitas coisas erraram como gentios, em outras acertaram como experimentados e prudentes. Erraram no nome Fortuna, que significa caso ou fado; erraram nas insígnias, erraram na cegueira dos olhos e poderes das mãos; porque o govêrno do mundo, significado no leme, e a distribuição de tôdas as coisas, significada na cornucópia, pertence sòmente à

ASBAC - SP
BIBLIOTECA

Providência Divina, a qual, não cegamente ou com olhos tapados, mas com a perspicácia de sua sabedoria e com a balança da sua justiça na mão, é a que reparte a cada um e a todos o que para os fins da mesma Providência, com altíssimo conselho, tem ordenado e disposto. Acertaram, porém, os mesmos gentios, na figura que lhe deram, de mulher, pela inconstância; nas asas dos pés, pela velocidade com que se muda; e sobretudo em lhos porem sôbre uma roda, porque nem no próspero, nem no adverso, e muito menos no próspero, teve jamais firmeza; os que a fingiram de vidro pela fragilidade, fingiram e encareceram pouco; porque, ainda que a formassem de bronze, nunca lhe podiam segurar a inconstância da roda" (P. Antônio Vieira, S. I.).

FÓSFORO — Eósforo ou Fósforo, "Aquêle que carrega a luz", corresponde ao Lúcifer latino. Fósforo, ou Lúcifer, filho de Júpiter e da Aurora, é o chefe ou condutor de todos os astros. É êle que cuida dos corcéis do Sol; com as Horas, atrela-os e desatrela-os. É o planêta Vênus, comumente chamado Estrêla do Pastor ou Vésper.

FÓSSOR — "O Cavador", nome dado a Hércules por causa do canal que abriu para as águas do rio Ólbio.

FRAUDE — Divindade alegórica dos Romanos. Monstruosa e infernal, era apresentada com cabeça humana, fisionomia agradável, corpo matizado de várias côres, e o resto do corpo em forma de serpente com cauda de escorpião. Vivia no Cocito. Sòmente a cabeça lhe ficava fora da água: os enganadores têm, sempre, boa aparência. Figuram-na, também, como criatura meio môça meio velha, despida até a cintura, segurando numa das mãos corações, na outra, uma máscara. Da saia curta saem as garras dum abutre e a cauda do escorpião.

FRÍGIA — 1) Região da Ásia Menor, subdividida, pela entreposição da Mísia, em Frígia Menor, abrangendo esta o país ao sul da Propôntide (Mar de Mármara) e do Helesponto, aquela uma região central ao leste da Mísia.

2) Espôsa de Argés.

3) Filha de Cécrope, deu seu nome à região da Ásia Menor, célebre pelo culto de Cibele.

4) Local do monte Eta onde Hércules morreu queimado.

FRISO — Nome de Júpiter. Havia, na Frisa, um templo que lhe era dedicado e onde, anualmente, imolava-se-lhe uma vítima humana.

FRIXEU — "O Velo de Ouro". — V. ESSAS PALAVRAS.

FRIXO — Filho de Atamante e de Néfele e irmão de Hele. — V. ATAMANTE.

FRONIMA — Filha de Etéarco, rei de Creta. Por instigação da madrasta, o pai jogou-a nas ondas do mar. O encarregado de cumprir essa tarefa, com pena da jovem, salvou-a. Fronima tornou-se mulher de Polimnesto e foi mãe de Bato, fundador de Cirene.

FRÔNIO — Um dos filhos de Frixo.

FRÔNTIS — Pilôto grego habilíssimo. Conduziu a galera do príncipe Menelau que voltava de Tróia. Apolo matou-o no leme, quando o navio estava ancorado no pôrto de Súnio.

FTIA — Cidade do sul da Tessália e residência de Peleu e de Aquiles. Chama-se Ftiótida a região em que estava situada a cidade de Ftia.

FÚRIAS (AS) — Nascidas do sangue de Saturno que caiu sôbre a terra, quando lhe cortaram a mêntula e os testículos, essas temíveis divindades são a personificação da maldição. São três, Alecto, Tisífone e Megera. A mais feroz de tôdas é Alecto, odiosa ao próprio Plutão. — V. ERÍNIAS. V. EUMÊNIDES.

FURINA — Deusa dos ladrões (*Fur*, ladrão), a qual os Romanos ergueram templos. Em sua honra celebravam-se as *Furinálias*, festas anuais.

FUROR — Furor, em latim *Fúror*, era uma divindade alegórica que se representava sob os traços de um homem, carregado de cadeias, e fazendo esforços para rompê-las.

G

GÁBIA — Sobrenome de Juno, particularmente adorada em Gábia, cidade dos Volscos.
GABINA — V. GÁBIA.
GADITANO — Epíteto de Hércules, tomado de Gades, hoje Cádix. Havia, nessa cidade, um templo no qual as mulheres não podiam entrar. Nesse templo não havia estátua nenhuma, nem mesmo de Hércules.
GAIA — A Terra.
GALÂNTIS — Ama ou criada de Alcmena. Enquanto Alcmena estava com as dores de parto, Juno, sob a forma de mulher velha, veio sentar-se ao pé da cama da parturiente, e começou a dizer palavras mágicas, a fim de retardar o parto. Depois, quando a hora se aproximou, sentou-se na soleira da porta e abraçando seus joelhos começou a dizer, novamente, fórmulas mágicas. Galântis, desconfiando dessas atitudes, aproximou-se de Juno e disse-lhe que Alcmena já tinha dado à luz. Juno levantou-se e foi embora e logo Alcmena, de fato, deu à luz. Galântis, então, pôs-se a rir às gargalhadas. Juno, irritada por ter sido enganada, arrancou-lhe os cabelos e transformou-a em doninha.
GALATÉIA — 1) Nome de pastôra.
2) Nereida. Seu nome interpreta-se "Branca como o leite". Foi amada de Polifemo, o Ciclope. Entregou-se ao belo Ácis, que foi morto por Polifemo. — V. ÁCIS.
3) Nome alegórico de Mântua, em Vergílio.
GALATO — Filho do Ciclope Polifemo.
GALAXIA — Festa em honra de Apolo. Oferecia-se ao deus um bôlo de farinha de cevada com leite.
GALAXIO — Epíteto de Apolo.
GALEOTAS — Nome dos adivinhos da Sicília, intérpretes dos prodígios. Diziam-se descendentes de um filho de Apolo.
GALEOTES — Filho de Apolo. Era adorado em Hibla, na Sicília.
GALIAMBO — Canto dos sacerdotes de Cibele.
GALOS — Sacerdotes de Cibele, na Frígia. — V. CORIBANTES.
GAMÉLIA — Epíteto de Juno como protetora do casamento. Também tinha êsse nome o sacrifício que se fazia na noite de núpcias.
GAMÉLIO — Nome de Júpiter, invocado na cerimônia do casamento.
GANIMEDES — Filho de Tros, rei de Tróia. Ganimedes era o mais belo mortal de então. Um dia, passeando nas alturas do monte Ida, Júpiter o viu. Ora, Júpiter andava a procura de um nôvo escanção para substituir a divina Hebe. — V. HEBE. Achou que o formoso jovem bem poderia executar as funções. Revestiu-se da forma de águia e veio deitar-se aos pés do jovem, como convidando-o a subir no seu dorso. Ganimedes, encantado com a aventura, não duvidou em se acomodar sôbre a majestosa águia. Esta, então, batendo as asas possantes, levou-o para o Olimpo. Juno, à vista dêste Troiano, mortal, designado para funções que competiam a um deus, encheu-se de furor. Aí tem início o ódio de Juno aos Troianos, que se exacerbou com Páris. — V. PÁRIS.

GARAMANTE — Ninfa da Líbia, que Júpiter seduziu. O filho dessa Ninfa é Jarbas. — V. ENÉIAS. V. DIDO.

GARAMANTIDA — O mesmo que Garamante.

GARAMAS — Rei da Líbia e pai da Ninfa Garamante.

GARGÁFIA — Vale da Beócia consagrado a Diana.

GARGARO — 1) Cume do monte Ida, onde Júpiter e Cibele tinham um magnífico templo.

2) Lago donde saíam o Escamandro e o Símois.

3) Burgo da Frígia, célebre pela riqueza das suas colheitas.

GELÂNIA — Ninfa que foi uma das mulheres de Hércules.

GELANOR — Rei de Argos, deposto do trono por Dânao, ao qual havia dado hospitalidade quando êste fugia do irmão Egito. — V. DÂNAO.

GÊMEOS — Constelação formada pela junção dos dois Tindáridas, Castor e Pólux.

GENETILA — Festa de uma deusa celebrada pelas mulheres. Essa deusa, aparentemente, deveria ser Vênus, como presidindo às funções da fecundidade feminina. Imolavam-lhe um cão.

GENETILIDES — 1) Deusas que presidiam à geração e ao nascimento. Uns acreditam que se trate de Vênus e Hécate; outros, de alguns gênios da comitiva de Vênus.

2) Mistérios aos quais só eram admitidas mulheres.

GÊNIOS — Divindades da Natureza que se adoravam como as Fôrças que davam o Ser e o movimento a tôdas as coisas. Havia grande número de Gênios. As cidades, os impérios, as províncias e todos os lugares particulares estavam sob a tutela de um Gênio ou de vários Gênios. Todo homem tinha, também, seu Gênio. Presidiam ao nascimento e à vida, responsabilizavam-no pelas sensações agradáveis, corpóreas ou intelectuais, donde o famoso provérbio latino *Geni indulgere*. Havia pessoas que afirmavam ter cada homem dois Gênios, um bom, que o incitava ao Bem, outro mau, que o levava à prática de atos detestáveis. Entre os Romanos, logo que a criança nascia, oferecia-se um sacrifício ao seu Gênio tutelar: incenso, vinho ou flôres. Faziam, também, coroas com fôlhas de plátano, árvore consagrada aos Gênios. Eram representados, comumente, como homens vestidos de toga, trazendo nas mãos uma pátera e uma cornucópia, em pé no meios dos Lares. — V. ESSA PALAVRA. — Era comum, em Roma, a expressão *Ignoscat mihi Genius tuus*, "Que o teu Gênio me perdoe", e que corresponde ao nosso "Com o seu respeito", "Data vênia", "Com a sua licença."

GEOMANCIA — Adivinhação que se fazia traçando sôbre a terra figuras, linhas e círculos.

GEOSCOPIA — Adivinhação que consistia na observação da natureza e das qualidades da terra.

GERÂNIA — Cidade da Trácia cujos habitantes tinham, apenas, um côvado de altura. Foram expulsos dessa cidade pelos grous. — V. PIGMEUS.

GERIÃO — Gerião ou Gérion era um temível Gigante filho de Crisaor. Tinha três cabeças e três corpos. Reinava na ilha Eritéia, onde criava imensos armentos confiados à guarda de Euritião, cão de duas cabeças e a um dragão de sete. Hércules matou o cão, o dragão e apoderou-se dos rebanhos, tendo, antes, liquidado Gerião. — V. TRABALHOS DE HÉRCULES.

GIAS — 1) Gigante que tinha cem braços.

2) Um dos companheiros de Enéias; comandava um dos navios que foram dispersados pela tempestade. Assinalou-se nos jogos fúnebres que Enéias celebrou em honra de seu pai Anquises.

GIGANTES — Filhos de Celo, ou de Titã, e da Terra. Formaram o plano arrojado de se apoderarem do Céu, destronar Júpiter e reinar sôbre os homens e os deuses. Puseram montanha sôbre montanha e assim escalaram o Céu; como armas usavam rochedos e carvalhos seculares. Júpiter, atemorizado com tão temíveis inimigos, convocou todos os deuses para enfrentar os Gigantes; a maior parte das divindades, porém, com terror mortal nos corações, fugiram para o Egito, onde assumiram formas de diversos animais, com receio de que os Gigantes os perseguissem. Vem daí o hábito de os Egípcios adorarem animais. Em virtude da existência de um oráculo, conforme o qual os deuses não venceriam se não tivessem o concurso de um mortal, Prometeu e Hércules vieram prestar seu auxílio aos deuses. Após lutas tremendas, os deuses venceram a peleja. Encélado, o mais perigoso de todos, foi sepultado vivo sob o Etna, onde continua a debater-se. A Terra, então, para vingar seus filhos,

criou um nôvo monstro, mais temível que todos, o espantoso Tifão, cuja cabeça atingia os astros. De suas mãos saiam cem cabeças de serpentes, das suas coxas mil víboras sibilantes; seu corpo, coberto de plumas, quando se agitava, produzia o som de mil tempestades. Júpiter é vencido pela fôrça monstruosa de Tifão, e carregado de cadeias; Mercúrio, porém, procura investigar onde se encontra o pai dos deuses. Acha-o acorrentado sob a guarda de uma serpente. Adormece a serpente com a flauta, liberta Júpiter que consegue, então, fulminar o derradeiro Gigante, o invencível Tifão. A guerra dos Gigantes findara. — V. TIFÃO. — V. ENCÉLADO.

GIGES — 1) Um dos Titãs. Tinha cem mãos e cinqüenta cabeças.

2) Antigo rei da Lídia, que Apolo julgou menos feliz que um humilde e pobre Árcade chamado Aglau.

3) Filho de Dáscilo. Pastor da Lídia, Giges, um dia, conduzindo seus rebanhos através dos campos, percebeu, sob uma colina, a abertura dum túnel. Enfiou-se por ela a dentro e foi dar numa espécie de abóbada subterrânea onde viu um cavalo de bronze, enorme, em cujo flanco havia uma porta. Giges, curiosamente, abriu a porta e procurou entrar no bojo do cavalo de bronze. Havia, lá dentro, um esqueleto humano de altura prodigiosa; no dedo, o esqueleto trazia um anel com uma bela pedra encastoada. Tomou o anel, meteu-o no seu dedo e voltou à superfície da terra. Ora, o anel gozava de uma propriedade singular, que o pastor logo percebeu: tôdas as vêzes que punha o engaste para o lado da palma da mão, a pessoa tornava-se invisível. Giges, ambicioso, logo compreendeu a riqueza e o poder que tinha na mão. Dirigiu-se a côrte do rei Candaulo, matou-o e casou-se com a viúva. Outra versão declara que o rei Candaulo o fêz valido da côrte, com poderes discricionários. Um dia, o rei mostrou-lhe o corpo nu da rainha, sua espôsa, quando esta tomava banho. A rainha, indignada, pediu a Giges que matasse o rei. Êste assim fêz, casou-se com a rainha e assumiu o trono da Lídia. — V. CANDAULO.

GIMNOPÉDIA — Dança de jovens, de ambos os sexos, nus, nas festas espartanas em honra de Apolo e Baco.

GINIDA — Nome com o qual Baco era adorado na suposição de que possuísse os dois sexos.

GLAUCA — 1) Filha de Saturno. Nasceu junto com Plutão. Sòmente ela foi mostrada ao pai, a fim de que êste não devorasse o seu irmão gêmeo.

2) Danaide espôsa de Álcis.

3) Célebre Amazona.

4) Filha de Cicno, escrava de Ájax, filho de Telamão.

GLAUCE — 1) Nereida.

2) Filha de Creonte, a mesma que Creúsa.

3) Fonte da cidade de Corinto. Tem êsse nome porque Glauce nela se jogou na esperança de encontrar um preservativo contra os encantamentos de Medéia.

GLÁUCIA — Filha de Escamandro. Deímaco, quando veio com Hércules sitiar a cidade de Tróia, a fim de fazer a guerra contra Laomedonte, viu Gláucia e por ela se apaixonou. Esperou uma ocasião em que a virgem, sòzinha, se dirigia para o campo, e possuiu-a. Gláucia ficou grávida. Deímaco morre na guerra. Hércules, então, conduziu a jovem para a Beócia, onde deu à luz seu filho.

GLAUCO — 1) Filho de Netuno e de Nais, ou de Antédon e de Alcíone, ou de Eubeu e de Póliba. Era célebre pescador. Certa feita, tendo deitado sôbre a erva que orlava a margem do mar alguns peixes que tinha capturado, notou que êles se agitavam e pulavam de maneira estranha e incomum, acabando, todos, por se precipitarem, novamente, no mar. Desconfiado de que a erva, sôbre a qual os peixes tinham sido lançados, possuísse alguma propriedade particular, provou-a e logo atirou-se no mar. O Oceano e Tétis o despojaram de tudo que êle tinha de mortal e o admitiram no número dos deuses marinhos dando-lhe o dom da profecia. Mau grado a sua alta situação, não conseguiu ganhar o coração da bela Cila, que, por artes de Circe, tornou-se um horrendo monstro. — V. CILA E CARIBDES. — Outros contam a história de Glauco um pouco diferente: Glauco, perseguindo uma lebre, perto do Oreto, na Etólia, viu que o animal, exausto, comeu umas ervinhas e logo readquiriu novas fôrças e vigor, dando saltos prodigiosos. Glauco também quis provar da erva milagrosa. Mas o salto que deu foi tão grande que passou por cima das falésias e precipitou-se no mar. Glauco tem seu retiro habitual em Delos, onde Apolo

se compraz em vê-lo. Deífobe, a Sibila de Cumas, é sua filha.

2) Filho de Minos II. Caiu num tonel de mel e morreu asfixiado. Polífido ressuscitou-o.

3) Filho de Sísifo e Mérope, e pai de Belerofonte. Foi do número dos Argonautas. Glauco, para tornar suas éguas mais vigorosas e mais rápidas na carreira, não permitia que elas fôssem cobertas. Vênus, irritada, tornou-as tão furiosas que estraçalharam o infeliz.

4) Pai da Sibila de Cumas, Deífobe. — V. GLAUCO, 1.

5) Filho de Hipóloco e neto de Belerofonte. Foi um dos chefes Lícios que, sob as ordens de Sarpedão, correu em socorro dos Troianos. Trocou com Diomedes as sus armas de ouro por armas de bronze. Ájax matou-o.

6) Atleta filho de Glauco, o deus marinho, célebre pela sua fôrça prodigiosa.

GÓRDIO — Frígio, que tinha de seu apenas duas juntas de bois, uma para a lavoura, outra para puxar o seu carro. Estava êle, certa ocasião, trabalhando no campo com os seus dois bois, quando do Céu surgiu uma águia que pousou no jugo dos animais, e ali ficou até o entardecer. Uma môça, que vinha buscar água, e que era da raça dos adivinhos, sabendo do caso disse-lhe que deveria sacrificar a Júpiter sob o título de rei. Górdio pediu que a jovem fôsse com êle sacrificar, pois era ignorante e não sabia como se sacrificava. A môça não só o ensinou a sacrificar, mas ensinou-lhe, também, as artes do Amor. Dessa união nasceu Midas. Por essa época, a Frígia andava convulsionada com grandes dissenções, e as contínuas guerras e revoltas despovoavam as aldeias e empobreciam o país. Foram consultar o oráculo. Este declarou que tôdas as desordens e desgraças teriam fim quando tivessem um rei que viria num carro de bois. Deliberavam os nobres sôbre a estranheza da resposta, quando viram Górdio que vinha tranquilamente no seu carro de bois com a mulher e o filho Midas. Não duvidaram um instante sequer que o rei anunciado pelo oráculo era aquêle bom camponês que, pachorrentamente, conduzia seus bois. Fizeram-no rei e logo as guerras, revoltas e dissenções cessaram. Górdio, em reconhecimento pela graça que Júpiter lhe outorgara, consagrou seu carro no templo do deus. O jugo estava ligado ao timão por um nó tão artisticamente trançado que não se podia ver nenhuma ponta. Êsse fato deu origem ao boato de ter o oráculo afirmado que o império da Ásia seria daquele que conseguisse desamarrar o nó. Alexandre Magno, na sua expedição à Ásia, cortou o nó ao meio com a sua espada, crendo, assim, ter cumprido a predição do oráculo. O nó Górdio é célebre em todo o mundo.

GORGASO — Filho de Macáon. Foi adorado como deus pelos habitantes de Feras, cidade da Messênia.

GORGE — 1) Danaide.

2) Filho de Eneu e de Altéia. Desposou Andrémon.

GÓRGIAS — Górgias, chamado o Epirota, tornou-se célebre pelo seu extraordinário nascimento. Sendo levada sua mãe no féretro, para se celebrarem os funerais, queimando o cadáver, o menino forcejou e rompeu o materno claustro, e, com o chôro, obrigou a pararem os portadores, os quais viram com admiração e espanto a tumba da mãe trocada pelo berço do filho.

GORGO — Nome da nave que trouxe Pérseu após ter matado a Medusa.

GORGÓFONA — 1) Danaide, espôsa de Proteu.

2) Filha de Perseu e de Andrômeda. Casou-se duas vêzes. Do segundo matrimônio são seus filhos Icaro e Tindaro.

GORGÓFORA — Sobrenome de Palas, Minerva, em virtude da cabeça da Medusa fixada no seu escudo.

GÓRGON — Filho de Tifão e da Equidna.

GÓRGONAS — Três irmãs filhas de Forco, deus marinho, e de Ceto. Chamavam-se Esteno, Euríale e Medusa. Viviam além do Oceano, na extremidade do mundo, perto da região da Noite. As duas primeiras eram imortais; Medusa, mortal. Tôdas tinham o cabelo entrelaçado de serpentes, as mãos de bronze e os dentes tão longos e agudos como as presas do javali. Segundo Ovídio, sòmente a Medusa tinha a cabeça eriçada de serpentes. Minerva deu-lhe tão original toucado como castigo por ter satisfeito, em seu templo, a paixão de Netuno. Conforme outros, as três irmãs tinham sòmente um ôlho e um dente, em comum, dos quais se serviam alternadamente. Perseu aproveitou o momento em que elas trocavam o ôlho e o dente para, ràpidamente, matar a Medusa. — V. PERSEU.

V. MEDUSA. — V. PÉGASO. — A mais terrível de tôdas era a Medusa, chamada, por excelência, a Górgona. Tinha, como suas irmãs, aspecto apavorante e repulsivo: serpentes sibilantes em tôrno da cabeça, à guisa de cabelos, dentes longos como os de um javali, traços convulsos e congestionados, olhos fixos e vítreos que petrificavam aquêles que ela olhava. Não obstante, a Medusa encantou Netuno, que a possuiu, ou junto ao templo de Minerva, ou "numa deliciosa pradaria entre as flôres da primavera". — V. POLIDECTES.

GRAÇAS (AS) — Eram as Graças em número de três, filhas de Júpiter e de Vênus, ou de Júpiter e da Oceânida Eurínome. Seus nomes: Aglaia (A Brilhante), Talia (A Verdejante), e Eufrosina (A Alegria da Alma). Tinham por função presidir aos doces propósitos, ao bom humor, aos benefícios, ao reconhecimento, à alegria, à euritmia das festas, à amizade pura... Amavam sobretudo a Poesia. Amigas inseparáveis das Musas, acompanham-nas por tôda a parte. Os antigos costumavam iniciar os banquetes fazendo libações às Graças; os Gregos costumavam jurar pelas Cárites, i. é, pelas Graças; as sociedades cultas invocavam-nas em tôdas as emergências; as pessoas delicadas e de boa educação veneravam-nas. Eram amigas de Vênus. Figuravam-nas como jovens e formosas virgens, de mãos enlaçadas e fazendo graciosos movimentos de danças, nuas, ou cobertas apenas de véus transparentes. Num grupo oriundo de Élida, elas aparecem nuas, uma com uma rosa, outra com um ramo de murta e a terceira com um dado. Conferiam aos homens a sociabilidade, a liberalidade e a eloqüência. Conforme muitos autores, eram filhas de Vênus e Baco. A primavera era-lhes particularmente consagrada.

GRADIVO — Epíteto de Marte. O nome ambíguo de *Gradivo* parece provir de *grandis*, "grande"; Gradivo seria, então, o que faz crescer as plantações. Anteriormente deus agrícola, Marte tornou-se, tardiamente, um deus guerreiro; entre os Italiotas era uso consagrar a Marte os jovens que iam atingir a idade viril. Na Via Ápia havia um templo dedicado a Marte Gradivo.

GRÁVIDO — Grávido, *Pater Gravidus* ou *Rex Gravidus*, é o deus Marte. Como Gradivo, o nome é ambíguo. Parece provir da mesma raiz de onde surgiu Gradivo, *grandis;* seria, então, o deus que faz crescer as plantações.

GRÉIAS — Filhas mais velhas de Forco e de Ceto. Eram irmãs das Górgonas. Têm o nome de *Gréias* porque vieram ao mundo já com os cabelos brancos. Contam-se três: *Dínon, Enio, Péfredo.* Freqüentemente são confundidas com as Górgonas. Do grego *graya, graós,* "mulher velha".

GRILO — Companheiro de Ulisses, transformado por Circe em porco, e que não quis retomar, novamente, sua antiga forma de homem.

GRINE — Amazona. Apolo levou-a para um bosque e violentou-a.

GRINEU — 1) Sobrenome de Apolo tomado da cidade de Grínia, na Eólida.

2) Centauro.

H

HABIS — Filho de Górgon, rei dos Tartéssios. Era Habis ligeiríssimo no correr, porque se criara nos bosques com leite de cerva.

HADES — Epíteto de Plutão. — V. PLUTÃO.

HAGNO — Uma das Ninfas que alimentaram Júpiter. Deu seu nome a uma fonte do monte Liceu.

HALIFRON — Pai de Deucalião, que teve de Ninfa Iofossa.

HÁLIO — 1) Filho de Alcínoo e irmão de Laodamante e Clitôneo. Era Hálio notável bailarino. Ulisses admirou a sua arte.

2) Guerreiro Lício morto por Ulisses.

3) Capitão troiano morto por Turno.

HALITERSE — 1) Filho de Anceu.

2) Notável adivinho. Era filho de Mastor. Predisse o retôrno de Ulisses e a morte dos pretendentes à mão de Penélope.

HÁLOA — Festas em honra de Deméter, celebradas pelos camponeses da Ática.

HAMADRÍADES — 1) Irmã e espôsa de Oxilo, e mãe das Hamadríades.

2) Ninfas cujo destino dependia de certas árvores com as quais elas nasciam e morriam. Essa união processava-se principalmente com os carvalhos. Reconhecidas a quem favorecia as árvores nas quais viviam, puniam severamente aquêles que ousavam levantar mão sacrílega para cortar ou maltratar árvores consagradas a elas. Eram de rara beleza. Ao clarão da lua dançavam ao redor dos carvalhos sagrados ou nas clareiras das florestas.

3) Oito filhas de Oxilo e Hamadríades. Seus nomes designavam as árvores nas quais viviam e das quais dependiam: *Aigeiros* (álamo), *Ampelos* (vinha), *Balanos* (carvalho), *Caria* (nogueira), *Kraneion* (Pilriteiro ou córneas), *Orea* (hera), *Ptelea* (olmo), *Syke* (figueira). — V. NINFAS.

HARMONIA — Filha de Marte e de Vênus. Foi a mulher de Cadmo, o fundador de Tebas. Todos os deuses assitiram a êsse casamento de Cadmo com Harmonia e deram presentes aos cônjuges. — V. CADMO. — Minerva deu a Harmonia um colar. Vários heróis possuíram o famoso *colar de Harmonia*, entre os quais Erífila. A todos êle foi fatal. — V. ANFIARAU.

HARPÁLICE — 1) A mais bela filha da cidade de Argos. Foi apaixonadamente amada pelo seu pai Clímeno.

2) Amante de Íficlo. Desprezada por êste, definhou a ponto de ficar inteiramente sêca.

3) Célebre Amazona, rainha da Trácia. Sua rapidez na corrida tornou-a famosa.

4) Filha de Harpálico. Seu pai era rei de grande parte da Trácia. Harpálice foi criada nas selvas com leite de jumenta e acostumada desde a mais tenra infância aos misteres da guerra e da caça. Neoptólemo, querendo conquistar os territórios do seu pai, foi vencido pela corajosa virgem. Após a morte de seu pai retirou-se para as florestas, onde, afinal, caiu numa rêde de caça e foi morta.

HARPIAS — Monstros filhas do deus Netuno e do Mar. Segundo Hesíodo eram filhas de Taumante e da Oceânida Electra.

Havia grande número de Harpias. As principais, porém, e mais mencionadas são Aelo, Ocípete e Celeno. Tinham o aspecto de anciãs, com os imensos seios flácidos pendentes, corpo de abutre, orelhas de urso, com garras nos pés e nas mãos. Por onde passavam traziam a desolação e a fome. Arrebatavam os alimentos das mesas e espalhavam um fétido insuportável. Inquinavam tudo que tocavam. Eram as cadelas de Júpiter e de Juno, que as enviavam a quem queriam punir. Perseguiram Fineu, rei da Trácia, que foi libertado por Zeto e Cálais. Os Troianos, dirigidos por Enéias, aportaram na ilha dêsses monstros, e mataram alguns bois que por ali havia, a fim de matarem a fome, quando as Harpias tombaram sôbre êles, arrebataram uma grande porção de carne e mancharam e sujaram o resto. Em vão os Troianos quiseram feri-las: as plumas de que eram revestidas tornavam-nas invulneráveis. Aelo significa "A Turbilhonante', e Ocípete "A Rápida". O nome Harpias vem de *Harpázoo*, "Eu arrebato". Vergílio empresta às Harpias o dom da profecia. Conforme Hesíodo, "representam o génio das tempestades furiosas que arrebatam os navegantes." Homero e Vergílio as fazem fornecedoras dos Infernos, mandando para lá inúmeras almas. — V. FINEU.

HARPIAS

HARPÓCRATE — Deus do silêncio. É de origem egípcia, filho de Ísis e de Osíris. Alguns o confundem com Hórus. Na Grécia e em Roma sua estátua era colocada à entrada dos templos, como significando que os deuses devem ser adorados com o silêncio e em silêncio. Nos sinétes antigos sempre havia uma efígie de Harpócrate, o que valia dizer que se deve guardar o segrêdo das cartas. Era figurado sob os traços de um jovem nu ou vestido de um manto flutuante, com a mitra na cabeça; às vêzes, em lugar da mitra punham um cêsto. Nas mãos tinha tanto a cornucópia, como uma flor de loto ou um carcaz. O símbolo que sobretudo o distingue é o dedo sôbre os lábios. Ao seu lado, não raro, encontra-se a coruja. Afirma Plutarco que o pessegueiro lhe era consagrado por duas razões: a fôlha do pessegueiro tem a forma de uma língua, e o seu fruto, a do coração: a língua e o coração sempre devem estar de acôrdo.

HEBE — Filha de Júpiter e de Juno. Seu pai achou-a tão bela ao nascer que a fêz deusa da juventude e encarregada de derramar vinho na taça dos imortais durante os banquetes olímpicos. Certa feita, ao desempenhar suas funções, levou um tombo em plena sala do banquete, na presença de todos os deuses, que riram olìmpicamente da sua cômica e até ridícula posição. Riram como só os deuses sabem rir. Com isso, picada e envergonhada, Hebe jamais quis desempenhar as funções de escanção. — V. GANIMEDES. — Limitou-se a atrelar e desatrelar o carro de sua mãe. Mais tarde Hebe casou-se com o grande Hércules, quando êste foi pôsto no rol dos deuses.

HÉCALE — Velha que deu hospitalidade a Teseu.

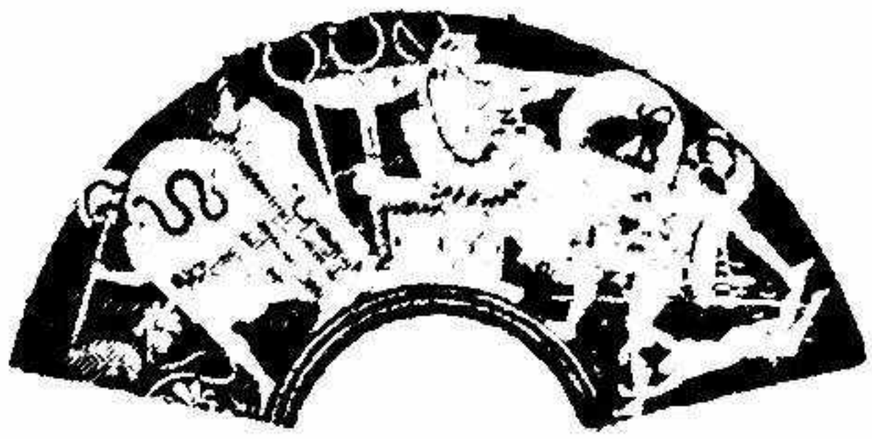
HECAMEDE — Filha de Arsínoo, rei de Tênedos. Foi dada a Nestor pelos Gregos, depois da conquista da ilha.

HÉCATE — Um dos nomes de Diana. — V. DIANA. — Filha de Júpiter e de Latona, chamava-se Febe ou Lua no Céu; Diana sôbre a Terra, e Hécate ou Prosérpina nos Infernos. Hesíodo a faz filha do Sol, do Tártaro e de Ceres; outros, da Noite, ou de Perseu e de Astéria... Cada um lhe dá caracteres particulares de acôrdo com a sua paternidade. A Hécate de Hesíodo é uma divindade benfazeja, que distribui bens aos que a veneram, que concebe a vitória, que preside aos conselhos dos reis, aos sonhos, aos partos e ao crescimento dos filhos. Como filha de Perseu, sua história já é diferente; hábil caçadora, fere com suas flechas tanto os homens como os animais selvagens. Grande envenenadora, mata os viajantes e seu pai elevou um templo a Diana. Nesse templo eram imolados os que vinham dar nas costas do Quersoneso, como homenagem à deusa. Depois ela desposou Eetes e dessa união nasce Medéia, que ela instrui na sua arte, assim como Circe. Deusa dos encantamentos e dos

sonhos espectrais, era sempre invocada antes das operações mágicas. Sacrificavam-lhe cães e punham sua estátua nas en-

HÉCATE TRIFORME
(*Relêvo em mármore de Egina*)

cruzilhadas. O culto de Hécate teve sua origem no Egito; foi levado à Grécia por Orfeu. Hécate era representada com três cabeças e o número três lhe era consagrado.
HECATONQUIRO — "Aquêle que tem cem braços ou cem mãos", epíteto designativo do Gigante Briareu. — V. ESSA PALAVRA.
HÉCUBA — Mulher de Príamo, rei de Tróia, que lhe deu cinqüenta filhos e cinqüenta filhas. — V. PRÍAMO. — Hécuba salvou Páris, que, diziam os adivinhos, seria a ruína da sua pátria. — V. PÁRIS. — No assédio final, Hécuba viu morrer seus filhos, seu marido e a fina flor dos Troianos. Na partilha dos despojos, coube a Ulisses, que a levou como escrava. Sofreu a dor inenarrável de ver sua filha Polixena imolada sôbre o túmulo de Aquiles, em Sigeu. Chega à Trácia. Governava essa região um velho amigo de Príamo, Polimnestor. Êste tinha sob seus cuidados o jovem Polidoro, filho mais môço de Hécuba. Polimnestor, sabendo da morte de Príamo, manda degolar seu pupilo e apodera-se das suas riquezas. Hécuba, alucinada de desespéro, lançou-se sôbre o assassino de seu filho e furou-lhe os olhos; a seguir, matou os dois filhos de Polimneator, e, enquanto vociferava imprecações contra os Gregos, ditadas pela dor mais desesperada, transforma-se, sùbitamente, em cadela.
HEDIEPÉS — Epíteto de Apolo que significa "Aquêle que fala doce".
HEDíPOTES — Epíteto de Baco: "Que se compraz nas doces bebidas".
HEDITROOS — Epíteto de Apolo e de Baco: "Aquêle que faz ouvir uma doce harmonia".
HEFESTOS — Nome grego de Vulcano. — V. VULCANO. — Do grego *Hefaistos;* é derivado de *faino, fao,* "faço brilhar".
HEITOR — Filho mais velho de Príamo e de Hécuba. Casou-se com Andrômaca. Era pai de Escamândrio ou Astíanax. Um dos principais heróis que defenderam a desgraçada Tróia. Valente, forte, justo e corajoso, era respeitado pelos próprios Gregos, que viam nêle um protótipo de virtudes. Matou cento e trinta e um chefes gregos. Entre suas principais façanhas contam-se a sua vitória sôbre Protesilau, seu combate com Ájax, o incêndio dos navios gregos, a morte de Pátroclo... Aquiles, que se retirara do campo de batalha para a sua tenda, indignado com Agamenão, ao ver Pátroclo morto retorna à luta. Ataca Heitor e mata-o. Amarra seu cadáver ao carro e dá três voltas ao redor da cidade. Príamo, vem, então, suplicar o cadáver do filho para dar-lhe as honras da sepultura. Aquiles concede, e há uma trégua de dez dias para os funerais.



ENTREGA DO CADÁVER DE HEITOR A PRÍAMO

A *Ilíada* termina com os funerais de Heitor: "Tais foram as homenagens prestadas a Heitor, ínclito guerreiro."
HELCITA — Danaide espôsa de Casso.
HELE — Filha de Atamante, rei de Orcômenos, e de Néfele, sua primeira mulher. — V. ATAMANTE. V. FRIXO.
HELÉBORO — Planta medicinal, largamente usada na antigüidade. Sua resina

tem virtudes purgativas. Empregava-se a raiz para curar a loucura. O mais famoso heléboro era o de Antícira. Daí a expressão: "Navegai para Antícira, que tendes necessidade de heléboro". Isto significava: Estais doidos. — V. ANTÍCIRA.

HELENA — Filha de Tíndaro, rei de Esparta, e de Leda, filha do rei da Etólia. Sua irmã gêmea era Clitemnestra, mulher de Agamenão. Outros dão-lhe como irmão gêmeo o herói Pólux. — V. CASTOR. — V. LEDA. — Helena era de beleza sôbre-humana. Tinha apenas dez anos quando Teseu a raptou. Castor e Pólux, seus irmãos, trouxeram-na de volta. — V. TINDÁRIDAS. — Tíndaro, antes do nascimento de Helena, oferecera um sacrifício aos deuses, e, por inadvertência, esquecera-se da parte que tocava a Vênus. A deusa, implacável, jurou que haveria de se vingar: Leda seria infiel ao marido. — V. LEDA. — Quando nasceu Helena, Vênus levou sua vingança mais longe: também esta seria infiel ao marido e causa das maiores desgraças. Helena, assim, atingiu a idade núbil e seus pretendentes contavam-se aos montes. A conselho do ardiloso Ulisses, um dos pretendentes, Tíndaro declarou que punha uma condição: Helena escolheria seu marido por sua livre e espontânea vontade, e os demais jurariam que haveriam de vingar qualquer injúria ou ofensa feita a Helena e a seu marido. Todos se submeteram a tal condição e todos juraram, pois cada um em particular tinha a secreta esperança de ser o escolhido. A escolha, porém, fixou-se sôbre Menelau, irmão de Agamenão. As duas irmãs casaram-se com os dois irmãos. O felizardo Menelau ganhou Helena e o reino que seu sogro lhe deu. Mas sua felicidade foi de curta duração. Estava Menelau ausente e no seu palácio achava-se Páris, o belo Páris, que viera em missão a Esparta. A volúvel e leviana Helena entrega-se ao hóspede de seu marido. Seduzida pelo que ouvira contar de Tróia, a soberba, ao pé da qual Esparta semelhava uma aldeia, foge com Páris. — V. MENELAU. — E assim teve início a guerra de Tróia. Terminada a guerra, voltou ela para Esparta com seu marido. Há duas versões acêrca da sua morte. Segundo a primeira, Helena era imortal, e depois da morte de Menelau foi posta entre os astros. De acôrdo com a outra, viu-se expulsa do reino por um filho de Menelau e de uma escrava. — V. MEGAPENTE. — Retirou-se para Rodes, para junto de uma amiga chamada Polixo. Essa mulher era viúva do rei da ilha, que morrera na guerra de Tróia. Polixo, então, resolveu vingar a morte de seu marido. A causadora da guerra e de tantas desgraças, estava a sua mercê. Um dia, quando a antiga amante de Páris se banhava, Polixo mandou duas mulheres matá-la. Elas a enforcaram numa árvore. Conforme outra versão, afogaram-na primeiro e depois suspenderam seu corpo em uma árvore.

HELENE — Irmã de Anfictião.

HELENEION — Planta nascida das lágrimas de Helena, ao pé do carvalho no qual foi enforcada. Essa planta tinha a virtude de tornar belas as mulheres e de dar alegria aos que a punham no vinho.

HELENO — Filho de Príamo e famoso adivinho. — V. CASSANDRA. — Pela morte de Páris, Heleno quis ficar com Helena; Deífobo, porém, casou-se com ela. — V. DEÍFOBO. — Retirou-se, então, para o monte Ida. Quando a cidade foi destruída, coube em partilha a Pirro, filho de Aquiles. Aconselhou ao jovem voltar por terra para a sua pátria e anunciou-lhe as desgraças reservadas aos Gregos que voltassem por mar. Prestou a Pirro, ainda, outros serviços, de tal modo que o filho de Aquiles lhe assegurou como herança a soberania do seu próprio território. Heleno, uma vez feito rei, desposou Andrômaca, viúva do seu irmão Heitor. Pouco depois recebeu no seu reino Enéias, amigo e parente a quem revelou os perigos que ainda o esperavam. Foi Heleno que declarou aos Gregos que Tróia sòmente seria conquistada se êles tivessem em seu meio o famoso Filoctetes. — V. FILOCTETES. — Dos filhos de Príamo sòmente Heleno restou, depois da guerra.

HELENOR — Filho dum rei da Meônia, outro nome para a Etrúria, e de uma escrava chamada Lícinis; foi um dos que participaram da guerra de Tróia. Acompanhou Enéias na Itália.

HELENOS — Os Gregos, da Hélade ou Hélada, a Grécia.

HELÍADAS — 1) Filhas do Sol e de Clímene e irmãs de Faetonte. Eram três, Lampécia, Faetusa e Febe. Alguns contam sete. A morte do irmão, Faetonte, fulminado por Júpiter, encheu-as de tão grande dor que choraram quatro meses sem interrupção. Os deuses metamorfosearam-nas em álamos e suas lágrimas em gôtas de

âmbar. — V. FAETONTE. — Têm, também, o nome de Faetontíadas.

2) Filhas do deus Hélio, rei da ilha de Rodes, ou do Sol e da Ninfa Rodes. Distinguiram-se essas virgens pelos seus profundos conhecimentos de astronomia. Fizeram, igualmente, a ciência de navegação e dividiram o ano em estações.

HELICÃO — Serra coberta de mato, no sul da Beócia, consagrada a Apolo e às Musas.

HELICÁON — Filho de Antenor e marido de Laódice, filha de Príamo. Ferido num combate noturno, foi reconhecido e salvo por Ulisses.

HÉLICE — 1) Ninfa que cuidou da infância de Júpiter. Era irmã de Ega. Foi posta no número das constelações.

2) Epíteto dado a Calisto, depois que ela foi posta no Céu, porque a constelação da Grande Ursa gira ao redor do pólo sem se pôr.

HÉLICON — 1) O mesmo que Helicão.

2) Rio da Macedônia. As mulheres que mataram Orfeu quiseram purificar-se nesse rio. As águas entraram terra a dentro para não servirem a tal fim, e só foram reaparecer vinte estádios mais adiante.

HÉLIMO — 1) Centauro.

2) Amigo e companheiro de Acestes. Fundou várias cidades. Os povos Hélimos foram aliados dos Fenícios contra os colonos gregos; desapareceram no século VII antes da nossa era.

HÉLIOS — 1) Filho de Hipérion. Foi afogado pelos Titãs no Erídano. Colocado no Céu, o fogo sagrado tomou dêle o nome de Hélios ou Sol. Apaixonado pela Ninfa Ródia, ou Rodes, secou a ilha que depois tomou o nome de Rodes e deu-a como presente a sua amada. Por isso é que a ilha de Rodes era consagrada ao Sol.

2) Filho de Perseu, deu seu nome a uma cidade da Lacônia.

HELOS — 1) Epíteto de Ceres, tomado de um templo próximo à cidade de Helos; nesse templo só as mulheres podiam entrar.

2) Cidade do Peloponeso.

HELOTES — Nome de Minerva em Corinto. Os Dórios haviam pôsto fogo a essa cidade. Helotes, sacerdotisa de Minerva, refugiou-se no templo da deusa e aí foi queimada. Algum tempo depois uma peste violenta abateu-se sôbre o país. O oráculo, consultado, declarou que para a peste cessar fazia-se necessário apaziguar os manes da sacerdotisa e reerguer o templo devorado pelas chamas. Os altares e o templo foram reerguidos e consagrados a Minerva-Helotes, a fim de honrar, ao mesmo tempo, Minerva e sua sacerdotisa.

HELOTIDE — O mesmo que Helotes.

HEMITÉIA — 1) Divindade adorada na Castália, cidade da Cária, onde havia grande veneração por ela. Acreditava-se que todos os doentes que dormissem no seu templo acordavam curados, mesmo que fôssem portadores de males incuráveis. Seu primeiro nome era Molpadia. Apolo salvou-a no momento em que se jogava ao mar para fugir as iras do pai.

2) Filha de Cicno e de Procléia, e irmã de Tenes. Irmão e irmã eram tão unidos e amigos que não se queriam separar. Sucedeu que Cicno expôs Hemitéia no mar; logo Tenes corre no seu encalço e segue-a numa frágil embarcação; impelidos pelos ventos, aportam em Tênedos. Aí viveram tranqüilos e felizes até o momento em que Aquiles, apaixonado por Hemitéia, quis desvirginá-la. Tenes acorreu em socorro da irmã, e é morto pelo herói. Hemitéia, naquela trágica emergência, suplica aos deuses que a salvem; abre-se a terra e a virgem foi engolida. Não é impossível que esta Hemitéia seja a mesma divindade adorada na Cária. — V. HEMITÉIA, 1.

HEMO — Rei da Trácia, filho de Bóreas e de Orítia e marido de Ródope. Hemo e Ródope foram transformados em montanhas por terem ousado exigir que os adorassem sob os nomes de Júpiter e Juno.

HÊMON — 1) Filho de Creonte, tirano de Tebas; concebeu por Antígona, sua prima, violenta paixão. Ao ouvir que seu pai condenara Antígona à morte, atirou-se aos pés do pai suplicando clemência. Como não conseguisse abrandar o coração paterno, atravessou-se com sua espada sôbre o corpo da amada. — V. ÉDIPO. V. ANTÍGONA.

2) Capitão Latino.

3) Príncipe da Lícia que seguiu Enéias na Itália.

HERA — Nome grego de Juno. — V. JUNO. — Hera é nome derivado do sânscrito *Svar*, "Céu".

HERACLÉIA — Nome das cidades fundadas por Hércules ou que lhe eram consagradas, principalmente as localizadas na Lucânia, na Sicília, perto de Agrigento, na

Tessália, na Peônia e a cidade marítima do Ponto.

HERACLES — Nome grego de Hércules.

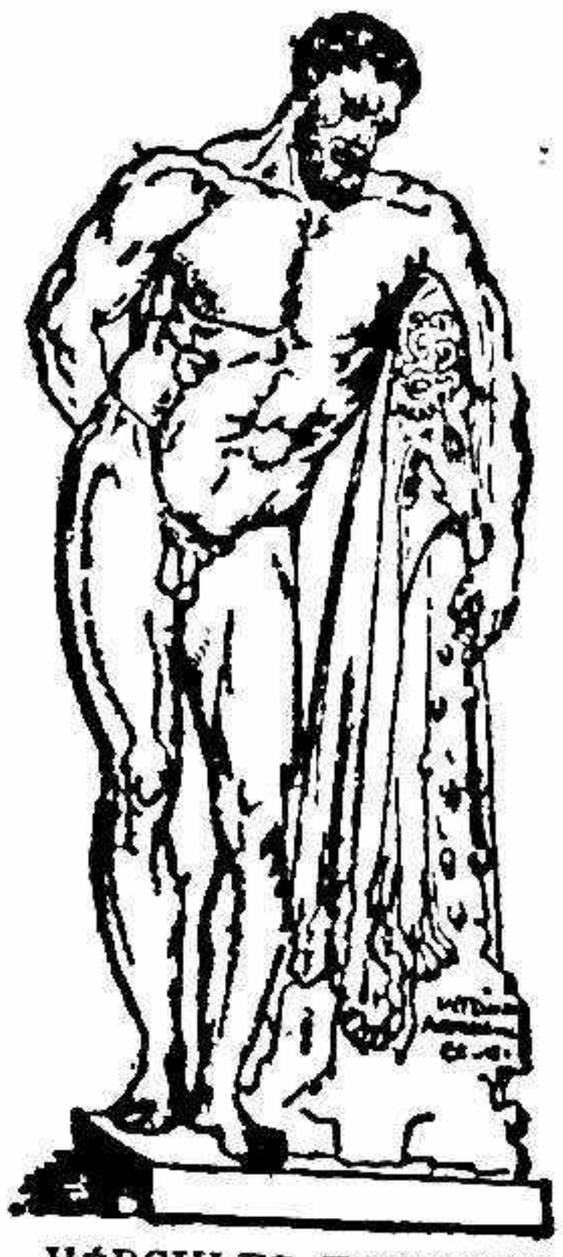
HERACLIDAS — Descendentes de Hércules. — V. EURISTEU.

HERCINA — Nome de uma companheira de Prosérpina.

HÉRCULES — O mais célebre dos semideuses, tipo acabado da fôrça aliada à sagacidade. Hércules consagrou tôda sua existência à salvação dos homens, percorrendo terras e mares para salvar os oprimidos, socorrer os infelizes e exterminar os monstros que assolavam os países. É filho de Júpiter e de Alcmena. — V. ALCMENA. — Em Tebas e em Micenas esperava-se um herdeiro ao trono, em Tebas mais cedo que Micenas. Júpiter, então, jurou pelo Estige que o descendente de Perseu que iria nascer reinaria sôbre todos os povos das redondezas. Júpiter pensava no filho que Alcmena trazia no ventre, nascido do seu sêmen. Juno, porém, fêz com que o filho de Nicipa, contra tôda a expectativa, nascesse primeiro. Êle era, igualmente, descendente de Perseu. É assim que Hércules jamais reinou, mas foi súbdito dócil de seu primo Euristeu. Entretanto, nascida a criança, Mercúrio, para conciliar as boas graças de Juno, levou-a ao Olimpo, e, enquanto a soberana espôsa de Júpiter dormia, pôs o menino no seu seio. Hércules, já naquela época terrível glutão, sugou o leite com tal violência que Juno despertou sobressaltada. Vendo o menino, afastou-o com um gesto brusco. O leite jorrou e se espalhou entre as estrêlas, dando origem à *Via Láctea*. A seguir, Juno, ainda cheia de ódio contra o fruto das infidelidades do marido, mandou contra Hércules duas enormes serpentes. O recém-nascido matou-as. Hércules cresceu e atingiu um talhe extraordinário. Com dezoito anos matou o leão que devastava a zona do Citerão. Por essa época, sentado no campo, viu dirigirem-se a êle duas mulheres, ambas formosas, ambas jovens, uma vestida de branco e com simplicidade, a outra com trajes suntuosos de côres variegadas. A primeira era a Virtude, e oferecia ao jovem um caminho cheio de dores, trabalhos, sofrimentos, no fim do qual o aguardava a glória; a outra oferecia-lhe um caminho de prazeres, atapetado de flôres e no fim não havia nada. Hércules resolveu seguir a Virtude, deixando a Volúpia para trás. Por essa mesma época morreu Anfitrião. Creonte — não confundir com o irmão de Jocasta e tio de Édipo — assumiu o trono de Tebas e para recompensar Hércules da sua liberalidade, pois o herói havia renunciado seus direitos a favor de Creonte, deu-lhe a filha Mégara em casamento. Juno, sempre rancorosa, fere Hércules com loucura furiosa. Num acesso de delírio Hércules apanha os dois filhos que tivera com a mulher e lança-os ao fogo. Voltando a si, cheio de mágua, procura o oráculo, que lhe ordena ir pôr-se à disposição de Euristeu, em Micenas, pelo espaço de doze anos. Euristeu, que a qualquer preço queria ver-se livre do herói, manda-o fazer aquelas tarefas conhecidas com o nome de Os *Trabalhos de Hércules*. — V. TRABALHOS DE HÉRCULES. — No curso dêsses doze anos, em que cumpriu doze trabalhos notáveis, Hércules tornou-se famoso no mundo inteiro por uma série de façanhas extraordinárias. Quando Jasão reuniu uma plêiade de ilustres príncipes para ir buscar o Tosão de Ouro, Hércules foi dos primeiros a se apresentar. Chegaram às bordas da Frígia. Laomedonte a governava. Queria êste construir uma cidade soberba. Pediu auxílio a Apolo e a Netuno, ambos exilados sôbre a terra, o primeiro por haver matado os Ciclopes, — V. CICLOPES — o segundo por ter tomado parte numa conjuração que Juno tramara contra seu augusto espôso. As divindades aceitam fixando um salário. Construíram a cidade e o pérfido Laomedonte não lhes quis pagar o ajustado. Netuno suscitou imensa inundação e da cidade não ficou pedra sôbre pedra; Apolo, por sua vez, fêz a peste grassar entre a população sem abrigo. Ora, Laomedonte queria reconstruir sua cidade; os Frígios, também; mas antes era mister cessar a peste que dizimava o povo. Foram, então, consultar o oráculo. Disse êste que os males que afligiam os Frígios cessariam se anualmente expusessem uma jovem, escolhida por sorte, ao furor de um monstro marinho. Ora, aconteceu que os Argonautas desembarcaram na Frígia exatamente no dia em que Hesíone, a filha do rei, tinha sido sorteada para servir de pasto ao monstro horrendo. Laomedonte corre a Hércules e pede-lhe que salve sua filha; se o fizer, ganhará a mão da virgem e magníficos cavalos. Hércules, sempre disposto a enfrentar grandes perigos, aceita. Mata o monstro marinho, restitui a môça ao pai

e pede a sua recompensa. Pela segunda vez Laomedonte deixa de cumprir a sua palavra. Furioso, Hércules mata o rei, saqueia a cidade e dá Hesíone ao jovem Telamão, filho de Éaco, rei de Salamina. Hércules não acompanhou até o fim a expedição dos Argonautas. Deteve-se na Mísia, para procurar Hilas, o belo, seu amigo dedicado, que as Ninfas haviam raptado. Enquanto o procura, os Argonautas desfraldam as velas. De outra feita, na Arcádia, Hércules estava perseguindo o javali de Erimanto e chegou até as fronteiras do Epiro, às margens do Pindo, onde se achavam os Centauros, que haviam sido expulsos de suas terras. Folo, um dos Centauros, acolhe Hércules com benignidade e convida-o para um banquete na sua gruta, oferecendo-lhe um odre de excelente vinho, dom de Baco. O odor do vinho capitoso atraiu os demais Centauros, que não queriam que o herói bebesse do precioso licor. Hércules enfrenta-os e mata vários; os restantes fugiram para as fronteiras do Peloponeso. O infeliz e bondoso Folo, ferido com uma das flechas envenenadas, morre. — V. Folo. — Retornando da sua vitória sôbre Gerião, — V. Gerião, — passou pelo Tibre com os bois. Enquanto dormia, o famigerado Caco, — nome que se interpreta como "O Mau" ou "O Malvado", — rouba-lhe alguns bois. Hércules mata-o, readquire seus bois e prossegue. — V. Caco. V. Grande Altar. — Em outra ocasião, Hércules, passando pela Tessália, chega ao reino do bom Admeto. O rei estivera gravemente enfermo e o oráculo, consultado, declarara que o rei recuperaria a saúde se alguém, parente ou amigo, consentisse em morrer em seu lugar. Alceste, sua espôsa, também conhecida por Alcêstide, ofereceu-se para morrer em seu lugar. Ora, Hércules chegou exatamente no momento em que a espôsa de Admeto baixava aos Infernos. O rei, não querendo em nada perturbar o repouso do seu hóspede, ocultou-lhe a morte da mulher e a negra dor que o possuía. Mas Hércules, vendo em tôda parte sinais de luto, inteirou-se da verdade. Comovido pela bondade e generosidade de Admeto, desceu aos Infernos e arrebatou Alceste do poder de Plutão. — V. Admeto. — Em outra ocasião, Hércules encontrou-se com Ífito, filho de Êurito, que andava à procura de umas vacas. Saem ambos a investigar as redondezas. Juno envia uma alucinação passageira ao herói, e êste, num transporte de furor sanguinário, precipita o infeliz môço do alto das muralhas. Passada a crise Hércules consulta o oráculo para saber o que lhe cumpria fazer a fim de purgar o seu crime. Êste diz-lhe que se faça escravo, durante um ano, e, como preço do sangue derramado, dê, ao rei da Ecália, pai de Ífito, os salários e o preço que recebesse. Mercúrio encarrega-se da transação. Vende-o por três talentos a Ônfale, rainha da Lídia, mulher voluptuosa e de rara formosura. A tradição diz que Hércules viveu aquêle ano, vestido de mulher e fiando lã, aos pés da rainha Ônfale, no meio de prazeres e de música. Findo o ano de escravidão, Hércules novamente se entrega a sua vida de aventuras. Na Ecália encontra-se com Êurito que se gabava de ser o mais hábil flecheiro de quantos havia. Prometera o rei dar a mão de sua filha Íole a quem o vencesse no tiro ao alvo. Hércules vence-o. Êurito recusa-se a pagar. O herói, cheio de cólera, retira-se resolvido a castigar a felonia do pérfido rei. Para reunir homens e formar um exército, chega a cidade de Calidão, onde reinava Eneu, pai da bela Dejanira. Hércules apaixona-se pela virgem. Mas havia muitos pretendentes à mão da princesa, e, para resolver a questão, decide-se que uma série de combates singulares indicará o marido da jovem. O pretendente particularmente temível era o grande Aquelôo, deus do rio do mesmo nome, o mais considerável de todos os que regam a Grécia. Desistem os demais concorrentes. Hércules e Aquelôo se põem a lutar; da primeira vez Aquelôo é vencido; toma, então, a forma de serpente, mas assim mesmo Hércules o subjuga; muda-se num touro furioso e o herói, sem detença, lança-o ao solo e arranca-lhe um chifre. — V. Amaltéia. V. Aquelôo. V. Côrno da Abundância. — Dejanira pertence a Hércules. Juno, entretanto, continua a odiar o herói com ódio verdadeiramente olímpico. Hércules, sem querer, mata um membro da sua família. Parte para Traquina com Dejanira; o rio Eveno, impetuoso, impede-lhes a passagem. O Centauro Nesso oferece-se para transportá-los a outra margem. — V. Dejanira. V. Nesso. — Depois da morte do Centauro, chegou a Traquina. O filho de Alcmena reune um exército e marcha contra Êurito, o rei da Ecália, a fim de ajustar antigas contas; mata-o, pilha a cidade e leva Íole

prisioneira. Nesse ínterim, Dejanira, ralada de ciúmes, espera pelo espôso. Em Eubéia o herói ergue um altar a Júpiter. Manda Licas buscar um manto precioso para celebrar a festa do deus com grande magnificência. Dejanira não hesita, e envia-lhe o manto ensangüentado do Centauro Nesso, na ingênua convicção de que por meio dêle reconquistaria o coração do marido. O herói reveste-se da túnica para oferecer o sacrifício. Mas o veneno penetra-lhe as carnes, entra-lhe pelos ossos e faz seu corpo todo apodrecer em pouco tempo. Hércules quer tirar o manto fatídico; em vão, a carne agarra-se a êle intimamente. Com pedaços da túnica saem, também, pedaços de carne. Louco de dor, agarra Licas e lança-o nas ondas. Faz-se transportar para Traquina. Dejanira, vendo-o naquele estado, compreende a vingança do



HÉRCULES FARNÉSIO
(*Museu Nacional de Nápoles*)

Centauro. Mata-se de desespêro. Sobe Hércules as alturas do Eta; ordena ao seu fiel amigo Filoctetes que erga uma pira; quando o fogo devorador começa a brilhar, dá suas últimas instruções. Faz Filoctetes jurar que jamais revelará o lugar da sua sepultura; as suas flechas irão com êle para o sepulcro; as demais armas, dá-as ao fiel amigo; remete Iole a Hilo, filho de Dejanira. E lança-se na fogueira. Um rio surge da terra, no lugar onde ardia a pira; imensa nuvem negra envolve a vítima voluntária. — V. FILOCTETES. — A tempestade ruge, os trovões retumbam, e, entre raios, que purificaram Hércules de tudo quanto ainda havia nêle de mortal, desaparece. O próprio Júpiter o introduz no Olimpo. Concede-lhe não só a imortalidade mas a sua filha Hebe, a graciosa deusa da Juventude. *Pormenores secundários e elucidativos* — A noite em que Hércules foi concebido durou o espaço de três. O trovão rugiu no momento em que nasceu, significando que o menino seria temível e invencível. Alcmena deu à luz gêmeos, Hércules e Íficles, mas o segundo não era filho de Júpiter, mas sim, de Anfitrião. Vítimas do herói: Busire, Anteu, Hipocoonte, Periclímeno. Érix; prostrou vários outros inadvertidamente. Ajudou Atlas a sustentar o pêso do Céu; separou as montanhas Calpe e Ábila, depois chamadas *Colunas de Hércules*. Teve várias mulheres e amantes. Eis as principais: Mégara, que matou com os filhos; as cinqüenta filhas de Téstio, que engravidou numa só noite; Ônfale; Epicasta; Partênope; Auge; Astioquéia; Astidâmia, Iole, Dejanira... — V. TODOS OS NOMES CITADOS. — Seus descendentes tomaram o nome de Heraclides ou Heraclidas. Logo depois da morte de Hércules, ergueram-lhe altares e templos em Tebas; o culto, ràpidamente, propagou-se por tôda a Grécia, e, a seguir, passou para a Itália, para as Gálias e para Espanha. Hércules era a divindade mais venerada não só pelos latinos, mas também por tôdas as raças sabinas. Era o deus do recinto fechado, de *hercere;* consideravam-no, por causa disso, a divindade da propriedade, privada ou pública, e das aquisições territorais. Tinha um altar no Mercado dos animais, onde o povo o invocava a fim de afastar um flagelo ou conseguir bons lucros nos negócios. Era costume, junto a êsse altar, fazerem-se os juramentos e concluir os contratos, o que deu, como resultado, confundi-lo, mais tarde, com o deus da boa-fé, *deus fidius*.

HERÉIAS — Jogos em Argos, em honra de Juno.

HERIBÉIA — Mãe dos astros.

HÉRILO — Filho da deusa Ferônia e rei de Preneste; recebeu da mãe três almas, e do pai três armaduras, que Evandro lhe tirou. Conforme outra versão, tanto as almas como as armaduras lhe foram dadas pela mãe.

HERMAFRODITO — Nome formado de Hermes (Mercúrio) e Afrodite (Vênus).

Filho de Vênus e Mercúrio, educado e criado pelas Náiades do monte Ida; nos seus traços refletiam-se os característicos do pai e as belezas da mãe. Quando completou quinze anos abandonou o Ida e saiu a correr mundo. Visitou a Lícia, a Cária, em cujos arredores encontrou um lagozinho maravilhoso, de límpidas águas, sem lôdo, sem juncos e sem marnéis. Habitava-o a Ninfa Salmácida. Hermafrodito não hesitou em se lançar naquelas puríssimas e frescas águas. Salmácida, que colhia flôres, viu o jovem e sentiu vivos desejos de possui-lo. Hermafrodito, porém, procurou afastar a Ninfa, mas em vão; inflamada de desejo atira-se sôbre êle, abraça-o, luta, sufocando-o quase, com o seu corpo estreitamente unido, sem que êle cedesse. Então a Ninfa pede aos deuses que os dois corpos fiquem para sempre unidos. Foi atendida. Hermafrodito, por sua vez, pediu aos pais que todos aquêles que se banhassem no lago, dêle saíssem com os dois sexos. Outra versão diz que antes de ter os dois sexos, Hermafrodito chamava-se Atlante ou Atlantíades, do seu avô Atlas.

HERMATENA — Busto de Mercúrio e de Minerva, conjugados.

HERMERACLES — Busto representando, ao mesmo tempo, Mercúrio e Hércules.

HERMES — Nome grego de Mercúrio. — V. MERCÚRIO. — Hermes ou Hermeias, corresponde ao sânscrito *Saraméyas*.

HERMÍNIO — Chefe troiano, temível pela sua coragem e pelo seu talhe agigantado. Combatia sem couraça. Foi morto por Catilo com um dardo.

HERMIONA — 1) A mesma que Harmonia.

2) Filha de Menelau e Helena. Esposou Pirro, e, depois, Diomedes.

3) Cidade e pôrto da Argólida.

HERO — Na cidade de Sesto, sôbre as bordas européias do Helesponto, habitava Hero, sacerdotisa de Vênus. Na cidade asiática de Abido, do outro lado do estreito, bem em frente de Sesto, morava o jovem Leandro. Ambos tornaram-se amantes; mas, como morassem em cidades separadas e não pudessem viver juntos, diàriamente, ao pôr do sol, Leandro jogava-se n'água, atravessava o estreito e caía nos braços da sua amada. Hero, do alto de uma penedia, com um archote mostrava o caminho através das ondas ao seu amante. Veio, porém, o outono e o tempo tornou-se tempestuoso. O mar, bravio e encapelado, não permitia a travessia. Na sétima noite, Leandro não se contém de impaciência e lança-se nas ondas revoltas. Com o olhar fixo no archote que lá em cima do rochedo brilhava, luta heròicamente, até, que, desfalecendo, é tragado pelas águas. Hero, de desespêro, joga-se igualmente nas ondas enfurecidas. Segundo outra versão, esposada por Ovídio, a tempestade extinguiu o fanal que de ordinário mostrava a Leandro a rota, e êste morreu afogado.

HERÓFILA — Nome da Sibila da Eritréia, filha de uma Ninfa e do pastor Teodoro. Sacerdotisa do deus Apolo Esmínteo, predisse a Hécuba as desgraças que causaria aos Troianos o jovem Páris que ela trazia, ainda, no seu ventre.

HERSE — 1) O Orvalho, filha de Júpiter e de Diana.

2) Filha de Cécrope. Foi amada de Mercúrio. Aglaura, sua irmã, invejosa dessa ligação, começou a perturbar os amôres dos dois, de tal modo que, perdendo a paciência, Mercúrio bateu-lhe com o caduceu e ela transformou-se numa pedra. Os Atenienses renderam honras divinas a Herse, após sua morte.

HERSÍLIA — Espôsa de Rômulo.

HESÍONE — Filha de Laomedonte. Foi exposta a um monstro marinho que Netuno enviou para vingar-se do rei Laomedonte. Hércules prometeu salvá-la se Laomedonte lhe desse os seus célebres cavalos, considerados invencíveis. O herói mata o monstro com um golpe da sua maça, salva Hesíone e entrega-o ao pai. Laomedonte, porém, recusa-se a pagar o que prometera. Hércules, indignado com a má fé do rei, mata-o como a tôda sua família, exceto Príamo, que havia aconselhado o pai a dar os cavalos e a mão da jovem, como prometera. Hércules deu Hesíone ao seu amigo Telamão que a levou para a Grécia. — V. HÉRCULES. V. LAOMEDONTE.

HESPÉRIDA — Região ocidental; a Itália em relação à Grécia; a Espanha em relação à Itália. Há a forma Hespéria. Significa "Terra da Tarde".

HESPÉRIDES — V. TRABALHOS DE HÉRCULES. — As Hespérides, segundo uns filhas de Atlas e de Hespéride, segundo outros, de Vésper ou Héspero, "o Poente", filho da Aurora e de Atlas, possuíam ao pé do Atlas jardins magníficos, onde as árvores carregavam maçãs de ouro, frutos maravilhosos oferecidos a Juno pela Terra,

quando aquela desposou Júpiter. Eram em número de três: Aretusa, Egle e Hipe-retusa. Um dragão de cem cabeças, filho de Tifão, guardava o jardim. Consta que uma sacerdotisa da raça Massila, dava ao dragão mel e sementes de papoula, como se faxia com as serpentes do Partenão e as do templo de Esculápio.

HÉSPERO — Filho da Aurora e de Atlas; personificava o planêta Vênus, considerado como "estrêla da tarde" ou "estrêla da manhã".

HESTIA — Nome grego de Vesta. — V. VESTA. — Hestia, da antiga mitologia dos Arianos.

HÍADES — Filhas de Atlas e de Etra. Eram sete: Ambrósia, Corônis, Diana, Eudora, Feo, Fesila e Polixo. Outros dão o nome de Náiades às Híades e contam sòmente seis, que são: Brome, Cisseis, Érato, Erifia, Nisa e Polífeno. A morte do irmão Hias causou-lhes tão viva dor que não paravam mais de derramar lágrimas. Os deuses, para pôr um fim a tanto chôro, levaram-nas para o Céu, puseram-nas sôbre a fronte do Touro, onde elas presidem às chuvas. Conforme outros mitógrafos, eram as Híades Ninfas que Júpiter transformou em astros a fim de subtrai-las à ira de Juno, que as queria punir por causa de Baco que elas haviam criado.

HIAGNE — Frígio, pai de Mársias, o mais antigo tocador de flauta. Inventou a harmonia frígia e compôs cânticos e hinos em honra da Mãe dos Deuses, de Baco e de Pã.

HÍALE — Uma das Ninfas de Diana.

HÍAMO — Filho da Ninfa Evadne.

HIAS — Filho de Atlas e de Pleione; morreu despedaçado por uma leoa; suas irmãs, as Híades, morreram de tanto chorar e foram transformadas em estrêlas.

HICETÁON — 1) Filho de Laomedonte.

2) Príncipe Troiano, pai de Timetes.

HIDEU — Pai de Astéria.

HIDISSO — Filho de Belerofonte e de Astéria; fundou em Cária uma cidade a qual deu seu nome.

HIDRA — Serpentário, constelação.

HIDRA DE LERNA — V. TRABALHOS DE HÉRCULES. — Monstro famoso nascido dos amôres de Tifão com a Equidna. Assolava êste monstro os pântanos que circundavam o lago ou marnel de Lerna, na Argólida. Alguns lhe dão sete, outros nove, outros, ainda, cinqüenta, e finalmente, há quem dê cem cabeças à Hidra de Lerna. Quando se cortava uma cabeça, logo nascia outra em seu lugar, contanto que se não tivesse o cuidado de queimar a parte decepada. Hércules recebeu a ordem de matar o monstro. Com a ajuda de Iolas conseguiu levar a cabo a tarefa: Hércules cortava a cabeça do monstro e Iolas aplicava o fogo, uma por uma, até ter liquidado definitivamente o monstro. No sangue da Hidra é que Hércules molhou suas flechas, a fim de torná-las venenosas. — V. FILOCTETES.

HIDRANOS — Sacrificador que na iniciação aos mistérios de Elêusis, imolava uma porca prenhe, sob a pele da qual se metia aquêle que deveria ser purificado.

HÍERA — Mulher de Télefo; é a mesma Laódice.

HIERAX — 1) Jovem que teve a imprudência de despertar Argo quando Mercúrio ia raptar Io. O deus, irritado, mudou-o em gavião.

2) Homem ilustre e justo, a quem Netuno transformou em gavião por ter dado trigo aos Troianos, contra os quais o deus estava irritado.

HIERODULAS — Cortesãs sagradas que viviam nos templos de Afrodite, em Corinto. Por extensão, qualquer cortesã sagrada.

HIEROFANTE — Hierofante era o supremo ou soberano sacerdote de Ceres entre os Atenienses. Sua obrigação era ensinar as coisas sagradas e desvendar aos iniciados os segredos dos mistérios de Ceres.

HIERÓFOROS — Sacerdotes que nas cerimônias religiosas levavam as estátuas dos deuses e demais coisas sagradas.

HIGÉIA — Higéia ou Higia, filha de Esculápio. Era adorada entre os Gregos como a deusa da Saúde. Representavam-na velada, e as mulheres lhe consagravam seus cabelos.

HILAS — Filho de Tiodamas. Foi um dos primeiros amigos que Hércules teve. Era Hilas de beleza deslumbrante. Acompanhou Hércules na sua expedição com os Argonautas. Quando chegaram na Tróade, Hilas foi encarregado de ir a terra buscar água. As Ninfas, encantadas com a sua beleza, o raptaram. Hércules, desesperado de encontrá-lo, fêz as margens retumbar com seus gritos. Nada mais se soube de Hilas, o belo.

HILATOR — Nome de um dos cães de Acteão.

HÍLAX — Nome de cão. Significa "o Ladrador".

HILES — Nome de um Centauro.

HILEU — 1) Centauro morto por Hércules.

2) Centauro morto por Atalanta.

3) Um dos príncipes gregos que tomaram parte na caçada ao javali do Calidão.

HILO — 1) Filho de Hércules e de Dejanira.

2) Rio da Jônia.

HILONOME — Espôsa de Cilaro.

HIMÁLIA — Ninfa da qual Júpiter teve dois filhos, Crônio e Cito.

HÍMEN — Hímen ou Himeneu, segundo alguns filhos de Apolo e de Calíope, conforme outros, de Baco e de Vênus, era o deus do casamento. Presidia, sòmente, aos casamentos realizados conforme os ritos. Era representado sob a figura de um belo jovem, de cabelos crespos, sorridente e triste ao mesmo tempo, que trazia frutos (nozes e romãs) e flôres (principalmente manjerona e rosas) e que tinha nas mãos ora uma flauta ora uma tocha nupcial.

HIMETO — Monte da Ática, com pedreiras de excelente mármore e justamente famoso pelo seu mel.

HIPA — Uma das Ninfas que cuidaram de Baco quando criança.

HÍPASO — 1) Nome de um Centauro.

2) Filho de Êurito; participou da caçada ao javali de Calidão.

3) Filho de Leucipo. Sua mãe, com a ajuda de suas outras filhas fê-lo em pedaços, imolando-o a Baco que a tornara louca furiosa.

4) Filho de Ceíce, amigo e companheiro de Hércules em muitas de suas aventuras.

HIPE — Filha do Centauro Quirão. Foi transformada em égua e posta entre os astros.

HIPÉIA — Filha de Ântipo e mulher de Elato; foi mãe do Argonauta Polifemo.

HIPERBÓREOS — "Os que moram além do Bóreas"; eram povos fabulosos das regiões mais setentrionais.

HIPERION — 1) Titã filho de Urano e da Terra, e pai do Sol. *Híperion* é prosódia melhor que *Hipérion*.

2) O Sol.

HIPERIONIDA — Filha do Sol, a Aurora.

HIPERIPE — 1) Danaide.

2) Filha de um rei dos Molossos. Surpreendida com suas irmãs por ferozes bandidos, refugiaram-se numa tôrre; os salteadores puseram fogo na tôrre e Júpiter transformou-as em mergulhões.

HIPERMNESTRA — Danaide. Foi a única que salvou seu espôso Linceu. — V. DÂNAO. V. DANAIDES.

HÍPIO — Epíteto de Netuno.

HIPNEU — Rei dos Lápitas.

HIPNOS — Irmão de Tánatos, a Morte, Hipnos é o deus do Sono. Era filho do Érebo e da Noite, e pai dos Sonhos. Seu palácio encontrava-se num antro inacessível aos raios do sol e cuja entrada era obstruida por imensos tufos de papoulas e de outras plantas soporíferas. O rio do esquecimento corria através dêsse palácio, e outro ruído não se ouvia além do doce e leve murmúrio das suas águas. Nesse palácio, num leito de ébano cercado de cortinas negras e guarnecido de finos cobertores de penas, repousava êsse tranquilo deus. Segurava numa mão um côrno, na outra um dente de elefante. Os Sonhos volteavam ao seu redor; Morfeu, seu principal ministro, mantinha silêncio perpétuo e absoluto nessa sombria morada. — V. MORFEU.

HIPOCAMPO — Cavalos marinhos, que tinham duas patas e uma cauda de peixe. Netuno e outras divindades marinhas dêles se serviam para puxar as carruagens.

HIPOCENTAURO — Nome de um Centauro. No plural significa os filhinhos dos Centauros.

HIPOCOONTE — 1) Filho de Ébalo, rei de Esparta. Era irmão de Tíndaro. Foi morto por Hércules. Tomou parte na caçada ao javali do Calidão.

2) Companheiro de Enéias e parente de Reso. Foi o primeiro que descobriu que os cavalos de Reso haviam sido roubados.

3) Companheiro de Enéias, filho de Hírtaco.

HIPOCRENE — Célebre fonte vizinha do monte Helicão. Pégaso a fêz surgir do solo com uma patada. Era consagrada às Musas.

HIPODAMANTE — Pai de Perimela.

HIPÓDAME — Filha de Enômao, mulher de Pélops.

HIPODÂMIA — O mesmo que Hipódame. Hipodâmia era célebre pela sua beleza. Seu pai, Enômao, apaixonado pela filha, arranjou um meio tão criminoso como seu afeto, para conservá-la em seu poder. Tinha o melhor carro da época e os mais velozes corcéis. Fingindo procurar para sua filha um marido digno dela, propôs por preço a filha àquele que o vencesse na carreira, mas com a condição de que

o vencido seria morto. Queria, mesmo, que Hipodâmia tomasse lugar no carro dos seus pretendentes, a fim de que êsses, perturbados com a sua beleza se descurassem da direção. Com tal artifício venceu e matou treze pretendentes. Os deuses, finalmente, irritados com tamanha crueldade, deram a Pélops, que era o décimo quarto pretendente, cavalos imortais e êle venceu Enômao.

2) Filha de Adrasto. Desposou Pirítoo. Êste, no seu casamento, tinha como convidados todos os Centauros. Um dêles, Êurito, prêso aos encantos de Hipodâmia, quis violá-la; os seus companheiros, seguindo seu exemplo, apoderaram-se das mulheres que estavam presentes ao festim, dando lugar ao terrível combate entre Lápitas e Centauros.

HIPÓDAMO — 1) Filho de Aquelôo.

2) Troiano morto dor Ulisses.

HIPODETE — Epíteto de Hércules entre os Tebanos. Prende-se ao fato de ter Hércules amarrado os cavalos uns nas caudas dos outros, durante um combate entre os Tebanos e os habitantes de Orcômenos.

HIPOLÉTIS — Epíteto de Minerva.

HIPÓLITA — Filha do deus Marte. Foi uma das mais famosas rainhas das Amazonas. Depois da destruição da sua tribo por Hércules, — V. TRABALHOS DE HÉRCULES — caiu no poder dêsse herói que a deu por mulher a Teseu, seu amigo, rei de Atenas. Deu à luz Hipólito, aquêle que um dia haveria de despertar a paixão de Fedra. A rainha Hipólita tinha uma irmã, Antíopa, que se tornou, dizem, uma das mulheres de Hércules. Outros dizem que Hipólita e Antíopa são a mesma pessoa.

HIPÓLITO — 1) Um dos Gigantes que fizeram guerra a Júpiter.

2) Um dos cinqüenta filhos de Egito.

3) Filho de Teseu e de Hipólita, rainha das Amazonas. Foi criado e educado em Trezena. Dedicou-se exclusivamente aos estudos e à sabedoria. Vênus, por tal razão, passou a odiá-lo vivamente. Para vingar-se, inspirou a Fedra, sua madrasta, criminosa paixão pelo jovem. Fedra, finalmente, confessa a Hipólito sua imensa e desregrada paixão. O rapaz repele-a com horror. Furiosa, Fedra acusa-o perante o marido de ter tentado desonrá-la. Teseu creu e pediu a Netuno que o vingasse. Quando Hipólito com seu carro passeava às bordas do mar, um monstro marinho aterrorizou seus cavalos que dispararam e espatifaram carro e condutor contra os rochedos. — V. FEDRA. — Os Atenienses e os Trezênios prestaram-lhe honras divinas. Mais tarde afirmaram que Hipólito não morrera, mas sim que os deuses o levaram com vida para o Céu e o colocaram entre os astros. Segundo alguns, Hipólito, depois do acidente, foi curado por Esculápio e viveu longo tempo sob o nome de Vírbio. — V. VÍRBIO.

HIPOMEDONTE — Um dos sete chefes que marcharam contra Tebas. Era filho de Nesímaco.

HIPÔMENES — Filho de Megaréia e Mérope. Venceu Atalanta na corrida e desposou-a. Hipômenes era tão casto que se retirou para o mato a fim de não ver mulheres. Encontrando, um dia, Atalanta, que estava a caçar, apaixonou-se profundamente por ela. — V. ATALANTA. — Os nubentes, logo depois de casados, não esperaram ou não puderam esperar pela noite de núpcias e consumaram o matrimônio no templo da deusa. Esta, irritada com a profanação, transformou-os num casal de leões.

HIPÔNOO — 1) Primeiro nome de Belerofonte. — V. BELEROFONTE.

2) Pai de Capeneu e de Peribeu.

3) Filho de Adrasto.

4) Um dos filhos de Príamo e de Hécuba.

HIPÓTADES — Descendente de Hipotes ou de Éolo.

HIPÓTOO — Um dos caçadores do javali de Calidão.

HIPSÉIA — Mulher de Eetes e mãe de Absirto.

HIPSÍPILE — Filha de Toas, rei de Lemnos. Sua mãe chamava-se Mirina. As mulheres de Lemnos, certa feita, faltaram com o respeito a Vênus, e negligenciaram seu culto, demonstrando frieza para com seus maridos. A deusa, para vingar-se, inspirou nos homens violento amor pelas escravas que tinham conquistado na Trácia, e êles demonstraram, mesmo, desejo de abandonar as espôsas. As mulheres da ilha de Lemnos, furiosas e ofendidas, formaram uma conspiração e assassinaram todos os homens no prazo de uma noite. Sòmente Hipsípile conservou a vida do rei, seu pai, que ela fêz transportar secretamente para a ilha de Quios. Após êsse massacre, a jovem foi eleita rainha de Lemnos. Algum tempo depois, os Argonautas navegando para a Cólquida, fizeram

BIBLIOTECA

estadia na ilha. Jasão, o chefe dos Argonautas, encantado com a beleza e graça da rainha, permaneceu na ilha dois anos, e partiu, depois, para a conquista do Tosão do Ouro. Esqueceu-se de Hipsípile nos braços de Medéia. Entretanto os Lêmnios haviam descoberto que Toas ainda vivia e expulsaram Hipsípile da ilha. Na viagem foi prêsa dos piratas que a venderam a Licurgo, rei de Neméia, cidade da Argólida. Licurgo confiou-lhe a educação do seu filho. — V. JASÃO.

HIPSO — Um dos filhos de Licaão. Fundou na Arcádia uma cidade a qual deu seu nome.

HÍRIE — Ninfa mãe de Cicno. Chorou tão amargamente a morte do filho que se transformou num lago que tem seu nome.

HIRIEU — Camponês beócio, pai de Orião. Deu hospitalidade a Júpiter, Netuno e Mercúrio, que viajavam pela Beócia. Como não tivesse filhos, pediu aos deuses um, sem que lhe fôsse preciso ter comércio com mulher, pois tinha prometido à sua, que acabara de morrer, de não mais casar. Os deuses ordenaram-lhe que enfiasse na terra o couro de uma novilha que lhes havia sido imolada, e não a retirasse senão depois de nove meses. Passaram-se os nove meses e êle tirou da terra o couro da novilha, encontrando dentro um belo e robusto menino, que se chamou Orião. — V. ORIÃO.

HÍRPACE — Filha de Bóreas e de Clóris.

HIRPINOS — Os Hirpinos, sacerdotes de Apolo do Soracte, monte ao sul da Etrúria, perto do Tibre, hoje monte Soratte, ou monte San Silvestro, cujo nome se interpreta como sendo "Lôbos", em Sabino, são os mesmos Lupercos latinos (de *Lupi*, lôbos). Caminhavam, sem se queimar, sôbre brasas incandescentes. Por essa razão eram isentos do serviço militar. Varrão, incrédulo e racionalista, afirma que os Hirpinos não estavam livres do fogo por causa da sua fé, mas sim, porque untavam a sola dos pés com o suco de certas ervas.

HIRTÁCIDA — Filho de Hírtaco, i. é, Niso.

HÍRTACO — Pai do famoso Niso, amigo inseparável de Eurialo.

HISTERIAS — Festas gregas nas quais se imolavam porcos a Vênus.

HIXÓBIO — Um dos cinqüenta filhos de Egito, espôso de Celeno.

HÓDIO — Sacerdote e arauto grego presente à guerra de Tróia.

HODITES — Filho de Hércules e de Dejanira.

HOLOCAUSTO — Sacrifício na qual a vítima era inteiramente consumida pelo fogo.

HOMERO — Famoso poeta grego, autor da ILÍADA e da ODISSÉIA. A tradição o representa, velho e cego, errando de cidade em cidade e cantando suas divinas rapsódias. Sete cidades disputam a glória e a honra de serem a pátria de Homero: Esmirna, Quios, Colofônia, Salamina, Ios, Argos e Atenas. — V. ILÍADA. — V. ODISSÉIA.

HONORINO — Divindade romana à qual sacrificavam as espôsas dos viajantes ou que deviam viajar, a fim de que encontrassem boa acolhida nas terras estrangeiras.

HOPLOFOROS — "Aquêle que porta armas", epíteto de Marte.

HORA — 1) Filha de Urano.

2) Deusa da beleza. — V. HORTA.

HORAS (AS) — Deusas filhas de Júpiter e de Têmis. Estavam encarregadas de abrir e fechar as portas do Dia e de cuidar dos

AS HORAS OU AS ESTAÇÕES
(*Afrêsco de Pompéia*)

cavalos do Sol. Representam-nas ordinàriamente com Têmis, com mostrador de relógios ou mesmo relógios. Tinham um templo em Atenas. Acompanhavam os deuses ou certos heróis, presidiam às estações e guardavam as portas do Céu.

HORMÊNIO — Pai de Astidâmia. Recusou sua filha a Hércules, que já estava casado com outra. O herói, ofendido, atacou-o em sua casa, matou-o e levou-lhe a filha.

HORTA — Deusa da Juventude entre os Romanos. Conduzía os jovens à Virtude. Seu templo jamais se fechava. É confundida, às vêzes, com Hersília, mulher de Rômulo, que tinha o nome divino de Hora. — V. HORA.

I

IA — Filha de Atlas. Foi transformada em violeta.

IACO — Outro nome de Baco. Significa "O que exulta".

IÁLISO — 1) Rei e protetor de Rodes.

2) Cidade da ilha de Rodes.

IALMENO — Filho de Marte e de Astioquéia. Era irmão de Ascálafo, com o qual comandou os Beócios de Orcômenos na guerra de Tróia.

IAMO — Filho de Apolo. Recebeu do deus seu pai o dom da profecia, que transmitiu a seus filhos.

IANA — Primitivamente nome de Diana; chamavam-na *Dea Iana*, donde Diana, abreviadamente.

IANTE — Jovem cretense, filho de Telestes, e que desposou Ífis. Iante era de rara beleza.

IAO — Nome que os habitantes de Claros davam a Plutão.

IAPETO — Filho de Celo ou Urano e irmão de Saturno. Desposou a Ásia ou Clímene. Teve os seguintes filhos: Atlas, Menécio, Prometeu, Epimeteu. Os Gregos o consideravam autor da sua raça e não conheciam nada mais antigo que êle.

IÁPIDE — Nome do médico de Enéias. Foi amado de Apolo, que lhe deu a ciência das ervas e dos venenos.

IÁPIDES — Povos da Iapídia.

IARBAS — Rei da Getúlia. Era filho de Júpiter-Ámon e duma Ninfa do país dos Garamantes. Elevou cem templos em honra de seu pai, cada qual mais magnífico, e cem altares, onde se imolavam vítimas dia e noite. Iarbas, irritado com a recusa de Dido, que não quis ser sua espôsa, declarou guerra aos Cartagineses. Êstes quiseram forçar sua rainha a essa aliança; Dido, porém, preferiu a morte. — V. DIDO.

IÁSIO — Filho de Júpiter e amado de Ceres. Alguns o confundem com Iásion.

IÁSION — Iásion ou Iasião, rei da Etrúria. Era irmão de Dárdano, que o mandou assassinar.

IASSO — Cidade da Cária, célebre por uma estátua da deusa Vesta, sôbre a qual não caía neve nem chuva, ainda que estivesse a descoberto.

ICÁDION — Filho de Apolo.

ICÁRIA — 1) Sobrenome de Diana, adorada na ilha de Icária.

2) Ilha do mar Egeu, sôbre a qual foi deposto o corpo de Ícaro. Aí êle foi inumado por Hércules.

ICÁRIDE — Filha de Icário, i. é, Penélope.

ICÁRIO — 1) Ateniense, pai de Erígone. Deu hospitalidade a Baco, que, para recompensá-lo, ensinou-lhe a arte de plantar a vinha e de fazer o vinho. Icário, depois de ter fabricado o primeiro vinho da Ática, deu-o a beber aos pastôres do lugar, que se embriagaram. Alguns, mais lúcidos, julgaram que tinham sido envenenados por Icário, e o mataram. A seguir, lançaram seu corpo num poço. Mero, cadela do infeliz Icário, revelou a Erígone a morte de seu pai, e conduziu-a ao local onde jazia o corpo. Erígone enforcou-se de dor, e a cadela morreu de puro pesar. Baco vingou

a morte de Icário com raivoso furor que atormentou as mulheres da Ática, até que o Oráculo, consultado, exigiu que fizessem grandes festas expiatórias. Essas festas tornaram-se célebres pelos jogos icários. Júpiter colocou entre os astros Icário, Erígone e Mera. Icário tornou-se a constelação de Bootes, Erígone, a da Virgem, e Mera a da Canícula.

2) Filho de Ébalo e pai de Penélope. Icário era Lacedemônio de muitos haveres, nobre e valente. Amava sua filha de tal modo que se sentia triste ao pensar que um dia haveria de perdê-la, quando casasse. Como havia muitos pretendentes à sua mão, estabeleceu um concurso: casaria com Penélope quem ganhasse uma corrida a pé. Ulisses, um dos pretendentes, ganhou. Icário, arrependido, pediu à filha que ficasse com êle. Ulisses deixou a escolha à môça; Penélope preferiu seguir o marido. Há outra versão mais verossímil: Penélope estava já prometida a Ulisses, mas Icário pressionava fortemente o rei da Ítaca para que viesse estabelecer-se nos seus domínios, pois assim poderia ficar junto da filha. Ulisses não cedeu a nenhum dos argumentos do velho pai. Partiram os dois a caminho da Ítaca. Icário segue-os e redobra suas insistências. Ulisses, então, deixa a escolha à espôsa: partir com o marido ou permanecer com o velho pai. Penélope enrubesceu e não disse nada; cobriu-se, apenas, com o véu. Icário, que compreendeu essa linguagem muda, não insistiu mais. E no local mandou construir um altar ao Pudor.

ÍCARO — Filho do Ateniense Dédalo, construtor do Labirinto de Creta. Prêso no

ÍCARO E DÉDALO
(*Pintura de vaso. Nápoles*)

Labirinto com o filho Ícaro, Dédalo consegue escapar com a ajuda de asas artificiais, fixadas ao ombro, feitas com penas unidas por meio de cêra. Ícaro, infelizmente, desobedecendo às instruções paternas, aproxima-se muito do sol. Êste derrete a cêra, caem as penas e Ícaro tomba do alto Céu. — V. DÉDALO.

ÍCELO — Um dos filhos do Sono, Hipnos, o mesmo que Fobetor.

ICNÓBATES — Um dos cães de Acteão.

IDA — 1) Serra selvática da Frígia e Tróade, ao sudeste de Tróia; principal centro do culto de Cibele.

2) Serra da ilha de Creta.

3) Ninfa filha de Melisso, rei de Creta. Foi das que cuidaram de Júpiter menino. Deu seu nome à montanha.

IDADE DE OURO (A) — Houve, no mundo, quatro idades: a de ouro, a de prata, a de bronze e a de ferro. Ovídio assim as descreve: "A idade do ouro foi a primeira, a qual, sem repressão, cultivava a lealdade e a justiça, por sua própria vontade, sem leis. O castigo e o temor não existiam; nem as palavras ameaçadoras da lei eram lidas no fixo bronze, nem a turba suplicante temia o semblante do seu julgador, mas estavam seguros sem protetor. O pinheiro (de que se faziam navios) ainda não tinha descido até as líquidas ondas, cortado de seus montes, para que visitasse o mundo estranho, e os mortais não conheciam nenhuma praia exceto a sua. Os fossos profundos não cingiam as cidades; não existiam capacetes nem espada. Sem emprêgo de soldados os povos gozavam em segurança os doces lazeres. A própria terra, livre de impostos e não ferida pela enxada e não cortada pelo arado, dava tudo por si mesma; e os homens, contentes com os alimentos produzidos sem ninguém forçar, colhiam os frutos do medronheiro, e morangos das montanhas, e as cerejas e as amoras pendentes das sebes espinhosas, e as glandes que haviam caído da árvore frondosa de Júpiter (o carvalho). A primavera era eterna, e os meigos Zéfiros acariciavam com seu sôpro tépido as flôres nascidas sem sementes. E logo também a terra não lavrada produzia searas, e o campo não renovado ficava branco de espigas cheias. Ora corriam rios de leite, ora corriam rios de néctar e os meles dourados destilavam da verde azinheira. Depois que, enviado Saturno ao Tártaro tenebroso, o mundo ficou sob Júpiter, surgiu a idade de prata, inferior à do ouro, mais preciosa que a do bronze fulvo. Júpiter abreviou a duração da antiga primavera, e dividiu o

ano em quatro épocas, por invernos, verões e outonos desiguais e pela curta primavera. Então, pela primeira vez o ar encandesceu, abrasado de sêco ardor, e a neve, endurecida pelos ventos, ficou suspensa. Então, pela primeira vez, os homens entraram em casas; as cavernas foram habitações, assim como os densos arbustos e ramos ligados pela casca (choupanas). Então, pela primeira vez, as sementes de Ceres (os cereais) foram lançados em longos sulcos, e os novilhos gemeram oprimidos pelo jugo. Em terceiro lugar surgiu a idade do bronze, mais feroz pelos seus instintos, e mais pronta para as guerras horríveis, contudo, não criminosas. A última idade foi feita do ferro durissimo. Sem demora todo o crime irrompeu na idade dêsse metal inferior; o pudor, a verdade e a boa fé desapareceram, e em seu lugar vieram as perfídias e o dolo, as emboscadas e a violência, e a paixão criminosa de possuir. Os homens soltavam as velas aos ventos, e o navegante ainda não os conhecia bem; e as quilhas, que por muito tempo haviam ficado nos montes elevados, atiraram-se em meio às ondas desconhecidas. E o agrimensor cauteloso assinalou por meio de longas separações a terra antes comum, como a luz do sol. E a terra rica não era exigida sòmente em searas e alimentos devidos, mas foram até as entranhas da terra em busca de riquezas que ela escondera nas proximidades do sombrio Estige. Incitamentos dos vícios são manifestados. E já o ferro nocivo e o ouro mais nocivo que o ferro aparecem; surge a guerra que combate com ambos os metais e agita com a mão ensangüentada as armas crepitantes. Vive-se da rapina. O hóspede não se acha seguro sob o hospedeiro, o sogro não está seguro sob o genro; é rara a concórdia entre irmãos. O marido faz votos pela morte da espôsa, ela pela do marido; as madrastas terríveis preparam venenos lívidos; o filho consulta antes do tempo os anos que restam de vida ao pai; a piedade jaz vencida, e a virgem Astréia, como última dos celestes, deixou as terras úmidas pelos morticínios." Para os Romanos, a Idade de Ouro correspondia ao reino de Saturno no Lácio.

IDÁLIA — Epíteto de Vênus, tomado de Idálio, cidade da ilha de Chipre. Essa cidade, um pouco ao norte de Citium, era consagrada a Vênus, e célebre pelos seus bosquetes e jardins. Aí se adorava a deusa sob o nome de *Flora* ou *Floraia*, correspondendo ao grego *Anthaia*, como a divindade que fazia crescer os frutos e desabrochar as flôres; ofereciam-lhe como oferendas frutos e espigas; a romã estava-lhe consagrada. O templo, que aí havia, muito antigo, era uma das habitações preferidas da deusa.

IDAS — 1) Um dos cinqüenta filhos de Egito.

2) Filho de Afareu e parente de Jasão. Foi um dos Argonautas e tomou parte na caçada ao javali de Calidão. Bateu-se contra Apolo, que lhe queria raptar Marpessa. Matou Castor que lhe havia raptado Febe, e foi morto por Pólux.

IDEU — Troiano filho de Dares, que Vulcano salvou das mãos de Diomedes.

IDEUS — 1) Filho de Téstio. Foi morto por Meléagro, por haver tentado arrebatar de Atalanta os despojos do javali de Calidão.

2) Filho de Dárdano. Deu seu nome ao monte Ida.

3) Filho de Príamo.

4) Filho de Páris. Foi morto pela queda de um teto. Sua mãe era Helena.

IDIA — Mulher de Eetes e mãe de Medéia. Era uma Oceânide.

IDMÃO — 1) Um dos cinqüenta filhos de Egito.

2) Pai de Aracne.

3) Filho de Apolo e de Antanira; acompanhou os Argonautas na qualidade de adivinho; foi morto na Trácia por um javali. Havia predito o tempo e o gênero da sua morte.

4) Guerreiro de Cízico morto por Hércules.

IDOMENEU — Rei de Creta, filho e sucessor de Deucalião. Conduziu à guerra de Tróia as tropas cretenses sôbre uma frota de oitenta navios. Assinalou-se com notabilíssimos feitos durante o assédio. Ao voltar, batido por furiosa tempestade, fêz a Netuno o voto de sacrificar-lhe o primeiro ser vivo que se lhe apresentasse ao chegar em Creta. Seu filho foi o primeiro ser que seus olhos viram. Imediatamente Idomeneu o sacrificou. Êsse cruel sacrifício o tornou tão odioso aos Cretenses, que se viu obrigado a abandonar Creta. Retirou-se para a Itália onde fundou Salento, hoje Soleta. Seu nôvo reino, que governou com as sábias leis de Minos, tornou-se florescente. Atingiu idade

avançada e recebeu de seus súditos as honras heróicas.

IDÓTEA — 1) Uma das Ninfas que cuidaram de Júpiter quando menino.

2) Oceânida.

3) Filha de Cadmo.

IDÚLIO — Nome da vítima que se imolava a Júpiter no dia dos idos.

IERA — Ninfa do monte Ida.

IFIANASSA — Outro nome de Ifigênia.

IFIAS — Evadne, filha de Ífis.

IFICLES — Filho de Anfitrião e de Alcmena, e irmão uterino de Hércules. Quando Juno enviou duas serpentes para matar Hércules no bêrço, Íficles, despertado pelos seus gritos, por sua vez gritou tanto que chamou a atenção de Alcmena, sua mãe, e de Anfitrião, seu pai, que foram testemunhas, assim, da primeira façanha de Hércules. Íficles desposou Pirra, a mais jovem das filhas de Creonte, da qual teve Iolas. Tomou parte na caçada ao javali de Calidão, e ajudou Hércules em algumas das suas primeiras aventuras. Morreu em virtude de uma ferida que lhe fêz Argeu, rei dos Elaítes. Os habitantes de Feneu, onde foi sepultado, prestaram-lhe tôdas as honras heróicas.

IFICLO — 1) Filho de Filaco, príncipe da Tessália, rico em rebanhos. Foi do número dos Argonautas.

2) Filho de Téstio. Tomou parte na caçada ao javali de Calidão. Foi, também, do número dos Argonautas.

3) Pai de Protesilau.

IFIDAMAS — 1) Filho de Busire ou Busíris; foi morto por Hércules, juntamente com seu pai.

2) Filho de Antenor e de Teano. Foi criado na Trácia, por seu avô Cisseo e desposou uma das suas filhas. Participou da guerra de Tróia, para onde partiu com doze navios. Foi morto por Agamenão.

IFIDO — Ífido, filho de Anfitrião e de Alcmena.

IFIGÊNIA — 1) Sobrenome de Diana.

2) Filha de Teseu e de Helena, que Clitemnestra fêz passar por sua filha. É, provàvelmente, a mesma que a seguinte.

3) Filha de Agamenão e Clitemnestra. Os Gregos, reunidos em assembléia, quando partiam para Tróia, vendo-se retidos pelas calmarias e pelos ventos contrários, ouvido Calcante, exigiram de Agamenão o sacrifício de sua filha. Essa filha foi Ifigênia. A causa dêsse sacrifício prendia-se ao fato de ter Agamenão matado uma cerva consagrada a deusa Diana. O pai, após hesitar muito tempo, consentiu enfim em sacrificar sua filha. Mas era preciso trazê-la de Argos, arrancando-a aos braços de Clitemnestra. Mandou-se um embaixador buscar a menina, sob pretexto de casá-la com Aquiles. Clitemnestra, satisfeita com a perspectiva de ter Aquiles por genro, deixou-a partir. Ifigênia, ao ver os preparativos do sacrifício, compreendeu, então qual seria seu destino; suplicou ao pai que a salvasse. Suas lágrimas foram inúteis. Conduziram-na ao altar e no momento em que Calcante ia feri-la, Diana, apaziguada por tal submissão, pôs uma cerva no lugar da virgem. A seguir, transportou Ifigênia para a Táurida, onde lhe confiou o cuidado do seu templo. Feita sacerdotisa de Diana, Ifigênia viu-se na contingência de sacrificar os estrangeiros que chegavam ao país à deusa. Já várias vítimas humanas haviam ensangüentado o altar de Diana, quando Orestes e Píades chegaram, também, a Táurida. Ifigênia descobriu que um dos jovens era seu irmão. Fugiram, então, os três, daquele local bárbaro, levando a estátua da deusa. — V. AGAMENÃO. V. ORESTES. V. TOAS.

SACRIFICIO DE IFIGÊNIA
(*Afrêsco de Pompéia*)

IFIMEDIA — Filha de Triopas e mulher do Gigante Aloeu. Teve, de Netuno, dois filhos célebres, conhecidos pelo nome de Aloídas. Um dia, quando Ifimedia com sua filha Pancrátis, celebravam as orgias, foram raptadas pelos Trácios. — V. BUTES.

IFINOUS — Nome de um Centauro.

IFIOMEDIA — Mãe de Ifialto e de Oto, que ela teve de Netuno. É a mesma Ifimedia.

IFIS — 1) Pai de Etéocles.

2) Filho de Alector, rei de Argos. Participou da expedição dos Argonautas.

3) Jovem de Salamina, que, não podendo conquistar o coração de Anaxárete, enforcou-se de desespêro.

4) Mulher de grande beleza, que Aquiles deu de presente a Pátroclo.

5) Filha de Ligdo e de Teletusa. Nasceu em Festo, na Creta. Ligdo, antes de partir para uma viagem, recomendou a sua mulher, que estava grávida, de expôr o filho se fôsse mulher. Teletusa deu à luz uma menina. Logo depois do parto, quando a mãe hesitava em se separar da linda menina que nascera, em sonhos, surgiu-lhe a deusa Ísis ordenando-lhe disfarçar o sexo da menina vestindo-a com roupas masculinas. Teletusa, muito contente, assim fêz. Quando Ligdo voltou, não suspeitou de nada. Passaram-se os anos e Ífis tornou-se núbil. O pai, então, quis casá-la com a formosa Ianto ou Iante. A mãe fêz o possível para que o casamento não se realizasse. Esgotou todos os meios. Por fim, desesperada, recorreu a Ísis. A deusa, durante as cerimônias do casamento, transformou Ífis em rapaz.

ÍFITO — Filho de Êurito, rei da Ecália. Participou da expedição dos Argonautas. Conquistou a amizade de Hércules aconselhando o pai a dar-lhe a sua irmã Íole, que o herói conquistara. Mas Ífito, desconfiado, convenceu-se de que o herói roubara os cavalos do seu pai, que Autólico havia levado, e foi procurá-lo em Tirinto. Hércules levou-o a uma alta tôrre que lhe permitia ver todos os arredores; enquanto o rapaz olhava, Hércules jogou-o tôrre abaixo, por tê-lo falsamente acusado.

ILAÍRA — Filha de Leucipo e de Filódice, e irmã de Febe. Estavam estas duas princesas para desposar Linceu e Idas, quando foram raptadas por Castor e Pólux. Receberam, após a morte, as honras heróicas.

ÍLIA — 1) Epíteto de Minerva.

2) Réia Sílvia, filha de Númitor e mãe de Rômulo e Remo.

ILIADA — Poema épico atribuído a Homero. "Nenhum autor clássico alcançou jamais fama tão indiscutida. O nome de Homero tornou-se sinônimo de poeta. Essa glória é, em grande parte, o resultado de inúmeros esforços malogrados de imitá-lo. Será difícil enumerar as epopéias que se escreveram para rivalizar com Homero; e o fracasso manifesto de todos os imitadores fortaleceu a unanimidade de opinião: Homero é o maior poeta. ...Para nós outros, Homero não pode ser outra coisa senão símbolo de uma grande obra literária, puramente literária e capaz de ser discutida. ..."Homero" é o próprio mundo grego. Nasceu com a civilização grega: a língua e o metro, o hexâmetro, nascem ao mesmo tempo... Não é possível determinar com exatidão a época em que as epopéias foram redigidas... A *Ilíada* descreve fielmente a época feudal da Grécia, e o conteúdo da *Odisséia* está em relação íntima com a época fenícia da civilização mediterrânea... Homero compreende tudo: sol e noite, tragédia e humor, o universo grego inteiro, do qual é a bíblia e o cânone ideal... O equilíbrio entre realismo e idealidade é o que confere aos poemas homéricos a vida eterna: a bíblia estética, religiosa e política dos gregos podia transformar-se em bíblia literária da civilização ocidental inteira". (Otto Maria Carpeaux: *História da Literatura Ocidental*, I vol.) Não se sabe onde Homero nasceu, nem como viveu e onde morreu. *Homero* significa "Cego" ou "Refém", conforme o dialeto jônio ou eólio; daí a lenda que o fêz cego, cantando suas rapsódias, de cidade em cidade, a trôco da própria subsistência; ou refém, quando lhe sobraram ócios para a confecção dos dois imortais poemas... Como quer que seja, haja ou não existido o Homero que a tradição nos apresenta, certo é que as duas obras — *Ilíada* e *Odisséia* — aí estão como monumentos eternos, a própria Grécia heróica, com suas lendas e mitos, suas glórias e suas misérias. A obra homérica é o mais esplêndido acervo mitológico que se conhece. Tenha sido ela feita por um só homem ou por diversos, isto, afinal, pouco interessa: as duas epopéias nada perdem do seu encanto perene ou vitalidade, e da maravilhosa concepção artística, que foi, é e continua a ser o espanto dos homens. A *Ilíada* tem por assunto, apenas, um episódio da famosa guerra de Tróia, que começa com a célebre "cólera de Aquiles". Tróia ainda está de pé, mas Heitor, Príamo e os demais chefes sabem que o destino da soberba cidade é a destruição. Resistem, contudo, ferozmente. A peste grassa furiosa no arraial grego. Criseide, filha do

sacerdote de Apolo, Crises, cativa de guerra, não foi devolvida ao pai, apesar das súplicas dêste. Apolo, como castigo, envia a peste. Calcante explica a causa da peste: só cessará se a môça fôr entregue ao pai. Agamenão, furioso, entrega-a, mas arrebata Briseis, que pertencia a Aquiles. Êste, indignado e ofendido, declara que nem êle nem os Mirmidões combaterão. Queixa-se à mãe, Tétis, e esta consegue de Júpiter que os Gregos sofram mais ainda pela injúria feita ao grande Aquiles. Júpiter, numa visão enganadora, incita Agamenão a oferecer batalha aos Troianos. Sofrem formidável derrota, e temem pelos próprios navios, encalhados na areia da praia. Lamenta amargamente a ausência de Aquiles. Ulisses e Fênix, velho preceptor do jovem guerreiro, tentam persuadi-lo. Em vão. A luta continua e os Gregos perdem terreno, a frota grega é ameaçada de incêndio, os Troianos avançam, e, por fim, refugiam-se os invasores nos seus navios. Pátroclo, grande amigo de Aquiles, conjura-o a voltar ao campo de batalha. Em vão. Pede-lhe, nesse caso, os Mirmidões, para, com êles, auxiliar os Gregos já quase em pânico. Enquanto falam, sùbitamente, o céu tinge-se de vermelho: é uma nave que arde. Aquiles, então, cede suas armas a Pátroclo. Vendo os Troianos a armadura de Aquiles, pensam que êle retornou ao campo de batalha e começam a tremer; fogem, a seguir, para suas muralhas. Pátroclo persegue-os. Tenta escalar a muralha, e teria conseguido se Apolo não rechaçasse o assaltante, ferido por Euforbo e morto, logo a seguir, por Heitor. Trava-se encarniçada luta em tôrno do cadáver. A custo conseguem os Gregos dêle se apoderar. Louco de dor, Aquiles põe de lado sua cólera: o que a razão, os pedidos amigáveis, o amor da pátria não puderam fazer, fê-lo o desejo de vingança. Aquiles pede a mãe que lhe arrume novas armas. Vulcano fabrica-as. Armado com elas, Aquiles investe contra os Troianos. À borda do fôsso solta um grande grito; a êsse berro medonho os Dardânios tremem e fogem para dentro da cidade, todos, sem exceção, menos Heitor: um perseguindo, outro fugindo, dão três voltas à cidade. Júpiter pesa os destinos de Aquiles e de Heitor: a balança é desfavorável ao herói troiano, e Aquiles o mata. Despoja o cadáver e leva-o para os navios. A consternação dos Troianos, de Príamo, de Hécuba e de Andrômaca é inenarrável. Os Mirmidões prestam honras fúnebres ao grande amigo de Aquiles, Pátroclo, e êste aparece em sonhos àquele. Realizam-se os funerais de Pátroclo com muita pompa, certames e jogos fúnebres. Aquiles, uma vez por dia, arrasta o cadáver de Heitor em volta do túmulo de Pátroclo. Júpiter, por intermédio de Tétis, manda dizer que Aquiles entregue a Príamo o cadáver do herói; a Príamo envia Mercúrio, a fim de dispor o ancião a resgatar o corpo do filho. Finalmente, êste é levado para Tróia. Seguem-se os funerais do herói e termina o poema: "E estas foram as honras fúnebres prestadas a Heitor, ínclito guerreiro." Tal como chegou até nós, consta a *Ilíada* de 24 cantos ou rapsódias, com 15.000 versos hexâmetros. Essa divisão, provàvelmente, remonta a Zenódoto, crítico alexandrino do século III antes da nossa era. Não foi Homero quem denominou sua epopéia *Ilíada*. Platão chamava aos versos de Homero simplesmente *Poesia*. *Ilíás* é adjetivo feminino, com o genitivo *Ilíádos*. Assim, o título do poema significa "A região de Tróia" ou "Tróade". Como durante o cêrco de Tróia os deuses muitas vêzes interferiram nos combates e nas decisões, é conveniente saber-se quais dos Olímpicos eram favoráveis a êste ou àquele partido.

1) *Deuses favoráveis aos Gregos:*

Juno, perseguidora dos Troianos desde o julgamento de Páris; seu ódio aumentou quando Ganimedes tomou o lugar de sua favorita Hebe. Deusa casta, não podia ver com bons olhos os efeminados asiáticos.

Minerva, protetora de Atenas, deusa por excelência da fina e elegante raça helênica.

Netuno, perseguidor feroz dos Troianos depois das vilezas de Laomedonte.

Vulcano, grande amigo de Tétis, mãe de Aquiles; Tétis o acolheu benignamente quando foi expulso dos céus, por ser considerado muito feio.

Mercúrio, deus astucioso e maligno, muito semelhante aos Gregos.

2) *Deuses favoráveis aos Troianos:*

Vênus, mãe de Enéias, amante de Anquises, que foi a escolhida por Páris.

Apolo, adorado em Tróia com culto especial.

Diana, irmã gêmea de Apolo.

Marte, amante de Vênus.

Além dêsses, os deuses-rios Xanto, Símois e Escamandro eram favoráveis aos Troia-

nos. Xanto chegou a lutar com Aquiles (Rapsódia XXI).

ILÍADE — Filho de Ília.

ILIENSES — Os Troianos, de Ílio.

ÍLIO — Outro nome para Tróia. Usa-se, também, Ilião.

ILÍONA — Filha mais velha de Príamo.

ILIONEU — 1) Um dos filhos de Níobe. 2) Companheiro de Enéias.

ILÍRIA — Região da Itália banhada pelo mar Adriático.

ILÍRIO — Filho de Cadmo e Hermíona. Deu seu nome à Ilíria.

ILITIA — Nome de Diana ou Juno. — V. LUCINA.

ILO — Filho de Tros, rei de Tróia e fundador de Ílio. *Ilião* vem de Ilo; *Tróia*, de Tros. Ilo teve por mãe Calírroe, filha do Escamandro. Quando ardeu o templo de Minerva, Ilo jogou-se no meio das chamas para salvar o Paládio; morreu queimado, mas os deuses outorgaram-lhe, novamente, a vida.

IMÁON — Nome de um guerreiro.

ÍMBRASO — 1) Pai de Piro. — V. PIRO. 2) Pai de Glauco e de Lade. Ímbraso mesmo instruiu os filhos na arte da guerra; deu a ambos armas iguais.

3) Rio da ilha de Samos. Pretendiam os habitantes da ilha que Juno havia nascido às margens dêsse rio. Suas águas eram sagradas.

IMBREU — Nome de Centauro.

INÁCIDA — Filho ou descendente de Ínaco.

ÍNACO — Deus-rio e rei de Argos. Era filho do Oceano e de Tétis. É considerado o primeiro civilizador da raça humana. Contam-se dêle inúmeras histórias. Certa feita, Juno e Netuno tomaram-no por árbitro numa querela. Ínaco deu ganho de causa a Juno. Netuno, despeitado, vingou-se deixando-o a sêco. É por isso que na estação vernal o rio se vê privado de suas águas. É pai de Io. — V. Io.

INAQUIDAS — 1) Nome de oito reis que reinaram em Argos depois de Ínaco.

2) Nome dos habitantes de Argos, tomado de Ínaco.

3) Perseu.

4) Faetonte.

ÍNCUBO — 1) Semideuses, assim chamados por causa da sua lubricidade. Freqüentemente são confundidos com os Faunos e os Sátiros.

2) Pesadelo.

INDIGETES — Deuses nacionais dos Romanos, em oposição aos deuses alienígenos, que foram introduzidos mais tarde. Chamavam-se, também, Indigetes, os homens colocados no rol dos deuses, como Enéias, chamado "Júpiter Indigete".

INFERI — Palavra latina que se pronuncia *ínferi:* os habitantes das trevosas regiões de baixo, em oposição aos *Súperi*, os de cima; eram os Inferi os habitantes das regiões mortais, os mortos e o próprio Inferno.

INFERNOS — No sentido próprio Infernos quer dizer "Os lugares inferiores", em oposição aos *Superi*, os deuses de cima, i. é, do Céu. No que tange ao Inferno no sentido mitológico, há que considerar duas concepções diversas, a homérica e a vergiliana. 1) *Concepção homérica:* Além de tôdas as regiões habitadas, além do vasto rio Oceano de profunda corrente, que cerca tôdas as terras e todos os mares, e que exala, contìnuamente, vapôres e brumas, estendem-se as planícies sem limites dos Cimérios, mergulhados em perpétua noite, onde só viceja o desolado asfódelo. Aí, nessa lúgubre região de sombras, erram tristemente as almas dos que foram mortais. Almas que são sombras tênues, vaporosas, imprecisas como sonhos. Conhecem o presente, são capazes de acompanhar tudo que se passa sôbre a terra, como se verifica de Ulisses ao perguntar a mãe acerca dos seus e da sua cara Ítaca: "Penélope continua em teu palácio, de paciente coração; e consome, triste, as noites e os dias, a chorar contìnuamente. Ainda ninguém se apoderou do teu belo reino e teu filho Telêmaco cultiva em paz as propriedades e oferece generosos e lautos banquetes... Teu pai está no campo, sem descer à cidade... Por lá anda amargurado e o desejo de que voltes aumenta a dor do seu espírito..." Era essa região, pròpriamente, a entrada do Hades. Homero claramente o diz quando, depois do colóquio entre a sombra de Tirésias e Ulisses, aquêle "voltou para dentro do Hades". Era como a ante-sala ou a antecâmara dos Infernos. As sombras eram gulosas de sangue, e foi preciso a Ulisses montar guarda, de espada desembainhada junto ao sangue do sacrifício, para que tôdas, em multidões, não caíssem sôbre êle. São pálidos fantasmas os que por ali caminham a esmo, tristes, sombrios, desejando viver. Aquiles preferia ser boiadeiro sôbre a terra

que rei naquelas regiões. Contudo, lá estava êle, o impetuoso e dominador Aquiles, valente e orgulhoso. Quando Ulisses penetrou nessas regiões de sombra, encontrou muitos dos seus parentes e amigos: Elpenor, sua mãe, Anticléia, Tirésias, o adivinho, Tiro, espôsa de Creteu, Antíopa, Alcmena, espôsa de Anfitrião, Epicasta, Clóris, Leda, espôsa de Tíndaro, Ifimedia, Fedra, Prócris, Ariadne, Mera, Clímene, Erífila... Dentro do Hades, que não sabemos como era, ao redor de Minos, que administra a justiça, aglomeram-se, deslizando ou voejando, as inúmeras almas dos mortos. Mais ao fundo, estão os grandes criminosos: o Gigante Títio, filho da Terra, cujo corpo cobria noves geiras; um imenso abutre, com bico adunco, despedaça-lhe o fígado imortal e as entranhas sempre renascidas; Tântalo, de pé no lago, sempre sequioso, sempre faminto, sem poder comer e beber; Sísifo, que, num esfôrço tremendo, rola um imenso rochedo montanha acima; chegado ao cume, o rochedo despenha, e começa novamente a rolá-lo para cima; O Gigante Orião, que sempre continua a caçar uma caça fantástica, inexistente; as Danaides, enchendo um tonel sem fundo; Ixião, amarrado a uma roda que não cessa de girar... Mais fundo ainda, mais longe, é o Érebo, habitação de Hades, de Prosérpina, das Fúrias. É o santuário dos Infernos. Nenhum olhar vivo aí pode devassar; trevas e sombras fugazes; escuridão e desolação; desejo de viver e perpétuo aniquilamento; saudade do que passou e ignorância do que há de vir, eis os Infernos, "onde os mortos habitam, privados do uso dos sentidos e como sombras de homens que morreram". 2) *Concepção vergiliana:* A concepção romana dos Infernos é clara e precisa; não tem a vaga e tenebrosa imprecisão de Homero. A região subterrânea tem entrada, divisões, vestíbulo, guarda e funcionários, bem como convém ao espírito metódico e prático dos Romanos. A entrada para os Infernos é múltipla: pode-se penetrar pelo abismo do lago Averno, pela entrada de Cumas, escolhida por Enéias, pela cova do cabo Ténaro e, finalmente, por qualquer cova, precipício, abertura ou anfractuosidade misteriosa que exale vapôres mefíticos ou sulfurosos. Chega-se, então, ao vestíbulo. São as primeiras gargantas do Orco. Aí moram, cada um em seu covil, o Chôro, os Cuidados Vingadores, as Pálidas Doenças, a Triste Velhice, o Mêdo, a Fome, a Indigência, a Morte, o Trabalho e o Sono consanguíneo da Morte; na entrada fronteira, ficam a Guerra e os férreos tálamos das Eumênidas, e a Discórdia. Surge, então, um pátio. No meio dêste ergue-se um olmeiro opaco, onde os Sonhos se apinham por tôda a parte e se fixam debaixo de tôdas as fôlhas. Às portas, do outro lado do pátio, vêem-se vários monstros e feras: os Centauros, Cila biforme, Briareu, a Hidra de Lerna, a Quimera, as Harpias. Então, passado tudo isso, começa o caminho que leva às águas do Aqueronte Tartáreo, que ferve com o lôdo e vomita areia no rio Cocito. Caronte, sôbre êste rio, leva as sombras para a outra margem. Os que ficaram, na terra, sem sepultura, erram e voejam em tôrno das praias durante cem anos. Atravessado o rio, depara-se nôvo espetáculo: o cão Cérbero, reclinado no antro fronteiro, guarda a única passagem que existe; transposta esta, ouvem-se vozes e vagidos: são crianças que não gozaram da doce vida; junto dêstes estão os condenados à morte por falso crime; Minos aí é o juiz. Os lugares próximos são ocupados pelos tristes que, sem culpa, se deram a morte a si mesmos, os suicidas. Aqui o Estige divide-se em nove braços. Um pouco distante é o Campo das Lágrimas: veredas secretas escondem aquêles que o cruel amor matou com triste veneno; depois do Campo das Lágrimas o caminho se divide em dois: o caminho à direita vai dar nas grandes muralhas de Plutão; o da esquerda conduz ao Tártaro. Êste é cercado por tríplice muralha, com porta e colunas de sólido diamante e circundado pelo Flegetonte, rápido com suas ondas de chamas abrasadoras. Levanta-se no ar uma tôrre de ferro e nela, assentada, vigia Tisífone. A ninguém é permitido entrar no Tártaro. Nêle encontram-se presos os grandes criminosos, julgados por Radamanto. Lá dentro tem assento uma Hidra monstruosa, no vestíbulo, com cinqüenta bôcas negras; desce-se, então, duas vêzes a altura do céu à terra; aí estão os Titãs, os dois filhos de Alódio, Salmoneu, Títio, Ixião, Piritoo, sofrendo os mais variados castigos: ora é uma rocha negra quase a cair sôbre os desgraçados, ora são iguarias preparadas com magnificiência real que a maior da Fúrias proíbe tocar... Vêem-se os fratricidas, os que espancaram os pais, os que se apode-

ram de riquezas alheias, os fraudulentos, os que morreram por causa de adultério, os que tramaram guerras civis, os que trairam a lealdade; uns volvem grandes rochedos, outros estão pendentes de rodas; o infeliz Teseu está eternamente sentado; Flégias brada aconselhando fazer o que não fêz, i. é, respeitar a justiça e não desprezar os deuses; outro vendeu a pátria por ouro; outros são incestuosos... Além dêsse local erguem-se os muros forjados pelos Ciclopes, lugares alegres, e frescos, vérgeis encantadores e tranquilos; luz resplandescente banha aquêles lugares de descanso; uma parte das sombras exercita seus corpos em relvosos campos, lutam na areia dourada por divertimento, outros dançam, outros, ainda, recitam versos; Orfeu tange sua cítara; Ilo, Assáraco e Dárdano, divertem-se com seus carros e cavalos; mais além alguns banqueteiam-se sôbre a relva viridente, cantam em côro, passeiam por odoríferos bosques de loureiros. O Erídano corta êsses lugares. Guerreiros, sacerdotes, vates, inventores, todos com a cabeça cingida de fitas, despreocupados, gozam dessas grandes tranquilidades. São os Campos Elísios. Ao fundo, corre lento e silencioso o Rio do Esquecimento, o Lete; forma o limite extremo dos Infernos com o mundo exterior; às suas margens fervilham povos sem nome, almas defuntas que o destino reservou para informar novos corpos, e que no Lete vêm beber o esquecimento da vida passada. Podia-se sair dos Infernos por duas portas, as portas do Sono, uma córnea, que dá saída aos sonhos verdadeiros; outra de marfim, pela qual se espalham no mundo os sonhos falsos e mentirosos. Enéias, quando deixou os Infernos, saiu pela porta de marfim.

INO — Filha de Cadmo, fundador e rei de Tebas, e segunda mulher de Atamante. Do seu casamento com Atamante, Ino teve dois filhos, Learco e Melicerta. Invejosa dos filhos do primeiro casamento de Atamante, Frixo e Hele, procurou desfazer-se dêles; ambos fugiram, no carneiro com velo de ouro. — V. Hele. V. Frixo. V. Tosão de Ouro. — Atamante, num súbito acesso de furor, obra de Tisífone, esmagou o jovem Learco contra um muro; Ino, para fugir da fúria do marido, jogou-se no mar com Melicerta. Os deuses, comovidos com a desgraça da família, mudaram-na em deusa marinha, com o nome de Leucotéia entre os Gregos, Matuta entra os Romanos. Melicerta também foi transformado em deus marinho, com o nome de Palemão.

INVEJA — Da Inveja os Gregos fizeram um deus, *Ftonos;* os Romanos, uma deusa, *Invidia.* Procede esta palavra do verbo *invidere*, "olhar com maus olhos". Costumavam os Gregos e os Romanos praticar várias cerimônias supersticiosas a fim de defenderem seus filhos contra a terrível deusa. Era representada como uma velha de extrema magreza, com a cabeça cingida de serpentes, de tez lívida, segurando numa das mãos serpentes, e outras roendo-lhe o coração. Não raro, aos seus pés, via-se um dragão ou hidra de sete cabeças. É a Inveja um monstro que o merecimento mais brilhante não consegue matar.

IO — Filha do deus-rio Ínaco, rei de Argos, era Io sacerdotisa de Juno. Júpiter viu-a, uma vez, durante uma solenidade litúrgica. Apaixonou-se pela virgem e quis possuí-la. Encerrou-se numa nuvem escura, e pôde, assim, gozar dos favôres de Io, sem que a deusa sua espôsa tivesse conhecimento de mais essa infidelidade. Juno, porém, logo descobriu o mistério. Júpiter transforma, então, a bela Io numa novilha. Mas o animal era tão belo, tão esplêndido, que Juno concebe alguma suspeita; para esclarecer definitivamente o caso, pede a Júpiter que lhe dê a novilha; êste não pode recusar. Juno, então, entrega o animal à guarda do Gigante Argo, monstro dotado de cem olhos. À hora de dormir, cinqüenta olhos fechavam-se, e cinqüenta ficavam vigilantes. Argo amarrou a novilha ao tronco de uma oliveira, na floresta de Micenas, jurando que mataria todo aquêle que se aproximasse do animal. Júpiter, vencido pela espôsa, não o queria ser também por Argo. Matá-lo com um raio, seria confissão da sua infidelidade. Recorre, nessa conjuntura, a Mercúrio. Disfarça-se êste em pastor, toma a sua flauta, e vai ao encontro do gigantesco guardião. Executa suas mais lindas e suaves melodias; os olhos do Gigante fecham-se, um por um; quando todos estavam fechados, Mercúrio corta-lhe a cabeça e livra a novilha. Juno, então, manda contra o infeliz animal um terrível tavão ou mutuca que começa a picá-lo de maneira dolorosa e insuportável. Outros querem que Juno tenha mandado uma das Fúrias. Io corre, o tavão atrás, martirizando-a sem cessar.

Alucinada de dor, desesperada, foge numa carreira sem fim; atravessa rios, sobe montanhas, vara planícies, corre por serras e vales, noite e dia, sem que o tavão lhe dê um minuto de alívio; atravessa os países gelados do Norte, percorre em louca carreira os desertos áridos e escaldantes, ganha o Setentrião, percorre a Tessália, a Macedônia, a Trácia e o vasto país dos Citas; desce pelo Cáucaso onde encontra Prometeu, prêso a um rochedo, com uma águia a comer-lhe o fígado sempre renascente. Ao lado do herói cai a novilha, sem fôrças, desfalecida, com o infernal tavão a picá-la sem parar. Prometeu, no meio de atrozes sofrimentos, encontra ocasião para consolá-la, dizendo que em pouco seus males terão fim. Refeitas as fôrças, Io prossegue na sua louca carreira, mugindo dolorosamente, arquejante. Atravessa o Bósforo, passa pela Mísia, Lídia e Cilícia; dirige-se para o Sul, cruza pelo país dos Fenícios, e chega, enfim, desfalecida, ao país do Nilo. Está à morte. Seu fim parece próximo. Juno, então, dá-se por satisfeita. Some-se o cruel tavão. Júpiter, que durante tôda a fuga da sua amante conservara-se em prudente recolhimento, ignorando olìmpicamente o que lhe acontecia, corre a ela para animá-la. Ino pede que a transforme, novamente, em mulher. Ino retoma sua forma primitiva. Poucos meses depois nasce Épafo. Troveja, novamente, a cólera de Juno, ao ver o fruto dos amôres do seu celestial espôso. Juno vai a Creta; chama os sacerdotes de Cibele, os Curetes, e ordena-lhes que raptem o menino. Épafo é escondido cuidadosamente na ilha de Creta. Júpiter, indignado, fulmina os sacerdotes. Entretanto, Io desesperada, sai a correr mundo atrás do seu menino. Pela segunda vez a infortunada percorre as extensões sem fim do mundo, desde o Norte gelado até os desertos áridos. Descobre-o, enfim, na Síria. Volta com êle ao Egito, e lá se estabelece. Júpiter, que entretanto conquistara nova amante, esquece-se dela; esquece-se dela, também, Juno, preocupada com outras infidelidades do seu augusto marido. Io, então, casa-se com Telégono, rei do Egito; conforme outros, desposa Osíris. Por sua bondade e doçura foi de tal modo amada pelo povo, que, depois da sua morte, renderam-lhe honras divinas, e a adoraram sob o nome de Ísis. Da lenda segundo a qual Set meteu Osíris num caixão, tendo antes o cuidado de retalhá-lo convenientemente, procede a outra que diz ter Ísis casado com Osíris ainda no ventre materno, de sorte que estava já grávida de um filho quando foi dada à luz.

IOBATES — Rei da Lícia. Seu genro Preto, rei de Tirinto, acreditando na falsa acusação de sua mulher, mandou-lhe o herói Belerofonte, a fim de que êle o matasse. — BELEROFONTE.

IODAMIA — Sacerdotisa de Minerva. Foi petrificada pela deusa, que lhe mostrou a cabeça da Medusa, por ter entrado, à noite, no santuário do templo.

IOLAS — Filho de Íficles, sobrinho de Hércules. Ajudou o herói a vencer a Hidra de Lerna, aplicando ferro em brasa sôbre as feridas do monstro, a fim de que as cabeças não renascessem. Participou da caçada ao javali do Calidão; tomou parte na expedição dos Argonautas. Após a morte de Hércules, assumiu a chefia dos Heraclidas, que conduziu a Atenas para colocá-los sob a proteção de Teseu. Mau grado sua extrema velhice, quis marchar com os Atenienses contra Euristeu; ao tomar as armas quase sucumbiu e foi preciso que o amparassem. Mas, junto ao inimigo, dois astros detiveram-se sôbre seu carro e o envolveram numa espêssa nuvem. Eram Hércules e Hebe, que o fizeram sair da nuvem com a aparência de um jovem na flor dos anos. Iolas rejuvenescera. Levou para a Sardenha os filhos que Hércules concebera das cinqüenta filhas de Téstio numa só noite. Recebeu as honras heróicas depois da sua morte.

IOLAUS — O mesmo que Iolas.

IOLCO — Capital da Tessália, célebre pelo nascimento de Jasão, pela invenção dos jogos fúnebres, atribuídos a Acasto, e pela reunião dos Argonautas.

ÍOLE — Filha de Êurito, rei da Ecália. Êurito prometera Íole a Hércules, recusando, ao depois, entregá-la. O herói matou-o e levou a jovem. Segundo outra versão, Íole, no momento de ser arrebatada pelo filho de Alcmena, precipitou-se do alto do muro do palácio, a fim de escapar às suas mãos; mas os ventos sustentaram-na na queda, de sorte que ela caiu docemente no chão, sem sequer amarrotar os vestidos. Hércules levou-a para Traquina, onde recebeu, pouco depois, a túnica envenenada do Centauro Nesso, causa da sua morte.

Conforme as ordens de Hércules, foie desposou Hilo, filho do herói e de Dejanira.

ION — 1) Nome de Júpiter.

2) Filho de Apolo ou de Xuto.

3) O chefe dos Jônios que passaram para a Ásia Menor.

IÔNIA — 1) Antigo nome da Acaia.

2) Província marítima grega na Ásia Menor.

IONIDAS — Ninfas que tinham um templo que lhes era consagrado, na Élida, sôbre as ripas do Citero.

IOPAS — Príncipe da África, pretendente à mão de Dido. Poeta e músico, demonstrou seus talentos nas festas que Dido ofereceu a Enéias.

IOPE — 1) Ninfa dos Infernos.

2) Filha de Éolo. Desposou Cefeu e deu seu nome à cidade de Iopa.

3) Filha de Íficles e uma das mulheres de Teseu.

IRENE — "A Paz", uma das Horas, conforme os Gregos.

IRINGE — Filha de Pã e da Ninfa Eco. Forneceu a Medéia os filtros com os quais esta pôde subjugar o coração de Jasão.

ÍRIS — Filha de Taumante e de Electra.

ÍRIS

(*Pintura de um vaso ático*)

Mensageira de Juno, que a colocou nos Céus em recompensa de seus serviços. Seu emprêgo mais importante era ir cortar o cabelo fatal das mulheres votadas à morte. Estava encarregada da limpeza do palácio de Juno; devia purificá-lo com perfumes e incenso sempre que esta voltava dos Infernos. Representam-na sôbre um arco-íris com asas multicores. Foi transformada em arco-íris. Na *Teogonia*, Íris aparece tirando água do Estige num jarro de ouro, para que os deuses possam jurar por esta água. Pintam-na, às vêzes, alada e com vestes flutuantes e um cêsto com os perfumes de Juno.

IRMÃS (AS) — Designa-se com êsse nome uma série de irmãs que compreende: 1) As *Parcas*, ou as *Três Irmãs*, ou as *Irmãs Fiandeiras;* 2) As *Musas*, ou as *Nove Irmãs;* e 3) As *Horas*, ou as *Doze Irmãs.*

IRO — 1) filho de Actor; purificou Peleu do assassínio de seu irmão. Na caçada ao javali de Calidão, Peleu teve a desgraça de ferir mortalmente o filho de Iro, pelo que êste lhe votou ódio eterno.

2) Mendigo de Ítaca, atrevido e insolente. Foi espancado por Ulisses. Seu nome verdadeiro era Arneu; chamavam-lhe Iro, que significa *mensageiro*, porque êle ia a recados, quando disso o incumbiam. A pobreza de Iro deu origem ao provérbio: *Iro pauperior.*

ÍSIS — Célebre divindade dos Egípcios, irmã e espôsa de Osíris. É confundida com Io. — V. Io. — Desde o segundo século antes de Cristo, os deuses egípcios contavam adoradores em Roma, principalmente entre as populações cosmopolitas do Argileto, bairro situado perto do Palatino, da Subura, e das *insulae*, casarão ou casa de cômodos, cortiço, do Circo Flamínio, assim como do bairro plebeu da colina do Aventino. A princípio, as hostilidades do govêrno foram manifestas; em 58, 53, 50 e 48 a.C., o Senado mandou fechar templos e destruir imagens de divindades orientais; em 28, Augusto proibiu a erecção de um templo no interior do pomério; as proscrições, renovados por Agripa e Tibério, foram abolidas por Calígula; em 38 construíram um templo a Ísis no Campo de Marte. A divindade oriental vencera. Sob os Antoninos e os Severos seu culto tomou incremento notável; de Roma passou para as províncias, mas com menor aceitação. O ritual de Ísis compreendia duas partes distintas, à manhã e à tarde; ao romper do dia, o sacerdote desvelava a estátua da deusa e acendia o fogo sagrado, fazendo libações com água que se acreditava ser do Nilo; os fiéis cantavam hinos; à tarde, com hinos e preces, encerrava-se o segundo ritual diário. A imagem passava a noite velada. Havia, em

Roma, duas festas importantes em honra de Ísis, o *Navigium Isidis*, "o Navio de Ísis", e a *Inventio*, "o Descobrimento". A primeira efetuava-se a 5 de março. Consistia numa magnífica procissão fluvial que ia até o mar, Tibre a baixo; os iniciados vestiam roupas brancas, os sacerdotes, com os crânios raspados, levavam a urna com água do Nilo e a imagem da deusa. Flautas e sistros acompanhavam os hinos e orações. O navio, esplêndidamente ornado, abria o cortejo. A segunda, o "o Descobrimento de Osíris", marido da deusa, realizava-se em Roma no começo de novembro. Com cantos fúnebres e hinos de luto, simulavam a viagem de Ísis em busca do cadáver de Osíris; descoberto o corpo, havia arroubos de entusiasmo, gritos, cânticos de regozijo. As cerimônias de Ísis, tôdas, tinham carácter profundamente hermético e só os iniciados compreendiam-nas bem. A admissão ao culto de Ísis começava pela cerimônia de purificação, quando o sacerdote da deusa conduzia o mista ao pântano vizinho do templo e aspergia-o invocando os deuses. Reconduzido ao templo, ouvia os mandamentos que deveria observar. O iniciado deveria abster-se de carne, de vinho, e deveria guardar continência e silêncio. No fim do décimo dia conduziam-no ao santuário, num local misterioso e escondido, escuro, a que só os altos sacerdotes tinham ingresso. De súbito, a noite densa iluminava-se com estranhos fulgores, maravilhosas visões embeveciam-lhe o espírito, espetáculos de rara magnificência perpassavam-lhe ante os olhos extáticos. Terminado o período de êxtase, o mista, em trajes magníficos era apresentado aos fiéis; trazia uma tocha na mão e coroa de palmas à cabeça. Vinham, depois, os banquetes, as danças, as festas. Os devotos de Ísis ganhavam a certeza de obterem uma eternidade feliz após a morte, em íntima união com a deusa. Em geral, espantosas licenças caracterizavam essas festas.

ISMARA — Cidade da Trácia, perto do monte Ismaro.

ISMARO — Montanha da Trácia, onde morava Orfeu.

ISMENA — Filha de Édipo e irmã de Antígona. Declarou-se culpada do mesmo crime que imputavam à irmã, a saber, o sepultamento de Polinice, seu irmão. — V. ANTÍGONA. V. CREONTE. V. ÉDIPO.

ISMENO — Ismeno, rio da Beócia. Corria perto de Tebas.

ÍTACA — Ilha do mar Jônio, separada por um estreito braço de mar da ilha de Cefalênia, que lhe fica a leste. Terra de Ulisses. Hoje, Tiaqui.

ÍTACO — Ulisses, rei de Ítaca.

ITÁLIA — Península ao sul da Europa, entre o Mediterrâneo, os Alpes e o Adriático, Capital Roma. O nome Itália parece derivar do grego *italoi*, *"bois"*.

ÍTILO — Filho de Zeto, rei de Tebas.

ÍTIS — Filho de Tereu e de Procne. A mãe fê-lo em pedaços e deu-o ao pai, num banquete, como vingança pela desonra da irmã, Filomela. — V. FILOMELA.

ITONO — Montanha e cidade da Beócia, onde havia um templo dedicado a Minerva.

IULO — 1) Um dos nomes de Ceres.

2) Filho de Ascânio. Após a morte do pai, subiu ao trono, em seu lugar, Enéias Sílvio, filho de Enéias e de Lavínia. Deram-lhe, como consolação, o título de sumo-sacerdote, dignidade que se perpetuou na família Júlia.

3) Outro nome para Ascânio, filho de Enéias. — V. ENÉIAS.

IXIÃO — Rei dos Lápitas. Era homem feroz, cruel, perverso e velhaco. Casou-se com Dia, filha de Deioneu. Prometeu ao sogro magnífico presente em reconhecimento pelo fato de ter êle lhe dado a filha. Deioneu, percebendo que o genro não tinha pressa em cumprir a promessa, apoderou-se de alguns cavalos que pastavam no campo. Ixião, dissimulando seu ressentimento, convidou o sogro para uma festa, e o meteu num fôsso ardente, onde o infeliz morreu. Tal crime despertou tanto horror que não houve ninguém que quisesse expiar Ixião. Vendo-se abandonado de todos, recorre a Júpiter, que dêle se apiedou e levou-o para o céu. Foi admitido à mesa dos deuses. Tão grande benefício Júpiter mostrou, quanto Ixião era ingrato e temerário. Deslumbrado com os encantos de Juno, ousou convidá-la a unir-se a êle. Ofendida com a temeridade sacrílega de Ixião, Juno queixou-se a Júpiter. O fato em si era tão espantoso, que, talvez, o pai dos deuses nem tenha acreditado. O certo é que formou, com uma nuvem, um fantasma em tudo semelhante à sua espôsa divina. Ixião caiu na cilada e possuiu a nuvem. Dessa união

nasceram os Centauros. Júpiter, em vista disso, considerou-o um louco digno de lástima; o néctar, com certeza, perturbara-lhe a razão. Recambiou-o, novamente, para a terra. Mas, sabendo, em seguida, que Ixião se gabava de ter sido amante de Juno e que se gloriava de ter desonrado o tálamo olímpico de Júpiter, ficou de tal modo indignado, que, com um raio, precipitou-o nas profundezas do Tártaro. Mercúrio, por sua ordem, ligou-o sòlidamente a uma roda eriçada de serpentes, que gira sem cessar, e que girará eternamente. E eternamente há de gritar: "Aprendei, com o meu exemplo, a honrar os benfeitores!"

J

JACÍNTIAS — Festas solenes, na Lacedemônia, em honra de Jacinto.

JACINTO — Filho de Âmiclas e de Diomeda, ou de Piero e Clio. Apolo e Zéfiro amavam-no ternamente. Jacinto, porém, preferiu Apolo. Zéfiro, despeitado, fêz com que Apolo, nos exercícios ginásticos a que se entregavam, acertasse o seu disco na fronte do formoso jovem. Jacinto recebeu ferida mortal. Do seu sangue, Apolo fêz nascer uma bela flor, que hoje traz o seu nome; de feito, no jacinto, encontram-se linhas cuja disposição parece lembrar, ainda que imperfeitamente, o ditongo grego *Ai! Ai!*. Ovídio assim descreve: "E Apolo gravou nas pétalas os seus gemidos, e a flor traz inscrito Ai! Ai!, e uma lêtra fúnebre foi traçada." Outra interpretação vê nesses ditongo não os lamentos de Jacinto, mas as primeiras lêtras do nome de Ájax: "Uma lêtra, comum ao menino (Jacinto) e ao varão (Ájax), está estampada no meio das pétalas: esta é a lêtra de um nome, aquela de uma queixa." — V. ÁJAX. — O corpo de Jacinto, Apolo transportou-o para junto dos astros.

JANÍCULO — Janículo, de *Jano*, é uma das sete colinas de Roma. Houve, inicialmente, uma cidade construída por Jano que se chamava Janículo.

JANÍGENA — Nascido de Jano; descendente de Jano. Canente, filha de Jano.

JANO — Divindade romana. Conforme alguns, Jano era de origem Cita; outros crêem que veio de Perrébia, cidade da Tessália. Filho de Apolo e Creúsa, conforme alguns, de Evadne segundo outros. Chegado a idade adulta, Jano equipou um navio partiu para a Itália; construiu uma cidade que se chamou Janículo. Tornou-se rei do Lácio. Saturno, expulso do céu, refugiou-se na sua côrte, onde foi bem recebido. Reconhecido, Saturno dotou-o de grande prudência, de tal sorte que o passado e o futuro sempre lhe eram presente. O reino de Jano foi pacífico; daí fazerem dêle o deus da paz. Era representado com uma cabeça de duas faces contrapostas, tendo numa das mãos uma chave, na outra uma varinha. Seu templo, construído por Numa, ficava aberto durante a guerra e fechado em tempo de paz. Era sempre o primeiro a ser invocado nas cerimônias religiosas. Presidia às portas das casas e aos caminhos; por sua intercessão as preces dos mortais chegavam até os deuses. Jano tem dupla face porque exerce seu poder sôbre o céu, sôbre a terra e sôbre o mar; é tão antigo como o mundo. Além da porta do Janículo, havia doze altares dedicados a Jano, com relação aos doze meses do ano. O primeiro dia do ano era-lhe particularmente consagrado; faziam-se presentes mútuos, oferecendo uns aos outros medalhas de cobre que traziam numa face a cabeça dupla de Jano, e guloseimas. A mais antiga unidade monetária, o asse, trazia a figura do Janus *bifrons* ou *anceps* ou *geminus*, "Jano de duas frontes", como o deus que olha para o interior e para o exterior. Rômulo ergueu-lhe um templo sob a invocação de *Jano bifronte*, entre

o Quirinal e o Capitolino. No início Jano apresentava-se barbudo; tornou-se imberbe por influência do duplo Hermes grego. Jano, como deus das portas, tem duplo nome, *Patulcus*, "o que abre", e *Clusius*, "o que fecha". O primeiro mês do ano ainda tem o seu nome, *januarius*, e o primeiro sacrifício do ano, celebrado a nove de janeiro, era em sua honra. Até a época de Júlio César, o ano oficial começava no mês de março. Setembro, outubro, novembro e dezembro, significam o 7.º, 8.º, 9.º e 10.º mês, sendo março o primeiro; julho e agôsto eram o 5.º e 6.º mês, até que se lhes deu, respectivamente, o nome de Júlio César e Augusto. Os Romanos sempre tiveram os meses na conta de sagrados: o 1.º do mês era dedicado a Juno, o 13.º ou o 15.º a Júpiter. Jano presidia à geração da vida humana.

JÁPETO — O mesmo que Iápeto.

JARBAS — O mesmo que Iarbas.

JARDANO — Rei da Lídia, pai de Ônfale.

JASÃO — Famoso herói, filho de Éson e de Alcímede. Seu pai, rei de Iolcos, tendo sido destronado por Pélias, e temendo que seu filho fôsse perseguido pelo usurpador, logo depois que o menino nasceu publicou que morrera vítima de grave doença. Entretanto, sua mãe levou-o para o monte Pélion, onde o famoso Centauro Quirão tomou conta da sua educação. Aos vinte anos de idade deixou o sábio mestre e foi consultar o oráculo, a fim de saber o que lhe cumpria fazer. Aconselhou-o o oráculo a tomar uma pele de leopardo, munir-se de duas lanças e apresentar-se em Iolcos, na côrte do rei. Chegado a Iolcos, chamou a atenção de todos por causa do seu aspecto marcial e pela singularidade do seu equipamento. Fêz-se reconhecer por filho de Éson, e, atrevidamente, exigiu de Pélias o trono que lhe pertencia. Pélias, odiado de seus súditos, e vendo o interêsse que Jasão despertava entre o povo, não ousou tomar nenhuma medida violenta contra o jovem. Fingiu, ao contrário, estar disposto a entregar-lhe o trono; na verdade, só desejava ver-se livre de rival tão temível. Com êsse fim, procurou interessá-lo em alguma aventura perigosa, de onde houvesse poucas probabilidades de retornar. Propôs-lhe, pois, ir a Cólquida buscar o Tosão de Ouro, prometendo-lhe restituir-lhe a coroa à sua volta. Jasão, que não temia perigo algum, aproveitou àvidamente a ocasião de se cobrir de glória. Anunciou em tôda Grécia sua intenção, e reuniu, assim, a fina flor da juventude helênica. Após uma viagem inçada de perigos, chegou a Cólquida com seus companheiros. — V. ARGONAUTAS. V. ARGO. — Dificuldades quase intransponíveis então se apresentaram. Jasão, para conseguir o Tosão de Ouro, deveria pôr sob o mesmo jugo, dois touros, presente de Vênus, que tinham os pés e os cornos de bronze e que vomitavam turbilhões de flamas; deveria atrelá-los a uma charrua de diamante e fazê-los arar um campo consagrado a Marte, para aí semear dentes de dragão, dos quais haveriam de nascer homens armados, que seria preciso logo exterminar até o último; enfim, matar o monstro que guardava o precioso Tosão de Ouro, temeroso dragão; todos êsses trabalhos deveriam ser executados num só dia. Tais eram as condições que o rei Eetes exigia a fim de que Jasão se apoderasse do Tosão de Ouro. Juno e Minerva, que amavam Jasão, aplainaram tôdas as dificuldades, fazendo com que Medéia, filha do rei, se apaixonasse pelo jovem herói. Ora, Medéia era habilíssima em tôdas as artes de encantamentos e magias. Encontraram-se os dois, por acaso, fora da cidade, perto do templo de Hécate; falaram-se e não se separaram senão depois de jurarem amar-se eternamente; Jasão jurou desposar Medéia; Medéia jurou auxiliar o môço e fazê-lo triunfar. No dia seguinte, de manhã, que era o dia marcado para as provas, o rei, seguido da sua côrte, e Jasão, acompanhado dos Argonautas, dirigiram-se para o campo de Marte, que ficava fora da cidade. Soltaram os dois touros que dispararam pelo campo vomitando torrentes de fogo e fumo; para espanto de todos os espectadores, porém, Jasão dêles aproximou-se e meteu-os sob o jugo. A seguir, prendeu-os na charrua e lavrou o campo, semeando logo os dentes de dragão. Logo que viu surgir os homens armados, de aspecto belicosíssimo, lançou no meio dêles uma grande pedra; logo, furiosos, voltaram-se uns contra os outros, num combate terrível, matando-se mùtuamente. Em poucos instantes não havia nenhum vivo. Em seguida, Jasão aproximou-se do dragão que guardava o Velo do Ouro. Medéia dera-lhe uma beberagem e o môço fêz com que o monstro a tomasse; matou-o, apanhou o Velo de Ouro e apresentou-se ao rei estupefacto. Sem perda de tempo Jasão dirigiu-se para o navio

Argo, levando consigo a amante a quem devia o sucesso das extraordinárias aventuras. Aportaram na ilha dos Feácios, dirigiram-se a côrte do rei Alcínoo, onde celebraram o casamento. A seguir continuaram viagem até Iolcos. Lá, como Pélias

JASÃO E O DRAGÃO

diferisse indefinidamente a ocasião de entregar o trono ao herói, Medéia fingiu ser possuidora de um segrêdo capaz de rejuvenecer o velho rei; na verdade, Pélias mal agüentava o pêso dos anos. Chamou a feiticeira as filhas do rei e industriou-as acêrca do que deveriam fazer. O velho rei morreu. Êsse crime, porém, não surtiu o efeito desejado. Acasto, filho de Pélias, apossou-se logo do trono e expulsou o casal para Corinto. Aí passaram dez anos na

JASÃO E A SERPENTE
(*Pintura de um vaso do Sul da Itália, do Museu de Hermitage*)

obscuridade. Ninguém nêles falava. Foi então que o jovem herói desejou Creúsa, filha do rei Creonte. Desposou-a e abandonou a princesa da Cólquida, a famosa Medéia. Esta, furiosa, fêz morrer a segunda espôsa de Jasão, e degolou os filhos que tinham tido dessa união. Jasão começou, então, a levar vida errante. Não tinha paradeiro fixo. Percorreu a Grécia de norte a sul. Medéia, certa feita, profetizara que Jasão, após haver vivido o tempo suficiente para experimentar o pêso de seus males, morreria esmagado pelos destroços do navio dos Argonautas, o famoso Argo. A predição realizou-se. Um dia, quando Jasão descansava à beira-mar, ao abrigo dêsse navio, que haviam pôsto sôbre a areia, desprendeu-se uma trave do casco já apodrecido e quebrou a cabeça do famoso herói. — V. Absirto. V. Etes. V. Medéia. V. Pélias.

JÁSIO — Jásio ou Iásio, irmão de Dárdano; disputou-lhe a coroa, mas Dárdano mandou assassiná-lo.

JASO — Filho de Esculápio.

JAVALI DE ERIMANTO — Famoso javali que devastava as regiões vizinhas ao monte Erimanto. Era uma fera terrível. Hércules matou-o. — V. Hércules.

JOCASTA — Jocasta, filha de Creonte, rei de Tebas, casou-se com Laio. Dêsse matrimônio nasceu Édipo, com quem se casou sem saber que era seu filho. Do casamento da mãe com o filho nasceram dois filhos, Etéocles e Polinice, e duas filhas, Antígona e Ismena. Segundo alguns autores, permaneceu em Tebas durante o exílio voluntário de Édipo, procurando reconciliar seus dois filhos, "os irmãos inimigos", Etéocles e Polinice. Testemunha da sua morte, lançou-se sôbre a espada que permanecia cravada no peito de Etéocles. — V. Antígona. V. Etéocles. V. Édipo. V. Polinice. V. Creonte.

JOCI — *Joci*, os "Jogos", eram deuses que presidiam a todos os divertimentos, de qualquer natureza, seja do corpo, seja do espírito. Eram representados como meninos nus, com asas de borboleta, rindo e gracejando. Formavam, com os Risos e os Amôres, o cortejo de Vênus.

JOGOS — Eram os Jogos espetáculos consagrados pela religião e que faziam parte do culto que se prestava aos deuses, aos semideuses e aos heróis. Os Grandes Jogos, chamados Jogos Romanos no IV século, realizavam-se na planície. Rômulo celebrou-os pela primeira vez em honra de Conso, deus que presidia ao enceleiramento das colheitas. (O nome *Conso* vem de *condere*, "guardar" ou "armazenar".) Sua festa tinha lugar no dia 21 de agôsto, i. é, no décimo segundo dia das calendas de se-

ASBAC - SP
BIBLIOTECA

tembro. Tarquínio fêz construir um altar em honra de Conso no grande Circo, cujos fundamentos já tinham sido lançados, no vale estreito que se alonga entre o Palatino e o Aventino. Êste altar, conforme Tácito, delimitava a linha primitiva do pomério (*pomério*, espaço sacrossanto, desocupado, de ambos os lados, dentro e fora, das muralhas de Roma, e onde era vedado plantar ou construir). O Flâmine Quirinal, assistido das Vestais, aí oferecia um sacrifício ao deus Conso, após haver desentulhado o altar, que ficava, o ano inteiro, coberto de terra. Os grandes jogos da antiga Grécia eram: 1) Os *Jogos Olímpicos*, que se celebravam todos os quatro anos em Olímpia, em honra de Júpiter; 2) os *Jogos Píticos*, que se celebravam anualmente em Delfos, em honra de Apolo, vencedor da serpente Pitão; 3) os *Jogos Istmicos*, que se celebravam todos os três, quatro ou cinco anos, no istmo de Corinto, em honra de Netuno; 4) os *Jogos nemeus*, que se realizavam todos os três ou cinco anos, em Neméia, em honra de Hércules, vencedor do leão de Neméia. Enquanto duravam os Jogos, suspendiam-se tôdas as hostilidades em tôda a Grécia. Os diferentes exercícios praticados nesses jogos compreendiam o salto, a corrida a pé, o disco, o casto, o pugilato; tinham o nome coletivo de *Pentatlo* (cinco exercícios).

JÔNIA — 1) Antigo nome da Acaia, habitada nos primeiros tempos pelos Jônios.

2) Região marítima da Ásia Menor, na qual os Jônios se estabeleceram.

JOVIALIAS — Festas que os Latinos celebravam em honra de Júpiter (Jove). Correspondiam às Diasias gregas.

JUGATINO — 1) Deus dos Romanos que presidia aos casamentos (de *jungo*).

2) Deus dos Romanos que presidia aos cumes das montanhas (de *jugum*).

JUIZES DOS INFERNOS — Os Juízes dos Infernos eram três: Êaco, Minos e Radamanto. — V. ÊSSES NOMES.

JUNO — Filha de Saturno e de Réia. Era irmã de Júpiter, Plutão, Netuno e Ceres. Júpiter seduziu Juno sob a forma de um cuco. Desposou-a depois, e as núpcias foram as mais esplendorosas que jamais se realizaram. A elas assistiram os deuses, os homens e os animais. Juno, pelo seu casamento com Júpiter, tornou-se a senhora do Olimpo, a rainha dos deuses e dos homens, dominadora do céu e da terra. Todavia, sua felicidade conjugal foi freqüentemente perturbada pelas contínuas infidelidades do marido. Juno, que era de temperamento ciumento, vingativo, "insuportável", segundo declarações do próprio marido, perseguiu tenaz e ferozmente tôdas as amantes de Júpiter, não as poupando jamais. Quando uma dessas amantes dava à luz um filho, a ira de Juno atingia paroxismos bem olímpicos, que nós, mortais, mal poderemos imaginar. Mas Júpiter era incorrigível. Em vendo uma beldade, esquecia todos os juramentos e bons propósitos que fizera à tempestuosa consorte. Juno, enfim, não suportando mais tal estado de coisas, retirou-se para Samos, resolvida a não partilhar mais do leito marital. A conselho de Citerão, Júpiter recorreu a um estratagema a fim de atrair sua espôsa. Mandou vestir magnìficamente uma estátua de madeira e colocou-a num carro. Depois proclamou pùblicamente que ia desposar Platéia, filha de Asopo. A essa nova, Juno corre ao carro, precipita-

JUNO RAINHA
(Bronze)

-se sôbre a imagem e rasga suas vestes em pedaços; logo que percebeu o estratagema, começou a rir, e acabou fazendo as pazes com seu infiel marido. A reconciliação foi logo seguida de novas ofensas, e Júpiter, sempre amoroso de tôda beldade, fôsse ela mortal ou imortal, empregou

muitas vêzes a violência e as surras a fim de fazer calar os ciúmes e os rancores de Juno. Querendo tirar vingança dêsses maus tratos, aliciou alguns imortais a conspirar contra Júpiter e destroná-lo. Tétis afastou o perigo trazendo como socorro ao pai dos deuses o famoso Briareu. — V. BRIAREU. — Júpiter, irritadíssimo, suspendeu Juno entre o céu e a terra com uma cadeia de ouro, após ter-lhe prendido uma bigorna em cada pé, "pois aí havia espaço bastante para queixar-se e praguejar". Vulcano, querendo libertar sua mãe, foi precipitado do alto do Céu, e quebrou as pernas com a tremenda queda. Juno assim ficou suspensa até que a cólera olímpica de Júpiter cessasse. Juno, que se mostrava tão severa quanto à conduta moral do marido, nem por isso estava isenta de censura. Foi acusada de ter relações com o Gigante Eurimedonte e com muitos outros. Era extremamente orgulhosa e vingativa. Jamais pôde perdoar a Páris o fato de ter atribuído a maçã de ouro a Vênus, como a mais bela das deusas; daí veio o feroz ódio que nutria contra os Troianos. Passava por ser a protetora dos reinos e dos impérios; presidia aos casamentos, aos partos; dispensava proteção tôda especial às mulheres castas e punia severamente as impudicas. De tôdas as divindades, com exceção de Júpiter, não havia uma que tivesse culto tão solene, grandioso e magnífico; era adorada principalmente em Argos, em Samos, em Cartago e em Roma. Representavam-na, de ordinário, com a cabeça velada e com mantos que a cobriam até aos pés; às vêzes trazia um cetro na mão, sôbre um carro tirado por pavões. Ao seu lado via-se sempre o pavão, ave que lhe era consagrada. No primeiro dia de cada mês imolava-se a Juno uma porca prenhe. Das aves eram-lhes consagradas, além do pavão, o ganso e o gavião; entre as plantas, o dictamno, a papoula e o lírio. Seu nome grego era *Hera*. Não se podiam sacrificar vacas a Juno, porque, durante a guerra dos Gigantes, — V. GIGANTES, — ela se refugiara no Egito sob a forma de uma vaca.

JUNO AVERNA — O mesmo que Prosérpina.

JUNONÍCOLA — "Aquêle que adora Juno".

JUNONÍGENA — Descendente ou filho de Juno, i. é, Vulcano.

JUNÔNIO — Um dos epitetos de Jano, porque introduziu na Itália o culto de Juno e porque presidia ao comêço de cada mês, que era consagrado a Juno.

JUNOS — Gênios das mulheres; cada mulher tinha seu Juno, como cada homem o seu Gênio.

JÚPITER — Em grego Zeus. O mais poderoso dos deuses. Era filho de Saturno e de Réia. Saturno recebera de seu irmão Titã o império do mundo, com a condição de que não criaria jamais nenhum filho masculino; todos aquêles que nascessem, seriam devorados por êle. Réia, que tivera a dor de ver vários de seus filhos devorados pelo marido, sentindo-se novamente grávida, dirigiu-se para a ilha de Creta,

JÚPITER
(*Bronze de Évseux.*)

onde deu à luz Júpiter; em seguida, para enganar seu marido, deu-lhe uma pedra embrulhada em panos, que o voraz deus logo engoliu sem se dar conta do lôgro. O deus recém-nascido foi aleitado numa gruta do monte Ida pela cabra Amaltéia, e cuidado pelas Ninfas. Os Curetes, para impedir que os vagidos da crianças che-

gassem aos ouvidos do pai, dançavam ao redor da gruta aos berros, batendo nos seus tambores e címbalos. Logo que Júpiter cresceu e soube ser filho de Saturno, dirigiu-se ao pai a fim de que êste o reconhecesse como filho. Titã, que ignorava a burla, acusou Saturno de fraude; prendeu-o e pôs Júpiter no trono. Êste atacou o Titã, libertou seu pai e colocou-o, novamente, no trono. Saturno, mais espantado da fôrça do seu filho que reconhecido, procurou por todos os meios ver-se livre dêle. Júpiter revoltou-se, então, contra o pai, expulsou-o do céu e obrigou-o a ir morar no Lácio. — V. A IDADE DE OURO. — Feito senhor absoluto do mundo, reservou-se o reino dos Céus, deu os mares a Netuno e os Infernos a Plutão. O comêço do seu reino foi perturbado pela luta dos Gigantes, que, querendo vingar o Titã, escalaram os Céus, trepados sôbre montanhas, lançando rochedos contra os deuses. Os deuses fugiram para o Egito, disfarçados sob a forma de animais. Daí procede a zoolatria dos Egípcios. Júpiter, porém, não se deixou intimidar. Tomou os raios na mão e enfrentou-os corajosamente, acabando por extinguir a raça perigosa dos Gigantes. Após ter aniquilado tão temíveis inimigos, deixou-se levar pelo seu amor imoderado aos prazeres, principalmente aos do amor. Tornou-se espôso de Juno, sua irmã, mas durante a lua de mel seduziu Métis, Têmis, Ceres, Eurínome, Mnemósine, Latona e uma infinidade de outras beldades. A seguir, no decorrer dos tempos, metamorfoseou-se em mil maneiras diferentes para satisfazer seus desejos amorosos. De tantas amantes, teve um número imenso de filhos, que foram, todos, colocados no rol dos deuses e dos semideuses. Júpiter era adorado pela maior parte das nações e seu culto foi sempre o mais solene. Seus três mais famosos oráculos achavam-se em Dodona, na Líbia e em Trofônio, num subterrâneo perto de Labadéia, na Beócia. Representavam-no com ar majestoso, de barbas, tendo na mão direita o raio e na esquerda o cetro; aos seus pés via-se a águia com as asas abertas. A parte superior do seu corpo nua, e a inferior coberta, a fim de mostrar que era visível para os deuses e invisível para os mortais. Dizem que jamais seus altares foram manchados de sangue humano, como os de Saturno e de Diana. Sacrificavam-lhe cabras, ovelhas e touros brancos. O carvalho e a oliveira lhe eram consagrados. O Júpiter dos Gregos, Zeus, não possui a mesma autoridade que o Latino. O Olimpo grego é a imagem turbulenta da raça independente e audaz dos Helenos. É a figura mais imoral de tôda a Mitologia.

JÚPITER INDIGETE — Nome sob o qual os Romanos adoravam Enéias, colocado no rol dos deuses após sua morte. — V. INDIGETES.

JUSTIÇA — A deusa da Justiça achava-se junto ao trono de Júpiter. Representam-na sob a figura de Têmis ou de Astréia, com aspecto severo, mas não feroz. — V. TÊMIS. V. ASTRÉIA.

JUTURNA — Irmã de Turno, rei dos Rútulos. Recebeu de Juno a incumbência de ir socorrer seu irmão contra o invasor Enéias. Uma das Fúrias, enviada por Júpiter, avisou-a de que seus esforços seriam baldados; deixou, então, Turno entregue a sua própria sorte e lançou-se no Numício. Foi, em seguida, transformada numa fonte, que corria perto do rio. Usava-se da água dessa fonte nos sacrifícios, principalmente naqueles que eram oferecidos a Vesta. Acreditava-se que aquela água tinha a virtude de curar as doenças. Em Roma as virgens e as matronas adoravam Juturna de um culto particular, as primeiras a fim de conseguirem um bom e feliz casamento, as segundas para serem felizes nos partos. Juturna presidia às fontes e às águas correntes. Havia, perto de Lavínio, uma fonte com o nome de Juturna ou Diuturna. Suas águas eram límpidas e frescas. A lenda fêz da Ninfa da fonte uma Ninfa fria e casta, que recusou o amor de Júpiter. Mais tarde o culto da Ninfa de Lavínio passou para Roma; seu nome foi dado a uma fonte na baixada do Palatino; no ano 78 edificaram-lhe um templo no Campo de Marte, no local onde passava o aqueduto da *Aqua Virgo*. A festa da deusa Juturna celebrava-se no dia 13 de janeiro; davam-lhe o nome de Juturnálias. Os membros das corporações dos fontanários e os que durante o ano tinham escapado dum incêndio, tomavam parte ativa nessas festas.

JUVENÁLIAS — Cerimônia na qual os jovens romanos ofereciam à deusa Juventa as primícias da sua barba, que eram jogadas num braseiro.

JUVENCA — Ninfa que Júpiter transformou numa nascente d'água. Às águas

dessa nascente Júpiter deu a virtude de rejuvenecer aquêles que nelas se banhassem.
JUVENTA — Deusa que os Romanos invocavam quando seus filhos abandonavam a toga pretexta. Era a toga pretexta a veste usada pelos filhos varões e patrícios até os 17 anos, mais ou menos, sendo, depois, substituída pela toga viril, símbolo da maioridade; as môças usavam a toga pretexta até se casarem. A deusa Juventa presidia ao intervalo que vai da infância a idade viril. Representavam-na sob a figura de uma formosa Ninfa. Seu templo achava-se situado no Capitólio.

L

LABDA — Corintia da família dos Baquíadas, de Báquis, rei de Corinto. Era de extrema fealdade. Casou-se com Eetião, e teve um filho Cipselo. Ora, aconteceu que o oráculo predisse que um filho de Labda seria um dia tirano de Corinto. Para obviar essa desgraça, mandaram os próceres da cidade dez homens armados a casa de Labda a fim de matarem o menino. Quando o encarregado da morte ia mergulhar o punhal no coração do menino, êste sorriu-lhe e estendeu-lhe os bracinhos, o que desarmou o homem; passou-o a seu companheiro, que também não teve coragem de assassinar o infante, e, assim, sucessivamente, Cipselo passou pelas mãos dos dez homens sem que um dêles tivesse a coragem de matá-lo. Saíram. Fora, censuraram-se acremente do que chamavam sua covardia; voltaram decididos a levar a cabo a sangrenta tarefa; nesse ínterim, porém, Labda escondeu o filhinho numa meda de trigo e assim conseguiu salvá-lo.

LABDÁCIDAS — 1) Nome patronímico dos descendentes de Lábdaco.

2) Laio, filho de Lábdaco.

LÁBDACO — Rei de Tebas e pai de Laio. Seu pai foi o grande Polidoro.

LABIRINTO — Recinto cheio de bosques e de construções dispostas de tal maneira que, uma vez aí entrado, tornava-se impossível sair. — V. DÉDALO. V. MINOTAURO. — Construído por Dédalo, por ordem de Minos, o Labirinto de Creta, imitando o Labirinto do faraó Amenenhat III, erguia-se perto de Gnosso. Era um entrelaçamento inextricável de corredores subterrâneos, servindo de guarida ao Minotauro; Teseu, graças a Ariadne, por meio de um fio que foi desenrolando a medida que se embrenhava naquele meandro, pôde matar o Minotauro e sair fàcilmente. Moedas de Gnosso representam o Labirinto por meio de linhas emaranhadas. Talvez o palácio de Minos fôsse o Labirinto legendário: é o que mostram as escavações de Evans. Freqüentemente as pedras trazem o símbolo do machado duplo, *labrys* no dialeto cário. O Labirinto seria o palácio do *labrys*, e a lenda, neste caso, nada mais fêz que embelezar a verdade. Plínio, que tratou dos Labirintos, pretende que o de Creta seja a centésima parte do do Egito; assinala um em Lemnos, onde os Cabiros celebravam seu culto e um outro em Clúsio, na Etrúria, que Porsena teria feito para servir como seu túmulo. No tempo de Plínio os Labirintos de Creta e da Etrúria haviam desaparecido inteiramente; o de Lemnos, mostrava, apenas, deploráveis ruínas; sòmente o do Egito perdurava de pé.

LABRADO — Homem que recebeu Júpiter em sua casa e depois construiu-lhe um templo.

LACEDÆMON — Filho de Júpiter e de Taígeta. Tornou-se rei da Lacedemônia e teve, depois da morte, um monumento heróico.

LACÍNIA — Sobrenome de Juno, tomado de uma cidade chamada Lacínio, na Itália,

onde a deusa tinha um célebre templo.

LACÍNIO — Célebre salteador que pilhava as costas da Magna Grécia. Foi morto por Hércules.

LÁCIO — Região da Itália central, entre a Etrúria e a Campânia. Procede o nome do verbo latino *latere*, "estar escondido", porque Saturno, expulso do Céu, veio esconder-se nessa região.

LÁCTEA (VIA) — Os Gregos davam o nome de Galáxia a essa larga fita luminosa que se percebe à noite num céu sem nuvens, e que, pela sua brancura tomou o nome de Via Láctea, "Caminho de leite". Juno, a conselho de Minerva, deu o seio a Hércules; o futuro herói sugou o seio divino com tanta avidez, que o leite esguichou formando a Via Láctea. — V. OUTRA VERSÃO EM HÉRCULES.

LACTURCINA — Deusa romana que presidia à conservação do trigo no leite.

LADÃO — 1) Rio da Arcádia, pai de Siringe. Foi dos caniços dêsse rio que Pã fabricou a sua flauta de sete tubos.

2) Cão da matilha de Acteão.

3) Nome do dragão que guardava os pomos de ouro no Jardim das Hespérides.

LAERTES — Filho de Arcésio ou de Émon. Pai de Ulisses. Participou da expedição dos Argonautas. Morreu muito idoso após a volta de Ulisses. No inverno, dormia sôbre a cinza, no meio dos criados; na estação vernal, ao ar livre sôbre fôlhas. "...Encontrou o pai que estava sòzinho no pomar, ocupado em arrancar ervas. Vestia um manto sujo, cheio de rasgões; amarrados às pernas, por causa dos espinheiros, trazia uns pedaços de couro de boi já arranhados; por causa dos abrolhos, enfiara as mãos numas luvas grosseiras; cobria-lhe o crânio um pedaço de pele de cabra, que mais ainda lhe carregava a mísera feição. O paciente e divino Ulisses, vendo o pai assim acabrunhado de velhice, sentiu o ânimo abalado por funda emoção..."

LAERTÍADES — Ulisses.

LAFIRA — Sobrenome de Minerva, tomado do fato de fazer ela com que os guerreiros carregassem os despojos do inimigo.

LÁFRIO — Filho de Delfo. Foi o primeiro a erguer uma estátua a Diana em Calidão. Daí procede, dizem, o epíteto de Diana, Láfria.

LAIO — Rei de Tebas. Era filho de Lábdaco e de Níctis. Desposou Jocasta, da qual teve Édipo. — V. ÉDIPO.

LAÍS — Famosa cortesã de Corinto, de beleza surpreendente. Foi morta pelas mulheres coríntias, que invejavam a sua formosura, num templo de Vênus. Logo caiu sôbre a cidade terrível peste, de sorte que creram todos ser castigo divino por terem matado a sacerdotisa de Vênus. — V. ANDRÓFONA.

LALO — Deus que presidia aos primeiros balbucios das crianças.

LÂMIA — 1) Filha de Netuno. Foi amada de Júpiter, do qual ela teve a Sibila Herófila. Tiveram, ainda, muitos outros filhos.

2) Rainha de extraordinária beleza, mas, de tal modo feroz, que arrancava os meninozinhos das mãos das mães e devorava-os. Os deuses, cansados da sua selvagem crueldade, mudaram-na em animal feroz.

3) Celebérrima cortesã e tocadora de flauta, aulétride. Os Atenienses e os Tebanos, que a disputavam ferozmente, ergueram-lhe um templo sob o nome de Vênus-Lâmia.

LÂMIAS — Monstros que tinham rosto de mulher e que se escondiam nos silvados, ao longo dos grandes caminhos, para devorar os transeuntes. Dava-se, também, tal nome às feiticeiras.

LAMO — 1) Filho de Hércules e de Ônfale.

2) Rei dos Lestrigões. Era filho de Netuno e fundou a cidade de Fórmias, dos Volscos.

LAMPADOFÓRIAS — Soleníssimas festas nas quais os Gregos acendiam grande número de fachos ou lâmpadas, em honra de Minerva, Vulcano e Prometeu; eram festas em ação de graças; à primeira, porque havia dado o azeite aos homens; ao segundo, por ter inventado a lâmpada e ao terceiro, por ter roubado o fogo do Céu. Durante as solenidades celebravam-se os jogos chamados *Lampadodromios*, nos quais se disputava a corrida com um archote na mão.

LAMPÉCIA — Filha do Sol e irmã de Faetonte. Apolo lhe havia confiado a guarda dos seus rebanhos na Sicília; os companheiros de Ulisses ousaram apoderar-se de alguns animais que esquartejaram e comeram; como castigo, pereceram na tempestade que depois os assaltou.

LAMPEO — Sobrenome de Pã.

LAMPETO — Famosa rainha das Amazonas. Reinou juntamente com Martésia. As duas heroínas levaram longe a fama das

Amazonas. Ambas se diziam filhas de Marte.

LAMPO — 1) Um dos filhos de Egito.
2) Um dos filhos de Laomedonte.
3) Um dos cães de Acteão.

LAMPOS — 1) Um dos cavalos do Sol.
2) Epíteto da Aurora.
3) Sobrenome de Heitor.

LAMPSACO — Cidade da Mísia, sôbre o Helesponto, onde Priapo era adorado.

LAMPTER — Nome de Baco, por causa dos inúmeros archotes que se acendiam nas *Lamptérias*.

LAMPTÉRIAS — Festas noturnas em honra de Baco. Celebravam-se em Pelene, cidade da Ática, imediatamente após a vindima. Os assistentes seguravam cada um um archote, e, no meio dessa deslumbrante iluminação, fazia-se grande distribuição de vinho aos que passavam.

LANASSA — Filha de Cleodeu, neto de Hércules. Foi raptada por Pirro, que a desposou e teve com ela oito filhos.

LAOCOONTE — 1) Argonauta.

2) Filho de Príamo e de Hécuba, segundo uns; irmão de Anquises conforme outros. Era sumo-sacerdote de Apolo e de Netuno. Na véspera da destruição de Tróia, opôs-se veementemente à introdução do cavalo de madeira na cidade, e lançou seu dardo no flanco da enorme máquina deixada pelos Gregos junto às muralhas e da qual desconfiava, suspeitando que estivesse cheia de guerreiros. Depois, quando imolava um touro a Netuno, duas enormes serpentes o enlaçaram, a êle e a seus filhos, que morreram no meio de cruéis tormentos. Assim Vergílio narra o episódio: "Então outro prodígio maior e muito mais tremendo é exposto aos miseráveis e perturba os peitos desprevenidos. Laocoonte, sacerdote de Netuno, eleito pela sorte, imolava junto aos altares solenes um grande touro. Eis que porém, — horrorizo-me em contar! — duas enormes serpentes, com vastas espirais, deitam-se sôbre o mar, de Tênedos, pelas águas tranquilas e dirigem-se para o litoral; as cabeças levantadas sôbre as cristas sanguíneas elevam-se e a parte trazeira do corpo corta o mar, volvendo os imensos dorsos em espiral. Faz-se rumor no mar espumoso, alcançam logo os campos, e, tintas de sangue, e fogo nos olhos ardentes, lambiam as sibilantes bôcas com as línguas vibrantes. Fugimos exangues com aquela visão. Dirigem-se para Laocoonte em direção certa; e primeiro uma, depois outra serpente, abraçando os pequenos corpos dos dois filhos, se enroscam nêles, e com mordidas devoram os míseros membros. Depois arrebatam o próprio Laocoonte que vinha em auxílio e trazia lanças, e o apertam com seus robustos anéis, abraçando-o duas vêzes pelo meio, tendo lançado duas vêzes ao pescoço as escamosas costas e o excedem com a cabeça e com o pescoço. Êle ao mesmo tempo procura desfazer os nós com as mãos, tendo já as fitas contaminadas com o negro e podre veneno, e ao mesmo tempo levanta aos astros clamores horrendos: quais os mugidos do touro, quando, ferido, sacode com o pescoço a machada que o feriu. Mas as duas serpentes, rastejando, retiram-se para a parte mais alta do templo..."

LAOCOOSSA — Mulher de Afareu e mãe de Idas e de Linceu.

LAODAMANTE — Filho de Etéocles, rei de Tebas. Na guerra dos epígonos, matou Egiáleo, filho de Adrasto. Fugiu, depois, e retirou-se para a Ilíria.

2) Filho de Alcínoo. Desafiou Ulisses para a luta. Êste, em consideração ao pai que o acolhera com muita amizade, não aceitou o desafio.

LAODAMIA — 1) Filha de Belerofonte. Foi amada de Júpiter que a fêz mãe de Sarpédon ou Sarpedão. Diana, enfurecida com seu orgulho, matou-a a flechadas.

2) Filha de Acasto. Morreu de pavor ao ver a sombra do seu marido Protesilau, que desejava ardentemente rever.

3) Ama de Orestes.

LAÓDICE — 1) Oceânida.
2) Ninfa da qual Foroneu teve Níobe.
3) Filha de Cíniras e mulher de Élato.
4) Filha de Agamenão e de Clitemnestra.
5) Filha de Príamo e de Hécuba. Foi, primeiro, amante de Demofoonte ou de Acamante, da qual teve um filho, Munico. Depois casou-se com Télefo e por fim com Helicáon. Quando Tróia foi tomada, temendo tornar-se escrava, precipitou-se do alto de um rochedo. Outros dizem que, às suas preces, a terra abriu-se e engoliu-a viva.
6) Môça Hiperbórea que levou oferendas a Delos.

LAODICÉIA — 1) Nome de uma cidade na Frígia.
2) Nome de uma cidade da Média.
3) Nome de uma cidade na Mesopotâmia.

LAÓDOCO — 1) Argonauta. Filho de Bias.

2) Filho de Apolo.

3) Filho de Antenor, jovem de grande coragem; Minerva, sob o seu aspecto, aconselhou a Pândaro a jogar uma flecha a fim de impedir o combate singular entre Páris e Menelau.

LAOFONTE — Filha de Plêuron, esposou Téspio e tornou-se mãe de Leda.

LAOGONO — 1) Filho de Bias e irmão de Dárdano; foi morto no assédio de Tróia por Aquiles.

2) Sumo-sacerdote de Júpiter-Ideu, morto por Aquiles no sítio de Tróia.

LAÓGORA — Filha de Cíniras.

LAÓGORAS — Rei dos Dríopes, povo do Epiro; habituou seus súditos a viverem de pilhagens e rapinas. Saqueou o templo de Delfos e foi morto por Hércules, juntamente com seu filho.

LAOMEDONTE — Rei dos Troianos. Filho de Ilo e pai de Príamo. Desejando construir uma cidade magnífica, pediu auxílio a Apolo e a Netuno, então exilados do Céu. Os deuses acederam, mediante certa paga que por êles foi estabelecida. Quando a obra terminou, Laomedonte recusou o salário prometido a um e outro. Apolo vingou-se mandando a peste, que fêz inúmeras vítimas; Netuno provocou uma enchente de sorte que não ficou pedra sôbre pedra na cidade de Tróia; a seguir, enviou um monstro marinho que arrebatava os habitantes da margem do mar e os pescadores. Consultado o oráculo, por ordem de Laomedonte, ficou estabelecido que o deus do mar ficaria apaziguado se expusessem uma virgem aos furores do monstro, escolhida por sorte. Hesíone foi a indicada pela sorte. Era a filha do rei, Laomedonte. Amarraram-na às margens do mar, num penhasco, e deixaram-na à mercê do monstro. Hércules, que chegara a Tróia, com os seus companheiros, fiado na promessa de Laomedonte, que lhe prometera a môça e cavalos, liberta-a e mata o monstro. A seguir, como Laomedonte não estivesse disposto a cumprir a sua promessa, matou-o. — V. HESÍONE.

LAPERSE — Cidade da Lacônia.

LAPERSES — Castor e Pólux. O nome é tomado da cidade de Laperse.

LÁPIS — Sobrenome de Júpiter, confundido com o deus Termo.

LAPITAS — Povo da Tessália, famosos pela habilidade em manejar com cavalos e pela sua querela com os Centauros durante as núpcias de Pirítoo. — V. CENTAUROS. V. PIRÍTOO.

LAQUESIS — Uma das Parcas, divindades que presidiam à sorte da vida humana. Láquesis deriva seu nome do verbo grego *lagchanoo* "eu tiro a sorte", i. é, a Parca que põe o fio no fuso. Suas vestes são semeadas de estrêlas. Anda cercada de fusos e sua côr é a da rosa.

LARA — Náiade, filha do rio Almão. Lara informou Juno que Júpiter andava de amôres com a Ninfa Juturna. Furioso com a indiscrição, o pai dos deuses cortou-lhe a língua e ordenou, depois, a Mercúrio que a levasse para os Infernos. No caminho, Mercúrio, encantado com a graciosa beleza de Lara, que ainda era virgem, seduziu-a. Dessa união nasceram duas crianças, que foram chamadas Lares, do nome da mãe.

LARÁRIO — Espécie de oratório ou capela, entre os Romanos, destinado aos culto dos deuses Lares. Nesse oratório ficavam as estatuetas dos deuses Lares e se lhes prestava o culto devido.

LARDANA — Ninfa que foi amada por Júpiter.

LARE — 1) Deus doméstico que presidia a uma casa em particular. — V. LARES.

2) O Gênio bom que os antigos atribuíam a cada homem, e que se comprazia em libertar seu tutelado de todos os perigos. — V. LARVA.

LARENTÁLIA — Larentália ou melhormente Larentálias eram festas realizadas

O DEUS LARE
(Museu de Montbéliard)

em honra de Aca Larência, ama de Rômulo e Remo. Essas festas, mais tarde, fizeram parte das Saturnais.

LARES — Deuses domésticos, guardas e protetores de cada casa e de cada família. Originàriamente havia sòmente dois, os filhos da Ninfa Lara e de Mercúrio. Mas com o decorrer do tempo seu número cresceu extraordinàriamente, e cada casa tinha seus Lares particulares. Representavam-nos sob a figura de pequenos bonecos de prata, marfim, madeira ou outro qualquer material. A gente do povo colocava estas figurinhas nos vestíbulos; as famílias de posse e de prestígio, Expunham-nas num oratório chamado *Larário*. — V. LARÁRIO. — Além dos Lares das casas residenciais, que se chamavam familiares, havia os Lares da Cidade (*urbani*), os das encruzilhadas (*compitales*), os dos caminhos (*viales*), os dos campos (*rurales*); aquêles que tinham a seu cargo afastar o inimigo chamavam-se *hostiles;* aquêles que socorriam nas conjunturas difíceis e perigosas, tinham o nome de *praestites;* e aquêles aos quais os navios estavam confiados eram conhecidos pela denominação de *marini*. Os doze grandes deuses e Harpocrate, o deus do Silêncio, faziam parte do número dos Lares. Tinham, em Roma, um templo no campo de Marte. A vítima que se oferecia aos Lares, quando se tratava de um sacrifício público, era um porco; nos sacrifícios particulares, porém, não se ofereciam vítimas sangrentas; leite, frutos, flôres, incenso e um pouco de tudo que se servia nas mesas formavam as oferendas habituais aos deuses Lares. Chamava-se *Lar familiaris* o primeiro avoengo, o tronco inicial da família, o seu fundador; tornava-se êste, um deus protetor. De forma geral, Lares eram as almas dos defuntos, que, se lhes prestassem as homenagens e o culto prescritos, presidiam ao bem estar geral da família a que tinham pertencido quando vivos. Freqüentemente confundem os *Penates* — V. PENATES — com os Lares. Cada habitação familiar tinha um Lare e dois Penates. O Lare, que, conforme a expressão de Ênio, "cuida de tudo que diz respeito à casa", formava, com os Penates, uma trilogia subordinada a Vesta. Alguns autores acreditam que o Lare, na sua origem, era um espírito infernal (conforme seu parentesco com a *Larva*, "fantasma" ou "espectro") que perseguia os vivos; com o decorrer do tempo, transformaram-no em divindade tutelar.

LÁRIDO — Filho de Dauco e irmão gêmeo de Timbreu; Palante, filho de Evandro, cortou-lhe a mão com um golpe de espada.

LARIMNA — Filha de Cicno. Deu seu nome à cidade de Larimna, na Beócia.

LARISSA — 1) Cidade da Tessália, pátria de Aquiles. Aí tinha Júpiter um templo famoso.

2) Quarteirão ou bairro de Éfeso, onde Apolo tinha famoso templo.

LARUNDA — Divindade que presidia à ceifa. Alguns a fazem mãe dos Lares. — V. LARA.

LARVA — Gênio do mal que os antigos acreditavam acompanhar cada homem a fim de atormentá-lo e prejudicá-lo.

LARVAS — Almas dos maus e dos criminosos, que se supunha errar aqui e acolá com o fito de assombrar e causar dano aos vivos. — V. LÊMURES.

LATAGO — 1) Rei do Ponto. Socorreu Eetes contra os Argonautas.

2) Capitão troiano que Mezêncio esmagou sob o pêso enorme de uma pedra.

LATERANO — Deus que presidia ao lar. Tem, igualmente, o nome de *Latérculo*. *Latérculo* significa "tijolinho"; *Laterano* vem de *latus, lateris*, "que está ao lado".

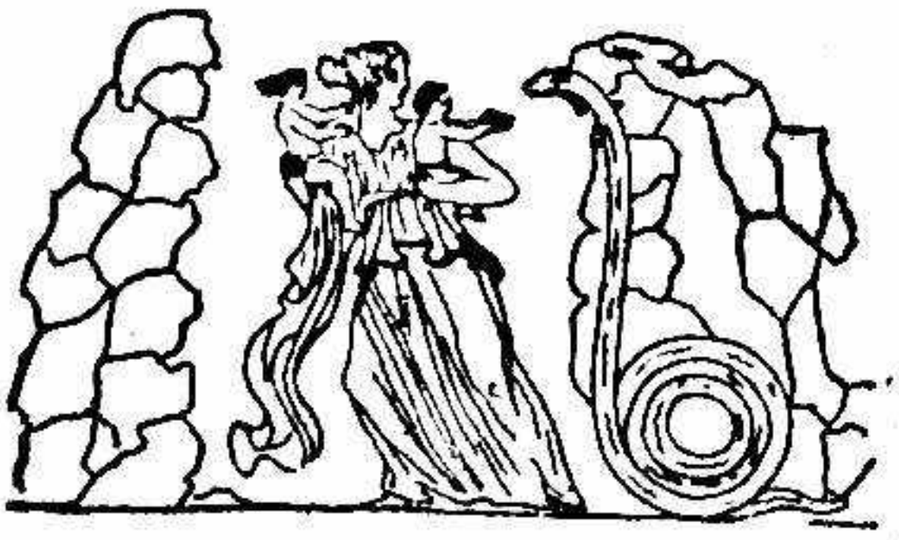
LATINO — Filho de Fauno e da Ninfa Marica. Casou-se com Amada. Reinava sôbre os Aborígenes, no Lácio, quando Enéias aí aportou. Lembrado de um oráculo que lhe mandara casar a filha sòmente com um príncipe estrangeiro, ofereceu ao herói troiano a mão de sua filha Lavínia. Seus súditos, porém, opuseram-se a essa união, e o obrigaram a declarar guerra ao invasor. Um jovem rei vizinho, Turno, que já havia pedido Lavínia em casamento, e que contava com a simpatia e com a boa vontade da rainha Amada, tomou armas e enfrentou as tropas troianas. O sangue correu durante muito tempo. Enfim Turno e Enéias encontraram-se num combate singular. Enéias, vitorioso, casou-se com Lavínia e tornou-se herdeiro de Latino, que sobreviveu pouco tempo a êsse casamento. — V. AMATA. V. ENÉIAS. V. LAVÍNIA. — Êsse herói epônimo, Latino, parece ser personagem puramente lendária. Teve por origem o *Júpiter Latiaris*, deus nacional dos povos latinos, que tinha seu santuário sôbre o monte Albano. Para Hesíodo, Latino é filho de Ulisses e de Circe; Dinis de Halicarnasso o faz filho de Hércules e de uma Ninfa. Outros autores acreditam que êsses três sejam personagens diversas;

Sílvio, filho de Enéias, também tinha o sobrenome de Latino. Não se conhece nenhuma representação fidedigna de Latino.

LÁTMIO — Sobrenome de Endimião, tomado do monte Latmo. — V. ENDIMIÃO.

LATMO — Montanha da Cária, célebre pelas visitas que Diana aí fazia ao belo Endimião, numa gruta, onde o jovem dormia. — V. ENDIMIÃO.

LATONA — Filha de Céu e de Febe. Foi amante de Júpiter. Logo que Juno a viu grávida, enfureceu-se sobremodo e mandou no seu encalço a terrível serpente Pitão ou Píton; a seguir, fêz com que a Terra jurasse, solenemente, não lhe conceder nenhum lugar em que Latona pudesse dar à luz sossegadamente. Netuno, porém, compadecido, fêz sair do fundo do mar a ilha de Delos, que acolheu Latona, e onde ela pôde dar à luz, com tranqüilidade, seus dois filhos, Apolo e Diana. Os gêmeos nasceram à sombra de uma palmeira, pois não havia palácio ou casa para acolher a parturiente. Depois da sua morte, Latona foi posta no rol das deusas. Erigiram vários templos em sua honra, principalmente em Delos, em Argos e na Gália. Possuía notável oráculo no Egito. As mulheres grávidas, antes do parto, dirigiam-lhe votos.



LATONA COM OS DOIS FILHOS, APOLO E DIANA, PERSEGUIDA PELA SERPENTE PITAO

LATONIGENA — Filho de Latona, i. é, Apolo ou Diana.

LATRIA — Irmã gêmea de Anaxandra. Era reverenciada na Lacônia.

LAURENTO — Cidade do Lácio, outrora residência do rei Latino; hoje, Casale de Capocotta.

LAUSO — 1) Jovem e bravo guerreiro, filho de Mercúrio; foi morto por Enéias.
2) Filho de Númitor e irmão de Ília.

LAVERNA — Deusa dos ladrões, dos trapaceiros, dos patifes, dos velhacos, dos hipócritas e dos sicofantas... Os primitivos Romanos, que viviam em pilhagens e assaltos, adoravam-na num bosque sagrado, onde escondiam a prêsa. Sua imagem era um corpo sem cabeça segundo uns, cabeça sem corpo, conforme outros. Como os pedidos que lhe eram feitos raramente podiam ser expressos em alta voz, por causa da sua própria natureza, invocavam-na em silêncio, mal e mal movendo os lábios.

LAVÍNIA — Filha única de Latino e de Amada. Turno, rei dos Rútulos, requestava-a. Um dia, quando a princesa queimava perfumes sôbre o altar, o fogo propagou-se a seus cabelos, passou para as suas vestes, cercou-a de turbilhões de chamas e fumo que encheram o palácio. Os adivinhos, consultados, auguraram que seu destino seria brilhante, mas fatal a seu povo. Fauno, seu avô, proibiu a Latino de casá-la com um dos príncipes da terra, anunciando a vinda de um estrangeiro, que viria do lado do Ocidente, montado sôbre um cavalo de madeira, cujo sangue, misturado ao da jovem Lavínia, elevaria até os Céus a glória do nome latino. Enéias, com efeito, sôbre navios, os "cavalos de madeira", não tardou em vir; matou Turno e desposou a jovem. Após a morte de Enéias, Lavínia, vendo o trono ocupado por Ascânio, temeu por sua vida, e foi esconder-se nas florestas, onde deu à luz um filho, que, por esta razão veio a chamar-se Sílvio (de *silva*, "floresta"). A ausência de Lavínia foi sentida pelo povo, que começou a murmurar. Ascânio, então, mandou buscá-la e deu-lhe a cidade de Lavínio, onde viveu até seu último dia.

LAVÍNIO — Cidade construída por Enéias, em honra de sua mulher Lavínia, num local que lhe fôra designado pelo oráculo. Lavínio fica ao sul de Roma, hoje Prática.

LAXO — Filha de Bóreas e de Orítia.

LEANDRO — Amante de Hero. — V. HERO.

LEÃO DE NEMÉIA — Famoso e ferocíssimo leão que assolava Neméia, povoação da Argólida. Hércules matou-o. Sua pele era invulnerável. — V. TRABALHOS DE HÉRCULES.

LEARCO — Filho de Atamante, rei de Orcômenos, na Beócia, e de Ino, sua segunda mulher. Foi morto pelo próprio pai, que, num acesso de loucura, julgou ver o menino sendo atacado por um leãozinho e varou-o com a espada. Os deuses puniram, assim, o crime cometido por Ino, do qual o pai era conivente, contra os filhos

de Néfele, sua primeira espôsa. — V. ATAMANTE. V. INO.

LECO — Divindade que protegia os partos das mulheres.

LECTISTÉRNIO — "Ação de estender um leito". Banquete oferecido às divindades representadas pelas imagens, as quais se deitavam em almofadas pondo-se-lhes diante as iguarias. Era uma cerimônia religiosa praticada em Roma nos tempos de calamidades públicas, a fim de apaziguar a cólera dos deuses. Consistia em dar, durante vários dias, em nome e às expensas da República, um festim às principais divindades. Em um dos templos, colocavam rica mesa cercada de leitos ao redor, cobertos de belos tapêtes e de ricas colgaduras, semeados de flôres e de ervas odoríferas. Sôbre os leitos colocavam as imagens dos deuses convidados ao banquete; para as deusas reservavam poltronas ou tronos. Enquanto durava a festa, serviam, diàriamente, magníficos repastos, que os sacerdotes, no fim do dia, tinham o cuidado de carregar embora.

LEDA — Belíssima filha de Téstio, rei da Etólia, e mulher de Tíndaro, rei de Esparta. Tíndaro, inexplicàvelmente, num sacrifício, esquecera-se da parte reservada a Vênus. Esta, enraivecida, jurou vingar-se na inocente espôsa do leviano rei. Ora, Leda costumava banhar-se nas margens do Eurotas, rio da Lacônia. Júpiter, certa feita, viu-a enquanto ela se banhava. Desejoso de possuí-la, pediu o concurso de Vênus, sem saber que tôda a situação fôra armada pela vingativa deusa do Amor. Assim, quando Leda, tranqüilamente, brincava nas ondas calmas e límpidas do Eurotas, viu um belo cisne perseguido por feroz águia. A tímida ave acolheu-se nos braços da jovem, que o acariciou longamente, até que o perigo tivesse passado. O cisne era Júpiter, a águia, Vênus. Ao cabo de nove meses Leda deu à luz dois ovos; de um nasceram Pólux e Helena, do outro, Castor e Clitemnestra. Os primeiros foram considerados como filhos de Júpiter, os segundos, como de Tíndaro. — V. CASTOR e PÓLUX. V. HELENA. V. CLITEMNESTRA. V. TÍNDARO.

LELANTA — Espôsa de Munico. Os deuses mudaram-na em pássaro depois que salteadores mataram todos seus filhos.

LÉLAPE — 1) Cão de Acteão.

2) Cão de fôrça prodigiosa que Diana havia dado a Prócris, e que esta deu a Céfalo, seu marido. Foi transformado em pedra quando perseguia um javali.

3) Nome do cão que guardava Europa.

LÉLEGE — Nome de um guerreiro.

LÉLEGOS — Povos da Lócrida, da Cária e da Tessália. Era, também, o nome dos Megarenses e dos antigos habitantes da Lacônia.

LÊMNIA — Sobrenome de Minerva, tomado de uma estátua que os habitantes de Lemnos lhe haviam consagrado na cidadela de Atenas.

LEMNOS — Ilha vulcânica ao norte do mar Egeu, residência de Vulcano. O nome atual da ilha é Estalimene.

LÊMURES — Almas dos mortos, espectros, gênios malfazejos, que atormentavam os homens.

LEMÚRIAS — Festas que se faziam três vêzes por ano, para expulsar os Lêmures, espíritos daqueles que não logravam repouso depois da morte. Durante tais festas fechavam-se os templos e não se realizavam casamentos. Os Romanos celebravam as Lemúrias nos dias 9, 11 e 13 de maio. À meia-noite, o chefe de família levantava-se, descalço, e fazia a ronda nos corredores e cômodos da casa, fazendo ruído com os dedos para assustar os espíritos, lançando para trás de si favas pretas, sem desviar a cabeça. Repetia nove vêzes a fórmula: "Com estas favas, resgato-me a mim e aos meus." Assim, eram afastados os espíritos, que, três dias, vagavam a esmo, procurando sangue humano. Gulosos, atiravam-se às favas e deixavam as pessoas da casa em paz. Encantados com a fórmula repetida nove vêzes, acabavam por ir embora. Os Gregos celebravam, na primavera, as Antestérias, festas semelhantes e equivalentes a esta.

LEOCÓRION — Templo de Atenas em honra às filhas de Leos, que, para afastar a fome, se ofereceram em sacrifício aos deuses.

LEODAMAS — Filho de Etéocles; foi um dos sete capitães que defenderam Tebas contra os Argivos. Matou Egiáleo e foi morto por Alcmenão.

LEONTE — Rei dos Filasianos.

LEOS — Ateniense ilustre que, em tempo de calamidade, votou suas três filhas à morte a fim de salvar a pátria. — V. LEOCÓRION.

LERNA — Pântano da Argólida, onde Hércules matou a famosa Hidra. Nome do

rio e da povoação vizinha. — V. HIDRA DE LERNA.

LESTRIGÕES — Povos da Sicília, que Homero pinta como Gigantes antropófagos. Logo que Ulisses abordou as costas da região onde viviam os Lestrigões, mandou dois homens, dando-lhes um terceiro como arauto, a tirar informações acêrca dos habitantes daquela região. Assim narra Homero o fato: "Êles desembarcaram e foram andando por um caminho plano, pelo qual descem os carros das altas montanhas, trazendo lenha para a cidade. A pouca distância de caminho encontraram uma donzela, a filha ilustre do Lestrigão Antífates, que ia buscar água na fonte de bela corrente, a Artácia, onde os cidadãos se abasteciam. Detiveram-se junto dela e perguntaram-lhe quem era o rei daquela terra e sôbre que povo reinava. A môça indicou-lhes logo o palácio do seu pai, de alta cumieira. Apenas entraram na magnífica habitação, viram a mulher do rei, que era tal qual um pedaço de monte, pelo que se amedrontaram. Esta chamou imediatamente seu marido, que se achava na ágora, o egrégio Antífates, que logo determinou cruel morte para os meus companheiros. De feito, passando a mão num dêles, sem mais detença tratou de preparar seu jantar; os outros dois vieram para a nau em carreira desabalada. Antífates, porém, gritou e seus gritos reboaram por tôda a cidade, os quais, sendo ouvidos, fizeram correr todos os robustos Lestrigões, de tôdas as partes e êles mais pareciam Gigantes que homens. Logo, de cima do rochedo, começaram a jogar sôbre nós grandes pedras, erguendo-se dos navios medonho barulho e ruído, pois alguns morriam e as naves gemiam com o embate das pedras. Os Lestrigões, cortando os homens como se fôssem peixes, levavam-nos para um cruel banquete..."

LETE — Um dos rios dos Infernos. É "o rio do esquecimento". Logo que as sombras bebiam das suas águas, esqueciam-se do passado. — V. INFERNOS.

LETÉIA — Mulher de Óleno. Orgulhosa da sua deslumbrante beleza, ousou preferir-se às deusas. Estas, querendo tirar vingança, Óleno ofereceu-se para sofrer em lugar da espôsa. Mas ambos foram transformados em rochedos.

LETO — Nome grego de Latona. É grafia melhor que Letó.

LEUCAO — 1) Nome de um cão da matilha de Acteão.

2) Rei do Ponto, filho de Atamante e de Temisto.

LEUCASPIDE — Companheiro de Enéias, morto na tempestade.

LEUCIPA — 1) Epíteto de Diana.

2) Oceânida.

3) Uma das filhas de Mínias.

4) Uma das mulheres de Téstio.

5) Filha do adivinho Testor. Separada do pai e da irmã Teone, foi consultar o oráculo. Êste declarou-lhe que para encontrar o pai e a irmã era necessário vestir-se de sacerdote e com tal indumentária viajar pelo mundo. Leucipa, chegando na Cária, encontrou boa acolhida na côrte do rei Icaro, graças ao seu disfarce. Aí encontrou a irmã que tinha sido raptada pelos piratas e vendida a Icaro. Teone, sua irmã, não a reconheceu. Acontece, porém, que Teone se apaixonou pelo jovem e formoso sacerdote, e resolveu entregar-se a êle. Admirada pela recusa, cuja causa ignorava, tomou-a por desprêzo, e, acesa em ira, resolveu matar o que ousara desdenhar do seu amor. Encarregou dessa tarefa um escravo recém-adquirido pelo rei Icaro. Êste escravo, era Testor, pai das duas jovens. No momento de matar Leucipa, começou, em altos brados, a lamentar a sua miserável sorte que o obrigava a tais misteres; durante as lamentações pronunciou o nome de suas duas filhas, Leucipa e Teone. Leucipa, então, reconhece nêle o pai; dá-se a conhecer, apresentam-se a Teone, e, felizes, fogem da côrte do rei Icaro. — V. TESTOR.

LEUCIPO — 1) Filho de Enômao, rei de Pisa. Apaixonou-se perdidamente por Dafne. Temendo uma recusa, se êle lhe pedisse a mão, pois Dafne odiava todos os homens e consagrara sua virgindade a Diana, vestiu-se de mulher, deixou crescer os cabelos e apresentou-se como filha de Enômao. Dafne, enganada pelas aparências e encantada com a gentileza do jovem, experimentou logo terna amizade "pela sua melhor amiga". Mas Apolo, furiosamente enciumado por ver que Leucipo gozava dos favôres da virgem, inspirou a Dafne e às suas companheiras o desejo de se banharem no Ladão, rio da Arcádia. Leucipo, obrigado a se despir como as demais, mostrou quem realmente era e foi morto pelas virgens enfurecidas a golpes de punhal. Outros crêem que foi flechado.

2) Jovem que nasceu mulher e a quem Latona, a seu pedido, transformou em ho-

ASBAC - SP
BIBLIOTECA

mem. Outros querem que o pedido tivesse sido feito pela mãe de Leucipo.

3) Filho de Periere e irmão de Afareu. Foi pai de Arsínoe, Hilaíra e Febe.

4) Filho de Hércules.

5) Pai de Plácia, uma das mulheres de Laomedonte.

LEUCÔNOE — Uma das filhas de Mineu.

LEUCÓSIA — 1) Uma das Sereias.

2) Ilha do mar Tirreno.

LEUCOTÉIA — Nome de Ino transformada em divindade marinha. — V. MATUTA.

LEUCÓTOE — Ninfa amante de Apolo que a transformou na árvore que dá incenso. Era filha de Órcamo, rei da Assíria, e de Eurínome. O deus Sol, que a desejava ardentemente, disfarçou-se com o semblante de Eurínome e assim pôde fàcilmente chegar junto da virgem e aos poucos ganhar a sua confiança. Deu-se a conhecer e foi aceito pela jovem. Um dia, foram surpreendidos pela irmã, Clície, que já havia se entregado a Apolo. Enciumada, foi contar ao pai os amôres da filha. Órcamo, cheio de ódio, mandou enterrar viva a infeliz jovem e sôbre ela pôs um monte de areia. O Sol, não lhe podendo dar a vida, pois era contrário aos destinos, regou com néctar o local da sua sepultura. Do corpo da sua amante nasceu, então, a árvore que dá incenso.

LEVANA — Divindade romana que erguia as crianças quando caíam.

LÍBER — Antiga divindade latina, mais tarde confundida com Baco, o deus do vinho.

LIBERÁLIA — Liberália ou Liberálias eram festas em honra de Baco, da sua irmã Líbera e de Ceres, a 17 de março. O epíteto *Líber*, dado a Baco, significa "Aquêle que liberta os homens", por meio do vinho.

LIBERDADE — Deusa alegórica filha de Júpiter e de Juno. Era adorada pelos Gregos e Romanos. Tinha um templo sôbre o Aventino. Figuravam-na como uma bela mulher vestida de branco, tendo numa das mãos um cetro quebrado e na outra uma lança encimada por um gorro; aos seus pés deitava-se um gato, animal inimigo de tôda sujeição.

LIBETRO — Cidade da Tessália, pátria das Musas.

LIBITINA — 1) Deusa dos mortos.

2) Deusa dos Romanos que presidia aos funerais.

LIBONOTO — Vento do sudoeste.

LIBRA — Constelação da "Balança"; é o sétimo signo do Zodíaco, correspondente ao equinócio do outono. — V. ZODÍACO.

LICAÃO — Licaão, Licáon ou Licaonte, rei da Arcádia, era um homem bárbaro, cruel e estúpido. Para agradar aos deuses, havia introduzido em seus estados sacrifícios humanos. Júpiter, envaidecido com o culto que lhe era prestado, desceu à terra a fim de testemunhar pessoalmente sua gratidão ao famigerado Licaonte. Dirigiu-se, pois, à cidade de Parrásia, onde habitava o rei, e pediu-lhe hospitalidade. Licaão acolheu à sua mesa o pai dos deuses. Mas, tão estúpido como cruel, mandou servir no banquete as carnes de uma criancinha que mandara degolar para êsse fim. Júpiter, indignado, quis fulminá-lo; lembrado, porém, dos inúmeros e soberbos sacrifícios que Licaão lhe oferecera, resolveu mudá-lo, apenas, em lôbo, *lykos* em grego.

LÍCABAS — 1) Um dos marinheiros que Baco mudou em golfinho.

2) Lápita.

3) Um dos que pereceram no combate travado por ocasião das núpcias de Pirítoo.

LICAÔNIA — Região da Ásia Menor.

LICAÔNIDA — Filha de Licaonte, i. é, Calisto.

LICAÔNIDES — Chamam-se assim os cinqüenta filhos de Licaonte, rei da Arcádia. Nenhum dêles reinou. — V. ARCAS. — Tão ferozes como Licaonte, eram duma insolência sem igual; sua impiedade não tinha têrmo. Júpiter resolveu experimentá-los, a fim de verificar se de fato procediam as terríveis histórias que dêles se contavam. Veio, sob aspecto humano, sentar-se à sua mesa. Os Licaônides apresentaram-lhe um prato especial: as carnes de uma criancinha que haviam degolado. Júpiter, terrificado, fulminou a todos. — V. DEUCALIÃO E PIRRA. — "Mesas de Licaonte" refere-se a Licaonte ou a seus filhos, os Licaônides, e significa "alimentos execráveis."

LICAS — 1) Rútulo consagrado a Apolo; foi morto por Enéias.

2) Criado de Dejanira. Foi Licas quem levou a Hércules a fatal túnica de Nesso. Logo que o herói percebeu que a túnica estava envenenada, lançou Licas ao mar, onde foi transformado em rochedo.

LICASTO — Filho de Marte e Filonome.

LICEU — Serra da Arcádia, consagrada a Júpiter e a Pã.

LÍCIA — Região sudoeste da Ásia Menor.

LÍCIDAS — Nome de um Centauro.

LICIMNIO — Filho de Electrião e de Medéia, uma escrava frígia; era duplamente cunhado de Anfitrião, por Alcmena, sua irmã, e por Perimedes, sua espôsa. Muito jovem ainda, tomou parte na batalha onde morreram todos seus irmãos. Após a morte do pai, transportou-se para Tebas, onde se casou com Perimedes. Acompanhou Hércules em várias aventuras; foi morto involuntàriamente por Tlepólemo.

LÍCIO — 1) Epíteto de Apolo.

2) Um dos filhos de Licaonte.

3) Filho de Hércules e da Testíade Toxicrate.

LICO — 1) Filho de Marte.

2) Um dos cinqüenta filhos de Egito.

3) Filho de Pandião e irmão de Egeu.

4) Rei da Líbia. Tinha o costume de imolar os estrangeiros que passavam pelo seu país. Diomedes, voltando de Tróia, passou por lá e foi lançado numa prisão, esperando a vez para ser sacrificado. Calírroe, que por êle se tinha apaixonado, filha de Lico, salvou-o. — V. CALÍRROE.

LICOMEDES — Rei de Ciros. Foi a Licomedes que Tétis enviou seu filho Aquiles a fim de subtraí-lo à guerra de Tróia. Lá o herói viveu algum tempo vestido de mulher. — V. AQUILES.

LICORÍADE — Nome de uma Náiade.

LICORMAS — Riacho da Etólia.

LICOS — 1) Rei da Beócia, espôso de Antíopa.

2) Centauro.

LICOTAS — Nome de um Centauro.

LICURGO — 1) Filho de Feres, rei da Tessália e irmão de Admeto. Reinou na região da Neméia. Instituiu os jogos nemeus em memória do seu filho Arquêmoro ou Ofeltes, morto por uma serpente. — V. HIPSÍPILE.

2) Filho de Drias, rei da Trácia. Perseguiu as Ninfas amas de Baco, que celebravam as Orgias sôbre a montanha de Nice. Baco, apavorado, lançou-se ao mar a fim de escapar aos furores do ímpio. Júpiter, como punição, cegou-o inteiramente. Segundo outros, Baco inspirou-lhe tal furor que o desgraçado Licurgo cortou as pernas do filho pensando que fôsse uma videira. Mutilou-se a si mesmo, bàrbaramente, e foi, por fim, conforme ordem do oráculo, aprisionado pelos seus súditos, que o deram aos cavalos selvagens que o estraçalharam.

LÍDIA — 1) Mulher de Mênfis, filho de Júpiter.

2) Região situada no centro da parte ocidental da Ásia Menor.

LIEU — Epíteto de Baco, "O quebra-cuidados".

LIGDO — Pai de Ífis.

LIGÉIA — Nome de uma Ninfa.

LIMENTINO — Nome de Jano. — V. JANO.

LIMNADITE — Sobrenome de Diana, protetora dos pescadores. De *límnee*, "mar".

LINCEU — 1) Um dos cinqüenta filhos de Egito; foi o único que escapou da matança em a noite de núpcias. — V. DANAIDES.

2) Argonauta, filho de Afareu e irmão de Idas. Tinha a visão tão penetrante que enxergava através dos muros, e via tudo que se passava nos céus ou nos Infernos. Matou Castor e foi morto por Pólux.

LINCO — Rei da Cítia. Fingiu receber Triptólemo com tôdas as honras. Na verdade, queria matá-lo, com inveja da preferência que Ceres lhe demonstrava. Aproveitando um instante em que Triptólemo ficou a sós, pois a deusa se achava na Cítia ensinando a agricultura aos homens, Linco quis matá-lo e foi metamorfoseado em lince.

LINDO — 1) Filho de Cércafo. Reinou na ilha de Rodes.

2) Cidade da ilha de Rodes, onde os sacrifícios a Hércules eram acompanhados de imprecações em lugar de bênçãos.

LINO — 1) Filho de Apolo e de Psâmate. Foi exposto logo após seu nascimento e devorado pelos cães.

2) Filho de Anfímaro e de Urânia. Foi morto por Apolo, por ousar gabar-se de cantar tão bem como êle.

3) Filho de Apolo e de Calíope. Recebeu de seu pai a lira de três cordas e inventou os versos líricos e as canções. Ensinou música a Hércules; mas um dia, o discípulo estando muito pouco atento, levou severa reprimenda do mestre; Hércules, então, quebrou-lhe a cabeça com a lira.

LIODE — Um dos pretendentes à mão de Penélope. Era adivinho. Ainda que se tivesse oposto às violências dos demais pretendentes, foi degolado por Ulisses.

LIRÍOPE — Oceânida, mãe de Narciso.

LISÍTOE — Filha do Oceano.

LIVROS SIBILINOS — Primitivamente nove, os Livros Sibilinos foram oferecidos por uma velha desconhecida ao rei Tar-

quínio o Soberbo, os quais, no final, reduzidos a 3, foram adquiridos pelo mesmo preço dos 9. Os 6 restantes a velha os queimou, um por um, a medida que o rei os recusava. Eram conservados no templo de Júpiter Capitolino. Sob Sila foram destruídos por um incêndio. Refizeram-nos com elementos que foram colhidos na Grécia, na Itália e na África. Os novos livros, encerrados em dois cofres de ouro, ficaram depositados sob o pedestal da estátua de Apolo no templo dêste deus.

LIXO — (Pronuncia-se *Licso*) 1) Um dos filhos de Egito.

2) Cidade da Mauritânia, pátria de Anteu, que aí foi morto.

LÔBA — A Lôba, nutriz de Rômulo e Remo; mais tarde figurou como emblema da nação romana. — V. RÔMULO.

LOCRO — 1) Filho de Júpiter e de Mera; ajudou Anfião e Zeto a construir os muros de Tebas.

2) Filho de Feax e irmão de Alcínoo; Hércules matou-o involuntàriamente.

LOCÚCIO — V. AIO LOCÚCIO.

LÓTIDE — Ninfa amada por Priapo e transformada em lótus. Era filha de Netuno.

LOTÓFAGOS — "Os comedores de lótus", nome que se deu a um povo da África que vivia do fruto do lótus. Êsses frutos tinham a virtude de fazer esquecer aos estrangeiros a sua pátria. Ulisses, ao voltar de Tróia, lançado por uma tempestade sôbre as costas da África, enviou dois companheiros para reconhecer a terra. Os habitantes do lugar deram-lhes lótus para comer; o efeito manifestou-se imediatamente: os Gregos não queriam mais retornar para os navios, pois tinham esquecido tudo, pátria, família e amigos. Tornou-se necessário empregar a fôrça para arrancá-los do país que produzia tão estranhos frutos.

LUA — A maior divindade depois do Sol. Quase todos os povos da antigüidade a adoraram como espôsa do deus Sol. Possui vários nomes, conforme os países, mas suas atribuições e qualidades são idênticas: Ísis no Egito, Astarte na Fenícia, Milita na Pérsia, Selene na Grécia, Diana, Vênus e Juno em Roma. — V. DIANA.

LÚCIFER — "Aquêle que carrega a luz", filho de Júpiter e de Aurora. Chefe e condutor dos astros, cuidava, ainda, dos cavalos do Sol. É a estrêla da manhã, estrêla do Pastor ou Vésper.

LUCINA — Deusa que presidia aos partos. Ora era Diana, ora era Juno. Seu nome deriva de *Lux, lucis*, "a luz", visto ser ela que dava o nascituro à luz. Alguns autores estão convencidos que Lucina é, apenas, sobrenome de Juno por causa da fórmula solene usada pelos pais, *Juno Lucina fer opem*. Encontra-se em Homero, num hino em honra de Apolo, um relanço onde se diz que Lucina se viu impedida por Juno de socorrer a Latona que estava em trabalho de parto, tendo dado à luz Apolo e Diana. Destarte, conforme as tradições homéricas, seria Lucina divindade distinta de Diana e de Juno. Juno Lucina tinha sôbre o Esquilino um templo que remontava ao rei sabino Tito Tácio (735 a. C. n.), e onde se celebravam, anualmente, as Matronálias.

LUCRO — Deus do Ganho ou Lucro, entre os Romanos. — V. CERDÃO.

LUPERCA — Deusa que os pastôres romanos invocavam contra os lôbos.

LUPERCAL — Gruta ao pé do monte Palatino, na qual Rômulo e Remo foram aleitados pela lôba.

LUPERCÁLIAS — Festas que os Romanos celebravam anualmente em honra do deus Pã. Realizavam-se no dia 15 de fevereiro. Eram encarregados dessa festa os Lupercos, confraria das mais importantes de Roma, cujos membros, no comêço, eram escolhidos sòmente dentre as famílias dos Quintílios e dos Fábios; mais tarde os membros da *gens* Júlia também foram admitidos. Reuniam-se na lapa do Palatino. No dia das Lupercais percorriam as ruas de Roma com um chicote na mão; estavam convencidos que as mulheres que fôssem atingidas por uma chicotada, teriam um filho antes do fim do ano.

LUPERCO — "O afastador dos lôbos"; deus dos rebanhos, identificado com Pã, principalmente o *Pan Lycaeus*, "O Pã lupino".

LUPERCOS — Sacerdotes que tinham a seu cargo o culto de Pã e a celebração das Lupercais. Distribuíam-se em três colégios, conforme às três famílias de onde os membros eram recrutados, Fabianos, Quintilianos e Julianos.

LUSIA — "A que se banha", epíteto de Ceres que gostava de mergulhar no Ladão.

LUSTRAÇÕES — Cerimônias religiosas dos Gregos e Romanos para purificar fôsse lá o que fôsse; fazia-se, em geral, com água, por meio de aspersões.

M

MACANIDAS — Rei da Lacedemônia.

MACÁON — Filho de Esculápio e de Epione. Reinou sôbre uma parte da Messênia. Tomou parte na guerra de Tróia, para onde partiu com trinta navios. Era habilíssimo na arte de curar os homens. Menelau, ferido pela flecha de Pândaro, e Filoctetes, com uma imensa úlcera fétida produzida pela flecha de Hércules, experimentaram com êxito as suas habilidades médicas. Macáon foi um dos que se ocultaram no bojo do cavalo de madeira, nas vésperas da destruição de Tróia. Foi morto por Eurípilo. Nestor levou seus ossos para a Grécia. Os Messênios elevaram-lhe um templo e o invocavam nas doenças.

MACAREIDE — Filha de Macareu.

MACAREU — 1) Filho de Éolo, sacerdote em Delfos. Desposou a irmã Cánace.

2) Centauro.

3) Companheiro de Ulisses.

4) Filho de Licaão; fundou, na Arcádia, uma cidade a que deu seu nome.

MACÁRIA — Filha de Hércules e de Dejanira. Devotou-se de corpo e alma à vitória dos Atenienses contra Euristeu.

MACEDÔNIA — 1) Filha de Júpiter e de Tia; deu seu nome à Macedônia.

2) Região setentrional da Grécia; era um dos mais importantes estados gregos.

MACISTE — 1) Sobrenome de Hércules.

2) Filho de Atamante; deu seu nome a uma cidade da Trifília.

MÁCRIDE — 1) Ilha do mar Egeu, vizinha da Jônia.

2) Antigo nome das ilhas Eubéia, Icária e Quios.

MÁCRIS — Filha de Aristeu. Recebeu Baco, depois que Mercúrio o tirou das chamas, fato que desencadeou contra ela a cólera de Juno. Foi obrigada a abandonar a ilha de Eubéia. Refugiou-se na ilha dos Feácios; os habitantes dessa ilha receberam-na com vivas mostras de bondade e lhe prestaram grandes benefícios.

MACROSÍRIS — Gigante cujo túmulo foi encontrado perto de Atenas; a sepultura tinha cem pés de comprimento.

MAGARSA — Sobrenome de Minerva, oriundo da cidade de Magarso, na Cilícia, onde era adorada.

MAGNES — 1) Filho de Argo e Perimele. Deu seu nome à Magnésia.

2) Filho de Éolo e de Enarete; desposou Naís, de quem teve inúmeros filhos.

3) Jovem que servia a Medéia e que foi transformado por ela em pedra magnete, i. é, ímã.

MAGNÉSIA — 1) Epíteto de Minerva.

2) Península e província da Tessália.

MAIA — 1) Uma das Atlântidas ou Plêiades. Foi amada de Júpiter e deu à luz Mercúrio. Alimentou, também, Arcas, filho de Calisto, fato que lhe atraiu a ira de Juno. Numa gruta, perto do monte Cilene, onde Mercúrio nasceu, escondia Maia seus amôres com o rei dos deuses. Tornou-se essa gruta renomado lugar de romaria. Seu culto anda associado ao de Mercúrio, seu filho, com o qual tinha um templo comum

perto do grande Circo. Celebrava-se sua festa a 15 de maio.

2) Filha de Fauno e mulher de Vulcano.

MALÉATO — Deus que fazia amadurecer as maçãs.

MÁLIS — Companheira ou dama de honor de Ônfale. Foi amada por Hércules.

MAMOSA — 1) Epíteto de Ceres, em virtude de ser representada com inúmeros seios túrgidos, como nutriz do gênero humano.

2) Epíteto da Fortuna.

MAMÚRIO VETÚRIO — Ferreiro osco do tempo de Numa.

MANES — Gênios que os antigos confundiam ora com as almas dos mortos, ora com as divindades infernais. Os Manes eram honrados na Grécia e em tôda a Itália peninsular. Os túmulos estavam sob sua proteção; o cipreste lhes era consagrado. A palavra *Manes* significa "bons". Primitivamente, pois, os Manes eram as almas dos Bons; como os Bons, nos Infernos, gozavam de grandes felicidades, participavam da natureza divina e tinham poderes sobrenaturais, colocaram-nos no rol dos deuses. Os Gregos davam aos mortos o nome de deuses subterrâneos; os Romanos davam aos mortos o nome de deuses Manes. "Dai aos deuses Manes o que lhes é devido; são homens que abandonaram a vida; considerai-os como sêres divinos", diz Cícero. Os túmulos eram os templos dessas divindades; daí a famosa inscrição, *D. M.*, "*dis manibus*", "Aos deuses Manes".

MANTO — 1) Profetisa famosa, filha de Tirésias. Capturada em Tebas pelos Epígonos, foi enviada a Delfos, como um presente digno do deus que aí residia; permaneceu Manto algum tempo no templo de Apolo, onde proferiu oráculos na qualidade de sacerdotisa. Mais tarde dirigiu-se para Claros, na Jônia, onde fundou um oráculo de Apolo. Nessa cidade, deplorando sem cessar as desgraças da sua pátria, sucumbiu de tanto pesar e mudou-se em fonte.

2) Filha do adivinho Polífido.

3) Profetisa da Itália. Gerou um filho do rio Tibre, chamado Ocno, que fundou uma cidade a que deu o nome de Mântua, em honra da mãe. Manto deriva da raiz *manteúomai*, "predizer" ou "profetizar".

MANTURNA — Deusa que invocavam os Romanos com o fito de que a nova espôsa, depois do casamento, se desse bem em casa do marido.

MARATONA — 1) Filho de Epopeu e neto de Aloeu. Temendo a cólera do pai, retirou-se para a Ática, onde fundou um burgo a que deu seu nome.

2) Herói que voluntàriamente se sacrificou por seu exército, cumprindo, assim, o que havia predito o oráculo.

3) Aldeia da Ática, célebre pela vitória de Teseu sôbre um touro furioso. Seus habitantes adoravam Hércules com culto particular.

4) Famosa cidade da Ática; Milcíades aí derrotou os Persas em 640 antes da nossa era.

MARAVILHAS (AS SETE) — Nome que foi dado pelos antigos às obras mais notáveis da arquitetura e da escultura: 1) os jardins suspensos e os muros de Babilônia; 2) as pirâmides do Egito; 3) o farol de Alexandria; 4) o colosso de Rodes; 5) o Júpiter Olímpico de Fídias; 6) o templo de Diana, em Éfeso; e 7) o túmulo de Mausolo.

MÁRCIOS (OS IRMÃOS) — Famosos adivinhos dos Romanos. Os livros de um dêles, Márcio, predisseram a derrota de Canas. Os jogos de Apolo foram estabelecidos graças às profecias dos Irmãos Márcios.

MARICA — Ninfa, espôsa de Fauno e mãe de Latino. Mais tarde deram-lhe o nome de Fauna. É uma das mais antigas divindades latinas. Era, pròpriamente, Ninfa dos marnéis. Entre Minturno e o mar, na embocadura do Líris, hoje Garigliano, tinha seu templo, seu bosque sagrado e seu túmulo. Nesse local é que Mário veio procurar refúgio, no decurso da sua luta com Sila. Alguns a confundem com Circe, seja por causa da origem hesiódica de Latino (Hesíodo o faz filho de Ulisses e de Circe), seja por causa do promontório de Circeios, hoje monte Circeo, na extremidade dos pântanos Pontinos, onde ainda existe a "Gruta de Feiticeira", i. é, Circe; outros a identificam com Afrodite (Vênus), ou por haver, não longe do bosque sagrado de Marica, uma capela consagrada a Afrodite, ou por causa da etimologia discutível do seu nome, Marica, de *mare*, "o mar", assim como Afrodite quer dizer "nascida da espuma do mar".

MARINA — Epíteto de Vênus, nascida das ondas do mar.

MARSA — Uma das Testíadas; teve, de Hércules, um filho chamado Búcolo.

MARSIAS — Famoso músico. Os poetas dêle fizeram um Sátiro. Era natural de

Celenas, na Frígia, e filho de Hiagne. Foi o primeiro a musicar os hinos dedicados aos deuses. Tocava flauta tão bem, que passa por ser o inventor dêsse instrumento de sôpro. Prêso aos encantos de Cibele, acompanhou-a a Nisa, onde teve a imprudência de desafiar Apolo, com a condição de ficar o vencido à discrição do vencedor. Os habitantes de Nisa arvoraram-se em árbitros. Ambos os campeões fizeram brilhar seus talentos, e a vitória foi atribuída a Apolo. O deus, imediatamente, amarrou seu rival a uma árvore e esfolou-o vivo. A morte de Mársias causou luto universal. Os Faunos, os Sátiros, as Dríades o choraram muito tempo; dessas lágrimas nasceu um rio, o Mársias, que irriga o solo frígio. Conta-se que Apolo, arrependido da sua brutalidade insensata, rompeu as cordas da sua lira e as depôs, juntamente com a flauta do infeliz Mársias, num antro do deus Baco, ao qual dedicou os dois instrumentos. A flauta de Mársias, diz-se, era a mesma na qual Minerva muitas vêzes tocara. A pele de Mársias foi levada para Celenas; dela fizeram um odre que ficou suspenso de uma coluna. E a pele agitava-se quando diante dela alguém tocava flauta; mas permanecia impassível aos acordes da lira. Em Roma, sôbre o Fôro, eleva-se uma estátua de Mársias, dançando como um Sileno embriagado, e tendo em cima da espádua direita um odre. É Mársias como símbolo do direito de cidade: sua imagem encontrava-se, geralmente, nos fôros das cidades provinciais que gozavam do direito de cidadania.

MARTE — Em grego Ares. — V. ARES. — Deus da guerra. Conforme Hesíodo, era filho de Júpiter e de Juno. Homero esposa a mesma paternidade. De acôrdo com os poetas latinos, Juno, invejosa de ter Júpiter tirado Minerva do seu cérebro, quis imitar a façanha, e produzir um filho sem o concurso de seu ilustre espôso ou de qualquer outro homem. Resolveu dirigir-se para o Oriente, a fim de aí encontrar os meios propícios a tal realização. Fatigada do caminho, sentou-se ao pé do templo da deusa Flora, que lhe perguntou a causa da sua viagem. A deusa Flora, ouvindo o desejo de Juno, mostrou-lhe uma flor maravilhosa, a qual, pelo simples contacto, fecundava qualquer mulher, sem o auxílio de qualquer homem. Tanto que Juno tocou a flor, sentiu que estava grávida; após nove meses de gestação deu à luz Marte, que confiou aos Dáctilos ídeus. O jovem tornou-se logo árbitro dos combates. Marte teve inúmeras amantes, mas amava sobretudo Vênus, espôsa de Vulcano, que os apanhou, de uma feita, em pleno adultério. Teve, igualmente, inúmeros filhos. É o deus da guerra feroz, sangrenta, brutal, ao passo que Minerva é a deusa da guerra levada com estratégia, habilidade e inteligência. Dizem que sua voz era mais estridente que a de dez mil homens. Pelo seu gênio tornou-se odioso às próprias divindades. Os Gregos não o veneravam. Os Romanos, porém, prestaram-lhe culto excepcional, chegando a tornar-se o deus nacional, talvez por causa da paternidade de Rômulo e Remo. Seus sacerdotes constituíam, em Roma, o colégio dos Sálios. Figuram-no armado de escudo, com capacete e lança. O touro, o varrasco e o carneiro eram as vítimas que ordinàriamente lhe ofereciam. O cavalo, o galo, o abutre e o lôbo estavam-lhe consagrados. Marte é o deus favorito dos Romanos. Não estão de acôrdo os mitógrafos sôbre o seu carácter original. Uns vêem nêle uma divindade primitiva da vegetação; outros, o deus da guerra. Consta que os Sálios, sacerdotes de Marte, foram criados para guardar os escudos-talismãs, símbolo do deus; o culto do raio, difundido em Creta desde os tempos minoenses, propagara-se na Grécia e na Itália, muito antes da fundação de Roma. As danças dos Sálios seriam idênticas às dos ferreiros cretenses, apenas adatadas ao espírito latino; o ruído produzido pelo embate dos escudos tinha por fito afastar os maus espíritos da cidade, do povo e dos rebanhos. Os Sálios participavam de uma das festas mais antigas de Roma; de 1 a 23 de março (mês de Marte), passeavam pelas ruas da cidade agitando tambores e escudos, gritando e cantando num vozerio ensurdecedor. Os escudos dos Sálios, os *ancilia*, dizia-se terem sido encontrados no palácio de Numa, sendo que um dêles caiu diretamente do céu. Marte, convertido em deus guerreiro na época histórica, tinha festas de cunho acentuadamente belicoso. Dedicavam-se-lhe as corridas de cavalos de guerra, realizadas a 27 de fevereiro, a 14 de março e a 15 de outubro; o cavalo vencedor era imolado pelo *Flamen Martialis* ao deus Marte. No célebre campo de Marte reuniam-se os ci-

dadãos romanos de cinco em cinco anos, para purificação solene e recenseamento geral; oferecia-se, nessa oportunidade, ao deus Marte, o sacrifício dum porco varrão, dum carneiro e dum touro, *Suovetaurilia;* dirigiam-se-lhe preces para alcançar vitória nas futuras guerras.

MASÁRIS — Sobrenome de Baco entre os Cários, formado de Ma, uma das suas amas, e de Ares, nome grego de Marte.

MÁSCULA — Epíteto de Vênus e da Fortuna.

MÁSSICO — Príncipe etrusco que auxiliou Enéias.

MASTIGÓFORA — Epíteto de Diana em Esparta, "Aquela que carrega o azorrague".

MÁTON — Deus honrado nos banquetes, em Esparta. — V. QUERÁON.

MATRÁLIAS — Festas em honra da deusa Matuta, a Aurora. Celebravam-se a 11 de junho.

MATUTA — Antiga divindade itálica que protegia os nascimentos e representava a luz da manhã, identificada com a Aurora. Outros a confundem com a Leucotéia dos Gregos. Sob o nome de Matuta, Juno tinha um altar, em Roma, junto ao Mercado das ervas.

MAUSOLO — Rei da Cária. Desposou Artemísia, ou, melhormente, Artemisa — V. ESSA PALAVRA — mulher de notáveis qualidades e assaz empreendedora. Quando Mausolo morreu, ergueu-lhe um túmulo tão magnífico que passou para a posteridade como uma das Sete Maravilhas. Tomou êsse monumento o nome de "Mausoléu".

MEANDRO — 1) Filho de Cércafo. Imolou à mãe dos deuses, para cumprir um voto temerário, seu filho, sua irmã e sua mãe, que, por acaso, se apresentaram por primeiro ante seus olhos. Seja furor, seja remorso, Meandro, depois do execrável sacrifício, lançou-se ao rio ao qual deu seu nome.

2) Rio da grande Frígia, célebre entre os poetas, que o fazem filho da Terra e do Oceano, e pai de Cíânea.

MEDÉIA — Feiticeira famosa, filha de Eetes, rei da Cólquida e de Hécate. A jovem, por intermédio da mãe, tornou-se perita na arte dos encantamentos e feitiçarias; conhecia a fundo as virtudes das plantas. Logo que Jasão chegou a Cólquida, a frente dos seus Argonautas, em busca do Tosão de Ouro, Medéia dêle não mais se separou. — V. ARGONAUTAS. — V. JASÃO. — O rei Eetes impôs algumas condições à entrega do Tosão de Ouro: num só dia deveria domar dois touros furiosos, que tinham patas de bronze e que sopravam chamas pelas ventas, jungi-los ao arado e lavrar um terreno virgem, e aí semear os dentes do dragão, que sobraram daqueles que Cadmo havia semeado. — V. CADMO. — Feito isso, deveria matar os guerreiros que nasceriam dos dentes semeados. Só então poderia apanhar o precioso Velo suspenso de um carvalho, à guarda de feroz dragão. Medéia auxiliou Jasão em tudo, de sorte que o jovem conseguiu plenamente dar conta dos encargos que o rei Eetes exigira. De feito, a jovem deu-lhe uma garrafinha com o suco de ervas mágicas, que, untadas no corpo, o tornavam invulnerável; deu-lhe uma pedra para lançar no meio da turba monstruosa que nasceria dos dentes do dragão; e, por fim, ministrou ao dragão, guarda do Velo, uma beberagem que o fêz dormir. Jasão, cumpridas tôdas as ordens do rei, prepara-se para a partida. Entretanto, Eetes, furioso, resolve incendiar o Argo e eliminar o jovem Jasão. Medéia, sabedora dos planos paternos, corre a informar o amante. Fogem a pressa e Medéia os acompanha. Lança-se o rei em perseguição dos fugitivos; atinge a embocadura do rio Fásis e envia seu filho com a ordem de receber de volta o Tosão de Ouro e de trazer Medéia. Esta, loucamente apaixonada pelo herói, não hesita: apodera-se do irmão, degola-o e vai semeando, ao longo do litoral, os membros dispersos do infeliz, certa de que o rei não irá adiante, mas recolherá os tristes despojos a fim de dar-lhe condigna sepultura. Tudo se passou como a feiticeira previra. Eetes desiste da perseguição, ocupado em recolher os restos mortais do filho, que sepulta num local que depois veio a chamar-se Tomos, i. é, "pedaços", cidade na foz do Ister, o antigo Fásis. Após inúmeras aventuras, Jasão atinge a ilha de Corcira, onde se casa com Medéia, e atinge, por fim Iolcos, entrando triunfalmente na cidade. Consagra seu navio a Netuno e entrega o Tosão a Pélias. E logo Jasão se pôs a par do que ocorrera durante a sua longa ausência. Seu pai, perseguido pelo rei usurpador, suicidara-se; sua mãe, cansada de lutar, enforcara-se, proferindo terríveis maldições contra Pélias, que, por fim, se recusava, agora, a ceder o trono, como outrora havia prome-

tido. Às instâncias do marido, Medéia encarrega-se da vingança. Persuade as filhas de Pélias, já alquebrado pela velhice, a rejuvenescer o pai. Para tanto teriam elas de cortar o desgraçado em pedaços, cozinhá-los num caldeirão e sôbre êle, enquanto fervesse, proferir palavras mágicas. A fim de inspirar confiança às môças, Medéia toma um velho carneiro, corta-o em pedaços, e fá-los ferver, pronunciando, ao mesmo tempo, fórmulas mágicas. Daí a pouco surgiu um lindo cordeirinho. — V. TÂNTALO. — As filhas do rei, em vista disso, não hesitaram mais: pegaram o desgraçado, esquartejaram-no e ferveram-no a valer. E tanto ferveram, que a carne do velho ficou macia... Entretanto, Jasão não conseguiu o trono. O filho de Pélias dêle se apoderou e baniu o casal para Corinto. Lá Medéia deu à luz dois filhos. Os anos se escoaram e Jasão parecia perfeitamente feliz quando, por acaso, viu a filha do rei, Creúsa, de quem logo se enamorou. Sem hesitar, abandonou Medéia e os filhos e casou-se com a princesa. Com o coração dilacerado, Medéia jurou vingar-se de maneira espantosa. Fingindo resignação, no dia do casamento procura a jovem Creúsa e lhe faz presente de uma túnica diáfana e esplêndida, que, no seu dizer, inflamaria o coração do espôso. Após as cerimônias, à noite, despedidos os convidados, Creúsa entra para sua câmara, onde o marido a espera, e veste a formosíssima túnica. Apenas esta tocou

MEDÉIA REJUVENESCENDO O VELHO CARNEIRO

(*Pintura de vaso*)

o corpo da virgem, chamas devoradoras espalham-se por seu corpo, devoram a carne, consomem os ossos, propagam-se por tôda a peça, alastram-se pelo palácio, e, a custo, conseguem salvar a cidade de tão terrível incêndio. Medéia ainda não estava satisfeita. Tomou seus dois filhos, que tivera de Jasão, e degola-os com suas mãos. A seguir, retorna, pelo ar, sôbre um carro puxado por dragões, para o seu país de origem, a Cólquida, que ela nunca deveria ter abandonado. Reconciliou-se com a família, e, ao morrer, desceu aos Campos Elísios, onde desposou o grande Aquiles. Conforme outra versão, fugindo num carro tirado por dois dragões alados, dirigiu-se para Tebas, onde se refugiou junto de Hércules, a quem curou do furor que o possuía. De lá passou para Atenas, esposou Egeu e dêle teve um filho chamado Medo. Algum tempo depois, querendo assegurar o trono para seu filho, tentou envenenar Teseu, que procurava fazer-se reconhecer pelo pai. Felizmente, Egeu o reconhceu antes que o crime fôsse cometido. Uniram-se pai e filho; Medéia, para evitar o castigo que merecia, montou no carro alado e desapareceu nos ares. Retornou para a Cólquida, reconciliou-se com a família e viveu muitos e muitos anos no meio dos seus.

MÉDIA — Região ao sul e sudoeste do mar Cáspio. Capital, Ecbátana.

MEDO — Filho de Egeu e de Medéia.

MEDONTE — Nome de um Centauro.

MEDUSA — A mais célebre das Górgonas. Das três era a única que estava sujeita à velhice e à morte. Apesar da sua hediondez, Netuno por ela se apaixonou. Transformou-se em pássaro, raptou-a e transportou-a para um templo de Minerva, que juntos profanaram, entregando-se ao ato amoroso junto do altar. A deusa ficou tão furiosa que mudou os cabelos de Medusa, a única coisa que ela tinha de formoso, em horríveis serpentes; ao mesmo tempo, deu a seus olhos a virtude de petrificar tudo que ela olhasse. Um grande número de habitantes das bordas do lago Tritoníaco, na Macedônia, sofreu o pernicioso efeito dos seus olhares. Os deuses, querendo livrar o país de tão grande flagelo, enviaram Perseu a fim de matá-la. Munido das asas de Mercúrio, do capacete de Plutão e do espêlho de Minerva, Perseu aproximou-se da Górgona, sem ser percebido, em virtude do capacete plutônio, e cortou-lhe a cabeça. Do sangue que jorrou quando a cabeça foi decepada, nasceram Pégaso e Crisaor. Perseu montou o Pégaso e voou sôbre a Lídia; de tôdas as gôtas de sangue que caíram, nasceram

outras tantas serpentes. Perseu, desde então, levava a cabeça da Medusa em tôdas as emprêsas e expedições que empreendia. Mais tarde consagrou-a a Minerva e esta gravou-a na sua égide. Conforme outra versão, Medusa, antes do rapto de Netuno, era de deslumbrante beleza, sobretudo seus cabelos, que brilhavam como mil sóis. E era imortal. Depois de profanar o templo de Minerva, juntamente com Netuno, é que, por castigo, ficou tão horrenda como suas irmãs, e mortal.

MEGALARTOS — "A deusa dos grandes pães", epíteto de Ceres na ilha de Delos e na Beócia.

MEGALE — 1) Epíteto de Juno, como superior às demais deusas.

2) Epíteto de Cibele, considerada como a mãe dos deuses.

MEGALENSIANAS — Festas em honra de Cibele.

MEGANIRA — Mulher de Céleo. Recebeu honras divinas após sua morte. Ergueram-lhe uma capela às bordas da fonte; foi nesse local que os homens viram, pela primeira vez, a deusa Ceres na Ática.

MEGAPENTE — 1) Um dos filhos que Menelau, rei de Esparta, marido de Helena, teve de uma escrava. Após a morte do pai, Megapente expulsou Helena do seu reino; a viúva retirou-se para a ilha de Rodes onde foi assassinada. Megapente casou-se com uma filha de Aléctor, Terídae.

2) Filho de Preto, rei de Argos. Pela morte de Acrísio, irmão e sucessor de seu pai, Perseu, neto do último rei e causa involuntária da sua morte, ofereceu a Megapente trocar as coroas. Perseu tornou-se rei de Tirinto e Megapente, rei de Argos.

MÉGARA — 1) Filha de Creonte, rei de Tebas, e mulher que Hércules conquistou como recompensa dos serviços prestados a Creonte contra Ergino. Durante a descida de Hércules aos Infernos, Lico apoderou-se da cidade de Tebas; não podendo convencer Mégara a casar-se com êle, ia violentá-la, quando o herói chega. Matou Lico, repôs Creonte no trono. Juno, irritada com a morte de Lico, tornou Hércules tão furioso, que matou Mégara e os filhos que com ela tivera. Segundo outra versão, matou sòmente os filhos e repudiou a mulher, cuja vista lhe lembrava o furor sanguinário de que fôra possuído.

2) Cidade da Grécia fundada por um filho de Apolo.

3) Mégara, cidade da Sicília.

MEGAREU — Filho de Netuno.

MÉGARO — Filho de Júpiter e da Ninfa Sitnida. Salvou-se do Dilúvio de Deucalião, nadando para uma montanha, em cujo cimo ficou, guiado que foi pelos gritos de um bando de grous.

MEGAS — Pai de Périmo; tombou sob os golpes de Pátroclo.

MEGERA — Uma das três Fúrias. Atribuem-lhe dupla missão: semear, no mundo, querelas e disputas entre os homens, e, nos Infernos, acompanhar sua irmã Alecto que atormenta sem cessar os criminosos. — V. FÚRIAS.

MELAMPÍGIO — "Nádegas pretas", epíteto de Hércules. — V. AQUEMÃO.

MELAMPO — 1) Um dos Dióscuros.

2) Filho de Amitáon e primo de Jasão. Dedicou-se à medicina. Tornou-se habilíssimo no conhecimento das plantas e ervas; entendia a linguagem dos animais. As filhas de Preto, tendo perdido o uso da razão, foram curadas por Melampo, com a aplicação do heléboro, planta medicinal; Melampo esposou uma delas. Depois da sua morte adoraram-no como semideus. Era, também, adivinho.

3) Nome de um cão da matilha de Acteão.

MELÂNCIO — Pastor de Ulisses; cuidava das cabras e ajudou o herói a exterminar os pretendentes de Penélope.

MELANEU — 1) Grego tão hábil em atirar de arco, que passava por filho de Apolo.

2) Etíope que foi morto no combate durante as núpcias de Perseu e de Andrômeda.

3) Centauro famoso por sua habilidade em caçar javalis.

4) Cão de Acteão.

MELÂNIO — Pretendente à mão de Atalanta. Geralmente chamam-no de Hipômenes. — V. ATALANTA.

MELANIPA — 1) Ninfa. Amante de Itono e mãe de Beoto.

2) Filha de Éolo ou de Desmontes. Uniu-se clandestinamente a Netuno e dêle teve dois filhos. O pai de Melanipa expôs os dois filhos e furou os olhos da mãe, metendo-a numa estreita prisão. Os meninos, encontrados e criados por pastôres, ao crescer libertaram a mãe. Netuno restituiu-lhe a visão e ela casou-se com Metaponto, rei da Icária.

3) Rainha das Amazonas. Hércules levou seu cinto a Euristeu.

4) Filha de Quirão.

MELANQUETA — Nome de um cão de Acteão.

MELANTO — 1) Ninfa, filha de Proteu.

2) Um dos pretendentes de Penélope. Mantinha relações sexuais com Eurímaca.

3) Marinheiro que Baco transformou em delfim.

MELAS — 1) Filho de Netuno.

2) Filho de Proteu.

3) Filho de Frixo.

MELÉAGRO — Filho de Eneu, rei de Calidão, e de Altéia. Tomou parte na expedição dos Argonautas. Diana, irritada com Eneu, que a esquecera num sacrifício, enviou um furioso javali que assolava e devastava a região. Meléagro, reunindo um grande número de caçadores e de cães, pôs-se em perseguição ao temível animal, acabando por matá-lo. Deu, então, a pele e a cabeça da fera a Atalante, de quem estava apaixonado. Os demais participantes da caçada, indignados com a preferência, arrancaram os despojos da mão da môça. Entre êsses estavam os irmãos de Altéia, tios de Meléagro. Êste, furioso com a ousadia, matou vários caçadores, entre os quais os tios. Altéia, tendo notícia do incidente, cheia de ódio, lançou ao fogo o tição ao qual estava ligada a vida de seu filho. Meléagro logo sentiu que um fogo devorador o consumia, e, extinto o tição, morreu. — V. ALTÉIA. — Há outra versão: Eneu, seu pai, agradecendo aos deuses as opimas messes, havia esquecido de citar o nome de Diana durante o sacrifício. A deusa, irritada com tal esquecimento, suscitou um feroz javali que começou a devastar as plantações. Meléagro reuniu grande número de caçadores das redondezas e matou o monstro. A ira de Diana exacerbou-se: fêz com que surgisse terrível querela entre Etólios e os Curetes, povos originários de Creta, e fixados a este do Aquelôo, por causa da pele e da cabeça do javali; pois os Curetes também tinham tomado parte na caçada ao monstro. Por desgraça, Meléagro matara os irmãos de sua mãe, na sortida que fizera contra os Curetes. Altéia, desesperada, pediu a Plutão que matasse seu filho. Meléagro, em vista disso, abandonou a luta. Entretanto, os Curetes ameaçavam tomar a cidade, e a situação de momento a momento tornava-se mais grave. Altéia, seguida de sua nora, veio, então, suplicar ao filho que expulsasse os Curetes. Vencido pelas lágrimas da mãe e da espôsa, Meléagro retoma as armas. Expulsa os Curetes, mas não retorna do campo de batalha: Plutão ouvira os rogos da mãe desnaturada.

MÉLETE — Nome de uma das Musas.

MÉLIA — Filha do Oceano e amada pelo rio Ínaco.

MELIBEU — Nome de um pastor.

MELICERTA — Filho de Atamante e de Ino, convertido em deus marinho.

MÉLIE — 1) Filha do Oceano, teve de Apolo dois filhos, Ismênio e Tereno. Foi, também, mãe das Ninfas Melíades.

2) Ninfa. Teve de Netuno um filho chamado Âmico.

MELISSA — 1) Filha de Melisso, rei de Creta. Cuidou de Júpiter quando criança, juntamente com sua irmã Amaltéia. Outros chamam essas amas de Adrastéia e Ida.

2) Coríntia que foi despedaçada por se ter recusado a tomar parte nos mistérios de Ceres. A deusa fêz nascer do seu corpo um enxame de abelhas.

3) Nome que se dava, em Creta, à sacerdotisa da Grande Mãe, i. é, Cibele. — MÉLISSA, em grego, significa "abelha".

MELISSAS — Adrastéia e Ida, amas de Júpiter. Tinham, igualmente, o nome de Melissas, as mulheres inspiradas que serviam nos templos.

MELISSO — Rei de Creta, pai das Ninfas Amaltéia e Melissa.

MÉLITA — "Abelha". É nome de Ninfas, sendo que, de uma delas, a filha do rio Egeu, Hércules teve um filho.

MELPÔMENE — Uma das nove Musas. Presidia a tragédia. Representavam-na sob a figura de jovem e formosa mulher, com ar sério, soberbamente vestida, calçada com coturnos, tendo nas mãos cetro, coroas e um punhal. Às vêzes trazia a máscara trágica de Hércules. Melpômene significa "A que canta".

MELPÔMENOS — Nome que os Atenienses davam a Baco, como presidindo aos teatros.

MÊMNON — Filho da Aurora e de Titono, neto de Laomedonte. Segundo alguns, era rei da Pérsia; conforme outros, da Etiópia e do Egito. No décimo ano do assédio de Tróia, correu em socorro dos Troianos com vários carros de combate, e distinguiu-se pela sua bravura. Foi morto por Aquiles. Aurora, desesperada, lançou-se aos pés de Júpiter pedindo-lhe que concedesse ao filho algum privilégio que o distinguisse dos demais mortais. Júpiter atendeu a sua

súplica; logo que a fogueira fúnebre foi acessa, viu-se sair dela uma infinidade de pássaros, que se separaram em dois bandos e entraram a lutar ferozmente, ao redor da pira funerária, até que todos tombaram mortos. Foram chamados Memnônidas. Tão insigne honra não acalmou o espírito conturbado da infeliz mãe. Diàriamente continuou a chorar, e o seu pranto é o orvalho que tomba ao amanhecer. Em Tebas, no Egito, a estátua de Mêmnon vibrava em acordes harmoniosos logo que as primeiras luzes da Aurora a atingiam. É a resposta do filho aos doces chamados da mãe.

MEMNÔNIDAS — Os pássaros que se imolaram ao redor da pira funerária de Mêmnon.

MÊNADES — Vocábulo grego que se interpreta como "As furiosas". Nome dado às Bacantes porque, na celebração das orgias, pareciam agitadas de transportes furiosos. — V. BACANTES.

MENALCAS — Nome de um pastor.

MENÁLIO — Sobrenome de Pã, que era adorado no monte Mênalo, na Arcádia.

MÊNALO — Famoso monte da Arcádia, dedicado a Pã.

MENECEU — Filho de Creonte, rei de Tebas. Imolou-se a fim de aplacar Marte que ficara irritado com a morte do dragão, exterminado por Cadmo; outrossim, obedeceu ao oráculo que prometia, a êsse preço, por fim às calamidades que assolavam os Tebanos.

MENÉCIO — 1) Filho de Jápeto e de Clímene. Fulminado por Júpiter, em virtude da sua maldade e do seu orgulho, desceu ao Érebo.

2) Filho de Ceutronimo, guardião dos rebanhos de Plutão. Quis impedir a entrada de Hércules nos Infernos. O herói apertou-o entre os braços, e o teria esmigalhado se Prosérpina não interviesse.

3) Argonauta, pai de Pátroclo. Revoltou-se contra o pai, que o queria destronar, e foi obrigado a se retirar para os Locros, que subjugou. Os Locros habitavam a extremidade meridional de Brútio.

MENECO — Pai de Antianira.

MENEDEMO — Mostrou a Hércules como poderia ter êxito na limpeza dos estábulos de Augias; combateu, depois, junto com o herói, contra o rei Augias. Foi morto no combate e Hércules sepultou-o no promontório Lépreon.

MENEFRÃO — Jovem tessálio. Quis surpreender sua mãe, enquanto ela dormia, e foi mudado em animal feroz.

MENELAU — Filho de Plístenes e irmão de Agamenão. Foi criado e educado na côrte de Atreu. Pela morte dêste, Tiestes apoderou-se do trono, e Menelau retornou para a Esparta, onde, com o irmão, fêz parte do número dos pretendentes à mão de Helena. Tíndaro, segundo conselho de Ulisses, deixou que a filha escolhesse de sua livre vontade seu futuro espôso. Helena escolheu Menelau; todos os pretendentes juraram proteger essa união contra aquêles que a quisessem perturbar. Tíndaro, em lhe dando a filha, deu-lhe também o troño de Esparta. Poucos anos depois do seu casamento, Menelau foi obrigado a fazer uma viagem; Páris aproveitou-se dessa ausência para raptar Helena. Menelau, ao regressar, sabendo do ocorrido, lembrou a todos os príncipes gregos o antigo juramento. Todos se armaram, embarcaram e o assédio de Tróia começou. Menelau demonstrou muita coragem no decurso da guerra. Teria matado Páris se Vênus não intercedesse. Conduzido por Helena, entrou na câmara de Deífobo, o nôvo marido de Helena, e trucidou-o bàrbaramente. Ainda que fôsse sua intenção imolar a espôsa infiel, perdoou-lhe em vista dessa nova infâmia. Levou-a para a sua terra, mas durou, apenas, oito anos. Dizem que, partindo da Tróade, por haver olvidado sacrificar aos deuses do Olimpo, ficou retido sete anos nas costas do Egito. Telêmaco, filho de Ulisses, foi procurá-lo, quando Menelau voltou para Esparta, a fim de saber novas de seu pai. Consta que Menelau foi levado vivo para os Campos Elísios.

MENESTEU — Descendente de Erecteu. Apoderou-se do trono de Atenas, ganhando o favor público, e, assim, obrigou Teseu a procurar asilo na ilha de Ciros. Participou da guerra de Tróia; ao regressar, morreu na ilha de Melos.

MENÉSTIO — Filho de Boro e de Polidora.

MENETE — 1) Companheiro de Enéias.

2) Arcadiano morto por Turno.

MÊNFIS — 1) Filho de Júpiter e de Protogenia; casou-se com Lídia.

2) Famosa cidade do Egito antigo, sôbre a margem esquerda do Nilo.

MÊNIO — Filho de Licaonte, fulminado por Júpiter.

MENTA — Ninfa dos Infernos, filha do Cocito. Plutão fê-la sua amante. Prosérpina, enciumada, transformou-a na planta que tem seu nome.

MENTES — Rei dos Cicônios.

MENTOR — Fiel amigo de Ulisses. O herói, antes de partir para a guerra, confiou-lhe a casa e o filho. Durante vinte anos Mentor aconselhou prudentemente e dirigiu com grande habilidade o seu pupilo, Telêmaco. Muitas vêzes Minerva tomou a sua figura, para instruir o jovem inexperiente.

MÉON — 1) Antigo rei da Frígia e da Meônia. Deu seu nome a essa última região. Desposou Díndima e gerou Cibele, segundo os Frígios.

2) O mesmo que Manes, rei da Meônia, filho de Júpiter e da Terra.

MEÔNIA — Meônia ou Lídia, província da Ásia Menor. Meônia é, também, nome poético da Etrúria.

MEÔNIO — 1) Nome de Baco, adorado na Meônia.

2) Sobrenome de Homero, nascido na Meônia ou filho de Méon.

MERA — 1) Filha de Proteu e da Ninfa Ausia. Fazia parte do séquito de Diana. Deixou-se seduzir por Júpiter que tomara a forma de Minerva. Diana, irritada, transpassou-a com suas flechas e transformou-a em cadela.

2) Filha de Atlas e mulher de Licaonte.

3) Cadela de Icário.

MERCÚRIO — Em grego Hermes. Filho de Júpiter e da Atlântida Maia. Era o mensageiro dos deuses. Nasceu sôbre o monte Cilene, na Arcádia. Foi criado e educado pelas Estações. Não há, na Mitologia, divindade que tenha tantas atribuições como Mercúrio. Intérprete e ministro fiel dos demais deuses, sobretudo de Júpiter, servia com zêlo infatigável em tôdas as oportunidades, mesmo as menos honestas. Era o encarregado de todos os negócios do Olimpo. Conduzia aos Infernos as alma dos mortos, e, também, trazia-as quando necessário. O corpo sòmente morria quando Mercúrio cortava definitivamente os laços que unem a alma ao corpo. Consideravam-no o deus da eloqüência, dos comerciantes e dos ladrões. Contam que algumas horas depois de nascido, Mercúrio saltou do berço, fugiu da gruta, e, encontrando uma tartaruga, matou-a. Jogou fora a carne e da carcaça fêz a lira, estendendo nela sete cordas de tripa de ovelha. Em Piéria, na Macedônia, roubou cinqüenta novilhos de Apolo. Para não ser descoberto, envolveu os pés em pano, e voltou de costas, caminhando sôbre as pegadas. Retornou para a sua gruta, fêz fogo, matou dois novilhos, ofereceu uma parte em sacrifício e foi, novamente para o berço. A mãe, que tudo percebera, ameaçou-o com a cólera de Apolo. Mercúrio, atrevidamente, afirmou que não temia o poderoso deus. As aves agoureiras, porém, contaram a Apolo quem era o ladrão das suas reses. Mercúrio nega o furto e é levado à presença de Júpiter. Constrangido, porém, mostra onde escondera as restantes quarenta e o oito reses. Para serenar Apolo, dedilha algumas melodias na sua lira. Apolo, embevecido, propõe uma troca: dá-lhe o caduceu e Mercúrio, a lira. Apenas se fizera a troca, Mercúrio vê duas serpentes que combatiam. Bate com o caduceu no meio delas e as serpentes se aquietam e enroscam-se no bastão. Entre as árvores é-lhe consagrada a palmeira; entre os animais, o galo, a tartaruga e o cão. Inventou a escrita, a aritmética, a geometria, a previsão do tempo, o pêso e a medida. Mercúrio teve inúmeras amantes e um sem número de filhos. Jamais se casou. Re-

HERMES (MERCÚRIO) VIAJANTE

presentam-no sob os traços dum jovem segurando numa das mãos o caduceu e na outra, uma bôlsa. Sôbre a cabeça tem um chapéu alado e nos pés asas pequenas. Seu culto espalhava-se por todo o mundo, desde o Egito até as Gálias. Ofereciam-se-lhe as línguas das vítimas, como emblema da eloqüência. Pela mesma razão ofereciam-se-lhe leite e mel. — V. CADUCEU. V. TRISMEGISTO.

MÉRION — 1) Filho de Jasão, célebre pelas suas riquezas e por sua avareza.

2) Filho de Molo. Foi um dos pretendentes à mão de Helena. Participou da guerra de Tróia, onde se distinguiu por notáveis feitos. Homero chama-o de semelhante ao homicida Marte.

MERÍONA — Escudeiro de Idomeneu.

MÉRIS — Nome de um pastor.

MÉRMERO — Filho de Jasão e de Medéia. Foi lapidado pelos Coríntios, juntamente com seu irmão Feres, por causa dos presentes envenenados que levaram a Gláucia, de parte de sua mãe.

MÉROPE — 1) Uma das Plêiades.

2) Irmã de Faetonte, conforme alguns autores.

3) Filha de Erecteu e mãe de Dédalo.

4) Mulher de Macareu.

5) Filha de Cípselo, casada com Cresfonte, um dos Heraclidas; reconheceu o filho no momento em que o ia matar.

6) Um dos Gigantes que quis escalar o céu.

7) Espôso de Clímene.

8) Rei da ilha de Cós. Sofreu tanto com a morte de sua espôsa Etema, que Júpiter o transformou em águia e o colocou entre as constelações.

9) Famoso adivinho. Predisse a morte de seus filhos Ânfio e Adrasto.

MESSAPO — Filho de Netuno. Era perito na arte de domar cavalos. Deixou a Beócia para estabelecer-se na Itália. Marchou ao lado de Turno contra os Troianos.

MESTLES — Filho de Pilêmenes e irmão de Ântifo. Com seu irmão comandou os Meônios na guerra de Tróia.

MESTOR — 1) Rei de Micenas, filho de Perseu e de Andrômeda.

2) Um dos filhos naturais de Príamo.

MÉTABO — Chefe dos Volscos, pai de Camila.

METAMORFOSES (AS) — Uma das obras primas de Ovídio (711-17 p. C. n.). Compreendem 15 livros. *Livro I:* — Invocação, origem do mundo, o homem, as 4 idades do mundo; os Gigantes, Licaão, o Dilúvio, Deucalião e Pirra, a monstruosa serpente Pitão morta por Apolo, Dafne, a história de Io e Faetonte. *Livro II:* — O palácio do Sol, as Heliadas, Cicno; Calisto, Arcas, a lenda de Corônis, a história do corvo que, por haver denunciado sua infidelidade a Apolo, de branco tornou-se negro, história da gralha e a metamorfose de Ocíroe. As histórias de Bato, de Aglaura e da Europa. *Livro III:* — A lenda de Cadmo; Acteão e Sêmele. A cegueira de Tirésias, a história da Ninfa Eco e de Narciso. Penteu, despedaçado pelas Bacantes e por sua própria mãe. A metamorfose dos Piratas Tirrenos em golfinhos. *Livro IV:* — As filhas de Mínias. A história de Píramo e Tisbe. Os amôres de Vênus e Marte. Leucótoe e Clície. História de Salmácida e Hermafrodito. Metamorfose das filhas de Mínias. Atamante. Ino e seu filho Melicerta. Metamorfose de Cadmo e de sua mulher Harmonia. A lenda de Perseu e suas aventuras. *Livro V:* — Combate de Perseu contra Fineu. Perseu vinga-se de Preto e Polidectes. Minerva visita a fonte Hipocrene. As Musas. As Piérides. Guerra dos Gigantes contra os Deuses. Calíope. O rapto de Prosérpina. Lenda de Cíane. Uma criança transformada em lagarto. Ascálafo transformado em môcho. As Sereias. Aretusa e Triptólemo. As Piérides são transformadas em pêgas. *Livro VI:* — Aracne. A lenda de Níobe. Os camponeses lícios. As lendas de Mársias e Pélops. História de Teseu, Procne e Filomela. A lenda de Bóreas e dos seus filhos Zetes e Cálais. *Livro VII:* — A conquista do Tosão de Ouro por Jasão. Medéia. Lenda de Hírie e Cicno. Retôrno de Teseu a Atenas. Éaco. A peste de Salamina. Os Mirmidões. Céfalo e Prócris. A lenda da Rapôsa de Tebas. *Livro VIII:* — História de Niso e de sua filha Cila. Minos. O Labirinto. A coroa de Ariadne. Dédalo e Icaro. A história de Perdiz. O javali do Calidão. Atalanta. Façanhas e morte de Meléagro. Teseu, Aquelôo e Pirítoo e Lélege. A história das ilhas Equínadas e de Perimele. Filemão e Báucis. A história de Erisícton. *Livro IX:* — Último relato de Aquelôo: sua luta com Hércules. Nesso e Dejanira. Façanha, morte e apoteose de Hércules. Alcmena, Iole e Galântis. Driope. Iolaus. História de Bíblis. História de Ífis. *Livro X:* — História de Orfeu e Eurídice. Ciparisso. Ganimedes. A lenda de Jacinto. A lenda dos Cerastas e dos Propétidas. Pigmalião. A história de Cíniras e de Mirra, sua filha. Adônis e Vênus. Atalanta e Hipômenes. *Livro XI:* — Morte de Orfeu. História de Midas. Pã e Febo. História de Laomedonte e de sua filha Hesíone. Peleu. Ceíce e a metamorfose de seu irmão Dedálion. História de Ceíce e de sua espôsa Alcíone. História do príncipe troiano Ésaco. *Livro XII:* — Lendas da guerra de Tróia. Os

Gregos em Áulida. Sacrifício de Ifigênia. A Fama. Combate de Aquiles e Cicno. Nestor. Combate dos Centauros e dos Lápitas. Morte de Ceneu. Morte de Periclímeno. Morte de Aquiles. *Livro XIII:* — Ájax disputa com Ulisses as armas de Aquiles. Polixena e Polidoro. Morte de Hécuba. Morte de Mêmnon, filho da Aurora. Enéias. História da Ninfa Cila. História de Ácis e Galatéia. Polifemo. A lenda de Glauco. *Livro XIV:* — Continuação da lenda de Cila. Enéias prossegue sua viagem. Lendas dos Cercopes. A Sibila de Cumas. Aquemênidas e Macareu. Suas aventuras entre os Ciclopes. Aventuras de Ulisses com Circe. História de Pico. Diomedes. Aventuras de Enéias. Apoteose de Enéias. Os reis de Alba. Fundação de Roma. Apoteose de Rômulo e Hersília. *Livro XV:* — Numa e Egéria. Lendas latinas. Nascimento de Tages. O dardo de Rômulo. O pretor Cipo. O culto de Esculápio em Roma. Presságios da morte e apoteose de Júlio César. Elogio de Augusto. Epílogo.

METANIRA — O mesmo que Meganira. — V. ESSA PALAVRA.

METÉIA — Divindade alegórica da Embriaguez, filha de Baco.

METEMPSICOSE — Teoria dos antigos, que criam na transmigração das almas de uns para outros corpos.

METIÃO — Pai de Forbas.

METIDOTES — "Aquêle que produz a embriaguez", epíteto de Baco.

MÉTION — O mesmo que Metião.

MÉTIS — Primeira espôsa de Júpiter. Deusa cujas luzes eram superiores a de todos os demais deuses. Deu a Saturno uma bebida que o fêz vomitar a pedra que tinha engolido juntamente com todos os filhos. Júpiter seduziu-a; vendo, porém, quando ela estava grávida, que daria à luz um filho que seria o senhor onipotente do universo, engoliu mãe e filho. Algum tempo depois, da cabeça de Júpiter, saiu Minerva. — V. MINERVA. V. JÚPITER.

METISCO — Cocheiro de Turno.

MÉTON — Filho de Orfeu. Construiu na Trácia uma cidade a que deu seu nome.

METONA — 1) Filha do Gigante Alcioneu.

2) Cidade da Messênia, uma das sete que Agamenão ofereceu a Aquiles para apaziguar seus ressentimentos.

METRA — Filha de Erisícton. Foi amada de Netuno e dêle obteve a faculdade de se transformar em diferentes sêres. Metra fêz uso dessa faculdade a fim de aliviar a fome devoradora de seu pai, deixando-se vender a diferentes senhores para lhe fornecer alimentos com o preço dessas sucessivas vendas. — V. FOME. V. MNESTRA. V. ERISÍCTON.

MEZÊNCIO — Aliado de Turno contra Enéias. Era célebre pela sua impiedade. Reinava sôbre os Tirrênios. De talhe colossal e de carácter feroz, gostava de submeter seus súditos a cruéis suplícios; amarrava homens vivos a cadáveres, e deixava-os morrer nessa espantosa situação. Cansados de obedecer a semelhante monstro, seus súditos pegaram em armas, cercaram o palácio real, atearam-lhe fogo e mataram a guarda; Mezêncio, porém, conseguiu fugir e refugiou-se na côrte de Turno a quem ofereceu seus serviços. Combateu valentemente contra os Troianos e sucumbiu às mãos de Enéias.

MÍCALE — Famosa feiticeira. Era tão poderosa que fazia descer a lua, por meio das suas feitiçarias e encantamentos. Deu à luz os Lápitas Broteas e Ório.

MICÊNIDE — Epíteto de Ifigênia, filha de Agamenão.

MIDAS — Rei da Frígia, filho de Górdio. Quando pequeno, formigas puseram alguns grãos de trigo na sua bôca, durante o sono. O oráculo, consultado a respeito, declarou que Midas seria poderoso e riquíssimo monarca. De feito, em pouco sua fortuna era fabulosa. Ora, acontece que um dia o velho Sileno, vindo da Trácia para a Frígia, na comitiva de Baco, seu divino discípulo, como sempre, embriagado, perdeu-se. Guardas do rei levaram-no à presença de Midas que tratou o velho com grande caridade e mandou levá-lo onde estava Baco. O deus do vinho, sensibilizado com as atenções que Midas prestou ao velho Sileno, propôs que pedisse aquilo que seu coração desejasse. Midas, insaciável, pediu que se transformasse em ouro tudo que tocasse. Seu voto foi aceito. Mas, na hora do banquete, o pão, a carne, os legumes, o vinho, tudo se transformava em ouro. A ponto de morrer de fome, Midas corre atrás de Baco. O deus, compassivo, mandou-o que fôsse ao Pactolo e lá se banhasse. Midas assim fêz, e deixou o dom de Baco nas águas do rio, que, desde então, rola areias de ouro. Algum tempo depois Pã teve a ousadia de preferir sua flauta à lira de Apolo; e, para mostrar a sua temeridade, desafiou o deus para um certame musical. Midas foi escolhido para

árbitro. Não se sabe se por parcialidade, pois Pã era grande amigo de Midas, ou se por ignorância, Midas atribuiu a vitória ao semícapro. Apolo, para punir tamanha estupidez, deu-lhe orelhas de asno, grandes e peludas. O pobre rei, envergonhadíssimo das suas orelhas, tratou de escondê-las o melhor possível. Inventou o chapéu frígio, que bem servia para cobri-las. Mas o barbeiro, chamado Canas, em pouco viu as orelhas de asno de seu rei e senhor. Segrêdo é coisa pesada de se carregar, principalmente para um barbeiro. O infeliz já andava meio doente, aflito, desesperado por ter de guardar semelhante segrêdo. Por fim, não agüentando mais, dirigiu-se para o campo. Abriu um buraco na terra e sussurrou: "Midas, o rei Midas, tem orelhas de asno!" E aliviado, tranquilo e satisfeito, cobriu o buraco com terra e se foi para suas tesouras e navalhas. Daí a pouco naquele local surgiu verdadeira floresta de caniços, que agitados pelo vento, murmuravam: "Midas, o rei Midas tem orelhas de asno!" Consternado com tão grande infortúnio, não tendo coragem para encarar seus súditos, o infeliz Midas suicidou-se.

MIDÉIA — 1) Ninfa amante de Netuno.

2) Jovem frígia, amante de Electrião e mãe de Licímnio.

3) Filha de Filas, que Hércules tornou mãe de Antíoco.

MÍDON — 1) Irmão de Âmico, hábil no combate de cesto. Foi morto por Hércules.

2) Filho de Âmico, condutor do carro de Pilêmenes; foi morto por Antíloco no cêrco de Tróia.

MÍGDON — Mígdon ou Migdão, rei da Trácia e irmão de Hécuba.

MIIA — Amante de Endimião e rival de Diana. A deusa transformou-a em môsca. Em grego, *myia* quer dizer "môsca".

MILANIÃO — Amante de Atalanta. Foi devorado por feroz leão, numa caverna para onde se tinha retirado com sua amante.

MILÃO — Célebre atleta de Crotona. Milão de Crotona, cidade da Magna Grécia, era o mais famoso atleta da antigüidade. Nascido em Crotona, viveu no século VI antes de Cristo, na época de Pitágoras. Celebrizou-se não sòmente pela fôrça extraordinária de que era dotado, mas também pela sua insaciável voracidade. Desde a primeira infância distinguiu-se em todos os exercícios corporais, não encontrando concorrente nos jogos infantis. Mais tarde, adolescente, era sempre o campeão invicto nos Jogos Olímpicos. A fim de mostrar a sua fôrça, ligava o peito, fortemente, com grosso cabo; a seguir, enchia os pulmões de ar e o cabo rompia-se como se fôra mísero fio de linha. Pessoa alguma conseguia separar seus dedos, quando queria conservá-los unidos. Ninguém era capaz de erguer ou mover seu braço estendido. Fechava na palma da mão uma romã, sem esmagá-la, com tanta firmeza que era impossível arrebatar-lhe o fruto. Um dia, nos Jogos Olímpicos, tomou nos braços um touro de quatro anos, lançou-o sôbre os ombros e transportou-o, correndo, a uma distância de 360 metros; lançou-o ao solo, rompeu-lhe a cabeça com um murro e devorou-o naquele mesmo dia. Essa fôrça desmesurada foi sua ruína. Não imaginara o infeliz que os anos enfraqueceriam, insensìvelmente, seus músculos prodigiosos. Certa feita, passeando por um bosque pouco freqüentado, deparou-se-lhe um secular carvalho que fôra abatido por recente tempestade. De alto a baixo, o imenso tronco estava rachado. Milão imaginou terminar a tarefa que a Natureza começara, e meteu sua mão no meio do tronco fendido, a fim de separá-lo em dois. Mas a natural elasticidade das fibras vegetais reagiu, e o atleta, já velho, ficou com ambas as mãos prêsas no colossal roble. Desceu a noite, vieram os lôbos, e o invencível campeão foi devorado vivo.

MILETO — Filho de Apolo, fundador de Mileto.

MILTA — Epíteto de Diana entre os Fenícios, Capadócios e Árabes.

MIMALÔNIDES — Nome dado às Bacantes, cuja origem é incerta.

MIMANTE — 1) Montanha da Jônia.

2) Gigante fulminado por Júpiter.

3) Companheiro de Enéias.

MIMAS — Filho de Âmico e de Teano; nasceu na mesma noite em que Páris veio à luz. Viveram sempre ligados por estreita amizade. Seguiu Enéias na Itália e foi morto por Mezêncio.

MINÊIDAS — O mesmo que Mineides.

MINEIDES — As três filhas de Mínias, que Baco transformou em morcegos, por que não acreditaram que o deus fôsse filho de Júpiter. — V. MÍNIAS. — Eram três: Alcítoe, Clímene e Íris. Conforme outra versão, zombaram das festas de Baco, e não quiseram interromper seus trabalhos durante as orgias; para puni-las da sua

impiedade, Baco transformou-as em morcegos.

MINERVA — Em grego, Atena, ou Palas Atena. Deusa da Sabedoria, da guerra, das ciências e das artes, era filha de Júpiter. Depois que Júpiter devorou sua primeira espôsa, Métis, passou a sentir-se mal, e veio-lhe terrível dor de cabeça. Sem detença chamou Vulcano que lhe abriu ao meio a cabeça com uma machadada. Do seu cérebro, no mesmo instante, saiu Minerva armada de ponto em branco. Foi logo admitida na assembléia dos deuses e tornou-se uma das mais fiéis conselheiras de seu pai. Distinguiu-se por sua coragem na guerra dos Gigantes. Entregou-se, depois, às Artes, e dizem que tôdas foram por ela inventadas. Célebre é a sua disputa com Netuno acêrca do nome que deveria ser dado à cidade fundada por Cécrope. Os doze grandes deuses, tomados como juízes, determinaram que a cidade teria o nome daquele que aos homens desse a coisa mais útil. Netuno, com seu tridente, fêz sair da terra um cavalo; Minerva, uma oliveira, e a cidade passou a chamar-se Atenas (de *Atena*, Minerva em latim). Eminentemente inteligente, Minerva é a deusa da guerra e da paz, uma assegurando a outra, "se queres a paz, prepara a guerra". É a deusa virgem, donde o Partenão, seu templo, de *Parthenós*, "virgem". Seu nome *Palas* vem do Gigante que ela matou com suas mãos, quando foi da guerra dos Gigantes. Seu pássaro favorito é a coruja, cujo olhar rompe as trevas, assim como a inteligência penetra a obscuridade das coisas. Representam-na de capacete, com a égide na mão ou sôbre o peito, um escudo e a lança.

MÍNIAS — 1) Povos da Grécia, assim chamados de Mínias.

2) Mínias, pai das Mineides.

3) Filho de Crises e pai de Orcômenos.

4) Sobrenome dos Argonautas.

5) Nome dos filhos que os Argonautas tiveram com as mulheres lêmneas.

MINIÉIADE — Filha de Mínias, tebano, que reinou na Tessália.

MINOS — Há dois Minos, I e II. *Minos I* — Rei de Creta, filho de Júpiter e da Europa. Foi o legislador dos Cretenses. A sabedoria com que reinou, a eqüidade e a justiça das suas decisões, dêle fizeram um dos Juízes dos Infernos. — V. JUÍZES DOS INFERNOS. — Consta que, numa gruta sagrada, no monte Olimpo, Júpiter vinha conferenciar com Minos e pedir-lhe conselhos. *Minos II* filho de Licasto e neto de Minos I, conquistou várias ilhas e tornou-se senhor absoluto dos mares. Tornou-se célebre por causa dos amôres de Pasífae, sua mulher, com o touro branco de Netuno, donde procedeu o Minotauro. Tôda a vida de Minos II é um extenso rosário de desgraças e de crimes hediondos: morte de seu filho Androgeu, — V. ANDROGEU — a fuga de Ariadne com Teseu, — V. TESEU E ARIADNE. — Dédalo, — V. DÉDALO — Cila... — V. CILA. — O nome de *Minos* parece, à luz das descobertas recentes da arqueologia, designativo de pessoa real e não nome apelativo, assim como *faraó* no Egito: não designa um rei em particular, mas a dignidade real. Ovídio confunde os dois Minos num só. A civilização dita minoense, floresceu em Creta sobretudo na primeira metade do segundo milenário antes da nossa era, e é atestada pelas importantes descobertas dos palácios de Gnosso e Malia, sôbre a costa Norte da ilha, e Faístos, sôbre a costa Sul, para não citar senão os principais.

MINOTAURO — Minos II, rei de Creta, pedira a Netuno um testemunho público do direito que lhe assistia de subir ao trono. O deus do mar fêz sair das ondas um magnífico touro branco, de beleza sem igual, que o rei, a seguir, deveria oferecer em sacrifício ao mesmo Netuno. Mas Minos achou o touro tão belo, que resolveu sacrificar outro a Netuno e ficar com o touro branco para si mesmo. Netuno, irado e ofendido por ter sido logrado, inspirou a Pasífae, espôsa do rei, uma paixão insensata pelo formoso animal. Dédalo, — V. DÉDALO — às instâncias da rainha, construiu, de madeira, uma belíssima novilha. Dentro dessa novilha, que foi exposta nas proximidades do touro, escondeu-se Pasífae, que, assim, foi possuída pelo animal. Dêsse conúbio monstruoso nasceu o Minotauro, monstro meio homem, meio touro, corpo de homem com cabeça de touro. Minos, informado dêsse execrável nascimento, quis, ao menos, subtrair sua vergonha aos olhares públicos, e mandou que Dédalo lhe construísse o Labirinto. Aí ficou encerrado o monstro, que se alimentava de carne humana. A cidade de Atenas fôra condenada a pagar tributo anual de sete virgens e sete mancebos, que eram dados em pasto ao monstro. — V. ANDROGEU. — O Minotauro foi morto por

Teseu, que era do número dos jovens destinados a servir de repasto ao monstro. — V. TESEU.

MIRINA — Rainha das Amazonas. Após brilhantes vitórias e conquistas, Mirina foi morta por Mopso, Trácio, em uma batalha na qual a maior parte das suas companheiras foi feita em pedaços.

MIRINO — Sobrenome de Apolo, tomado da cidade de Mírina, cidade da Eólida, onde havia renomado templo e culto em sua honra.

MIRMEX — 1) Mãe de Éfiro, que ela teve de Epimeteu.

2) Virgem que foi metamorfoseada em formiga, por Minerva, por ter atribuído a si a invenção da charrua. Tornou-se mãe de uma multidão de formigas que Júpiter, a pedido de Éaco, transformou em homens. — V. ÉACO. — Do grego, *myrmeex*, "formiga".

MIRMIDÃO — Filho de Júpiter e de Eurimedusa. Deu seu nome aos povos ribeirinhos do Peneu, sôbre os quais reinou.

MIRMIDÕES — Povos da ilha de Egina; de formigas transformaram-se em homens. — V. ÉACO.

MIRRA — Filha de Cíniras, rei de Chipre. Concebeu criminosa paixão por seu pai. À noite, sem que êste a visse, conseguiu que fôsse possuída; o pai, porém, querendo conhecer sua amante, acendeu uma tocha. Quis matá-la mas Mirra fugiu para a Arábia onde deu à luz seu filho, Adônis; os deuses mudaram-na na árvore que dá um perfume precioso, chamada mirra. — V. ADÔNIS. V. CÍNIRAS.

MIRTEA — Sobrenome de Vênus, a quem o mirto era consagrado.

MIRTILO — Filho de Mercúrio e de Cleóbula ou Mirto. Era escudeiro de Enômao, rei de Pisa. Dirigia os cavalos tão bem que Enômao jamais perdeu uma carreira de carro com aquêles que, para conquistar Hipodâmia, ousavam disputar com êle. Acontece que também Mírtilo apaixonou-se por Hipodâmia, e permitiu que Pélops ganhasse com a condição de que êste partilhasse com êle os favôres da princesa. Deu, então, a Enômao um velho carro que se partiu no meio da prova, e causou sua morte. Pélops, vitorioso, foi intimado por Mírtilo a cumprir sua palavra, e ficou tão indignado com a insolência do escudeiro, que o jogou no mar. — V. PÉLOPS.

MIRTO — 1) Planta consagrada a Vênus.

2) Amazona que Mercúrio tornou mãe de Mírtilo.

3) Irmã de Pátroclo.

MÍSCELO — Filho de Alemon. O oráculo lhe havia ordenado de construir uma cidade no lugar onde a chuva o apanhasse, em um dia claro e sereno. Estando na Itália, encontrou uma cortesã que sùbitamente se pôs a chorar. Míscelo, tomando as lágrimas da meretriz pela chuva da qual o oráculo havia falado, fundou naquele lugar uma cidade que se chamou Crotona.

MISENO — Filho de Éolo. Era incomparável na arte de soar a trombeta. Estando às portas de Cumas, ousou desafiar os deuses marinhos. Tritão, cioso de seus talentos, apanhou-o e mergulhou-o nas ondas. Enéias, encontrando seu corpo na areia da margem, enterrou-o sob um promotório que tomou o nome de Miseno.

MÍSIA — Região do nordeste da Ásia Menor, entre a Tróade, a Frígia e a Lídia.

MISTAGOGO — Aquêle que introduzia os iniciados nos conhecimentos dos mistérios.

MISTÉRIOS — Cerimônias secretas que se praticavam em honra de certas divindades e que não eram conhecidas senão dos iniciados. Os iniciados só conseguiam pleno conhecimento dos mistérios depois de longas e penosas provas. Dividiam-se os Mistérios em grandes e pequenos. A morte e a separação da alma do corpo eram, para os antigos, objeto de temor e de inquietação. Cérbero, Tisífone, os suplícios do Tártaro, enchiam de secreto pavor as almas fracas e os espíritos tímidos. A essas preocupações morais o politeísmo antigo propôs três soluções diversas: 1) materialismo completo: não há Tártaro, não há castigos depois da morte, tôda a religião é sonho de poetas e divagações de filósofos; 2) otimismo tímido, oscilando entre as duas proposições do dilema: ou a morte é aniquilação e traz, portanto, a abolição de tôda a dor, ou abre-nos a porta de uma vida melhor; e 3) os *mistérios*. Os Mistérios eram muito numerosos. Suas tendências acabaram fundindo-se e depurando-se no orfismo. O orfismo, tal como o conhecemos, não remonta além de Pisístrato. O orfismo refletia os ensinamentos pitagóricos e as doutrinas exóticas vindas do Egito, de Creta, da Frígia e da Trácia, amálgama que se completou mais tarde com contribuições do platonismo e do estoicismo. O próprio Cris-

tianismo cooperou nesse sincretismo. Na maior parte dos Mistérios, as revelações feitas aos iniciados diziam respeito à origem do mundo, ao destino eterno do homem, ao problema do bem e do mal. A alma era imortal; para recuperar a sua antiga pureza, devia desfazer-se de todos os princípios corporais. Essa pureza só se tornava real depois de sucessivas reincarnações; ao fim de cada reincarnação, a alma descia aos Infernos; a iniciação conferia método e salvo-conduto para evitar os perigos de tão arriscada viagem. A condição preliminar de tal privilégio consistia na purificação. Esta purificação era exclusivamente material e legal; resultava de práticas rituais, e não obrigava o sujeito a penitências ou a melhoria de vida. Quando a purificação exigia penitências ou sistemas de vida, austeros e rígidos, estava-se, então, diante de concepções filosóficas. Os pitagóricos, por exemplo, abstinham-se de determinados alimentos, receosos de ferir ou maltratar ou conspurcar as almas que poderiam aí ter se alojado no decurso de alguma reincarnação. Os ensinamentos dados ao *mista*, ou iniciado, não compreendiam, pois, nem revelações dogmáticas nem prescrições morais. A purificação, habitualmente, precedia-se de recolhimento e de jejum ritual. A água desempenhava papel saliente nessas purificações. Os Baptes, fiéis da deusa trácia Cotito, derivavam seu nome do verbo grego que significa "mergulhar na água", da mesma raiz que o nosso "batizar". Certas seitas conheceram a confissão das faltas. A purificação do Tauróbolo já foi explicada quando tratamos da deusa Cibele. — V. ESSA PALAVRA. — Nos mistérios de Baco as purificações se faziam não só nas pessoas mas também em determinados locais, por meio dos *oscilla*, pequenos bonecos de argila ou outro material que eram suspensos de uma árvore e que as correntes de ar agitavam. A purificação era seguida de duas grandes vigílias: a da iniciação e a da epopsia ou espetáculo sagrado. Durante a noite, ensinavam-se ao mista ou iniciado as fórmulas rituais e o verdadeiro nome do deus, ignorado do profano: a invocação dêsse nome obrigava a divindade a obedecer às preces do seu fiel. O hierofante apresentava os objetos sagrados, variáveis segundo os cultos, contidos no açafate ou na *cista*, "caixa": bolos, serpentes, romãs, hastes de férula... Essa manifestação era acompanhada de palavras solenes; assim, escolhia-se para essa cerimônia os sacerdotes que tivessem bela voz. A iniciação e a epopsia que se sucediam na celebração dos mistérios, não eram reservadas aos mesmos fiéis; um intervalo assaz longo separava êsses dois degraus; às vêzes um ano, sete meses ou nove meses. A maioria dos fiéis contentava-se com o primeiro. Em alguns mistérios havia ascensões sucessivas. O fiel de Mitra subia os sete escalões, um a um, e cada vez recebia nôvo nome: *Corax* (corvo), *Cryphios* (misterioso), *Miles* (soldado), *Leo* (leão), *Persa*, *Heliodromos* (corredor do sol), *Pater* (pai); costumes especiais eram adatados a cada um dêsses nomes. Comumente o hierofante era o único iniciado completo, pois só êle conhecia o verdadeiro nome do deus. A epopsia consistia numa verdadeira representação teatral, na qual os papéis eram desempenhados pelos sacerdotes e pelos manequins ou bonecos. A maior parte dos mistérios ligava-se ao culto de deuses e deusas desaparecidos e que depois eram novamente encontrados. Simbolizava êsse desaparecer e aparecer as vicissitudes da natureza: alternação do dia e da noite, do verão e do inverno. Nos cultos de Cibele e de Deméter viam-se as deusas a procura, uma de Átis, outra de Core ou Perséfone. Efeitos luminosos e aparições súbitas completavam o espetáculo. Em certos cultos assistia-se à travessia dos Infernos. Após isto, o mista ficava sujeito a obrigações definidas, das quais a mais importante era o segrêdo, sancionado em algumas regiões por penas legais. Os antigos tinham em alta estima as religiões misteriosas. A instituição de um mistério era dom tão precioso como, por exemplo, a outorga do trigo ou da vinha aos homens. Os principais mistérios eram os de Ceres, de Ísis, de Elêusis e os de Cibele.

MITRA — Mitra, para os Persas, era o deus da luz. Os Gregos e os Romanos confundiram-no com o Sol; o fogo era seu símbolo. O Mitraísmo, de pouco valor na teologia de Zoroastro, evolveu enormemente em forma independente e, em certo modo, original, na parte leste da Ásia Menor, Armênia, Capadócia, Ponto; passou, depois, seu culto para a Frígia e a Galácia. Os soldados, os comerciantes, os escravos, saídos das províncias orientais, traziam consigo o nome e o culto do deus persa. Só a Grécia ficou fechada à nova religião.

Por volta de 70 antes de Cristo, o Mitraísmo já penetrara em Roma. No tempo dos Antoninos e dos Severos, o culto aumentou ràpidamente. Mitra nasceu dum rochedo, assim como o sol, cada manhã, surge por detrás dos montes. Nos templos venerava-se uma pedra cônica, donde emergia uma criança nua, com o gorro frígio. A data dêsse nascimento, o *Natalis Solis invicti*, foi fixada no dia 25 de dezembro, no momento em que o sol começa a sua carreira ascendente. O deus parece ter nascido perto de um córrego; os pastôres viram o recém-nascido e começaram a adorá-lo. Logo após o nascimento a criança dirige-se para uma árvore, tira fôlhas, talvez para se cobrir. Mais um pouco e já está adulto. Começa, então, sua carreira de benfeitor da humanidade. O episódio principal da sua vida é o sacrifício dum touro divino, cujo sangue derramado deveria ser fonte de vida. O touro, primeiro ser criado por Aúra-Mazda, pascia tranquilamente no prado. Mitra lança-se sôbre êle, toma-o pelos chifres e após longa carreira, cai extenuado. Mitra enterra a faca no animal e mata-o. Da medula do touro germinarão tôdas as coisas úteis, especialmente as plantas: trigo, uva, árvores frutíferas. Os animais maléficos tentam, em vão, corromper a fonte da vida que é o sangue do touro. Dêle sairam, também, os animais úteis; sua alma, transportada ao céu, continuará a proteger a vida agrícola. Vêm, depois, terrível sêca e o Dilúvio. Por fim, Mitra deixa o mundo num carro de chamas conduzido pelo Sol. Após ciclos de períodos sucessivos, Mitra deveria aparecer novamente na terra, para, mais uma vez, sacrificar um touro sagrado, cuja gordura, misturada com a planta *haoma* restituiria a vida imortal aos fiéis do Mitraísmo. Do Céu, então, choveria fogo, para matar todo os maus, inclusive o princípio do mal, Arimã. O Mitraísmo tinha liturgia e ritual. Já vimos, nos *Mistérios*, como o iniciado nos mistérios de Mitra subia os sete degraus, em cada um dêles recebendo nôvo nome. Os ritos do Mitraísmo celebravam-se numa gruta, cheia de emblemas e símbolos. À entrada, havia um vaso com água, para as lustrações. No fundo da gruta, separados por grade, funcionavam os sacerdotes. Atrás do altar, figurava, em alto-relêvo, a imagem de Mitra matando o touro. Continha, além disso, a imagem fantástica do Tempo infinito: um corpo de homem com cabeça de leão, envolvido por serpente, de quatro asas, duas nos ombros e duas nas ancas. No solo e nas paredes, sinais misteriosos que ninguém saberia explicar. Às vêzes os sacerdotes vestiam os antigos trajes persas. O Mitraísmo manteve-se no império romano até o fim do século IV da nossa era. Em 307, Diocleciano, Galério e Licínio, consagraram um santuário a Mitra, "protetor do império". O triunfo de Constantino iniciou a queda do culto de Mitra. Mais tarde, as seitas heréticas, como os gnósticos e os maniqueus, ressuscitariam velhas lendas e ritos do culto mitríaco.

MNASILO — Nome de pastor.

MNEMONIDES — Filhas de Mnemósine e Júpiter, i. é, as nove Musas.

MNEMÓSINE — Deusa da memória e mãe das Musas. Era filha de Celo e da Terra. Foi amante de Júpiter, e dêle concebeu as nove Musas, sôbre o monte Piério, situado nos confins da Tessália e da Macedônia.

MNESTEU — Companheiro de Enéias.

MNESTRA — Vide *Metra*.

MOIRAS — O poder dos deuses, mesmo o de Júpiter, estava limitado pelas Moiras, divindade misteriosa a que os latinos davam o nome de Parcas. Eram em número de três: Cloto, Láquesis e Átropos.

MOLI — Planta que Mercúrio deu a Ulisses para impedir o efeito das beberagens de Circe. É uma planta mágica, de raiz negra e flor branca como o leite. Diz-se que nasceu do sangue de um Gigante morto por Medéia com a ajuda do Sol.

MOLIÔNIDAS — Espécie de "irmãos siameses", teratópagos, com duas cabeças, quatro mãos mas um só corpo. Eram filhos de Áctor e Molione. Agiam em perfeita conformidade. Hércules, na luta contra Augias, vendo tôdas as suas medidas inutilizadas pela bravura e atividade dos Moliônidas, esperou-os de tocaia no caminho de Corinto e matou-os.

MOLORCO — Velho pastor de Cleone. Deu hospitalidade a Hércules. O herói, para recompensá-lo, matou o leão de Neméia, que dizimava seus rebanhos. Instituíram festas em honra de Molorco.

MOLOSSO — 1) Sobrenome de Júpiter entre os Molossos.

2) Filho de Pirro e Andrômaca. Após a morte de Helena assumiu o trono e deu o

nome de Molossos aos povos sôbre os quais reinava.

3) Cão de Acteão.

MOMO — Deus da zombaria e dos gracejos. Era filho do Sono e da Noite. Ocupava-se exclusivamente em examinar as ações dos deuses e dos homens, e a repreendê-los com liberdade. Certa feita, Vulcano fêz um homem, Minerva construiu uma casa e Netuno formou um touro. Depois, chamaram Momo para julgar da excelência das obras. Êle achou que os cornos do touro eram mal plantados, que seria necessário que fôssem colocados mais perto dos olhos, para poder ferir mais seguramente, ou mais perto das espáduas, a fim de dar golpes mais violentos. Quanto ao homem, seria necessário que lhe tivessem feito uma janelinha no coração para se poder ver os seus sentimentos mais íntimos. Enfim, a casa, pareceu-lhe excessivamente maciça para poder ser transportada em caso de se ter má vizinhança. Representam-no com máscara tendo na mão um bastão.

MONECO — Epíteto de Hércules, originado do fato de êle estar sòzinho no seu templo. Havia, em Moneco, hoje Mônaco, um templo dedicado a *Hércules Moneco*, i. é, a Hércules que não admitia outro templo ao lado do seu.

MONETA — Sobrenome que os Romanos deram a Juno, por ter prevenido o povo de um tremor de terra. O templo de Juno Moneta era o local onde se cunhava o dinheiro. Daí, dinheiro cunhado, moeda.

MÔNICO — Um dos Centauros. Era tão forte que arrancava árvores anosas e lançava-as como dardos.

MONOGRAMA — "Com uma só e mesma létra", nome que se dava aos deuses em virtude da sua imutabilidade.

MOPSO — 1) Lápita.

2) Trácio. Banido do seu país, reuniu um exército e atacou as Amazonas, fazendo horrível carnificina.

3) Filho de Ampico e de Clóris. Acompanhou os Argonautas na qualidade de adivinho. Dirigiu-se a Líbia onde morreu picado por uma serpente. Os Líbios ergueram-lhe um templo e consagraram-lhe um oráculo.

4) Famoso adivinho, filho de Apolo e de Manto, filha de Tirésias. Em Claros foi sacerdote de seu pai. Depois da morte concederam-lhe as honras de semideu. Teve um oráculo famoso na Cilícia.

MORFEU — Filho do Sono e da Noite. Êle mesmo era deus do Sono, e, além disso, o primeiro dos Sonhos, o único que anuncia a verdade. Não tomava outro aspecto a não ser o de homem; ninguém tão hábil como êle para assumir a figura, o rosto, o jeito e a voz de quem queria representar. Representavam-no com asas de borboleta e com uma papoula na mão, com a qual tocava aquêles que queria adormecer.

MORFO — Sobrenome de Vênus. Com tal título possuía a deusa um templo na Lacedemônia, onde se via a imagem da deusa velada e com cadeias aos pés. A tradição dizia que aí foram postas por Tíndaro, a fim de mostrar a fidelidade e a obediência que a mulher deve ao marido.

MÓRICO — Sobrenome dado a Baco em virtude de, no tempo da vindima, aspergirem seu simulacro com vinho doce, figos e amoras.

MORMO — Fantasmas. Havia, também, os Mormões, Gênios temíveis que assumiam a forma de animais ferocíssimos.

MORTE — Divindade infernal, filha da Noite, que a concebeu sem ajuda de outra qualquer divindade ou homem. Essa deusa, inimiga implacável da espécie humana, era odiosa mesmo aos imortais. Representavam-na com rosto pálido e desfeito, olhos fechados, coberta de véus e com uma foice na mão. O galo, o teixo e o cipreste lhe eram consagrados. — V. AMOR.

MÔSCA — *Myiagro* ou *myiodes* chamavam os antigos à divindade encarregada de proteger os povos contra a praga das môscas. O nome deriva de *myia*, que em grego quer dizer "môsca". Também Jupiter possuía o epíteto de *Apomyio*, que em latim soa *Abactor muscarum*, "enxotador das môscas".

MULCÍBERO — Um dos epítetos de Vulcano, "derretedor".

MULTIMAMA — Sobrenome de Diana, em Éfeso, em virtude dos muitos seios que possuía, e que a distinguiam das outras Dianas.

MUNICO — 1) Filho de Demofoonte e de Laódice. Desde seu nascimento foi confiado aos cuidados de Etra. Deu seu nome a um burgo da Ática, e aí construiu um templo em honra de Diana. Morreu na Trácia picado por uma serpente.

2) Adivinho filho de Drias; desposou Lelanta e foi mudado em pássaro.

MUNIQUIA — Sobrenome de Diana tomado do burgo da Ática, Muníquia, onde tinha um templo.

MUNITO — O mesmo que Munico.

MÚRCIA — Epíteto de Vênus, porque a murta lhe era consagrada.

MUSAS (AS) — Filhas de Júpiter e de Mnemósine (a Memória), eram as Musas em número de nove; formavam uma espécie de sociedade presidida por Apolo, a qual tinha o nome de "Côro das Musas" ou "Côro das nove Irmãs". Habitavam ora o Olimpo, montanha da Tessália, ora o Pierío, na Macedônia, donde o nome de *Piérides* que lhe é atribuido, ora o monte Hélicon, no país de Ascra, na Beócia, ora o Pindo, entre o Epiro e a Tessália, ora, enfim, na Fócida, os dois cumes do monte Parnaso. A fonte de Hipocrene, situada a pouca distância do Hélicon, lhes estava consagrada. — V. HIPOCRENE. — Na sua origem, as Musas não tinham atribuições distintas, e presidiam, em comum, tôdas as manifestações das artes e da inteligência. Seus nomes acham-se nos seguintes hexâmetros:

Clio, Melpomene, Polymnia, Calliopea,
Terpsichore necnon Erato et jucunda Thalia,
Euterpe, Uranie, Musarum, en, nomina cuncta.

Clio, Musa da História. Atributos: uma coroa de louro, uma trombeta e um rôlo de papel.

Euterpe, Musa da Música. Atributos: uma flauta.

Talia, Musa da Comédia. Atributos: uma coroa de hera e uma máscara.

Melpómene, Musa da Tragédia. Atributos: uma coroa, coturnos, um punhal e um cetro.

Terpsícore, Musa da Dança. Atributos: uma capela de flôres e uma lira.

Érato, Musa da Poesia Lírica ou da Poesia Anacreôntica, viva e apaixonada. Atributos: uma capela de murta e rosas, uma lira, um plectro e um Cupido com facho.

Polímnia, Musa da Harmonia e da Poesia lírica. Atributos: um cetro, um loureiro e um rôlo de papiro.

Urânia, Musa da Astronomia. Atributos: traje azul, coroa de estrêlas, uma esfera celeste.

Calíope, Musa da Poesia Épica ou Heróica e da grande eloqüência. Atributos: uma coroa de louro ou de ouro, uma trombeta e um poema épico.

Ptolomeu I, antigo servidor de Alexandre Magno, fundou em Alexandria o *Museu*, verdadeiro templo da Arte dedicado às Musas. Foi a primeira Universidade do Mundo. Essencialmente, era um colégio de sábios, empenhados, principalmente, em pesquisas e história, mas, também, até certo ponto, como se deduz de Arquimedes, em ensinar. O Museu de Alexandria apresentou logo uma plêiade científica de primeira plana, capaz de rivalizar com os melhores dias culturais de Atenas. Eram particularmente sólidos e bons os trabalhos matemáticos e geográficos. Alguns nomes que honraram o Museu, e, pôr conseguinte, as Musas: Euclides, Eratóstenes, Hiparco, Herófilo... "Apolo Musageto" é o conductor das Musas (de *Mousai* e *agein*, "conduzir"); traz, então, a fronte cingida de lauréis e a lira na mão.

MÚSICO — Nome de Baco, amante da música.

MUTA — Divindade romana também chamada Lara. — V. LARA.

MUTIMO — Deus do Silêncio entre os Romanos.

N

NAFTA — Droga inflamável com que Medéia untou o vestido e a coroa de Gláucia ou Creúsa, espôsa de Jasão. — V. JASÃO. V. MEDÉIA.

NÁIADES — Ninfas filhas de Júpiter. Presidiam aos rios, córregos, fontes e mananciais. São figuradas com coroas de caniço e debruçadas sôbre urnas que vertem água. — V. NINFAS.

NAÍS — 1) Naís ou Naia, nome duma Náiade.

2) Ninfa da qual Saturno teve Quirão.

3) Ninfa mãe de Anquises, segundo alguns autores.

4) Ninfa do Mar Vermelho. De deslumbrante beleza, atraía os homens com seus encantos, e, depois de conceder-lhes seus favôres, transformava-os em peixes. Finalmente ela mesma foi mudada em peixe por Apolo.

NANO — 1) Descendente de Licaão.

2) Primeiro nome de Ulisses.

NAPE — Nome de uma cadela de Acteão.

NAPÉIAS — Ninfas dos bosques, vales e pradarias. — V. NINFAS.

NAPEUS — Sobrenome de Apolo.

NARCEA — Nome sob o qual Minerva tinha na Élida um templo que lhe fôra consagrado por Narceu.

NARCEU — Filho de Baco e de Físcoa. Foi o primeiro a conceder honras divinas a Baco. Construiu um templo a Minerva.

NARCISO — Filho de Cefiso e da Ninfa Líriope, da Beócia. Era o jovem de extraordinária beleza; o adivinho Tirésias havia predito que viveria enquanto não se visse. Desprezou os amôres da Ninfa Eco, que secou de mágua. — V. Eco. — Voltando, um dia, da caça, inclinou-se para beber numa clara fonte, onde, pela primeira vez, viu seu semblante. Apaixonou-se por si mesmo. Desesperado por não poder se reunir ao objeto da sua paixão, cai, extenuado, ao lado da fonte, e ali desfalece. Choraram as Ninfas, as Dríades e as Náiades. E já preparavam a pira fúnebre e as tochas para a cerimônia do sepultamento; mas o corpo havia desaparecido. No seu lugar encontraram uma flor côr de açafrão com a corola cingida de fôlhas brancas.

NARÍCIA — Cidade dos Locros, pátria de Ájax.

NARTECÓFORO — "Aquêle que carrega uma haste de férula", sobrenome de Baco.

NÁSCIO — Náscio ou Nátio era uma deusa dos Romanos que presidia ao nascimento das crianças; as mulheres grávidas invocavam-na para obterem a graça de felizes e rápidos partos.

NASTES — Filho de Nomion e irmão de Anfímaco. Comandou, com seu irmão, os Cários, no cêrco de Tróia.

NATAL — Gênio ou deus que preside ao nascimento de cada homem e o acompanhava durante a vida. NATALÍCIAS eram as festas e jogos em honra dos deuses que presidiam aos nascimentos. *Natal*, também, usava-se como denominação comum a diversas divindades.

NAULO — Moeda que se punha na bôca dos mortos a fim de pagar a passagem

na barca de Caronte. — V. CARONTE. V. INFERNOS.

NAUPÍDAME — Filha de Anfídama, da qual o Sol teve Augias.

NÁUPLIO — 1) Um dos servidores de Aleu, rei da Arcádia; foi-lhe dada a ordem de afogar Augéia, filha do rei, mas êle subtraiu-a ao furor paterno.

2) Rei da ilha de Eubéia, Argonauta, filho de Netuno e de Amimone; casou-se com Clímene, filha de Crateu, da qual teve Palamedes. A morte desgraçada de seu filho, que foi causada pelos artifícios de Ulisses, acendeu no seu coração violento desejo de vingança, não só contra o ardiloso Ulisses, mas contra os Gregos. Percorreu tôda a Grécia lançando dissenções entre os vários Estados cujos príncipes cercavam Tróia. Após a destruição da cidade, a frota grega, no seu retôrno, foi batida por furiosa tempestade, que dispersou uma parte e lançou a outra sôbre as costas da Eubéia. Náuplio imediatamente mandou acender fogos entre os rochedos que cercavam a ilha, com o fito de para aí atrair os navios e despedaçá-los contra as rochas. Com efeito, tombada a noite, continuando a tempestade, foram os navios atraídos para os rochedos traiçoeiros e arrebentaram-se todos. Dos tripulantes, a maioria morreu afogada; outros, a nado, atingiram a ilha e, por ordem de Náuplio, foram logo passados pelas armas. Ulisses, contudo, o principal visado pelo rei, escapou à sua vingança; Náuplio, cheio de ira e desespêro, lançou-se ao mar.

NAUSÍCAA — Formosa filha de Alcínoo; acolheu Ulisses e o conduziu ao palácio de seu pai. Nausícaa, "na estatura e no aspecto semelhante às deusas imortais", é uma das mais graciosas personagens da *Odisséia*. Ajuizada e prudente, ao ver Ulisses logo por êle se apaixonou; compreendendo, porém, que não era vontade dos deuses o seu casamento com o herói, resignou-se sàbiamente. O episódio de Nausícaa é uma bela página de delicada psicologia feminina. Daí, talvez, a engenhosa teoria de que a Odisséia havia sido composta pela graciosa Nausícaa, filha do magnânimo Alcínoo e de Arete.

NAUTES — Profeta troiano. Era o encarregado da guarda do Palácio. Após a queda de Tróia, seguiu com Enéias para a Itália.

NAVISÁLVIA — "Aquela que salva as naus", epíteto da divindade que se invocava antes de se viajar por mar; era invocada, também, durante as tempestades. Dava-se, igualmente, êste nome à Vestal Cláudia Quinta, porque com seu cinto fêz chegar até Roma o navio que levava a imagem de Cibele. — V. CIBELE.

NAXO — 1) Filho de Apolo e de Acacális.

2) Filho de Endimião; deu seu nome à ilha de Naxos.

NAXOS — Naxos ou Naxo, ilha do mar Egeu, a maior das Cícladas. Hoje tem o nome de Naxia. Afamadíssima pelo seu vinho, donde o nome de *Dionísias*, "ilha de Dioniso", i. é, Baco, que às vêzes lhe dão e que explica o culto que as Bacantes celebravam na ilha. Mostra-se, ainda, em Naxos, a montanha, onde, segundo certas lendas, nasceu Baco, a gruta onde foi criado e as ruínas do seu magnífico templo. É em Naxos, ainda, que Baco encontrou Ariadne, abandonada por Teseu, a qual êle amou, casou-se com ela e deu-lhe, no dia das núpcias, a famosa coroa de ouro e gemas preciosas, obra-prima de Vulcano.

NEANTE — Filho de Pítaco, tirano de Lesbos. Encontrou a lira de Orfeu, deposta ante o altar de Apolo, no templo do deus, e não hesitou em lançar mão dela, sacrìlegamente. Retirou-se para o campo e começou a dedilhá-la, com o fito de atrair as árvores e os rochedos; mas atraiu, sòmente, os cães, que o fizeram em pedaços.

NEBRÓFONO — Nome de cão.

NÉBULA — Nome dado a Néfele, mulher de Atamante. *Nefélee*, grego, significa "nuvem".

NECESSIDADE — Deusa alegórica, filha da Fortuna. Seu poder era tão grande que o próprio Júpiter via-se constrangido a obedecer-lhe. Representam-na, sempre, acompanhada da Fortuna, sua mãe, com mãos de bronze, nas quais ostenta longas cavilhas, gatos de ferro e cunhas também de ferro. Tinha um templo em Corinto onde pessoa alguma podia entrar, exceto as sacerdotisas. "A necessidade, a pobreza, a fome, a falta do necessário para o sustento da vida, é o mais forte, o mais poderoso, o mais absoluto império, que despòticamente domina sôbre todos os que vivem. Não há coisa tão dificultosa, tão árdua, tão repugnante à natureza, a que a não obrigue, a que a não renda, a que a não sujeite, não por vontade, mas por fôrça e violência, a duríssima e inviolável lei da necessidade. A necessidade é a que leva o soldado à guerra e a escalar as muralhas, onde, vendo cair uns a ferro e voar outros a fogo,

avança contudo e não desmaia. A necessidade é que engolfa o marinheiro nas ondas do oceano; elas com os naufrágios à vista, e êle com tal ousadia, que metido dentro em quatro tábuas, se atreve a pelejar não só com os ventos e tempestades, mas com todos os elementos. A necessidade é que mete ou precipita o mineiro ao mais profundo das entranhas da terra, e, sem temer que as mesmas montanhas que tem sôbre si, caiam e o sepultem, êle lhes vai cavando as raízes e sangrando as veias. Finalmente, com mais ordinário e geral desprêzo da vida e da saúde, quem faz que o lavrador não tema os regelos do inverno, nem o segador as calmas ardentes do estio, nem o pastor os dentes do lôbo e do urso, e em muitas partes as unhas do leão e do tigre, senão a necessidade? É pôsto que uns e outros, tantas vêzes pereceram em tão conhecidos perigos, a mesma necessidade, com implicação manifesta da própria conservação, é a que, para sustentar a vida, os obriga a perder a mesma vida. Até o pobre e atrevido ladrão, que desde o primeiro passo com que salteou os caminhos, começou a caminhar para a forca, se ao pé dela lhe perguntam, quem o trouxe a tão miserável estado, responde com o laço na garganta — que a necessidade. E, para que ninguém se admire dêste grande poder da necessidade sôbre todos, a razão é, diz o provérbio, porque todos os outros poderes são sujeitos às leis e só a necessidade não tem lei. (P. Antônio Vieira, S. I.).

NECROPOMOS — "Aquêle que conduz os mortos", epíteto de Mercúrio.

NÉCTAR — Bebida dos deuses. Sòmente os deuses a podiam beber. — V. AMBROSIA.

NEDA — Uma das Ninfas amas de Júpiter. Deu seu nome a um rio do Peloponeso.

NEERA — 1) Ninfa amada do Sol, do qual teve duas filhas, Lampécia e Faetusa. — V. FAETONTE.

2) Uma das filhas de Níobe.

3) Mulher de Autólico.

NEFALEOS — Epíteto de Apolo, significando "sóbrio".

NEFÁLIAS — 1) Festas gregas em honra de Mnemósine, Aurora e Vênus. Oferecia-se às divindades, nessas festas, uma simples porção de hidromel.

2) Festas dedicadas ao Sol, durante as quais não se admitia o uso do vinho.

NEFÁLION — Uma das filhas de Minos e da Ninfa Párea.

NÉFELE — Mulher de Atamante, rei de Tebas. Teve dêle Frixo e Hele. Como Néfele, desde o primeiro parto, fôsse sujeita a acessos de loucura, Atamante desposou Ino. Os filhos de Néfele logo começaram a ser perseguidos pela madrasta, e foram obrigados a fugir a fim de conservarem a vida. — V. ATAMANTE. V. HELE. V. FRIXO. — Néfele foi transformada em nuvem. — V. NÉBULA.

NEFELEIDA — Filha de Néfele, i. é, Hele.

NELEU — Filho de Poseidon e rei de Pilos. Casou-se com Clóris e teve doze filhos, os quais foram mortos por Hércules, com exceção de Nestor. Neleu, ao nascer, juntamente com seu irmão Pélias, foi exposto por sua mãe, Tiro, que queria ocultar ao pai, Salmoneu, a sua falta. Os dois meninos foram encontrados e criados por pastôres. Uma vez adultos, apresentaram-se à mãe, que casara com Creteu, rei de Iolcos. Após a morte do rei, Neleu e Pélias apoderaram-se do reino, em prejuízo do irmão, filho de Creteu, Éson. Mais tarde, Neleu foi expulso do trono por Pélias e refugiou-se na Messênia, onde fundou Pilos. Esposou Clóris e teve doze filhos. Orgulhoso da sua prole, ousou fazer guerra a Hércules. Só lhe restou um filho, Nestor, que lhe sucedeu no trono. Neleu fêz parte da viagem dos Argonautas.

NEMÉIA — Povoação da Argólida, com bosque famoso. Na sua vizinhança matou Hércules o leão de Neméia. — V. HÉRCULES. — Celebrados eram os jogos nemeus que se realizavam aí cada dois anos. Havia, também, no Peloponeso, um rio chamado Neméia.

NÊMESIS — Filha de Júpiter e da Necessidade, ou do Oceano e da Noite. Era uma divindade temível que do alto céu olhava tudo que se passava sôbre a terra; punia os culpados neste mundo e castigava-os no outro com o maior rigor. Comprazia-se em curvar as orgulhosas cabeças dos que não tinham moderação na prosperidade, e implacàvelmente perseguia aquêles que a beleza do corpo, ou as fôrças físicas ou o talento intelectual tornavam por demais vaidosos e insolentes. No início, parece, Nêmesis personificava o sentimento moral que os homens naturalmente possuem de justiça e eqüidade. Mais tarde é que dela fizeram uma divindade que por excelência presidia à sorte dos mortais, procurando igualar condições e nivelar situações; daí, naturalmente, passou a ser

a deusa da Justiça, ou, melhor, da Vingança justiceira. Representavam-na com asas, armada de archotes e de serpentes, tendo a cabeça cingida por uma coroa e chifres de cervo.

NEMESTRINO — Deus das florestas entre os Romanos, de *nemus*, "bosque" ou "floresta". Era o soberano dos Faunos, das Dríades e das demais divindades nemorais.

NEMEUS (JOGOS) — Jogos que se celebravam todos os três anos nas florestas de Neméia, e que eram contados como os mais importantes de tôda a Grécia. — V. ARQUÊMORO.

NÊNIA — Deusa que presidia aos funerais e aos cantos lúgubres em honra dos mortos. Tinha um templo fora de Roma. *Nênias* eram os cantos usados nos funerais.

NEOBULE — Filha de Licambo. Recusou sua mão ao poeta Arquíloco. Êste, com sátiras mordazes, levou pai e filha ao suicídio.

NEOCLES — 1) Pai de Temístocles.

2) Camponês lício transformado em rã por Latona.

NEÓCORES — Sacerdotes gregos que, no início, eram encarregados de funções secundárias e sem relêvo; mais tarde guindaram-se aos altos cargos e funções de sacrificadores.

NEÓFRON — Filho de Timandra. Foi transformado por Júpiter em abutre. — V. EGÍPIO.

NEOMÊNIAS — Festas em honra da lua nova, na Síria, no Egito, na Grécia e em Roma. Também, na Judéia, celebram-se as Neomênias, nos primeiros dias da lua nova.

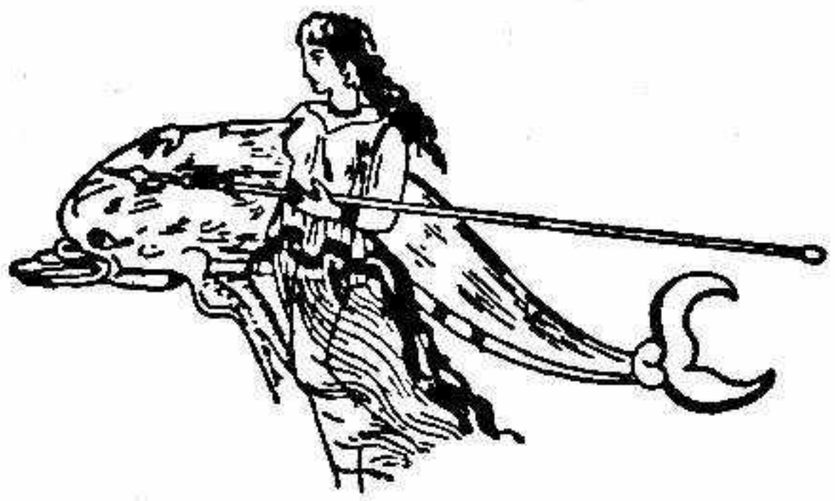
NEOPTÓLEMO — Filho de Aquiles, mais conhecido pelo nome de Pirro. — V. PIRRO.

NEOTETE — Uma das Ninfas; consideram-na a deusa da juventude. Do grego *Neótees, neótectos*, "juventude".

NEPENTE — Certa bebida mencionada por Homero, que tinha a propriedade de aliviar e dissipar as penas e aborrecimentos: "...no vaso deita nepente, junto com o vinho, que tira a cólera e a dor, assim como dos males a lembrança..."

NEPENTES — "Aquêle que dissipa a tristeza", epíteto de Apolo. *Neepenthées*, "calmante".

NEREIDAS — Ninfas dos mares, principalmente dos mares interiores, filhas de Nereu e Dóris. Eram cinqüenta, belas como o dia; passavam a vida percorrendo as ondas sôbre o dorso de golfinhos ou de cavalos marinhos. Tétis era, também, Nereida, e a mais famosa, mãe de Aquiles e espôsa de Peleu. Dotadas de faculdade profética, gozavam de culto e veneração particulares. — V. NINFAS. — Não se confundem com as Oceânidas, Ninfas do Oceano, do mar alto. Segundo certos autores, as Nereidas habitavam, no fundo do mar, riquíssimos palácios, com o pai, e ocupavam-se a fiar em fusos de ouro e a cantar; freqüentemente vinham em grupos à superfície das ondas, cavalgando, com seus corpos nus de mulher e caudas de peixes, os tritões ou outros monstros marinhos. Passavam por ser divindades benéficas. Algumas Nereidas tornaram-se célebres: Anfitrite, Tétis, Orítia, Galatéia.



NEREIDA
(*Pintura de um vaso grego*)

NEREÍNA — Epíteto de Tétis, filha de Netuno.

NEREU — Filho do deus Oceano e de Tétis. Desposou Dóris, sua irmã, da qual teve as Nereidas, cinqüenta filhas. Doce e pacífico, Nereu gostava de auxiliar os homens e os deuses com a sabedoria que a sua larga existência — era mais velho que Netuno — lhe proporcionara. Foi Nereu quem indicou a Hércules onde se encontravam os pomos de ouro que as Hespérides guardavam; tentou dissuadir Páris do rapto de Helena. Hábil adivinho, anunciava àqueles que o procuravam a sorte que os aguardava. Como tôda divindade marinha, Nereu mudava de forma e aspecto a fim de fugir aos importunos. Seu local habitual de descanso era o mar Egeu. Representam-no sob a figura de um ancião com longas barbas azuis.

NÉRIA — Deusa dos Sabinos, espôsa de Marte.

NESÉIA — Nome de uma Nereida.

NESO — 1) Uma Nereida.

2) Filha de Teucro, que Dárdano esposou ao mesmo tempo que a irmã, Bátea.

3) Rio, filho do Oceano e de Tétis.

NESSO — Centauro famoso que quis fazer violência a Dejanira. Foi causa da morte de Hércules, que o matou a flechadas. — V. DEJANIRA.

NESTOR — Filho de Neleu e de Clóris, rei de Pilos, reputado pela sua sabedoria e justiça. Tinha onze irmãos, que, com o pai, foram mortos por Hércules. Deveu sua vida ao fato de não ter tomado parte na guerra que seus irmãos e seu pai fizeram ao herói. Pôsto, pelo vencedor, no trono de Pilos, casou-se com Eurídice, filha de Clímeno. Nestor distinguiu-se pela sua notável coragem; estava presente às núpcias de Pirítoo, acompanhou os Argonautas, tomou parte na caçada ao javali de Calidão e, com noventa navios, levou os habitantes de Pilos e da Messênia à guerra de Tróia. Após a destruição da cidade regressou para a Grécia, e viveu, ainda muito tempo, não obstante sua avançada idade. Explicam o fato da longevidade de Nestor, como dom particular de Apolo, que lhe deu os anos que teriam vivido os filhos e filhas de Níobe, irmãos e irmãs de sua mãe Clóris. — V. NÍOBE.

NETUNO — Em grego Poseidon. Deus do mar, filho de Saturno e de Réia e irmão de Júpiter e de Plutão. No dia do seu nascimento foi devorado pelo pai, e foi dado à vida graças à beberagem que Métis deu a seu pai. Segundo outra tradição, sua mãe escondeu-o num estábulo da Arcádia, e féz o marido acreditar que dera à luz um frango, que Saturno logo devorou. Na partilha que os três irmãos fizeram, Netuno obteve o império dos mares. Esposou Anfitrite, o que não impediu de ter inúmeras amantes; muitas vêzes, para obter os favôres que desejava, mudava de figura, transformando-se em vários animais. Júpiter exilou-o do Céu por ter conspirado contra o seu govêrno; na terra, auxiliou Laomedonte, com Apolo, a construir os muros de Tróia. — V. LAOMEDONTE. V. HESÍONE. — Obteve, depois, o perdão e foi restabelecido em tôdas as honras e dignidades. Severo e misterioso, êsse deus infundia mais terror que veneração, o que explica o culto intenso de que sempre gozou na Grécia, país de navegantes. Os Jogos Ístmicos atraíam para Corinto todos os povos de raça helênica; os Romanos veneravam-no celebrando as *Netunais*, a 23 de julho. Era-lhe consagrado o cavalo. — V. CÉCOPE. — Com Anfitrite teve um filho, Tritão. — V. TRITÃO. — Costumavam representar Netuno sôbre um carro em forma de concha, tirado por cavalos marinhos, tendo na mão o tridente. Os Líbios cultuavam-no com veneração especial, considerando-o o primeiro dos deuses. Tinha grande número de templos na Grécia e em Roma, sobretudo nos lugares marítimos. Imolavam a Netuno o boi e o cavalo; os Arúspices ofereciam-lhe o fel das vítimas sacrificadas. Conforme Homero, tinha Netuno seu domicílio numa cidade maravilhosa, Ege ou Aigai (em grego *Aigaí*,), onde abundavam os palácios de ouro e os edifícios esplêndidos: os Gregos situam a cidade netunina na costa da Acaia, ou nas da ilha Eubéia, ou em face de Lesbos. Homero não se esqueceu de descrever o fantástico palácio do deus das águas: "...onde tem seu glorioso e indestrutível palácio, edificado na limpidez profunda das águas remansadas, todo feito de peças de ouro puríssimo..."

POSEIDON (NETUNO) A CAVALO
(*Terracota*)

NICÉFORO — "O vitorioso", ou "O que carrega a Vitória", epíteto de Júpiter.

NICÉIA — Náiade, filha do rio Sangário. Há muito que Baco vinha desejando a formosa Náiade, mas jamais pôde consegui-la, pois era arredia e virgem. Baco, então, transformou em vinho a água da nascente onde Nicéia costumava beber; a jovem embriagou-se e Baco pôde, assim, possui-la calmamente. Dêsse conúbio nasceram os Sátiros.

NICEU — "O vitorioso", epíteto de Júpiter.

NICIPA — Filha de Pélops. Desposou Estênelo, rei de Micenas, do qual gerou Euristeu, o perseguidor de Hércules e dos Heraclidas.

NICÔMACO — Filho de Macáon e de Anticléia, e irmão de Gorgaso. Habilíssimo

médico, recebeu honras divinas depois da sua morte, juntamente com seu irmão.

NÍCON — Lutador famoso a quem erigiram estátua, depois de morto; um seu êmulo, por desafogar a inveja, se vingou em açoitá-la; mas ela, caindo-lhe em cima, o matou, não querendo Nícon, nem ainda na sua estátua, perder a significação do seu nome, que se interpreta "Vitorioso". Deram, pois, libelo contra êle os filhos do morto. E, conforme uma lei de Draco, que mandava desterrar as coisas inanimadas, se fôssem ocasião de morte, foi a estátua de Nícon lançada ao mar, como culpada de homicídio. Porém a resposta de um oráculo obrigou os juízes a restitui-la a seu antigo lugar e devida honra.

NICÓSTRATO — Filho de Menelau e de uma escrava chamada Piéris; assim como seu irmão Megapente, gozava de grande prestígio e consideração em Esparta.

NICTEIS — Filha de Nicteu, i. é, Antíope.

NICTÉLIO — Nome de Baco, cujo culto se celebrava à noite. *Nictélio* significa "noturno".

NICTEU — 1) Rei da Beócia. Era filho de Netuno. Desposou Polixo, Ninfa de Creta, e teve duas filhas, Antíope e Nictímene. Morreu em conseqüência da ferida que recebeu de Epopeu que lhe raptara Antíope.

2) Um dos companheiros de Diomedes. Foi mudado em pássaro.

3) Um dos cavalos de Plutão.

NICTÍMENE — Filha de Nicteu. Concebeu por seu pai criminosa paixão; satisfê-la com o concurso das trevas; depois do ato amoroso, foi transformada em môcho ou coruja por Minerva. Alguns a fazem filha de Epopeu, rei de Lesbos.

NIFE — Ninfa de Diana.

NILO — 1) Neto de Atlas. Deu seu nome ao rio Nilo.

2) Deus dos Egípcios.

3) Rio do Egito. É o maior do mundo, com 6.450 quilômetros de extensão; nasce no Congo e desemboca no Mediterrâneo.

NINFAS — Divindades úmidas e fecundantes. Eram filhas de Júpiter. De rara beleza, nem tôdas eram imortais, mas permaneciam sempre jovens; algumas podiam viver 10.000 anos. Conheciam o futuro e proferiam oráculos nos seus templos, que tinham o nome particular de *Ninféias*. Esses templos e altares espalhavam-se por tôda a parte, nas bordas do mar, nas florestas, bosques, montes, vales, junto às nascentes e perto dos lagos. Ofereciam-lhe sacrifícios de cabras, cordeiros e libações de vinho, mel e azeite; mais comumente ofereciam-lhe leite, frutos e flôres. Conforme o local em que assistiam, eram designadas pelo nome de *Potâmidas*, Ninfas dos rios; *Náiades*, dos ribeiros e riachos; *Crenéias* e *Pegéias*, das fontes e nascentes; *Limneidas*, das lagoas e lagos; *Napéias*, das selvas e dos vales; *Oréades*, *Orestíades* e *Orodemníades*, das montanhas e colinas; *Dríades* ou *Hamadríades*, das árvores em geral e dos carvalhos em particular; *Meliades*, dos freixos; *Oceânidas* ou *Oceânides* dos Oceanos, ou mar alto; *Nereidas*, filhas de Nereu, deus marinho, dos mares. Ninfas famosas: Eco, Nisa, Tétis, Eurídice, Amimone, Pirene, Tiro... As Ninfas celestes tinham o nome de *Urânias;* as terrestres, de *Epígias*. Havia Ninfas até nos Infernos. Grande número dessas divindades era designado pelos nomes tomados da sua origem, ou dos lugares que habitavam, como as *Amnisíades*, as *Corícidas*, as *Iônidas*, as *Isménidas* e as *Pactólidas*. Havia Dríades e Hamadríades que ocupavam o interior das árvores, e que morriam quando estas eram cortadas ou feridas. Por êsse motivo, costumavam os antigos fazer sacrifícios propiciatórios antes de abater os robles anosos de que necessitavam. — V. FLORESTAS.

NINFAS DO LIBRETO — Famosas Ninfas que habitavam uma gruta do Helicão, donde saía uma fonte consagrada às Musas. Libreto era cidade da Tessália.

NINFEU — Rio do Lácio.

NÍOBE — 1) Filha de Foroneu e de Leódice. Foi a primeira mortal amada por Júpiter, que a tornou mãe de Ápis e de Pelasgo.

2) Filha de Tântalo e irmã de Pélops. Casou-se com Anfião. Tiveram sete filhos e sete filhas. Extremamente orgulhosa dos seus belos filhos, perdeu tôda a noção das coisas. Um dia, quando ofereciam incenso e piedosas preces a Latona, mãe de Diana e Apolo, Níobe, altamente ofendida, exigiu que lhes dessem as honras devidas à divindade, injuriando gravemente a deusa, que só tinha dois filhos, quando ela possuía quatorze. Latona, cheia de cólera, levou ao conhecimento dos filhos os desmandos sacrílegos de Níobe; Apolo, com sua certeira flecha, matou os jovens, Diana as donzelas. Níobe, transida de dor e desespêro, transformou-se num rochedo. Vento violento arrebatou-a para a sua pátria: nos contrafortes do monte Sipilo vê-se,

ainda, um rochedo em forma de mulher, que, sem cessar, derrama abundantes lágrimas. Conforme outra versão, Diana matou apenas cinco das sete filhas de Níobe.

NIREU — 1) Rei de Samos.

2) Lendário rei da ilha de Naxos, célebre pela sua beleza. Diz Homero que foi o mais belo dos Gregos que tomaram parte no cêrco de Tróia, para onde levou 3 navios. Foi morto por Eurípilo ou Enéias. Ajudou a Hércules na luta com o leão de Neméia.

NISA — 1) Ama de Baco.

2) Nome de uma Ninfa morta por Baco.

3) Montanha e cidade lendárias da Índia, consagradas a Baco. Conforme a tradição, aí teria nascido o deus, donde o nome grego Dioniso, "O deus de Nisa".

NISEIDE — Filha de Niso.

NISEU — Epíteto de Baco.

NISÍADES — Mulheres de Mégara, onde reinou Niso.

NÍSIO — Baco.

NISO — 1) Pai de Baco.

2) Troiano, fiel amigo de Euríalo.

3) Rei de Mégara, irmão de Egeu. Anteriormente, no tempo do rei Niso, Mégara chamava-se ainda Nisa. Era cidade vizinha de Atenas. Minos, que viera atacar a Ática, sitiou, primeiro, a cidade de Nisa. A sorte de Niso dependia de um cabelo côr de púrpura que êle tinha. Cila, sua filha, apaixonou-se por Minos, que havia visto do alto das muralhas. Para ganhar as boas graças do sitiante, não hesitou em arrancar o fio de cabelo purpúreo e levá-lo a Minos. Niso morreu logo, e foi metamorfoseado em gavião. Minos, horrorizado com ação tão vil aproveitou a traição para conquistar a cidade, mas afastou para longe de si a pérfida princesa. — V. CILA. — Cila foi mudada em garça. Conforme outra versão, Niso transformou-se em águia marinha.

NISSA — Cidade da Beócia.

NÍSSIA — Mulher de Candaulo. — V. CANDAULO.

NIXOS — Do verbo *nitor* (*nixus*), "fazer esfôrço". Davam os Romanos o nome de Nixos ou *Nixi dii*, aos deuses que assistiam aos partos particularmente difíceis. Eram três. Suas estátuas, colocadas no Capitólio, representavam-nos com as mãos entrelaçadas sôbre os joelhos dobrados com esfôrço.

NOCTILUCA — A Lua.

NOCTÍVAGO (DEUS) — O Sono.

NÓDINO — Deus dos Romanos que presidia à formação das películas do grão de trigo na espiga.

NOÊMON — 1) Capitão lício, morto por Ulisses no assédio de Tróia.

2) Companheiro de Antíloco.

3) Filho de Frônio, da ilha de Ítaca; emprestou seu navio a Telêmaco, para êste poder ir a Pilos.

NOEROS — "Cheio de senso", epíteto de Apolo.

NOITE — Deusa das trevas, filha do Caos, ou de Celo e da Terra; é uma das mais antigas divindades. Desposou o Aqueronte e o Érebo, donde teve vários filhos. Representam-na sentada sôbre um carro coberto de um véu recamado de estrêlas.

NÔMIA — Ninfa a qual os montes Nômios devem seu nome.

NÔMIO — Filho de Apolo e Cirene.

NOMÍON — Pai de Anfímaco e de Nastes.

NÔMIOS — Sobrenome de Júpiter, Apolo, Mercúrio, Pã e Baco.

NONA — 1) Nome que os Romanos davam a uma das Parcas. — V. PARCAS.

2) Nome da divindade, entre os Romanos, cuja função era conservar o feto no curso do nono mês de gravidez.

NONACRIATES — Sobrenome de Mercúrio.

NONÁCRIS — Filho de Licaão. Deu seu nome a uma cidade da Arcádia.

NÓNDINA — Deusa que presidia à purificação dos meninos.

NÓRAX — Filho de Mercúrio e de Eritréia. Deu seu nome a uma cidade que fundou na Sardenha.

NÓRCIA — Deusa da Fortuna entre os Etruscos.

NOTO — 1) Outro nome do Austro, vento do sul. Representam-no com asas molhadas. — V. AUSTRO.

2) Filho de Deucalião.

NOVE IRMÃS (AS) — As Musas.

NUMA — 1) Chefe Rútulo morto por Niso e Euríalo.

2) Segundo rei de Roma. Estabeleceu entre os Romanos o culto e as cerimônias religiosas; a fim de tornar as leis mais sagradas, deu-lhes certo carácter sagrado, dizendo que a Ninfa Egéria, sua confidente, as ditava. — V. EGÉRIA.

NUMÉRIA — Deusa que presidia à aritmética.

NUMÍCIO — Pequeno rio do Lácio, do qual, Ana, irmã de Dido, se tornou uma das suas Ninfas. É o Numício mais um ribeiro, que corre paralelamente ao Tibre. No seu curso há inúmeros brejos e pântanos. Hoje tem o nome de Stagno di Levante, segundo uns; conforme outros, talvez com mais probabilidade, trata-se do Rio Torto, que separava o território de Lavínio do de Ardea, antiga capital dos Rútulos. Enéias, segundo uma tradição referida por Tito Lívio, afogou-se nesse córrego. As águas do Numício eram sagradas, porque seu curso era regido por um deus, que foi ora Júpiter Indigete, ora Latino, depois Enéias. Em Lavínio havia um templo consagrado a Júpiter Indigete com a seguinte inscrição: "Templo do deus pai Indigete que rege o curso do rio Numício".

NÚMITOR — 1) Um dos chefes de Turno.

2) Rei de Alba, filho de Procas, destronado por seu irmão Amúlio. Númitor foi pai de Réia Sílvia, Vestal, que de Marte teve dois filhos, Rômulo e Remo. — V. RÉIA SILVA. V. RÔMULO e REMO. V. AMÚLIO.

O

OAXES — Filho de Apolo e de Asquíale; deu seu nome a uma cidade e a um rio de Creta.

OBOLIAS — Pães de forma piramidal que eram oferecidos a Baco.

óBOLO — Moeda que se punha na bôca do defunto, sob a língua, para pagar a passagem na barca de Caronte. — V. CARONTE. — Era moeda grega de ínfimo valor; o óbolo, pêso, correspondia à sexta parte da dracma.

OBORÁTOR — Deus campestre dos Latinos. Protegia os trabalhos do campo.

OCÁLEE — 1) Filha de Mantineu e mulher de Abante. Teve dois filhos, Acrísio e Preto.

2) Cidade da Beócia.

OCÁTOR — Deus campestre dos Romanos. O deus Ocátor presidia aos trabalhos dos camponeses quebrando os torrões de terra e afofando a gleba para o cultivo.

OCEANIDAS — Ninfas do mar. Filhas de Tétis e do Oceano, eram em número de três mil. Tinham nomes sonoros: Xante, Dore, Peito, "A Sedutora", Calírroe, "Ninfa das belas ondas", Iante, "A que tem reflexos côr de violeta"... — V. NINFAS.

OCEANÍTIDE — Filha do Oceano.

OCEANO — Primeiro deus das águas, filho de Celo e da Terra. Desposou Tétis; dêste casamento nasceram os principais rios, em número de três mil, e outras tantas Oceânidas. Além de Tétis, dão por espôsas do Oceano, Panfiloge, da qual êle teve a Ásia e a Líbia, e Partênope, da qual teve a Europa e a Trácia. O Oceano é o rio circular que envolve o disco da terra, e cujos reservatórios inexgotáveis alimentam tôdas as águas correntes e dormentes que banham a superfície terrestre. O rio circular corria nas regiões brumosas do fim do mundo: passado o Oceano, nada mais havia. Representam-no como um ancião sentado sôbre as ondas, com uma lança na mão e um monstro marinho aos pés. O deus-rio Oceano era objeto de veneração não só dos homens, mas dos próprios deuses.

OCÍROE — Nome de uma Ninfa.

OCNO — 1) Filho do Tibre e da profetisa Manto. Fundou a cidade de Mântua. Socorreu Enéias na sua luta contra Turno. Conforme outra versão, Ocno, irmão de Auleste, foi o fundador de Perúsia, cidade etrusca da Itália Peninsular, perto do Tibre e do lago de Perúsia ou Trasimeno.

2) Personagem alegórica, considerada como tipo da indolência.

OCRIDIÃO — Rei de Rodes, endeusado após sua morte.

ODISSÉIA — Famoso poema épico atribuído a Homero. —V. ILÍADA. — O nome vem de *Odisseus*, Ulisses em latim, que é herói desta narração marítima. Heródoto escreveu que os tempos de Homero distavam cêrca de 400 anos da época em que viveu. Ora, Heródoto nasceu em 484 e morreu por volta de 425 a 406, não se sabe ao certo; assim, conforme o "pai da História", Homero viveu no século IX a. C. Tucídides afirma que o poeta nasceu depois da guerra de Tróia e esta ter-se-ia dado uns 80 anos antes da invasão dos

Dórios, acontecimento de 1.100. Conforme Teopompo, Homero viveu no século VIII. Assim, como se vê, tudo é incerteza acêrca de Homero, o autor dos dois poemas épicos *Ilíada* e *Odisséia*, os primeiros modelos de literatura universal. Os principais heróis da *Odisséia* são os mesmos da *Ilíada*, sendo *Odisseus*, Ulisses, a figura central e máxima. A *Odisséia*, tal como a conhecemos, divide-se em 24 cantos com 12.000 versos hexâmetros. O término da guerra de Tróia trouxe como conseqüência, após dez anos de lutas, um ciclo de lendas que se formaram com os guerreiros que retornavam para seus lares. São os *Nóstoi*, i. é, "Retornos". A Odisséia é o *Nóstos* de Ulisses. Terminada a guerra, quis Ulisses voltar para a sua querida Ítaca; contudo, vagueou dez anos, antes que tal se desse; Telêmaco, que deixara menino de peito, era agora um mancebo forte e destemido. Em geral, todos os Gregos, de retôrno ao lar, sofreram grandes vicissitudes: alguns, mal chegam à pátria são vítimas de ciladas fatais, como Agamenão; outros, morrem no mar; outros, vagueiam anos a fio até que consigam rever os entes queridos; outros, por fim, como Ulisses, parecem destinados a jamais rever o pátrio solo. A todos persegue a cólera dos deuses. A *Odisséia* se inicia com a Assembléia dos deuses. Ulisses, "que suspirava pelo regresso e pela espôsa", jazia "detido numa côncava gruta pela veneranda Ninfa Calipso, a deusa preclara, que o desejava para marido." Atena, protetora de Ulisses, exorta Telêmaco. A situação em Ítaca era grave; Penélope, nem viúva nem casada, esperava ainda pelo marido; os pretendentes à sua mão eram inúmeros; lá viviam, no palácio de Ulisses, consumindo-lhe a fazenda e atormentando a pobre mulher e o desgraçado Telêmaco. O jovem, sòzinho, nada podia fazer: os pretendentes eram fortes e ousados, atrevidos e glutões. Não se iriam embora do palácio de Ulisses enquanto Penélope não escolhesse, de entre êles, um espôso. No segundo canto, reune-se a Assembléia dos Itacenses; Telêmaco vai a Pilos, saber notícias do pai. O terceiro canto trata da estada de Telêmaco em Pilos, onde Menelau o trata muito bem. Nenhum dos dois, porém, nem Nestor nem Menelau podem informar onde se encontra Ulisses. Depois da interferência dos deuses, Ulisses obtém permissão de Calipso para voltar à pátria. Constrói uma jangada e se faz ao mar; Poseidon (Netuno) fá-lo naufragar na ilha Esquéria, habitada pelos Feácios, onde Nausícaa, filha do rei Alcínoo, indo lavar roupa perto do mar, o encontra morrendo de fome e frio. Aí é alvo de muitas homenagens; realizam-se jogos e banquetes em sua honra. Demódoco, na sua sonora lira, canta episódios da guerra de Tróia. Ulisses desfaz-se em lágrimas. Vê-se na contigência de contar as suas aventuras. É então que se fica sabendo tudo que êle sofreu até êsse ponto. As narrações de Ulisses compreendem a Ciclopéia, suas aventuras com os Ciclopes, sua visita ao rei dos ventos, Éolo, a famosa aventura com os Lestrigões, e por fim, o encontro de Ulisses com Circe, a famosa feiticeira. Depois narra como desceu aos Infernos; evocação dos mortos. Prossegue com o relato das Sereias, sua passagem entre Cila e Caribdes e o furto das vacas de Hélios, o Sol. No livro XIII, conta-se a partida de Ulisses do país dos Feácios para a sua cara Ítaca; aproxima-se o têrmo das andanças sem fim do herói. Chegando a Ítaca Ulisses, disfarçado em mendigo, encontra-se com Eumeu, o fiel porqueiro, que o acolhe benignamente. Eumeu o põe ao corrente dos fatos passados em sua casa durante os vinte anos que tanto durou sua ausência. A narrativa volta a Esparta, onde ficara Telêmaco. Êste deixa a casa de Menelau e volta a Ítaca; na casa de Eumeu, onde se achava Ulisses, pai e filho se reconhecem; assentam, então, um plano para expulsar os pretendentes à mão de Penélope e reentrar na posse de seus bens. Ulisses, sempre disfarçado em mendigo, visita a sua casa, cenário onde se desenrolam vários episódios: é insultado por Antínoo, briga com o mendigo Iro, sofre vários ultrages e, por fim, Penélope quer ver o mendigo; pergunta-lhe se não sabe algo a respeito de Ulisses; o falso mendigo responde que o viu e que não tardará a voltar. Nesse ínterim, a velha escrava Euricléia, que fôra ama do herói, ao lavar-lhe os pés, reconhece-o por uma antiga cicatriz feita pelos colmilhos dum feroz javali. Ulisses impõe-lhe silêncio. Outros acontecimentos retardam a hora da vingança; chega o boieiro Filécio, por quem Ulisses é reconhecido. Aproxima-se, então, a hora decisiva. A insolência dos pretendentes será cruelmente vingada. Penélope convida seus pretendentes a experimentar o arco de Ulisses, atirando uma flecha

através de uma série de anéis. Nenhum dêles consegue ao menos entesar o arco. Ulisses toma-o e dispara a flecha com inteiro êxito. Depois, com o filho, Eumeu e Filécio, começa a matar os requestadores de Penélope. Mata a todos, castiga as servas infiéis, que acolhiam os pretendentes em seus leitos e se faz reconhecer pela espôsa. A seguir vem o episódio das almas cujos corpos jazem traspassados no alto palácio de Ulisses, em Ítaca; vão, tôdas, para o Hades. Ulisses procura seu pai, o velho Laertes, dá-se a conhecer e prepara-se para enfrentar os parentes e amigos dos que foram massacrados. Atena intervém, a paz reina em Ítaca.

ODISSEUS — Nome grego de Ulisses, herói do poema *Odisséia*. — V. ULISSES.

ODITES — 1) Guerreiro etíope morto por Clímeno, durante o combate travado por ocasião do casamento de Perseu e Andrômeda.

2) Centauro.

ODRÍSIO — Sobrenome de Baco, Bóreas, Tereu e Reso. Havia, na Trácia, um deus com êsse nome.

ODRÍSIOS — Os Trácios.

OENEU — Cidade da Ilíria.

OFELTA — 1) O mesmo que Arquêmoro, filho de Licurgo.

2) Um dos marinheiros que Baco transformou em golfinho.

3) Pai do jovem Euríalo, amigo de Niso.

OFELTES — Capitão grego morto por Heitor.

OFIADE — Filha de Ófio.

OFIÃO — Um dos Centauros.

ÓFIO — Pai de Combe.

OFÍON — 1) Rei vencido por Saturno.

2) Gigante.

3) Companheiro de Cadmo.

4) Pai de Âmico, o Centauro.

OFIONEU — 1) Chefe dos maus gênios que se revoltaram contra Júpiter.

2) Nome de Plutão.

3) Célebre adivinho da Messênia, cego de nascimento.

OFIONEUS — Áugures messênios, consagrados a Ofieu ou Ofioneu, i. é, Plutão. Ofieu significa "O deus cego" e era o nome usual de Plutão entre os habitantes de Messênia ou Messena, cidade do Peloponeso. Os Ofioneus eram privados da visão no instante mesmo em que nasciam.

OFIÚSA — A mesma que Calcipéia. Ofiúsa, também, é o antigo nome de Rodes e Chipre.

ÓGIGES — Primeiro rei conhecido da Grécia. Dizem ter sido o fundador de Tebas, na Beócia. Era filho da Terra, conforme uns; de Netuno segundo outros. No tempo em que Ógiges reinava na Beócia, houve uma grande inundação, à qual se deu o nome de "Dilúvio de Ógiges", e que teria acontecido 250 anos antes do de Deucalião. — V. DEUCALIÃO.

OGÍGIA — 1) Uma das filhas de Níobe.

2) Antigo nome da Beócia, formado de Ógiges que aí reinou e que alguns consideram como seu fundador.

3) Ilha fabulosa, renomada pela residência de Calipso, que aí recebeu o herói Ulisses e o conservou durante sete anos. A palavra *Ogígia*, conforme modernos exegetas, remonta à raiz semita ou fenícia *og*, "círculo", de onde saiu a palavra *Okéanos*, o nosso "Oceano"; destarte, Ogígia significaria "ilha no anel do Oceano". Pretende-se que essa ilha seja a nossa atual Madeira, conhecida já dos Fenícios, como as Canárias. A ilha vulcânica da Madeira é distrito autônomo de Portugal, situado cêrca de 700 quilômetros do litoral marroquino, dotado de clima semelhante ao da região mediterrânea. A população é de 250.000 habitantes. Através do excelente pôrto de Funchal, exporta seus afamados vinhos, bananas, laranjas e amêndoas. — V. DESCRIÇÃO DE OGÍGIA EM CALIPSO.

OGÍGIO — Sobrenome de Apolo e de Baco.

OILEU — 1) Rei dos Lócrios, filho de Leódaco e de Agrianome; desposou Eriópis, da qual teve Ájax. Fêz parte da expedição dos Argonautas e foi companheiro de Hércules.

2) Escudeiro do rei Bienor. Foi morto por Aquiles, quando quis vingar a morte do seu senhor.

ÓLBIA — Ninfa, mãe de Ástaco. Deu seu nome a uma cidade da Bitínia.

ÓLEN — Poeta anterior a Homero. Foi o primeiro que usou da poesia para celebrar os deuses por meio de hinos. Foi, igualmente, o primeiro sacerdote de Apolo em Delfos.

ÓLENO — 1) Filho de Júpiter e de Anaxitéia. Fundou, na Acaia, uma cidade com o seu nome. Foi metamorfoseado em rochedo juntamente com sua espôsa Letéia. — V. LETÉIA.

2) Filho de Vulcano e Aglaia. Fundou uma cidade na Beócia, a que deu seu nome.

3) Cidade da Acaia, onde Júpiter foi aleitado pela cabra Amaltéia.

OLIMBRO — Filho de Celo e da Terra.

OLÍMPIA — 1) Sobrenome de Juno em Olímpia.

2) Sobrenome de Lucina em Élida.

3) Região da Élida Pisátide, ao norte do Alfeu, onde todos os quatro anos se celebravam os "Jogos Olímpicos". — V. Jogos.

OLÍMPIAS — Fonte pouco distante do monte Olimpo, na vizinhaça da qual jorravam da terra turbilhões de chamas, que os Árcades consideravam como um remanescente do antigo combate entre os Gigantes e os deuses.

OLÍMPIO — 1) Sobrenome de Apolo.

2) Templo de Júpiter em Olímpia, afamadíssimo.

OLIMPO — 1) Aio de Júpiter.

2) Filho de Hércules e de Eubéia.

3) Músico, notável tocador de flauta, discípulo de Mársias.

4) Olimpo, "Monte da luz", serra que atinge 2.973 metros de altura, entre a Macedônia e a Tessália. Durante 9 meses, num ano, seu cume permanece coberto de neve. Na Mitologia grego-latina consideravam-no a residência dos deuses. Tem, hoje, o nome de Elimbo.

OLIMPUSA — Testíade amante de Hércules. Foi mãe de Halocrate.

OLINTO — 1) Rei da Trácia, filho de Estrimão ou de Hércules. Foi morto, na caça, por um javali. Brangas, seu irmão, elevou-lhe um túmulo no lugar em que foi morto.

2) Filho de Hércules, deu seu nome a um rio da Calcídica.

3) Filho de Hércules, deu seu nome a cidade de Olinto.

OLIRAS — Rio vizinho do monte Eta. Quis extinguir a fogueira na qual Hércules se suicidou. — V. HÉRCULES.

ÓLMIO — Pequeno rio da Beócia, vizinho do Helicão e consagrado às Musas que aí gostavam de se banhar.

OLMO DO SONO — Olmo imenso, plantado no vestíbulo dos Infernos. Sob suas fôlhas suspendiam-se os sonhos vãos. — V. INFERNOS CONCEPÇÃO VERGILIANA.

OLMOS — Tripé da sacerdotisa de Apolo, em Delfos.

OMÓDAMO — Gênio ou demônio temido pelos oleiros.

OMOFAGIAS — Festas que se realizavam nas ilhas de Quios e Tênedos, em honra de Baco, cognominado "Omádio", que significa "Cruel". Nessas festas costumavam sacrificar um homem, que era despedaçado membro por membro. Mais tarde, substituíram o homem por um boi, que era retalhado; comia-se a carne crua: *omos*, "cru", *phagein*, "comer".

ONCO — Filho de Apolo; deu seu nome a uma região da Arcádia.

ONEIRO — Filho de Aquiles e de Deidâmia; Orestes matou-o inopinadamente, após breve disputa, sem razão.

ONÉTOR — Pai do pilôto Frontis.

ÔNFALE — Famosa rainha da Lídia, cuja beleza era tão grande quanto sua depravação. Como preço do sangue, Hércules, para purificar-se, foi obrigado a servir como escravo. — V. HÉRCULES. — Ônfale comprou-o, seduzida pela gigantesca estatura do herói. Conforme outra versão, Hércules, atravessando os estados de Ônfale, viu-a num cortejo, e, aceso de amor por ela, não a quis abandonar. Esqueceu seu valor, suas façanhas e suas tarefas, para com ela entregar-se, ùnicamente, aos misteres do amor. Enquanto Ônfale, coberta com a pele do leão de Neméia, sustinha a maça, Hércules, em trajes feminis, fiava a seus pés, juntamente com as escravas. De quando em quando a rainha batia-lhe com a maça na cabeça, ao de leve, ou com a sandália, a fim de corrigi-lo da falta de jeito com que manejava o fuso e o tear. Hércules ficou junto de Ônfale, segundo alguns, três anos, um só conforme outros. Após sua partida, Ônfale substituiu-o por outros amantes. A fim de ocultar suas desordens e desregramentos, Ônfale assassinava aquêles que participavam do seu amor; foi, finalmente, massacrada por um príncipe lídio.

ONOCENTAURO — Ser fabuloso, metade burro, metade homem. Consideravam-se os Onocentauros como sêres malfajezos ou gênios do mal.

ONQUESTO — Cidade da Beócia.

OPÁLIAS — Festas que os antigos Romanos celebravam no mês de dezembro em honra de Ope, mulher de Saturno.

OPÍGENA — 1) Sobrenome de Juno, que assim era invocada pelas mulheres em trabalho de parto.

2) Sobrenome de Lucina, de Diana e da Lua.

ÓPIS — 1) A mesma que Nêmesis.

2) Deus que prestava socorros.

3) Sobrenome de Diana considerada como padroeira das mulheres em trabalho de parto.

4) Ninfa do cortejo de Diana.

5) Ninfa companheira de Cirene, mãe de Aristeu.

ORA — Mulher de Rômulo. — V. HORA. V. HERSÍLIA.

ORÁCULOS — 1) Pretendida resposta dos deuses às perguntas feitas pelos homens.

2) O lugar onde eram dadas essas respostas.

3) A pessoa encarregada de responder em lugar dos deuses. Surgiram os Oráculos do desejo de conhecer o futuro e de saber qual a vontade dos deuses em determinado negócio, emprêsa, ação ou empreendimento. Além dos oráculos de Delfos, Cumas, Claros, Dídimo e Mileto, de Apolo, havia os de Dodona e de Ámon, de Júpiter; Marte tinha um na Trácia; Mercúrio, em Patras; Vênus, em Pafos; Minerva, em Micenas; Diana, na Cólquida; Pã, na Arcádia; Esculápio, em Epidauro e em Roma; Hércules, em Gades; Trofônio, na Beócia. Além dêsses havia outros de menor importância. Os oráculos proferiam suas respostas de diferentes maneiras; alguns necessitavam, antes, que o consulente jejuasse, sacrificasse, fizesse lustrações e se preparasse por meio de orações a fim de ouvir a vontade do deus ou a resposta às suas interrogações; outras vêzes, o consultante recebia logo a resposta, chegando junto ao oráculo. A ambigüidade era um dos caracteres distintivos dos oráculos, que, assim sempre satisfaziam. — V. SIBILAS. V. PITONISAS ou PÍTIAS. — Os deuses empregavam muitas linguagens para se fazerem entender pelos homens. Em Delfos, vapôres exalavam-se das fendas dos rochedos, perturbando a razão da Pítia; em Patras, consultava-se a água da fonte com a ajuda dum espelho; em Epidauro, observava-se como procediam os objetos jogados na água; a hidromancia, adivinhação por meio das águas, assumia múltiplas formas; em certos templos, considerados entradas para os Infernos, evocavam-se os mortos. Tudo servia para predizer o futuro: as entranhas das vítimas, os augúrios ou vôos dos pássaros, as varinhas, rabdomancia, os astros, os sonhos...

ORBONA — Deusa da Orfandade. Era invocada com o fito de não ficarem as crianças órfãs. Tinha um altar, em Roma, perto do Templo dos Lares.

ÓRCAMO — Rei da Síria e pai de Leucótoe e Clície.

ORCO — Sobrenome de Plutão entre os Romanos. Orco é o deus carcereiro, qué jamais larga sua prêsa. — V. INFERNOS.

ORCÔMENOS — Orcômeno ou Orcômenos.

1) Cidade da Beócia.

2) Cidade da Arcádia.

3) Filho de Júpiter, fundador da cidade de Orcômeno, na Beócia.

4) Filho de Mínias.

5) Filho de Licaão.

ORÉADES — 1) Ninfas das montanhas. — V. NINFAS.

2) Ninfas do cortejo de Diana, que gostavam de caçar sôbre as montanhas.

ORÉSBIOS — Sacerdote beócio e chefe que lutou na guerra de Tróia.

ORESÍTROFO — Nome de um cão de Acteão.

ORESTES — Filho de Agamenão e de Clitemnestra. Era jovem ainda, teria no máximo doze anos, quando seu pai, regressando de Tróia, foi traiçoeiramente assassinado pela rainha e por Egisto, sua mãe e seu primo. Clitemnestra havia vingado, assim, o sacrifício de sua filha Ifigênia. Electra, irmã mais velha de Orestes, temendo a ira de Egisto, mandou o menino, sob os cuidados duma escrava, a seu tio Estrófio, rei da Fócida, que havia desposado a irmã de Agamenão. Lá Orestes conheceu Pílades; a amizade daí decorrente tornou-se célebre. Entretanto, Electra não podia se entender com a mãe. Clitemnestra, altiva, orgulhosa e brutal, excitava na filha sentimentos que nada tinham de filiais. Resolve-se, então, Electra, lembrar ao irmão a morte do pai. Orestes atingira os vinte anos. Bruscamente deixa a Fócida, acompanhado de seu amigo Pílades. Entrou secretamente em Micenas. No túmulo do pai, invoca os Manes e deposita, como oferenda, um pouco do seu cabelo. No momento em que se retirava, viu um grupo de mulheres que, sob a chefia de Electra, avançava lentamente, trazendo os vasos destinados às libações fúnebres. Orestes dissimula-se e espera. Clitemnestra as enviara, na fugaz esperança de afastar os maus presságios que um sonho, na noite anterior, lhe revelara. Electra, vendo o cabelo, reconhece-o como do irmão. Orestes revela-se, então, e os dois irmãos, sôbre a sepultura paterna, tramam o morticínio dos assassinos de Agamenão. Orestes, para mais fàcilmente poder entrar no palácio real, apresenta-se como um jovem fócido, encarregado de comunicar à rainha a morte

de seu jovem filho. Tudo acontece como haviam planejado. Orestes mata Egisto. Depois, enfrenta Clitemnestra, sua mãe. Treme-lhe o braço. Pílades lembra-lhe seu dever e a ordem e as ameaças de Apolo, cujo oráculo consultara. Vencendo a natureza filial, mergulha sua espada no seio da mãe. A seguir, Orestes não tem mais sossêgo: não dorme, não repousa, não goza mais das doces alegrias da vida. Um deus dirigira seu braço no horrendo matricídio, é certo, mas o desgraçado, contìnuamente, vê ao seu lado as Fúrias e o pálido fantasma materno; o sibilar das serpentes furiosas zune-lhe contìnuamente aos ouvidos. Foge, então, como louco, de país para país, sempre perseguido pelas Fúrias. Passa pela cidade de Delfos, procura o oráculo e fica sabendo que seus males, em Atenas, terão fim. Corre para a cidade, seguido de longe pelas Fúrias, que cansadas da perseguição, haviam adormecido na soleira do templo de Delfos. A perseguição torna-se terrível; os monstros lançam gritos selvagens. Orestes chega a Atenas, sobe a colina de Ares (Marte) e abraça a imagem da deusa que se ergue diante do seu templo. As Fúrias reclamam a cabeça do matricida. Minerva, então, intervém. Compõe um tribunal, com os Atenienses funcionando como juízes. Os votos contra e os votos a favor são em número igual; a deusa decide a favor do criminoso e êste é absolvido do seu crime. — V. AREÓPAGO. — V. FÚRIAS. — Contudo, não obstante a absolvição dos deuses e dos homens, Orestes sente, no fundo da sua alma, inquietação que se aproxima da sua antiga loucura. Não tem sossêgo. Reina sôbre o trono de Micenas, mas a angústia e a inquietação o roem sem cessar. A conselho de Pílades, seu dedicado amigo, volta a consultar o oráculo de Delfos. Estranha ordem dá-lhe o oráculo: ir a Táurida buscar a estátua de Diana e trazê-la para Atenas. Êsse será o preço da paz. Os dois amigos se põem a caminho. Chegam às costas da Táurida. Lá, surpreendidos, vêem-se carregados de cadeias e conduzidos à presença da sacerdotisa de Diana que os deve imolar. Ora, essa sacerdotisa é Ifigênia, irmã de Orestes. — V. IFIGÊNIA. V. AGAMENÃO. — Ifigênia, entretanto, que o irmão jamais teria podido reconhecer, logo percebe que se trata de Gregos e começa a interrogá-los. Fica, então, sabendo, que Orestes não morreu. Cheia de alegria, Ifigênia envia uma mensagem ao irmão bem-amado, oferecendo a vida àquele que se dispuser levá-la a seu destino. Inicia-se, então, entre os dois amigos, uma sublime disputa, pois cada um dêles quer morrer pelo outro. Sùbitamente, no decurso da disputa entre êles, Ifigênia reconhece que Orestes, seu irmão, é um daqueles jovens. Espantada do crime que ia cometer, Ifigênia corre ao rei e declara que os dois estrangeiros não podem ser sacrificados à deusa visto tratar-se de dois criminosos, que antes deverão ser purificados. O rei consente. Em a noite seguinte, ambos, em companhia de Ifigênia, fogem de Táurida, levando a imagem da deusa, que depositam em Bráuron, burgo da Ática. Feito isso, em paz com os deuses e com os homens, Orestes retorna a Micenas. Oferece a seu amigo Pílades a mão de sua irmã Electra. O maior desejo de Orestes era desposar sua prima Hermíone, filha de Menelau. Antes de partirem para Tróia, Menelau e Agamenão, os dois irmãos, haviam prometido um ao outro casar seus filhos. Orestes amava Hermíone, que, por desgraça, não correspondia ao afeto do primo. Ora, sob os muros de Tróia, Menelau prometera a Aquiles, pelos serviços que êste lhe prestara, conceder a mão da sua filha Hermíone a Pirro, filho de Aquiles. Os Gregos retornaram de Tróia por mar; Pirro, aconselhado pelo seu escravo Heleno — V. HELENO, — viera por terra. Conquistara o Epiro e proclamara-se rei do país. Na sua côrte vivia grande número de prisioneiros troianos: Andrômaca, viúva de Heitor, Heleno, o jovem filho de Andrômaca, Astíanax... Menelau, em chegando a Esparta, havia logo mandado sua filha Hermíone para Butroto, capital do Epiro, a fim de que a jovem desposasse o filho do herói Aquiles. Mas o casamento, adiado indefinidamente, não se realizava, e a ardente Hermíone percebeu que Pirro estava apaixonado por Andrômaca, sua cativa de guerra, viúva de Heitor. Em vão Menelau instou para que o jovem cumprisse a palavra. Entretanto, os Gregos apercebiam-se com temor que negros dias para êles se avizinhavam: Astíanax, filho de Heitor, bem poderia, mais tarde, querer vingar-se da destruição de Tróia e da morte dos seus. Era um perigo tremendo que dia a dia mais se corporificava. Pirro, com o jovem Astíanax junto dêle, pelo visto, não via o perigo iminente: só via Andrômaca.

Foi então que os chefes organizaram uma deputação a fim de exigir de Pirro a morte de Astíanax; em caso de recusa, tôda a Grécia marcharia contra o Epiro. Orestes reclamou a honra de ser o chefe dessa deputação. Ei-lo em Butroto, não tanto para tratar dos interêsses da Grécia, mas para ver sua adorada Hermíone. Na sua ingenuidade, crendo-se vivamente amado, esperava subtrai-la ao rei Pirro. Em pouco compreendeu que Hermíone amava Pirro perdidamente. Esta, por sua vez, não tardou em verificar quão fraco era Orestes, e pensou logo em usá-lo para levar a têrmo seus planos. Pirro respondera com desprêzo ao ultimatum da Grécia: jamais mataria Astíanax. Com essa atitude esperava vencer o coração da pobre viúva inconsolável, tenaz em conservar no seu coração a lembrança do valoroso Heitor. Por fim, Pirro ameaça Andrômaca de tirar-lhe o filho se não consentir em ser sua espôsa. Hermíone, sabedora disso, cheia de ira e despeito, recorre a Orestes; promete desposá-lo se matar Pirro. Espantado com tal exigência, Orestes quer procrastinar; Hermíone é inflexível. E o jovem, temeroso, mata o rei. Mas não recebe o preço do sangue: Hermíone, uma vez consumado o crime, louca de dor e desespêro, esmaga Orestes com suas imprecações e maldições. Ao cabo, suicida-se. Orestes, pela segunda vez, é prêsa da loucura. E louco permanece até a morte. Conforme outra versão, regressando da Táurida, soube que Pirro se achava em Delfos. Com êle Hermíone, que fôra arrebatada pelo impetuoso filho de Aquiles. Orestes e Pílades para lá se dirigem, amotinam os Délficos e fazem com que Pirro seja massacrado. Casa-se com Hermíone, une os reinos de Esparta e Micenas e morre com a idade de noventa anos, picado por uma serpente, no calcanhar.

OREUS — Sobrenome de Baco, derivado do culto que lhe prestavam sôbre as montanhas.

ORFEU — Teólogo, poeta, músico, grande civilizador de povos, são os principais títulos de Orfeu, filho, segundo uns, de Apolo e de Clio, de Éagro e de Calíope, segundo outros. Foi discípulo de Lino. Participou da expedição dos Argonautas e inventou a cítara de nove cordas. Tocava lira com tanta perfeição que os animais ferozes e os pássaros se agrupavam ao seu redor; aos seus acordes melodiosos, atraía as árvores e os rochedos, suspendia o curso dos rios e fazia os ventos suspirarem. Dizem que era rei da Trácia. Casara-se com Eurídice, a bela Hamadríade, que o amava ternamente. Ora, não longe da Trácia, no vale do Tempe, onde o Peneu corre lentamente suas águas para o mar, entre o Olimpo e o Ossa, vivia um pastor, Aristeu, filho de Apolo e da Ninfa Cirene. Aristeu

ORFEU ENTRE OS TRÁCIOS
(*Pintura de uma cratera*)

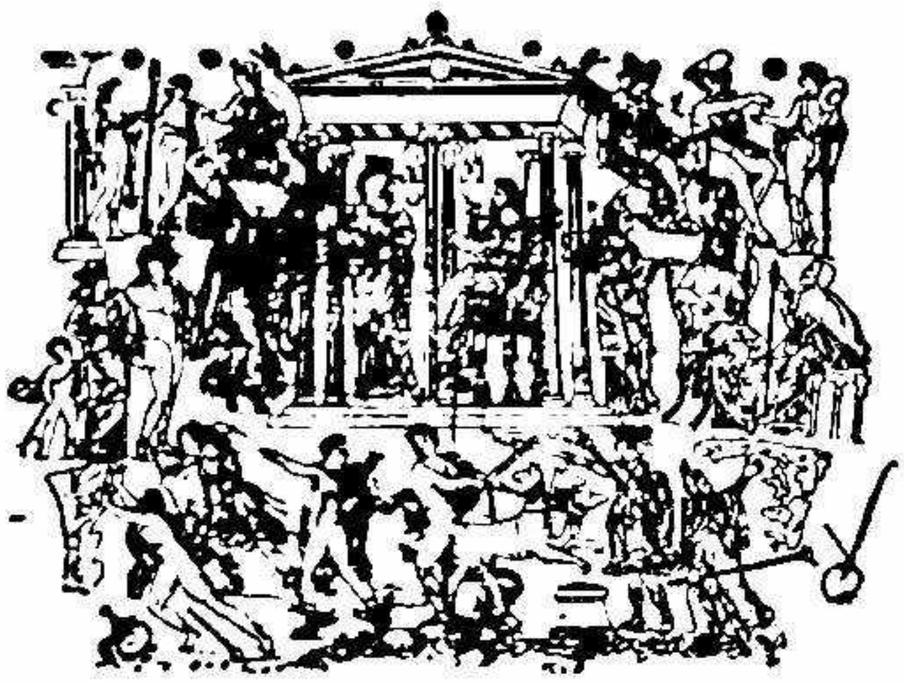
amava Eurídice. Certa feita, o jovem pastor encontra a formosa Hamadríade, solitária e meditativa, passeando às bordas do Peneu. Ardendo em desejos, o jovem dirige-se em direitura de Eurídice; esta, espantada, corre. Aristeu persegue-a. De repente, um grito agudo; Eurídice detém sua carreira, vacila e cai. Uma víbora venenosíssima a havia picado no calcanhar. Quando Aristeu procura soerguê-la, a infeliz já era cadáver. A dor de Orfeu foi imensa. Fugiu de todo convívio humano, a fim de, na solidão,

A MORTE DE ORFEU
(*Pintura de um vaso ático*)

melhor poder externar a sua dor e a sua saudade sem fim. Finalmente o vate resolveu arrancá-la à morte, já que, sem ela, não conseguia viver. Atravessou a Grécia, chegou à ponta extrema da Lacônia e enfiou-se na garganta hiante do cabo Ténaro. Aos acentos da sua lira, o Cérbero

ASBAC - SP
BIBLIOTECA

emudeceu suas três goelas espantosamente abertas; as sombras impalpáveis acorreram em tropel; as Fúrias vingativas suspenderam as serpentes com que atormentavam os criminosos; Plutão, o deus temível e insensível, encheu-se de piedade, e, espetáculo inaudito! — tôda a côrte infernal deixou-se comover. Prosérpina, porém, estabeleceu uma condição: Orfeu precederia a marcha em direção à luz e não poderia voltar a cabeça para olhar Eurídice que



ORFEU E AS DIVINDADES INFERNAIS
(*Ânfora de Munich*)

o seguiria. O espôso inicia, então, o retôrno para a clara pátria dos vivos; a sombra silenciosa da formosa Eurídice o acompanha. E já as trevas começavam a se dissipar, quando Orfeu, esquecido da condição funesta, volta-se para trás. O relâmpago fulgura, o trovão abala o reino das sombras, e o infeliz Orfeu, para sempre, perde a sua querida Eurídice. Orfeu retirou-se para a Trácia. Sòzinho, errava pelas planícies desoladas, subia os cumes gélidos dos altos montes; embrenhava-se na floresta espêssa, extravasando sua dor imensa com acentos jamais ouvidos na terra. Em vão as mulheres cicônias ofereceram seu amor ao amante solitário; debalde as mais formosas virgens vieram oferecer-lhe as primícias do seu amor. Insensível a tudo, Orfeu só pensava em Eurídice. Finalmente, como desdenhasse a tôdas e a ninguém quisesse para amante, as mulheres, um dia lançaram-se sôbre êle e em pouco o fizeram em pedaços. Dispersaram seus membros pela campina; a cabeça, jogaram-na no Ebro; mas a língua rígida, a cabeça sem vida ainda pôde repetir o nome adorado: Eurídice. Assim terminou Orfeu. A cabeça do vate, levada pelas ondas, deteve-se na margem do profundo gôlfo da ilha de Lesbos. Recolheram-na piedosamente e ela logo começou a proferir oráculos. As Musas, que durante tôda sua vida Orfeu venerara com fiel e sincero culto, reuniram seus despojos dispersos e deram sepultura ao pé do monte Olimpo. Quanto à sua divina lira, transportada para os céus, aí tornou-se uma constelação. A morte de Eurídice logo seria vingada pelas Ninfas, suas companheiras. — V. ARISTEU. — Representam Orfeu empunhando a lira, cercado de animais ferozes vencidos pela harmonia sublime dos seus acordes. — V. CICÕES.

ORFISMO — O Orfismo é, a um tempo, filosofia e religião. Complexas e obscuras são as origens dêsse movimento de idéias, onde parece se combinarem influências diversas, da Trácia, de Creta e do Egito. No século VI antes de Cristo, o Orfismo já estava espalhado por tôda a Grécia. Os Licômidas, família ateniense, sabiam de cor hinos atribuídos ao vate, e os cantavam na celebração dos mistérios. Havia uma imensa literatura que corria o mundo sob o nome de Orfeu; o principal autor dessas obras era Onomácrito. Os mistérios órficos sempre gozaram de singular simpatia. Pouco sabemos dêsses mistérios, pela razão muito simples que, sendo todos secretos, nada ou quase nada dêles transpirava. Conhecemos bem um aspecto da doutrina órfica, o mito de Dioniso Zagreu. Nascido de Zeus, tendo Perséfone como mãe, Zagreu veio a dominar o mundo, ainda muito jovem. Hera, invejosa, excitou contra êle os Titãs. O jovem deus, por uma série de metamorfoses, consegue escapar aos seus inimigos. Um dia, porém, sob a forma de touro, é apanhado por Hera e seus sequazes. Fazem-no em pedaços, dilaceram-no e por fim devoram-no. Palas consegue arrebatar o coração palpitante do touro; dêsse coração renasce o nôvo Dioniso. Zeus vinga-se dos Titãs fulminando-os. Das cinzas nasce o gênero humano, complexo das cinzas titânicas, o mal, e do sangue de Zagreu, o bem. Por isso é o homem um misto de bem e mal. O homem, então, deve libertar-se do princípio mau e fazer prevalecer o princípio bom, ou o elemento divino. Isso é conseguido mediante uma série de purificações, repetidas durante muitas existências consecutivas, até ouvir da bôca de Perséfone a palavra salvadora: "Bem-aventurado e afortunado: serás deus e não mortal". Nessa teologia enxertaram um culto e mistérios, que se realizavam à noite, em confrarias cerradas ou tíasos.

Como acontecia com os templos dedicados a Orfeu, as mulheres nêles não tinham entrada. Os elementos essenciais do culto eram as purificações, que se faziam com água, com sangue e com leite, por imersão. Havia sacrifícios não sangrentos, libações e a representação do mito de Dioniso Zagreu. Famoso era o rito da omofagia, pelo qual os iniciados esquartejavam um touro vivo e comiam-lhe a carne crua. Aos iniciados, eram ensinadas fórmulas sagradas, que lhes permitiam fazer a viagem aos Infernos em perfeita segurança. Essas fórmulas apresentam notáveis semelhanças com o Livro dos Mortos dos antigos Egípcios.

ORFNE — Mãe de Ascálafo.

ORGIAS — Em sentido restrito eram os mistérios de Baco, celebrados pelas Bacantes; em sentido lato, quaisquer mistérios ou cerimônias religiosas. O carácter distintivo das Orgias era o furor com que as celebravam. Muitos confundem as Orgias com as Bacanais. São, no entanto, coisas diversas. As Orgias, em geral, realizavam-se em ambientes fechados, com a presença dos Orgiofantes, sacerdotes-sacrificadores, Orgiastas, sacerdotisas que presidiam às Orgias, e os Orgeanes, sacerdotes que ajudavam a celebrar os ritos. — V. BACANAIS.

ORIÃO — 1) Deus da guerra entre os Partas.

2) Gigante ao qual Enopião furou os olhos, por ter querido seduzir-lhe a filha.

3) Filho de Hirieu. Tornou-se célebre por seu amor à Astronomia e pelo seu gôsto à caça. Diana, a quem êle ousara desafiar a fim de verificar quem apanharia maior número de animais ferozes, suscitou da terra um escorpião cuja picada o matou. A deusa não tardou em se afligir por ter causado a morte do belo Orião. Maguada, dirigiu-se a Júpiter e conseguiu que o formoso jovem fôsse colocado no céu, onde forma a constelação mais brilhante. Orião teve duas filhas, Menipa e Metioca, que, em tempo de tempestade, voluntàriamente se votaram à morte para fazer cessar o flagelo. — V. HIRIEU. — Segundo outra versão, Orião era filho de Netuno, que lhe dera a faculdade de caminhar sôbre as águas.

ORÍBASO — Nome de um cão de Actelo.

ORILÓQUIA — Nome que Diana deu a Ifigênia, quando a tornou imortal.

ÓRIO — Nome de um Lápita.

ÓRION — V. ORIÃO.

ORÍTIA — Filha de Erecteu, raptada por Bóreas, que a levou para a Trácia. A jovem divertia-se às margens do Ilisso, quando Bóreas a carregou. Teve dois filhos, Cálais e Zete.

ORMÊNIO — Cidade da Tessália.

ORMÊNIS — Astidâmia, filha de Ormeno.

ORMENO — 1) Filho de Cércafo e pai de Amintor. Fundou a cidade de Ormênio.

2) Troiano morto por Teucro.

3) Pai de Ctésio e antepassado de Eumeu.

ORNÉATE — Sobrenome de Priapo, tomado de Órnea, cidade da Argólida, onde era particularmente venerado.

ORNEUS — 1) Sobrenome de Priapo.

2) Lápita.

3) Centauro.

ORODES — Companheiro de Enéias, morto por Mezêncio; antes de morrer profetizou que Mezêncio seria morto pelo herói troiano.

ORONTES — 1) Rio da Síria, assim chamado do nome de um Gigante imenso, cujo esqueleto foi encontrado no seu leito.

2) Capitão lício. Acompanhou Enéias na sua viagem para a Itália e morreu num naufrágio.

OROPO — 1) Neto de Licaão. Deu seu nome a uma cidade da Beócia.

2) Filho de Idomeneu. Foi morto à traição por Ulisses.

3) Companheiro de Enéias, morto por Camila.

ORSÍLOQUE — 1) Filho de Alfeu e pai de Díocles.

2) Filho de Idomeu. Foi morto à traição por Ulisses.

3) Companheiro de Enéias, morto por Camila.

ORTANO — Divindade à qual os Atenienses rendiam o mesmo culto que a Priapo.

ORTÉSIA — 1) Sobrenome de Diana, tomado do monte Ortésio, onde tinha famoso templo. Os Trácios lhe davam, também, êsse nome.

2) Uma das Horas.

ORTÍGIA — 1) Outro nome da ilha de Delos.

2) Ilha diante de Siracusa.

3) Floresta perto de Éfeso.

ORTO — Cão. Era irmão do famoso Cérbero. Guardava as tropas de Gerião e foi morto por Hércules. — V. HÉRCULES.

OSCILA — 1) Figuras de cêra, que Hércules ofereceu, na Itália, aos deuses, em lugar de vítimas humanas.

2) Festas em honra de Baco, nas quais

os participantes faziam uso de balanços. Dava-se, também, o nome de *Oscila* aos balanços que se suspendiam nas árvores, para satisfazer os deuses Manes, quando a pessoa era suicida e não podia ter as honras da sepultura. Em Roma, os que se enforcavam não podiam merecer as honras da sepultura, conforme determinava o *Livro dos Pontífices*. A partir de Tarquínio êsse gênero de suicídio foi considerado infamante. No fim da República, porém, foi concedida sepultura aos enforcados.

OSCOFORIAS — Festa entre os Gregos antigos. Os participantes, em Atenas, conduziam sarmentos com racimos de uvas.

OSÍRIS — Divindade egípcia. Espôso de Ísis, que é confundida com Io. — V. Io.

OSSA — Serra da Tessália, separada do Olimpo pelo vale Tempe e atravessada pelo rio Peneu. Nesse monte habitavam os Centauros.

OSSÍLAGO — Deusa que os Romanos invocavam contra as fraturas e os entorses.

OSSÍPAGA — Deusa dos Romanos que velava para que as crianças tivessem ossos bem calcificados.

OTO — Famoso Gigante, irmão de Efialto. — V. Aloídas. — Na *Odisséia* Homero faz referência a êsse monstruoso Gigante:

"...Vi, depois, Ifimedia, espôsa de Aloeu, a qual dizia que tivera de Poseidon (Netuno) dois filhos, que tiveram curta vida: o divino Oto e o celebérrimo Efialto, os maiores homens que nutrira a terra fértil, e os mais belos depois do ilustre Órion, pois aos nove anos já tinham nove côvados de largura e nove braças de alto. Ameaçaram os imortais e diziam que tomariam o Olimpo por meio de uma furiosa guerra. Tentaram pôr o Ossa sôbre o Olimpo e sôbre o Ossa o selvático Pélio, para que o céu lhes fôsse acessível... mas o filho de Zeus fê-los perecer a ambos antes que a barba despontasse..."

OTRERA — Amazona, filha de Marte e mãe de Hipólita.

OTREU — Irmão de Hécuba.

OTRÍANO — Filho de Ótris.

ÓTRIS — 1) Velho guerreiro troiano.

2) Serra da Tessália meridional, onde moravam os Lápitas.

OURANOS — V. Urano.

OXILO — 1) Pai das Hamadríades.

2) Filho de Marte e de Protogenéia.

3) Etólio que guiou os Heraclidas, quando da sua invasão no Peloponeso. Obteve a Élida em partilha e celebrizou-se pela sabedoria e eqüidade do seu govêrno.

P

PÃ — Deus nacional da montanhosa e selvática Arcádia, deus dos pastôres, dos rebanhos e das florestas, foi Pã, mais tarde, adotado pela Ática. Pã aparece num hino homérico como filho de Mercúrio e da Ninfa Dríope. O pai envolveu-o numa pele de lebre e apresentou-o aos deuses, que lhe puseram o nome de Pã, porque havia divertido a todos, conforme a forma grega *pãn*, "tudo". Conforme outra versão, era filho de Júpiter e de Tímbris. Na sua origem, Pã era um deus cabeludo e barbaças, com pés e cornos de bode. Selvagem, barulhento e libertino, seu maior prazer era estar no meio das formosas Ninfas. Os filósofos e, principalmente, os poetas, a pouco e pouco dêle fizeram uma das grandes divindades da Natureza, acabando, finalmente, por identificá-lo com o *Grande Todo*. Sua residência habitual era as alturas da Arcádia, onde o honravam sobremaneira e onde o deus proferia célebres oráculos. Consideravam-no, também, o deus dos caçadores. Dançarino, músico, inventor da flauta de sete tubos, caçador e soldado, conhecia a arte de curar e a ciência do futuro. Platão, ao nascer, foi exposto por seus pais no cimo do Himeto, para ser consagrado a Pã, às Ninfas e a Apolo. Era crença vulgar que o trêfego deus, dos que penetrassem muito por uma floresta a dentro, se avizinhava sorrateiramente, dando, de súbito, um berro formidável, que *os* deixava gelados de terror ("susto pânico"). Sua voz era dissonante. Fazia parte do cortejo de Baco. Representavam-no com chifres, nariz chato, rosto inflamado, pés de bode e com o estômago coberto de estrêlas, tocando a flauta de sete túbos. Ofereciam-lhe em sacrifício mel e leite de cabras. Uma célebre tradição, mencionada por Plutarco, refere que, um dia, sob o reinado de Tibério, o navio do Pilôto Tamo, vogando ao largo das ilhas do mar Egeu, prosseguia calmamente sua rota. De repente elevou-se formidável voz chamando a Tamo por três vêzes. À terceira chamada Tamo respondeu, e a voz misteriosa ordenou-lhe, quando tivesse aportado a tal lugar, de gritar com tôda a fôrça: "O grande Pã morreu". Tamo, em chegando ao referido local, gritou a plenos pulmões: "O grande Pã morreu." Ouviram-se, então, de tôdas as partes, lamentos e gemidos. E não sòmente Tamo, mas tôda a equipagem que compunha a tripulação do navio certificaram a veracidade de tal fato. Roma inteira perturbou-se com a narração dessa extraordinária aventura. — V. SIRINGE.

PACÁLIAS — Festas que se celebravam em Roma, em honra da paz.

PACTÓLIDAS — Ninfas do rio Pactolo.

PACTOLO — Rio da Frígia, cuja areia era de ouro. — V. MIDAS. — É o atual Sarabat.

PACULA MINIA — Sacerdotisa de Baco.

PAFO — Filho do escultor Pigmalião. Deu seu nome a Pafos.

PAFOS — Nome de duas cidades a oeste da ilha de Chipre; a primeira, célebre pelo seu magnífico templo e pelo culto de Vênus, que aí era particularmente adorada; a se-

gunda, denominada "Nova Pafos", nunca chegou a atingir a importância da primeira. Pafos era, com Amatonte, Afrodísio e Idália, uma das cidades da ilha de Chipre, onde o culto de Vênus mais se desenvolvera. Os templos da deusa, nessas cidades, eram grandiosos e magníficos. A cidade de Pafos antiga, fundada antes da guerra de Tróia pelo tírio Cíniras, logo ficou famosa pelo culto de Astarte que êle aí introduziu; a nova, fundada pelo grego Agapenor, recebeu o culto de Afrodite; o culto das duas deusas logo se confundiu. A primeira, hoje, é um montão de ruínas, perto da aldeia de Kouklia; a segunda, uma aldeia, Baffa.

PÁGASA — Cidade marítima da Tessália, onde se construiu o navio dos Argonautas, o Argo.

PALA — Amazonas morta por Hércules.

PALÁDIO — Estátua de Minerva ou Palas, que Júpiter fêz cair do céu perto da tenda de Ilo, quando êste construía a cidadela de Ílio ou Ilião. Acreditava-se que a existência de Tróia dependia do Paládio. Por esta razão, os Gregos encarregaram Ulisses e Diomedes de raptá-lo. Os dois, passando por um subterrâneo, conseguiram apoderar-se do simulacro; segundo outras tradições, Ulisses e Diómedes apanharam um falso Paládio, feito em tudo igual ao original, a fim de enganar os que dêle quisessem se apoderar. O Paládio verdadeiro foi conduzido para a Itália por Enéias. Os Romanos logo mandaram construir vários outros, que foram depositados no templo de Vesta; o original, esconderam-no em lugar secreto, só conhecido das Vestais. Os Atenienses, que também tinham o seu Paládio, pretendiam que êsse fôsse o original caído do céu no templo de Ilo, sendo todos os demais meras cópias sem importância.

PALAISTÉS — "Lutador", nome dado a Júpiter, porque Hércules, tendo se apresentado ao combate de luta, ninguém com êle ousou medir-se; o deus, então, aceitou o desafio, e deixou-se vencer, a fim de assim aumentar a glória de Hércules, seu filho.

PALAMEDES — Filho de Náuplio e de Clímene. Seu pai era rei da Eubéia. Encarregaram-no os Gregos de conduzir Ulisses ao cêrco de Tróia; o filho de Laertes, para escapar a essa obrigação, fingiu-se de louco. De feito, com os bois atrás do arado, semeava sal num campo cheio de ervas e pedras. Palamedes, então, tomou o pequenino Telêmaco, recém-nascido, e colocou-o num dos sulcos por onde o arado deveria passar. Ulisses, prudentemente, afastou o arado a fim de não ferir o filho; com êsse ato, provou que estava em pleno gôzo das suas faculdades mentais. Foi, pois, obrigado a renunciar a sua pretendida loucura e marchar para Tróia junto com os outros príncipes gregos, conforme havia jurado quando foi do casamento de Menelau com Helena. — V. MENELAU. — Ulisses, porém, indignado por ter encontrado outro ainda mais esperto que êle, considerado o mais manhoso dos mortais, jurou vingar-se de Palamedes. Corrompeu um dos escravos dêste e convenceu-o a esconder considerável soma na tenda do seu senhor. A seguir, falsificou uma carta de Príamo, em que êste agradecia ao filho de Náuplio todos os serviços que havia prestado aos Troianos, e avisava-o da soma que lhe seria enviada. Palamedes, forçado a comparecer diante dos príncipes gregos, protestou sua inocência; mas a importância encontrada na sua tenda, corroborando os dizeres da carta, convenceu a todos da sua culpabilidade.Condenaram-no a morte; foi lapidado e morreu jurando inocência. Depois da sua morte, honraram-no como deus. Atribui-se-lhe a invenção dos jogos de xadrez e dados, assim como dos pesos e das medidas. — V. ULISSES.

PALANTE — 1) Pai de Minerva, certa môça romana; foi morto pela filha.

2) Filho e antepassado de Pandião.

3) Filho e ancestral de Evandro.

PALANTEU — 1) Cidade da Arcádia, no Peloponeso, fundada por Palante, filho de Licaonte, e pátria do rei Evandro.

2) Cidade da Itália, no Lácio, fundada por Evandro; ficava junto ao monte Palatino e foi englobada na Roma de Rômulo.

PALANTIDES — Filhos de Palas, irmão de Egeu. Êsses príncipes, em número de cinqüenta, quiseram arrebatar a Teseu o reino de Atenas, e foram todos mortos pelo herói.

PALAS — 1) Gigante, filho do Tártaro e da Terra. Foi vencido e morto por Minerva, que se revestiu da sua pele; daí seu nome de Palas Atena.

2) Filho de Pandião e irmão de Egeu; foi o pai dos Palântides.

PALAS ATENA — Nome grego de Minerva. — V. MINERVA.

PALATINO — 1) Monte de Roma, sito ao sul do fórum romano. Achava-se aí a residência dos Césares, num magnífico palácio, que tomou êste nome por causa do *Palatino* (em latim *Palatium*).

2) Sobrenome de Apolo, tomado do monte Palatino, sôbre o qual Augusto mandara construir um templo magnificente ao deus.

PALATO — Uma das mulheres de Latino; deu seu nome ao monte Palatino.

PALEMÃO — 1) Filho de Atamante e de Ino, mudado em deus marinho.

2) Argonauta.

3) Filho de Hércules.

PALENEU — Gigante morto por Minerva, na Ática.

PALÊNIS — Sobrenome de Minerva, tomado de uma cidade da Ática, onde a deusa tinha um templo.

PALENO — 1) Filha de Síton. — V. SÍTON.

2) Península do Quersoneso da Macedônia, onde Enéias se deteve algum tempo. Construiu um templo a Vênus e uma cidade, na qual deixou os companheiros que já se achavam cansados da viagem.

3) Região setentrional da Grécia, onde um pântano, chamado Tritão, dava, àqueles que se banhavam nove vêzes nas suas águas, a plumagem de pássaro e a faculdade de voar.

PALENSES — Habitantes de Pale, cidade da ilha Cefalênia.

PALES — Divindade protetora dos redis, dos pastôres e das pastagens.

PALESTINAS — Nome das Fúrias, tomado de Paleste, cidade do Epiro, onde elas eram adoradas.

PALESTINO — Rei da Trácia, filho de Netuno. Precipitou-se no Canoso, de desespêro por ter perdido seu filho Aliácmon; deu seu nome ao rio, que, mais tarde, passou a chamar-se Estrimão.

PALESTRA — Filha de Mercúrio. Atribui-se-lhe a invenção da luta. Alguns a fazem filha de Hércules e sobremodo a honram afirmando que ela estabeleceu que as mulheres candidatas a prêmios nas corridas e nos jogos, deveriam apresentar-se com a decência devida ao seu sexo. Do verbo grego *palaíoo*, "lutar".

PALICOS — Irmãos gêmeos, filhos de Júpiter e de Talia, adorados na Sicília. Conforme outros, eram filhos de Júpiter e de Etna. Querendo escapar à ira de Juno, Etna, amante de Júpiter, pediu-lhe que a escondesse nas entranhas da terra. Logo que chegou o têrmo, abriu-se a terra para deixar passar os gêmeos. O culto dos Palicos era extremamente popular e difundido na Sicília; êles aí tinham um magnífico templo, perto do qual existia pequeno lago de águas borbulhantes e sulfurosas, considerado por todos como o local por onde os Palicos vieram a êste mundo. Êsse lago, dividido em duas bacias, era temível aos perjuros. Se o juramento prestado nas suas margens fôsse falso, o indivíduo, imediatamente, caía na água e afogava-se irremissìvelmente. Na origem, imolavam-se aos irmãos Palicos hóstias humanas; o costume foi abolido e faziam-se, apenas, oferendas de frutos. Seu templo servia de asilo aos escravos fugitivos. Hodiernamente, o lago consta de uma só bacia ou cratera, cheia de gás carbônico no verão, e, na época das chuvas, de uma água gasosa e irrespirável. Os pequenos animais aí morrem, os pássaros o evitam.

PALÍLIAS — Festas em honra da deusa Pales, anuais. Os pastôres do Lácio, após haver purificado os rebanhos, conduziam-nos em tôrno do altar da deusa, implorando-lhe que fizesse multiplicar as crias, que os livrasse de doenças e dos lôbos. A seguir, ofereciam leite, vinho fervido e painço. À tarde, queimavam palha e feno e saltavam por cima.

PALINURO — 1) Pilôto do navio de Enéias. Caiu ao mar enquanto dormia; ficou à mercê das ondas durante três dias e no quarto foi lançado sôbre a costas da Itália, onde ficou insepulto. Algum tempo depois, Enéias, quando desceu aos Infernos, encontrou Palinuro entre as sombras que Caronte afastava da sua barca, porque não tinham recebido as honras dos funerais e da sepultura. Retornando à terra, Enéias apressou-se a erguer ao fiel pilôto um túmulo, no cabo, que depois, passou a ter seu nome.

2) Cabo na Lucânia, onde Palinuro foi sepultado.

PANACÉIA — Deusa, filha de Esculápio e de Epione. Presidia à cura de tôdas as enfermidades. Há, também, uma planta mitológica com o nome de *panacéia*, do grego, que significa "cura tudo". Tinha essa planta odor acre e forte. Referem algumas lendas que o uso da panacéia foi descoberto por Hércules, que, depois, ensinou-o aos Tessálios, a fim de que se premunissem

contra os envenenamentos; outros atribuem o uso da panacéia ao Centauro Quirão ou ao próprio Esculápio.

PANÁRIO — Sobrenome sob o qual os Romanos ergueram a Júpiter uma estátua no fórum, em memória do pão que os soldados, fechados, no Capitólio, lançaram aos Gauleses, a fim de provar que não tinham escacez de víveres.

PANATENÉIAS — Festas que os Atenienses celebravam anualmente, com grande pompa, em honra de Minerva. Davam-lhes, também, o nome de *Atenéias*. As "Grandes Panatenéias" realizavam-se de quatro em quatro anos. Significavam a união dos povos da Ática.

PANCAIA — Ilha fabulosa fronteira à Arábia Feliz, com clima ameno e produtos de grande fama.

PANCARPO — Nome que se dava, em Atenas, a um sacrifício no qual se ofereciam todos os frutos. Do grego, *pás*, "Todo", e *Karpós*, "Fruto".

PANDA — Deusa romana que se invocava antes das viagens, principalmente quando estas eram difíceis ou os lugares de difícil acesso. Alguns crêem que Panda é a mesma Ceres.

PANDAREU — Pai de Aédon e Quelidônia.

PÂNDARO — 1) Filho de Mérope. Ajudou Tântalo nos seus roubos e freqüentemente jurou falso pelo companheiro. Júpiter metamorfoseou-o em pedra. Tinha duas filhas, Camiro e Clície, formosas donzelas. Vênus, com dó de vê-las órfãs, tomou a si o encargo de educá-las até que estivessem em condições de obter um bom casamento. As Harpias, porém, na ausência da deusa, arrebataram-nas e entregaram-nas às Fúrias. Alguns acreditam que fôssem três, Aédon, Cleotere e Mérope.

2) Filho de Licaão e um dos mais distinguidos guerreiros no cêrco de Tróia. À instigação pérfida de Minerva, violou as tréguas estabelecidas entre Gregos e Troianos, feriu Menelau e Diomedes e foi morto por êste último.

3) Filho de Alcanor e Hiera; irmão de Bítias. De estatura gigantesca, seguiu Enéias até a Itália e foi morto por Turno.

PANDÉIA — 1) Filha de Saturno e da Lua, dotada de rara beleza.

2) Filha de Hércules.

PANDIÃO — 1) Um dos filhos de Egito.

2) Rei de Atenas, filho de Erictônio e pai de Procne e Filomela, de Butes e Erecteu. Os maus tratamentos causados por Tereu a sua filha causaram-lhe tamanha dor que veio a falecer. — V. FILOMELA.

3) Rei de Atenas, filho de Cécrope. Casou-se com a filha de Pilas, rei de Mégara, e teve os seguintes filhos: Egeu, Palas, Niso e Lico.

NASCIMENTO DE PANDORA

PANDORA — Nome da primeira mulher. — V. PROMETEU.

PANDORO — Filho de Erecteu e irmão de Cécrope. Governou a Eubéia.

PANDROSA — A terceira das filhas de Cécopre. Minerva confiou-lhe, um dia, a ela e às suas irmãs, um precioso depósito. Pândrosa foi a única que permaneceu fiel à deusa. Em recompensa da sua piedade, os Atenienses ergueram-lhe, depois da sua morte, um templo ao lado do de Minerva, e instituíram festas em sua honra.

PANDROSIAS — Festas atenienses em honra de Pândrosa.

PÂNDROSO — Deus da searas, encarregado de enviar as chuvas da primavera.

PÂNFAGO — "O come tudo", nome de um cão.

PANFILA — Filha de Apolo, a quem se atribui a invenção da arte de bordar em sêda.

PANISCOS — Pequenos Pãs, deuses campestres; acreditava-se que não eram maiores que os Pigmeus. Correspondem aos *Faunos* romanos, conforme alguns; identificam-se com Silvano, segundo outros.

PANOMFEUS — "Aquêle que é invocado em tôda a parte", epíteto de Júpiter.

PÂNOPE — 1) Nereida que os Romanos invocavam nas tempestades.

2) Filha de Teseu. Casou-se com Hércules, com o qual teve uma filha que tomou o nome da mãe.

3) Cidade da Fócida.

PANOPÉIA — Nereida. A mesma que Pânope.

PANOPEU — 1) Pai de Egle, que Teseu desposou.

2) Filho de Foco. Acompanhou Anfitrião na guerra que êste fêz, e participou da caçada ao javali de Calidão.

PANTALEONTE — Nobre etólio, amigo do rei Eumenes.

PANTEÃO — Templo de Roma, situado no campo de Marte, em honra de todos os deuses. Os mais célebres Panteões eram os de Atenas e de Roma.

PANTO — Filho de Otreu e pai de Euforbo.

PÁRALO — Herói ateniense a quem atribuem a invenção do uso das galeras de três ordens de remos, trirreme. O seu nome ficou ligado a uma das duas galeras sagradas de Atenas, a *Parália*, destinada ao serviço do Estado, e usada, principalmente, para transportar as comitivas religiosas a Delos. Dá-se, igualmente, o nome de Páralo ao navio sôvre o qual Teseu, vencedor do Minotauro, reconduziu para a pátria os jovens e as virgens que tinham sido destinados a servir de pasto ao monstro. — V. TESEU.

PARCAS (AS) — Não longe da habitação das Horas, no esplendente Olimpo, residiam as três Parcas, filhas do Érebo e da Noite, ou, como querem outros mitólogos, de Júpiter e de Têmis, vigiando incansàvelmente a harmonia do mundo e decidindo da sorte dos mortais. Alguns as fazem filhas da Necessidade e do Destino. Já para os antigos a origem das Parcas era misteriosa e obscura. Elas são, antes de tudo, a divindade do Destino. Têm as Parcas a mesma idade da Noite, da Terra e do Céu. Cloto, Láquesis e Átropos são os seus nomes. Dos páramos olímpicos observam não só o destino dos mortais, mas também o movimento das esferas celestes e a harmonia do Universo. No seu palácio, os destinos dos homens estão gravados sôbre ferro e bronze, de sorte que nada os pode apagar. Imutáveis nos seus desígnios, as três irmãs continuamente fiam o fio misterioso da Vida, e coisa alguma será capaz de comovê-las ou fazer com que mudem o curso imutável do Fado. Cloto, nome que significa "faço andar à roda", do verbo grego *kloothoo*, parece ser a menos velha das três. É ela que sustenta e faz girar o fio dos destinos humanos. Representam-na vestida com longos trajes de diversas côres, trazendo à cabeça uma coroa de sete estrêlas, com uma roca de fiar que desce do Céu à terra. Sua côr é o azul-claro. Láquesis deriva seu nome do vocábulo *lannchanoo*, "tiro a sorte", e é a Parca que põe o fio no fuso. Suas vestes são semeadas de estrêlas. Anda cercada de fusos e a sua côr é a rosa. Átropos, do verbo *troopoo*, "viro" ou "volto", mais o alfa privativo, o que significa, então, "a que não pode ser abrandada", ou "a imutável", corta impiedosamente o fio que mede a duração da vida de cada mortal. É representada como sendo a mais idosa das três, com roupas negras e funéreas. Os Romanos confundiam as Parcas gregas, as *Moirai*, com as romanas, *Parca*, *Nona*, *Décuma* ou *Décima*. O nome Parca tem sua origem ligada ao particípio do verbo latino *parere*, "dar à luz", donde *Partae*, já que as três divindades, aos que nasciam, no momento do parto, davam o bem ou o mal. Às Parcas costumavam imolar ovelhas negras, como às Fúrias.

PARENTÁLIAS — Festas fúnebres, anuais, em memória dos mortos da família. Os Romanos celebravam-nas no mês de janeiro. Os parentes e os amigos dos mortos reuniam-se nessas ocasiões para oferecer sacrifícios e fazer festins, nos quais só se serviam legumes.

PARÍLIAS — Festas que as matronas romanas celebravam durante a gravidez, a fim de obterem dos deuses um parto rápido e feliz.

PÁRIO — Filho de Jasão. Fundou Pário, na Ásia Menor.

PÁRIS — Páris ou Alexandre, filho de Príamo e de Hécuba, era o segundo filho do rei de Tróia. Alguns dias antes do seu nascimento, Hécuba teve um sonho estranho e singular: sonhou que dera à luz um facho que incendiou a cidade de Tróia. Príamo foi consultar os adivinhos e por êles ficou sabendo que Páris, o nascituro, causaria, um dia, a desgraça da pátria. A fim de obviar êsse mal, Príamo deu ordem a um dos seus pastôres, de matar o menino tão logo nascesse. Hécuba, que bem conhecia o carácter do marido, de antemão arranjou um cadáver que apresentou ao real espôso como sendo o do filho. A seguir, procurou o pastor que o rei encarregara de matar o menino, Agelau, comprou-o a pêso de ouro e entregou-lhe Páris, para que dêle cuidasse. Agelau, simplesmente, depôs o menino sôbre um rochedo, nas alturas do monte Ida. No dia seguinte,

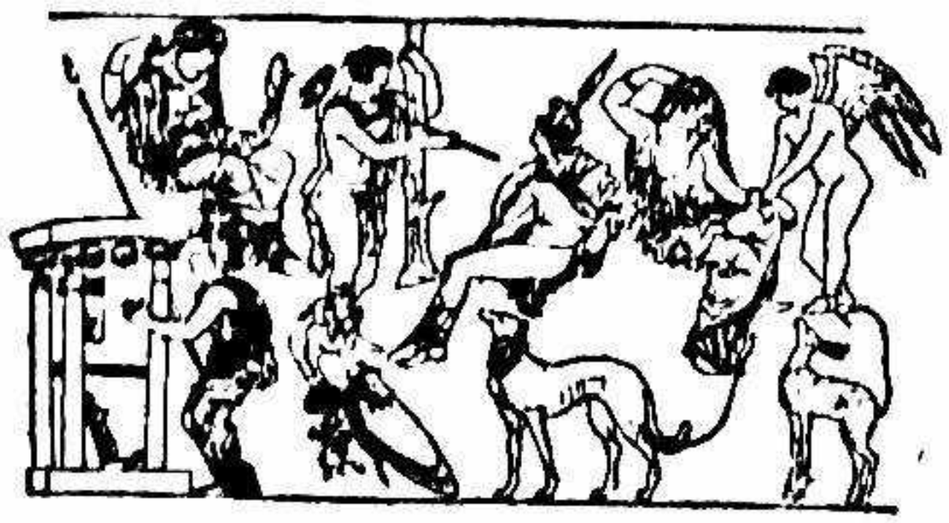
passando por lá, maravilhado, viu uma ursa que amamentava o pequeno. Comovido e espantado pelo prodígio, confiou-o, então, a outros pastôres, que viviam no cume do Ida, como se fôsse um menino encontrado alhures. Foi assim, no meio de rebanhos e de pastôres que cresceu Páris, o filho do rei Príamo. Nessa fase da sua vida deram-lhe o nome de *Alexandre*, porque êle *afastava* os ladrões e *defendia* os rebanhos dos lôbos. Um dia, no meio das suas ocupações pastoris, viu-se eleito árbitro de uma questão que surgira entre três beldades do Olimpo. Acontecera que às núpcias de Peleu e Tétis, as mais suntuosas de que se tem notícia, todos os deuses foram convidados, com exceção da Discórdia, que, por um lamentável descuido, fôra esquecida. Irritada com essa ofensa involuntária, a Discórdia, no meio do festim, lançou uma maçã de ouro com a seguinte divisa: *À mais bela*. Juno, Minerva e Vênus, logo disputaram a posse do precioso dom, pois cada uma delas se julgava a mais formosa. O encarniçamento foi tal, que o próprio Júpiter deveu intervir. Encarregou Mercúrio de levar as rivais à Frígia, sôbre o monte Ida, para, diante do pastor Páris, ouvirem o julgamento final e inapelável. Mercúrio, seguido das três deusas, para lá se dirigiu. Como sói acontecer com julgamentos dessa espécie, Juno prometeu ao pastor fortuna e o império da Ásia; Minerva, a sabedoria e a glória; Vênus, porém, prometeu-lhe a mulher mais bela do mundo. Vênus ganhou o concurso.

Entretanto, Páris, que tinha por amante a Ninfa Enona, conhecedora do porvir e das artes médicas, em pouco mudaria radicalmente de vida. Um dia os filhos do rei Príamo subiram ao monte Ida e subtraíram-lhe um touro que seria oferecido ao vencedor dos jogos fúnebres que então se realizavam. Páris, no encalço do seu touro, chegou a Tróia; entra na arena e arrebata o prêmio. Príamo quis conhecer o vencedor; interroga-o e ao cabo vem a saber que o jovem é seu filho que cria morto. Abraça-o com transportes de alegria. No seu louco amor paternal, esquece os adivinhos, esquece as predições fatais. Logo a seguir Páris foi enviado pelo pai à Grécia, a fim de reclamar de Telamão, rei de Salamina, a herança da sua tia Hesíone, espôsa dêste rei e irmã de Príamo. Terminada a incumbência, retorna para a Trôade; em caminho, detém-se em Esparta, onde reinava Menelau, que desposara Helena. Ora, Páris, ao abandonar Enona, no monte Ida, ouvira dela a expressa recomendação de que não ousasse ver Helena, pois se tal se desse a desgraça seria imensa. O deus marinho Nereu, o havia advertido, igualmente, para que se afastasse de Esparta e de Helena. Tudo isso aguçou a curiosidade do jovem, principalmente depois que soube gozar Helena da fama de ser a mulher mais formosa do mundo. Páris viu-a, apaixonou-se, e, aproveitando uma curta viagem que Menelau fôra obrigado a empreender, convida a amante a fugir com êle; Helena deixa-se seduzir pelas brilhantes propostas do jovem. Fogem. Começa, então, a famosa guerra de Tróia. Menelau, fiado no juramento que ouvira quando do seu enlace, concita todos os príncipes da Grécia. Conforme um cálculo de famoso mitógrafo, partiram da Grécia para a Trôade, a fim de sitiar Tróia, exatamente, 1.216 navios. Foi a maior frota de todos os tempo; é verdade que não foram todos de uma vez. Começa, pois, o longo assédio que haveria de durar dez anos. Páris não se comporta, precisamente, como guerreiro corajoso e audaz. Mais que os combates, êsse homem maravilhosamente belo ama as mulheres, o luxo, a música e as danças; guerreiro sólido e vigoroso, todavia efeminado, detesta o esfôrço e a fadiga. Seus concidadão desprezam-no; censuram-lhe o louco egoísmo que causou a expedição maldita dos malditos Gregos, apinhados sob as muralhas de Tróia. Heitor, o irmão, lança-lhe em rosto: "...homem muito enganador, doido por mulheres, sempre voltando para elas cubiçosos olhos! Quanto desejaria que não tivesses nascido! Quanto melhor te fôra isso do que ser objeto de mofa, por todos olhado com desprêzo!..." Cheio de empáfia, Páris põe-se à testa dos Troianos; em vendo Menelau, que para êle avança furioso, retrocede e some-se entre as fileiras. Por fim, pressionado pelas severas e contundentes palavras de Heitor, decide-se, novamente, a entrar em combate, é ferido, e teria morrido se Vênus não o acudisse. Com suas flechas, fere Diomedes, mata o invencível Aquiles, o assombro dos deuses e dos homens, mas à traição, em Timbra, no templo de Apolo, onde o herói filho de Tétis tinha encontros amorosos. Finalmente, de Filoctetes, recebe mortal ferida

com a flecha envenenada. Lembra-se, então, de Enona, abandonada de modo tão vil, que conhecia as artes médicas e sabia das virtudes das plantas. Enona o acolhe entre lágrimas. Quanto melhor lhe fôra ficar nas grimpas do Ida, apascentando os rebanhos e gozando do seu amor, que se meter em

PARIS, HELENA, HEITOR E ANDRÔMACA
(*Pintura de um vaso ático*)

aventuras de êxito tão incerto! Tudo fêz a pobre Ninfa, mas debalde; seus conhecimentos são vãos, sua ciência é ineficaz. Páris morre em seus braços. — V. MENELAU. V. ENONA.



AS DEUSAS PREPARAM-SE PARA O JULGAMENTO DE PÁRIS
(*Pintura de um vaso grego*)

PARNASO — 1) Filho de Netuno ou de Cleopompo, e da Ninfa Cleodora. Habitava as cercanias do monte Parnaso, ao qual deu seu nome. Atribui-se-lhe a arte de conhecer o futuro pelo vôo dos pássaros.

2) A mais alta montanha da Fócida. Tinha dois cumes; um era consagrado às Musas e a Apolo, o outro, a Baco.

PARNASSA — Mãe de Sinope, que ela teve de Marte.

PARNÓPIO — Nome de Apolo, por ter livrado os campos da Ática dos gafanhotos que os infestavam.

PAROS — 1) Uma das Cíclades, célebre pelo seu mármore branco.

2) Filho de Jasão; deu seu nome à ilha de Paros, no mar Egeu.

PARTAON — Filho de Marte e pai de Eneu, rei de Calidão, na Etólia.

PARTENÃO — Templo de Minerva, na acrópole de Atenas e obra prima da arquitetura grega.

PARTÊNIA — 1) Sobrenome que os Gregos davam a Minerva, na convicção de que ela sempre conservara a sua virgindade.

2) Epíteto de Juno, tirado do fato de ela, anualmente, recobrar a sua virgindade em se banhando nas águas da fonte Cânatos.

3) Sobrenome de Diana, a virgem.

4) Irmã de Molpádia. Guardavam as duas, Partênia e Molpádia, o vinho do pai, quando adormeceram. Durante seu sono, um porco entrou no compartimento e quebrou o vaso derramando o vinho. Quando acordaram, temendo o humor violento do pai, ambas se jogaram no mar. Apolo, porém, salvou-as.

PARTÊNIO — Um dos companheiros de Enéias.

PARTENON — O mesmo que Partenão.

PARTÊNOPE — 1) Antigo nome de Nápoles. Daí o adjetivo pátrio *partenopeu*.

2) Uma das mulheres do Oceano; deu à luz Europa e Trácia.

3) Uma das Sereias. Depois de se ter precipitado no mar, desesperada por não haver conseguido enfeitiçar Ulisses, abordou na Itália, onde se encontra o seu túmulo; nesse local fundaram uma cidade, que, de seu nome, veio chamar-se Partênope. Esta cidade foi destruída; reedificaram-na e deram-lhe o nome de "cidade nova", Nápoles (*neapolis*).

PARTENOPEU — Rei da Arcádia, filho de Meléagro e de Atalanta; conforme outros, Partenopeu seria filho de Marte e de Melanipo. Foi um dos chefes que acompanhou Adrasto na sua expedição contra Tebas.

PARTES — Duas deusas romanas. Uma, chamada Nona, era invocada pelas mulheres grávidas quando estavam no nono mês de gravidez; a outra, Décima, quando atingiam o décimo mês.

PARTULA — Deusa romana que regularizava o têrmo da gravidez.

PARTUNDA — Divindade romana que presidia aos partos.

PASÍFAE — Filha do Sol e de Perse. Esposou Minos II, rei de Creta. Teve vários filhos entre os quais Ariadne, Fedra, Deucalião, Astério... Vênus, para vingar-se do Sol, que a havia surpreendido nos braços de Marte, inspirou a sua filha, Pasífae, um louco e desregrado amor a um touro branco que Netuno fizera sair do mar. Dêsse comércio carnal contra a natureza, nasceu o Minotauro, metade homem metade touro, monstro horrendo que se alimentava de carne humana. — V. MINOS. V. MINOTAURO. V. DÉDALO.

PASITÉIA — Uma das três Graças.

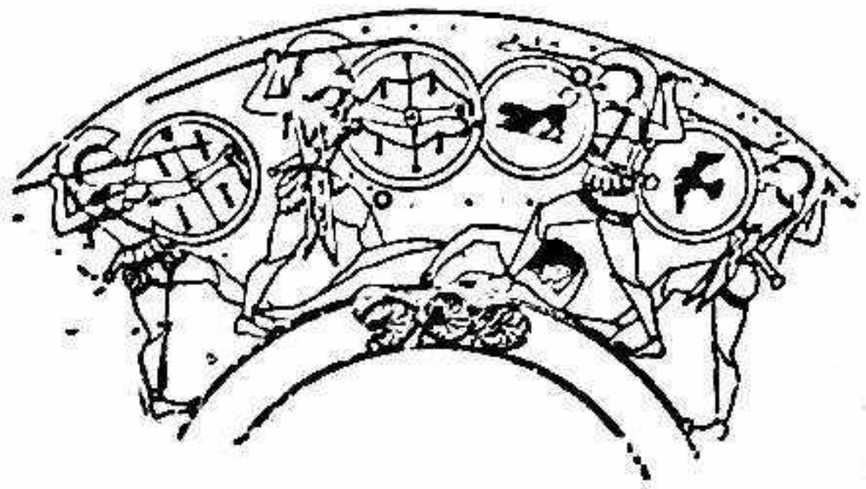
PASTÓFOROS — Sacerdotes gregos, assim chamados por causa dos seus longos mantos.

PÁTARA — Cidade da Lícia, célebre por um oráculo de Apolo.

PÁTARO — Filho de Apolo e de uma Ninfa; deu seu nome à cidade de Pátara.

PATELA — Patela ou Patelana era uma deusa romana que presidia àquilo que devia se abrir ou descobrir, ou àquilo que já estava descoberto.

PÁTROCLO — Filho de Menécio, rei da Lócrida. Obrigado a exilar-se em virtude de uma morte involuntária, acolheu-se na côrte de Peleu, na Ftiótida, Tessália, onde logo se uniu com estreita amizade a Aquiles, filho do rei. Acompanhou seu dedicado amigo a Tróia. Quando Aquiles, encolerizado com Agamenão, fechou-se na sua tenda, Pátroclo ficou a seu lado, procurando consolá-lo. Percebendo que os Gregos cediam ao pêso das investidas troianas, pediu ao seu amigo que lhe confiasse os Mir-



LUTA SÔBRE O CADÁVER DE PÁTROCLO

(*Cena representada num vaso ático com figuras vermelhas*)

midões a fim de auxiliar as tropas gregas. Aquiles revestiu-o da sua própria armadura e lhe emprestou suas armas. Pátroclo, com efeito, conseguiu rechaçar os Troianos, mas foi morto por Heitor. Para vingar a morte do amigo querido, Aquiles volta ao combate. — V. ILÍADA.

PATÚLCIO — Sobrenome que os Romanos davam a Jano, ou porque seu templo costumava ficar aberto em tempo de guerra, ou porque o deus abria o ano e as estações, que começavam, sempre, com a celebração de suas festas. Patúlcio deriva de *pateo*, "estar aberto".

PAVÊNCIA — Divindade romana que era invocada para não se ter mêdo.

PAZ — Divindade alegórica, filha de Júpiter e de Têmis. Teve templos e altares na Grécia; honraram-na mais, porém, os Romanos, que lhe ergueram na Via Sagrada o maior e o mais magnífico templo que houve em Roma. Começado por Agripino, o templo foi concluido por Vespasiano. Enriqueceu-o com os despojos que trouxera de Jerusalém. Representam-na sob figura de mulher, com ar doce, tendo numa das mãos o côrno da Abundância e na outra um ramo de oliveira; algumas vêzes é representada com o caduceu, um archote voltado para baixo, espigas de trigo, tendo, ainda, no seio, Pluto menino. Faziam-lhe sacrifícios sem efusão de sangue.

PEÃ — Sobrenome de Apolo, em virtude do hino que se cantava em memória do triunfo do deus sôbre a serpente Pitão, e que terminava com estas palavras: *Io Paean*.

PEÂNCIO — Filoctetes.

PEANTE — Pai de Filoctetes.

PEANTÍADA — Filho de Peante, i. é, Filoctetes.

PEÃO — O mesmo que Peã.

PÉDASE — 1) Filho de Bucolião e da Náiade Abarbaréia; foi morto sob os muros de Tróias por Euríalo.

2) Cidade do Peloponeso; Homero a ela se refere como pertecencente a Agamenão.

PÉDASO — Um dos cavalos de Aquiles. Em velocidade igualava os de raça imortal. Foi morto diante de Tróia por Sarpedão.

PÉGASO — Cavalo alado, nascido do sangue da Medusa, quando Teseu lhe cortou a cabeça. Logo que o animal viu a luz do dia, dirigiu-se para o Helicão, onde, com uma patada, fêz jorrar a fonte Hipocrene. Netuno e Minerva o domaram, deram-no a Belerofonte, que se serviu do valente animal para matar a Quimera; mas êste herói, depois das suas brilhantes vitórias, querendo erguer-se até os imortais, foi

precipitado na terra por Júpiter. Pégaso foi colocado entre os astros, onde formou uma constelção. Segundo Ovídio, também Perseu montou o Pégaso, quando quis matar o monstro marinho que ameaçava devorar Andrômeda. — V. BELEROFONTE. — A concepção que faz de Pégaso a montaria dos poetas, é estranha à antigüidade. Remonta, provàvelmente, ao século XVI da nossa era, e tem como origem uma passagem de Catulo, onde o poeta supõe ter monado o famoso animal a fim de procurar um amigo perdido em Roma (Cf. Catulo, *Carmina*, LV, 16).

PELAGAO — 1) Um dos que aspiravam à mão de Hipodâmia.

2) Chefe grego.

3) Troiano.

PELARGÉIA — Filha de Potneo. Restabeleceu em Tebas o culto dos deuses Cabiros. Recebeu honras divinas, depois da sua morte, por ordem do oráculo. Imolava-se-lhe, sempre, uma vítima prenhe.

PELÁSGIDA — De Pelásgia, de Lesbos, i. é, Safo, a poetisa.

PELASGO — 1) Primeiro rei da Arcádia, filho da Terra.

2) Filho de Netuno.

3) Filho de Ínaco e pai de Licaão.

4) Filho de Foroneu e neto de Ínaco.

5) Filho de Tríopas. Recebeu as Danaides que fugiam de Linceu. Construiu um templo em honra de Ceres.

PELASGOS — População pré-helênica da Grécia; daí, os Gregos.

PELEU — Filho de Êaco e de Endeis, discípulo do grande Centauro Quirão, que era seu avô. Amado dos deuses e dos homens, desde a juventude distinguiu-se por qualidades excepcionais. Quando jovem, matou por inveja, de concêrto com seu irmão Telamão, o irmão mais môço Foco, que se distinguia pela sua habilidade em todos os exercícios. Outra versão garante que essa morte foi acidental. Como quer que seja, Peleu e Telamão viram-se exilados; retiraram-se para a Ftia, na côrte de Euritião, cuja filha Antígona Peleu desposou; ao herói coube por dote a terceira parte do reino do sogro. Dêsse casamento nasceu uma filha, Polidora. Convidado a tomar parte na caçada ao javali de Calidão com o sogro, teve a desgraça de aí matá-lo, por acaso, com um golpe de lança. Essa nova morte obrigou-o a exilar-se mais uma vez; dirigiu-se para Iolcos, onde Acasto o recebeu com grandes mostras de benevolência. Astidamia, mulher de Acasto, apaixonou-se pelo jovem herói; como êste desdenhasse do seu amor, acusou-o junto ao marido de ter tentado desonrá-la. Acasto, então, convida-o a uma caçada sôbre o monte Pélion; amarra-o a uma árvore e lá o deixa, prêsa aos animais ferozes. Peleu, porém, consegue libertar-se dos laços que o prendiam, reune seus amigos, mata a pérfida Crêteis e seu crédulo marido, apoderando-se do reino de Iolcos. Logo após morre Antígona; há duas versões a respeito. Segundo a primeira, teria a jovem espôsa buscado no suicídio, por enforcamento, consôlo a seus males, pois Peleu lhe era infiel; conforme a outra, teria simplesmente morrido de morte natural. É então que Peleu esposa a Ninfa Tétis, filha de Nereu, o deus marinho; era essa Ninfa tão bela que Netuno e Júpiter a cubiçavam; na assembléia dos deuses, porém, Têmis revelou que o filho de Tétis seria mais poderoso que o pai; foi o quanto bastou para que Júpiter e Netuno desistissem de fazer a côrte à galante Ninfa. E procurou logo, o pai dos deuses, dar-lhe um espôso mortal. — V. EM PROMETEU OUTRA VERSÃO SÔBRE O ASSUNTO. — A virgem Tétis, porém, recusou-se categòricamente a desposar um mortal. Usaria de todos os seus recursos para obstar uma aliança que lhe parecia indigna. Como tôdas as divindades marinhas, tinha Tétis o dom de se transformar nos mais variados objetos e animais. Peleu, advertido por Quirão, que queria a todo transe tão ilustre casamento para seu neto, tentou a conquista da Ninfa. Antes informou-se cuidadosamente como deveria proceder. Assim foi que em vão procurou subtrair-se aos amplexos de Peleu, transformando-se em fogo, em água, em leão e em serpente. Peleu, sem se espantar com as múltiplas e sucessivas metamorfoses, domou cada um dos animais que se apresentavam e carregou em seus braços, triunfante, a Ninfa já agora reconciliada com sua sorte. As núpcias realizaram-se nas alturas do Pélion, e foram as mais suntuosas de que se tem notícia. Todos os deuses estiveram presentes, com exceção de Éris, a Discórdia, que, por um lamentável esquecimento, deixou de ser convidada, dando origem ao episódio da maçã de ouro. — V. PÁRIS. — O filho de Êaco recebeu vários presentes de núpcias: uma couraça magnífica, os famosos cavalos Xantos e Bálios, que depois pertenceram a Aquiles, uma lança imensa,

volência. Crêteis, espôsa do rei, apaixonoudada por Quirão; Apolo tocara lira durante o festim. Dessa união nasecu o famoso Aquiles. — V. AQUILES. — Os dois esposos viveram juntos pouco tempo. Consta que Tétis, ambicionando tornar o filho imortal, punha-o no fogo, a fim de consumir os elementos mortais que nêle houvesse. Peleu, vendo tal proceder, apavorado, retirou bruscamente o menino das chamas. Tétis, então,

TÉTIS E PELEU
(*Pintura num vaso ático*)

retirou-se para junto das Nereidas, suas irmãs. Enviou Aquiles ao cêrco de Tróia. Sobreviveu muitos anos ao fim da guerra. — V. TÉTIS.

PELÍADA — Filha de Pélias.

PÉLIAS — Filho de Netuno e de Tiro e irmão de Neleu. Tanto Pélias como o irmão foram expostos logo depois de nascidos. Pastôres tomaram conta de ambos, criaram-nos e educaram-nos. Adultos, logo começou Pélias a se distinguir por várias aventuras. Inicialmente, depôs Éson, seu irmão por parte de mãe, e ocupou o trono de Iolcos. Mandou matar a mulher e os filhos de Éson; só escapou Jasão. Quando, anos mais tarde, Jasão veio reclamar-lhe o trono, que por direito lhe pertencia, Pélias, para se ver livre do sobrinho, propôs-lhe, primeiro, ir buscar o Tosão de Ouro. Se voltasse com o troféu, Pélias lhe cederia o trono. Jasão retornou triunfante, com o Tosão e com Medéia. Pélias, porém, procrastinando, não lhe cedia o trono. Medéia, então, induziu as filhas a matarem o velho, a fim de remoçá-lo, e foi assim que Pélias morreu cozido. — V. JASÃO. V. MEDÉIA. V. ÉSON.

PÉLIO — Serra na península de Magnésia, Tessália, com a altura de 1.618 metros. Foi uma das montanhas que os Gigantes empilharam a fim de escalar o céu.

PÉLION — V. PÉLIO.

PELÓPIA — 1) Uma das filhas de Níobe, a mesma que Clóris.

2) Uma das filhas de Pélias, que cozinharam o pai.

3) Filha de Tieste. De Marte houve um filho chamado Cicno.

PELÓPIDAS — Dá-se êsse nome a tôda a abominável descendência de Pélops, cuja história é a mais espantosa e a mais trágica de tôda a Mitologia grega. — V. PÉLOPS.

PELOPONESO — Célebre península da Grécia, assim chamada de Pélops, "Ilha de Pélops". É a grande península meridional da Grécia, hoje Moréia.

PÉLOPS — Filho de Tântalo, rei da Lídia, e de Dione ou Clície. Tântalo, certa feita, recebeu em seu palácio as divindades do Olimpo. Querendo verificar se de fato os deuses sabiam tudo, mandou esquartejar o filho Pélops e servir suas carnes juntamente com outras iguarias. Os deuses, tendo conhecimento de tão abominável crime, não tocaram nos alimentos que cobriam as mesas; Ceres, porém, absorvida pela dor que lhe causara o rapto da filha, comeu uma espádua do menino. Júpiter restituiu a vida a Pélops, e lhe deu uma espádua de marfim para substituir a que fôra devorada. Algum tempo depois, Pélops viu-se obrigado a deixar seu país e dirigir-se para a côrte de Enômao, rei de Pisa. Foi muito bem acolhido e apaixonou-se pela formosa Hipodâmia, filho de Enômao. Ora, havia um oráculo que dizia que o rei perderia a vida no mesmo dia em que sua filha encontrasse um marido. Por conseguinte, Enômao, confiando na rapidez maravilhosa dos seus cavalos, decretou que todo pretendente à mão da sua filha deveria, antes, vencê-lo na corrida de carro. Os que perdessem seriam imolados. A pista era longa, de Olímpia, cidade, até o istmo de Corinto. Para vencer mais fàcilmente, Enômao punha Hipodâmia no carro das pretendentes, de sorte que êstes distraídos pela beleza da virgem, tornavam-se menos ativos na direção dos cavalos. Dezessete vêzes realizara-se a prova, dezessete corpos jaziam sem vida num túmulo comum, na cidade de Pisa. Após cada vitória, Enômao sacrificava a Júpiter um carneiro; antes de cada corrida, o industrioso Mírtilo, filho de Mercúrio e condutor do carro, com suas próprias mãos atrelava os fogosos cavalos que logo disparavam num turbilhão de poeira, mais rápidos que o vento. Pélops apresentou-se ao rei como candidato à

prova. Na véspera da prova, Pélops recebe de Netuno um carro de ouro com cavalos divinos. Mas, desconfiado, não se sabe se do presente divino ou se dos cavalos de Enômao, procura Mírtilo e oferece-lhe uma boa soma se fizer com que seu senhor perca a prova. Mírtilo, fascinado com o presente, e com a posse de Hipodâmia, que então seria comum aos dois, se Pélops vencesse, dá ao velho um carro quebrado. No meio da corrida, salta fora uma das rodas. Enômao rola pela pista, morto. Pélops casa-se com Hipodâmia. Apossa-se do trono da Élida e recusa pagar a Mírtilo o prometido: a mulher seria sua sòmente. A fim de acabar com as importunações de Mírtilo, pega-o e joga-o no mar. Pélops e Hipodâmia tiveram muitos filhos, dos quais os mais célebres foram Atreu e Tiestes. Um dia, baniu do seu reino Hipodâmia e seus filhos, acusados de haver tramado a morte do jovem Crisipo, de maravilhosa beleza, filho que tivera com uma Ninfa, e que preferia a todos os demais filhos. Hipodâmia morreu na Argólida. Não se sabe como findou Pélops. — V. HIPODÂMIA. V. MÍRTILO. V. ENÔMAO. — Pélops deu seu nome à bela região da Grécia conhecida como Peloponeso. — V. ATREU. V. TIESTES.

PENATES — Deuses domésticos. Confundem-se com os Lares, segundo alguns. Colocavam-se seus simulacros junto à lareira. São os deuses da despensa, de *Penus*, "comestíveis" ou "despensa". O culto dos Penates de privado logo passou a público, e Roma tinha, também, os seus deuses Penates. Os dois Penates de Roma traziam a inscrição *Magnis dis*. Estátuas e moedas da antigüidade mostram que os Romanos confundiam os Penates ora com Rômulo e Remo, ora com Castor e Pólux.

PENE — Monstro que Apolo, irritado, mandou contra os Argivos, e que vinha arrancar as crianças até dos braços das mães, para devorá-las. Esse monstro foi morto por um grego chamado Corebo, a quem prestaram, mais tarde, honras divinas.

PENEIDE — Ninfa do Peneu, i. é, Dafne.

PENÉLOPA — Amante de Mercúrio e mãe de Pã.

PENÉLOPE — Filha de Icário e de Peribéia. Foi requestada por todos os príncipes da Grécia, por causa da sua beleza e da sua virtude. Seu pai, para evitar brigas e dissenções entre os pretendentes, obrigou-os a disputar a mão da filha por meio de jogos. Ulisses dêles saiu vencedor e ganhou, assim, a virgem Penélope. Icário, porém, não queria afastar-se da filha que muito amava. Propôs a Ulisses que deixasse o reino de Ítaca e viesse para junto dêle. O herói filho de Laertes recusou e partiu para Ítaca; Penélope, então seguiu-o. — V. ICÁRIO. — Viveram os dois na maior felicidade. Logo nasceu-lhes um filho, Telêmaco, que levou a felicidade dos pais ao cúmulo. Surgiu, então a notícia da guerra de Tróia: Helena fôra raptada por Páris e cumpria vingar a honra de Menelau. Ulisses, que também disputara a mão de Helena, jurara, como os demais pretendentes, não deixar impune qualquer ofensa infligida ao casal. Embriagado de felicidade, o ardiloso Ulisses não quis partir; fingiu-se de louco. Palamedes, porém, desmascarou a impostura do astuto guerreiro, e êle teve de partir. — V. PALAMEDES. — Durante a ausência de Ulisses, que durou vinte anos, Penélope atraiu a Ítaca uma multidão de pretendentes que suspiravam por sua mão. Todos afirmavam que seu marido havia morrido sob os muros de Tróia e que ela podia, novamente, casar-se. Penélope soube iludir a todos, contentando-os com vãs promessas e dando, assim, tempo a que crescesse o filho e o marido pudesse voltar. Por fim, não tendo mais que dizer aos pretendentes, cada vez mais insistentes, prometeu que casaria com um dêles quando estivesse pronto o véu fino e imenso no qual trabalhava, e que serviria de mortalha para o herói Laertes. Durante o dia, trabalhava na teia, desfazia-a porém, de noite. Dêste modo conseguiu iludir os Aqueus por mais três anos. Finalmente, esgotados todos os recursos e não podendo mais diferir a escolha, propôs aos pretendentes uma prova; quem dela saisse vencedor, teria a sua mão. Consistia esta em atirar, com o arco de Ulisses, uma seta através de doze segures dispostos em série. Dos pretendentes nenhum sequer conseguiu armar o arco, muito menos disparálo. Então Ulisses, que já tinha chegado e que se encontrava no seu palácio, disfarçado em mendigo, armou o arco com facilidade, passou a flecha através dos segures e matou todos os pretendentes. — V. ULISSES. V. ODISSÉIA.

PENEU — Rio principal da Tessália; atravessa o vale do Tempe e lança-se no gôlfo Termaico. Hoje Salâmbria.

PENTAPILON — "Que tem cinco portas", nome que se dava ao templo de Júpiter Arbitrator, em Roma.

PENTATLO — Nome coletivo dos cinco exercícios que constituíam os jogos da antiga Grécia, em que entravam os atletas, a saber: o salto, o páreo, a luta, o pugilato e o disco. — V. Jogos.

PENTESSILÉIA — Rainha das Amazonas. Sucedeu a Orítia. Socorreu aos Troianos e pereceu sob os golpes de Aquiles, após haver demonstrado grande coragem e notável habilidade no manejo das armas. Aquiles ficou de tal modo encantado com a sua deslumbrante beleza, que não pôde conter as lágrimas junto ao cadáver.

PENTEU — Filho de Equíon e Agave. Tornou-se rei de Tebas depois da morte do pai. Opondo-se ao culto de Baco, pereceu vítima da sua temeridade. As Bacantes, entre as quais se encontravam sua mãe e suas tias, lançaram-se sôbre êle e fizeram-no em pedaços.

PÉON — 1) Um dos filhos de Endimião. Tendo sido vencido na corrida por seu irmão Epeu, cedeu-lhe a coroa, conforme tinham combinado. Foi residir num cantão da Macedônia, ao qual deu o nome de Peônia.

2) Filho que Netuno teve de Hele, depois que caiu no Helesponto.

3) Médico famoso, originário do Egito; passava por ser o médico dos deuses.

4) Filho de Antíloco; teve vários filhos, que, expulsos pelos Heraclidas da Messênia, retiraram-se para Atenas, onde a raça se perpetuou sob o nome de Péones.

5) Nome de Apolo.

PÉONES — Habitantes da Peônia.

PERANA — Perana ou Perena, deusa dos Romanos. Tem, igualmente, o nome de Ana Perena. Presidia aos anos. Sua festa, em Roma, celebrava-se no mês de março. Alguns a confundem com Ana, irmã de Dido, outros com Têmis, ou Io; outros, por fim, identificam-na com uma das Atlântidas que alimentou Júpiter.

PERDIZ — 1) Irmã de Dédalo e mãe de Ácale.

2) O mesmo Ácale, que foi transformado em perdiz. — V. Dédalo.

PÉRFICA — Divindade obscena que os Romanos invocavam nas cerimônias do casamento, quando êste era consumado. Presidia às volúpias e sua função era torná-las perfeitas a ambos os cônjuges.

PÉRGAMO — 1) Cidadela de Tróia. Os poetas dão êsse nome à própria cidade de Tróia.

2) Cidade da Mísia, célebre pelo culto de Esculápio e pela estátua da mãe dos deuses.

3) Cidade na ilha de Creta, fundada por Enéias.

PERIBÉIA — 1) Mulher de Pólibo, rei de Corinto. Criou Édipo.

2) Filha de Eurimedonte. Foi a mais bela mulher de seu tempo. Foi amada de Netuno que a fêz mãe de um filho, Nausítoo.

3) Filha de Hipônoo. Deixou-se seduzir por um sacerdote de Marte e quis, depois, convencer o pai que se tornara amante do próprio deus. Hipônoo, que não creu na filha, mandou-a a Eneu, rei de Calidão, para que êste a punisse. Eneu, porém, que acabara de perder sua mulher, Altéia, desposou Peribéia e dela teve Tideu.

4) Filha de Alcátoo, rei de Mégara. Seu pai, que suspeitava dos seus amôres com Telamão, mandou que um dos seus guardas a embarcasse num navio e a precipitasse no mar. Êste, movido de piedade, julgou melhor vendê-la como escrava que dá-la em alimento aos peixes. Mandou-a, pois a Salamina para ser vendida. Lá Peribéia encontrou Telamão que a comprou e desposou. Daí nasceu o famoso Ájax. Após a morte de Alcátoo, Peribéia exigiu que o trono de Mégara fôsse dado a seu filho Ájax.

5) Mulher de Icário e mãe de Penélope.

PERÍBOLO — Espaço de terra plantada com árvores e com vinhas, ao redor dos templos, defendido por um muro e consagrado às divindades do lugar; os frutos que cresciam pertenciam aos sacerdotes.

PERICLÍMENE — 1) Filho de Netuno.

2) Filho de Neleu. Recebera de Netuno o dom de assumir as mais variadas formas. Em luta com Hércules, para evitar os terríveis golpes do herói, mudou-se sucessivamente em mósca, formiga, abelha e serpente. Vencido em cada metamorfose, acreditou subtrair-se à ira de Hércules mudando-se em águia; o herói, porém, atravessou-o com uma flechada em pleno vôo. Periclímene participara da expedição dos Argonautas. Também existe a forma Periclímeno.

PERIFANTE — 1) Rei de Atenas, anterior, diz-se, a Cécrope. Tornou-se de tal modo amado de seus súbditos que êstes começaram a adorá-lo ainda em vida, sob o título de Júpiter-Conservador. Júpiter, invejoso das honras que a turba lhe rendia, intentava fulminá-lo e precipitá-lo no Tártaro. Às instâncias de Apolo, contentou-se, apenas, em mudá-lo em águia. A seguir, tomou tanto amor à ave, que dela fêz a sua ave favorita, e, também, rainha de tôdas as aves; confiou-lhe a guarda dos seus raios e incumbiu-a de várias missões, principalmente de manifestar a sua vontade aos mortais. A rainha viúva de Perifante, que invejava a sorte do marido, sofreu a mesma transformação.

2) Filho de Egito.

3) Lápita.

PERIFETES — 1) Gigante, filho de Vulcano e Anticléia. Andava, sempre, armado com uma monstruosa maça, com a qual abatia os que passavam pela sua região. Teseu matou-o e apoderou-se da sua maça, que desde então levava como um monumento à sua vitória.

2) Filho de Copreu, morto por Heitor.

PERÍGONE — Filha de Sínis, famoso salteador morto por Teseu. Vendo seu pai morto, fugiu e lançou-se num bosque cheio de caniços e de aspargos, escondendo-se no meio dêles. Na sua simplicidade infantil, invocou-os pedindo-lhes que a livrassem de ser percebida pelo perseguidor, prometendo-lhes, como juramento, que se lhe prestassem tal serviço, jamais ela os arrancaria ou queimaria. Teseu ouviu as suas palavras, pois ela falara alto, chamou-a e garantiu-lhe que não só não lhe faria nenhum mal, mas até tomaria conta dela. Perígone deixou-se persuadir e acompanhou o herói; mais tarde, Teseu, encantado com a sua beleza, tomou-a por amante e a fêz mãe de Melanipo. Casou-a, a seguir, com Deioneu, filho de Êurito. Perígone teve dêsse casamento um filho, Ioxo, chefe dos Ióxidos, entre os quais se manteve o costume de não arrancar nem cortar caniços e aspargos.

PERIMEDES — 1) Filha de Éolo. Desposou Aquelôo.

2) Irmã de Anfitrião.

3) Mulher de Fênix.

4) Filha de Euristeu, morta pelos Atenienses.

5) Famosa feiticeira.

PERIMELE — 1) Filha de Hipodamante. Deixou-se seduzir pelo rio Aquelôo e foi precipitada no mar pelo pai; a pedido do seu amante, Netuno metamorfoseou-a em uma das Equínadas ou Equínades.

2) Filha de Amitáon, que foi mãe de Ixião.

3) Filha de Admeto, que Argo fêz mãe de Magnes.

PERÍSTERA — Ninfa da comitiva de Vênus. O Amor, um dia, fêz uma aposta com Vênus, garantindo que, numa hora, colheria mais flôres do que a deusa; Vênus, para ganhar a aposta, pediu o auxílio de Perístera, e colheu muito mais flôres que seu divino filho. Cupido, picado, transformou a oficiosa companheira da mãe em pomba.

PERMESSO — Rio da Beócia, cujas águas, consagradas a Apolo e às Musas, passavam por inspirar os poetas.

PERO — Filha de Neleu, célebre pela sua sabedoria e beleza. Todos os príncipes vizinhos, presos dos seus encantos, pediram-na em casamento. O pai, porém, só a daria em casamento a quem lhe trouxesse os bois de Íficlo. O adivinho Melampo foi o único que conseguiu levar a cabo a façanha; como a virgem não lhe interessasse, cedeu-a a seu irmão Bias, que por ela se apaixonara.

PERSA — Filha do Oceano e de Tétis. O Sol desposou-a e teve dela Eetes, Perses, Circe e Pasífae.

PERSÉFONE — Nome grego de Prosérpina. — V. PROSÉRPINA.

PERSÉIA — Hécate, filha de Perses.

PERSEIDA — Ninfa, mãe de Perses, Circe, Eetes e Pasífae. É a mesma Persa. — V. PERSA.

PERSES — Filho do Sol e de Persa. Destronou seu irmão Eetes, após a fuga de Medéia, e foi, por sua vez, destronado por um filho da famosa feiticeira, que era sua sobrinha.

PERSEU — Filho de Júpiter e de Dânae. Foi exposto, com a mãe, numa frágil embarcação e lançado ao mar; aportaram nas costas da ilha de Serifo. Polidectes, rei da ilha de Serifo, acolheu-os com humanidade, e providenciou para que nada faltasse à mãe e ao filho. Logo que atingiu a idade viril, Perseu assinalou-se por notáveis aventuras. O seu primeiro objetivo era cortar a cabeça da terrível Medusa.

Para tal empreendimento, necessitava das sandálias aladas de Mercúrio, da bôlsa de couro e do capacete de pele de cão que se achavam em poder das Ninfas. Quem os possuísse, poderia voar por tôda a parte, sem ser visto por ninguém. Difícil, porém, era encontrar o caminho para o reino das Ninfas. Sòmente as Gréias, ou Graias, o conheciam. — V. GRÉIAS. — Guiado pelos deuses, Perseu chegou onde moravam as Gréias. Como elas tivessem em comum sòmente um ôlho e um dente, que uma emprestava a outra, depois de certo intervalo, Perseu, aproveitando o momento em que o ôlho e o dente iam passar da mão de uma para a de outra, apoderou-se dêles. Só devolveu os preciosos objetos depois de se ter certificado onde ficava o país das Ninfas. Conseguido o que desejava, voou em direitura da terrível Medusa. — V. MEDUSA. — O monstro dormia. De costas, contemplou a sua imagem no espêlho; Minerva guiou-lhe a mão e Perseu pôde,

PERSEU E ANDRÔMEDA
(*Baixo-relêvo*)

assim, decepar a cabeça da Medusa. Mal terminara a operação, saíram do tronco morto um cavalo alado, Pégaso, e um gigante, Crisaor. — V. ESSAS PALAVRAS. — Escondeu a cabeça da Medusa na sua bôlsa de couro, montou o cavalo alado e fugiu do local. Ao sobrevoar o arenoso deserto da Líbia, caíram da cabeça da Medusa algumas gôtas de sangue, que se transformaram em serpentes coloridas. Esta a origem das traiçoeiras víboras que infestam aquela região. Chegado ao reino de Atlas, pediu-lhe hospitalidade. Atlas, rei da Mauritânia, gigante imenso, lembrado do oráculo e temendo pelo seu tesouro, os frutos de ouro, expulsou Perseu dos seus territórios. O herói, indignado, mostrou-lhe a Cabeça da Medusa e ali mesmo o Gigante transformou-se em montanha. Continuou, então, sua viagem. Chegou ao país de Cefeu. Num promontório, à beira-mar, acorrentada a um rochedo, viu uma belíssima jovem. Era Andrômeda. Estava ela exposta à voracidade de um monstro marinho. — V. ANDRÔMEDA. — Conseguiu matar o monstro, conduziu a virgem ao seu pai e depois casou-se com ela. Nessa oportunidade, petrificou Fineu que queria se opor ao casamento. — V. FINEU. — Retornou para a Grécia, restabeleceu Acrísio sôbre o trono, expulso que fôra por Preto, e matou êste último. — V. ACRÍSIO, V. PRETO. — Nos jogos, sem querer, matou o avô. Cumprira-se, assim o oráculo. Profundamente aflito com essa morte involuntária, resolveu abandonar Argos, e trocou o reino do seu avô com Megapente, filho de Preto, rei de Micenas. A seguir, Megapente, querendo vingar a morte do pai, armou cilada a Perseu, e matou-o. Os povos de Argos e de Micenas, elevaram a Perseu monumentos heróicos. Grandes honras lhe foram atribuídas na ilha de Serifo. Os Atenienses construíram-lhe um templo. Perseu e Andrômeda foram postos no Céu, entre as constelações. — V. ATLAS. V. DÂNAE.

PERSUASÃO — A deusa Persuasão tem em latim o nome de *Suada*, "Aquela que persuade", ou *Suadela*, com o mesmo sentido; em grego é *Pito*, de *peithó*, "Persuasão". Consideram-na filha de Vênus. Está sempre ao lado das Graças no cortejo da rainha do Amor. Teseu, tendo persuadido os povos da Ática a se reunirem numa mesma cidade, introduziu o culto dessa divindade entre os Gregos. Hipermnestra, filha de Dânao, tendo ganho a causa que lhe movera o pai por haver poupado o marido, dedicou-lhe um santuário. — V. DANAIDES. — Pito tinha, no templo de Baco, em Mégara, uma estátua. Egíáleo, filho de Adrasto, rei de Argos e

Mégara, construiu-lhe um templo porque, num período de peste, Apolo e Diana, irritados com a cidade de Mégara, deixaram-se comover pelas preces de sete jovens e sete virgens. Em Roma, Suada, deusa da Persuasão e da eloqüência, presidia, também, aos casamentos.

PESSINUNTE — Cidade da Frígia, célebre pelo túmulo de Átis e pelo culto de Cibele. Está situada na Galácia, na Ásia Menor, às margens do Sangário e à oeste de Górdio. A deusa Cibele aí era adorada sob a forma de uma pedra negra, que, dizia-se, tinha caído do Céu. — V. CIBELE.

PETA — Peta, divindade subalterna dos Romanos. Presidia às demandas que se faziam aos deuses; consultavam-na para saber se essas demandas eram justas ou não.

PETORO — Um dos cinco companheiros de Cadmo, que sobreviveram aos guerreiros nascidos dos dentes do dragão morto por aquêle.

PICO — Rei dos Aborígenes, filho de Saturno. Pai do deus Fauno, era adorado no Lácio. Consideram-no o primeiro rei da Itália.. Amado por Circe, permaneceu fiel ao amor da sua espôsa, Canente, e não quis dar ouvidos às seduções da feiticeira. Esta, despeitada e furiosa, transformou-o em pica-pau ou picanço. Pico era uma divindade agrícola dos Latinos. Seu nome, que é o do pica-pau ou picanço, faz supor que se tratava, na origem, de um deus-pássaro, que teria passado por uma encarnação de Marte, freqüentemente invocado como *Martius Picus*. Entre os Équos, povos vizinhos dos Latinos, um pica-pau, colocado no cume de uma coluna, proferia oráculos. Pico era considerado ao mesmo tempo como deus do casamento e dos campos.

PIÉRIA — Região da Macedônia.

PIÉRIAS (AS) — As Musas.

PIÉRIDES — *Filhas de Piero*. Eram nove e tinham o mesmo nome das Musas. Habilíssimas na música e na poesia, e orgulhosas dos seus talentos, ousaram desafiar as Musas para uma competição sôbre o Parnaso. As nove Musas aceitaram o desafio e as Ninfas da região, escolhidas para árbitros, decidiriam quem venceria o certame. No final, as Ninfas pronunciaram-se a favor das Musas; as Piérides, picadas com a decisão, que diziam ser parcial, entraram a invectivar furiosamente não só os árbitros mas as mesmas Musas; quiseram, até, bater nas rivais. Apolo, encolerizado, transformou-as em pêgas.

PIÉRIO — Montanha da Tessália, consagrada às Musas.

PIERO — Rei de Emácia, pai de nove filhas às quais deu os nomes das Musas; eram chamadas as môças Piérides. Foram transformadas em pêgas. — V. PIÉRIDES.

PIGAS — Rainha dos Pigmeus. Foi transformada em grou por Juno, em virtude de se haver comparado à rainha dos deuses.

PIGMALIÃO — 1) Filho de Belo, rei de Tiro, irmão de Dido e Ana. Pela morte do pai, assumiu o trono. Tornou-se odioso pela sua avareza e crueldade. Não hesitou em matar seu cunhado, Siqueu, marido de Dido, para tomar posse das suas riquezas. Mas não tirou nenhum proveito do seu crime. Dido, advertida pela sombra do marido, apanhou todos os bens de que pôde dispor, e fugiu para a África com os que estavam fartos da crueldade do nôvo rei. Na África Dido fundou Cartago. — V. DIDO. — Sua mulher, Ástebe, tão cruel como êle, estrangulou-o. Quis, da mesma maneira, liquidar com o filho, Balcazar, mas êste conseguiu fugir para a Síria.

2) Famoso estatuário da ilha de Chipre. Revoltado contra o casamento, por causa da prostituição das Propétidas, votou-se ao celibato. Tornou-se misógino furioso. Vênus, irritada com a sua resolução e com o seu ódio às mulheres e aos prazeres do amor, jurou vingar-se. De feito, pouco tempo após, Pigmalião começou a esculpir uma mulher, em marfim. A obra saiu-lhe tão perfeita, que o artista ficou loucamente apaixonado pela estátua. À fôrça de preces, conseguiu da deusa a graça de animar com sôpro vital a obra de suas mãos. A bela estátua tornou-se uma formosa mulher. Pigmalião casou-se com ela e teve um filho, Pafo.

PIGMEUS — Os Pigmeus, "Polegares", eram povos da Trácia. Tinham, apenas, um côvado de altura. Seu refúgio habitual eram buracos que cavavam na terra. Faziam guerra perpétua com os grous, que, anualmente, vinham da Cítia para atacá-los. Um exército dêsses pequenos homens atacou Hércules, que dormia; nessa ocasião, os Pigmeus tomaram as mesmas precauções que tomariam para sitiar uma cidade. Hércules, acordando, riu muito dos homenzinhos que diligentemente formigavam ao seu redor; prendeu-os a todos na pele

do seu leão e levou-os a Euristeu. Os Pigmeus comiam os ovos dos grous, seu alimento predileto.

UM PIGMEU EM LUTA COM OS GROUS
(*Pintura num vaso ático*)

PÍLADES — Filho de Estrófio, rei da Fócida. Foi criado com Orestes, seu primo, ao qual estava ligado por estreitos laços de amizade. Ajudou seu inseparável amigo a punir os assassinos de Agamenão. Seguiu Orestes a Táurida. Surpreendidos, à sua chegada, nessa cidade, foram acorrentados para serem, posteriormente, imolados em honra de Diana, conforme o bárbaro costume do país. A sacerdotisa de Diana, que outra não era senão Ifigênia, irmã de Orestes, soube por êle, que o irmão vivia; propôs, então, imolar apenas um, conforme a lei, enquanto o outro se encarregaria de levar notícias suas ao irmão. Começou, nessa oportunidade, o famoso duelo de generosidade, pois cada um queria ser sacrificado em lugar do outro. Durante a disputa de ambos, Ifigênia veio a saber que Orestes, seu irmão, era aquêle jovem que ali se encontrava. Fugiram, então, os três, abandonando aquela bárbara região. Mais tarde, Pílades desposou Electra. — V. ELECTRA. V. IFIGÊNIA. V. ORESTES.

PILÊMENES — 1) Rei da Paflagônia.
2) Rei da Meônia.

PILOS — Cidade da Messênia, no mar Jônio, em frente à ilha Esfatéria, pátria de Nestor.

PILUMNO — Filho de Júpiter e irmão de Picumno, ou Pico. Era o trisavô de Turno. Inventou a arte de moer o trigo e gozava de grande veneração por parte dos moleiros e padeiros. Verdadeiramente, parece que inventou o pilão, donde o seu nome, de *pilum*, "pilão". Era um deus agreste e protetor dos recém-nascidos; protegia a mãe e o filho contra os ataques de Silvano, demônio florestal. Assistiam-no nessas funções *Intercidona*, "Aquela que bate a soleira com um machado", e *Deverra*, "Aquela que varre o limiar da porta".

PIMPLÉIA — Um dos sobrenomes das Musas.

PINÁRIOS — Antiga família do Lácio, consagrada ao culto de Hércules.

PINDO — Montanha da Trácia, consagrada a Apolo e às Musas. Tem cêrca de 2.320 metros de altura; fica entre a Tessália e o Epiro.

PÍNEO — Rei da Ilíria.

PIRA — Nome do lugar onde Hércules acendeu a fogueira para se suicidar, no monte Eta.

PIRACMO — Um dos Centauros.

PIRÁCMON — Um dos Ciclopes-ferreiros de Vulcano. — V. CICLOPES.

PÍRAMO — Jovem assírio célebre pela sua paixão a Tisbe. Viviam ambos em Babilônia, morando lado a lado. Não podiam, porém, amar-se livremente, porque as famílias eram inimigas mortais. Por fim, nem sequer podiam ver-se, pois eram estreitamente vigiados. Imaginaram, em vista disto, encontrar-se num local solitário, à sombra de uma amoreira. Tisbe chegou primeiro ao lugar do encontro; a fim de passar despercebida, envolveu-se num longo manto, bem conhecido do seu amante. Mal a jovem chegara ao pé da amoreira, ouviu um rugido feroz, e uma imensa leoa precipitou-se sôbre ela; por sorte, a jovem deixa o manto na bôca da leoa e foge. Ora, o animal estava com as fauces ensanguentadas, e divertiu-se estraçalhando o manto que lhe ficara nas garras. Daí a pouco chega Píramo. Viu o manto da amante, com manchas de sangue, e não duvida de que ela tenha sido vítima de um leão, animal comum naquelas regiões. Louco de desespêro, arranca da sua espada e precipita-se sôbre ela. Logo volta Tisbe, ainda assustada. Volta, e vê o corpo do amante esvaindo-se em sangue. Lança um grito desesperado e atira-se, também, sôbre a espada fatal. Os frutos da amoreira, sob a qual esta triste cena se passou, de brancos que então eram, passaram a ser vermelhos.

PIRANTO — Pai de Argo e de Eriopas.

PIRENE — 1) Nome dado aos Pirineus, por aí ter sido sepultada Pirene, filha de Bébrice e amante de Hércules.

2) Ninfa que Marte tornou mãe de Cicno.

3) Filha de Bébrice, rei da Espanha. Tornou-se amante de Hércules e ficou grávida. Ao cabo de nove meses deu à

lus uma serpente. Ao ver o monstro, a jovem mãe ficou tão horrorizada, que fugiu para as florestas, não querendo mais ver o monstro que gerara. Despedaçaram-na os animais ferozes. Mais tarde, Hércules encontrou seus restos mortais e deu-lhes sepultura no meio das montanhas vizinhas, que, desde então, tomaram o seu nome. São os Pirineus.

4) Fonte vizinha à cidadela de Corinto, consagrada às Musas.

PIRENEU — 1) Nome de Vênus entre os Galos.

2) Rei da Fócida. Encontrou, num dia de violenta tempestade, as Musas que passeavam pela região. Ofereceu-lhes hospitalidade com tôdas as honras; mas, logo que as Musas entraram no seu palácio, mandou que fechassem tôdas as portas e quis violentá-las. As Musas, com o socorro de Apolo, ganharam asas e voaram embora; Pireneu, subindo a uma alta tôrre do seu palácio, creu também poder voar como elas, precipitou-se nos ares e veio espatifar-se no solo.

PIRETO — Pireto, nome de um Centauro.

PIRGO — Cidade da Etrúria.

PIRIFLEGETONTE — "Rio que arde com fogo". Um dos rios dos Infernos. Pròpriamente, é um rio da Tesprótia, que os antigos transformaram em rio infernal. — V. INFERNOS.

PIRÍTOO — Rei dos Lápitas, povo da Tessália. Era filho de Ixião. Comovido com a narrativa das façanhas de Teseu, quis medir-se com êle. Mas quando os dois heróis se encontraram, a fim de ver qual o mais forte, uma secreta admiração apoderou-se do espírito de ambos, e, quase inconscientemente, estenderam-se as mãos. Juraram, a seguir, amizade eterna. Pouco depois, Pirítoo desposou Hipodâmia. Para seu casamento, convidou os Centauros, seus vizinhos. Euritião, um dos Centauros, arrebatado pelos encantos de Hipodâmia, tentou arrebatá-la e levá-la para a floresta a fim de desvirginá-la. Teseu imediatamente interpôs-se e matou o atrevido Centauro. Os outros quiseram vingar a morte do seu companheiro, e precipitaram-se sôbre o herói. O combate tornou-se geral. Mas Pirítoo, auxiliado de Teseu e de outros heróis, conseguiram vencer os Centauros, matando grande número dêles. Pouco tempo depois morreu Hipodâmia. Pirítoo, inconsolável, resolveu, assim como Teseu, igualmente viúvo, viver em celibato, ou de não esposar senão uma deusa ou filha de um deus. Em conseqüência, os dois formaram o projeto de raptar Helena, filha de Leda e de Júpiter. Tendo conseguido seu intento, tiraram a sorte, a fim de saber a qual dêles Helena pertenceria. Aquêle que ganhasse Helena, ficava obrigado a buscar outra mulher para o amigo. Helena coube a Teseu, que logo se propôs a arranjar uma espôsa para o seu querido amigo. Resolveram raptar Prosérpina. Desceram os dois aos Infernos com essa ousada intenção. Infelizmente, não puderam levar a cabo o temerário projeto: Pirítoo foi estrangulado pelo Cérbero e Teseu carregado de cadeias. O herói ficou nos Infernos até que Hércules, lá descendo, o libertou.

PIRO — 1) Filho de Imbraso.

2) Oceânida.

PIROENTE — O mesmo que Pírois.

PÍROIS — Um dos cavalos do Sol.

PIRRA — 1) Espôsa de Deucalião. — V. DEUCALIÃO.

2) Filha de Creonte, tirano de Tebas.

3) Nome fictício sob o qual Aquiles se ocultou, disfarçado em trajes femininos, na côrte de Licomedes. — V. AQUILES.

PIRRO — Filho de Aquiles e de Deidamia. Criou-se na côrte de Licomedes, seu avô, até a morte do pai. Então, declarando Calcante que Tróia não seria conquistada sem o auxílio do filho de Aquiles, os Gregos mandaram buscá-lo. Apenas chegado, a todos maravilhou pela sua intrepidez; foi dos primeiros a entrar no cavalo de madeira, e contribuiu decisivamente para a queda da cidade. Manchava, porém, suas belas ações com a mais crua maldade. Matou o infortunado Príamo, imolou Políxena e não tinha comiseração dos prisioneiros. Coube-lhe Andrômaca em partilha, a quem amou sôbre tôdas as outras mulheres, preferindo-a a sua prima Hermíone, que foi causa da sua morte. Hermíone revelou sua desgraça a Orestes, que por ela se apaixonara, e êste fêz com que os Délficos o matassem. — V. ORESTES.

PISANDRO — 1) Filho de Belerofonte. O mesmo que Isandro.

2) Chefe grego.

3) Chefe troiano.

PISENOR — 1) Um dos Centauros. Fugiu durante o combate com os Lápitas.

2) Pai de Clito.

PISÍDIA — Filha de Éolo, mulher de Mirmidão e mãe de Áctor.

PITÃO — Serpente monstruosa produzida pela terra, após o Dilúvio de Deucalião. Tinha cem cabeças e cem goelas que vomitavam chamas. Guardava o oráculo da Terra junto à fonte Castália, sôbre a encosta do Parnaso. Juno, enciumada com os amôres do marido e de Latona, suscitou a serpente Pitão contra a infeliz Titânida que já estava grávida. Não teve outro meio senão lançar-se ao mar. Netuno, então, fêz surgir das profundezas do mar uma ilha, Delos, onde Latona deu à luz Apolo e Diana. Apolo, com apenas quatro dias de idade, correu ao encontro do monstro e matou-o a flechadas. Da pele do animal fêz um revestimento para cobrir o tripé da *Pitonisa* de Delfos. Foi para perpetuar a vitória de Apolo sôbre o monstro Pitão, que os Délficos instituíram os Jogos Píticos, que se celebravam todos os quatro anos. — V. LATONA.

PITEU — Rei de Trezena, filho de Pélops e de Hipodâmia. Gozou da fama de ser o homem mais sábio e eloqüente do seu tempo. Encarregou-se da educação de seu neto Teseu e do bisneto Hipólito. — V. ETRA.

PÍTIA — Pítia ou Pitonisa, sacerdotisa de Apolo em Delfos, que transmitia os oráculos do deus.

PÍTICAS — Píticas ou Jogos Píticos; celebravam-se de quatro em quatro anos, a fim de memorar a vitória de Apolo sôbre a serpente Pitão ou Píton.

PÍTIO — Epíteto de Apolo.

PITIOCAMPTE — 1) Famoso salteador morto por Hércules.

2) Cognome de Sínis.

PITO — 1) A Persuasão, filha de Vênus, conforme os Gregos.

2) Oceânida.

3) Atlântida.

4) Sobrenome de Diana em Corinto.

5) Antigo nome da região da Fócida, onde ficava situada Delfos. Depois, nome da cidade que ficou célebre pelo oráculo de Apolo.

PÍTON — O mesmo que Pitão.

PITONISA — Sacerdotisa de Apolo em Delfos. O mesmo que Pítia. Os Gregos davam o nome de Pitonisas a tôdas as mulheres capazes de proferir oráculos ou adivinhar o porvir ou que faziam profissão de adivinhadoras. — V. ORÁCULOS.

PLÊIADES — Nome das sete filhas de Atlas e Pleione e irmãs das Híades. Foram metamorfoseadas em estrêlas. Eis seus nomes: Maia, Electra, Taígete ou Taígeta, Asteropo, Mérope, Alcíone, Celeno.

PLEIONE — Filha do Oceano e de Tétis, ou de Héspero. Mulher de Atlas e mãe das Plêiades.

PLISTENES — Um dos filhos de Pélops, pai de Agamenão e de Menelau. Morreu jovem e recomendou seus dois filhos a Atreu, seu irmão, que os criou como filhos.

PLUTÃO — Deus dos Infernos. Em grego *Ades* ou *Hades*. Filho de Saturno e de Réia, irmão de Júpiter e de Netuno. Plutão significa "O que se *enriquece* com os despojos humanos"; tem, também, o nome de *Orco*. Temido pelos seus súbditos, odiado pelos mortais, poucos foram os templos ou altares que os antigos lhe dedicaram. Era invocado de noite, batendo o solo com as mãos. Imolavam-lhe touros e ovelhas negros, ornados de fitas sombrias e

PLUTÃO
(*Vaso de Vulci. Museu Britânico*)

fúnebres. Derramava-se o sangue numa fossa, assim como a libação do vinho. As vítimas eram inteiramente consumidas, para

que nada pudesse partilhar com o deus. Os animais sacrificados eram sempre em número par, o contrário exatamente de tôdas as outras divindades, que se compraziam no número ímpar, *Numero deus impare gaudet*. No fundo dos Infernos, Plutão nada sabe do que aqui acontece. Saiu das suas sombrias moradas sòmente para auxiliar seu irmão contra os Gigantes e para raptar Prosérpina. Os Romanos o admitiam no número dos doze Grandes Deuses, no lugar de Mercúrio. — V. *Prosérpina*.

PLUTO — Do grego *ploutos*, "riqueza". Pluto era filho de Ceres e de Jasião. Deus da riqueza, punham-no no rol dos deuses infernais, porque as riquezas estão contidas no seio da terra. Tendo, um dia, declarado que só favoreceria as pessoas honestas, Júpiter, escandalizado, cegou-o. Representavam-no sob a forma de um ancião com uma bôlsa. Segundo os antigos, Pluto vinha a passos lentos e afastava-se com asas. Cego, como a Fortuna, não sabia a quem prodigalizava seus bens.

POBREZA — Divindade alegórica, filha do Luxo e da Ociosidade. Alguns a fazem filha da Libertinagem. Segundo Teócrito, a Pobreza, em grego *Penía*, era a mãe da Indústria e de tôdas as Artes. É ela que desperta a atividade criadora do homem. Representam-na sob os traços duma mulher velha, pálida, mal vestida, inquieta, respigando um campo já ceifado.

PODALÍRIO — Hábil médico, filho de Esculápio e irmão de Macáon. Acompanhou Agamenão na guerra de Tróia, e prestou relevantes serviços aos Gregos.

PODARGE — 1) Harpia que Zéfiro tornou mãe de Bálios e de Xantos, os dois cavalos de Aquiles, tão velozes como o vento.

2) Um dos cavalos de Heitor. A palavra vem de *podárkees*, que se traduz "pés ágeis".

PÓLIBO — 1) Filho de Mercúrio e de Eubéia, pai de Glauco.

2) Rei de Sicione, antiga cidade da Acaia, rica em oliveiras.

3) Rei de Corinto. Como não tivesse filhos, permitiu que sua mulher criasse Édipo como seu filho.

4) Chefe Troiano.

5) Habitante de Tebas, do Egito; fêz ricos presentes a Menelau.

POLÍCRATES — Famoso tirano de Samos, ilha do grupo das Espórades, centro de grande movimento intelectual e artístico, e amigo do poeta Anacreonte. Durante 40 anos gozou Polícrates de tão constante e perfeita felicidade, que acabou ficando entediado. Para saber que coisa fôsse a Tristeza, ou o Sofrimento, lançou ao mar preciosíssimo anel, que estimava sôbre tôdas as suas infindas riquezas. Mas a Fortuna não aceitou o sacrifício voluntário do príncipe; o anel, encontrado nas entranhas de um peixe, pescado para abastecer a mesa do tirano, logo lhe foi entregue. Conforme outra versão, Polícrates, pressentindo o fim de sua perfeita felicidade, jogou o anel ao mar a fim de ir se habituando ao sofrimento. Viu seus pressentimentos realizados quando Oronte, general de Dario, no curso de uma guerra na qual Samos foi arrastada, o prendeu e o crucificou.

POLIDAMANTE — Príncipe troiano, amigo de Heitor e morto por Ájax.

POLIDECTES — Rei da ilha de Serifo. Acolheu Dânae, esposou-a e educou o filho Perseu. Morreu petrificado por obra da cabeça da Medusa, que Perseu lhe mostrou. — V. DÂNAE. V. DÍCTIS. V. ACRÍSIO.

POLIDORO — 1) Filho de Cadmo e Harmonia.

2) Filho de Aristeu e de Autônoe.

3) Filho de Hipomedonte. Foi um dos Epígonos.

4) O mais jovem dos filhos de Príamo e de Hécuba. Príamo, temendo as armas gregas, enviou Polidoro, com uma parte de suas riquezas, a Polimnestor, rei da Trácia, ao qual havia dado em casamento sua filha Ilíona. Quando Polimnestor soube da morte de Príamo, matou o jovem Polidoro e apoderou-se das suas riquezas. — V. HÉCUBA. — Conforme Homero, Polidoro foi morto por Aquiles.

POLIFEMO — O mais célebre dos Ciclopes, filho de Netuno e da ninfa Toosa. — V. ULISSES. V. ODISSÉIA. V. CICLOPES.

POLIFONTE — 1) Escudeiro de Laio, morto por Édipo juntamente com o pai. — V. ÉDIPO.

2) Tirano da Messênia.

3) Filha de Hipono e de Trassa. Era uma das companheiras de Diana. Vênus, que Polifonte desprezara, vingou-se fazendo com que a virgem se apaixonasse por um urso. Dessa união nasceram dois filhos, ambos malvados e perversos. Júpiter enviou Mercúrio para castigá-los da sua maldade;

ASBAC - SP
BIBLIOTECA

Marte, porém, transformou a mãe e os filhos em pássaros.

POLÍIDO — Famoso adivinho. Vivia na côrte do rei Minos. Certa feita o filho do rei, Glauco, morreu afogado num tonel de mel. O rei exigiu que Políido lhe restituísse a vida; mandou-o prender junto ao cadáver do filho com a ordem expressa de só sair depois de reasuscitado o jovem. O adivinho, sabendo que tal prodígio excedia seu poder, irritou uma serpente que se apresentou na câmara, com a secreta intenção de se deixar picar pelo ofídio. Mas, involuntàriamente, matou o réptil; imediatamente outra se apresentou, com uma erva na bôca; tocou a serpente morta com a erva e esta logo voltou à vida. Políido, estupefato com o prodígio, aplicou a planta no corpo de Glauco, com idêntico efeito. O jovem príncipe, depois, não permitiu que o adivinho voltasse a Argos, sua pátria, sem antes comunicar-lhe o segrêdo; êste, para poder ir embora, submeteu-se. Antes, porém, de partir, destruiu com um encanto todo o efeito da lição, de sorte que o jovem nada mais sabia a respeito de ervas milagrosas.

POLIMNESTOR — Rei de Quersoneso, na Trácia; desposou Ilíona, filha mais velha de Príamo, rei de Tróia. Logo que os Gregos cercaram a cidade de Tróia, Príamo mandou seu filho mais jovem Polidoro, para a côrte de Polimnestor, com apreciável parte da sua fortuna. O rei trácio tomou empenho no trato e educação do seu cunhado. Mas, à primeira notícia da destruição de Tróia e da morte de Príamo, degolou o jovem Polidoro e apoderou-se das suas riquezas. Entretanto, os Gregos, voltando para a pátria, passaram pela Trácia com seus prisioneiros. Hécuba, que era do número dos cativos, encontrou sôbre as bordas do mar o corpo sem vida do seu filho; sabendo que o cruel assassino fôra Polimnestor, lançou-se sôbre êle, arrancou-lhe os olhos e matou seus dois filhos. — V. HÉCUBA.

POLÍMNIA — Uma das Musas. — V. MUSAS.

POLINICE — Filho de Édipo e de Jocasta. Abandonou Tebas quando seu pai ainda vivia e retirou-se para Argos, onde desposou a filha de Adrasto. Após a morte de Édipo, voltou a Tebas, e foi reconhecido rei juntamente com seu irmão Etéocles. Acontece que os irmãos, gêmeos, odiavam-se com ódio mortal e êste ódio começara mesmo antes de êles nascerem. Como não se entendessem, ficou estabelecido que cada um reinaria um ano, alternadamente. Etéocles reinou por primeiro; findo o ano, não quis ceder o trono. Polinice, furioso, retirou-se para junto de Adrasto, e voltou pouco depois à testa de um poderoso exército. Os dois decidem liquidar a querela por meio de um combate singular, que tem lugar sob os muros da cidade. Ao primeiro recontro, Polinice feriu mortalmente Etéocles; êste, ferido, consegue, ainda, dar um golpe mortal no irmão. Morrem ambos. Creonte, tio dos jovens, e que assumira o trono após a morte dos dois, deu sepultura a Etéocles e ordenou que o corpo de Polinice ficasse exposto às aves do céu: castigo por ter trazido exército estrangeiro para a sua pátria. — V. ADRASTO. V. ANTÍGONA. V. ETÉOCLES. V. ISMENA. V. ÉDIPO. — Ambos os irmãos são designados, às vêzes, pelo patronímico *Labdácidas*, i. é, descendentes de Lábdaco.

POLIPEMÃO — Pai de Procusto.

POLITES — Um dos filhos de Príamo, morto por Pirro.

POLÍXENA — Filha de Príamo e de Hécuba. Aquiles vira essa jovem durante uma trégua e ficou perdidamente apaixonado por ela. Pediu-a em casamento a Heitor, seu irmão. O príncipe troiano prometeu-lhe a mão da irmã se Aquiles consentisse em trair os Gregos. Condição tão vergonhosa excitou as iras de Aquiles, que recusou com indignação a proposta. Seu amor, contudo, não diminuiu. Logo que Príamo foi suplicar o corpo do filho, Heitor, para dar-lhe condigna sepultura, levou consigo a princesa, a fim de ser mais favoràvelmente acolhido. Com efeito, o velho pai entrou em posse do cadáver de Heitor; Aquiles, aproveitando a oportunidade, renovou seu pedido, e consentiu, mesmo, em ir secretamente desposar Políxena em presença de sua família, num templo de Apolo, que existia entre a cidade e o arraial dos Gregos. Enquanto o herói conduzia a jovem espôsa ao altar, Páris, de emboscada, feriu-o mortalmente com uma flecha no calcanhar. Políxena, em desespêro por ver perecer aquêle que amava, e inconformada por saber-se a causa de tal morte, retirou-se para o campo dos Gregos, onde foi recebida por Agamenão; durante a noite, porém, atravessou o selo com uma

espada, sôbre a sepultura do marido. Segundo outra tradição, foi imolada por Pirro sôbre o túmulo do herói Aquiles.

POLIXENO — 1) Um dos filhos de Jasão e Medéia.

2) Filho de Agasteno.

POLIXO — 1) Atlântida.

2) Uma das Híadas.

3) Uma das mulheres de Dânao.

4) Mulher de Nicteu.

5) Sacerdotisa de Apolo na ilha de Lemnos. Incitou as mulheres a matar os maridos. V. HIPSÍPILE.

6) Velha confidente de Hipsípile; aconselhou-a a bem receber os Argonautas.

7) Mulher de Tlepólemo, morto no assédio de Tróia. Essa mulher nutria ódio mortal a Helena, causadora da guerra onde perdera o marido. Quando Helena, expulsa pelos filhos do marido, refugiou-se em Rodes, justamente na casa de Polixo, esta, enquanto Helena se banhava, mandou duas mulheres que a enforcaram numa árvore. — V. HELENA.

PÓLUX — Irmão de Castor. — V. CASTOR. — O poeta Simônides, certa feita, foi encarregado pelo rico tessálio Escopas, de fazer um poema em sua honra. O poeta julgou de bom aviso intercalar no poema uma referência aos gêmeos salvadores, Castor e Pólux. Escopas recusou pagar o preço convencionado, porque o poema não era todo em sua honra. Os Dióscuros souberam vingar-se de tamanha mesquinhez. No dia do banquete, os dois irmãos sùbitamente apresentaram-se à porta do palácio e chamaram Simônides. Apenas o poeta chegou fora, desapareceram os Dióscuros. No mesmo instante o palácio desmoronou, e o único que escapou com vida foi o poeta Simônides.

POMO DA DISCÓRDIA — Não tendo sido convidada às bodas de Tétis e Peleu, a Discórdia lançou no meio da sala do festim o famoso *Pomo da Discórdia*. Crê-se que tal pomo fôsse uma maçã de ouro.

POMONA — Deusa dos frutos e dos jardins. Seu nome deriva de *Pomum*, "fruto" ou "árvore frutífera". Era Pomona uma Ninfa de admirável beleza. Todos os deuses agrestes disputavam a sua mão. Vertumno, sobretudo, procurou por todos os meios fazer-se amar da formosa Ninfa. Metamorfoseou-se de várias maneiras, e, por fim, logrou alcançar o amor de Pomona. Tinha esta deusa, em Roma, um templo e altares. Representavam-na coroada de fôlhas de videira e de racimos de uva; trazia o Côrno da Abundância e um açafate cheio de frutas. Originàriamente os Etruscos a veneraram, e só mais tarde seu culto passou para Roma.

POMOS DE OURO (OS) — Havia, no Ocidente, onde o sol se põe, um maravilhoso jardim, o jardim das Hespérides. Aí cresciam árvores mágicas, que produziam o ano inteiro esplêndidas maçãs de ouro. Nesse jardim viviam as Ninfas Hespérides e a sua guarda estava confiada a um dragão de cem cabeças. — V. ATALANTA. V. HÉRCULES.

PONTO — *Póntos*, em grego, significa o "mar" ou, melhor, "alto mar". Era Ponto um antigo deus marinho, pai de Forco, de Taumante, de Euríbia... Um filho de Netuno, também chamado Ponto, deu seu nome ao Mar Negro, chamado Ponto Euxino, e à uma região da Ásia Menor.

PONTO EUXINO — *Pontus Euxinus*, o "Mar Hospitaleiro", é o mesmo Mar Negro, e, também, a sua zona litorânea, de modo especial a região entre a Bitínia e a Armênia.

PORFIRIÃO — 1) Um dos Gigantes que fizeram guerra contra os deuses. Júpiter, a fim de vencê-lo mais fàcilmente, inspirou-lhe violento amor por Juno; quando o Gigante, alucinado pela paixão, ia fazer violência à deusa, foi morto por Júpiter.

2) Um dos sobrenomes de Hércules.

PORFÍRIO — O mesmo Porfirião, filho de Urano e da Terra, fulminado por Júpiter.

PÓRRIMA — Irmã ou companheira de Carmenta; presidia aos acontecimentos passados. Conforme outros, é a própria Carmenta, deusa que presidia aos nascimentos em Roma.

PORSIMNA — Filha do rio Astérion, da Argólida. Foi uma das amas de Juno.

PORTMEU — Outro nome de Caronte. *Portmeu*, "Aquêle que passa" ou "O Barqueiro", identificado com o Caronte, de origem não romana, gozava de pequena popularidade, em virtude de celebrarem os poetas sòmente o deus infernal Caronte, apesar de ser Portmeu genuína e autêntica divindade romana.

PORTUMNO — Deus dos Romanos que presidia às portas. Representavam-no sob a figura de um ancião apoiado sôbre um golfinho. Os Gregos adoravam a mesma divindade sob o nome de Palemão.

PORTUNÁLIAS — Festas em honra de Portumno ou Portuno.

PORTUNO — O mesmo que Portumno.

POSEIDON — Nome grego de Netuno. Poseidon é igual ao sânscrito *Idaspati*, "Senhor das Águas." — V. NETUNO.

POSEIDON DE MILO
(*Museu de Atenas*)

POSTVORTA — Deusa romana que presidia aos acontecimentos futuros e aos partos laboriosos.

PRÉTIDAS — As três filhas de Preto: Ifianassa, Ifínoe e Lisipa. Gozavam essas virgens da justa fama de serem as mais formosas do país. Envaidecidas, ousaram comparar sua beleza à de Juno. Vingou-se a deusa enlouquecendo-as. As infortunadas, convencidas de que eram vacas, dispararam a correr pelos campos mugindo sem cessar.

PRETO — Filho de Abante, rei de Argos, e irmão gêmeo de Acrísio. Morto o pai, disputaram os irmãos a coroa. Preto conseguiu reinar, mas por pouco tempo, pois foi logo deposto pelo irmão. Retirou-se, então, para a côrte de Iobates, rei da Lícia, cuja filha desposara. Iobates auxiliou-o na luta contra o irmão, de sorte que conseguiu, novamente, apoderar-se do trono de Argos. Preto foi morto por Perseu, em vista de ter despojado Acrísio do seu reino; Megapente, filho de Preto, vingou-se matando Perseu. — V. BELEROFONTE.

PRIAMEIDA — Cassandra, filha de Príamo.

PRÍAMO — Último rei de Tróia. Era filho de Laomedonte e de Estrimão. Logo que Hércules, após haver libertado Hesíone, se viu privado da recompensa prometida, Príamo foi o único dos filhos de Laomedonte que protestou contra a injustiça paterna. Por tal razão não foi morto; como prisioneiro, levaram-no para a Grécia. Hesíone conseguiu resgatá-lo. Assumiu o trono e reconstruiu, fortificou e embelezou a cidade de Tróia. A seguir estendeu os limites do seu reino. Fêz um reinado fecundo e justo, até que Páris, seu filho, pelo rapto de Helena, desencadeou a fatídica guerra de Tróia. Os Gregos sitiaram a cidade que se manteve durante dez anos. Por fim foi conquistada e destruída. A numerosa família de Príamo foi quase inteiramente destruída; êle mesmo tombou às mãos de Pirro, filho de Aquiles, ao pé do altar em que se abraçara. — V. HÉCUBA. — Segundo Homero, o cadáver de Príamo ficou sem sepultura, abandonado aos cães. Conforme Pacúvio, Príamo, arrancado do seu palácio por Pirro, foi assassinado junto à ribeira, sôbre o túmulo de Aquiles.

PRIAPO — Deus dos jardins. Conforme alguns, Priapo era filho de uma Ninfa. Segundo a opinião mais comum, Vênus, indo ao encontro de Baco, que retornava triunfante da Índia, encontrou-se com o deus e ficou algum tempo em sua companhia. Priapo foi o fruto dessa entrevista. Juno, invejosa de Vênus, fê-lo nascer com horrível deformidade. Vênus, envergonhada de ter dado à luz semelhante monstro, mandou-o para Lâmpsaco, para que o criassem e educassem longe dela. Tornou-se, logo, o terror dos maridos. Tantas e tamanhas fêz, que se viu obrigado a fugir. Mas os habitantes de Lâmpsaco, afligidos com estranha e cruel enfermidade, acreditaram ver aí o justo castigo pelo mau tratamento infligido ao filho de Vênus, chamaram-no de volta e fizeram-no objeto da sua veneração. Instituíram festas em sua honra, nas quais o povo entregava-se a tôda sorte de desmandos e libertinagens. Assim, Priapo tornou-se o deus das mais vergonhosas desordens, das mais obscenas ações. De Lâmpsaco, cidade da Mísia, sôbre o Helesponto, o culto de Priapo passou para Roma. Priapo, para os Romanos, tor-

nou-se o deus dos jardins, dos pomares e dos vergéis. Divindade grosseira e de fealdade repugnante, jamais foi popular entre os Gregos; os Romanos, porém, grandes latifundiários, deram-lhe a maior importância: colocavam sua imagem, sôbre um soco, a fim de vigiar os pomares. Sua figura era espantosa: chifres de bode, orelhas de cabra, uma vara ou uma maça nas mãos, com o rosto contraído num esgar ameaçador. Para completar o efeito, sujavam-no de vermelhão, por meio de cinabre ou de mínio. Às vêzes, punham ao pé instrumentos de jardinagem.

PRIMA — Filha de Rômulo e de Hersília.

PRIMAVERA — Estação do ano que era consagrada às Musas e às Graças.

PROCAS — Rei de Alba, avô de Rômulo e Remo. Era pai de Númitor e de Amúlio.

PRÓCION — Nome de uma constelação que corresponde à atual constelação do Pequeno Cão.

PROCLES — Rei de Esparta, filho de Aristodemo e irmão de Eurístenes.

PROCNE — Irmã de Filomela e mulher de Tereu; foi metamorfoseada em andorinha. — V. FILOMELA.

PRÓCRIS — Filha de Erecteu, morta involuntàriamente por Céfalo, seu marido. — V. CÉFALO.

PRÓCULO — Depois da morte de Rômulo, Próculo afirmou ter-lhe aquêle aparecido na colina, mais tarde chamada Quirinal, sob a forma de divindade.

PROCUSTO — "Estalador", apelido de Damastes ou Polipemão, famoso salteador da Ática. De inacreditável crueldade, Procusto estendia seus hóspedes num leito de ferro; cortava as extremidades das pernas quando estas ultrapassavam o comprimento do leito; quando eram muito curtas, esticava-as com cordas até atingir o comprimento do leito. Foi morto por Teseu.

PROERÓSIA — Festas nacionais celebradas pelos camponeses da Grécia, em honra de Deméter, antes da lavra das terras cultiváveis.

PROMETEU — Prometeu é um misto de Criador, Herói e Divindade. Filho do Titã Jápeto e de Clímene, neto portanto, da Terra e de Urano, passava por ser o mais hábil, o mais inteligente e o mais formoso de todos seus irmãos. Prometeu, nome que se traduz por "Previdente", correu em auxílio de Júpiter, seu primo, quando êste se viu atacado pelos Gigantes, temíveis filhos da Terra, monstros cruéis e de ferocidade indomável, cujo dorso humano terminava em cauda de serpente, coberta de duras escamas. Em companhia das demais deidades do Olimpo, conseguiu Prometeu, com seu valor e coragem, rechaçar os Gigantes e matá-los a todos, com exceção do famigerado Encélado, que foi, por ordem de Júpiter, encerrado no seio do Etna. Júpiter saíra vencedor da terrível pugna. E Prometeu, como paga, viu-se expulso do Céu e arrojado sôbre a terra deserta e fria, sombrio lugar de exílio. É que Júpiter temia a inconteste superioridade intelectual do seu benfeitor. Largos anos passou Prometeu a vaguear pela terra. Um dia concebeu uma idéia. Rival da suprema divindade, tomou limo da terra, moldou-o com arte e deu forma à matéria bruta. Concedeu-lhe, em seguida, a faculdade de se locomover. Pronta sua obra, verificou Prometeu que nela faltava algo de essencial. Foi então, que Minerva, do alto céu, viu o estranho ser, fabricado à imagem dos celícolas, pelo engenho de Prometeu. A deusa ofereceu-se para conduzi-lo, em segrêdo, através do empíreo, a fim de que escolhesse o que julgasse mais próprio para assegurar vida e perpetuidade à nova criatura. Prometeu arrebatou, então, do carro rutilante do Sol, uma faísca etérea; escondeu-a noôco de uma férula e retornou à terra. Depôs, em seguida, no seio da criatura que inventara, o fogo divino, fonte de vida, inteligência, vontade e querer. E o homem apareceu sôbre a face da terra, e o fogo, pela primeira vez, brilhou entre os mortais. Júpiter, colérico ao ver aquela nova raça, chamou Prometeu à sua presença. À fôrça de eloqüência, e astúcia, conseguiu Prometeu não só apaziguar o enfurecido Júpiter, mas até obrigá-lo a jurar pelo sagrado Estige, que a nova raça criada por Prometeu, viveria até a consumação dos séculos. O filho de Jápeto, levado pelo seu gênio audacioso e irreverente, quis zombar do Mestre infalível do Olimpo. Matou dois touros, esquartejou-os e na pele de um envolveu tôdas as vísceras, a gordura e as carnes; no couro do segundo, escondeu sòmente os ossos. Depois, presente a côrte olímpica, pediu a Júpiter que escolhesse uma das vítimas imoladas. Júpiter tomou os ossos, e os demais deuses muito riram do lôgro. Júpiter, furioso por ter sido ridicularizado, quis tomar tremen-

da vingança. Corre atrás de Vulcano, o divino artífice, e pede-lhe que faça uma mulher, uma obra original, um ser sem igual. Vulcano pôs mãos à obra. Em pouco estava feita a nova criatura, dotada de tôdas as belezas materiais; insuflou-lhe o deus coxo uma centelha do fogo divino e introduziu-a, pessoalmente na sala do trono, onde estava Júpiter e os demais deuses. Estes, fascinados pela obra de Vulcano, resolveram dotá-la cada um com os atributos próprios à sua divindade. Minerva revestiu-a com brilhantes vestes, de brancura imaculada, colocou-lhe sôbre a adorável cabeça um véu tecido pelas Nuvens e pelo trêfego Zéfiro. Coroou-a, depois, com a augusta coroa de ouro cravejada de ricas gemas, símbolo da sua divindade. Por fim, beijando-a na testa, fêz-lhe dom da inteligência e lhe inspirou o conhecimento de tôdas as artes próprias ao seu sexo. Vênus envolveu-a do encanto pérfido que faz nascer os desejos inquietos. Beijou-a nos lábios, nos ombros e no seio, dando-lhe, assim, com o cesto, as mais tentadoras armas contra o homem. Mercúrio, com o espírito de astúcia e sagacidade, ofertou-lhe a eloqüência persuasiva. As Graças cingiram-na com colares de ouro e pérolas. Por último, Júpiter, depositou-lhe nas mãos uma pequenina caixa de ouro, ricamente lavrada e hermèticamente fechada, com a expressa recomendação de levá-la a Prometeu. Os deuses deram ao nôvo ser o nome de *Pandora*, que significa "Dotada por todos". Prometeu, ao vê-la, logo imaginou que fôsse uma cilada do seu augusto primo, e afastou-se dela. Epimeteu, nome que significa "Imprudente", irmão de Prometeu, apesar dos reiterados avisos do irmão, que vivamente o instruíra a fim de que não recebesse presente algum vindo de Júpiter, deixou-se seduzir por Pandora. Abriu a caixinha. Imediatamente uma nuvem de males, desgraças e crimes escapou-se do interior da caixa: a Dor, o Sofrimento, a Doença, a Velhice, a Morte, a Pobreza, a Miséria, a Ambição, a Ira, o Ódio, a Luxúria, a Inveja, o Ciúme, a Guerra, o Assassínio, a Peste, a Impiedade, a Desconfiança... Epimeteu, assustado, quis fechá-la. Era tarde. A horda de males já cobria a terra. Sòmente a Esperança ficara no fundo da caixa. Júpiter vingara-se como convinha a um deus. A obra de Prometeu estava irremediàvelmente comprometida. Mas Prometeu não se deixara enganar, êle mesmo nada sofrera, e continuava a zombar do pai dos deuses. Júpiter, então, recorre a Vulcano pela segunda vez. Ordenou-lhe que, em companhia da Fôrça, a deusa cega, prendesse Prometeu com duras cadeias de ferro e o ligasse, sòlidamente, ao mais alto pico do Cáucaso. Obedeceu Vulcano. Prometeu viu-se ligado com correntes, que lhe dilaceravam as carnes, às negras pedras da rocha. Precipitou, depois, dos altos céus, uma águia esfaimada, voraz filha de Tifão e Equidna, para, eternamente e cada dia, sem tréguas, lhe devorar o fígado sempre renascente. Conforme outros, seu suplício deveria durar trinta mil anos. Prometeu, conhecedor do porvir, comunicou ao seu cruel algoz, não obstante os inenarráveis sofrimentos que padecia, o caridoso aviso de não ceder à tentação de esposar a deslumbrante Tétis, pois o filho dela seria mais poderoso e temível que o pai. — V. EM TÉTIS OUTRA VERSÃO SÔBRA O ASSUNTO. — Júpiter comoveu-se. A bela ação merecia recompensa. E Prometeu foi libertado pelo próprio pai dos deuses. Outros querem que tenha sido libertado por Hércules, que matou a águia. Para não violar o juramento que fizera, de jamais permitir que Prometeu andasse livre, impôs-lhe Júpiter a obri-

PROMETEU E ATLAS
(*Pintura de um vaso grego com figuras negras.*)

gação de trazer no dedo um arco de ferro com um pequeno fragmento da rocha caucásica nêle encastoado. Daí, dizem, veio o uso dos anéis. Os Atenienses, depois que

Prometeu ascendeu aos céus, ergueram-lhe estátuas e altares. Celebravam, com grande pompa, as *Lampadoforias*, festas em honra do criador do homem.

PRÓNUBA — Epíteto de Juno.

PROPÉTIDAS — Filhas de Amatonte, da ilha de Chipre. Negaram a divindade de Vênus. A deusa vingou-se acendendo no seu coração o fogo da impudicícia. Perderam tôda a vergonha e recato. Prostituíam-se à beira-mar, em comum, com quem quisesse. Foram, insensìvelmente, metamorfoseadas em rochas.

PROSÉRPINA — Em grego *Perséfone* ou *Core*. *Core*, em português "Cora", significa "virgem", "donzela" ou "mulher jovem". Era filha de Júpiter e de Ceres, sua irmã. Inspirou grande amor a Plutão, seu tio. Como ninguém com êle quisesse casar, resolveu conseguir espôsa à fôrça. Um dia, quando Prosérpina colhia flôres, com suas companheiras, na planície de Ena, na Sicília, raptou-a o seu tio, Plutão, e levou-a para seu reino, onde a esposou e a fêz rainha dos Infernos. Ceres, depois de procurá-la em vão por todo o mundo, desceu aos Infernos, e aí a encontrou. Prosérpina, porém, não se determinava a deixar seu espôso infernal. Conforme outra lenda, Ceres pediu a Júpiter que a fizesse voltar dos Infernos; o deus consentiu, contanto que a jovem nada tivesse comido nas sombrias regiões infernais, pois do contrário estaria irremediàvelmente ligada ao reino das Sombras. Ascálafo, pressuroso, apressou-se em declarar que a vira comer uns bagos de romã; Prosérpina, então, viu-se obrigada a permanecer nos Infernos. Prosérpina era adorada em todos os países da antigüidade, mas de modo especial na Sicília. Representam-na ao lado de Plutão, sôbre um trono de ébano ou sôbre um carro tirado por cavalos negros. — V. ASCÁLAFO. V. CERES. V. CÍANE. — Conforme, ainda, outra versão, Prosérpina, como única graça, conseguiu de Júpiter o favor de passar seis meses nos Infernos e seis na terra, em companhia de sua mãe, alegoria manifesta da germinação das plantas, de modo especial do trigo. Prosérpina jamais teve filhos; em sacrifício ofereciam-lhe vacas estéreis ou cães negros. Consta de uma antiga lenda que Prosérpina, antes de ser raptada por Plutão, fôra seduzida por Júpiter, sob a aparência de uma serpente.

PROTESILAU — Príncipe tessálio, filho de Íficlo. Abandonou sua espôsa na manhã seguinte à noite de núpcias, para ir combater com os Gregos em Tróia. O oráculo havia declarado que o primeiro que descesse na margem troiana, regaria o chão com seu sangue; ninguém, por essa razão, ousava ser o primeiro a descer e a conquistar tão perigosa glória. Protesilau, heròicamente, devotou-se pela causa comum; foi o primeiro e descer e logo Heitor o matou. Segundo outra tradição, Protesilau sobreviveu à tomada de Tróia. Uma tempestade arremessou-o às costas da Macedônia. Enquanto, com os navios a sêco, esperando que o tempo melhorasse, saiu a procura de socorro, Étila, irmã de Príamo, uma das suas cativas, persuadiu aos demais prisioneiros a queimar os navios, a fim de não serem conduzidos a Grécia. Assim fizeram. Protesilau viu-se obrigado a se fixar naquela região, onde fundou uma cidade.

PROTEU — Deus marinho, filho do Oceano e de Tétis, ou antes, de Netuno e de Fenice. Proteu era o guardião dos rebanhos marítimos. Seu pai, para recompensá-lo dos ingentes esforços que despendia na conservação das imensas manadas de focas e cetáceos, deu-lhe o conhecimento do passado, do presente e do porvir. Para consultá-lo, tornava-se necessário surpreendê-lo enquanto dormisse e ligá-lo de maneira tal que não pudesse escapar, pois, como tôda divindade marinha, assumia logo as formas mais extravagantes, a fim de espantar os consulentes; se, porém, o consulente perseverasse e o mantivesse bem prêso, readquiria logo a feição primitiva e respondia a tôdas as perguntas. Seus locais preferidos eram as costas da ilha de Faros, as proximidades da ilha de Carpatos, entre Creta e Rodes, e as profundezas azuis do Mediterrâneo.

PROTOGÊNIA — Filha de Calidão; teve, de Marte, um filho chamado Oxilo.

PRUDÊNCIA — Deusa alegórica. Era representada com uma cabeça de dois rostos.

PSALACANTO — Ninfa que, vendo-se desprezada por Baco, de quem se apaixonara, sentiu tanto descapêro que se suicidou e foi logo transformada numa flor. Psalacanto traduz-se por "Flor falsa".

PSÂMATE — 1) Filha de Crotopo, rei de Argos. Deixou-se seduzir por Apolo e teve

um filho, que mandou expor, a fim de que ninguém soubesse da sua desonra. A criança recém-nascida foi devorada pelos cães do rei. Apolo, irritadíssimo, enviou contra os Argivos um monstro que arrancava as crianças do seio materno para devorá-las. — V. PENE.

2) Nereida, mãe de Foco ou Forco.

PSÉCADE — Um das Ninfas de Diana.

PSICOMANCIA — Arte de evocar os espíritos. Suposta adivinhação pela evocação das sombras.

PSICOMANCIO — Lugar onde se evocavam as almas dos mortos.

PSICOPOMPO — Epíteto de Mercúrio como condutor das almas dos mortos ao Hades. Costumavam, nas encruzilhadas, erguer uma estátua a Mercúrio, e esta estátua merecia, igualmente, o nome de Psicopompo.

PSIQUE — Jovem princesa de rara beleza, comparável a Vênus. Foi amada do próprio Amor ou Cupido. — V. EROS.

PTÉLEO — Amante de Prócris. Seduziu-a por meio de uma coroa de ouro.. — V. CÉFALO.

PTÉRELA — 1) Rei dos Táfios. Tinha êsse rei uma filha chamada Cometo. Cortou ela o cabelo de ouro do pai, do qual dependia o destino de Ptérela, a fim de entregar a capital a Anfitrião, que a cercava. Ptérela foi morto e Cometo, por recompensa, condenada à morte por ordem de Anfitrião, indignado com tamanha perfídia. — V. CILA.

2) Um dos cães de Acteão.

PTOUS — Filho de Atamante e de Temisto. Deu seu nome a uma montanha da Beócia, onde construiu um templo a Apolo, que logo se tornou famoso pelo oráculo.

Q

QUADRATUS DEUS — "O deus quadrado", nome do deus Termo, que se adorava, às vêzes, sob a forma de uma pedra quadrada. — V. TERMO.

QUADRICÍPITE — "O que tem quatro cabeças", nome de Mercúrio, considerado como deus da velhacaria e da duplicidade. Dava-se, também, êste nome a Jano, com o sentido de "Quatro frontes".

QUADRIFORME — "O que tem quatro faces", sobrenome de Jano, considerado como deus do ano, dividido em quatro estações.

QUADRIFRONTE — Nome do deus Jano.

QUATRO IDADES (AS) — V. IDADE DE OURO.

QUELIDÔNIA — Irmã de Aédon. — V. AÉDON.

QUELONE — Ninfa que Mercúrio transformou em tartaruga, por não ter assistido ao casamento de Júpiter e de Juno.

QUERÁON — Gênio ou demônio honrado em Esparta nos banquetes públicos.

QUERES — Divindades que personificavam, entre os Gregos, ora a morte ora o destino.

QUERQUETULANAS — Ninfas que presidiam à preservação dos carvalhos. Carvalho, em latim é *quercus*.

QUERQUETULANO — Apelido do monte Célio, em Roma.

QUERQUETULANOS — Povos do Lácio.

QUIMERA — Era a Quimera um monstro fabuloso, nascido de Tifão e de Equidna. Tinha uma cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de serpente; segundo Hesíodo, possuía três cabeças, de leão, de cabra e de serpente. Vomitava chamas. Segundo a tradição, habitava ora a Cária, ora a Lícia; foi morta por Belerofonte. — V. BELEROFONTE. — A Quimera figurava em muitas moedas antigas, sòzinha ou com seu vencedor, como se vê nas peças de Corinto e de Sicione, antiga cidade da Acaia. Homero assim descreve o terrível monstro: "...mandou que exterminasse a invencível Quimera, monstro de prosápia divina e não humana, com cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de serpente; ser sobremodo péssimo, soprava fogo vivo e flamejante..."

QUIO — Ninfa filha do Oceano. Deu seu nome a uma ilha do mar Egeu.

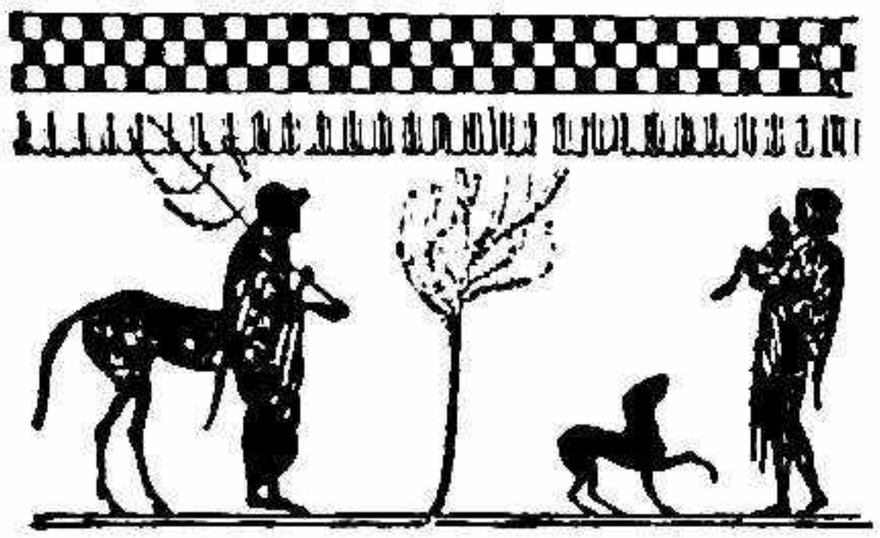
QUÍONE — 1) Filha de Deucalião. Foi amada de Apolo e Mercúrio. Do primeiro teve Filamão, e do segundo Autólico. Orgulhosa do amor que havia inspirado a essas duas dividnades, Quíone ousou preferir sua fecundidade à castidade de Diana. A deusa, indignada, para puni-la, furou-lhe a língua com uma flechada, ferida que logo depois lhe causou a morte.

2) Filha de Bóreas e Orítia. Conforme alguns, é mãe de Eumolpo; conforme outros, de Priapo. Lançou Eumolpo no mar, mas o menino foi salvo por Netuno, seu pai.

QUIOS — Ilha do mar Egeu, perto do literal da Ásia Menor, e afamada por seu vinho, figos e mármore.

QUIRÃO — Famoso Centauro. Nasceu dos amôres de Saturno, metamorfoseado em cavalo, e de Filira. Era Filira filha do

Oceano, e tornou-se amante de Saturno. Um dia, estavam ambos terminando o ato amoroso, quando foram surpreendidos por Réia. Saturno, imediatamente, fugiu sob a forma de cavalo. Fílira, cheia de vergonha, escondeu-se nas montanhas, onde deu à luz um Centauro, o famosíssimo Quirão. À vista do monstro, metade cavalo metade homem, experimentou a mãe tamanha dor, que suplicou aos deuses que a metamorfoseassem. Foi atendida e transformou-se numa tília. Quirão, pois, passou a sua primeira juventude nas montanhas e nas florestas. Tornou-se amigo de Diana e com ela costumava caçar, indicando-lhe os lugares onde se acolhiam os animais que a deusa desejava matar. Ao contrário dos demais Centauros, — V. CENTAUROS —



O CENTAURO QUIRÃO

tinha brilhante inteligência, e o convívio com Diana lhe foi de grande utilidade. Com ela aprendeu o conhecimento dos símplices e das estrêlas. Sua caverna, situada ao pé do monte Pélion, tornou-se célebre escola. Aí ensinava o Centauro aos seus discípulos as coisas úteis à vida; dêstes, os mais célebres foram: Hércules, Aquiles, Teseu e Jasão. Ensinava, também, medicina, cirurgia e astronomia. Na guerra que Hércules moveu aos Centauros, uma das flechas, tintas no sangue da Hidra da Lerna, em lugar de atingir seu objetivo, feriu o bom Centauro Quirão no joelho. O infeliz, sofrendo dores intoleráveis, pediu a Júpiter que pusesse têrmo a seus sofrimentos abreviando-lhe os dias. Júpiter atendeu-o, e colocou-o no Céu, onde forma a constelação do Sagitário. Quirão passou à posteridade com a alcunha de "O Sábio". Conforme outra versão, um dia, quando Quirão examinava as flechas envenenadas de Hércules, por acaso uma escapou-se-lhe das mãos e veio feri-lo no pé. Todos os remédios foram impotentes para acalmar-lhe as dores. Dotado pelos deuses do dom da imortalidade, preferiu morrer, legando sua imortalidade a Prometeu. — V. FOLO.

QUIRINAIS — Festas em honra de Rômulo, confundido com Quirino, em Roma.

QUIRINAL — Uma das sete colinas de Roma. Era assim chamado de Quirino, confundido com Rômulo, que aí tinha um templo.

QUIRINO — *Quiris*, no dialeto sabino significa "lança". Quirino era um antigo deus dos Sabinos, que o representavam sob a forma de uma lança. Os Sabinos, reunidos aos Romanos, deram êsse nome a Rômulo, pôsto no rol dos deuses, porque tinha sido um grande guerreiro. A circunstância de ser Rômulo filho de Marte, deus da guerra, robusteceu a crença de que Quirino e Rômulo fôssem uma só divindade. Numa, sucessor de Rômulo, dedicou-lhe culto particular. Júpiter, Marte e Jano também tinham o nome de Quirino.

QUIRITES — Sabinos que se misturaram à população romana. Era, igualmente, denominação comum para os cidadão romanos que viviam na condição privada.

QUIROMANCIA — Adivinhação pela inspeção das linhas que aparecem nas mãos.

QUÍRON — V. QUIRÃO.

QUÍTONE — Cidade da Ática.

QUITÔNIA — Sobrenome de Diana, tomado da cidade de Quítone, na Ática, onde tinha renomado templo.

QUITÔNIAS — Festas em honra de Diana.

R

RABDOMANCIA — Adivinhação com o auxílio de varinha mágica; a varinha inclina-se na mão do operador quando êste passa por cima de veios de água, tesouros ocultos, minas, etc.

RADAMANTO — Filho de Júpiter e da Europa, e irmão de Minos. Sua mãe, Europa, que fôra raptada por Júpiter, ficara na ilha de Creta, onde, mais tarde, desposou o rei do país, Astério. À morte dêste, os dois irmãos disputaram o trono da ilha. Minos, com o auxílio da fôrça, assumiu o trono e Radamanto viu-se obrigado a fugir para as Cíclades, onde fundou grande número de instituições. Civilizou os povos ignorantes, deu-lhes sábias leis e obrigou-os a viver em comunidades; passou-se, a seguir, para a Beócia, e casou-se com Alcmena, a viúva do rei de Tebas, Anfitrião, e mãe do famoso herói Hércules. Aí Radamanto tornou-se querido de todos por causa da sua eqüidade; é dêle a célebre lei de talião; obrigou a acusação a prestar juramento quando não havia testemunhas; obrigou aos juízes ouvirem o réu antes de acusá-lo. Depois da sua morte, os deuses, para recompensar tão grande honradez e espírito justiceiro, deram-lhe o cargo de juiz dos Infernos. Êle só julga, dizem, os povos da Ásia.

RAIOS — Entre as costas da Sicília e da Lípara Eólia, ergue-se uma ilha coroada de fumegantes rochas, sob as quais trovejam as furnas e os antros do Etna, escavados pelas forjas dos Ciclopes; as vigorosas marteladas nas bigornas retumbantes, prolongam o estrondo; as barras de ferro dos Calibes, retinem pelas cavernas, e as labaredas rompem das fornalhas. Aí é a morada de Vulcano, o fabricante de raios, e a terra é chamada Vulcânia, do seu nome. No vasto antro, sob a terra, trabalham os Ciclopes, Brontes, Estérope e Pirácmon; enquanto uns caldeiam o ferro, outros dão polido aos rutilantes raios. Eis a receita para a feitura dos raios de Júpiter: Juntam-se três porções de saraiva, três de nuvens aquosas, três de fogo rutilante e três de vento impetuoso; misturam-se, depois, terríficos fulgores, estrondo, terror e fúrias com chamas perseguidoras. Umas esfregadelas enérgicas para dar brilho e polido, e o raio está pronto para ser usado.

RAMÁLIAS — Antigas festas, em Roma, da agricultura e da vinha, onde se levavam em procissão cepas de videiras carregadas com seus frutos. Conforme alguns mitógrafos, as Ramálias eram em honra de Baco.

RAMNENSES — Ramnenses ou Ramnes, uma das três tribos primitivas com que Rômulo formou as três centúrias de cavaleiros, i. é, a ordem eqüestre.

RAMNES — Uma das três tribos originárias do povo romano; as duas outras chamavam-se Lúceres e Títies.

RAMNÚSIDA — Nêmesis, deusa da Vingança e da Justiça distributiva; tinha êste

nome por estar seu templo principal em Ramnunte, na Ática.

RÂNIDA — Uma das Ninfas de Diana.

RAPÔSA — Uma rapôsa, enviada por Baco, fazia grandes estragos nos arredores de Tebas. Céfalo emprestou seu famoso cão Lélape a Anfitrião, que queria matar o animal. No momento em que Lélape ia prender a rapôsa, êle e Anfitrião foram mudados em pedra.

RAPSODOMANCIA — Adivinhação que se praticava abrindo ao acaso um livro de qualquer poeta, e tomando por resposta o primeiro verso que caía sob os olhos do consulente.

RARIA — Sobrenome de Ceres. Veio-lhe êste nome pelo fato de pertencer a Raro o campo em que a deusa lhe mostrou, pela primeira vez, a maneira de semear e colhêr o trigo.

RARO — Filho de Cranao e pai de Céleo.

RÁS — Latona, depois de ter dado à luz seus dois filhos, Apolo e Diana, com êles nos braços dirigiu-se para a Lícia. O sol queimava as campinas e a deusa, fatigada pelo longo esfôrço, com a garganta sêca, caminhava a custo. Seus dois filhos haviam sugado o leite de seus seios até a última gôta. Não longe, num vale, Latona viu um pequeno lago de águas frescas. Ao redor, camponeses colhiam ulva, certa erva dos brejos, juncos e vimes. Latona ajoelhou-se para beber; os camponeses, porém, impediram-na de beber; como a deusa insistisse, pois se achava por demais sedenta, os homens pularam na água e começaram nela a chafurdar, de sorte que a água, tornada turva e lodosa, não se prestava mais para ser bebida. A deusa, então, esquecendo-se da sêde que a atormentava, mudou-os em rãs, que vivem nos charcos, coaxando, já que não podem mais maldizer. Esta é a origem das rãs.

RÉGIA — Antiga habitação de Numa, construída em Roma, na Via Sacra, a leste do fórum, perto do templo de Vesta, e transformada mais tarde na residência do *Pontifex Maximus*.

RÉIA — 1) O mesmo que Cibele.

2) Amante de Apolo, que a fêz mãe de Ânio.

3) Sacerdotisa, amante de Hércules e mãe de Aventino.

RÉIA SÍLVIA — Filha de Numitor. Da sua ligação com Marte, nasceram Rômulo e Remo. — V. RÔMULO.

REMO — Irmão de Rômulo. — V. RÔMULO.

RÊMULO — Rêmulo ou, melhormente, Rêmulo Sílvio, foi rei de Alba. Em virtude da sua impiedade, foi fulminado por Júpiter.

RESO — Rei da Trácia. Possuía Reso alguns cavalos mais brancos que a neve e tão rápidos como o vento. Havia um oráculo segundo o qual Tróia não seria destruída, se os cavalos de Reso se dessedentassem nas águas do Xanto. O rei Príamo chamou, pois, Reso em seu socorro. Êste veio logo. Ora, entre os Troianos havia um certo Dolão, filho único de Eumedes, criado com cinco irmãs, homem muito feio mas bom corredor. Ofereceu-se para ir espionar o arraial dos Gregos. Cobriu-se com pele de lôbo e aproximou-se dos navios gregos. De nada lhe valeu o disfarce, porque Ulisses e Diomedes o viram. Apanharam-no, e, como fôsse de noite, aproveitaram para saber onde se achava Reso, rei dos Trácios, que recém havia chegado, e os seus fogosos cavalos brancos. Dolão, para não ser morto, traiu os seus. Apenas acabara de falar, Diomedes decepou-lhe a cabeça. Dirigem-se, a seguir, para o acampamento dos Trácios, apoderam-se dos cavalos depois de terem matado Reso.

RETENOR — Um dos companheiros de Diomedes.

RETO — 1) Um dos guerreiros que morreram no combate por ocasião do casamento de Perseu e Andrômeda.

2) Gigante morto por Baco, que se transformara num leão.

3) Um dos Centauros.

4) Etiópio morto por Perseu.

5) Rei dos Marrúbios, pai de Anquêmolo.

RIFEU — 1) Nome de um Centauro.

2) Nome de um guerreiro.

3) Epíteto que Vergílio dá a Euro, por causa dos ventos violentos que sopravam dos montes Rifeus.

RIOS — Os rios, em número de 3.000, eram filhos do Oceano. Representavam-nos sob a forma de dragões, touros ou homens barbudos e cornudos. São citados como os mais célebres: Aquelôo, Ínaco, Alfeu, Xanto, Símois ou Simoente...

RIPEUS — Ripeus ou Rifeus era uma serra na extremidade setentrional da terra, sempre coberta de escuridão.

ROBIGÁLIAS — Festas que os Romanos celebravam com o fito de preservar as searas contra a mangra, em latim *robigo*.

Realizavam-se essas festas no dia 25 de abril; havia uma procissão e sacrifício de bonecos vermelhos. *Robigo* chamava-se o deus.

ROBIGO — Deus ou deusa que presidia à conservação do trigo em particular e dos cereais em geral.

ROCHA EUBÓICA — "Rocha Eubóica", i. é, Cumas, ou a montanha de Cumas. Cidade marítima da Campânia, fundada em 1050 antes de Cristo como colônia de Kime. A "Rocha Eubórica", i. é, o antro da Sibila de Cumas. — V. SIBILA. V. DEÍFOBE. V. ENEIDA — é hoje identificada com as perfurações que se vêem na rocha, formando grutas superpostas em três andares. No século VI da nossa era, Narses, general de Justiniano, experimentou destrui-las, na guerra contra os Godos da Itália, colocando nelas materiais inflamáveis. Na Idade Média serviram de abrigo aos piratas.

RODE — 1) Ninfa, mãe das Helíadas.

2) Danaide, espôsa de Hipólito.

3) Filhas do adivinho Mopso.

RODES — Ilha e cidade do mar Egeu, no Mediterrâneo, célebre por sua escola de retores e sua colossal estátua do Sol, uma das sete maravilhas do mundo. Os Ródios rendiam culto especial a Minerva e aos Telquinos.

RÓDIA — 1) Oceânide.

2) Danaide.

RODODACTILOS — Epíteto que Homero dá a Aurora, "dedos (côr) de rosa".

RÓDOPE — 1) Rainha da Trácia, foi transformada em montanha. — V. HEMO.

2) Montanha da Trácia, consagrada a Marte.

RODOS — "Rosa", Ninfa da ilha de Rodes, filha de Netuno e de Vênus. Foi amada de Apolo.

RODOSFIROS — Epíteto da Aurora, "Com pernas de rosa".

RODÚNCIA — Cume do monte Eta, onde Hércules pôs têrmo à vida.

ROEO — Filha de Estáfilo e de Crisotêmis. Jovem de rara beleza, foi amada por Apolo. Seu pai, percebendo que a jovem estava grávida, fechou-a num cofre e lançou-a no mar. O cofre, à mercê das vagas, aportou na ilha de Delos. Roeo conseguiu sair do cofre com um menino nos braços, a quem deu o nome de Ânio. A seguir, colocou o menino no altar de Apolo. O deus recebeu-o e ensinou-lhe a arte de predizer o futuro. Foi célebre adivinho.

ROMA — Cidade da Itália peninsular, às margens do Tibre e próxima à sua embocadura. Foi fundada por Rômulo. O nome Roma não vem do grego *Rome*, "Fôrça", nem de Rômulo, mas, provàvelmente, de *Rumo*, antigo nome do rio Tibre. Há uma antiga lenda que diz ter vindo com Enéias para a Itália uma troiana chamada Roma. Desposou Latino e dêle teve dois filhos, Rômulo e Remo. Êstes, mais tarde, construíram uma cidade a que deram o nome da mãe. — V. EM RÔMULO OUTRA VERSÃO. — Chamava-se, também, Roma, a filha de Ítalo. Conforme alguns, com bastante probabilidade, a filha de Evandro tinha, igualmente, o nome de Roma.

ROMANOS — Os Romanos eram simples, práticos, desprovidos de imaginação, profundamente penetrados da idéia de contrato em Direito como nos negócios. A conseqüência foi não terem inventado Mitologia; não souberam imaginar os deuses sob figura humana, menos ainda em escrever-lhes as lendas. As que transmitiam, orais, eram raras, pouco variadas, grosseiras, refletindo os costumes primitivos duma tribo de rudes pastôres e lavradores. Antes de entrar em contacto com os Gregos, os Romanos não desenhavam nem esculpiam divindades; Vesta nunca teve estátuas; representava-a o fogo sagrado. Não se preocupavam em investigar a natureza dos deuses, a origem da alma, o destino do universo; não tinham, em suma, filosofia. O Romano cuidava não de refletir, mas de agir. Adoravam os Romanos os poderes, *Numina*, que não eram antropomorfizados, às vêzes nem sexo possuíam, nem forma precisa, nada, a não ser o nome: o que interessava, era o que êles faziam, não o que eram. Com o advento dos Gregos, vencidos, mudaram as mentalidades. Os Romanos formalistas começaram a encarar as relações dos deuses com os homens com mais ilberalidade; o temor reverencial, virtude muito apreciada dos antigos habitantes do Lácio, deu lugar a certa irreverência; criaram-se templos, coisa inaudita na antigüidade, para conter os deuses antropomorfizados, à imitação dos Gregos; criaram-se atributos especiais a cada tipo de deus; cerimônias gregas invadiram o ritual latino. Assim, aos poucos, pouca coisa ficou da antiga "religião de Numa". No fim da República, as pessoas esclarecidas não se cansavam de lamentar "a

morte da religião dos nossos maiores". O espírito grego não só helenizou a antiga religião romana, mas inculcou nela o vírus do ceticismo, dum risonho liberalismo, dum elegante imoralismo. Os poetas pareciam vangloriar-se quando afirmavam que "eram parcos cultores dos deuses". Uma religião que se preocupava mais em observar cuidadosamente as práticas rituais que as disposições íntimas dos fiéis, não poderia estar fadada a durar muito. Os mistérios orientais aceleraram a decadência. É costume dizer-se que a dissolução dos costumes trouxe como conseqüência o desaparecimento da fé; a verdade parece ser o contrário: a falta de fé gerou a imensa depravação da sociedade romana, que ainda hoje nos espanta. O culto dos Imperadores, que se tornou uma das principais formas da religião oficial, era apenas uma magnífica aparência, uma faustosa pantomima em que ninguém acreditava. Os mais indignos não temiam intitular-se filho de Minerva, como Domiciano, ou irmão de Júpiter, como Calígula. Isso era o fim de tôda a antiga religião romana. E os Romanos bem o sabiam. Não sabiam, isso sim, a quem recorrer para satisfazer as tendências profundas de religiosidade que existem em tôda alma humana. Os Romanos, como qualquer povo, queriam adorar, queriam sentir no coração a segura tranquilidade de que honravam e veneravam os Poderes Superiores dos quais dependiam. Atiraram-se, então, àvidamente, aos mistérios orientais, ao misticismo estranho e consolador que lhes dava, em certo sentido, a segurança de que não tinham vivido em vão. O misticismo oriental e a filosofia religiosa foram os derradeiros esforços do paganismo agonizante, diante do triunfo crescente do Cristianismo.

RÔMULO — Fundador e primeiro rei de Roma. Era neto de Númitor, rei de Alba, e filho de Réia Sílvia. Amúlio, que havia usurpado o trono, afastando seu irmão Númitor, o legítimo rei, querendo impedir descendentes que viessem mais tarde reivindicar seus direitos, forçou Réia Sílvia, sua sobrinha, a se fazer sacerdotisa de Vesta, i. é, Vestal, garantindo, assim, a ausência de herdeiros, já que as Vestais não podiam se casar. Entretanto, Réia Sílvia, seduzida por Marte, deu à luz dois gêmeos, Rômulo e Remo. Amúlio mandou enterrar Réia Sílvia viva e expor os dois meninos. Foram ambos amamentados por uma lôba, e encontrados, a seguir, por um pastor chamado Fáustulo, que encarregou sua mulher de os criar. Tornados adultos, os dois irmãos bateram os pastôres do rei do Alba, que pilhavam e espoliavam os arredores. Esta rixa fêz com que ambos fôssem à presença de Amúlio; aí descobriram êles o segrêdo do seu nascimento; mataram o usurpador e repuseram Númitor no trono. Em seguida, a conselho do avô, resolveram fundar uma cidade, exatamente no lugar onde tinham sido expostos. Mas, para evitar rivalidades, Númitor quis que os auspícios decretassem a qual dos dois irmãos caberia a realeza e a honra de dar seu nome à novel cidade. Remo viu seis abutres sôbre o monte Aventino, Rômulo viu doze sôbre o monte Palatino. Daí surgiu acirrada disputa, que terminou com a morte de Remo. Segundo outra tradição, Remo teria sido assassinado por seu irmão por haver êste saltado, em sinal de desprêzo, além do fôsso que marcava os limites da nova cidade, estabelecidos por Rômulo. Sòzinho, Rômulo deu seu nome à cidade, que constava, então, de poucas e miseráveis choupanas. Como a cidade não contasse habitantes, Rômulo dela fêz um asilo; logo, então, para Roma acorreram os escravos fugitivos, os bandidos procurados pela lei, os ladrões que desejavam ficar algum tempo esquecidos dos cidadãos honestos. Assim, a cidade encheu-se de homens; essa turba de aventureiros, desprezados por todos os povos vizinhos, não podia contrair matrimônio. Rômulo recorreu a um artifício. Convidou os Sabinos para os Jogos, e raptou as virgens, dando-as em casamento aos seus súbditos. Tal violência acendeu a guerra. Quando os dois exércitos, o dos Romanos e o dos Sabinos, estavam para iniciar a carnificina, as mulheres Sabinas lançaram-se entre os pais e os esposos, e, por meio das suas preces e suas lágrimas, conquistaram a paz entre os dois povos. Rômulo ocupou-se em seguida a regular a vida interna da sua cidade, dando-lhe leis e govêrno com juízes e magistrados. Um dia, enquanto inspecionava o exército, desapareceu no meio duma tempestade. Consagraram-lhe honras divinas sob o nome de Quirino. V. QUIRINO. — No tempo de Nero havia, ainda, em Roma, guardado cuidadosamente no Capitólio, o palácio de Rômulo, um mísero col-

mado sôbre estacas. Guardas especiais vigiavam essa relíquia.

RÓMUS — 1) Filho de Júpiter.
2) Filho de Latino.
3) Filho de Ulisses.
4) Filho de Enéias e de Lavínia.
5) Filho de Ascânio.

ROSÁLIA — Cerimônia religiosa que consistia em lançar flôres (ou rosas) sôbre um túmulo.

RUMA — Ruma ou Rúmina era a deusa romana que presidia ao aleitamento das crianças.

RUMINAL — Figueira sob a qual Rômulo e Remo foram aleitados pela lôba, e encontrados pelo pastor Fáustulo.

RUMO — Antigo nome do rio Tibre.

RUNCINA — Deusa dos Romanos que se invocava na época da ceifa.

RURINA — Deusa dos Romanos que presidia aos campos. De *rus*, "campo".

RÚTULOS — Antigo povo do Lácio, cuja capital era Ardéia. Os Rútulos tornaram-se célebres pela guerra que sustentaram contra Enéias.

S

SABACTES — Demônios, entre os Gregos, que eram particularmente temidos pelos oleiros, cujas produção êles comprometiam, estragando a cozedura dos vasos.

SABEDORIA — Deusa alegórica dos Romanos. Representavam-na sob a figura de Minerva, com um ramo de oliveira na mão, emblema da paz interior e exterior. Os Lacedemônios davam à Sabedoria o aspecto de um jovem com quatro mãos e quatro orelhas, símbolo da atividade e da docilidade em ouvir; ao lado trazia um carcaz, e uma flauta na mão direita, para exprimir que a Sabedoria se encontra no trabalho e nos prazeres.

SABINOS — Povo da Itália. Ficaram célebres por causa do rapto das Sabinas. — V. RÔMULO.

SADALA — 1) Rei da Trácia.

2) Um dos filhos de Cótis, rei da Trácia.

SALÁCIA — Deusa do mar. A mesma que Anfitrite, mulher de Netuno.

SALAMINA — Ninfa filha do rio Asopo. Inspirou grande amor a Netuno, que a conduziu para uma das ilhas do mar Egeu; tornou-se mãe de Cêncreo.

SALÂMIS — O mesmo que Salamina.

SÁLIOS — Sacerdotes de Marte, instituídos por Numa, em número de doze. A corporação foi criada a fim de guardar os escudos sagrados de Marte. Todos os anos havia uma procissão no Palatino, onde os sacerdotes dançavam, acompanhando-se com hinos religiosos. Consta que Enéias, na Itália, criou o colégio dos Sálios, os quais receberam tal nome de um certo Sálio, companheiro árcade de Evandro,. que os iniciou na música, já que os Árcades eram considerados notáveis cantores. Os sacerdotes Sálios eram em número de doze. e foram instituídos por Numa à honra de Marte Gradivo. Tinham certas armas que chamavam *Ancília,* ou *Anciles.* Cantavam e dançavam pelas ruas da cidade, donde lhes veio a dita denominação de Sálios, conforme o testemunho de Vergílio e Ovídio.

SALMÁCIDA — 1) Fonte da Cária.

2) Ninfa que se apaixonou por Hermafrodito, enlaçou-o dentro d'água, e, como o môço não queria se render aos seus encantos, pediu a Ninfa aos deuses que jamais os dois se pudessem afastar ou desligar daquele amplexo. — V. HERMAFRODITO.

SALMONEU — Rei da Élida, irmão de Sísifo. Teve a temeridade de querer passar por deus. A fim de impressionar o povo, mandou construir uma ponte de bronze sôbre a qual passava com um carro, imitando, destarte, o trovão; de lá lançava tochas acesas sôbre os infelizes que passavam, matando-os a seguir. Júpiter precipitou-o no Tártaro, depois de fulminá-lo.

SALMONIDE — Filha de Salmoneu, i. é, Tiro.

SÁLUS — Deusa da Saúde, a mesma que Higéia. Tinha vários templos em Roma. Representavam-na sob a figura de uma jovem, sentada no trono, com um copo numa mão e uma serpente na outra.

SAMIO — Sobrenome de Netuno, que tinha um famoso templo em Samos.

SAMOS — Ilha do grupo das Espórades, na costa da Ásia Menor. Foi centro de grande movimento intelectual e artístico.

SAMOTRÁCIA — Ilha do mar Egeu, célebre pelo culto que aí se prestava a Ceres, a Prosérpina e aos Cabiros. Havia um oráculo quase tão famoso como o de Delos. Foi em Samotrácia, em recentes escavações, que se encontrou a estátua da Vitória, alada e sem rosto, magnífico exemplar da estatuária antiga.

SANGÁRIDE — Ninfa de extraordinária beleza, filha do rio Sangário. Apaixonou-se pelo jovem Átis, e conseguiu seduzi-lo, fazendo-o esquecer-se dos juramentos prestados a Cibele, o que lhe causou a morte. — V. Átis. V. Cibele.

SANGÁRIO — Rio da Frígia, pai da Ninfa Sangáride, de Niceu e de Mérope. É um dos mais importantes rios da Frígia.

SÁON — 1) Filho de Júpiter e de uma Ninfa. Reuniu os habitantes de Samotrácia, depois do Dilúvio que arrasou a ilha, e deu-lhes sábias leis.

2) O primeiro que descobriu o oráculo de Trofônio.

SAPEDÃO — 1) Filho de Júpiter.

2) Promontório da Cilícia.

SARDO — Filho de Hércules. Conduziu uma colônia de Líbios para uma ilha que, depois, de seu nome, passou a chamar-se Sardenha. Depois de morto, erigiram-lhe estátuas com a seguinte inscrição: *Sardon Pater* ou *Sardopater*. Era fama, na antigüidade, que as plantas da Sardenha possuíam a virtude de serem amaríssimas. A mais amarga de tôdas estas plantas era o ranúnculo (*ranunculus sceleratus*), cujo suco provocava espasmos e contrações do semblante semelhante ao riso. Daí a expressão, riso ou sorriso sardônico.

SARPEDÃO — 1) Filho de Júpiter e da Europa. Irmão de Minos e Radamanto. Disputou com o irmão mais velho a coroa do reino de Creta; vencido, retirou-se da ilha e conduziu uma colônia de Cretenses para a Ásia Menor, onde formou um pequeno reino que governou com muita sabedoria e em paz.

2) Filho de Netuno. Foi morto por Hércules por causa da sua crueldade.

3) Rei da Lícia, filho de Júpiter e Laodamia. Correu em auxílio de Príamo com numerosas tropas, durante o assédio dos Gregos; foi um dos mais fortes defensores da cidade de Tróia. Enfrentou Pátroclo, que fazia os Troianos fugirem, e com êle pelejou bravamente; sucumbiu logo sob os golpes do herói grego. Depois da sua morte, travou-se grande combate ao redor do seu corpo. Apolo, por ordem de Júpiter, veio retirá-lo do campo de batalha; lavou o cadáver nas águas do rio, perfumou-o com ambrosia e revestiu-o dos hábitos imortais; entregou-o, a seguir, ao Sono e à Morte, que prontamente o transportaram para a Lícia, para o meio do seu povo.

SARPÉDON — V. Sarpedão.

SARPEDÔNIA — Sobrenome de Diana, tomado de Sarpedão, cidade da Sicília, onde tinha templo e oráculo famosos.

SARPEDÔNIO — Sobrenome de Apolo, tomado da cidade de Sarpedão, onde era adorado.

SÁTIRO — Semideus companheiro de Baco, representado com orelhas, rabo e pés de cabra. Mais tarde transformou-se em gênio rústico, confundido com Fauno.

SÁTIROS — Deuses campestres, filhos de Mercúrio e da Ninfa Iftime, ou de Baco e da Náiade Nicéia. — V. Nicéia. — Habitavam sobretudo, as montanhas e os bosques. Eram representados sob o aspecto de pequenos homens, muito cabeludos, com chifres e pés de bode. Os Romanos, indistintamente, davam-lhes o nome de Faunos, Pãs e Silvanos. Eram muito semelhantes aos *Egipãs*. — V. Egipãs. — De natureza maliciosa e desavergonhada, eram o terror das Ninfas, que perseguiam, rindo do seu pavor muito justificado. Procuravam os pastôres aliciá-los oferecendo-lhes as primícias dos seus rebanhos e das suas colheitas. Amavam o vinho, a dança, a música, e, sobretudo, o amor das formosas Ninfas.

SÁTOR — Deus campestre do antigo Lácio. Presidia às sementeiras.

SATURNAIS — Festas romanas em honra de Saturno, que se celebravam no mês de dezembro. Reinava a mais inteira liberdade nessas solenidades. Enquanto elas duravam, os escravos eram servidos por seus senhores, e podiam dizer-lhes tudo que bem entendessem; fechavam-se os tribunais; as escolas davam férias; não se empreendia nenhuma guerra nem se executavam os criminosos; davam-se presentes às pessoas amigas e faziam-se suntuosos banquetes; era época de alegria universal.

ASBAC - SP
BIBLIOTECA

SATÚRNIA — 1) Juno, filha de Saturno.

2) Antiga cidade fundada por Saturno no cume do Capitolino.

3) Cidade da Etrúria.

SATURNIA TELLUS — "Terra de Saturno", i. é, a Itália, onde Saturno havia reinado quando foi expulso do Céu, trazendo à península abundância e prosperidade. — V. IDADE DE OURO.

SATURNIGENA — Júpiter, filho de Saturno.

SATURNO — Filho de Celo e da Terra. Ocupou o trono paterno com o consentimento do irmão Titã, com a condição de que não criaria nenhum filho do sexo masculino. Fiel à sua palavra, Saturno devorava os filhos homens à medida que nasciam. Entretanto Réia, sua mulher, conseguiu salvar três, Júpiter, Netuno e Plutão, substituindo-os por pedras, que Saturno engolia com voracidade. Segundo outra tradição, Netuno e Plutão foram devorados, mas Saturno os vomitou por efeito de um emético que lhe foi administrado. Algum tempo depois, Titã, sabendo da existência de três pequenos deuses, que eram criados secretamente, irou-se grandemente, destronou o irmão e prendeu-o em prisão rigorosa. Júpiter, tendo se tornado adulto, vingou seu pai e lhe restituiu o trono; Saturno, esquecido do benefício, tratou mal o filho, que, então, conspirou contra êle conseguindo destroná-lo e exilá-lo do Céu. Saturno retirou-se para a Itália. Jano, que aí reinava recebeu-o com muitas honras e partilhou com êle o trono. Saturno ocupou-se em civilizar os povos selvagens do Lácio, deu-lhes leis e ensinou-lhes a cultivar a terra; quis que o território onde se escondera fôsse chamado *Lácio*, de *latere*, "estar escondido". Governou com tanta justiça e doçura que o seu reino foi chamado *Idade de Ouro*. Saturno era considerado como deus do Tempo, o que justifica seu nome *Cronos*, "o Tempo", entre os Gregos. Representavam-no sob a forma de um velho com uma foice; sacrificavam-lhe vítimas humanas; Hércules aboliu tão bárbaro costume. Outra versão: Como Géia, a Terra, profetizasse que Saturno seria destronado por um filho, êste, para evitar o cumprimento do oráculo, devorava os filhos, logo que nasciam. Tal sorte já coubera a Vesta, Ceres, Juno, Plutão e Netuno. Quando lhe nasceu Júpiter, sua mãe, penalizada, resolveu salvá-lo. Em lugar do filho deu a Saturno uma pedra, que êste engoliu sem se dar conta do lôgro. O menino, entregue à deusa Têmis, permaneceu escondido numa caverna da ilha de Creta. Amamentava-o a cabra Amaltéia, cujo leite, poderosamente nutritivo, fêz com que em um ano se tornasse o mais forte dos deuses. Entretanto Métis dera a Saturno um violento vomitório, e êste restituiu os filhos à vida na ordem inversa: a pedra, Netuno, Plutão, Juno, Ceres e Vesta. Saturno era uma divindade italiana, confundida, a pouco e pouco, com o Crono dos Gregos. *Saturnus* ou *Saeturnus* deriva de *serere*, "semear", "plantar", que indica perfeitamente seu carácter agrícola. O Capitólio, em épocas recuadas, chamava-se o monte de Saturno, *Saturnus mons;* a cidade que aí o deus fundara, permanecia lembrada num altar que se conservou como o principal santuário do deus Saturno.

RÉIA APRESENTANDO UM FILHO PARA SATURNO DEVORAR
(*Museu do Capitólio*)

SAÚDE — Higéia ou a Saúde, filha de Esculápio e de Lampécia, era uma das divindades mais adoradas pelos Gregos. Os Romanos adotaram o culto dessa deusa sob o nome de Sálus. — V. SÁLUS. — Consagraram-lhe diversos templos em Roma, e instituíram um colégio de sacerdotes encarregados de servi-la. Sòmente êstes sacerdotes tinham o direito de ver a estátua da deusa; pretendiam, da mesma forma, ter êles sòmente o direito de pedir à deusa a salvação particular e a salvação do estado, pois o Império romano, considerado como um grande corpo, estava sob a proteção dessa deusa benéfica. Era representada como uma donzela sentado num trono,

coroada de ervas medicinais, tendo uma pátera na mão direita e uma serpente na esquerda. — V. HIGÉIA.

SAURÓCTONO — "O matador de lagartos", epíteto de Apolo.

SAUROS — "Lagarto", nome de famoso bandido que assolava uma região da Élida; foi morto por Hércules.

SEBÉTIDE — Filha de Sebeto, Ninfa, mulher de Télon e mãe de Ébalo.

SEBETO — Rio da Campânia, que se lança no gôlfo de Nápoles.

SELENE — Filha de Hiperíon. Sabendo que seu irmão, Hélios, afogara-se no Erídano, irmão que amava ternamente, precipitou-se do alto palácio. Publicou-se, então, que o irmão e a irmã tinham sido transformados em astros, e que eram o Sol e a Lua. — V. DIANA.

SELENÍTIDES — Casta de mulheres da Ásia, que, em lugar de dar à luz sêres vivos, punham grandes ovos, e que, chocados êstes, como fazem as aves, saíam homens de estatura gigantesca.

SÊMELE — Filha de Cadmo e de Harmonia. Mulher de radiosa beleza, tornou-se amante de Júpiter. Quando estava grávida, Juno resolveu puni-la. Introduziu-se no palácio de Sêmele sob a forma e o aspecto de Béroe, sua ama, e aconselhou-a vivamente de exigir do seu divino amante uma prova do seu amor, isto é, que se apresentasse diante dela em tôda a grandiosidade e magnificência de sua glória divina. Sêmele, ingênuamente, seguiu tão pérfido conselho; fêz Júpiter jurar pelo Estige que atenderia ao que lhe ia ela pedir. O deus, ligado pelo juramento, ainda que cheio de dor e mágua, concedeu-lhe o que pedia e apareceu-lhe como deus do raio, no brilho fulgurante de tôda sua glória. Sêmele foi logo consumida pelo fogo; mas o menino que trazia em seu seio, agora carbonizado, foi salvo por Mercúrio. Como ainda faltassem alguns meses para que o menino nascesse, Júpiter colocou-o na sua coxa, e ali esperou o têrmo da gravidez. Assim nasceu Baco, filho de Júpiter e de Sêmele. Quando Baco cresceu, desceu aos Infernos e de lá retirou sua mãe, que Júpiter colocou entre os imortais com o nome de Tione.

SEMENTINAS — Festas das semeaduras, que os camponeses do Lácio festejavam depois de ter lançado as sementes à terra; com estas celebrações esperavam conseguir da mãe Terra e de Ceres opimas messes e abundantes colheitas.

SEMÍCAPRO — Nome de Pã, meio bode, meio homem.

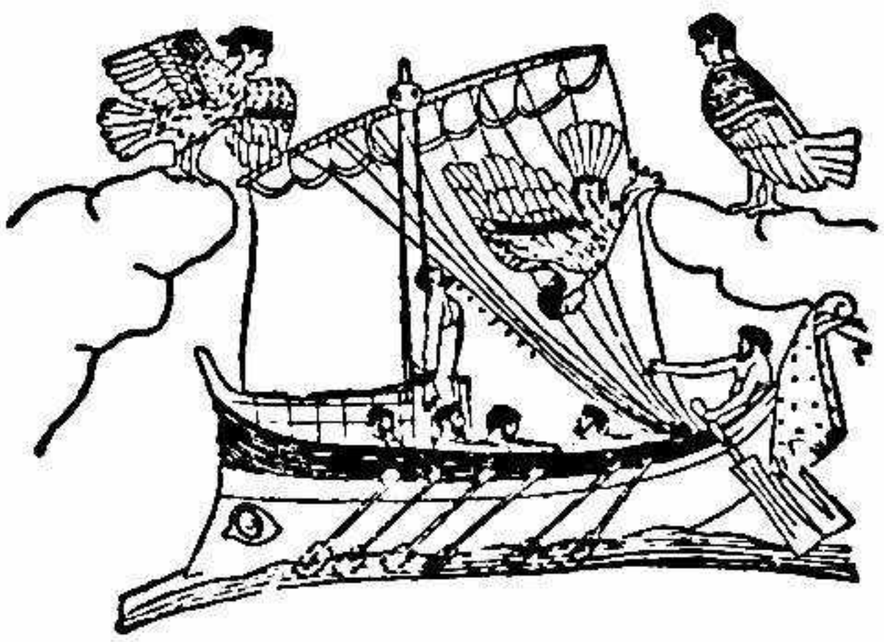
SEMONES — Deuses inferiores, tais como os Faunos, os Sátiros, Vertumno, Pã, Priapo, Sileno e outros heróis divinizados. Davam-se-lhes o nome de Semones (*semi-homines*), porque êles eram o meio têrmo entre os homens e os deuses. Eram honrados principalmente pelos camponeses latinos.

SEMÚRIO — Cantão próximo de Roma, onde havia um templo de Apolo.

SERÁPIS — Divindade egípcia, adotada pelos Gregos e Romanos. Alguns a confundem com Júpiter e Plutão; outros a invocavam como a deusa da Saúde.

SEREIAS — Eram as Sereias Ninfas celebérrimas pela doçura do seu canto. Eram em número de oito, conforme alguns, de três, conforme outros, talvez com mais verossimilhança. Eram seus nomes: Partênope, Leucósia e Ligéia; conforme outros, Aglaofone, Telxíope e Pisínoe. Filhas de Aquelôo e Calíope, habitavam os rochedos escarpados entre a ilha de Cápri e as costas da Itália. O oráculo lhes havia predito que viveriam enquanto pudessem deter todos os que passavam pelo mar; desde que alguém conseguisse passar por elas, sem sucumbir ao encanto da sua voz, pereceriam. Assim, essas Ninfas encantadoras atraíam com sua harmonia todos os que navegavam por aquelas regiões, e que tinham a imprudência de escutar seus cantos. Elas encantavam tão bem que as vítimas não pensavam mais em retornar ao seu país, e, esquecendo-se de beber e de comer, morriam de inanição. Ulisses, quando por elas passou, usou de um estratagema, e, assim, pôde deleitar-se com a sua voz e escapar incólume. As Sereias, percebendo que seus esforços resultavam inúteis, precipitaram-se no mar, onde foram transformadas em rochedos. Homero assim canta a aventura de Ulisses: "...Enquanto assim falava, comunicando isto aos companheiros, a bem construída nave chegou cèleremente à vista da ilha das Sereias, pois os ventos eram propícios. Nesse momento cessou a brisa, fêz-se calmaria, pois uma divindade adormecera as ondas. Então meus companheiros levantaram-se, enrolaram as velas e depuseram-nas na côncava nau; a seguir,

assentando-se, faziam espumar as águas com os remos bem aplainados, de bom abeto. Cortei, então, com o afiado bronze uma grande rodela de cêra em pequenos pedaços, apertei-os entre os dedos fortes e imediatamente a cêra tornou-se branda, devido à grande fôrça e ao brilho do rei Hélios, filho de Hiperíon; tapei com ela os ouvidos de todos os companheiros, um por um. A mim, porém, prenderam-me as mãos e os pés junto ao mastro, ficando eu erecto junto dêle, e ligaram-me com cordas; a seguir, assentados, feriram com os remos o mar pardacento. Quando estávamos a tal distância que, se alguém gritasse poderia ser ouvida, a nau veloz, que perto navegava com velocidade, não passou despercebida às Sereias. Começaram êste sonoro canto: "Aproxima-te daqui, ó celebrado Ulisses, glória ilustre dos Aqueus! Detém a nau, para escutares a nossa voz! Jamais alguém por aqui passou em escura nave que não escutasse a melíflua voz que sai de nossas bôcas; mas só partiu, depois de se ter deleitado com ela e de ficar sabendo muitas coisas, pois nós conhecemos tudo quanto por vontade dos deuses, Argivos e Troianos sofreram na vasta Tróia, bem assim como tudo que sucede na terra fecunda." Assim falaram elas, deixando escutar sua doce voz; e, como meu coração sentisse vontade de as ouvir, mandei aos companheiros que me soltassem, fazendo-lhes sinal com as sobrancelhas. Mas êles, inclinavam-se para diante e remavam. Imediatamente, Perímedes e Euríloco ergueram-se e amarraram-me com novas cordas, e apertaram-me ainda mais os laços. Quando, porém, já tínhamos passado as Sereias e não ouvíamos mais os seus cantos, os meus caros companheiros tiraram das orelhas as rolhas de cêra com que lhas tapara, e a mim tiraram-me as cordas..." Ulisses, seguindo a indicação de Circe, mandara que o amarrassem, e, se pedisse que o libertassem, que os amigos o amarrassem melhor ainda. As Sereias eram figuradas como monstros metade mulheres, metade pássaros. O grupo de ilhas rochosas, que hoje se designa pelo nome de Sirenusas, são, diz-se, os corpos das Sereias transformados em rochedos; o corpo de uma das Ninfas, Partênope, foi lançado sôbre a costa, onde lhe ergueram um túmulo; lá se elevou, mais tarde, a cidade de Nápoles, chamada anteriormente *Partênope*. As ilhas Sirenusas, hoje ilhas de Galli, encontram-se ao norte do gôlfo de Pestum, sôbre as costas da Campânia, perto do promontório de Minerva. Consta que Orfeu triunfou das Sereias, com o seu canto, ainda mais melodioso que o delas. Segundo outra tradição, as filhas de Calíope e de Aquelôo foram transformadas por Ceres em monstros marinhos por não terem impedido o rapto de sua companheira, Prosérpina. É provável que a lenda das Sereias tenha sua origem no ruído, às vêzes melodioso, que fazem as ondas ao se quebrarem contra os escolhos. De acôrdo com outra versão, eram as Sereias metade mulheres, metade peixes, de deslumbrante formosura.



ULISSES E AS SEREIAS
(*Pintura de vaso*)

SERIFO — Uma das ilhas Cíclades. Perseu petrificou seus habitantes mostrando-lhes a cabeça da Medusa.

SESTOS — Cidade da Trácia, sôbre as margens do Helesponto, célebre pelos amôres de Hero e Leandro.

SETE CHEFES (OS) — Chamam-se assim os sete heróis que, sob a chefia de Adrasto, rei de Argos, empreenderam uma expedição contra Tebas, a fim de assegurarem os direitos de Polinice, expulso do trono por Etéocles, seu irmão. — V. ADRASTO.

SIBILAS — Nome comum sob o qual se designam muitas mulheres dotadas de dom profético. Derivam os escoliastas o nome Sibila de *Siós*, voz eólica que significa *Deus*, e *boules*, *conselho*. Famosa era a idade que atingiam as Sibilas, chamadas *divini consilii participes*, "partícipes das deliberações divinas". Santo Ambrósio acreditava que essas criaturas fôssem possuídas do demônio; são Jerônimo é de parecer que elas, de fato, eram inspiradas pelo ver-

dadeiro Deus, em paga e como prêmio da virgindade, que religiosamente guardavam. Varrão cita dez Sibilas: a de Delfos, a da Eritréia, as duas de Cumas, a de Sâmnio, a do Helesponto, a da Líbia, a da Pérsia, a da Frígia e a do Tíbure. Apesar da artificiosa etimologia acima expendida, a verdade é que se ignora a origem da palavra Sibila. A Sibila de Cumas, — V. ENEIDA. V. ENÉIAS. V. DEÍFOBE — talvez a mais célebre, é mencionada pela primeira vez no século III antes da nossa era, no tratado *De Mirabilibus*, falsamente atribuído a Aristóteles. O texto diz assim: "Mostra-se em Cumas uma câmara subterrânea onde habitava a Sibila, que aí proferia seus oráculos. Conta-se que, nascida em épocas muito recuadas, permaneceu sempre virgem, e aí morou longos anos." Como se vê, no século III antes de Cristo eram já as Sibilas sêres lendários. Parece, entretanto, que a Sibila de Cumas teve sua origem na Sibila de Marpesso, região selvática da Tróade, não longe da cidade de Cergita. Os habitantes desta cidade mantinham relações intensas com os de Cime, cidade da Eólia, fundada por uma Amazona. Desta cidade, no século XI antes de Cristo, partiram colonos que fundaram Cumas (*Cymee*), na Itália. Hodiernamente vê-se ainda na extremidade ocidental do

SIBILA SÔBRE O TRIPÉ

lago Averno, a *Gruta da Sibila*, que, provàvelmente, não é mais que um dos túneis construídos por Agripa, para fazer comunicar o Averno com as cidades de Cumas e de Baias; mostra-se, à pouca distância, o *Antro da Sibila*, vasta sala guarnecida de mosaicos, que deveria ser um dos compartimentos das águas termais. O nome *Sibila* quer Suídas que seja latino. Célio escreve que uma princesa, filha de Dárdano e Neso, chamada *Sibila*, tinha êste espírito presago, e daí se comunicou a tôdas as mais que com ela tiveram êste teofórico parentesco. Outros sábios, como Latâncio, Vives, Vossio, Santo Isidoro e São Jerônimo, derivam o nome Sibila de *Siós*, vocábulo dórico que significa "Deus", e de *Bili*, palavra eólica que se traduz por "conselho". Portanto, Sibila significa "Consultadora de Deus", ou "Conselheira de Deus". As que os Gregos e latinos chamam Sibilas, davam os Caldeus o nome de *Sambetas*. Conforme certas lendas, a Sibila de Cumas foi encerrada numa garrafa ou numa gaiola de ferro, e suspensa no templo de Hércules, em Cumas.

SIBILINOS (LIVROS) — V. LIVROS SIBILINOS.

SICA — Ninfa de grande beleza. Baco apaixonou-se por ela, e, depois de ter conseguido seus favôres, mudou-a em figueira. Do grego, *sykee*, "figueira".

SICÉLIDES — Nome que Vergílio empresta às Musas, que supõe haverem inspirado Teócrito, poeta siciliano. *Sicélides* significa *da Sicília*.

SÍCINO — Filho de Toas, rei de Lemnos, e de uma Náiade.

SÍCION — Neto de Erecteu; deu seu nome a uma cidade e a uma região do Peloponeso.

SÍCULO — Filho de Netuno; reinou na Sicília, à qual deu seu nome.

SIFNOS — Uma das Cíclades; abundante em minas de ouro e de prata, que Apolo destruiu numa medonha inundação, porque os habitantes do local haviam deixado de pagar os dízimos ao seu templo.

SIGILA — Pequenas estátuas que os antigos colocavam em nichos, a fim de enfeitarem suas casas; essas estatuetas eram honradas como divindades quando recebiam a consagração.

SILEA — Donzela de Corinto, que Polipemão tornou mãe do assassino e salteador Sínis.

SILENE — Mulher de Sileno.

SILENO — Filho de Mercúrio, ou de Pã, e de uma Ninfa; foi encarregado de cuidar de Baco quando criança; depois, quando o

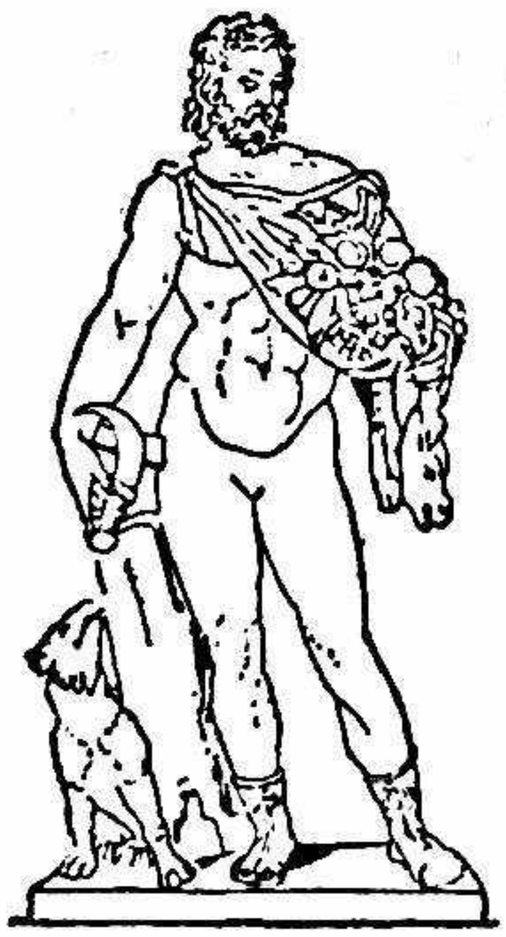
deus já estava adulto, acompanhou-o em suas viagens. Regressando da Índia, Sileno estabeleceu-se nas campinas da Arcádia, onde o seu carácter jovial e brincalhão atraiu logo a simpatia e o afeto de todos os pastôres da redondeza. Depois da sua morte, prestaram-lhe honras divinas e os Eleates construíram-lhe um templo. Representavam Sileno como um velhote baixo, atarracado, calvo, obeso, algumas vêzes com cornos, sempre embriagado, seja montado num asno, sôbre o qual a custo se mantinha, seja cambaleando apoiado a um bastão ou a um tirso. Andava, em geral, coroado de hera, com uma taça cheia de vinho na mão. Os Sátiros gostavam de carregá-lo e as Ninfas o amavam por causa da sua bondade. Dizia-se que êsse velho voluptuoso, nos seus momentos de lucidez, era um grande sábio.

SILENOS — 1) Sátiros, filhos do velho Sileno.

2) Nome que se dava aos Sátiros quando ficavam velhos. Representavam-nos sempre bêbados.

3) Gênios familiares, tais como aquêle do qual Sócrates se gabava de ser acompanhado.

SILVANO — Deus campestre dos Romanos; protegia a agricultura e presidia às florestas e aos bosques. Era representado sob a forma de um Fauno, i. é, metade homem,



SILVANO

(*Louvre*)

metade bode. Costumavam enfeitar seus altares com ramos de cipreste e de pinho. Silvano não raro, era confundido com Pã, Fauno ou o deus Termo. É deus latino. Foi, sem dúvida, um desdobramento de Fauno, na época em que começaram os arroteamentos; primeiramente representou a clareira das florestas, depois tornou-se "o deus das campinas e dos armentos". Horácio chama-o "guarda dos domínios". Consagravam-lhe os limites dos campos. Era honrado no momento das colheitas, juntamente com Ceres, Baco e Pales. Deus benevolente e benfazejo, mas desabrido, gostava de brincar e pregar pilhérias. Representavam-no com longa cabeleira, barba tufada e sempre acompanhado do cão, defensor dos rebanhos e amigo dos caçadores. Em Bouches-du-Rhône, departamento formado pela Provence, em França, foi encontrado o único templo atualmente conhecido de Silvano.

SILVANOS — Têrmo genérico que compreende os Faunos, os Sátiros, os Silenos, os Pãs, os Egipãs...

SÍLVIA — Filha de Númitor. Teve dois filhos do deus Marte, Rômulo e Remo. — V. RÉIA SÍLVIA. V. RÔMULO.

SÍLVIO — Filho de Enéias e de Lavínia. Recebeu tal nome por ter nascido na floresta. — V. RÊMULO. — Sílvio foi filho póstumo de Enéias. Depois da morte dêste, Lavínia, temendo as iras de Ascânio, seu enteado, acolheu-se em casa de um antigo servidor do marido, chamado Tirreu; aí ela deu à luz um filho, que foi criado nos bosques, donde o nome de Sílvio que lhe deram. Conforme alguns, Sílvio reinou em Alba, depois da morte de Ascânio; segundo outros, depôs Ascânio do trono e deixou-lhe, apenas, as funções sacerdotais.

SIMOENTE — Pequeno tributário do rio Escamandro, na Tróade.

SÍMOIS — Rio da Tróade. Foi nas margens dêsse rio que Vênus deu à luz Enéias. Durante a guerra de Tróia, o Símois fêz suas águas transbordarem, para se opor, com o Escamandro, às investidas dos Gregos.

SIMPLÉGADES — Duas pequenas ilhas rochosas no Bósforo, que, outrora, incessantemente batiam uma contra a outra, trazendo grandes perigos para a navegação; ficaram imóveis depois da passagem do navio Argo. — V. ARGONAUTAS.

SÍNIS — Salteador famoso, morto por Teseu. É possível que seja o mesmo Cércion.

SÍNOE — Ninfa da Arcádia, que cuidou de Pã quando criança.

SÍNOIS — Sobrenome de Pã, que foi criado pela Ninfa Sínoe.

SÍNON — Filho de Sísifo. Seguiu os Gregos no cêrco de Tróia, e tornou-se famoso pelos seus artifícios. Fingiu-se desertor, entra em Tróia e conta que, inimigo de Ulisses, êste exigira que o sacrificassem aos deuses, a fim de que os Gregos alcançassem a vitória. Fugiu, então, acolhendo-se aos inimigos, os Troianos. Êstes creram no traidor e o acolheram. Tendo ganho a confiança dos Troianos, Sínon persuade-os a pôr para dentro da cidade o cavalo de madeira que os Gregos haviam deixado junto às muralhas. Garantiu que a cidade se tornaria inexpugnável se pusessem o cavalo dentro dos seus muros. O conselho foi seguido. No meio da noite, quando todos os Troianos dormiam, cansados de festejar a retirada dos Gregos, ébrios de vinho e de alegria, Sínon abre os flancos do cavalo de madeira e dá saída aos Gregos que lá estavam escondidos. Os guardas são mortos, e, abertas as portas da cidades, entram os Gregos. Começa, então, o último assalto e o saque da cidade. Existe, também, a forma Sinão.

SÍNTRIPES — Demônio temido pelos oleiros da Ática.

SIPILENE — Sobrenome de Cibele, tomado da cidade de Sípilo, cidade da Lídia, onde tinha um templo.

SÍPILO — 1) Cidade e monte da Lídia.

2) Nome de um filho de Níobe.

SIQUEU — Siqueu ou Sicarbas, marido de Dido, que Pigmalião matou para apoderar-se de suas riquezas. — V. DIDO. V. PIGMALIÃO.

SIRENUSAS — Pequeno grupo de ilhas rochosas ao sul do litoral da Campânia. Estas ilhas, conforme a lenda, seriam as Sereias, metamorfoseadas em rochas depois que Ulisses passou ao longo das suas costas sem se deixar seduzir pelo encanto da sua voz. — V. SEREIAS.

SIRINGE — Ninfa da Arcádia, filha do rio Ládon. Formosa virgem de voz melodiosa e grande conhecedora de música, guardava ela as cabras e cantava com as Ninfas. Pã, que a vira nos campos guardando o fato, por ela se apaixonou. Certa feita, enquanto ela cantava, pediu-lhe que a desposasse; se tal fizesse, tôdas as suas cabras em cada barrigada dariam sempre dois cabritinhos. A Ninfa zombou do amor de Pã, que mais lhe parecia um bode. Pã quis prendê-la à fôrça. A jovem foge, o deus a persegue; chegam, assim às bordas do Ládon. Siringe pede, então, às Ninfas suas irmãs, que a socorram. Pã, querendo abraçá-la, não abraça senão um feixe de caniços. O deus, a seguir, cortou os caniços e inventou a flauta de sete tubos, que, desde então, foi chamada do nome da formosa virgem. Em grego *Syrinx* significa "flauta" ou "haste de caniço".

SÍRIO — 1) Uma das estrêlas que formam a constelação da Canícula. Os antigos a temiam tanto, por causa das suas influências nefastas, que lhe ofereciam sacrifícios, para afastar seus maléficos efeitos.

2) Sobrenome de Júpiter, que tinha uma estátua de ouro no templo da deusa Síria.

SIRNA — Filha do rei Dameto, da Cária. Sirna estava enfêrma, quando Podaliro, que voltava da guerra de Tróia, foi à côrte do seu pai. Podaliro, hábil médico, curou-a fazendo-lhe sangrias em ambos os braços. Depois casou-se com ela.

SIRO — 1) Filho de Apolo e de Sinope; deu seu nome aos Sírios.

2) Cão de Acteão.

SIRTE — Do grego *syrtis*, "baixio", eram as Sirtes nome de dois golfos com bancos de areia no litoral do norte da África.

SÍSIFO — Rei salteador do istmo de Corinto. Era filho de Éolo e irmão de Salmoneu. Do alto das suas montanhas, esmagava com grandes rochedos, que êle fazia rolar, os desgraçados estrangeiros que se aventuravam a passar por seus domínios. Teseu, passando por Corinto, livrou o país de tão grande monstro. Conforme outra lenda, era êle o verdadeiro pai do ardiloso Ulisses: Anticléia, antes de esposar Laertes, entregara-se ao velhaco e manhoso Sísifo, donde Ulisses teria herdado as qualidades. Há outra versão concernente a Sísifo. Asopo, deus do rio do mesmo nome, que corre ao norte do Peloponeso, tinha uma filha, Egina, notável pela sua resplendente beleza. Jupiter, que a vira, desejou-a vivamente. Aproveitou uma oportunidade em que a donzela estava só na sua câmara, e apresentou-se sob a forma duma flama. A môça, inocente, aproximou-se para ver o inusitado espetáculo e o deus conseguiu enlaçá-la; depois de possui-la, resolveu raptá-la. Asopo, aflito pelo

desaparecimento da filha, pôs-se à sua procura. Chegou a Corinto. Ora, Sísifo, o rei, remarcado velhaco, fôra testemunha do rapto: vira quando Júpiter saíra do palácio com a gentil Egina. Sabia, pois, qual o autor da façanha. Sísifo quis fazer valer o seu conhecimento. Se Asopo fizesse jorrar uma fonte do rochedo sôbre o qual estava a sua acrópole, diria quem era o autor do rapto. Asopo fêz jorrar o manancial e Sísifo delatou-lhe o causador das suas inquietações. Asopo logo declarou guerra ao rei dos deuses. Mas não foi bem sucedido; Júpiter, com um raio, fê-lo voltar ao seu curso, do qual nunca mais saiu. A seguir, o pai dos deuses quis vingar-se, também, do delator. Mandou-lhe a Morte. Sísifo, com suas manhas, conseguiu prender a Morte, e tão bem a prendeu que ninguém mais no mundo morria. Plutão, alarmado, foi queixar-se a Júpiter: já ninguém descia ao reino das sombras, a fim de alegrar-lhe o negro coração. Jupiter, nessa emergência, foi obrigado a mandar o vigoroso deus Marte ajustar contas com o artificioso Sísifo. Marte não só conseguiu libertar a Morte das suas cadeias, mas prendeu nelas o descarado rei. Antes de morrer, teve tempo, ainda, de levar a cabo notável perfídia: pediu a espôsa que não inumasse seu corpo. Uma vez nos Infernos, começou a lastimar-se amargamente da negligência da mulher. Tanto falou e clamou que, a seu pedido, o rei Plutão concedeu-lhe licença de subir novamente à terra a fim de castigar a espôsa. Sísifo foi, e não voltou.

O SUPLÍCIO DE SÍSIFO
(*Pintura de vaso grego*)

Passaram-se os anos, e Mercúrio viu-se obrigado a trazê-lo à fôrça para os Infernos, onde sofreu castigo exemplar. Consiste êste, em rolar montanha acima ingente bloco de pedra; quando o rochedo atinge o cume, despenha-se declive abaixo, e o infeliz Sísifo, esfalfado, ofegante, recomeça a penosa tarefa de rolá-lo montanha acima. E assim, por tôda a eternidade.

SITNIDES — Ninfas originárias de Mégara. Uma delas teve uma filha que foi amante de Júpiter.

SÍTON — Rei da Trácia, pai de Paleno. Síton prometera a mão da sua filha a quem o vencesse na luta; o derrotado seria morto, conforme o costume. Apresentaram-se muitos pretendentes à mão da formosa Paleno, e a todos o rei Síton matou. Finalmente, apareceram dois pretendentes, Clito e Drias. Síton prometeu a mão de Paleno ao vencedor na corrida de carros. Paleno, que se apaixonara por Clito, seduziu o condutor do carro do rival, para que êste colocasse as rodas de sorte que saíssem do eixo durante a carreira; assim aconteceu. No meio da prova o carro de Drias quebrou-se e o infeliz môço morreu. Síton, instruído dessa fraude, condenou os dois amantes, Paleno e Clito, a serem queimados juntos com o corpo de Drias. Vênus apiedou-se dos amantes, e enviou uma chuva abundante que apagou a fogueira.

SOL — O primeiro objeto da idolatria. Tem vários nomes e vários atributos, conforme as teogonias de cada povo. É o Bel dos Caldeus, o Moloch dos Amonitas, o Beelfégor dos Moabitas, o Mitra dos Persas, o Adônis dos Fenícios, o Saturno dos Cartagineses, o Osíris dos Egípcios, o Febo, Apolo ou Hélios dos Gregos, Febo dos Romanos. Cícero conta cinco Sóis: o primeiro é filho de Júpiter; o segundo, de Hiperíon; o terceiro, de Vulcano, chamado Opas; o quarto, tinha por mãe Acanto, e pai desconhecido; o quinto era filho de Eetes e de Circe. Os Romanos haviam feito do Sol a sua principal divindade. A êste astro estava dedicado o famoso colosso de Rodes. De acôrdo com a teogonia romana, segundo Varrão, o deus Sol era uma divindade romana; estava colocado antes da Lua e depois de Júpiter e da Terra, entre as doze divindades tutelares dos cultivadores: Juno, Netuno, Plutão, Apolo, Marte, Vulcano, Ceres, Minerva, Vesta, Diana e Vênus, sendo Júpiter o chefe. Oferecia-se um sacrifício público ao Sol no dia 9 de agôsto; o deus Sol figurava no frontão do

templo de Júpiter Capitolino. A partir de Augusto, o deus Sol foi assimilado mais e mais aos diversos deuses orientais, entre outros aos Baals siríacos e ao Mitra persa; depois, o Sol foi associado ao culto do Imperador, por Aurélio.

O SOL E OS DEUSES DA LUZ
(*Pintura de uma Cratera*)

SÓLIMO — Um dos companheiros de Enéias, que fundou uma colônia em Sulmona, antiga cidade do Lácio.

SONHOS — Filhos do Sono. Eram em tão grande número como as areias do mar. Os três principais, Morfeu, Fobetor e Pantaso só habitavam palácios; os outros freqüentavam o povo, sob formas ora agradáveis, ora assustadoras. Uns eram falsos, outros, verdadeiros; os primeiros saíam dos Infernos por uma porta de marfim; os segundos, por uma porta de chifre. Eram representados com grandes asas de morcegos negros.

SONO — Filho do Érebo e da Noite. Era o pai dos Sonhos. — V. HIPNOS.

SORANO — Sobrenome de Plutão. Era usado êsse nome principalmente entre os Sabinos.

SORTE — Gênero de adivinhação. As Sortes, comumente, eram feitas por meio de dados, em cujas faces estavam gravados caracteres ou sinais ou palavras cuja explicação se encontrava nas tabelas feitas expressamente para êsse fim. Os usos divergiam conforme as Sortes. Em alguns casos, as Sortes eram feitas nos templos, e a própria pessoa jogava os dados; noutros casos, tirava-se o dado de uma urna. O ato de tirar ou jogar o dado, era sempre precedido de sacrifícios e de outras cerimônias.

SÓTER — "Salvador", nome dado a Júpiter e a Apolo.

SOTÉRIAS — Festas em ação de graças que os antigos gregos realizavam para agradecer aos deuses o afastamento de algum grave perigo.

SOTEROS — "Os Salvadores", nome de Castor e de Pólux.

SOTIRIA — Do grego *Sooteería*, "saúde" ou "conservação". Denominação dos Gregos para a deusa Saúde. Tinha um templo sob esta dedicação perto de Patras.

SUADA — Suada é a mesma deusa da Persuasão. Era, também, a deusa da eloqüência.

SUMANO — Divindade que presidia aos fenômenos atmosféricos noturnos. Possuía um templo no Capitólio. Era, também, o nome pelo qual os habitantes do Lácio invocavam Plutão, e que significa o Soberano dos Manes, *Summus Manium*. Os Etruscos atribuíam-lhe os raios noturnos, e o temiam mais que a Júpiter.

SUNÍADA — Sobrenome de Minerva, tomado do promontório Súnio, na Ática, onde tinha um templo magnífico.

SUOVETAURÍLIA — Sacrifício de um porco, uma ovelha e um touro, nas purificações; êste sacrifício, era, igualmente, oferecido no fim de cada lustração.

SÚPERI — Os deuses do Céu.

T

TÁCIO — Rei dos Sabinos. Depois do rapto das Sabinas fêz aliança com Rômulo.
TÁCITA — Deusa do Silêncio, entre os Romanos. Foi divindade imaginada por Numa.
TAFO — Tafo ou Táfio, filho de Netuno e de Hipótoe. Arvorou-se em chefe de um trôço de fugitivos; estabeleceram-se nas ilhas do mar Jônio que tomaram o nome de Táfias.
TAGES — Neto de Júpiter. Foi o primeiro que ensinou aos Etrúrios a arte e a ciência dos Arúspices e da adivinhação.
TAGETE — O mesmo que Tages. Segundo a lenda, surgiu de repente sob a forma de criança, num campo onde um lavrador revolvia a terra. Os Etruscos o tinham em grande conta.
TAGO — 1) Capitão latino morto por Niso.
2) Capitão troiano morto por Turno.
3) Rio da Hispânia.
TAÍGETA — 1) Filha de Atlas e de Pleione. Foi amante de Júpiter e teve dêle dois filhos, Lacedemônio e Taígeto.
2) Montanha da Lacônia, célebre pelas festas que aí se realizavam em honra de Baco.
TÁLAO — Rei de Argos, pai de Adrasto. Foi um dos Argonautas. Perdeu a vida devido aos artifícios de Anfiarau.
TALASSIÃO — Talassião, Talasião ou Talásio, jovem romano não menos recomendável por seu valor e coragem que por suas extraordinárias virtudes. Seus compatriotas dêle fizeram o deus da Inocência e dos Bons Costumes, que invocavam como os Gregos ao Himeneu.
TALIA — Uma das nove Musas. Presidia à Comédia. *Thalía* significa "festa", "banquete'. — V. MUSAS. — Talia, às vêzes, é invocada como Musa da poesia pastorial ou bucólica, e, por isso, preside aos banquetes campestres e aos divertimentos rústicos: daí, talvez, o fato de se ter tornado a Musa da Comédia. Era, da mesma maneira, uma das três Graças e de tôdas a mais bem dotada.
TALO — 1) Gigante da ilha de Creta; era de bronze e invulnerável.
2) Favorito de Radamanto.
3) Filho de Enopião.
TALTÍBIO — Arauto grego; Agamenão conduziu-o ao cêrco de Tróia.
TÂMIRA — 1) Célebre poeta da Trácia, filho de Filámon e Agriope; era neto de Apolo. Ousou desafiar as Musas declarando que cantaria melhor do que elas. As Musas aceitaram o desafío. Contudo, impuseram uma condição: se êle vencesse, as Musas ficariam à sua discrição; se Tâmira fôsse vencido, receberia o castigo que a sua arrogância e vaidade mereciam. Tâmira foi vencido no certame; as Musas então, quebraram-lhe a lira, cegaram-no e tiraram-lhe a voz.
2) Cilício que introduziu a arte dos augúrios na ilha de Chipre.
TAMO — Quando reinava Tibério, o navio de Tamo cruzava as ilhas do mar Egeu. De súbito, um dia, elevou-se uma voz chamando por Tamo. À terceira chamada, Tamo

respondeu. Disse-lhe, então, a voz misteriosa, que quando chegasse a determinado local, gritasse com tôdas as fôrças: "O grande Pã morreu!". Tamo, quando aportou no lugar designado, gritou com quanta fôrça tinha: "O grande Pã morreu!" Ouviu-se, então, de todos os lados um côro de lamentações e choros e gemidos aflitivos. Tamo e tôda sua equipagem assistiu ao estranho espetáculo. Muitas pessoas, depois, creram que tal fato marcou o fim de uma época, o paganismo, e o nascer de outra, o Cristianismo.

TANAGRA — 1) Filha de Asopo. Deu seu nome à cidade de Tânagra.

2) Cidade da Beócia. Tânagra, de uma hora para outra tornou-se célebre em todo o mundo pelo achado que se fêz na sua necrópole, onde foram descobertas graciosas estatuetas de terracota, de extraordinária perfeição artística e elegantíssimas atitudes.

TANAIDA — Tanaida ou Tânais, rio que separa a Europa da Ásia, o atual rio Dom. É, igualmente, o nome de um rio da Numídia, na África.

TÂNAIS — V. TANAIDA.

TÁNATOS — Tánatos ou a Morte é um deus masculino, em grego. Filho da Noite, que o concebeu sem o auxílio de qualquer outro ser. Era irmão de Hipnos, o Sono. Segundo Hesíodo, seu lugar habitual era o Tártaro; diante da porta dos Infernos, segundo outros poetas. Foi nesse lugar que Hércules o prendeu com amarras de diamante, quando veio libertar Alceste. Tánatos era raramente nomeado na Grécia, porque a superstição temia que o deus da destruição se manifestasse. Os Eleatas e os Lacedemônios rendiam-lhe culto particular. Em Roma teve, também, altares. Tánatos possuía coração de ferro, entranhas de bronze e era representado sob a figura de um menino prêto, com os pés tortos e acariciado pela Noite, sua mãe. — V. MORTE.

TÂNTALO — 1) Rei da Lídia, filho de Júpiter e da Ninfa Pluto. Rico e poderoso, gozava de tanto prestígio que era, às vêzes, admitido à mesa dos deuses. Raptou Ganimedes antes de ser o jovem levado ao céu por Júpiter. Para experimentar os deuses, que vieram, certa feita, a um banquete que Tântalo lhes oferecera, serviu pedaços do seu filho, que matara para êste fim, como iguaria rara e esquisita. Ceres, dos imortais, foi a única que comeu do execrável banquete, preocupada que estava com o rapto da sua filha. Júpiter encarregou logo Mercúrio de reunir ràpidamente as diversas partes do corpo mutilado e de jogá-las numa caldeira mágica, de onde a Parca Cloto retirou Pélops em perfeito estado. Júpiter condenou Tântalo a ser atormentado nos Infernos por uma fome e sêde eternas; no meio de um lago de águas frescas e cristalinas, morrendo de sêde, escapa-se-lhe sempre a água; sob árvores carregadas de apetitosos frutos, louco de fome, sempre que estende as mãos para apanhá-los, êles se afastam.

2) Filho de Tiestes e de Érope. Érope era mulher do irmão de Tiestes, Atreu. Este fêz servir àquele os membros do filho Tântalo num banquete. — V. ATREU.

3) Filho de Brontes e primeiro marido de Clitemnestra.

4) Um dos filhos de Níobe.

TARAXIPO — 1) Gênio que metia mêdo aos cavalos; tinha um templo em Olímpia.

2) Nome que Glauco, filho de Sísifo, recebeu depois da sua morte. Glauco fôra pisoteado pelos seus próprios cavalos.

TARCO — Tarco ou Tarcão, chefe etrusco amigo de Enéias.

TARDÍPEDE — "Pés vagarosos", nome de Vulcano, que era coxo.

TARGÉLIAS — Festas dos Atenienses, celebradas em honra de Apolo e Diana (Ártemis), segundo uns; conforme outros, eram realizadas em honra do Sol e das Horas. Tinham lugar nos dias 6 e 7 do mês de Targélion. Targélion era o segundo mês da primavera dos antigos gregos e corresponde de meados de maio a meados de junho.

TARPÉIA — 1) Guerreira da comitiva de Camila.

2) Uma das primeiras Vestais instituídas por Numa.

3) O Capitólio, antes chamado Monte Saturnino (de Saturno), recebeu em uma de suas partes o nome de *sedes* ou *rupes Tarpeia*, "rocha Tarpéia", porque Tarpéia, filha de Tarpéio, governador de Roma sob o govêrno de Rômulo, seduzida pelos braceletes de ouro que os Sabinos traziam no braço esquerdo, introduziu-os na cidadela. Tarpéia morreu esmagada pelos escudos sabinos. Mais tarde, da Rocha Tarpéia precipitavam-se os criminosos.

TARPÉIO — 1) Designação do Capitólio, relembrando a traição de Tarpéia.

2) Pai de Tarpéia, a qual entregou a cidade aos Sabinos.

3) Nome de Júpiter tomado de um templo que tinha no monte Tarpéio ou Capitólio.

TARQUITO — Filho de Fauno e da Ninfa Driope. Socorreu Turno contra Enéias e foi morto por êste.

TARTARO — Região dos Infernos onde os ímpios e os celerados eram punidos. Essa prisão profunda e tenebrosa era cingida de tríplice muralha e ao seu redor corria o Flegetonte. — V. INFERNOS.

TAUMANTE — 1) Filho de Ponto e da Terra. Casou-se com a Oceânida Electra. Teve por filha Íris, a mensageira dos deuses, e as Harpias.

2) Centauro.

TAUMANTIDA — Filha de Taumante, i. é, Íris.

TAURÍLIAS — Solenidades religiosas introduzidas em Roma por Tarqüínio o Soberbo, por ocasião de uma epidemia disseminada entre as matronas grávidas; atribuiu-se o flagelo ao uso da carne de touro que elas tinham feito em larga escala; essa carne, que sobrava dos sacrifícios, era vendida pelos sacrificadores por preço bem mais baixo que a carne comum.

TAURO — 1) Capitão cretense; obteve os favores de Pasífae, mulher de Minos, e dela teve um filho, Minotauro, que deu lugar à fábula do monstro meio homem meio touro. — V. MINOTAURO.

2) Um dos filhos de Neleu.

3) Segundo signo do Zodíaco, entre os de Áries e Gêmeos, representado sob a forma de um touro.

TAURÓPOLA — Sobrenome de Diana, que tinha sob êste nome um templo perto de Anfrópole.

TEA — 1) Filha de Urano. Esposou seu irmão Hiperíon.

2) Uma das Oceânidas.

TEANO — 1) Danaide.

2) Mulher de Antenor, suma-sacerdotisa de Minerva em Tróia. Entregou o Paládio aos Gregos.

3) Mulher de Âmico e mãe de Mimas.

TEBE — 1) Ninfa da Beócia, amada pelo rio Asopo.

2) Filha de Jasão; foi espôsa de Alexandre, tirano de Feres, na Tessália, no IV século antes de Cristo.

3) Filha de Júpiter; casou-se com Ógiges e teve vários filhos.

4) Filha de Asopo e uma das amantes de Marte.

TECMESSA — Jovem frígia de rara formosura, filha de Telentas. Caiu prisioneira de Ájax, filho de Telamão, quando os Gregos saquearam as regiões vizinhas de Tróia. Ájax, prêso aos encantos da prisioneira, desposou-a e dela teve um filho, Eurísace.

TECTAME — Filho de Doro. Conduziu uma colônia de Etólios para Creta. Casou-se com a filha de Crateu da qual teve um filho chamado Astério.

TELAMÃO — Filho de Éaco e de Endeís. Matou, involuntàriamente, seu irmão Foco. Foi, por isso, condenado pelo pai a exílio perpétuo. Dirigiu-se logo para Salamina, onde desposou Glauce, filha de Cicreu, rei da ilha, que lhe legou a coroa. Depois da morte de Glauce, desposou Peribéia, filha de Alcátoo, de quem teve o célebre Ájax. Telamão seguiu Jasão e os Argonautas na sua expedição a Cólquida; acompanhou Hércules na sua viagem a Tróia. Hércules, querendo recompensar seu valor, fêz-lhe presente de Hesíone filha de Laomedonte. Telamão casou-se com Hesíone e dela teve um filho chamado Teucro. Sua idade avançada impediu-o de participar da guerra de Tróia; enviou seus dois filhos com os exércitos gregos.

TELAMÔNIO — Filho de Telamão, i. é, Ájax.

TELÉBOAS — Povos da Acarnânia, que vieram colonizar a ilha Capréia, atual Cápri.

TELEFASSA — Mulher de Agenor. Morreu na Trácia, procurando sua filha Europa, raptada por Júpiter.

TÉLEFO — Filho de Hércules e de Auge, e rei da Mísia. Foi exposto logo que nasceu, por sua mãe, que, assim, queria esconder a sua desonra. Uma cerva aleitou-o. Adulto, dirigiu-se à côrte da Mísia, por ordem do oráculo, para aí encontrar seus pais. Teutras, rei dêsse país que então estava ameaçado de perigosa guerra, prometeu sua coroa e a mão de Auge, sua filha adotiva, a quem auxiliasse a derrotar seus perigosos e poderosos inimigos. Télefo pôs-se à testa do exército real e conseguiu vitória completa sôbre os inimigos. Depois das festas realizadas em honra do vencedor, realizou-se seu casamento com Auge, sua mãe. À noite, depois das cerimônias, quando o casamento se ia consumar, descobriu Télefo

que a espôsa era sua mãe. Esta quis matá-lo. Os deuses enviaram, então, um dragão que separou os cônjuges. Algum tempo depois, Télefo casou-se com Laódice, filha de Príamo, também conhecida pelo nome de Astioquéia. Esta aliança ligou-o ao partido dos Troianos. Quando os Gregos sitiaram Tróia, Télefo lutou contra Aquiles, recebeu perigosa ferida, e não pôde ser curado antes de tomar o partido dos Gregos; de feito, puseram sôbre a chaga um unguento feito com a ferrugem da lança que o ferira. Terminada a guerra, Télefo e a mãe voltaram para a Mísia.

TELÉGONO — 1) Gigante, amigo de Tmolo.

2) Filho de Proteu, morto por Hércules.

3) Rei do Egito. Desposou Io, depois que assumiu sua forma primitiva.

4) Filho de Ulisses e de Circe. Foi criado por sua mãe. Adulto, embarcou-se a fim de ir procurar seu pai. Abordou a ilha de Ítaca, que não conhecia, e começou, com os tripulantes da barca em que viera, a pilhar as suas costas. Como estivessem sem víveres, apoderaram-se de rebanhos, saquearam celeiros e adegas. Ulisses, que retirado no seu palácio descansava dos muitos trabalhos sofridos em Tróia e no seu regresso, vivendo a vida pacífica dos grandes senhores, atraído pelo ruído que se fêz na ilha com a chegada dos estrangeiros, procurou certificar-se de que se tratava. Pôsto a par do sucedido, armou seus homens e enfrentou os invasores. Travou-se um combate e Ulisses é ferido pela lança de Telégono. Segundo outra versão, foi ferido por um dardo cuja ponta era o agudo ferrão duma arraia; cumpria-se, assim, o oráculo de que o herói seria morto pelo filho com o produto do mar, "pelo mar e pela mão do filho". Ulisses, antes de expirar, lembrou-se do oráculo; perguntou quem era o seu matador. Verificou, então, que se tratava do filho que tivera com a feiticeira Circe. Ulisses morreu nos braços do filho, que, à procura do pai, acabou por matá-lo. Cheio de mágua, Telégono fugiu para a Itália, onde fundou a cidade de Túsculo.

5) Filha de Fáris, nascida da sua união com Mercúrio; desposou Alfeu e foi mãe de Orsíloque, conforme a tradição dos Messênios.

TELÊMACO — Filho único de Ulisses e Penélope. Era, ainda, criança de berço quando o pai partiu para Tróia. Vinte anos depois, ao voltar Ulisses para Ítaca, Telêmaco era um belo jovem, forte e resoluto. A longa ausência do pai, que ninguém sabia se vivo estava ou morto, levou-o a empreender várias viagens, em busca de notícias; assim é que visitou Nestor e Menelau, que já tinham regressado da guerra. Nada soube a respeito do pai; à sua volta, conseguiu escapar das ciladas que lhe queriam armar os pretendentes à mão da sua mãe, a fiel Penélope. Encontrou seu pai na cabana de Eumeu, o dedicado porqueiro; Ulisses deu-se a conhecer e os dois, ajudados dos servos fiéis, preparam o extermínio dos importunos pretendentes. Com o auxílio de Minerva conseguem matar a todos e restabelecer a paz em Ítaca. Anos depois, perece Ulisses, em guerra com o estrangeiro invasor, que outro não era senão seu filho, Telégono. — V. TELÉGONO. — Pela morte do pai, assumiu Telêmaco o govêrno da ilha de Ítaca. Conforme uma versão, desposou Cassifonéia, sua irmã, filha que era de Ulisses e da feiticeira Circe. Conforme outras versões, desposou Telêmaco a própria Circe ou a gentil e graciosa Nausícaa, filha de Alcínoo, rei dos Feácios. Foi morto, de acôrdo com a primeira versão, pela própria espôsa, Cassifonéia, por ter matado Circe, sua sogra. — V. CASSIFONÉIA. — Durante a longa ausência de Ulisses, Atena ou Minerva acompanhara o jovem Telêmaco sob a figura de Mentor.

TÉLEMO — Ciclope adivinho. Predisse a Polifemo que Ulisses lhe tiraria a visão. Era filho de Êurimo.

TELÉSFORO — Médico célebre. Era exímio tanto na medicina como na arte de adivinhar o futuro. Depois de morto foi pôsto no rol dos deuses. Presidia, especialmente, à convalescença. Chamava-se, também, Evemério.

TELESTES — Cretense, pai de Iante.

TELETUSA — Mulher de Ligdo e mãe de Ífis.

TELFUSSA — Ninfa, filha do Ládon. Deu seu nome a uma fonte, cuja água era tão fria que Tirésias morreu por haver dela bebido.

TELQUÍNIA — 1) Sobrenome de Minerva, mãe dos Telquinos.

2) Sobrenome de Juno, a quem os Telquinos haviam erigido uma estátua.

3) Outro nome da ilha de Rodes, que havia sido habitada pelos Telquinos.

TELQUINOS — Família de sacerdotes que exerciam a magia e se estabeleceram em Rodes. Eram descendentes do Sol e de Minerva. Eram capazes de encantar as pessoas e coisas com um simples olhar; faziam chover, nevar, saraivar ou ventar à sua vontade. Tomavam a água do Estige, regavam com ela o solo e faziam nascer tôda sorte de enfermidades e de desgraças, como a fome, a peste e a sêca. Por fim, Júpiter sepultou-os sob as ondas do mar e transformou-os em rochedos. Foram honrados pelos Ródios como verdadeiros deuses. Dava-se, igualmente, o nome de Telquinos aos Curetes e aos Galos.

TELUMO — Sobrenome de Plutão, porque seu reino estava situado em baixo da terra.

TELXÍNOE — Uma das quatro primeiras Musas.

TEMENITA — Sobrenome de Apolo por ser adorado em Têmeno, lugar perto de Siracusa.

TÊMENO — 1) Filho de Pelasgo; foi encarregado de vigiar Júpiter quando criança.

2) Filho de Fegeu e irmão de Arsínoe.

3) Filho de Aristômaco. Foi o primeiro dos Heraclidas a reentrar no Peloponeso. Tornou-se senhor de Argos; expulsou o rei, apoderou-se da coroa e teve por sucessor Déifon, que havia esposado sua filha Hírneto.

TÊMERO — Salteador da Tessália. Costumava quebrar a cabeça dos que passavam, obrigando-os a baterem contra a sua, que era excessivamente dura. Teseu aceitou o desafio e quebrou a cabeça do famoso e cruel salteador.

TÊMIS — 1) Deusa da Justiça, filha de Celo e da Terra, queria a todo transe conservar sua virgindade. Júpiter tanto fêz que conseguiu demovê-la de tal intento. Deflorou-a e Têmis deu à luz Astréia. Conforme outros, deu, também, à luz as Horas e as Parcas. É a personificação da Justiça, das leis e dos costumes. Assiste às deliberações dos deuses e dos mortais. A observância dos tratados é posta sob a sua imediata proteção. Era representada com uma balança na mão e uma venda nos olhos. Júpiter colocou a sua balança entre os signos do Zodíaco. Seus olhos são vendados, para indicar a imparcialidade que deve reinar nos julgamentos.

2) Filha de Ilo, mulher de Cápis e mãe de Anquises.

TEMPE — 1) Vale delicioso da Tessália, entre os montes Ossa e Olimpo; os deuses e deusas aí gostavam de passear e folgar.

2) Vale da Beócia.

TEMPLOS — O templo dórico erguia-se sôbre um pedestal de três degraus. O mais elevado suportava diretamente as colunas, cujo fuste, sulcado de caneluras pouco profundas, termina num capitel muito simples, uma espécie de cesta, o *equino*, encimado por uma placa quadrada, o *ábaco*. A colunata sustenta uma cimalha, dividida, de baixo para cima, em três partes: a *arquitrave*, viga nua; a *frisa*, onde se alternam tríglifos e métopas; a *cornija*, estreita e um tanto inclinada. Outra cornija, sôbre as duas fachadas, circunda as guarnições determinadas pelos planos inclinados do telhado; as linhas altas do contôrno, são decoradas com antefixos, gárgulas e outros enfeites menores; as duas guarnições, com acrotérios. A atenção é solicitada pelos altos do edifício, guarnecidos com ornamentação esculpida e efeitos de policromia. O pórtico, que precede a entrada, contorna, em geral, a *cela* ou nave, tal como pátio ou morada da divindade que se acha presente sob a forma de estátua. Na parte posterior acha-se outra sala, o *ádito*. Os templos dóricos mais antigos eram muito alongados. Não conhecemos quase nenhum exemplo jônico. Sabemos que se distingue do dórico por efeitos decorativos. O templo etrusco deriva do templo grego, com algumas diferenças devidas a prescrições religiosas. Quase quadrados, erguiam-se os templos etruscos sôbre envasamento com degraus na fachada; dividiam-se em duas partes. A posterior compreende uma, duas ou três *celas*, separadas por muros, abrigando as estátuas dos deuses, cada uma com porta na parte anterior, pórtico de uma, duas ou três fileiras de colunas, por duas, quatro ou seis colunas de ordem toscana. O teto, coberto de telhas, era de duas águas. Estátuas de argila ornavam o frontão, cujos acrotérios amorteciam os ângulos. O todo, com exceção do envasamento, era de madeira, realçada por côres vivas e dourados. O templo romano possui elementos tanto do grego como do etrusco. É orientado para o oeste, quanto possível, seguindo a tradição grega. Não possui, obrigatòriamente, colunatas. Pode ter apenas

uma na fachada. Às vêzes nos lados. Como o templo etrusco, ergue-se sôbre envasamento com degraus anteriores. Os Romanos empregavam muito o templo redondo, reminiscência da antiga choupana ou arribana itálica. Peculiares aos Romanos são as dimensões colossais dos templos. Os templos mais importantes, como na Grécia, eram cercados por monumental muralha guarnecida de altares e estátuas. Ainda como na Grécia, os templos romanos eram policromos, mas, enquanto os Gregos aplicavam côres sôbre o mármore, em Roma, a policromia se obtinha diretamente com a infinita variedade de mármores de tôdas as côres, em blocos ou em placas. Os templos não serviam sòmente para o culto dos deuses ou para a realização de festas ou cerimônias; era, também, lugar de asilo. Na origem, todos os templos gozavam do direito de asilo; depois, a necessidade de fazer prevalecer as leis penais, diminuiu o privilégio para alguns templos sòmente, em geral os mais antigos e mais ricos. Gozaram dêsse privilégio: o Partenão de Atenas; o templo de Palas, em Esparta; o templo de Diana, em Muníquia; o templo de Juno, em Argos; o templo de Esculápio, em Epidauro; o de Netuno, em Calauréia; o de Apolo, em Delos... O asilo conferia, aos que aí se refugiavam, inviolabilidade temporária; os criminosos escapavam aos castigos enquanto estivessem no recinto sagrado; retombavam, uma vez saídos, sob o domínio da lei comum. Muitas vêzes, para não violar o direito de asilo, fazia-se sair o suplicante por meio de fumo, com que enchiam o recinto, ou, mesmo, como aconteceu, ateando fogo ao edifício. O direito de asilo, em Roma, gozou de pouco prestígio. Ficou restrito à cidade de Roma. Não se conhecem exemplos nas províncias. Tibério o aboliu quase completamente. Reapareceu na Idade Média, com grande vigor. Hodiernamente, as Igrejas Católicas gozam do direito de asilo, conforme o estatuído no cânone 1179.

TENÁRIDA — Helena, originária de Ténaro, na Lacônia.

TÊNARO — Promontório da Lacônia, na parte meridional do Peloponeso. Havia, aí, um templo dedicado a Netuno. Ao pé dêsse promontório, havia uma caverna profunda, da qual saíam vapôres negros e pestilenciais; êsse local era considerado uma das entradas dos Infernos.

TÊNEDOS — Pequena ilha em frente à cidade de Tróia. Foi atrás dessa ilha que os Gregos esconderam a sua frota, quando fingiram uma retirada total e completa das tropas, levantando o cêrco que durara dez anos. Os Troianos, com o campo livre, pela primeira vez em tão longos anos, puseram o cavalo de madeira para dentro das muralhas da cidade. À noite, com o auxílio das trevas, a frota grega retornou e desembarcou na praia todos os seus guerreiros; os que estavam escondidos no cavalo de madeira, abriram as portas da cidade e o exército grego, assim, pôde entrar. Havia em Tênedos um templo dedicado a Apolo Esminteu. Hoje, Ténedo.

TÉNERO — Filho de Apolo e da Ninfa Mélia. Recebeu do pai o dom de predizer o futuro.

TENES — Filho de Cicno e de Procléia. Deu seu nome à ilha de Tênedos, que antes se chamava Leucófris. Filonome, segunda mulher de Cicno, apaixonou-se pelo seu enteado, o formoso Tenes; como êste não correspondesse aos seus ardores, acusou-o junto ao marido de haver tentado contra a sua honra. O pai, excessivamente crédulo, lançou-o ao mar; batido pelas ondas, o jovem aportou à ilha de Leucófris, cujos habitantes o escolheram para rei. Algum tempo depois, Cicno chegou a saber da impostura e desfaçatez da espôsa. Imediatamente armou um navio e dirigiu-se para a ilha, a fim de se reconciliar com o filho. Mas logo que o navio aportou na margem, Tenes cortou o cabo que o prendia e êste tornou-se joguete dos ventos que sopravam furiosamente. Tenes foi morto por Aquiles e recebeu honras divinas.

TENOS — Uma das ilhas Cíclades, vizinha da ilha de Delos.

TEÓFANA — Filha de Bisalto. Foi requestada por diversos pretendentes, apaixonados pela sua deslumbrante formosura. Netuno, que a desejava também, a fim de assegurar a sua possessão, raptou-a e transportou-a para uma ilha; mas os demais pretendentes conseguiram localizar o asilo escolhido pelo deus e lá a foram procurar. Netuno, para desorientá-los, transformou sua amante em ovelha e êle mesmo em carneiro. Os pretendentes, depois de procurar a jovem por muito tempo inùtilmente, regressaram. Algum tempo depois, Teófana deu à luz o famoso carneiro com

ASBAC - SP
BIBLIOTECA

tosão de ouro, que transportou Frixo e Hele a Cólquida. — V. Tosão de Ouro.

TEOGONIA (A) — Hesíodo, que viveu provàvelmente no ano 700 antes de Cristo, dedicou-se à agricultura antes de ser poeta. Entre as obras atribuídas a Hesíodo duas podem ser consideradas como as de mais provável autenticidade: 1) *A Teogonia* e 2) *Os trabalhos e os dias*. No seu estado atual, a *Teogonia* conta mais de 1.000 versos. Tem por objeto expor, metòdicamente, a filiação dos deuses, desde a origem das coisas até a constituição definitiva do mundo divino. É a obra um receptáculo de tradições divergentes, às vêzes confusas, não raro contraditórias. No comêço — diz o poema — havia sòmente o Caos. Nasceu, então, Gaia, a Terra, cobrindo o Tártaro que fica por debaixo dela. Com a deusa Gaia, nasceu Eros, o mais belo dos imortais. Do Caos procedem dois sêres: Érebo e a Noite; do Érebo e da Noite nasceram o Éter e o Dia. Assim, o poeta, partindo do Caos inicial, através dos Titãs e dos Gigantes, chega até aos heróis, inclusive Ulisses. *Os trabalhos e os Dias* são poema didático sem maior interêsse. Contém, atualmente, 828 versos. Estabelece normas de agricultura, de educação dos filhos e práticas supersticiosas na vida cotidiana. *Teogonia* significa "A genealogia dos deuses".

TERÃO — 1) Nome de um guerreiro.
2) Nome de um cão.

TEREIDA — Filho de Tereu, i. é, Ítis.

TERENTO — Local no Campo de Marte onde havia um altar consagrado aos Manes; êste altar ficava o século todo coberto pela terra, e só o retiravam para a celebração dos Jogos Seculares; depois da celebração dêstes, era o altar, novamente, enterrado. Temos conhecimento da realização dos Jogos Seculares sob o reinado de Augusto, no ano 17. Começaram no dia 31 de maio e duraram três dias.

TEREU — Rei da Trácia. Foi transformado em gavião. — V. Filomela.

TERMINÁLIAS — Festas romanas em honra do deus Termo. Os camponeses ofereciam-lhe libações de leite, imolavam-lhe um cordeiro e regavam com o seu sangue os limites dos campos. O deus Termo tem, também, a denominação de Término. Eram festas rurais e familiares.

TÉRMINO — O mesmo que *Termo*.

TERMO — Deus romano que presidia aos limites dos campos e que punia a sua usurpação. Numa foi o introdutor dessa divindade entre os povos da Itália. Construiu-lhe um pequeno templo sôbre a rocha Tarpéia. Tarqüínio o Soberbo, desejando elevar, no mesmo local, um templo a Júpiter, resolveu mandar tirar dali tôdas as divindades, quer altares quer templos, que, no decorrer dos tempos naquele lugar tinham sido colocados. Todos os deuses cederam sem resistência os lugares que ocupavam; mas o deus Termo resistiu a todos os esforços para desalojá-lo do seu antigo e modesto templo. Destarte, viram-se coagidos a deixá-lo onde estava e construiram o templo dedicado a Júpiter ficando êle encerrado dentro do nôvo santuário. O Colégio dos Áugures terminou por declarar que a estabilidade do Império seria eterna, já que o deus era irremovível. No início, o deus era representado por uma pedra bruta, em geral quadrada, semelhante às que usavam para delimitar os terrenos particulares; tinha, também, a forma de uma estaca fincada em terra; mais tarde, representaram-no sob a figura dum pilar com cabeça humana, ou duma pirâmide encimada por um rosto; mas permaneceu, sempre, sem pés e sem braços, símbolo da sua fixidez e estabilidade. Ofereciam-lhe leite, mel, frutos e festões de folhagens ou coroas de flôres.

TERMODONTE — Rio da Capadócia, junto ao qual habitavam as Amazonas.

TEROMEDONTE — Teromedonte ou Terodamante, rei da Cítia.

TERPSÍCORE — "Aquela que ama os coros", a Musa da dança. — V. Musas.

TERRA — A mais antiga das divindades. *Tellus mater* ou *Terra mater*, a "Mãe Terra", era uma divindade que os Latinos confundiam com Deméter. Enquanto deusa da fecundidade, presidia aos casamentos. No dia das núpcias, a noiva a invocava e sacrificava conforme os ritos, seja antes de se dirigir para a casa do espôso, seja depois de ter entrado na câmara nupcial. Via-se a Mãe Terra num dos painéis do altar da Paz, erguido em Roma por Augusto e conservado, hoje, em Florença. A deusa está assentada, com a cabeça coroada de flôres sob um véu; nos seus braços estão dois pequenos meninos que lhe oferecem frutos; a seus pés acha-se um touro, símbolo da fecundidade, e uma ovelha; cerca-a

vegetação abundante. *Tellus* ou *Terra Mater*, "Terra Mãe", era, entre os Romanos, o princípio feminino da fecundidade, e associavam seu culto ao de Júpiter, o Pai.

A MÃE TERRA.
(*Relêvo da "Ara Pacis", Florença.*)

TERROR — Divindade alegórica, filha de Marte e de Vênus. Marte confiou-lhe, assim como à Fuga, o cuidado de atrelar o seu carro de combate. Representavam-na sob os traços de uma mulher coberta e vestida com a pele dum leão.

TERROR PANICO — Terror que inspirava o deus Pã. — V. PÃ.

TERSANDRO — 1) Filho de Sísifo.

2) Filho de Polinice e de Argia; ocupou o trono de Tebas e conduziu os Tebanos à guerra de Tróia; foi morto por Télefo. Tisâmeno foi seu sucessor.

TERSÍLOCO — 1) Filho de Antenor, morto no cêrco de Tróia.

2) Companheiro de Enéias, morto por Turno.

TERSITES — O mais feio e o mais covarde dos Gregos que lutaram sob as muralhas de Tróia. É famoso o retrato que dêle pinta Homero: "Tagarela infindável, espírito fértil em palavras injuriosas, audaciosas e sem vergonha, ultrajava os reis a fim de excitar o riso da multidão; o mais vil dos guerreiros, era zanaga e coxo; suas espáduas recurvas apertavam seu peito, e, sôbre a cabeça, terminada em ponta, esvoaçavam raros cabelos esparsos." Vomitava, sem cessar, suas pesadas injúrias sôbre os generosos, principalmente Aquiles, Ulisses e Agamenão. Seus conselhos e suas censuras, às vêzes eram justos e oportunos, mas o espírito que os ditava jamais lograva alçar-se à altura de uma grande e generosa idéia. Ulisses bateu-lhe com o cetro, impondo-lhe silêncio, na ocasião em que, com raciocínios capciosos, instigava o exército a leventar o assédio e voltar para casa. Mais tarde, no curso de um sangrento combate, Aquiles, que acabara de matar a Amazona Pentesiléia, a rainha das Amazonas, ao retirar o capacete viu-lhe o rosto de adorável beleza. A juventude resplandecente daquele semblante fê-lo derramar lágrimas de compaixão e piedade; Tersites, então, aproximou-se, por trás, e com a lança, furou o ôlho da rainha. Aquiles, furioso, matou-o no mesmo local.

TESEU — Erictônio, rei de Atenas e filho de Netuno, metade homem e metade serpente, teve por sucessor o seu filho Pandião; o filho de Pandião, Egeu, foi o pai do ilustre Teseu. Egeu, quando reinava em Atenas, foi visitar a côrte de Piteu, rei de Trezena, no Peloponeso. Nessa ocasião, desposou a filha do rei, Etra; a seguir, no momento da partida, escondeu sob uma enorme pedra sua sandália e sua espada, recomendando a Etra que, se ela desse à luz um filho varão, o mandasse levantar a pedra quando atingisse a idade adulta, e, de posse dêsses objetos, o fôsse procurar; seria, então, fàcilmente reconhecido. E Egeu partiu para os seus domínios. Passados os meses, Etra deu à luz um filho, que se chamou Teseu. A mãe confiou a educação do menino ao Centauro Quirão, que dêle fêz um mancebo forte e habilidoso em todos os misteres. Atingida a idade adulta, Etra levou-o junto da pedra e o instruiu acêrca do desejo do pai. O jovem removeu a pedra, tomou a espada e a sandália e correu para Atenas, a fim de se fazer reconhecer do pai. Começa, então, a série gloriosa das suas façanhas; no istmo de Corinto abate o salteador Sínis; na Ática, livra a população do cruel Procusto, e, finalmente, liquida Sísifo. — V. ESSAS PALAVRAS. — Entrando em Atenas, faz-se reconhecer pelo pai e põe têrmo a uma conspiração contra o velho rei Egeu. Logo a seguir, em Maratona, abate o touro furioso que assolava aquela região; leva-o para Atenas, vivo, e imola-o ao deus Apolo. Nessa mesma época, pela terceira vez, a Ática preparava-se para pagar o tributo

sangrento a Minos II, rei de Creta, tributo êsse que consistia na entrega de sete jovens e sete donzelas ao monstro Minotauro, que se alimentava de carne humana. Êsse cruel tributo teve origem no estúpido assassínio do filho de Minos, Androgeu, por parte dos habitantes jovens de Atenas. O navio que levaria as quatorze vítimas esperava, apenas, monção favorável para se pôr ao largo. Teseu, pôsto a par da situação, toma o lugar de um dos jovens, determinado a matar o monstro e acabar com tão cruel tributo. O navio chega a Creta. Minos, acompanhado de Ariana ou Ariadne, sua filha, recebe as vítimas. A princesa, logo que viu o belo Teseu, jurou a si mesma que êle não morreria estraçalhado pelo monstro, mas que seria seu marido. O Minotauro era um monstro terrível; terrível, igualmente, era o Labirinto, de onde, uma vez entrado, ninguém conseguia sair. Na véspera do dia em que Teseu deveria entrar no Labirinto, como a primeira vítima humana, Ariadne, às ocultas, procura-o e deixa-lhe na mão um novêlo de linha, cuja extremidade ficaria prêsa à entrada do Labirinto. Teseu, sem armas, enfrenta a rêde inextricável de corredores que se abrem à sua frente. Não demora e ouve ruídos espantosos. É o monstro que se aproxima. De súbito, um vulto imenso abate-se sôbre o jovem; Teseu, num esfôrço tremendo, consegue enlaçar o pavoroso ser; agarra-o pelo pescoço, torce-o, e, em pouco, o Minotauro jaz cadáver no chão. Segue, então o fio que desenrolara, e encontra a abertura do Labirinto. Ariadne esperava-o ansiosa. Teseu reune os treze atenienses e acompanhado pela donzela correm para o navio. Quando o rei Minos deu pela coisa, já o navio vogava em alto mar. Aportaram na ilha de Naxos; aí Teseu deixa sua amante, Ariadne, que dormia. Quando ela acordou, viu, apenas, um ponto negro bailando nas ondas do mar. O deus Baco, que por ali passava com sua ruidosa comitiva, apaixonou-se pela infeliz princesa, e acabou desposando-a. Entretanto, o navio de Teseu aproximava-se da Ática. O velho rei Egeu, no alto das falésias que dominavam o mar, ansiosamente encompridava seu olhar na esperança de ver o navio com seu filho querido retornando da arriscada emprêsa. No momento da partida, Egeu combinara com Teseu que, se êle voltasse com vida, que substituísse as velas negras de que o navio estava dotado, por outras brancas; o jovem esqueceu a recomendação paterna. Do alto do seu observatório, Egeu viu o navio que se aproximava, com as velas pretas; cheio de desespêro, crendo o filho morto, lançou-se ao mar. Desde então aquêle mar passou a chamar-se "Mar Egeu". A galera de Teseu, *Páralo*, mereceu honras especiais. — V. PÁRALO. — Teseu assumiu a direção do reino. Aumentou a cidade, embelezou-a, instituiu as *Panatenéias*, criou o *Pritaneu*, residência dos prítanes e lugar de hospedagem dos visitantes ilustres e dos beneméritos da pátria, defendeu Édipo no burgo de Colona, contra Creonte e seus sequazes, e, por fim, abdicou. Acompanhou Hércules que se dirigia para o Ponto Euxino, em busca do cinto da rainha das Amazonas. Destroem as famosas mulheres guerreiras, e Teseu casa-se com a formosa Hipólita, rainha, que lhe dá um filho, Hipólito. Depois, parte com Meléagro a fim de caçarem o javali de Calidão. Terminada esta aventura, embarca-se com Jasão e seus companheiros, os Argonautas, a fim de trazerem da longínqua Cólquida o Tosão de Ouro. Tendo voltado dessa última expedição, ao atravessar a Tessália, habitada pelos Lápitas, encontra-se com Pirítoo, seu rei, que desejava conhecer Teseu para com êle medir fôrças. Encontram-se os dois heróis. Em lugar da luta, cerraram-se as mãos; ficaram amigos inseparáveis. Conforme outra versão, menos provável, os dois chegam a lutar; mas, vendo que as fôrças eram iguais, resolveram transformar a luta em eterna amizade. No casamento de Pirítoo, Teseu, para defender a jovem espôsa do amigo, insultada por um Centauro pesado de vinho, não hesita em enfrentar tôda a caterva, que, por fim, auxiliado pelos amigos, rechaça para o Epiro. — V. PIRÍTOO. — A seguir, os dois raptam Helena, naquela época com nove para dez anos; ficam com ela por pouco tempo, pois os Tindáridas, Castor e Pólux, conseguem arrebatá-la dos seus raptores. — V. TINDÁRIDAS. — Mais tarde os dois descem aos Infernos, com o fito de raptarem a espôsa do deus Plutão, Prosérpina. São mal sucedidos. Pirítoo morre às garras do Cérbero e Teseu é encadeado à entrada do Tártaro. Tudo para o jovem herói parecia ter terminado. Foi então que Hércules, descendo aos Infernos, o liberta. Ora, por

essa época, Teseu tinha por espôsa a ardente Fedra, filha do rei Minos, de Creta, irmã, portanto, de Ariadne, que Baco, depois de desposá-la fizera sacerdotisa do seu culto. A longa ausência de Teseu, que ninguém sabia por onde andava, trouxe por conseqüência que Fedra lançou seus olhares sôbre Hipólito, o filho de Teseu e da rainha Hipólita. Insensível ao amor da madrasta, o jovem não consentiu em manchar o tálamo paterno. Chegou, então, Teseu. Fedra, loucamente furiosa com a recusa do jovem, não hesitou em o acusar junto ao pai. Êste, num acesso de furiosa raiva, entrega-o a Netuno, para que o deus do mar o vingue. E o infeliz Hipólito pagou com a vida o criminoso amor de Fedra. — V. FEDRA. — Os Atenienses, indignados com a tragédia, redigiram decreto banindo Teseu do país. O herói, já velho e alquebrado, acolheu-se na ilha de Ciros. O rei Licomedes, invejoso da sua reputação, levou-o, um dia, a ver a extensão dos seus domínios; conduziu Teseu ao cume dum rochedo escarpado; e lá, sùbitamente, arremessa-o ao mar. A ingratidão dos Atenienses só teve fim quando, na batalha de Maratona, acreditaram ver Teseu lutando heròicamente contra os Persas. A Pítia, consultada, ordenou-lhes que recolhessem os ossos do herói. Sabiam todos que êle fôra assassinado em Ciros, mas ignoravam o lugar. Coube a Címon, filho de Milcíades, a glória de encontrar a sepultura do herói; percebera êste uma águia bicando um túmulo isolado e desconhecido. Mandou que escavassem o lugar e encontraram as ossadas de um homem de grande talhe, tendo, ao lado a espada e a lança. Os despojos mortais foram conduzidos para Atenas com grande solenidade, e, depois, recolhidos a um lugar sagrado que ficou sendo chamado *Teséio*, e que gozou do direito de asilo. Começaram, outrossim, a celebrar as *Teséias*, soleníssimas festas em honra do herói.

TESEU E ANFITRITE

TESMOFORIAS — Festas em honra de Ceres, mas da Ceres Tesmófora, i. é, legisladora, aquela que, em instituindo o casamento, fundara a sociedade civil. Celebravam-se em novembro, após as sementeiras e o término dos trabalhos do ano. Imolavam-se porcos, por causa do dano que tais animais trazem às plantações; ofereciam-lhe guirlandas, mas poucas flôres, pois fôra em colhendo flôres que Prosérpina se vira arrebatada pelo deus dos Infernos. A papoula lhe era consagrada, a papoula que cresce entre o trigo e que havia acalmado, dizem, a dor da mãe desesperada. Nesses dias as matronas romanas vestiam-se de branco.

TESPÍADES — Musas veneradas em Téspias, na Beócia.

TÉSPIAS — Cidade da Beócia.

TESPROTO — Rei da região de Putéolos, perto de Nápoles.

TESSÁLIA — Grande região ao norte da Grécia, limitada ao norte pelo monte Olimpo, ao sul pelo monte Eta, a oeste pelo Pindo e a leste pelo Ossa e Pelião, e situada ao sul da Macedônia e a oeste do Epiro.

TÉSTIO — Rei da Etólia, pai de Leda, mulher de Tíndaro, o rei de Esparta. — V. LEDA.

TESTOR — Filho de Idmão. Foi pai de Calcante, o adivinho, e de duas môças, Teone e Leucipa. Passeava, um dia, Teone, à beira-mar, quando, de inopino, surgiram uns piratas e a raptaram. Venderam-na ao rei da Cária, Icaro, que fêz dela sua amante. Seu pai, entretanto, embarcara-se num navio em perseguição dos raptores. Infelizmente, naufragou nas costas da Cária, foi prêso e conduzido à presença do rei, que o mandou prender. Leucipa, não tendo notícias de Testor, foi consultar o oráculo que lhe respondeu ser necessário, para encontrá-lo, vestir hábitos de sacerdote de Apolo. Leucipa vestiu-se como um sacerdote de Apolo e partiu imediatamente. Chegou a Cária e Teone, encantada com a

beleza e a graça do jovem sacerdote, quis seduzi-lo a todo o transe; e como êle recusasse o seu amor, Teone, encolerizada, carregou-o de cadeias e ordenou a Testor que o matasse. Enquanto Testor hesitava em cumprir o cruel desejo da amante do rei, lamentava-se amargamente da sua sorte, que, tendo duas filhas, as perdera, e, sendo homem de bem, via-se reduzido à condição de carrasco. Teone, então, reconheceu o pai. Segundo alguns, fugiram os três da côrte de Icaro; segundo outros, Icaro, informado de tão extraordinário acontecimento, cumulou os três de presentes e reenviou-os ao seu país. — V. LEUCIPA.

TÊTIS — Há duas Tétis. Os Mitógrafos fazem distinção, ainda que seja comum confundir uma e outra divindade, por causa da semelhança do nome. 1) *Tétis*, em latim *Tethys*, em grego *Teethys*, era uma das divindades primordiais das teogonias helênicas. Personifica a fecundidade feminina do mar, de acôrdo com a etimologia do seu nome, que se traduz por "nutriz" ou "alimentadora". Nascida dos amôres de Urano e de Gaia, é a mais jovem das Titânides. Casou-se com o Oceano, seu irmão, e tornou-se mãe de 3.000 Ninfas, chamadas Oceânides. Também os 3.000 rios são seus filhos, além de outras personagens importantes como Proteu, Etra, mãe de Atlas, Persa, mãe de Circe... Diz a lenda que estando Júpiter garroteado pelos demais deuses, correu Tétis em seu auxílio, e conseguiu salvá-lo, com a ajuda eficiente do Gigante Egéon. — V. EGÉON. — O carro de Tétis era uma concha maravilhosa, de nacarada brancura. Quando ela percorria seus equóreos domínios, êste carro, tirado por magníficos cavalos marinhos, mais alvos do que a neve, parecia voar sôbre a superfície azulada do mar. Os delfins a acompanhavam saltando alegremente nas ondas e cabriolando na branca espuma da sua esteira. Quando ela emergia das ondas, os Tritões, que formavam seu séquito, faziam soar as trombetas e as Oceânides, coroadas de flôres, dançavam ao seu redor. A morada de Tétis é geralmente colocada no extremo ocidente, para além do país das Hespérides, na região em que, todos os dias, o Sol se esconde. 2) *Tétis*, em latim *Thetis*, em grego *Thétis*, era uma Nereida, filha de Nereu, o Velho do Mar, e de Dóris. É, por conseqüência, uma divindade marinha e imortal, a mais célebre de tôdas as Nereidas. Homero a chama de "deusa dos pés de prata"; era a mais bela das Nereidas. Júpiter, Netuno e Apolo a quiseram desposar; mas, sabendo, através de Têmis, que dela nasceria um filho mais poderoso que o pai, não tiveram coragem os deuses de continuar a requestá-la, pois nenhum desejava ser superado pelo próprio filho. — V. NEREU. V. DÓRIS. V. AQUILES. V. PELEU. — Um dia, no meio das ondas, Tétis brincava com suas irmãs. De repente, espetáculo inaudito fere-lhe os olhos: um barco vogava sôbre as ondas. Era o primeiro navio que se atrevia a sulcar as salsas ondas, construído sob as vistas de Minerva, o famoso Argo dos Argonautas. Nêle ia Peleu, filho de Éaco, futuro espôso da formosa Nereida. Pouco contente de ter um mortal por marido, quando já tivera deuses a seus pés, Tétis, qual outro Proteu, assumiu as mais variadas formas, para evitar as solicitações do ardente jovem. Mas êste, a conselho do Centauro Quirão, seu mestre, ligou-a com cadeias e forçou-a a consentir no casamento. Realizaram-se as núpcias no alto do monte Pélion, na Tessália. Foi a mais suntuosa festa nupcial de que se tem notícia. Tiveram um só filho, o famigerado Aquiles,

TÊTIS E HEFESTOS (Vulcano). (*Pintura num vaso ático*)

muito mais poderoso que o pai. Outra versão diz que o casal houve vários filhos, sobrevivendo apenas Aquiles. Em Boccaccio, Tétis é considerada filha de Quíron.

TEUCRO — 1) Primeiro rei da Tróade. Era filho do rio Escamandro e da Ninfa do monte Ida; dêle vem o nome de *Teucros*

dado aos Troianos. Introduziu o culto de Cibele; seu sucessor foi Dárdano.

2) Filho de Telamão, rei de Salamina, e irmão de Ájax. Quando deflagrou a guerra de Tróia, seu pai, muito idoso para pegar em armas, enviou em seu lugar Teucro, junto com o outro filho, Ájax. Ambos cobriram-se de glória ante as muralhas de Tróia. Teucro retornou sòzinho; Ájax, perdendo para Ulisses as armas do invencível Aquiles, foi prêsa de um acesso de loucura; voltando a si, não suportou a vergonha de ter servido de espetáculo aos guerreiros e suicidou-se. — V. *Ájax*. — Teucro, amaldiçoado pelo pai, por não ter sabido vingar o irmão, viu-se expulso dos territórios paternos; refugiou-se na ilha de Chipre, onde fundou uma nova Salamina; tentou, em seguida, por morte de Telamão, entrar na sucessão do reino paterno, mas sem resultado. Retornando de Salamina, os ventos atiraram-no nas costas da Espanha, onde fundou Cartagena e onde morreu.

TEUCROS — Os Troianos.

TEUTRAS — Filho de Pandião e rei da Mísia. Teve cinqüenta filhas, que Hércules, numa só noite, deflorou a tôdas.

TÍADA — Tíada ou Tiades são as Bacantes. Em sentido estrito, são as sacerdotisas de Baco, encarregadas de despertar o deus adormecido: êsse despertar tinha lugar em novembro, de dois em dois anos. Elas subiam, então, com o deus, o monte Parnaso, e entregavam-se às danças báquicas, atingindo até o êxtase por meios de urros e uivos tremendos e rodopios frenéticos, mastigando hera e praticando o rito da omofagia, i. é, despedaçando as vítimas vivas e devorando a carne crua e palpitante.

TIBERINO — 1) Rei de Alba, que deu seu nome ao rio Tibre.

2) O rio Tibre, primitivamente chamado Álbula.

TIDEU — Filho de Eneu e de Altéia. Casou-se com Deífila, filha de Adrasto; dêsse consórcio nasceu o valente Diomedes. Seu casamento realizou-se exatamente na época em que ia acesa a rixa de Polinice; foi um dos chefes dos Argivos contra os Tebanos. Adrasto, antes de se pôr em campanha, enviou Tideu a Etéocles, a fim de ver se conseguia reconciliar os dois irmãos. Durante a sua estada em Tebas, Tideu tomou parte em diversos jogos e combates, que aí se praticavam com o fito de exercitar a mocidade; de todos saiu vencedor, e conquistou todos os prêmios. Os Tebanos, envergonhados da sua derrota e invejosos dos seus múltiplos talentos, enviaram uma tropa de cinqüenta homens que se postaram no caminho de Argos, num lugar por onde Tideu obrigatòriamente deveria passar. Ali ficaram escondidos; quando o herói, despreocupado, chegou ao lugar, cairam-lhe por cima os guerreiros que estavam emboscados. Tideu, assistido de alguns amigos que com êle viajavam, defendeu-se com tanto valor e coragem que abateu todos os Tebanos, com exceção de um, a quem poupou a vida para que fôsse a Tebas contar o sucedido. Morreu sob as muralhas de Tebas, depois de ter praticado atos do mais alto valor.

TIDIDA — Diomedes, filho de Tideu.

TIENE — Uma das Híades.

TIESTES — Neto de Tântalo e filho de Pélops e de Hipodâmia. Era irmão de Atreu. Banidos da Élida pelo pai, os dois irmãos refugiaram-se na Argólida, onde reinava, na cidade de Micenas, um dos seus sobrinhos, Euristeu, filho do rei Estênelo e da irmã dos dois, Nicipa. Euristeu, vencido e morto pelos Heraclidas, deixou o trono vago; Tiestes quis suceder-lhe, Atreu apôs-se violentamente, reclamando o trono para si; justificava suas pretensões pela posse de um certo cordeiro de ouro que, conforme todos sabiam, assegurava ao dono o trono de Micenas e a prosperidade da família reinante. Ora, êste cordeiro de ouro era um fatal presente de Mercúrio; o deus, para vingar a morte de Mírtilo, seu filho, assassinado por Pélops, dera-o a Atreu com o fito de suscitar entre ambos violentas discórdias. — V. Mírtilo. — Tiestes, então, corrompe sua cunhada, Érope, e, com sua ajuda, subtrai o cordeiro do poder do irmão; apresenta-se ao povo, declara que possui o animal maravilhoso, mostra-o, e conclui que só êle tem o direito de ocupar o trono. O Sol já atingia quase o limite do ocidente, quando, para manifestar a grossa impostura de Tiestes, sùbitamente, retrocede no seu curso. Estava a fraude descoberta. Tiestes foge, sem poder levar, porém, os filhos que tivera com a cunhada. Atreu assume o trono. Tiestes só pensa em vingar-se. Refugiou-se na Élida, para onde Érope também se dirigiu. E aí nascem outros filhos e uma filha, Pelópia. Tiestes, sempre preocupado com

a idéia de vingança, consulta o oráculo, e dêle fica sabendo que, se casar com a própria filha, dessa união nascerá um filho que o vingará. Tiestes não hesita; une-se a Pelópia e esta dá à luz um filho. Confiou o recém-nascido aos cuidados dos cabreiros do país, e deu-lhes uma espada que deveria ser entregue ao menino quando atingisse a idade viril; sobretudo, jamais deveriam revelar-lhe sua identidade. Atreu, por seu turno, meditava vingar-se da tentativa da usurpação do trono, do rapto do seu cordeiro de ouro e da sua espôsa. Fingindo querer reconciliação com o caro irmão, assegurando que o passado fôra inteiramente esquecido, Atreu consegue atrair Tiestes a Micenas. Um banquete suntuoso selará a amizade entre os dois irmãos. O palácio real em festa, o povo em festa, alegria por tôda a parte. A sala do banquete, repleta de convivas, aguarda o momento em que os dois irmãos entrarão, juntos, a fim de dar início ao ágape. E o banquete é servido. À cabeceira da mesa, Atreu serve porções de carne aos seus convivas, em primeiro lugar ao querido irmão Tiestes. E estas carnes, nada mais eram que os filhos que Tiestes tivera com Érope. Ao final do banquete, Tiestes pede ao irmão que faça vir à sua presença os filhos que tivera com a cunhada, a fim de abraçá-los; entretanto, leva aos lábios a taça que acabaram de encher. E recua, apavorado: a taça está cheia de sangue. Atreu, então, num prato argênteo, apresenta ao irmão as cabeças dos filhos, cujos corpos foram devorados durante o banquete. Tiestes, espojando-se pelo chão, vomita o alimento execrável que sem saber ingerira; suplica a maldição dos deuses para a raça dos Atridas, e foge. O sol, pela segunda vez, desviara seu curso, a fim de não ver tão horrendo espetáculo. Passaram-se os anos. Egisto atingira a idade viril. Os cabreiros, seus amigos, haviam-lhe dado uma rica e bela espada. Apresentou-se na côrte de Micenas, onde o rei criava com carinho e dedicação seus dois sobrinhos, filhos adotivos, que Plístenes, seu irmão, tivera, Agamenão e Menelau. Atreu, sempre temendo a vingança de Tiestes, pediu aos dois sobrinhos que o fôssem procurar, a fim de metê-lo em prisão. E Atreu logo começou a demonstrar singular simpatia pelo jovem Egisto. Ao cabo de algum tempo voltaram os dois irmãos, Agamenão e Menelau, trazendo o tio, que, afinal, haviam encontrado. Tiestes é imediatamente encarcerado num pequeno cubículo sob a terra. Quando Atreu julgou que já tinha sido bastante torturado pela fome, pela sêde e pelo terror, mandou a Egisto que o matasse. O jovem penetra no subterrâneo, tira sua espada e ia cravá-la no peito do desditoso velho que ali jazia, quando Tiestes, vendo a sua espada, lança-se nos braços do jovem revelando-lhe sua identidade, o mistério do seu nascimento. E os dois, ali, no silêncio daquela masmorra subterrânea, tramam cuidadosamente o plano de vingança contra o desumano Atreu. Enquanto os dois acertavam pormenores relativos à vingança, abre-se a porta da prisão. Era Pelópia, que, burlando a vigilância dos guardas, viera visitar aquêle que era seu pai e seu marido. Pela espada que o jovem empunhava, conheceu Pelópia que se achava diante do seu filho Egisto. Cheia de vergonha por se encontrar na presença do filho fruto do incesto, mergulha o ferro no seio. Egisto arranca a espada ensangüentada e precipita-se pelo palácio a procura de Atreu. Percorre todo o palácio, e não o encontra. O rei estava às margens do mar; fazia um sacrifício de agradecimento aos deuses pela morte do irmão. Egisto aproxima-se dêle e o mata ao pé do altar. Enfim Tiestes ocupa o trono há tanto desejado. Mas a sua felicidade é de pouca duração. Agamenão e Menelau, que haviam fugido para Lacônia logo depois do assassínio de Atreu, voltaram à testa de um exército que lhes fornecera Tíndaro, rei de Esparta, cuja filha, Helena, Menelau acabara de esposar. Tiestes é derrotado e obrigado a fugir para lugar ignorado. Egisto, pùblicamente, faz as pazes com Agamenão, agora proclamado rei de Micenas. Num futuro não muito longínquo, Egisto haveria de vingar-se de Agamenão. — V. AGAMENÃO. V. ATREU. V. EGISTO.

TIFÃO — Gigante famoso que Juno deu à luz sòzinha, isto é, sem auxílio do elemento masculino. Conta-se que ela o concebeu, batendo na terra com a mão. É confundido, sem razão, com o Gigante Tifeu. — V. EQUIDNA.

TIFATA — Montanha e cidade da Campânia, onde havia famoso templo de Diana.

TIFEU — Um dos Gigantes que quis destronar Júpiter. Tinha cem cabeças. Tifeu

foi criado num antro da Cilícia. Sòmente Tifeu escapou quando foi da guerra dos Gigantes, tendo todos os seus irmãos sido exterminados. Sòzinho, recomeçou a luta contra Júpiter. Finalmente foi vencido e esmagado sob os rochedos da ilha Inárime. Antes da sua derrota final, perseguiu Vênus, por quem se apaixonara, com o mesmo encarniçamento com que quis derrubar Júpiter. A deusa, apavorada, fugira para as bordas do Eufrates, e Tifeu já lhe ia pôr as mãos, quando dois peixes a transportaram com seu filho para a outra margem. Êstes dois peixes, depois, foram colocados no Zodíaco. Consta que Tifeu, segundo Hesíodo, era filho do Tártaro e da Terra. Segundo outra versão, seu corpo monstruoso terminava em enorme víbora. Alguns poetas, sem razão, dizem que Tifeu foi esmagado pelo Etna, e outros, ainda, que Hércules o abateu.

TIFIS — Filho de Netuno ou de Forbas. Foi o pilôto do Argo, o navio dos Argonautas. Morreu na côrte de Lico. Pela sua morte, Ergino assumiu a direção do navio.

TIFON — V. TIFÃO.

TIMANTES — Pintor famoso da antigüidade. Num quadro célebre que pintou, "O sacrifício de Ifigênia", onde exgotou todos os recursos da sua arte, deu às personagens todos os traços da mais viva dor; não encontrando, porém, expressão bastante forte para demonstrar o desespêro e a angústia de Agamenão, cobriu-lhe o rosto com um véu.

TIMBRA — Timbra, Timbreu ou Timbre, cidade da Tróade, que possuía um templo de Apolo, dentro do qual Páris matou Aquiles. — V. AQUILES.

TIMBREU — Irmão gêmeo de Láris ou Lárido, filhos de Dauco; foram mortos por Palante.

TIMBRIS — 1) Rio da Bitínia.

2) Nome de um guerreiro.

TIMETES — Um dos filhos de Príamo. Conforme outros, era filho de Laomedonte, irmão, por conseguinte, de Príamo. Para vingar-se dêste, que matara sua mulher, persuadiu aos Troianos a receber nos seus muros o cavalo de madeira.

TINDÁRIDA — Filho de Tíndaro ou, melhor, filha de Tíndaro, Helena ou Clitemnestra.

TINDÁRIDAS — Filhos de Tíndaro, Castor e Pólux.

TINDARIS — Cidade no litoral norte da Sicília.

TINDARO — Rei de Esparta. Era filho de Ébalo e de Gorgófona. Casou-se com a formosa Leda, filha de Téstio, rei da Etólia. Durante um sacrifício, oferecido a tôdas as divindades do Olimpo, esqueceu-se da porção de Vênus. A vingativa deusa resolveu punir na mulher o crime do marido. E, mais tarde, na filha Helena, completou sua vingança. Com efeito, Leda entregou-se a Júpiter que lhe apareceu sob a forma de um cisne. — V. LEDA. — Eram seus filhos, Helena, Clitemnestra, Castor e Pólux. Mais tarde, Helena, mulher de Menelau, traiu seu marido com o jovem Páris: a vingança de Vênus estava concluída. Tíndaro, quando seu pai morreu, deveria assumir o trono de Esparta. Mas seu irmão Hipocoonte usurpou-lhe os direitos. Retirou-se para a Messênia e só foi restabelecido no poder graças a Hércules.

TIONE — 1) Mãe de Sêmele, segundo alguns.

2) Espôsa de Niso e mãe do quinto Baco.

3) Nome de Sêmele, após sua apoteose.

TIQUE — Do grego *Tychee*, a "Fortuna". — V. FORTUNA.

TIRÉSIAS — Um dos mais famosos adivinhos da antigüidade. Era natural de Tebas. Quando jovem, encontrou duas serpentes enlaçadas, serpenteando juntas sôbre a grama; o jovem separou-as com seu bastão, e logo tornou-se mulher; algum tempo depois, encontrou, novamente, duas serpentes unidas que serpentejavam juntas; afastou-as com o bordão e tornou-se homem de nôvo. Como êle tivesse conhecido os dois sexos, escolheram-no para julgar uma demanda que surgira entre Juno e Júpiter, a respeito das vantagens que deveriam ser atribuídas aos homens e às mulheres. Tirésias decidiu a favor dos homens; Juno, que era de parecer contrário, puniu-o tirando-lhe a visão. Júpiter, para indenizá-lo do prejuízo da perda dos olhos, deu-lhe o dom da profecia, e uma vida sete vêzes mais longa que a dos homens comuns. Conforme outra versão, Tirésias ficou cego por ter ousado espiar Minerva quando esta se banhava na fonte de Hipocrene. Durante a guerra de Tróia, os generais o consultavam freqüentemente e acatavam tôdas as suas decisões. As suas profecias, sempre se realizavam in-

tegralmente. Morreu após haver bebido água muito gelada de uma fonte. Mesmo nos Infernos conservava, por um favor especial de Prosérpina, a faculdade divinatória. Ulisses o foi consultar nas regiões das sombras, e o velho adivinho instruiu-o a respeito de tudo que o herói desejava saber. Os Tebanos o honraram como a um deus; havia em Orcômenos um seu oráculo que foi por muito tempo o mais célebre da Grécia.

TIRÍNTIO — Hércules, que foi educado na cidade de Tirinto, na Argólida.

TIRINTO — Cidade da Argólida, célebre pelas suas muralhas ciclópicas.

TIRO — Filha de Salmoneu. Apaixonou-se pelo rio Enipeu e freqüentemente passeava pelas suas margens, a fim de conseguir conquistar o arredio deus. Encontrou-a aí, um dia, Netuno, e violentou-a. Deu à luz Tiro dois filhos, Pélias e Neleu. Depois dessa aventura, Tiro casou-se com Creteu, do qual teve Éson, Feres e Amitáon. A sedução de Tiro é assim narrada por Homero: "A primeira que vi foi Tiro, filha de nobre pai, a qual disse que procedia do irrepreensível Salmoneu e que fôra espôsa de Creteu, filho de Éolo. Ela amara, um dia, o divino Enipeu, que é o mais formoso de quantos rios correm sôbre a terra, e costumava passear nas proximidades da sua corrente cristalina. O deus que sacode a terra e a circunda (Netuno), revestindo a forma do rio, deitou-se junto dela, na desembocadura do vorticoso rio. E vindo a onda, como montanha purpúrea, cingiu-os cobrindo a ambos, ocultando o deus e a mulher mortal. Em seguida, acabado o ato amoroso, Poséidon (Netuno) tomou a mão de Tiro e disse-lhe: "Mulher, alegra-te do meu amor. Passado um ano, darás à luz filhos ilustres, porque não são infecundos os leitos dos imortais. Cuida-os e cria-os. E agora vai para casa e guarda-te de dizer meu nome: sou Poséidon (Netuno), o que sacode as terras." Tendo dito isto, mergulhou no mar ondulante. E Tiro deu à luz, no tempo devido, dois filhos, Pélias e Neleu, ambos robustos servidores do grande Zeus..."

TIRRÊNIA — A Etrúria.

TIRRENO — 1) Herói epônimo da Tirrênia ou Etrúria. Filho de Átis.

2) Intendente dos pastôres do rei Latino; protegeu a fuga de Lavínia para os bosques, após a morte de Enéias; construiu-lhe uma cabana conhecida de poucas pessoas; guardou segrêdo inviolável e apresentou Lavínia ao povo quando êste, desconfiado, exigiu de Ascânio a sua presença. — V. SÍLVIO. — Tem, também, o nome de *Tirreu*.

3) Nome do mar que banha as costas da Itália, a Córsega, a Sardenha e a Sicília. Mar Tirrênio.

TIRRO — Guarda dos rebanhos do rei Latino. Um cervo que Tirro tinha aprisionado, foi morto por Ascânio e tornou-se a primeira causa da guerra entre os Troianos e os Latinos.

TÍRSIS — Nome de um pastor.

TIRSO — Lança, haste ou dardo, cercado de pâmpanos ou fôlhas de hera e que lhe escondiam a ponta; Baco conduzia o tirso entre aclamações. Quando foi da conquista da índia, o deus serviu-se de tirsos; usavam-se tirsos nas celebrações dos mistérios e nas festas do deus.

TISÂMENO — 1) Filho de Orestes e de Hermíone; tornou-se rei de Argos e de Esparta; os Heraclidas, que haviam entrado, sob o seu reino, no Peloponeso, o obrigaram a fugir. Retirou-se com sua família para a Acaia, onde reinou.

2) Filho de Tersandro. Assumiu o trono de Tebas após a morte do pai.

3) Célebre adivinho de Esparta.

TISANDRA — 1) Filha de Jasão e de Medéia; foi morta pela mãe.

2) Um dos Gregos que entraram no cavalo de madeira.

TISBE — Jovem amante de Píramo. — V. PÍRAMO.

TISÍFONE — Uma das três Fúrias, aquela que guarda a entrada do Tártaro. Vestida com roupas sangrentas, vela noite e dia no vestíbulo da tôrre de ferro que se ergue atrás da porta gigantesca.

TÍSIS — Filho de Álcis, da Messênia, era um famoso adivinho. Escolhido pelos Messênios, para ir consultar o oráculo de Delfos, foi atacado pelos Lacedemônios, quando voltava. Iam os assaltantes matá-lo, sem dó nem piedade, no momento exato em que ouviram uma voz dizendo: "Deixai passar o mensageiro do oráculo." Tísis, com o favor dessa intervenção sobrenatural, conseguiu levar aos Messênios a resposta do oráculo. Dias depois, contudo, morreu em conseqüência das feridas recebidas.

TITÃ — 1) Filho de Celo e irmão mais velho de Saturno. Cedeu seus direitos a êste, com a condição de que não gerasse filhos homens; se os gerasse, deveria devorá-los. Sabedor de que três filhos de Saturno haviam sido conservados com vida e criados secretamente, pôs-se à testa dos Titãs, seus filhos, e declarou guerra ao irmão. Venceu-o e agrilhoou-o em estreita prisão. Júpiter, já nessa época adulto, libertou seu pai e precipitou o Titã no Tártaro.

2) O Sol, considerado como filho de Hiperíon, um dos Titãs, ou tomado como o próprio Hiperíon.

TITÂNIA — Filha ou irmã de um Titã, i. é, Circe, Pirra, Latona, Diana.

TITÂNIDA — Circe, filha do Sol.

TITÃS (OS) — Nome comum aos filhos de Celo e da Terra ou Titéia. Dá-se igualmente, êste nome aos Gigantes filhos de Titã.

TITÉIA — Espôsa do Céu, ou Celo. O mesmo que *Tellus*, a Terra.

TÍTIAS — Herói da ilha de Creta. Passava por filho de Júpiter. Depois da sua morte recebeu honras divinas.

TÍTIO — Gigante filho da Terra, ou de Júpiter e de Elara. Ousou insultar Latona, fazendo-lhe propostas indecorosas, quando esta atravessava as campinas de Pânope, na Fócida. O monstruoso Gigante, cujo talhe cobria nove geiras, foi morto a flechadas por Apolo e Diana, filhos de Latona. Precipitaram-no no Tártaro onde foi fazer companhia aos grandes criminosos. Deitado em terra, às margens do Aqueronte, sòlidamente prêso por cadeias de aço, oferece seu fígado e suas entranhas à voracidade de um abutre, que, com bico adunco, nêles escava em busca de alimento. Eternamente o abutre procura saciar sua voracidade no fígado de Títio e eternamente êste renasce.

TITIROS — Gênios da comitiva de Baco. São representados sob a forma humana, tendo uma parte do corpo coberta de peles de animais. Dançam e tocam flauta, fazendo roda, nas clareiras das florestas e nos montes e nas planícies.

TITÔNIA — A Aurora, espôsa de Titono.

TITONO — Filho de Laomedonte e irmão de Príamo. Era tão belo que a Aurora por êle se apaixonou e arrebatou-o no seu carro. Obteve de Júpiter a imortalidade, a pedido da sua amante. Mas esta esqueceu-se de pedir, ao mesmo tempo, a eterna juventude, de sorte que a Natureza continuou a sua obra, e depois de alguns anos Titono já estava velho de cair aos pedaços; mais alguns anos e ficou tão caduco que foi preciso enfaixá-lo como aos meninos recém-nascidos. Passaram-se os anos e o desgraçado Titono secou de tal maneira, pois já não se alimentava, que mais parecia uma sombra. Não podendo mais suportar o fardo da vida, e, contudo, não lhe sendo permitido morrer, suplicou o auxílio da Aurora, que o havia amado quando jovem e belo. Aurora deixou-se comover e transformou-o em cigarra. Logo que a Aurora aparece, no alto céu, a cigarra solta o seu primeiro estrídulo.

TLEPÓLEMO — Filho de Hércules e de Astioquéia. Matou involuntàriamente Licímnio, irmão de Alcmena. Viu-se, por causa disto, obrigado a fugir. Refugiou-se na ilha de Rodes, cujos habitantes o elegeram rei. Conduziu as tropas ródias para a guerra de Tróia, em nove navios. Matou-o Sarpedão. Seu corpo, conduzido para a ilha de Rodes, recebeu um monumento heróico e instituíram festas em sua honra.

TMARO — 1) Montanha do Epiro, na Grécia.

2) Guerreiro rútulo.

TMOLO — 1) Gigante. Em companhia de outro Gigante, chamado Telégono, massacrava os que passavam pelo lugar que habitavam. Proteu, transformando-se em espectro, asustou-os de tal sorte, que não ousaram mais atacar ninguém.

2) Rei da Lídia, filho de Marte e da Ninfa Teógona. Certa feita, surpreendeu Arrife, Ninfa da comitiva de Diana; vendo-a sòzinha e num lugar deserto, violou-a; a Ninfa, a seguir, transpassou o seio com um punhal, pedindo aos deuses que a vingassem. Pouco tempo depois, Tmolo viu-se perseguido por um touro furioso; caiu sôbre estacas pontiagudas que o fizeram perecer no meio de dores atrozes. Sepultaram-no sob uma montanha que tem o seu nome.

3) Montanha da Lídia, célebre pelo culto de Baco que aí se realizava.

TOANTE — 1) Pai de Adônis, segundo alguns.

2) Filho de Ornítion e neto de Sísifo.

3) Filho de Icaro.

4) Rei de Lemnos, espôso de Calícopis e pai de Hipsípile.

5) Filho de Jasão e de Hipsípile.

6) Rei da Táurida. Introduziu no seu país o costume bárbaro de sacrificar todos os estrangeiros no altar de Diana. Ifigênia, filha de Agamenão, em lugar de ser imolada em Áulida, foi transportada por Diana para a Táurida, e aí tornou-se sacerdotisa da deusa. — V. AGAMENÃO. V. IFIGÊNIA. — Consta que Toante foi morto por Ifigênia e por seu irmão Orestes.

7) Filho de Andrémon. Conduziu os Etólios à guerra de Tróia; foi um dos que entraram no cavalo de madeira.

TOAS — V. TOANTE.

TONEL DAS DANAIDES — Dá-se êsse nome ao castigo que sofrem as Danaides, filhas de Dânao, nos Infernos, por terem matado os maridos na noite de núpcias. São elas obrigadas a encher um tonel sem fundo, por tôda a eternidade. — V. DÂNAO. V. DANAIDES.

TOON — 1) Um dos Gigantes que fizeram guerra a Júpiter. As Parcas o mataram com uma maça de ferro.

2) Filho de Fénops e irmão de Xanto; foi morto por Diomedes.

3) Troiano morto por Ulisses.

TOOSSA — Ninfa filha de Foco. Foi amante de Netuno que a fêz mãe do Ciclope Polifemo.

TÓRNAX — 1) Sobrenome de Apolo..

2) Mulher de Jápeto e mãe de Búfago; deu seu nome a uma montanha da Argólida.

TOSÃO DE OURO — Tosão de Ouro, ou Velo de Ouro, ou Velocino de Ouro, são denominações usuais do famoso carneiro com velo ou lã de ouro, presente de Mercúrio a Néfele, mulher de Atamante, rei de Tebas. Além do velo de ouro, possuía êste carneiro a faculdade de falar, razão, e o dom de percorrer o espaço e andar por onde quisesse. Êste carneiro maravilhoso era filho de Netuno e de Teófana, filha de Bisalto. — V. NÉFELE. V. TEÓFANA. — Os filhos de Néfele, Frixo e Hele, perseguidos pela madrasta, Ino, fugiram no dorso do animal para a Cólquida. Hele, ao passar o mar, caiu, e aquêle local tomou o nome de Helesponto, "Mar de Hele". Chegado a Cólquida, Frixo sacrificou o animal a Júpiter e ofereceu o velo a Eetes, rei do país. Júpiter fêz dêste tosão um penhor de poder e prosperidade. Foi em busca dêste famoso velo de ouro que os Argonautas empreenderam a famosa expedição. Conforme outra versão, o carneiro de ouro foi imolado a Marte. Eetes o suspendeu duma gigantesca faia, num bosque consagrado a Marte, e confiou sua guarda a um feroz dragão, que o vigiava noite e dia. Marte queria que o possuidor do Velo de Ouro vivesse na abundância, mas queria, igualmente, que a todos fôsse dado o direito de conquistá-lo. — V. JASÃO. V. MEDÉIA. V. EETES.

TOURO DE CRETA — Dá-se êsse nome ao touro branco, de maravilhosa beleza, que Netuno fêz sair das ondas do mar. É o pai do famoso Minotauro. — V. PASÍFAE. — Enlouquecido, o animal espalhava o terror na ilha de Creta. Hércules dominou-o e levou-o para Euristeu, que o deixou escapar; Teseu, mais tarde, matou-o em Maratona. — V. TESEU. V. TRABALHOS DE HÉRCULES.

TOXEU — Filho de Téstio.

TRABALHOS (OS DOZE) — Os doze trabalhos de Hércules são a designação comum que se dá às façanhas perigosas levadas a cabo por Hércules, por ordem de Euristeu, rei de Argos e de Micenas, que procurava se desembaraçar de tão perigosa personagem. Débil de corpo e de carácter, esperava Euristeu que o herói perecesse em uma delas. Ei-las na ordem tradicional:

1) *O leão de Neméia.* — Naquela época, as florestas da Argólida eram devastadas por um feroz leão, cuja pele era invulnerável. Caçadores e guerreiros, inùtilmente o haviam atacado. As lanças partiam-se e as flechas caíam ao chão sem ferir o medonho animal. Euristeu mandou que Hércules fôsse matar o monstro, para pôr um paradeiro às devastações que fazia. Penetrou Hércules no bosque onde ressoavam soturnamente os rugidos terríveis da fera. Avistou o leão, que, percebendo-o, já estava de fauces escancaradas, à entrada do seu escuro covil. Hércules disparou contra êle as três flechas da sua aljava, que caíram, inúteis, no solo. Irritado, o herói avançou brandindo a sua temível clava, e atirou-se violentamente contra o monstro. Aplicou-lhe tão tremenda pancada na cabeça que o feroz animal caiu no chão, desacordado. Aproveitando-se disso, agarrou-o e estrangulou-o. Em seguida esfolou-o. Desde então a pele do leão de Neméia se tornou uma das peças da sua vestimenta.

2) *A Hidra de Lerna.* — Uma serpente espantosa, filha do Gigante Tifão, assolava

a região pantanosa de Lerna, na Argólida. Tinha nove cabeças — outros dizem que sete — e seu corpo era de uma grossura desmesurada. Hércules recebeu ordem de purgar a região. Armado de suas flechas, com a maça e uma foice de ouro, dirigiu-se com seu sobrinho Iolaus, para o brejo infecto com o hálito pestilencial do monstro. Inicialmente, desalojou a serpente do seu covil por meio de flechas flamejantes; a seguir, tentou cortar as cabeças do monstro com a foice; mas, a cabeça, uma vez decepada, dava nascimento a três, igualmente furiosas e sibilantes. Então, com a ajuda de Iolaus, mudou de tática. O jovem acendeu um enorme tição, ou uma tocha, e pôs-se ao lado do herói; logo que êste cortava uma cabeça, imediatamente punha-lhe em cima o tição, queimando, destarte, a ferida. Conseguiu cortar tôdas, com exceção da do meio, a mais importante; enquanto aquela cabeça estivesse inteira e intacta, o monstro continuaria imortal. Hércules, então, segurou a serpente pelo pescoço, com uma mão, e com a outra, ergueu um ingente rochedo e com êle esmagou a cabeça asquerosa. A Hidra estava morta. Hércules embebeu suas flechas no sangue venenoso do animal para comunicar-lhes a virtude de produzir feridas incuráveis. Foi no curso dessa tremenda luta que Juno, vendo o herói a ponto de sair vencedor, mandou-lhe um Câncer (caranguejo) que o picou no calcanhar; Hércules, com um pontapé esmigalhou o horrendo e imenso animal; a deusa, então, colocou-o entre os astros, e êle forma, hoje, a constelação do *Câncer*.

3) *A cerva Cerinita, ou a cerva com pés de bronze.* — Sôbre as alturas do Mênalo, na Arcádia, vivia uma cerva que tinha pés de bronze e chifres de ouro, respeitada por todos, porque a sabiam consagrada a Diana. Os seus pés de bronze a tornavam incansável na carreira, de sorte que ninguém jamais tinha conseguido apresá-la. Vivia num dos templos de Diana, onde encontrava refúgio se alguém, por ventura, quisesse fazer-lhe mal. Euristeu queria esta cerva a todo o custo, e ordenou a Hércules que a fôsse buscar viva. O herói saiu, pois, no encalço do lindo animal; ter-lhe-ia sido fácil feri-la com uma flecha, em plena carreira, mas o herói não queria que o animal sofresse, e temia irritar a deusa Diana. A perseguição durou, aproximadamente, um ano, no transcurso do qual, sempre tendo Hércules na sua esteira, a cerva chegou ao país dos hiperbóreos, nas geladas regiões árticas. Afinal, quando Cerinita procurou transpor o rio Ládon, para refugiar-se no santuário que lhe servia de habitação, o herói capturou-a numa rêde e levou-a ao rei de Micenas. Outros pretendem que para conseguir alcançá-la, Hércules viu-se obrigado a feri-la ligeiramente numa pata, com uma flecha não venenosa; ofereceu, depois, sacrifícios expiatórios à deusa Diana, a fim de apaziguá-la.

4) *O javali de Erimanto.* — Esta terrível fera era assim chamada, porque todos os dias descia do monte Erimanto, para assolar a região circunvizinha. Euristeu ordenou a Hércules que lhe trouxesse o animal, mas vivo. Nesta quarta proeza, o herói se viu, primeiramente, metido em outra, pois, enquanto procurava o javali, entrou em guerra com os Centauros, de que resultou, afinal, a morte do bom Quirão. — V. FOLO. V. QUIRÃO. — Hércules forçou o javali a sair do bosque, onde se tinha acolhido e perseguiu-o soltando terríveis gritos, obrigando-o a correr pelos campos nevados, até fazê-lo fatigar-se completamente. Agarrou-o, então, com suas possantes mãos e levou-o nos ombros até Micenas, tal como tinha feito com a cerva Cerinita.

5) *Os estábulos do rei Augias.* — Augias era um poderoso rei da Élida. Possuía um imenso e incontável rebanho de bois, cada qual mais bonito. Mas seus estábulos não recebiam limpeza desde muitos anos. É fácil imaginar as imundicies que ali se haviam acumulado e os odores nauseantes que desprendiam. Os habitantes do lugar tinham já abandonado a região, com mêdo de que o mau cheiro causasse alguma peste. Assim, os campos vizinhos tinham-se tornado ermos. Euristeu, que sabia da situação, e persuadido da impossibilidade de limpá-los convenientemente, mandou que Hércules executasse a tarefa. O rei Augias prometeu ao herói trezentos bois em paga de tão importante serviço. Hércules inspecionou os estábulos, viu as camadas imensas de imundícies acumuladas no decorrer de longos anos e imediatamente avaliou a dificuldade da tarefa. Encaminhou-se para o rio Alfeu, que corria pelas cercanias, e o Peneu, os mais importantes rios da

Élida, desviou-lhe as águas e fê-las passar pelos estábulos. A impetuosa correnteza dos rios, em pouco tempo, arrastou para o mar aquelas montanhas de estêrco, deixando os estábulos limpos e lavados. Depois, reconduziu as águas para os antigos leitos e foi entender-se com Augias, para que êste lhe desse os trezentos bois prometidos. O rei, velhaco e falso, recusou-se a cumprir sua promessa. Hércules, com um sôco, matou o tratante. Deu o trono ao filho de Augias e voltou a fim de prestar contas da missão cumprida ao rei Euristeu. Conforme outra versão, Hércules levou para Tirinto, 3.000 bois dos armentos de Augias.

6) *Os pássaros do Estinfalo.* — Na Arcádia havia um rio chamado Estinfalo; perto havia um lago, e logo além uma cidade, também chamada Estinfalo. Nas margens do lago, cobertas de densa vegetação pantanosa, e nos bosques vizinhos, acolhia-se uma raça de pássaros que tinha bico e garras de aço e penas que podiam atirar como flechas de bronze. Êstes estranhos sêres alimentavam-se de animais e de carne humana. Sua quantidade era tamanha que, quando erguiam o vôo, em bandos, obscureciam o sol. Hércules recebeu de Euristeu ordem de livrar a região de tão incômodos vizinhos. Hércules partiu. No caminho, Minerva apareceu-lhe e deu-lhe a idéia de fabricar dois grandes címbalos de bronze. Hércules assim fêz. Chegado ao local, trepou num monte que ficava a cavaleiro do lago e começou a bater com tôda fúria os címbalos de bronze, um no outro, produzindo um barulho infernal. As terríveis aves, assustadas, levantaram vôo abandonando seus refúgios entre as ervas e as árvores do bosque. Hércules, com as suas flechas infalíveis, matou uma a uma.

7) *O touro de Creta.* — Minos, filho de Astério, rei de Creta, vendo um dia contestada a sucessão do trono de seu pai, a qual se julgava com direito, suplicou a Netuno que fizesse um milagre a seu favor, a fim de que todos compreendessem que o trono realmente lhe era dvido. Pediu ao deus que fizesse sair das águas do mar um touro, na presença de todos; depois, sacrificaria o animal ao deus do mar. Netuno atendeu ao pedido do rei. Das ondas surgiu um touro branco de deslumbrante formosura. Seduzido pelo encanto do animal, Minos ofereceu em sacrifício ao deus um outro touro, guardando para si o belíssimo animal. Minos foi tràgicamente castigado pelo seu ato. Pasífae, sua espôsa, por vingança de Vênus, apaixonou-se pelo animal, teve relações com êle, e pôs no mundo o medonho monstro conhecido pelo nome de Minotauro. — V. PASÍFAE. V. MINOTAURO. — Netuno, depois, enlouqueceu o animal. Creta inteira, com pavor, viu-se constrangida a fechar-se nas casas; e mesmo aí não tinham segurança, pois o touro, furioso, investia contra as residências, conseguindo às vêzes, derrubá-las. Minos não sabia como apaziguá-lo ou prendê-lo. E a calamidade se tornava cada dia mais grave. Foi então que Hércules viu-se encarregado por Euristeu de pôr cabo a tão difícil situação. O herói atravessou o mar, desembarcou em Creta, deserta, pois não se via uma pessoa fora de casa, e dirigiu-se ao encontro do enfurecido animal. Prendeu-o pelos cornos, derrubou-o, ligou-o sòlidamente com cadeias, e voltou com êle aos ombros para o navio que o havia trazido. Chegado na Argólida, depositou-o aos pés de Euristeu. Êste cometeu a imprudência de deixar a fera escapar-se. Teseu, mais tarde, deveria capturá-lo nas planícies de Maratona. — V. TESEU.

8) *As éguas de Diomedes.* — Havia, na Trácia, um certo Diomedes — que não tem nada em comum com o famoso Diomedes da guerra de Tróia — que possuía umas éguas ferozes e indomáveis, que cuspiam chamas pelas ventas e que se alimentavam com carne humana. Diziam que Diomedes era filho de Marte, e parecia mais terrível ainda que o pai. Todos os estrangeiros que chegavam ao seu país, dava-os o rei como pasto às ferozes éguas. Hércules atravessou tôda a Grécia, penetrou à viva fôrça no palácio de Diomedes, enxotou os guardas dos estábulos, soltou as éguas, matou o rei e deu-o aos animais. A seguir, levou-as para Micenas. Lá, por um descuido deplorável, deixaram as éguas fugir; elas dirigiram-se para o norte da Tessália, subiram o monte Olimpo e foram devoradas pelos animais ferozes.

9) *O cinto de Hipólita.* — O povo das Amazonas, situado sôbre as bordas do Ponto Euxino, até a Capadócia, tinha por rainha a formosa Hipólita, filha do deus Marte. Como insígnia da sua dignidade, havia esta rainha recebido de seu pai um

cinto e um véu de preço inestimável. A filha do rei Euristeu desejava ardentemente possuir êste cinto. Hércules foi enviado com a incumbência de trazer o cinto e o véu. A emprêsa não era fácil. As Amazonas, raça belicosa, não eram desprezíveis guerreiras. — V. AMAZONAS. — Mas quando Hércules chegou ao local em que elas habitavam, Hipólita veio ao seu encontro com grandes mostras de amizade. Sabendo do objetivo da viagem de Hércules, prontificou-se a ceder ambos os objetos. Juno, porém, vendo que o herói, sem trabalho, ia conseguir o que desejava, transformou-se em Amazona, e, insinuando-se no meio da tropa feminil, espalhou o boato de que Hércules ia raptar sua rainha. O bando todo, enfurecido, pega as armas e cerca o herói. Êste, acreditando numa cilada, defende-se ferozmente, extermina quase tôdas, prende Hipólita e retorna para a Grécia com o cinto e o véu.

10) *Os bois de Gerião.* — Sôbre as costas do Epiro, ou, segundo outros, na ilha Eritéia, vivia um temível Gigante, chamado Gerião, filho de Crisaor, que nascera do sangue da Medusa. Êste Gerião tinha três corpos, unidos pelo ventre, o que lhe dava ampla liberdade de usar seus doze membros ao mesmo tempo; isto, sem dúvida, tornava-o o mais perigoso e forte ser que vivia sôbre a face da terra. O Gigante possuía um rebanho de bois magníficos, de côr vermelha, os únicos dessa espécie que havia no mundo. Euristeu cobiçava êsses famosos bois. Mas êles tinham boa guarda: eram guardados por outro Gigante e por um cão medonho, de duas cabeças, irmão do famigerado Cérbero, chamado Euritião. Outros acreditam que além do cão havia um dragão de sete cabeças guardando os bois. Hércules foi mandado por Euristeu trazer os bois de Gerião. Chegado ao local, com um golpe de maça derruba o Gigante, esmigalha as cabeças do cão com outro, e, tranquilamente, se põe a tanger os bois com pêlo vermelho. No caminho, porém, depara-se-lhe o monstruoso Gerião. E começa logo uma luta terrível, um corpo a corpo tremendo, pois o herói não teve tempo de usar suas armas. Não foi fácil a Hércules estrangular aquêles três pescoços desmesuradamente grossos; conseguiu-o, contudo, e continuou a tocar os bois para a frente. Euristeu imolou-os em honra de Juno. Foi no decurso dessa viagem que Hércules matou o Gigante Caco. — V. CACO.

11) *Os pomos de ouro das Hespérides.* — Nos limites ocidentais da terra, nas vagas e imprecisas regiões do país de Atlas, havia um jardim maravilhoso que produzia maçãs de ouro. Três Ninfas, irmãs, de voz melodiosa, aí viviam. Um dragão de cem cabeças, chamado Ladão, vigiava-o dia e noite. Todos sabiam da existência dêsse jardim e dos seus maravilhosos frutos, mas ninguém tinha idéia do lugar onde êle se encontrava. Contudo, Euristeu mandou que Hércules fôsse buscar as maçãs de ouro. Ora, a primeira tarefa do herói era saber onde ficavam os jardins maravilhosos. Nereu, o deus marinho, indicou a Hércules o lugar onde cresciam as maçãs de ouro. E o herói para lá partiu. Dirigiu-se para o Ocidente; chegou a uma região chamada Mauritânia; aí reinava Atlas, Gigante fabuloso, cujo talhe imenso quase tocava os céus. Filho de Jápeto e irmão de Prometeu, Atlas, outrora, havia conduzido os Titãs na luta contra o Olimpo. Em punição dêsse crime, vira-se obrigado a carregar sôbre os ombros a abóboda do céu, noite e dia, sem descanso. Hércules encontrou-o nessa tarefa; admirou-se do encargo que os deuses haviam dado ao Gigante, e propôs-lhe um negócio: Atlas, dono dos jardins, iria buscar as maçãs, enquanto Hércules segurava nos ombros a imenso abóboda estelar. Atlas, senhor das terras e das águas, dono de imensos rebanhos, e dono, também, dos jardins, não teria dificuldades em colhêr os áureos pomos. Atlas consentiu. Passou a abóboda para os ombros de Hércules e foi buscar os frutos. Voltando com êles, postou-se diante de Hércules a refletir. E pareceu-lhe melhor deixar tudo como estava, pois, a falar verdade, Atlas já andava meio cansado de sustentar aquêle pêso noite e dia. Hércules não demonstrou cólera nem admiração; pediu, apenas, que o bom Atlas erguesse uma pontinha da abóbada, a fim de melhor colocá-la na nuca. O ingênuo Gigante não opôs objeções; Hércules, lestamente, furtou-se ao pêso e deixou a abóbada nos ombros do Gigante. Apanhou os frutos, despediu-se do velho Atlas e partiu muito satisfeito. Os frutos de ouro foram consagrados por Euristeu a Minerva; mais tarde a deusa tornou a dá-los às

Hespérides, que retomaram seu antigo ministério.

12) *Descida aos Infernos.* — A última tarefa que Euristeu exigiu de Hércules foi, sem dúvida, a mais difícil. Tratava-se de trazer ao rei o temível Cérbero, de três cabeças, com o pescoço eriçado de serpentes, cujos dentes venenosos eram capazes de romper até o ferro. Dócil às ordens do rei, Hércules viajou até o cabo Ténaro, ao sul da Lacônia, onde se abria um caminho para as regiões sombrias dos que carecem de luz. Resolutamente Hércules enfia-se pela estreita e negra abertura. Chega às bordas do Estige e pede a Caronte que o passe para a outra margem. O velho deus hesita. Onde está o ramo de ouro, que, para passar na sua barca, todo ser vivo lhe deve apresentar, em nome de Prosérpina? Mas os músculos poderosos do herói destroem qualquer veleidade de recusa. Caronte o transporta para a outra margem, o que lhe valeu um belo castigo, pois infringira as leis severas do Inferno. Hércules continua. Encontra Teseu, prêso, que ousara tentar raptar Prosérpina. Liberta-o. Outra versão diz que lá estavam os dois amigos, Teseu e Pirítoo; Teseu conseguiu libertar-se, mas Pirítoo, em virtude de um tremor de terra, foi engolido vivo num abismo. Cérbero, entretanto, via aproximar-se o audacioso herói. Com suas três formidáveis goelas late tão ferozmente que todo o Inferno treme. Hércules, sem temor, avança e procura pegá-lo pelas cabeças que se agitam horrendamente, com as serpentes sibilando sem cessar. O monstro, sùbitamente atemorizado pela atitude do herói, foge e vai esconder-se junto ao trono de Plutão. E é de lá que o herói o arranca, à fôrça, no meio do pasmo e estupor da côrte infernal, que ali fica, estarrecida, a contemplar tão inusitado espetáculo. Cérbero, prêso com sólidos laços, é arrastado para fora dos Infernos. Depois que Euristeu viu o monstro, leva-o de volta aos Infernos. Cheio de furor, o animal espalhou sua baba venenosa sôbre tôdas as plantas do caminho; desde então, a virtude deletéria dessas mesmas ervas serve às feiticeiras. — V. TESEU. V. PIRÍTOO. V. CARONTE.

TRABALHOS E OS DIAS (OS) — V. TEOGONIA.

TRACANTE — Outro nome da cidade do Lácio.

TRAQUINA — Cidade da Tessália, onde se ergueu a pira mortuária de Hércules.

TRASIMEDES — Um dos filhos de Nestor; tomou parte na guerra de Tróia.

TRÁSIO — Famoso Áugure. Estêve na côrte do rei Busire. Caiu, na época, terrível sêca sôbre o país inteiro. Consultado, Trásio declarou que o flagelo cessaria se Busire começasse a imolar aos deuses todos os estrangeiros que aportassem na Espanha. O rei acreditou na palavra do mago, e começou por êle a matança dos estrangeiros. — V. BUSIRE.

TRASO — Filho de Ânio, rei de Delos e sacerdote de Apolo. Foi devorado por seus próprios cães.

TRIDENTÍFERO — "Aquêle que carrega o tridente", i. é, Netuno.

TRIÊNIAS — Festas de Baco, celebradas em Tebas, de três em três anos.

TRIETÉRICAS — Festas que se realizavam em honra de Baco, de três em três anos, na Beócia e na Trácia.

TRIFAUCE — "Aquêle que tem três fauces", epíteto do cão Cérbero.

TRIFORMIS DEA — "A deusa que tem três formas", i. é, Hécate; presidia aos nascimentos com o nome de Lucina; presidia à saúde com o nome de Diana, e à morte com o nome de Hécate. Significa, também, as três identidades da divindade: Hécate nos Infernos, Lua no Céu e Diana na terra. Hécate é, às vêzes, confundida com Prosérpina.

TRINÁCRIA — Nome dado à Sicília, por causa dos seus três promontórios.

TRIOFTALMOS — "Aquêle que tem três olhos", sobrenome de Júpiter, por causa de uma estátua que lhe erigiram, onde aparece com um terceiro ôlho no meio da testa.

TRIONES — Palavra latina que significa "bois de charrua"; nós temos, em português, a forma "triões", singular, "trião", boi de carro ou arado. Deram à constelação da Grande Ursa o nome de "carro", por causa da sua forma; deu-se, então, o nome de *Triões*, em latim *Triones*, às sete estrêlas que a compõem. Daí a forma *Septemtriones*, "Setentrião", os *Sete Bois*. O nome *Triones* foi dado em seguida à própria constelação; Vergílio emprega a forma *Gemini Triones*, "Os bois gêmeos", para assinalar a Grande e a Pequena Ursa.

TRÍOPAS — 1) Rei de Argos, pai de Iaso, de Messeno e de Pelasgo.

2) Pai de Erisícton e de Ifimedia.

TRIOPEU — Filho de Tríopas, i. é, Iaso, Messeno ou Pelasgo.

TRIÓPIO — Sobrenome de Apolo tomado de Triópia, cidade da Cária, onde se celebravam solenes festas em honra do deus; havia jogos, muito famosos, e o vencedor ganhava um tripé.

TRÍOPO — Filho do Sol; deu seu nome a um promontório e a uma cidade da Cária.

TRIPTÓLEMO — Filho, segundo alguns, de Elêusis e de Híone; segundo opinião mais comum, de Céleo e de Metanira. Nasceu em Elêusis. Seu pai, tendo dado hospitalidade a Ceres, quando a deusa percorria o mundo em busca da sua filha Prosérpina, raptada por Plutão, esta, em recompensa, dedicou particular cuidado ao filho do rei, Triptólemo. Alimentou-o com seu próprio leite divino; punha-o, cada noite, sôbre carvões ardentes, a fim de purificá-lo do que tivesse de mortal. O menino crescia de uma maneira extraordinária; era forte, belo e risonho. A mãe, uma noite, teve curiosidade de ver o que a deusa fazia com seu filho. Percebendo

TRIPTÓLEMO COM ESPIGAS DE TRIGO

que Ceres se preparava para lançar a criancinha num grande braseiro, deu um grito estridente, o que impediu Ceres de continuar a sua operação. Não podendo torná-lo imortal, procurou, ao menos, testemunhar-lhe a sua afeição ensinando-lhe a arte de cultivar o trigo, então ainda desconhecido dos mortais. Deu ao jovem um carro tirado por dragões, com o qual percorria Triptólemo tôdas as regiões do país, ensinando a agricultura aos homens. A seguir, viajou pelas outras partes do mundo, sempre ensinando a cultivar a terra e dela tirar o sustento necessário à vida. Mais tarde, sob inspiração de Ceres, inventou a charrua, o que simplificou o trabalho dos camponeses. Quase perdeu a vida na Cítia, onde Lico conspirou contra seus dias. Voltando para a pátria, Triptólemo devolveu o carro a Ceres e instituiu em Elêusis festas e mistérios. Triptólemo é o grande herói dos Mistérios de Elêusis. Foi venerado como benfeitor da humanidade.

TRISAULO — "Triplo trabalho": Acadiano que acolheu Ceres. A deusa, em reconhecimento pela hospitalidade, ensinou-lhe a arte de cultivar a terra.

TRISMEGISTO — "Aquêle que é três vêzes grande". Sobrenome de Hermes, que corresponde ao Mercúrio latino. Trismegisto é, também, o nome do Hermes egípcio, conselheiro de Osíris, ao qual se atribui a invenção de uma infinidade de coisas úteis à vida.

TRITÃO — Filho de Netuno e da Nereida Anfitrite. Semideus que tinha o ofício de corneta do deus marinho: precedia, sempre, o cortejo de Netuno, tocando a sua trombeta. É um ser ciumento e ardoroso, às vêzes violento; quando os marinheiros ouvem o som retumbante da sua trombeta, quase morrem de mêdo; contudo, Tritão sabe dela tirar acordes tão doces e suaves que não há música terrena que se lhe possa comparar. Êle é o pai de tôda a linha imensa de divindades do mesmo nome, monstros meio homens e meio peixes, que compõem, com as Nereidas, o tumultuoso cortejo do deus do mar. Tritão é representado sob a figura de um monstro metade homem metade peixe, ora pairando sôbre a superfície das águas, ora em um carro em forma de concha, tirado por cavalos azuis, mas tendo sempre a sua trombeta na bôca. Conforme alguns, sua famosa trombeta é uma imensa concha afunilada.

TRÍTIA — Filha do rio Tritão e sacerdotisa de Minerva. Foi amada de Marte, que a tornou mãe de Melanipo.

TRITÔNIA — Sobrenome de Minerva, que, segundo a tradição, nasceu às margens do lago Tritão, na Líbia. Já em Homero,

ASBAC - SP BIBLIOTECA

Tritônia é empregado para designar Atena, i. é, Minerva. Deus-peixe, seja do rio Tritão, na Beócia, seja da fonte Tritão, em Creta, seja dum riacho e duma lagoa da Líbia, Tritão aparece, pela primeira vez, em Hesíodo. Êle é o pai e o paredro da *Tritogenéia*, identificada com Minerva-Atena.

TRITÔNIDA — Minerva. Considera-se, habitualmente, Minerva, i. é, Atena, e Palas como a mesma divindade. Os Gregos associavam os dois nomes, Palas-Atena. No entanto, conforme vários autores, as duas divindades são distintas e não devem ser confundidas. Palas, chamada "A Tritoniana de olhos verde-gaio", filha de Tritão, cuidara da educação de Minerva (Atena). Ambas gostavam dos exercícios bélicos e divertiam-se em jogar às armas. Um dia, num desafio, chegaram às vias de fato. Se Júpiter, com a égide, não a salvasse, Minerva teria sido ferida. Palas, espantada, recuou fugindo e olhando a égide. Minerva, então, feriu-a mortalmente. Pesarosa, depois, com o acontecido, Minerva decidiu fazer uma imagem de Palas com a égide sôbre o peito. É, diz-se, esta imagem ou estátua a que mais tarde se tornou o famoso Paládio de Tróia. — V. MINERVA. V. PALÁDIO.

TRÍVIA — Sobrenome de Diana, deusa das encruzilhadas. — V. HÉCATE.

TRÓADE — Região do nordeste da Ásia Menor, cuja capital era Tróia. — V. TRÓIA.

TROFÔNIO — 1) Epíteto de Júpiter e de Mercúrio.

2) Arquiteto, filho de Ergino.

3) O oráculo de Trofônio, um dos mais célebres da antigüidade, achava-se situado numa caverna da Beócia, perto de Lebadia. Trofônio, irmão de Agamede, que emprestou seu nome ao oráculo, era um celerado. Depois da sua morte, ficou inteiramente esquecido; nada havia digno de menção, que fizesse sua memória perdurar entre os vivos. Algum tempo após sua morte, a Beócia começou a sofrer os terríveis efeitos de uma sêca espantosa. Recorreram ao oráculo de Delfos. Apolo, que queria tornar manifesto os serviços que Trofônio lhe prestara, respondeu pela Pítia que deveriam recorrer a Trofônio; foram, pois, procurá-lo em Lebadia. Não sabendo onde encontrar o túmulo do bandido, recorreram novamente ao oráculo, e ficaram sabendo que Trofônio proferia oráculos num antro escuro perto da cidade de Lebadia. De feito, lá ouviram uma voz que lhes ensinou o meio de fazer cessar a sêca. Desde então, Trofônio foi honrado como um deus; seu antro tornou-se um dos mais célebres oráculos da Grécia. Aquêles que queriam consultar o oráculo, começavam por se purificar; após muitas cerimônias e sacrifícios, entravam na caverna onde o futuro lhes era desvendado. Consta que Trofônio havia construído um templo a Apolo. Alguns afirmam que êsse templo era o de Delfos. Aquêles que consultavam o dito oráculo ficavam melancólicos para sempre.

TROGLODITAS — Os povos habitantes das cavernas.

TRÓIA — Cidade da Frígia, na Ásia Menor, capital da Tróade, perto do Litoral do Helesponto, fundada por Tros, que lhe deu o nome. Conforme opinião mais certa, Tros não fundou Tróia; ela já existia, com o nome de Dardânia; Tros, apenas, mudou-lhe o nome, dando-lhe o seu. Tróia foi destruída duas vêzes, uma por Hércules no tempo de Laomedonte, e outra pelos Gregos, no tempo de Príamo. Tem, também, o nome de Ílion ou de Ilião. — V. ILO. — Tróia é o cenário no qual se desenrolam os feitos cantados por Homero na *Ilíada*. A partir de 1868, começaram-se a fazer escavações, sob a orientação de Henrique Schliemann, que puseram à mostra nove camadas de destroços sobrepostos no sítio da antiga Tróia. Numa colina, coberta de vegetação rasteira e enfezada, perto do mar, junto a uma miserável aldeia suja, habitada por algumas centenas de pastôres rudes e atrasados, encontraram os arqueólogos modernos a antiga Tróia de Homero e de Príamo. A região, sob o poder dos Turcos, chama-se Hissarlik.

TROILO — 1) Filho de Príamo e de Hécuba. Foi morto por Aquiles. O destino havia determinado que Tróia não poderia ser tomada enquanto vivesse êsse príncipe.

2) Companheiro de Enéias.

TROS — Filho de Erictônio e de Astioquéia; deu seu nome a cidade de Tróia, que se chamava antes Dardânia. Esposou a Ninfa Calírroe; foram seus filhos, Ilo, Assáraco e Ganimedes.

TÚCIA — Vestal que, tendo sido acusada de ter violado seu voto de castidade, provou sua inocência transportando água num crivo, do Tibre ao templo de Vesta.

TULE — Ilha imprecisa, que formava o limite setentrional do mundo, conforme os antigos; tinha o nome de Tule, do seu primeiro rei, Tulo.

TURNO — Famoso rei dos Rútulos. Era filho de Dauno e Venília. Foi criado no palácio de Latino e gabava-se de ser o futuro espôso de Lavínia e sucessor do sogro. Os deuses, porém, por meio de espantosos prodígios, opuseram-se a essa aliança. Entretanto, a jovem princesa o amava, e a rainha, Amada, favorecia a união da filha com o rei dos Rútulos. O casamento estava a ponto de realizar-se quando Enéias abordou o Lácio com seus navios. Latino, confiando no oráculo, que afirmava ser da vontade dos deuses o casamento de sua filha com um estrangeiro, que viria montado em cavalos de madeira, ofereceu a mão de Lavínia a Enéias. Turno, irritado com esta injusta preferência, declarou guerra aos Troianos, e se pôs à testa dos Rútulos; o Lácio todo se viu envolvido pela guerra que então se desencadeou. Depois de ter perdido duas batalhas, Turno consentiu em resolver a sorte da Itália por meio de um combate singular com Enéias. Lavínia seria o preço da vitória. Enéias e Turno, então, empenharam-se num combate de gigantes. Êste foi morto pelo contendor, sem piedade. Com a morte de Turno, os Rútulos perderam por completo a influência que tinham no Lácio. — V. ENEIDA.

TUTANO — Deus da segurança, que se invocava para se ficar livre do mal, qualquer que fôsse.

TUTELA — 1) Deusa da segurança entre os Romanos, cuja imagem era pintada sôbre a proa dos navios; era invocada como a divindade tutelar dos viajantes.

2) Deusa protetora dos navios; a imagem da divindade, em geral, ornava a proa da embarcação.

TUTELARES — Os deuses tutelares eram considerados como protetores particulares do povo, da cidade, dos lugares, das casas e das coisas.

TUTELINA — Deusa romana que velava pela conservação das messes e dos frutos da terra já colhidos. Esta divindade tinha um templo sôbre o monte Aventino.

U

UCALEGONTE — Um dos principais Troianos. Sua avançada idade impedia-o de combater contra os Gregos. Tornou-se famoso pelo fato de sua casa, vizinha ao palácio de Anquises, ter sido incediada entre as primeiras, na noite fatal em que Tróia foi conquistada pelos guerreiros gregos. Também existe a forma Ucalegão.

UDEES — Um dos companheiros de Cadmo, nascido dos dentes do dragão. Existe a forma Udeu.

UDEU — V. UDEES.

UFENTE — 1) Um dos príncipes da Itália que socorreram Turno contra Enéias. Foi morto pelo Troiano Gias.

2) Pequeno rio do Lácio.

UFUGO — Cidade do Brútio, atual Fognano.

ULISSES — Filho de Laertes e de Anticléia. Era rei de duas pequenas ilhas do mar Jônio, Ítaca e Dulíquio. Ítaca, separada por um estreito braço de mar da ilha de Cefalênia, que lhe fica a leste, tem hoje o nome de Tiaqui; Dulíquio, uma das ilhas Equínadas, tem hoje o nome de Dolicha ou Neochori. Ulisses é a personificação da política e da habilidade dos tempos heróicos; representa o gênio grego da antigüidade. Superava todos os mortais pela sua eloqüência, sagacidade, coragem a tôda a prova, temeridade nos perigos, e, principalmente, pelas suas manhas ardilosas e refinadas; Ulisses não cria em ninguém, antes de ter uma prova concreta de que lhe não queriam fazer algum mal ou lesá-lo em algum direito. E, mesmo confiando na pessoa, nutria sempre certo receio, o que lhe fazia andar continuamente em estado de alerta; é êsse um dos traços característicos do grande herói. Sua prudência e clarividência o faziam admirado e temido; pouco escrupuloso, como aliás sucede a quase todos os heróis homéricos, não recuava nem diante da lisonja nem da mentira ou da perfídia. Em Ulisses parece ajustar-se perfeitamente o princípio de que os fins justificam os meios. Sabe ser modesto e humilde, torna-se doce e compassivo, mas nem por isso deixa de ser um guerreiro temível e atrevido. A sua confiança nos homens é nula, nos deuses, muito precária. Minerva, quando Ulisses, finalmente, aportou em Ítaca, assim lhe censurou a falta de confiança: "Astuto e manhoso seria quem te superasse em artifícios de tôda a espécie, ainda que fôsse um deus que contendesse contigo. Ó velhaco atrevido e incansável! Não devias tu, na tua pátria, acabar com essas astúcias e com os discursos falazes, de que tanto gostas no íntimo do teu coração? Mas não falemos mais disso, que ambos somos astutos: tu te salientas muito entre os mortais, no conselho e na palavra, e eu sou célebre entre os deuses por minha finura e meus artifícios..." Não sofre dúvida que todos os Gregos foram descarados mentirosos; a todos, porém, superou "o divino e paciente e egrégio Ulisses", tanto que Platão suscita a questão de saber, se a bôca de Ulisses,

pelo fato de falar tantas mentiras, é odiosa como a porta do Hades. Aquiles, que também sabia mentir, lançou ao rosto de Ulisses: "assim como as portas dos Infernos, tu me és odioso por sêres muito mentiroso". No *Hípias* Menor, de Platão, Hípias, admirador incondicionado do grande Aquiles, objeta a Sócrates que Aquiles, se mentia, era sem querer, ao passo que Ulisses mentia de propósito, ao que retrucou o velho Sócrates, com muita finura: "Queres enganar-me, caríssimo Hípias, e nisto mesmo estás a imitar o divino Ulisses..." Aquiles era a honra e a glória do exército grego; Ájax e Diomedes, a fôrça bruta; Ulisses, a astúcia refinada e inteligente. Ulisses nasceu em Ítaca; por sua mãe era neto de Mercúrio. — V. AUTÓLICO. — Outra lenda dá Ulisses como filho de Anticléia e Sísifo, o rei velhaco de Corinto; êste, passando pela côrte de Autólico, ter-se-ia ligado secretamente a Anticléia. — V. ANTICLÉIA. V. SÍSIFO. — No curso de uma visita que Ulisses fêz ao seu avô Autólico, no monte Parnaso, foi ferido no joelho, durante uma caçada, pelas presas dum furioso javali; essa ferida deixou-lhe uma cicatriz muito viva. O prudente Laertes, logo que o filho atingiu a maioridade, afastou-se da direção do reino, entregando as rédeas do govêrno ao filho único, Ulisses. Laertes foi viver no campo, na maior simplicidade, e Ulisses saiu em busca de uma mulher que lhe conviesse e que fôsse do seu gôsto. Ora, por êste tempo, a bela Helena, filha de Tíndaro, enchia a Grécia com a fama do seu esplendor; consideravam-na a mulher mais bela da terra. A maior parte dos reis da Grécia brigavam por sua causa. Ulisses engrossou-lhes as fileiras. E tratou, logo, de mostrar a sua esperteza: sugeriu ao pai da beldade que fizesse todos os pretendentes jurarem que vingariam qualquer ofensa infligida a Helena e ao espôso que ela escolheria de sua livre e espontânea vontade. Não é necessário dizer-se que Ulisses julgava como certo que o escolhido seria êle. Quem, na Grécia, poderia competir com o "paciente e sofredor" Ulisses, filho de Laertes? Helena, porém, escolheu Menelau. Ulisses teve a sorte de não ser o escolhido. Todos juraram que Helena e Menelau ficavam, doravante, sob a proteção dos antigos pretendentes; se alguém os ofendesse, seriam logo vingados por todos. E o casamento realizou-se no meio da maior paz e alegria. Tíndaro, muito agradecido ao esperto Ulisses, obteve de Icário, um rico Lacedemônio, a mão de sua filha para o rei de Ítaca. Essa virgem era a prudente e formosa Penélope. Naquela ocasião, provàvelmente, Ulisses não atinou o quanto ganhara em perder Helena e ficar com Penélope. — V. ICÁRIO. V. PENÉLOPE. — Dessa união nasceu um só filho, o famoso Telêmaco. O menino era ainda de bêrço, quando Helena foi raptada por Páris. Êste formoso mancebo, filho de Príamo, rei de Tróia, viera de Tróia tratar certos negócios na Grécia. — V. PÁRIS. — Passando por Esparta, na ausência do rei Menelau, cortejou a rainha, manteve ligações com ela, e, na iminência da volta do marido, achou melhor levá-la com êle para a longínqua Tróia. O marido ultrajado imediatamente lembrou a todos os reis gregos o juramento feito por ocasião das suas núpcias. Todos acorreram e pegaram em armas. Ora, Ulisses, o autor da proposição, preferia ficar em casa, nos braços da divina Penélope, do que marchar para a longínqua Tróia. Fingiu-se vítima de um furioso acesso de loucura; atrelou animais diferentes na sua charrua, começou a lavrar as areias da margem do mar e aí, depois, semeou sal. Palamedes, que o conhecera bem na côrte de Tíndaro, que vira muitas das suas velhacarias, o rei Palamedes, de Eubéia, para sua desgraça, desconfiou da insanidade de Ulisses. Tomou o pequeno Telêmaco e colocou-o diante da charrua, num dos regos; Ulisses, assustado, desviou o arado e os animais. A impostura tornou-se patente, mas a sorte de Palamedes estava selada. — V. PALAMEDES. — O imenso exército grego estava pronto para partir, quando Calcante, o adivinho, declarou que Tróia jamais seria conquistada sem o auxílio de Aquiles, filho de Tétis e Peleu. Nessa época, Aquiles não contava mais de nove anos. Ulisses, encarregado de descobri-lo e de trazê-lo para a Tróade, encontrou-o em Ciros, na côrte do rei Licomedes, dissimulado sob trajes femininos. — V. AQUILES. — Uma vez em Tróia, Ulisses, entre os primeiros, destacou-se pela sua intrepidez nos combates e audácia nos empreendimentos. Mas distinguiu-se, sobretudo, pela prudência e habilidade nas negociações. É êle que repara os erros, apazigua as querelas, ouve as queixas e lhes dá remédio; foi êle que com

seu cetro fêz o coxo Tersites fechar a sua infame bôca. Conduziu a filha de Crises ao pai, disfarçou-se em escravo para poder penetrar em Tróia, onde, com Diomedes, roubou o Paládio. — V. PALÁDIO. — Mais tarde conseguiu apoderar-se dos cavalos de Reso, antes que tivessem bebido no Xanto. — V. RESO. — Esforçou-se, como pôde, a fim de reconciliar Aquiles com Agamenão. Foi êle, por fim, que, no ventre do cavalo de madeira, deu sábios conselhos aos demais companheiros, indicando-lhes o proceder e mantendo-os de ânimo elevado. Ulisses, logo que os Gregos entraram em Tróia, aconselhou o assalto ao palácio de Deífobo, filho de Príamo e nôvo espôso de Helena, pois Páris já morrera. Consta, também, que foi Ulisses, com mão brutal, que esmigalhou a cabecinha inocente do infeliz Astianax, filho de Heitor, contra as negras muralhas da cidade. Crime estúpido e inútil, que haveria de amargurar os últimos dias do herói, conforme tradição posterior a Homero. Tróia, tendo sido saqueada e destruída, os Gregos começaram a retornar para os pátrios lares; Ulisses também tomou o caminho de Ítaca, onde o esperava a fiel Penélope. A guerra durara dez anos, dez anos vaguearia Ulisses antes de pôr pé na sua querida ilha. Êsse retôrno de Ulisses é o assunto do famoso poema de Homero, a *Odisséia*. — V. ODISSÉIA. — Graças a proteção de Minerva, que em todos os momentos lhe estêve presente, graças, igualmente, ao seu fértil e inventivo espírito, bem como ao seu constante otimismo e coragem, triunfou de tôdas as provas, superou tôdas as dificuldades, venceu tôdas as resistências, sobretudo as de Netuno, e conseguiu chegar em Ítaca, vencer os pretendentes à mão de sua espôsa e se imitir no gôzo de todos os seus bens. Então, uma vez restabelecida a paz no seu reino, Ulisses levou vida tranquila e sossegada, ao lado da espôsa querida, do filho amante e do velho Laertes, seu pai. Foi então que Telégono, filho que teve com Circe, a famosa feiticeira, abordou a praia de Ítaca, a procura do pai. Como não conhecesse o local, Telégono e os demais marinheiros entregaram-se a pilhagem; daí resultou um combate. Ulisses, então, foi morto pelo estrangeiro invasor, que outro não era senão seu filho. Cumpria-se, assim, a profecia, de que seria morto "pelo mar e pela mão de seu filho". De feito, o dardo com que foi ferido era um aguçado espinho de arraia. Dois episódios que bem retraçam o carácter ardiloso de Ulisses são a disputa das armas de Aquiles e a sua missão junto a Filoctetes. Logo que Aquiles morreu, apresentaram-se como herdeiros o valente e glorioso Ájax e o solerte Ulisses; êste, por meio de eloqüentes falas, ganha as armas, fato que trouxe como conseqüência a morte do infeliz Ájax. Filoctetes, inimigo de Ulisses, foi, por conselho dêste,

ULISSES CEGANDO O CICLOPE POLIFEMO
(*Pintura de vaso*)

deixado numa ilha, logo que ficou ferido pelas flechas envenenadas; mas, Tróia não podendo ser conquistada sem o auxílio das flechas de Hércules, e estando estas em poder de Filoctetes, deputaram Ulisses para que fôsse buscar o desgraçado enfêrmo; graças a sua fala eloqüente, Filoctetes, ferido, ajuntou-se ao exército grego a fim de dar o golpe de misericórdia na soberba Ilião. — V. ÁJAX. V. FILOCTETES. — Ulisses, antes da chegada de Telégono, renunciara ao trono em favor de seu filho Telêmaco. Após sua morte, foi pôsto no rol dos semideuses.

UMBRÃO — Famoso mágico do país dos Marsos; auxiliou Turno contra os Troianos, e foi abatido por Enéias.

UNCA — Sobrenome de Minerva.

ÚNXIA — 1) Nome de Juno. Era invocada, com êste epíteto, em favor dos recém-casados, ao mesmo tempo que se ungia com óleo os batentes da porta da casa que os cônjuges deveriam habitar;

esta cerimônia tinha por fim afastar da residência os males e os efeitos dos encantamentos.

2) Deusa particular que presidia ao uso das essências. De *ungere*, "perfumar", "ungir com perfumes".

ÚPIS — 1) Sobrenome de Diana.

2) Nome do pai da Diana grega.

URAGO — 1) Nome de Plutão.

2) *Urago* ou *Urgo* era a antiga divindade infernal dos Romanos, mais tarde identificada e assimilada com Plutão. O *Orco*, em épocas mais antigas, era, igualmente, denominado *Urago* ou *Urgo*.

URÂNIA — "A Celeste", Musa da Astronomia. Era Urânia a Vênus celeste. Amava tôda a natureza, e presidia às gerações. Conforme os melhores mitógrafos, é necessário distinguir:

1) *Urânia*, a Vênus celeste, que animava a Natureza e presidia às gerações. Urânia inspirava sòmente amôres puros, castos e livres da influência dos sentidos, ao passo que a Vênus terrestre presidia aos prazeres sensuais e voluptuosos.

2) *Urânia*, a Musa da Astronomia. — V. MUSAS. — Freqüentemente são confundidas, a Vênus celeste e a Musa. Houve, também, uma Oceânide com o nome de Urânia, e uma cadela da matilha de Acteão.

URÂNIAS — Ninfas celestes, que governavam as esferas do Céu. — V. NINFAS.

URANO — Do grego *Ouranós*, o "Céu". Urano era filho de Titéia, a Terra, e irmão dos Ciclopes, que êle precipitou no fundo do Tártaro. Da sua união com Titéia, sua mãe, nasceram os Titãs e os Gigantes, como Briareu, Gias... Nasceram, também, os demais filhos, Réia, Saturno, o Oceano... Como Urano tivesse precipitado no Tártaro os demais filhos, Titéia fabricou uma foice e excitou seus filhos a tomarem vingança do pai. Saturno encarregou-se de vingar a si mesmo e a seus irmãos; ficou vigiando o pai, e, encontrando-o desprevenido, cortou-lhe os órgãos genitais, mutilando-o, assim, bàrbaramente, para que nunca mais pudesse gerar filhos. Do sangue que caiu sôbre a Terra, nasceram as Fúrias; do que caiu no mar, nasceu Vênus. Urano, depôsto do trono, teve Saturno por sucessor. — V. CELO.

ÚRIO — "Aquêle que dá vento favorável", epíteto de Júpiter.

UTERINA — Deusa romana que se invocava nos partos.

ÚTIS — Sobrenome de Ulisses.

V

VACA — V. Io.

VACUNA — 1) Divindade romana que presidia ao repouso dos habitantes dos campos.

2) Deusa do alqueive dos campos, venerada entre os Sabinos.

VACUNÁLIAS — Festas que se celebravam em honra de Vacuna, no mês de dezembro, quando findavam todos os trabalhos do campo.

VAGITANO — Deus dos Romanos que presidia aos primeiros gritos dos meninos. Era representado sob a forma de uma criança gritando.

VATES — Músico que, nas festas de Marte, cantava com os Sálios o "Canto Secular".

VATICANO — 1) Deus que proferia oráculos em um campo próximo de Roma, e que era considerado o deus que presidia ao aprendizado da fala nas crianças. Não raro confunde-se com o Vagitano.

2) Uma das sete colinas de Roma, onde o deus Vaticano proferia seus oráculos.

VÉDIO — Nome de Plutão.

VEJOVE — Deus do mal, que os Romanos honravam sem esperança de receber bens por sua intercessão. Veneravam-no, ùnicamente, com o fito de desviar os males que trazia aos mortais. Alguns afirmam que Vejove é uma antiga divindade que representa o Júpiter dos Infernos, i. é, o contrário de Júpiter, ou melhor, o antônimo. Figuravam-no armado de flechas. Acreditava-se apaziguá-lo por meio do sacrifício de uma cabra.

VELHICE — Divindade alegórica filha do Érebo e da Noite. Tinha um templo em Atenas e um altar em Cádis. Figuravam-na sob os traços de uma anciã, vestida de negro ou coberta de fôlhas mortas. Traz na mão um copo e apóia-se num bastão. Junto dela, uma clepsidra.

VÉLIA — 1) Cidade da Lucânia.

2) Uma das saliências do monte Palatino, em Roma.

VELO DE OURO — V. Tosão de Ouro.

VENÍLIA — Ninfa. Era irmã de Amada, mulher de Latino, e mãe de Turno. Casou-se com Dauno.

VENTOS — Filhos do Céu e da Terra, ou de Astreu e da Aurora. Sua habitação eram as ilhas Eólias, e Éolo seu rei. Viviam encarcerados em cavernas e Éolo os soltava a medida em que se tornavam necessários. Homero: "Chegamos, depois, à ilha Eólia. Aqui morava Éolo, filho de Hípotes, querido dos deuses imortais, numa ilha flutuante, cingida em roda por inabalável muralha de bronze e uma lisa rocha. Em seu palácio doze filhos lhe haviam nascido, seis jovens e seis donzelas, que estavam na flor da idade; àqueles as virgens foram dadas como espôsas. Viviam junto do pai e da bondosa mãe, celebrando contínuos banquetes, em que lhes eram servidas iguarias sem conta. E de dia, a enfumarada casa ecoa, até ao pátio; à noite, porém, dormem em tapêtes e em leitos de artística talha, ao pé das pudicas espôsas..." Era considerável o número dos

Ventos, mas os Gregos reconheciam oito principais e lhes haviam dedicado um templo octogonal em Atenas, onde, cada ângulo correspondia a um Vento, com a sua respectiva figura e o ponto do céu no qual costumava soprar. Os Romanos reduziram o número para quatro: Bóreas, Euro, Noto ou Austro e Zéfiro. Os Lacedemônios costumavam imolar um cavalo aos Ventos.

VÊNULO — Um dos principais chefes dos Latinos. Pediu socorro a Diomedes, contra os Troianos, mas inùtilmente.

VÊNUS — Deusa da beleza e do Amor. Nasceu da espuma do mar, fecundada pelo sangue de Urano, entre a ilha de Chipre ou Citera. Ao nascer, foi acarinhada pelo Zéfiro. Colocaram-na numa concha de pérola e nácar e entregaram-na às Horas, que se encarregaram da sua educação. Foi levada, a seguir, para o Olimpo, onde, todos os deuses, seduzidos pelos seus encantos, quiseram desposá-la. Júpiter mesmo quis tomá-la por amante; não conseguindo vencer o coração de Vênus, por despeito e para vingar-se, deu-a em casamento a Vulcano, o mais feio de todos os Imortais. Vênus freqüentemente faltou à fidelidade conjugal; experimentou os leitos de quase todos os deuses, semideuses, mortais notáveis e, mesmo, simples reis ou príncipes, como, por exemplo, Anquises. Do deus Marte teve Eros, Ânteros e Harmonia; de Mercúrio, Hermafrodito; de Baco, Priapo; pelo belo Adônis deixou o Olimpo, e desceu o monte Ida para conceder seus favôres a Anquises que a tornou mãe de Enéias. Uma das aventuras mais famosas de Vênus é a célebre disputa com Juno e Minerva, a respeito do pomo de ouro, que deveria ser adjudicado à mais formosa. Páris, que funcionou como juiz nessa demanda, outorgou o prêmio a Vênus, pelo que lhe mereceu eterna gratidão, e a posse da mais bela mulher, Helena. Na guerra de Tróia, por causa de Enéias, seu filho, e por causa de Páris, tomou decididamente o partido dos Troianos. Foi ferida por Diomedes. Trazia, sempre, um cinto maravilhoso, onde se encerravam tôdas as graças e seduções: é o famoso cesto de Vênus. Os Gregos distinguiam três Vênus: a Vênus celeste, ou Urânia, que inspirava um amor casto e puro; a Vênus popular, que presidia aos amôres sensuais, e, por fim a *Vênus Apostrofia*, ou *Preservadora*, que afastava os corações da impudicícia e da volúpia. De tôdas as Vênus reconhecidas pelos antigos, a Vênus marinha era a mais popular e que atraía tôdas as homenagens dos povos. Ergueram-lhe grandes e suntuosos templos; alguns ficaram célebres, como os de Amatunte, de Lesbos, de Pafos, de Cnido e de Citera. Em sua honra celebravam-se festas brilhantes e suntuosas, que eram, sem dúvida, as mais concorridas, pois uma pessoa "pode passar sem deus, mas não passa sem Amor". Nessas solenidades a licença e a dissolução e os excessos reinavam. Não se imolavam vítimas a Vênus; seus altares jamais eram manchados pelo sangue; ofereciam-se-lhe flôres, perfumes, incensos e frutos. Entre as flôres, a rosa lhe estava consagrada; entre os frutos, a maçã; entre as árvores a mirta ou murta; entre os pássaros o cisne, o pardal, e, principalmente, a pomba. Ordinàriamente era representada em companhia de Cupido, sôbre um carro tirado por pombas brancas, ou por cisnes, ou por pardais. — V. VULCANO. V. ALECTRIÃO. V. URÂNIA. V. CESTO. V. AFRODITE.

VERÂNIA — Uma das quatro primeiras Vestais escolhidas por Numa.

VERDADE — Divindade alegórica, filha de Saturno, ou do Tempo, e mãe da Virtude. Representam-na nua, sorridente, modesta; na mão direita traz um sol, na esquerda um livro aberto com uma palma; sob os seus pés, o globo terráqueo. Às vêzes é figurada como uma virgem de rara beleza vestida de branco; outras, inteiramente nua, saindo de um poço.

VERTUMNÁLIAS — Festas em honra de Vertumno. Celebravam-se em Roma no mês de outubro.

VERTUMNO — Deus dos jardins e dos pomares. Presidia ao outono e tinha o privilégio de mudar de forma a seu bel prazer. Para se fazer amar da Ninfa Pomona, tomou sucessivamente a forma de um pescador, de soldado, de camponês e de uma velha mulher. Pomona, sempre insensível aos ardores do deus, quando êle tomou a forma de uma anciã e lhe contou as mil e uma histórias de Ninfas que foram cruelmente castigadas por terem recusado o amor de Vertumno, achou de melhor aviso render-se ao deus. Imediatamente Vertumno tomou sua forma habitual e jurou fidelidade à Ninfa. Esta recebeu-o em seus braços. Vertumno jamais violou a fé prometida: foi amante exemplar.

Quando ambos atingiram avançada idade, foram rejuvenescidos. Vertumno, cujo culto dos Etruscos passou para os Romanos, era em geral representado sob a forma de um jovem formoso e coroado de flôres, tendo na mão esquerda frutos, e na direita uma cornucópia. Como êste deus era adorado sob diversas formas, dão-lhe nome plural *dii Vertumni*. — V. POMONA.

VESTA — Vesta, em grego *Hestia*, da antiga mitologia dos Arianos, significa "lareira ou fogão da casa". Cumpre distinguir:

1) Vesta, mulher de Urano ou Celo, a mesma que *Tellus*, ou Titéia, a Terra.

2) Filha de Celo e de *Tellus*, a mesma que Cibele, muitas vêzes confundida com a deusa do fogo.

3) Vesta, deusa do fogo, filha de Saturno e de Réia. Tinha um culto que, na Ásia e na Grécia, remontava a mais alta antigüidade. Era honrada em Tróia muito antes dessa cidade ser destruída pelos Gregos; crê-se que Enéias introduziu seu culto na Itália; entre os deuses penates que Enéias trouxe, estava, também, a imagem de Vesta. Numa construiu em honra de Vesta um templo redondo, cuja entrada era interdita aos homens; nesse templo conservava-se o Paládio de Tróia. Os Gregos começavam e terminavam todos os seus sacrifícios invocando Vesta. Em Corinto havia um templo a ela dedicado mas sem nenhuma estátua; via-se, apenas, no centro dêsse templo, um altar onde se faziam os sacrifícios em honra da deusa. Igualmente, Vesta contava com altares em quase todos os templos célebres da antigüidade: Delfos, Atenas, Tênedos, Argos, Mileto, Éfeso... No templo construído por Numa, guardava-se o fogo sagrado; virgens chamadas Vestais aí velavam para que êle jamais se apagasse. Se por ventura o fogo viesse a se extinguir, os Romanos convenciam-se de que uma grande ameaça pairava sôbre o país; acendia-se, novamente, com os raios do sol e punia-se severamente a Vestal que o deixara apagar-se. Figurava-se esta deusa como uma matrona, vestida com a estola, tendo na mão direita um archote ou uma lâmpada, ou uma pátera, ou então o Paládio ou uma pequena Vitória. Na Grécia, como em Roma, seu culto consistia em manter vivo, perpètuamente, o fogo sagrado.

VESTAIS — Sacerdotisas de Vesta. Eram virgens recrutadas entre as melhores famílias de Roma. Entravam para o colégio das Vestais com a idade de seis a dez anos. Permaneciam no serviço da deusa durante um período de vinte a trinta anos. Podiam, então, retornar para a sociedade e contrair casamento. Durante seu sacerdócio, as Vestais que deixassem extinguir o fogo sagrado, eram severa e cruelmente castigadas, com o castigo dos escravos, i. é, o suplício do chicote. O maior crime, porém, que uma Vestal poderia cometer, era violar o seu voto de castidade e perder a virgindade; eram, então condenadas à morte, às vêzes enterradas vivas. Uma delas passava a noite inteira velando para que o fogo sagrado permanecesse bem vivo. Ao lado dêsses rigores, gozavam as Vestais de grande consideração e honras. Como os altos dignitários, eram precedidas dum litor; nos teatros e nos circos tinham assentos especiais; estavam sujeitas sòmente ao colégio dos pontífices; comumente eram chamadas para apaziguar dissensões entre as nobres famílias; confiavam-lhes segredos, particulares ou de estado. Quando cruzavam com um condenado a caminho do suplício, era-lhe imediatamente concedido perdão. Eram semi-reclusas. Contudo, eram vistas a ir buscar a água ritual na fonte Camena, com um vaso cujo fundo terminava em ponta, a fim de que o líquido sagrado não pudesse ser pôsto em contacto com a terra. A primeira entre elas, a grande Vestal, oferecia aos deuses as preces em circunstâncias solenes e em casos de perigo público. Para que essas preces fôssem eficazes, deviam as Vestais levar uma vida muito pura. Traziam as Vestais a testa cingida com fitas brancas, de lã, que retombavam graciosamente sôbre as espáduas e de cada lado dos seios. Suas vestes eram simples e singulares mas não destituídas de elegância. Por sôbre um vestido branco traziam uma espécie de blusa da mesma côr; o manto, que era de púrpura, escondia uma espádua e deixava a outra a descoberto. Primitivamente cortavam os cabelos; mas mais tarde, costumavam reparti-lo em seis tranças apanhadas atrás da cabeça, que era recoberta com um véu. Quando o luxo dominou Roma, viam-se Vestais em luxuosíssimas liteiras, ou em carros magníficos, tirados por ricos cavalos e acompanhadas de grandes comitivas, entre mulheres, criadas e

escravas; mas, mesmo nesse período, não se conhece nenhum caso de Vestal que tivesse violado seu voto de virgindade. Isto não quer dizer que elas fôssem excepcionalmente virtuosas, mas sim, que eram muito inteligentes. O "atrium" de Vesta, casa vizinha ao templo, servia-lhes de moradia; sob Augusto, passaram a residir na Régia, palácio que os Pontífices habitavam desde o tempo da fundação de Roma. Foi entre suas mãos que Augusto depôs seu testamento; logo depois da sua morte, as Vestais levaram-no ao Senado Romano.

VESTÁLIAS — Festa que os Romanos celebravam em honra de Vesta.

VIA LÁCTEA — Consta que Mercúrio, sem que Juno soubesse de quem se tratava, levou Hércules infante, seu mais odiado inimigo, para que ela lhe desse o seio. A rainha dos deuses tomou prazer em alimentar a linda criancinha no seu seio; mas, percebendo, logo, de quem se tratava, atirou-a para longe; algumas gotas de leite caíram e se espalharam pelo céu, formando o que nós hoje chamamos de Via Láctea. Conforme outra versão, Hércules foi deposto ao lado de Juno que dormia; começou a sugar o leite com tanta avidez, que êste esguichou pelos espaços etéreos, formando a Via Láctea. Juno, acordada em sobresalto, lançou o menino para longe dela. — V. HÉRCULES.

VIALES — Deuses que presidiam aos caminhos e estradas (de *via*), e que eram particularmente invocados pelos que viajavam. Dava-se tal nome a Mercúrio, a Apolo e a Baco, cujos bustos os Romanos costumavam colocar sôbre colunas ao longo das estradas mais importantes. Os Penates e os Lares eram, também, considerados deuses *Viales*.

VICA POTA — Deusa da Vitória e da Conquista.

VICILINO — Epíteto de Júpiter.

VINÁLIAS — Festas que se celebravam a 23 de abril, em Roma, a fim de assegurar o êxito das vindimas do outono; repetia-se a festa em agôsto, quando as uvas amadureciam.

VINGANÇA — Divindade alegórica, filha de Júpiter e de Marte.

VINHO — Dioniso, quando menino, brincando num bosque que havia em Naxos, descobriu uma planta que, espalmando as largas fôlhas verdes, com as hastes munidas de fortes gavinhas, grimpava atrevida pelos galhos secos de outros arbustos. Arrancou-a cuidadoso o menino, com a tenção de plantá-lo em seu jardim. Tomou o caminho de casa. Em pouco notou êle que a gentil plantinha murchava e perdia o viço. Receoso de que fenecesse de todo antes de chegar a casa, colocou-a dentro de um osso de pássaro que o acaso ali lhe deparara. Continuando a caminhar, a planta cresceu tão extraordinàriamente, que suas raízes já não cabiam no osso do passarinho. Acertou o pequeno de topar ali com a carcaça de um leão, na qual, com cuidado, depositou a delicada planta. Mas repetiu-se o mesmo fato estranho. Em breve suas raízes já não cabiam dentro dos ossos do leão. Foi quando o pequeno Dioniso pensou em colocá-lo dentro da ossada de um asno que jazia ao pé da estrada. Chegando em sua casa, tratou logo de pôr na terra a sua maravilhosa planta. Ao fazê-lo, notou que as raízes estavam de tal modo entrelaçadas, ao redor dos três ossos, do pássaro, do leão e do asno, que julgou de melhor aviso não separá-los e plantar o arbusto assim como se achava. Assombroso foi o crescer da planta. Andadas poucas horas, começou a dar belos cachos de frutos saborosíssimos. Dioniso colheu-os, espremeu-os e deu aos homens a beber. Para logo, admirado, notou que os que bebiam pouco, punham-se a cantar, alegres como passarinhos; os que bebiam muito, pareciam fortes, semelhantes a leões; os que bebiam em demasia, abaixavam a cabeça, à semelhança do asno. Era o vinho.

VÍRBIO — 1) Nome que Diana deu a Hipólito, após tê-lo ressuscitado, com o concurso de Esculápio. A deusa levou-o para uma floresta da Itália que lhe era consagrada.

2) Filho de Hipólito Vírbio e de Arícia. Foi um dos guerreiros do exército de Turno e lutou contra os Troianos. Êste Vírbio passa por ter sido o primeiro sacerdote de Diana em Nêmi, e foi confundido com o próprio Hipólito, que, se dizia, tinha sido salvo por Diana do monstro marinho e pôsto em segurança no bosque de Arícia. Havia, em Nápoles, um flâmine de Vírbio, *flamen virbialis*..

VIRGINAL — Templo de Palas Atena, cuja entrada só era permitida às virgens, e no qual só se imolavam animais fêmeos que ainda não tivessem dado cria.

VIRIPLACA — Deusa romana encarregada de dar a paz aos lares; tinha um templo no Palatino, onde iam os esposos que estavam de rixa ou cujos gênios não combinavam.

VIRTUDE — Divindade alegórica, filha da Verdade. Era, pròpriamente, mais que uma divindade alegórica. Os Romanos lhe erigiram um templo; ergueram, também, outro à Honra, e era preciso passar por um para chegar ao outro, idéia engenhosa pela qual queriam tornar patente que a Honra não reside senão nas ações virtuosas. Representavam-na sob a figura duma mulher simples e modesta, vestida de branco, com aspecto respeitoso. Assentada numa pedra quadrada, apresenta ou traz uma coroa de louro; às vêzes dão-lhe uma lança ou um cetro; dão-lhe, também, asas, para significar que a Virtude paira acima das vulgaridades. O cubo, sôbre o qual se assenta, indica sua solidez.

VITÓRIA — A deusa Vitória dos Romanos, nascida da fusão entre a Vacuna dos Sabinos e a Vica Pota dos Latinos, tinha, desde o século III uma estátua no Fórum de Roma. Em 294 antes de Jesus Cristo, o cônsul Megelo lhe construiu um templo sôbre o Palatino, no local onde se encontrava, dis-se, outrora, um altar dedicado a essa deusa por Evandro. Augusto restaurou o templo construído por Megelo, fês da Vitória, depois do triunfo de Ácio, a protetora do nôvo regime; ergueu-lhe um altar em pleno Senado e instituiu uma festa anual a 28 de agôsto, onde a Vitória, "Companheira do Imperador", era associada à Fortuna Imperial. Em Lião, na França, o enorme altar de Roma e de Augusto, foi dominado pela dupla imagem da Vitória de Roma e da Vitória de Augusto. Os Gregos faziam da Vitória uma poderosa divindade, filha do Estige e de Palante. Figuravam-na de várias maneiras, geralmente com asas e com uma coroa de louro.

VITULA — Deusa da Alegria entre os Romanos; a mesma que os Gregos chamavam de Euritmia.

VITUMNO — Deus dos Romanos que presidia aos instantes da vida.

VOLÚPIA — A Volúpia era uma deusa personificada sob os traços de uma bela mulher, com as faces coloridas, ar langoroso e, ao mesmo tempo, apaixonado, deitada, nua, numa cama de flôres, tendo ao seu lado uma bola de vidro com asas. Era filha do Amor (Cupido) e Psique. Representam-na, freqüentemente, como uma belíssima jovem sentada num trono, tendo a Virtude a seus pés.

VULCANAL — Vulcanal, lugar de Roma onde havia um templo dedicado a Vulcano.

VULCANÁLIAS — Festas de Vulcano que os Romanos celebravam no mês de agôsto. Duravam oito dias. Iluminavam-se as ruas de Roma; acendiam fogueiras em tôdas as partes, nas quais se jogavam animais em honra do deus. Faziam corridas com lâmpadas na mão, e aquêle que era vencido dava sua lâmpada ao vencedor.

VULCÂNIA — Uma das ilhas Eólias, onde geralmente punham a residência de Vulcano.

VULCANO — Vulcano, em grego, Hefestos, era filho de Júpiter e de Juno. Personifica o brilho do raio e o fogo devorador e produtivo. Era coxo, feio e calado. Vivia retraído. Era o mais trabalhador e industrioso dos imortais. Com suas mãos, fabricou o trono e o cetro de Júpiter, o carro do Sol, a cidade olímpica, tôda de aço e de bronze (segundo outros, de diamante) e o escudo de Aquiles. Foi sempre venerado como o deus do fogo. Juno ficou tão envergonhada ao ver o filho que dera à luz, por causa da sua disformidade e fealdade, que o precipitou do alto do Olimpo no mar, onde ficou escondido nove anos; segundo outra versão, Vulcano foi criado no Olimpo; Júpiter precipitou-o na terra por ter tentado libertar a mãe, que o pai dos deuses havia suspendido no éter com uma bigorna em cada pé. Depois de ter rolado nove dias na vasta extensão dos ares, caiu na ilha de Lemnos; quebrou uma perna e ficou coxo. Depois, pelo crédito de Baco, foi, novamente, recebido no Céu e integrado em tôdas as honras. Feitas as pazes com Júpiter, êste deu-lhe por esposa Vênus, a mais bela das deusas; assim, o mais feio dos deuses casou-se com a deusa da Beleza, que, afinal, nunca lhe foi fiel, e só eventualmente partilhava do seu leito. Amante de Marte, costumava entregar-se ao deus na sua própria câmara, manchando assim o tálamo conjugal; Vulcano, certa feita, advertido pelo Sol, apanhou os dois em flagrante e prendeu-os numa rêde imperceptível; chamou, em seguida, todos os Imortais, para que vissem o despudor da sua esposa, nua nos braços de Marte. O Olimpo, por muito tempo, estremeceu com as gargalhadas dos Imortais.

Encarregado de fornecer os raios a Júpiter, Vulcano instalou suas forjas no centro dos vulcões, particularmente sob o Etna, onde os Ciclopes-ferreiros trabalham sem cessar. Os antigos atribuíam a Vulcano tôdas as obras que passavam por obras-primas. Citam-se o palácio do Sol, o diadema ou coroa de Ariadne, o escudo de Hércules, o cetro de Agamenão, as armas de Aquiles e de Enéias. Sua obra-prima, porém, onde o artista se exceleu, foi a feitura de Pandora. Ensinou aos mortais a arte de derreter e de trabalhar os metais. Era bondoso, paciente e morigerado; não se conta dêle nem uma aventura galante. Figuravam-no com longas barbas, cabelos em desalinho, meio desnudo, tendo nas mãos um malho e tenazes; às vêzes traz na cabeça um gorro pontudo e redondo. Era particularmente venerado em Atenas e em Roma. Os sacrifícios que ofereciam a Vulcano, consistiam, pròpriamente, em holocaustos, pois as vítimas eram inteiramente consumidas pelo fogo. Celebravam sua festa no mês de agôsto, durante a canícula. Há uma tradição que diz ter Juno dado à luz Vulcano sem auxílio masculino, valendo-se, apenas, do vento. Parece que Vulcano, apesar do seu ar taciturno, gostava de fazer os outros rirem. Conta-se que depois de ter sido jogado pela mãe no mar, ressentido com ela, fabricou um trono de ouro de lavor incomparável. Mandou-o ao Olimpo e Juno quedou-se embevecida ante uma obra tão formosa. Sentou-se nêle e não pôde mais se erguer: o trono era mágico. A estranha aventura da mãe dos deuses excitou a hilaridade geral dos Olímpicos, que gargalharam por muito tempo. Foi preciso que Baco embriagasse o engenhoso Vulcano, a fim de que êle fôsse libertar sua mãe da áurea prisão. Para os antigos, Vulcano não era só o deus do fogo, mas de todos os metais fusíveis: ouro, prata, bronze... Os templos de Vulcano eram guardados por cães; o leão lhe era consagrado. Quase todos os epítetos de Vulcano referem-se a sua arte ou a seu defeito físico: *Lêmnio*, da ilha de Lemnos, onde trabalhava e onde se escondeu e onde ensinou muitas coisas úteis aos mortais; *Mulcíbero* ou *Mulcífero*, "Aquêle que derrete os metais"; *Etneus*, do Etna, onde tinha suas oficinas; *Tardípede*, "O que anda devagar"; *Crisor*, "O que brilha como ouro"; *Calopódion*, "que tem os pés tortos"; *Anfigieis*, "que manquitola de ambas as pernas"...

VULTÚRIO — Sobrenome de Apolo. O nome deriva de *vultur*, "abutre". Dois pastôres apascentavam seus rebanhos sôbre o monte Lisso, perto de Éfeso, quando viram sair de uma caverna algumas abelhas; levados pelo espírito de aventuras, um dêles resolveu descer ao fundo da grota com uma cêsta a fim de apanhar mel. O outro amarrou-lhe uma corda na cintura e desceu-o. Lá, o que tinha descido, encontrou um grande tesouro; colocou-o na cêsta e seu companheiro puxou-a para fora; quando todo o ouro veio, assim, à luz do dia, o que tinha ficado fora apanhou-o e retirou-se tranqüilamente, deixando o infeliz no fundo da caverna, na maior agonia. Cansado de gritar e de implorar, o desgraçado adormeceu. Em sonhos apareceu-lhe Apolo que lhe mandou que ferisse todo o corpo com as pontas agudas das pedras que naquele local havia em abundância. Desperto, o infeliz pôs em execução o que lhe ordenara o deus em sonho. Logo as suas chagas começaram a cheirar mal, e atraíram grande número de abutres; êstes, metendo as garras nas suas vestes, elevaram-no nó ar e foram descer no cume da montanha; lá, o pastor os enxotou e voltou para a cidade. Dirigiu-se aos magistrados, narrou-lhes o fato e mostrou-lhes as chagas, acusando o pastor que ficara com todo o tesouro. Êste, como não pudesse provar de onde tirara todo aquêle ouro, acabou sendo condenado à morte; o pastor que achara o tesouro, recebeu a metade do que se encontrara na caverna. Com essa soma, construiu na montanha um templo dedicado a *Apolo dos abutres*.

VULTURNÁLIAS — Festas que se celebravam em honra do deus Vulturno.

VULTURNO — 1) Cidade da Campânia.

2) Vento que sopra do sudeste.

3) Rio da Campânia, hoje Volturno. Os habitantes da região onde corre o Volturno, fizeram dêle um deus. Consagraram-lhe um templo, no qual se reuniam em assembléia a fim de deliberar a respeito dos seus negócios. Êste deus era, também, venerado em Roma.

X

XANTE — 1) Uma das amantes de Hércules.
2) Oceânida.
3) Célebre Amazona.

XANTIPA — Filha de Doro e mulher de Piéuron.

XANTIPO — Um dos filhos de Melas, morto por Tideu.

XANTO — 1) Um dos cavalos do Sol.
2) Pequeno rio do Epiro.
3) Rio da Tróade. Opôs-se, com o Escamandro e o Símois, à invasão dos Gregos; ergueu sua água contra Aquiles e lutou com êle durante muito tempo. É o mesmo Escamandro. O nome deriva de uma palavra grega que significa "louro". As águas do Xanto, dizia-se, de côr amarelada, tinham a propriedade de tornar louras as mulheres que nêle se banhavam.

XANTOCARENO — Epíteto de Baco, "Aquêle que tem a cabeça loura."

XANTOS — 1) Um dos cavalos dados por Netuno a Juno, e, depois, a Castor e Pólux.
2) Um dos cavalos de Aquiles. Predisse ao dono seu fim próximo e derramou lágrimas.

XÊNIA — Nome que os Espartanos davam a Minerva, considerada como a deusa da hospitalidade.

XÊNIO — Epíteto de Júpiter, considerado como presidindo à hospitalidade.

XENISMAS — Sacrifícios que se ofereciam aos Dióscuros, numa festa anual que se realizava em Atenas.

XENOCLÉIA — Sacerdotisa de Delfos. Recusou responder a Hércules, porque êste se achava manchado com o sangue de Ífito. Hércules, indignado, arrebatou-lhe o tripé no qual a sacerdotisa estava sentada. E só lhe restituiu o tripé depois de receber a resposta do oráculo.

XENODOTES — Epíteto de Baco que significa "Aquêle que conduz os hóspedes".

XISITRO — Xisitro ou Xisutro, homem que foi advertido por Saturno do Dilúvio que deveria inundar tôda a terra. Xisitro acreditou no deus e construiu um navio com o qual se salvou, juntamente com a sua família. Depois que saiu do navio, terminado o Dilúvio, desapareceu sùbitamente, e foi pôsto no rol dos deuses.

XISTÓBOLO — Epíteto de Baco, que se traduz por "Aquêle que lança o dardo".

XUTO — Filho de Hele e Orseis, e neto de Deucalião. Exilado por seu irmão, veio para Atenas, onde reinou com Erecteu.

Nessa época rebentou a guerra entre os Eleusinos e os Atenienses; Xuto prestou tão relevantes serviços a Erecteu, que êste lhe concedeu a mão de Creúsa, sua filha. Dessa união nasceram dois filhos, Aqueus e Ion, que se tornaram os chefes dos dois povos. Conforme outra versão, Xuto não teve filhos com Creúsa, mas adotou Ion, que sua mulher, anteriormente, tivera com Apolo.

Z

ZABIRNA — Cidade da Lídia, perto da qual Baco matou um animal monstruoso.
ZACINTO — 1) Filho de Dárdano.

2) Herói beócio. Acompanhou Hércules na sua expedição a Espanha. Encarregado, depois da vitória, de conduzir os bois de Gerião, da Espanha a Tebas, foi picado, em caminho, por uma serpente e disso veio a falecer. Enterraram-no numa ilha do mar Jônio, que dêle tomou o nome.

3) Ilha da Grécia ocidental, a mais meridional das ilhas Jônicas, no mar Jônio, ao largo da costa da Moréia.

ZAGREU — 1) Sobrenome de Baco, que significa "Grande Caçador".

2) Filho de Júpiter e Prosérpina. Júpiter, para poder possuir Prosérpina, transformou-se numa serpente, em uma caverna da Sicília, onde a jovem estava escondida, por ordem da mãe, a fim de fugir aos seus perseguidores.

3) O mesmo filho de Júpiter e de Prosérpina, Dioniso Zagreu, personagem central de uma doutrina do Orfismo. — V. ORFISMO.

ZANCLE — Antigo nome da Sicília; acreditava-se que nessa cidade fôra encontrada a foice de Saturno, donde o nome. Do grego *Zánklon*, "foice".

ZATEU — Epíteto de Apolo, que se interpreta como "Muito divino".

ZEA — Nome pelo qual os Atenienses adoravam Hécate.

ZEFIRITIDA — Vênus Zefiritida, nome pelo qual era conhecida Arsínoe, irmã de Ptolomeu Filadelfo; com êste título era adorada como deusa depois da sua morte.

ZÉFIRO — Vento do ocidente, filho de Éolo ou de Astreu, e da Aurora. Desposou Flora, com a qual teve diversos filhos. Vento benéfico e agradável, faz desabrochar as flôres e amadurece os frutos. Foi Zéfiro quem matou o jovem Jacinto. — V. JACINTO. — Era representado sob a figura de um jovem com asas de borboleta, e uma coroa composta com tôdas as espécies de flôres.

ZEIDORA — Epíteto de Ceres.

ZELODÓTER — Epíteto de Baco: "Aquêle que inspira ardor".

ZERÍNTIO — Famosa caverna da Samotrácia, pela qual se descia aos Infernos. Estava consagrada a Hécate.

ZETES — Filho de Bóreas e de Orítia. Era irmão de Cálais. Estes gêmeos eram de deslumbrante beleza, e possuíam todo o vigor paterno. No momento da puberdade, saíram-lhes asas nas espáduas. Ainda muito jovens, embarcaram-se com Jasão a fim de irem conquistar o Tosão de Ouro. Cobriram-se de glória durante esta expedição. Libertaram Fineu, seu cunhado, dos ataques das Harpias e perseguiram êstes monstros até as ilhas Estrófades; teriam perecido, vítimas da sua audácia, se uma voz não lhes mandasse, em nome dos deuses, cessar a perseguição e não ir mais além. Ao voltarem da Cólquida, enquanto se celebravam os jogos fúnebres em honra

ASBAC - SP
BIBLIOTECA

de Pélias, Hércules começou a querelar com os dois e acabou matando-os. Os deuses, comovidos, transformaram-nos nesse vento que precede de nove dias o início da canícula; êsse fato fêz com que os Gregos dessem aos gêmeos o nome de *Pródomoi*, "Os Precursores". Representavam os antigos os dois irmãos com asas cobertas de brilhantes escamas douradas, asas também nos pés e longas cabeleiras azuladas.

ZETO — Rei de Tebas, filho de Júpiter e de Antíopa, e irmão de Anfião. Era hábil caçador. Auxiliou Anfião a erguer os muros de Tebas; ainda com o irmão, vingou-se de Dirce, que atormentara cruelmente sua mãe, a infeliz Antíopa. — V. DIRCE.

ZEUS — Nome grego de Júpiter. Zeus equivale ao sânscrito *Diaus pitar*, i. é, *Zeús patéer*, em latim *Jú-piter*. O nome parece significar "deus da luz", ou "deus do céu", cuja raiz remonta à mesma origem da palavra *dies*, "dia", que significa "brilhante". "Deus" ou "Divino", com o sentido de "brilhante", encontra-se no sânscrito, e, daí, passou para várias línguas, como o latim e o grego. O nome Zeus corresponde precisamente ao têrmo *Zoógonos*, "autor e conservador da vida."

ZEUXIDIA — Sobrenome de Juno, sob o qual Ápis construiu um templo à rainha dos deuses em Argos; êsse templo tinha por fim lembrar o fato de que êle atrelara os bois ao arado para lavrar o campo.

ZEUXIPO — Filho de Apolo e da Ninfa Sícis; Zeuxipo reinou em Sicione, antiga cidade da Acaia, rica em oliveiras e pátria de Aratos, matemático e astrônomo.

ZIGACTES — Rio da Trácia. Foi ao transpor êste rio que o carro de Plutão rompeu-se com estrondo, quando ia com Prosérpina, que raptara na Sicília.

ZIGIA — Epíteto de Juno quando presidia aos casamentos.

ZODÍACO — Espaço do céu que o Sol percorre no prazo de um ano; é dividido em doze partes, onde se encontram doze constelações chamadas signos, cujas denominações, segundo a Mitologia, são: Carneiro, o Touro, os Gêmeos, o Caranguejo, o Leão, a Virgem, a Balança, o Escorpião, o Sagitário, o Capricórnio, o Aquário e os Peixes. A palavra *Zodíaco* significa "pequeno animal". A explicação dêsses signos, conforme a Mitologia é a seguinte:

1) O *Carneiro* é o famoso carneiro do Tosão de Ouro.

2) O *Touro* é o animal sob cuja forma Júpiter raptou Europa; segundo outros autores é Io; não seria, então, Touro, mas Vaca.

3) Os *Gêmeos* representam Castor e Pólux, os Dióscuros.

4) O *Caranguejo* foi o animal que Juno mandou contra Hércules, quando êste lutava contra a Hidra de Lerna, a fim de picá-lo no calcanhar; alguns querem que tenha sido o escorpião.

5) O *Leão* representa o famoso leão de Neméia, morto por Hércules.

6) A *Virgem*, conforme alguns é Erígone, filha de Icário; segundo outros é Astréia, a deusa da Justiça.

ZODÍACO
(*Miniatura dum manuscrito de Ptolomeu*)
(Vaticano)

7) A *Balança*, i. é, a balança da Justiça ou Astréia.

8) O *Escorpião*, que por ordem de Diana picou o calcanhar de Orião.

9) O *Sagitário*, metade homem, metade cavalo, atirando de arco, é o Centauro Quirão; conforme outros é Croco.

10) O *Capricórnio* é a famosa cabra Amaltéia, que aleitou Júpiter.

11) O *Aquário* é Ganimedes, levado para o Olimpo por Júpiter; segundo outros, é Aristeu.

12) Os *Peixes*, são aquêles que levaram Vênus e o Amor para a outra margem do Eufrates, quando a deusa se viu perseguida pelas demonstrações amorosas do

medonho Gigante Tifão. Outros querem ver nos *Peixes* os golfinhos que levaram Anfitrite a Netuno.

ZOOTECA — Lugar, em Roma, onde se conservavam os animais destinados aos sacrifícios.

ZOSTÉRIA — Estátua consagrada a Minerva por Anfitrião, antes de ir combater os Eubéienses.

ZOSTÉRIO — Sobrenome de Apolo, tomado de um lugar marítimo da Ática, chamado Zóster, onde os pescadores lhe ofereceram, assim como a Diana, todos os peixes que tinham apanhado.

APÊNDICE

I

CRONOLOGIA DAS VIAGENS DE ENÉIAS

1.º ano	Fim do verão	Tomada de Tróia.
	Durante o inverno	Construção, em Antandro, ao pé do monte Ida, na Frígia, de uma frota, por Enéias e seus companheiros.
2.º ano	Primavera	Partida de Antandro e desembarque na Trácia.
	Fim do ano até a primavera seguinte	Fundação de uma cidade na Trácia.
3.º ano	Primavera	Chegada a Delos. Consulta ao oráculo de Apolo.
	Verão	Chegam em Creta. Estadia. Epidemia durante a canícula.
	Outono	Partida de Creta. Tempestades do equinóxio; escala nas Estrófades; chegada em Ácio, no Epiro.
	Inverno	Estadia em Epiro; encontro com Andrômaca em Butroto, no Epiro.
	Fim do inverno	Partida do Epiro; navegação com escalas ao longo da costa da Sicília.
4.º ano	13 de fevereiro	Morte de Anquises em Drépano.
	Primavera, verão e outono	Estadia em Drépano.
	Novembro ou começo de dezembro	Chegada de Enéias a Cartago.
	12 de fevereiro	Chegada em Drépano, tendo deixado Cartago.
	21 de fevereiro	Jogos fúnebres aniversários em honra de Anquises.
5.º ano	Fim do inverno e começo da primavera	Diversas fundações na Sicília.
	Primavera	Enéias abandona a Sicília.
	12 de agôsto	Enéias desembarca no Lácio e oferece, às margens do Tibre, um sacrifício a Hércules.

II

INCINERAÇÃO DOS CADÁVERES

Objeto de sérias controvérsias tem sido a incineração dos mortos. Pelo fim do neolítico, e sobretudo na Idade do Bronze, aparece freqüentemente o costume de incinerar os defuntos; são inúmeros os achados que disso dão prova. A incineração tem sido diversamente explicada; em geral, os sábios aceitam a teoria de que a cremação dos cadáveres é um meio de conseguir a destruição mais rápida dos tecidos, a fim de apressar a dissociação dos elementos do corpo e liberar a alma do morto. Em quase todos os casos de incineração, faziam-se, antes, cerimônias fúnebres. A Igreja Católica, segundo o que preceitua o cânone 1.203, parágrafo 1.º, do Código Canônico, proíbe a cremação dos cadáveres e estatui penas para a violação dêsse preceito, negando-lhes a sepultura eclesiástica, tudo conforme o cânone 1.239, parágrafo 5.º; o cânone 2.339, decreta, ainda, excomunhão "latae sententiae nemini reservata" aos transgressores do cânone 1.203.

O uso de cremar os corpos não era geral na Itália. Desenvolveu-se quando os Romanos, nas suas guerras longínquas, perceberam que as sepulturas não eram lugares invioláveis. Na família Cornélia, o ditador Sila foi o primeiro a ordenar que queimassem seu corpo; no túmulo dos Cipiões, que se vê na Via Ápia, encontraram-se féretros de pedra para os corpos inteiros, entre os quais o de Cornélio Cipião Barbado, que foi pôsto na Biblioteca Vaticana. Se remontarmos à mais alta antigüidade, veremos que as práticas funerárias dividem-se em duas grandes categorias: incineração e inumação. Costuma-se distinguir: 1) — o período neolítico, onde as duas práticas coexistem; 2) — período pré-homérico, onde sòmente a inumação é praticada; 3) — período homérico, onde a cremação era reservada aos ricos, porque se tornara custosa e cara; os pobres, simplesmente, eram metidos sob a terra; 4) — período arcaico, onde, segundo mostram as excavações do Fórum romano, a incineração era a única praticada; 5) — período histórico, onde coexistem os dois modos de sepultura. É êrro gravíssimo julgar que a incineração dos cadáveres implica em negação à sobrevivência da alma ou a seu destino após-túmulo nos Infernos, segundo a concepção dos antigos. Cremando ou não seus cadáveres, criam, sempre, os antigos, na existência da alma; a incineração, era, apenas, parte das cerimônias fúnebres. *A sepultura é a recompensa dos Mortos (Ilíada,* XVI, 675): êste verso de Homero bem resume as antigas crenças acêrca da sobrevivência da alma e do seu destino após separar-se do corpo. Para maiores esclarecimentos, veja-se Fustel de Coulanges, *La cité antique,* cap. I e II, *"Croyances sur l'âme e sur la mort"* e *"Le culte des morts."*

III

NOMENCLATURA VERGILIANA

Como Homero, Vergílio usa, com suma liberdade, de adjetivos formados de nomes próprios, para significar as funções particulares de um deus, de um herói, de um local ou de uma circunstância toponímica especial.

A diversidade dos nomes empregados por Vergílio não tem por fim, sòmente, evitar monótonas repetições, mas, principalmente, assinalar pequeninas diferenças, que, de outra maneira, passariam totalmente despercebidas. Assim, para darmos um exemplo, o Poeta distingue *Mars* de *Mavors,* Marte, o deus da guerra. *Mavors* é forma antiga e poética da belicosa divindade, usada por

Lucrécio no seu imortal poema didático *De natura rerum*, "A respeito das coisas da Natureza" (I, 33, 34):

> .....*Quoniam belli fera moenera Mavors*
> *Armipotens regit*.....

Mars, mais tarde, foi identificado com o *Arees* grego. Uma inscrição de Túsculo dá outra forma, Maurte, dativo de Maurs. Destarte, Vergílio, ao usar o têrmo Mars faz referência ao deus nacional da guerra, ao potente *Marspiter*, "Pai Marte"; usando *Mavors*, alude, em geral, ao deus da guerra. É óbvio que, para nós, tão tênues distinções não são bem percebidas. Não posso deixar de observar que notáveis romanistas acreditam que já na época áurea, em Roma, os poetas não distinguiam entre *Mavors* e *Mars*. Mas é curioso observar que Camões usa duas formas quando alude ao feroz e sanhudo deus da guerra:

> *Que eu canto o peyto illustre Lusitano,*
> *A quem Neptuno, & Marte obedecerão* (I, III, 5-6),
> *No que disse Mauorte valeroso...* (I, XLI, 3).

A epêntese camoneana nunca foi bem explicada.

Outro exemplo teríamos no vocábulo *Graii*. Quando o Poeta se refere a *Graii*, seria má tradução empregar o têrmo *Gregos*, já que *Graeci*, os habitantes da Grécia, é o nome que designa o povo em geral, os habitantes como tal, independentes de qualquer época ou circunstncia histórica ou cronológica. *Graii*, porém, os *Graios*, são os Gregos antigos, o povo heróico das lendas homéricas. Demais, *Graeci*, conforme o uso clássico, não serve de gentílico: é mero adjetivo.

Para melhor inteligência, dividi êste Apêndice em 3 pontos.

1) — *Nomes pátrios ou gentílicos.*

Os Troianos são designados na *Eneida* por vários nomes: *Teucri*, os Teucros, de Teucro, o mais antigo rei de Tróia, filho de Escamandro e da Ninfa Idéia; *Dardanii*, os Dárdanos, de Dárdano, fundador da Dardânia, no Helesponto; *Dardanides*, os Dardânidas, são os descendentes de Dárdano; *Troes*, os habitantes de *Troas*, Tróade, território da antiga cidade de Tróia, formando, mais tarde, parte da Mísia; *Trojani* ou *Troiani* são os Troianos, habitantes de Tróia; *Trojugenae*, os "Filhos de Tróia", é epíteto que aparece três vêzes na *Eneida* (III, 359; VIII, 177 e XII, 626).

Cecropidae, de Cécrope, primeiro rei de Atenas, designa os Atenienses.

Phryges são os Frígios, habitantes da região chamada Frígia, ao passo que *Phrygii* assinala, mais particularmente, os moradores da zona central ao leste da Mísia, e, por extensão, os Troianos. Significa, igualmente, *Asiático*. É um caso de polissemia.

Os Gregos têm o nome de *Achivi*, os Aquivos, derivado de Acaia, região ao norte do Peloponeso; designa, sempre, os antigos e lendários Gregos. *Argivi*, os Argivos, são os naturais de Argos, e, por extensão, os Gregos dos tempos míticos; Argos, capital da Argólida, passava por ser a mais antiga cidade da Grécia. *Danai* são os Dânaos, descendentes do rei egípcio Dânao, filho de Belo e fundador de Argos; *Grai*, os Gregos antigos, o povo das lendas homéricas; *Grajugenae* são os descendentes ou os filhos dos primitivos íncolas da Grécia; por extensão, representa os próprios Gregos. Êste substantivo ocorre apenas duas vêzes na *Eneida* (III, 550 e VIIII, 127).

Os Italianos são designados pelos vocábulos *Itali*, os Itálicos, e *Italides*, os Itálidos ou Itálidas, nascidos e criados na Itália. Tal adjetivo parece ter sido criado por analogia com *Ocenidas*, *Nereidas*, *Atlântidas*, etc.

Ausonii, os Áusones, é nome genérico para os povos úmbricos da Itália central e meridional; *Ausonidae*, os Ausônidas, são os habitantes da Ausônia, e nome poético para nomear os Itálicos; *Ausonides* são os descendentes dos Áusones. Cumpre observar que o têrmo Ausônia, tanto pode designar uma parte da Itália como tôda a península itálica.

Os Etruscos são chamados *Tyrrheni*, os Tirrenos, do mar Tirrênio ou Interior, que se estende entre a Itália e as ilhas de Córsega, Sardenha e Sicília; *Lydi* são os Lídios, que os Etruscos consideravam como seus ascendentes; *Maeonidae*, os Meônidas, de Meônia, antigo nome da Lídia, designa os Etruscos, e, por antonomásia, Homero. É mais usada a forma *Maeonides*. Saiba-se que quando se diz *Maeonius senex*, "o velho meônio", a referência é feita a Homero. *Tusci* refere-se aos Toscanos, habitantes da Toscana, região ao oeste da Itália; daí: Tuscos ou Etruscos, habitantes da Etrúria. Provém o nome de Túscia, região da Itália peninsular, entre os Apeninos e o mar Tirreno.

Os Latinos são designados ora como *Arcades*, os Árcades, ora como *Latini*, os Latinos.

Aethiopes designa os habitantes da Etiópia.

Britanni, adjetivo, qualifica os habitantes da Britânia, os Bretões, povo de origem celta. O poeta Filinto Elísio usou da forma *Britano*.

O adjetivo *Amyclaeus* é formado sôbre o nome de Ámiclas, cidade do Peloponeso, onde reinava Tíndaro, marido de Leda, mãe de Castor e Pólux. Daí: *Pollux amyclaeus*.

A êsses nomes gentílicos ou pátrios correspondem os adjetivos *Acaicus, Argolicus, Danaus, Dardanius, Troianus, Troicus, Iliacus, Phrygius*, etc.

2) — *Nomes patronímicos.*

À imitação de Homero, e, em geral, dos autores gregos, Vergílio emprega os patronímicos com o maior desembaraço. Tais nomes nem sempre se referem ao pai; às vêzes designam remoto ascendente.

Enéias é *Anchisiades*, o "filho de Anquises".

Príamo, descendente de Laomedonte, é *Laomedontiades*.

Ulisses, filho de Laertes, aparece como *Laertes*.

Aeacides são os descendentes de Éaco: Aquiles (filho de Peleu), Ájax (filho de Telamão), seu bisneto Neoptólemo ou Pirro (filho de Aquiles), o rei Perseu, da Macedônia, e o rei Pirro, do Epiro.

Aeolides designa os Eólidas: Ulisses, Clítio e Misena.

Agamemnonius indica ora Agamenão, ora Orestes, seu filho, ora Haleso, filho de Agamenão, conforme alguns autores; segundo outros, filho de um seu companheiro ou de um adivinho da sua comitiva (Cf. *Eneida*, VII, 723), ora qualquer pessoa ou còisa que ao herói se refira: *Res Agamemnonias victriciaque arma secutus* (*En.*, III, 54), "Seguiu o partido e as armas vitoriosas de Agamenão". Seria interessante se em Português tivéssemos tal adjetivo: "Seguiu o partido e as armas vitoriosas *agamenônias*"...

Pelides são Aquiles e Neoptólemo, descendentes de Peleu.

Tydides designa Diomedes.

Iasides são os Iásidas: Jápis ou Iápis e Palinuro.

Os *Atridae* são os Atridas, Agamenão e Menelau, pupilos de Atreu.

De Dauco originou-se *Daucius*.

Não raro a mesma pessoa é designada por vários nomes, cada um referindo-se a determinado acontecimento: *Dido*, que significa "A errante", alusão às suas viagens antes de se estabelecer em Cartago; *Elissa* ou *Elisa*, e, por fim, *Phoenissa*, por ser originária de Tiro, na Fenícia.

Ascânio, filho de Enéias, tem o nome de Iulo ou Julo, donde a *gens Julia*, que queria ter ascendência divina.

Pirro ou *Neoptólemo*, filho de Aquiles. Recebeu o nome de Neoptólemo por ter ido, muito jovem ainda, combater na guerra de Tróia. De *neos*, "nôvo" e *"pólemos"*, "referente à guerra", do verbo *polemeoo*.

Vejamos a formação de alguns adjetivos.

De Aquiles formou-se *Achilleus*. De Enéias, *Aeneadae*. *Aeneadae*, no sentido próprio, são os companheiros ou descendentes de Enéias; no figurado, designa os Romanos, conforme se deduz da seguinte passagem vergiliana (*En.*, VIII, 648): *Aeneadae in ferrum pro libertate ruebant*, "Os Romanos corriam às armas pela liberdade".

Aeneades significa o filho ou descendentes de Enéias.

De Leda, *Ledaeus; Pelopeus*, de Pélops; *Pergameus*, de Pérgamo; *Rhoeteus*, de Reto; *Romuleus*, de Rômulo...

3) — *Nomes de divindades e heróis.*

É admirável a variedade de nomes que empregam os poetas com relação aos deuses.

Vergílio adotou, quase integralmente, a teonomia e a onomástica de Homero. Algumas vêzes tais nomes são epítetos; outras vêzes são topônimos; não raro são patronímicos; muitas vêzes são sobrenomes devidos a algum fato notável (Templo, lugar de culto, preferência tópica, festas litúrgicas, cerimônias de culto...); êste último grupo apresenta, comumente, dificuldades de interpretação.

Baco é chamado *Lenaeus Pater*, "o pai do lagar", *Lyaeus*, "O quebra-cuidados", *Liber*, "Livre", porque o vinho desembaraça o espírito, e, por fim, *Bacchus*, nome derivado de uma voz grega que significa "gritar", alusão aos uivos e berros das Bacantes e dos bêbados. *Dioniso* é o deus de Nisa, *Dionysus*. Outros nomes de Baco: *Euio* ou *Evio*, "O que solta o grito Euoe"; *Niseu*, da cidade mítica de Nisa; *Nictélio*, "O noturno", já que as festas de Baco eram realizadas à noite; *Brômio*, "Aquêle que faz ruído", alusão aos embriagados turbulentos. O adjetivo *Baccheius* é usado por Vergílio no seguinte passo: *Baccheia dona*, "os dons de Baco", i. é, o vinho.

O deus dos Infernos ora é *Plutão* ora *Dis*.

Vulcano é Mulcíbero, *Mulciber*, "Que derrete metais".

Minerva recebe os nomes de *Pallas*, *Tritonia* e *Tritonis*.

Diana é *Phoebe*, *Luna*, *Trivia*, *Hecate* e *Latonia*.

Phoebus, nome grego, é o mesmo Apolo, o deus Sol.

Adjetivos toponímicos recordam os lugares onde o deus nasceu, viveu, ou onde há qualquer célebre templo a êle consagrado. Assim, Vênus é cognominada *Acidália*, visto costumar banhar-se com as Graças, na fonte *Acidalia* (*En.*, I, 720). *Citeréia* lembra a ilha de Citera (hoje Cerigo), onde havia famoso culto dedicado a Vênus, donde o epíteto *Venus Cytherea*. *Idalia* ou *Ericina* refere-se ao templo dedicado a Vênus de Idália, erguido no monte Érix ou Érice, no qual foi sepultado Érice, filho de Vênus. Segundo Suetônio (*Cláudio*, XXV) e Tácito (*Annales*, IV, 43), tal templo era célebre e rivalizava com o de Pafos. Ainda do templo da ilha de Pafos, veio a Vênus o epíteto de *Paphia*.

Mars ou *Mavors* deu o adjetivo *Mavortius: Mavortia moenia*.

Cibele é denominada a Berecintiana, de *Berecyntes* ou *Berecyntae*, antigo povo frígio. Do monte Ida, na Frígia, veio-lhe o cognome *Idaea*. Há, igualmente, o adjetivo *Cybeleius*.

Apolo é designado de várias maneiras. Por haver nascido em Delos, ilha do mar Egeu, mereceu o nome de *Delius*, Délio. O adjetivo *Delius*, na forma feminina, *Delia*, refere-se a Diana.

Do pequenino rio Anfriso, na Tessália, em cujas margens Apolo durante nove anos apascentou os rebanhos do bom rei Admeto, veio-lhe a denominação de *Anfrísio*. O nome *Timbreu* é derivado de Timbra, cidade da Tróade, onde Apolo possuía notável templo. *Phoebus* é a forma grega de Apolo. Observe-se que *Apollineus vates*, "o cantor apolíneo", é designação comum para Orfeu.

Mercúrio aparece na *Eneida* como *Cyllenius*, pois nascera no monte Cileno, hoje Zíria, na Arcádia.

Pã é denominado *Lycaeus, de Liceu*, "O monte dos lôbos", serra que lhe era consagrada, na Arcádia, bem como a Júpiter.

Juno é *Saturnia*, de Saturno, seu pai.

Hércules, neto de Alceu, é *Alcides*.

Júpiter, filho de Saturno, aparece como *Saturnius*.

Ulisses é *Ithacus*, da ilha de Ítaca, onde reinava.

Curiosa é a denominação de *Dionaea*, dada a Vênus. Conforme a teogonia homérica, era Diônea filha de Nereu e Dóris. Dos amôres de Diônea ou Dionéia, com Júpiter, nasceu Vênus; Diônea ou Diona, segundo a Mitologia, é a espôsa de Zeus, a rival de Juno. Seu nome é a forma feminina de *Dios* (*En.*, III, 19): *Mater Dionaea*.

Alguns rios deificados admitem forma peculiar. Assim, por exemplo, o rio Tibre é *Tiberinus*, "O deus do Tibre" (Cf. *En.*, VI, 873).

Aeolius, *Aetnaeus* e *Alpheus* são adjetivos largamente usados pelos poetas, cuja etimologia remonta, respectivamente, a Éolo, ao monte Etna e ao rio Alfeu.

Alfea é sobrenome de Diana, e *Alféia* de Aretusa.

Appenninicola, "Habitante dos Apeninos", epíteto da filha de Auno, é usado sòmente por Vergílio. Ovídio empregou a forma *Appenninigena*.

Circaeus é adjetivo formado do nome de Circe, a famosa feiticeira.

Cissaeis é Hécuba, filha de Cisseu, rei da Trácia.

Cocytius é derivado do nome do rio infernal Cocito, "O rio dos lamentos".

Cynthius é apelido de Apolo e *Cynthia*, de Diana. Deriva do monte Cinto, na ilha de Delos.

Por último, anote-se o adjetivo *Latiaris*, "Relativo ao Lácio", usado na expressão *Juppiter Latiaris*, "Júpiter protetor da confederação latina".

IV

ANOTAÇÕES À MÉTRICA VERGILIANA

Versificador maravilhoso, émulo de Ovídio e Horácio, Vergílio, na *Eneida*, como artista consumado, soube tirar da língua latina tôdas as possibilidades que lhe oferecia.

Não é nosso intento estudar aqui as múltiplas facetas do metro Vergiliano, capaz por si só de formar alentados volumes. Não tocaremos nas diversas figuras de retórica e tropos que artìsticamente o Poeta usa: elipse, aposiopese, zeugma, silepse, apexegese, pleonasmo, enálage, hipérbato, anástrofe, assíndeto, polissíndeto, tmese, parêntese, hipálage, metonímia, sinédoque, anáfora, antístrofe, antanáclase, paronomásia, antonomásia, antimetátese, epizeuxis, poliptoto, etc. — nem no recurso dos espondeus acumulados, dos hexâmetros dactílicos e das várias espécies de cesura — pentemímera ou semiquinária, trocaica, etc.

Ràpidamente anotaremos, apenas, o uso da *aliteração* — que Ênio e os primeiros poetas latinos prodigalizaram nos seus versos — e da *onomatopéia*.

I. *Aliteração*

Vulgarmente dá-se o nome de aliteração à repetição, voluntária ou involuntária, das mesmas lêtras ou sílabas numa frase.

A aliteração foi um dos primeiros recursos estilísticos de que se valeram os primitivos poetas para valorizarem suas produções.

O estudo científico da aliteração é relativamente recente. O nome, *alliteratio*, data do século XV, e foi inventado por Pontano.

Durante certo tempo assumiu sentido diverso daquele que hoje lhe atribuímos. Sòmente no século XIX se estabilizou completamente a doutrina, graças

aos trabalhos de Vendryes, de modo especial ao que estuda os efeitos da intensidade inicial em latim, obra essa publicada em 1902.

Para Vendryes a aliteração é um fato peculiar à língua latina em face da grega. Tanto isso é exato que o fenômeno da aliteração é raro em Andronico, autor que usou do latim para suas traduções de obras gregas. É freqüente, porém, nos textos latinos que mais pujantemente demonstram o carácter romano. Por tal razão, seu uso, na primeira fase literária latina, generalizou-se de modo assombroso.

Prova-se que a aliteração é um fenômeno peculiar à língua latina com o imenso número de provérbios e ditados que a antigüidade romana nos legou a onde ela aparece:

Ad rastros res rediit: "a coisa volta ao alvião."
Vicinia vitia virtutibus: "os vícios são vizinhos da virtude."
Par pro pari reddere: "pagar na mesma moeda."
Fucum facere: "enganar alguém."
Saxum sarire: "mondar um rochedo", i. é, "trabalhar em vão."
Lapides loqui: "fazer as pedras falarem."
Laterem lavare: "lavar um tijolo", i. é, perder tempo com vãs tentativas, etc., etc.

Pode ser a aliteração involuntária e fortuita, por descuido, como é o caso do versículo 8, do salmo 46: "*D*eus *s*edet *s*uper *s*edem *s*anctam *s*uam", que a nova e última versão do Saltério, em 1945, conservou: "*D*eus *s*edet *s*uper *s*olium *s*anctum *s*uum."

Igualmente involuntária é a aliteração que aparece no versículo 5, do capítulo 8, do Evangelho de São Lucas: "Exiit qui *s*eminat, *s*eminare *s*emen *s*uum", que São Marcos reproduz assim "Ecce exiit *s*eminans ad *s*eminandum" (4, 3), e São Mateus traz assim: "Ecce exiit qui *s*eminat, *s*eminare".

Exemplos de aliteração voluntária, levada ao extremo, encontramos em Ênio:

"*O Tite tute Tati tibi tanta turanne tulisti*" (Frag. 53).
"*At tuba terribili sonitu tarantara dixit*" (Frag. 372).
Citados por Macróbio (VI, 3, 5) conhecemos êstes dois excertos:
"*Pes pede premitur...*" e
"*Pressatur pede pes, mucro mucrone, viro vir.*"
Lucrécio, da mesma maneira, usou abundantemente da aliteração:
"...*Vivendo vitalia vincere saecla*" (*De natura rerum*, I, 203).
"*Fessae pecudes pingui per pabula* (Idem, I, 258).
"*Multa modis multis*" (Idem, I, 342).
"...*Ferat flammai fulgura rursum*" (Idem, I, 728).

Freqüentemente os brocardos, epifonemas, gnomas e apotegmas são construídos assim:

Fortuna favet fatuis (A sorte favorece os tolos).
Mors meta malorum (A morte é o fim dos males).
Vis vim vi repellet (A violência repele a violência com a violência).

Tampouco Ovídio desprezou o recurso da aliteração. Um exemplo:
"*Tange manu mensam quo tangunt more precantes*" (*Am.*, I, IV, 27).

• • •

Virgílio não levou a aliteração ao extremo.

Como verdadeiro artista, dela sòmente usou quando necessária para dar realce à frase ou aos sentimentos por ela expressos.

Vejamos alguns exemplos:

1) Qua data porta *ruunt*, et *terras* turbine perflant (*Eneida*, I, 83) (E se precipitam (os ventos) pela porta que lhes foi aberta, e varrem as terras com um turbilhão).

A acumulação dos dáctilos, rápidos e leves, descrevem plàsticamente o despenhar dos ventos desencadeados. O verso, além da aliteração, possui alto valor onomatopaico, que bem se percebe ao escandi-lo.

2) Insequitur clamorque virum stridorque rudentum (*En.*, I, 87) (Elevam-se, então, os clamores dos homens e o estridor dos cabos).

Tôdas as palavras trazem *rr*. A sucessão dessas consoantes alveolares constritivas sonoras dá idéia do desespêro dos homens e da confusão causada pela tempestade.

3) Tuque, o Tibri tuo genitor cum flumine sancto (*En.*, VIII, 72) (E tu, ó pai Tibre, com o teu rio sagrado).

Êste verso foi imitado de Ênio:

Teque, pater Tiberine, tuo cum flumine sancto (Macróbio, VI, I, 12).

4) Flos veterum virtusque virum, quos justus in hostem (*En.*, VIII, 500) (Ó flor e virtude de nossos antigos heróis, que um justo ressentimento impele contra o inimigo).

É um velhos arúspice que fala. Seu tom é nobre e cheio de majestade. As palavras, por fôrça da aliteração, são impressionantemente incisivas.

Diz Sérvio que o hemistíquio *Flos veterum virtus* foi imitado de Ênio por Vergílio.

5) ..... Manditque trahitque
Molle pecus mutumque metu, fremit ore cruento (*En.*, IX, 339, 340). (Devora e rasga o tímido rebanho mudo de terror e ruge com as fauces ensangüentadas).

Versos harmoniosos e expressivos, nobilitados pela aliteração que lhes dá fôrça e beleza.

6) Concurrunt, haeret pede pes densusque viro vir (*En.*, X, 361). (Precipitam-se (os exércitos troiano e latino), e um pé está ligado a outro pé, um guerreiro a outro guerreiro).

Este verso é imitado de Homero:

'Ασπὶς ἄρ'σπίδ' ἔρειδε, κόρυς κόρυν, ἀνέρα δ'ἀνήρ·

(*Ilíada*, XIII, 131).

7) Saucius at serpens sinuosa volumina versat (*En.*, XI, 753). (Mas a serpente ferida vira e revira seus anéis sinuosos).

Uma águia, voando do alto, cai sôbre uma serpente: assim compara Vergílio o combate entre Tarcão e Vênulo: aquêle carrega de roldão o contendor, já ferido; êste debate-se e retém a mão inimiga dirigida contra a sua garganta.

8) Ne quaeso, ne me lacrimis neve omine tanto (*En.*, XII, 72). (Evita, peço-te, de me acompanhar com lágrimas e com um tão funesto agouro).

É Turno que fala a Amada.

9) O mater; neque enim Turno mora libera mortis (*En.*, XII, 74). (Ó mãe, e Turno, aliás, não é livre de retardar sua morte).

É Turno ainda quem fala. Esta passagem deve ser assim interpretada: "Turno não tem liberdade para retardar seu destino."

Como bem observam os comentadores, êste hexâmetro exprime, apenas, o banal fatalismo peculiar às crenças romanas, e não há razão para ser considerado — como o faz Sérvio — como um dos 13 versos *insolúveis* de Vergílio.

II. *Onomatopéias*

É a onomatopéia um dos mais belos recursos de que se servem os poetas dignos dêsse nome para expressarem com viveza, plasticidade e harmonia as suas idéias.

De modo vulgar diz-se que a onomatopéia imita o som natural da coisa significada.

Em geral seu uso é restrito. Requer verdadeiro talento e poucos autores são capazes de formar belos efeitos onomatopaicos.

Célebre é o verso de Ovídio em que descreve a metamorfose dos camponeses lícios transformados em rãs, por Latona. Maldizendo a deusa turbaram êles a água do lago em que ia ela se desalterar. Irritada, transforma a mãe de Diana e Apolo os perversos colonos em rãs. E estas, mesmo sob a água, maldizem a deusa. O hexâmetro, escandido, imita com rara perfeição o coaxar dos batráquios:

Quamvis sint sub aqua, sub aqua maledicere temptant (*Met.*, VI, 376).
"E ainda que estejam sob a água, sob a água tentam maldizer".

Os versos onomatopaicos de Vergílio são numerosos. E todos harmoniosos:

1) *Apparent rari nantes in gurgite vasto* (*En.*, I, 118). (Aparecem poucos nadadores no imenso redemoinho).

Célebre e admirável hexâmetro, freqüentemente citado, em que os espondeus — graves e lentos — retraçam fielmente o esfôrço dos náufragos lutando contra a fúria das águas.

2) *Vultu, quo caelum tempestatesque serenat* (*En.*, I, 255). (Com o seu semblante que serena o céu e acalma as tempestades.)

Retrato de Júpiter, *Hominum sator atque deorum.*

A onomatopéia aí é notável: a majestade do verso se coaduna com perfeição à sagrada magnificência do objeto.

3) *Infandum, regina, jubes renovare dolorem* (*En.*, II, 3) (Mandas-me, ó rainha, renovar uma dor inexprimível).

É Enéias que fala a Dido. Assim começa a descrição do excídio de Tróia e de suas próprias aventuras.

O hexâmetro, cortado por 2 cesuras (a cesura menor depois de *infandum* e a maior depois de *jubes*), dá dignidade e solenidade ao verso. Percebe-se que são assuntos graves e importantíssimos que vão ser tratados, já que um tão solene exórdio os inicia.

Este hexâmetro é justamente célebre e assaz citado.

4) *Insonuere cavae gemitumque dedere cavernae* (*En.*, II, 53). (O seio do monstro foi abalodo e suas cavidades retumbaram e exalaram longo gemido).

Admirável verso em que Enéias narra como Laocoonte arremessa uma lança no bojo do cavalo de madeira ofertado pelos Gregos.

O som lúgubre dêste hexâmetro casa-se bem com o assunto que vem sendo narrado.

5) *Monstrum horrendum, informe, ingens, cui lumen ademptum* (*En.*, III, 658). (Um monstro horrendo, disforme, descomunal, ao qual foi arrancada a luz dos olhos).

Descrição do gigantesco ciclope Polifemo, cegado pelo sagaz Ulisses.

O verso é de admirável beleza e soa como um monstro gigantesco, horrendo, caminhando às apalpadelas, com um pinheiro a lhe servir de bordão, soltando urros atroadores.

6) *"Phoebe, graves Trojae semper miserate labores..."* (*En.*, VI, 56). (Ó Febo (Apolo), tu que sempre te apiedaste das duras desgraças de Tróia...)"

Prece de Enéias dirigida a Apolo.

Todos os escoliastas são acordes em considerar êste hexâmetro, de peregrina beleza, como exemplo típico e acabado da onomatopéia capaz de exprimir os sentimentos pelo som. Nêle aliam-se a gravidade, a unção e a confiança.

7) *Flatus et in lento luctantur marmore tonsae* (*En.*, VII, 28). (E sôbre o mármore imóvel da onda lutam em vão os remos).

Revela-se aqui o talento genial de Vergílio. É o artista consumado que nos faz *ouvir* o trabalho dos homens lutando em vão contra a calmaria. Os ventos tombaram. A frota dos troianos se detém. A idéia de lentidão é magistralmente expressa pelo *lento luctantur*, onde a aliteração dos *ll* e dos *tt* dá vivo colorido. A idéia de mar calmo é sugerida pelo dáctilo *marmore.*

8) *Quadrupedante putrem sonitu quatit ungula campum* (*En.*, VIII, 596). (O casco sonoro dos quadrúpedes abala a planície pulverulenta).

É êste, talvez, o mais famoso verso onomatopaico de Vergílio.

Escandindo-o *ouve-se* o tropel dos cavalos que galopam:

Quádrupedánte putrém / sonitú quatit úngula cámpum (Cesura semi-quinária).

Em Homero, do qual Vergílio o imitou, também o verso é onomatopaico (*Il.*, XII, 127): Ἵππων ὑ'ὠχυπόδων ἀυζὴ χτυπος οὔατα βάλλει.

Com menos habilidade e com menor arte poetou Ênio:

Summo sonitu quatit ungula terram.

e alhures:

It eques et plausu cava concutit ungula terram (Cf. Enio, em Macróbio, VI, I, 22).

Este livro
foi composto
e impresso na
GRÁFICA
URUPÊS

Rua Pires do Rio, 338
Fone 92-3807
São Paulo - Brasil
1965

EDIÇÃO N.º 246 IMPRESSÃO N.º 261

EDITÔRA *ITATIAIA* LIMITADA - BELO HORIZONTE - BRASIL